


FLÁVIA ZANUTTO



Discurso, resistência e identidade:
o rock brasileiro dos anos 1980

Araraquara - SP

- 2010 -

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, da FCL - UNESP, Campus de Araraquara - SP, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Valencise Gregolin

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

Z34d Zanutto, Flávia
Discurso, resistência e identidade: o rock brasileiro dos anos 1980 / Flávia Zanutto. -- Araraquara, 2010. 369 f. : il. color.

Orientador : Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Valencise Gregolin.

Tese (doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, 2010.

1. Análise do Discurso - Rock nacional - 1980. 2. Rock nacional - Discurso musical. 3. Rock nacional - Identidade - Análise do Discurso. 4. Rock nacional - Poder - Análise do Discurso. 5. Rock nacional - Identidade - Memória - Resistência - Análise do Discurso. 6. Análise do Discurso - Rock nacional. 7. Rock nacional - História - Memória. 8. História - Memória - Rock nacional - Análise do Discurso. I. Gregolin, Maria do Rosário Valencise, orient. II. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. III. Título.

CDD 21.ed.401.41

Flávia Zanutto

***Discurso, resistência e identidade:
o rock brasileiro dos anos 1980***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, da FCL - UNESP, Campus de Araraquara - SP, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria do Rosário Valencise Gregolin

***Comissão Julgadora
Tese para a obtenção do Grau de Doutora***

Presidenta e Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria do Rosário Valencise Gregolin

Examinador 1: Prof. Dr. Antonio Fernandes Junior

Examinador 2: Prof^ª. Dr^ª. Nádea Regina Gaspar

Examinador 3: Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes

Examinador 4: Prof^ª. Dr^ª. Renata Coelho Marchezan

Araraquara, 12 de abril de 2010.

*Poetas e loucos aos poucos
Cantores do porvir
E mágicos das frases
Endiabradas sem mel
Trago boas novas
Bobagens num papel*

Boas Novas - Cazuza

Ao Carlos e ao Otto,
que,
embalados ao som das memórias do rock,
tornaram-se meu ritmo,
minha escrita
e o brilho de tudo.



Eu agradeço

à Dr^a. Maria do Rosário Gregolin, orientadora, professora e amiga o incentivo, críticas e sugestões cuidadosas, sem as quais esse trabalho não se concretizaria;

aos professores do Programa de Pós-Graduação, Dra. Renata Marchezan, Dra. Rosane Berlinck e Dr. Antonio Suárez Abreu o compartilhar do saber e do fazer acadêmicos;

à Rita, à Diana e ao Domingos, secretários do Programa de Pós-Graduação em Letras, a atenção e disponibilidade;

ao Dr. Antonio Fernandes Junior e ao Dr. Cleudemar Alves Fernandes o olhar atento e as sugestões fundamentais para os rumos dessa pesquisa, na ocasião do Exame de Qualificação;

aos colegas de Pós-Graduação, Isadora, Joãozinho, Nildi, Maíra, e Claudiana, o companheirismo e os cafezinhos;

às famílias Valencise, Gregolin e Gaspar, que me acolheram e me cuidaram durante a estada em Araraquara:

*Maria, Ciro, Ísis, Laís e Marília (Valencise);
Rosário, Zé, Isadora, Diego, Dóris, Maíra e Max
(Gregolin);*

Nádea, Lucas, Gabriel e Vítor (Gaspar);

*aos colegas de boníssimos momentos em Araraquara
Ísis, Laís, Fernanda, Maíra N., Amanda, Claudiana,
Carlos Piovezani, Luzmara, Júnior, Renan, Bruno H.,
Israel, Diogo, Ju Tomé, Chris e Valéria;*

*aos colegas do Departamento de Letras da UEM
Renilson, Juliano, Ismara, Margarida, Evely,
Sonia, Maria Célia, Fátima e Cristiane
em especial ao Edson e Dulce, da área de Linguística,
que cuidaram do meu horário de modo que eu pudesse
finalizar a escrita da tese com tranquilidade;*

*aos colegas da Fafijan
Leny, Cleber, Rosi, Ítalo, Gertrudes, Maria José, Mírian,
Lúcia, João Bento, Terezinha, Braz, Sílvia, Viviane e
Alessandro;*

*aos colegas da Fecilcam
Beth, Alessandra, Adriana B., Soraia, Valéria, Leonor,
Carlinhos, Wilson, Mônica, Edcléia, Fábio S. e Jane – do
curso de Letras e Talita, Luciano, Fábio B. e Osmar –
companheiros de outros cursos, com quem dividimos as
aventuras da estrada;*

*ao Nilton Milanez
a tradução do resumo para as línguas francesa e
inglesa;*

*aos colegas do GEADA as frutíferas discussões.
Em especial ao Dr. Pedro Navarro, Dr^a. Roselene F.
Coito, Dr. Roberto Baronas, Dr^a. Nádea Gaspar e
Dr. Nilton Milanez, pela troca de ideias
e sugestões de encaminhamento das análises.
e Dr. Fábio Montanheiro, que prontamente me socorreu
com a entrega dos exemplares para a qualificação;*

*ao André Z. e ao Juliano
a super mão-de-obra que me auxiliou a
pesquisar toda a discografia do rock brasileiro dos
anos 1980 (letras e músicas);*

*aos colegas do grupo de pesquisa Interação e escrita,
da UEM;*

aos meus bons amigos

*Alessandra F., Alessandra G., Ana Paulinha, Diego,
Edson, Fábio B., Isadora, Juliano, Leilla, Lenisson,
Luciano, Maria Luisa, Marisa, Nádea, Neil, Nilton,
Renilson, Silviana e Talita, o companheirismo, o
carinho, o zelo, o estar junto sempre;
Allamanda, André C., André R., Ângela, Angelita, Bibo,
César, Denise, Eduardo, Eric, Fádua, Fátima, Giselle,
Gustavo, Helaine, Helen, Irma, Juliana, Lien, Luiz,
Margarida, Maria Cláudia, Maria José, Michele, Roni,
Rosane, Roselene, Sandra, Sthéphanie, Tatiana, Tônico,
Tulio e Vanessa, a torcidinha;*

*Neil, com quem partilhei leituras e discussões enquanto
me preparava para o ingresso no Doutorado; e depois,
com sua atenção aos meus rabiscos, sempre carinhosa
e pacientemente à disposição;*

*Fábio B., por me ajudar, minuciosamente,
com a impressão dos exemplares da tese;*

*Xambinha, Bertox, Conceição, Diego, Isadora,
Juliano, Leo, Lucas, Máira G., Pedro, Nádea, Neil,
Nilton, Rafael e Renilson, que me acompanharam
durante todo o sufoco natural do percurso para o
ingresso no Doutorado: elaboração do projeto, provas e
anseio na espera pelo resultado; Ana Paulinha, as
preciosas e precisas aulas de língua inglesa, para o
exame de proficiência;*

*Elohra, Rafael, Ana Júlia, Ana Livia, Mariana, Isabela,
Gabriela, Fernandinha, Milene, Glorinha, João Bento,
Thiago, Leandro e Kauan
a presença alegre desses pequeninos;*

*à minha família,
Ana Nice, André, tia Adelaide, Edésia,
Rosa, Vitória, Lucas,
o grande carinho;
em especial tia Tereza, Maria Helena e Tereza
o socorro com meus bambini;*

*Vô João e tio Joanin, que triste e saudosamente,
não puderam ficar mais tempo conosco;*

*Cacau e Otto, que trouxeram doçura a tudo na minha
vida;*

*Pedro, imensamente, por tudo:
carinho, companheirismo, cuidados, torcida, leitura
minuciosa, troca de idéias, paciência
e muito, muito apoio sempre;*

e

*à CAPES
a concessão da bolsa de estudos,
que financiou o início dessa pesquisa.*



ZANUTTO, Flávia. *Discurso, resistência e identidade: o rock brasileiro dos anos 1980*. Araraquara-SP, 2010, 369 p. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual Paulista - UNESP/CAR. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Gregolin.

RESUMO

O retorno das bandas dos anos 1980, propiciado por programas de televisão e por livros de curiosidades, traz à baila a retomada da memória, fazendo-nos interrogar qual o sentido dessa retomada para o entendimento do que somos hoje e para a construção de uma memória cultural. Nessa produção discursivo-musical, há uma tentativa de acelerar, no país, um processo de tribalização e uma identidade planetária. Se, de um lado, o pop apresenta-se como algo imperialista, por ser um tipo de música feito para qualquer público e imediatamente assimilável, de outro, o rock tem como público ouvinte um segmento bastante localizado. Nesse sentido, as canções do rock podem estabelecer diferenças, uma vez que produzem um determinado tipo de jovem ouvinte, cantor e reproduzidor desse gênero musical. Face ao exposto, ancorados em princípios teóricos e metodológicos desenvolvidos pela Análise do Discurso de origem francesa, sobretudo nas contribuições do filósofo francês Michel Foucault em sua analítica do poder, analisamos um corpus composto por canções produzidas nos anos 1980, buscando evidenciar o funcionamento discursivo de um tipo de dispositivo de produção de identidade do sujeito do rock, tanto dos sujeitos que compõem e/ou interpretam as canções quanto daqueles que são fãs desse gênero musical. Optamos pelo rock dos anos 1980, pois essa produção artístico-cultural é uma micro-esfera de resistência, na medida em que, em um período de transição ditadura/abertura/diretas-já, portou-se como uma voz que denunciava desigualdades sociais, violência, uso abusivo do poder, educação básica insuficiente, dentre outros aspectos. Por essa razão, esta pesquisa respaldou-se na relação entre identidade e memória para discutir o modo como são produzidas representações discursivas de aspectos sociais, políticos e culturais que incidem sobre o rosto da sociedade brasileira, em especial sobre o jovem, no contexto histórico acima mencionado.

Palavras-chave: Discurso; Identidade; Poder; Rock nacional; Memória; Resistência.

ZANUTTO, Flávia. *Discours, résistance et identité: le rock brésilien dans les années 80*. Araraquara-SP, 2010, 369 p. Thèse de Doctorat présentée au Programme de Post-Graduation en Lettres, à l'Universidade Estadual Paulista - UNESP/CAR. Directrice de thèse: Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Gregolin.

RÉSUMÉ

La rentrée des groupes musicales dans les années 80, apparus à la télévision et livres des curiosités, fait réapparaître la discussion sur la mémoire, en questionnant le sens de cette rentrée au coeur de la compréhension de ce que nous sommes aujourd'hui et la construction d'une mémoire culturelle. Dans ce genre de production musicale, il y a une tentative d'accélérer, au Brésil, un processus de tribalization et identité planétaire. Si, d'une part, le pop est représenté comme quelque chose impérialiste, vu que cela est produit pour tous types de publique, étant immédiatement incorpore, d'autre part, les écouteurs de rock ont un segment fortement situé. Donc, les chansons de rock peuvent établir des différences, due à la production d'un certain type de jeunes écouteurs, que chantent et reproduisent ce genre musical. D'après ces observations, basées sur des principes théoriques et méthodologiques développés au sein de L'Analyse du Discours d'orientation française, surtout à partir des contributions du philosophe français Michel Foucault, dans son analytique du pouvoir, nous analyserons un corpus composé de chansons produites dans les années 80, mettant en évidence le fonctionnement discursive d'un certain dispositif de la production d'identité du sujet du rock, soit les sujets qui composent ou interprètent les chansons, soit les fans de ce genre de chansons. Nous avons choisi le rock dans les années 80, parce que cette production artistique culturelle est une micro-sphère de résistance, si on considère que cette musique, dans la transition de la période dictature/ouverture/élections directe, est prise comme une voix proéminente des inégalités sociales, violence, l'abus de l'usage du pouvoir, éducation élémentaire insuffisante, parmi d'autres aspects. Ainsi, cette recherche se fonde sur des relations entre l'identité et la mémoire afin de discuter comment sont produits les représentations discursive des aspects sociaux, politiques et culturels, que dévoile la face de la société brésilienne, spécialement à propos de jeunes, dans le contexte historique décrit ultérieurement.

Mots-clef: Discours, Identité, Pouvoir, Rock brésilien, Mémoire, Résistance.

ZANUTTO, Flávia. *Discourse, resistance and identity: the Brazilian rock in the 80's*. Araraquara-SP, 2010, 369 p. Doctorate Thesis presented to the Post-Graduation Program in Letters, at the Universidade Estadual Paulista - UNESP/CAR. Advisor: Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Gregolin.

ABSTRACT

The return of the bands in the 80's, coming from tv shows and books of curiosities, brings back the memory to the stage, questioning the meaning of it to the understanding of what we are today and to the constructions of a cultural memory. In this musical production, there is an attempt to speed up, in Brazil, a process of tribalization and planetary identity. If, on one hand, the pop presents itself as something imperialist, once it is made to any kind of audience and immediately incorporated, on the other hand, rock has a listening audience segment very deeply situated. Thus, the rock songs can establish differences, due to the production of a determined kind of young listener, who sings and reproduces this musical gender. According to those prior observations, based on theoretical and methodological principles developed in the Discourse Analysis of French orientation, mainly on the contributions of the French philosopher Michel Foucault in his analytic of power, we analyze a corpus composed by songs produced in the 80's, highlighting the discursive functioning of a certain dispositive of the identity production of the rock subject, not only the subjects who compose and/or interpret the songs but also the ones who are music fans of this gender. We have chosen the rock in the 80's, for its artistic-cultural production is a micro-sphere of resistance, considering that music, in the transition period as dictatorship/opening/direct elections, is taken as a prominent voice of social inequalities, violence, abusive use of power, insufficient elementary education, among other aspects. Hence, this research is based on the relation between identity and memory in order to discuss how are produced discursive representations of social, political and cultural aspects which show the face of the Brazilian society, especially about the young people, in the historical context described above.

Key-words: Discourse, Identity, Power, Brazilian Rock, Memory, Resistance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I - ELEMENTOS DA TEORIA E DO MÉTODO DE ANÁLISE DO DISCURSO DO ROCK NACIONAL.....	30
1.1 A Análise do Discurso: um campo transdisciplinar de investigação da linguagem.....	32
1.2 O sujeito, o discurso e sentido: a questão da interpretação.....	34
1.3 A historicidade: interdiscurso, formações imaginárias, formações discursivas, ideologia.....	35
1.4 A Análise do Discurso e o tempo da desconstrução teórica.....	39
1.5 Enunciado, discurso, formação discursiva e arquivo.....	43
1.6 O sujeito e a identidade na pós-modernidade.....	50
CAPÍTULO II - AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS ENUNCIADOS-CANÇÕES DO ROCK NACIONAL DOS ANOS 1980.....	58
2.1 Para uma arqueologia das condições de produção do saber.....	64
2.2 Para uma genealogia das condições de produção.....	74
2.2.1. Discurso e poder: o controle sobre a formulação do dizer.....	86
2.2.2. Poder e corpo: a produção de sujeitos dóceis.....	90
CAPÍTULO III - A HISTÓRIA E A MEMÓRIA EM LETRAS, SONS E IMAGENS.....	94
3.1 História e memória: distinções e implicações.....	96
3.1.1 O tempo, a linguagem e o passado.....	105
3.1.2 História, memória e o discurso da mídia.....	116
3.1.3 História, historicidade e acontecimento: revoluções de Foucault.....	121
3.2 história e memória em perspectiva discursiva.....	132
CAPÍTULO IV - O SUJEITO DO ROCK: “HERÓIS DA RESISTÊNCIA?”.....	144
4.1 Práticas cotidianas de resistência: o herói ordinário.....	151
4.2 A malandragem como prática de resistência: o anti-herói entre a ordem e desordem	154
4.3 A identidade enunciativa do sujeito do rock: entre herói ordinário e anti-herói e entre a ordem e a desordem.....	163

CAPÍTULO V - AS REGULARIDADES DO DISCURSO: SOCIEDADE, POLÍTICA, COTIDIANO JOVEM, FAMÍLIA, RELIGIÃO.....	167
5.1 As canções do rock entre os anos de “chumbo” e a “abertura” política.....	171
5.2 O sujeito do rock: movimentos de sentido entre a ordem e a desordem.....	201
5.3 O discurso do rock entre retratos e fragmentos da <i>urbs</i>	237
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	250
REFERÊNCIAS.....	257
ANEXOS.....	270
Anexos I.....	271
Anexos II.....	369

INTRODUÇÃO

A proposta desta tese nasceu de uma relação muito afetuosa que, desde adolescente, mantemos com o rock nacional e da curiosidade que move todo o saber científico. A elaboração desta pesquisa, embora tenha trazido todas as ansiedades e incertezas próprias de um estudo desse nível, proporcionou-nos a volta a um passado tão cuidadosamente guardado nas lembranças dos amigos com o quais nos reuníamos para cantar as melodias e discutir as letras da Legião Urbana, da Plebe Rude, do Capital Inicial, entre outras; tais lembranças parecem querer manter vivos o encantamento e a vontade de mudar o mundo, sentimentos tão inocentes e ingênuos desse grupo de jovens cantores, que se qualificavam "heróis da resistência".

Como "O tempo não pára", canta Cazuza, o comportamento de roqueira foi perdendo fôlego para o de professora de língua materna, e, conseqüentemente, as letras e as melodias das bandas de rock ganharam outro sentido e outra função: fomentar discussões nas aulas de leitura e de produção textual. O espaço do cotidiano escolar, tão regrado e mantido sob a vigilância da disciplina dos corpos, atravessou constitutivamente o nosso modo de nos relacionarmos com o rock brasileiro. Agora, já não se tratava apenas de letras

embaladas por sons metálicos, mas de discursos assumidos por sujeitos em condições específicas de produção de linguagem. O desafio não era mais o de mudar o mundo, ao som de "Geração Coca-Cola", da Legião Urbana, mas o de analisar, com os alunos, os sentidos das letras e de propor estratégias que promovessem a escrita de textos escolares.

Somente com o nosso ingresso no curso de pós-graduação da UNESP e com o contato, pouco, mas muito frutífero, com as pesquisas realizadas no interior do GEADA - Grupo de estudos em análise do discurso de Araraquara, coordenado pela professora Maria do Rosário Gregolin, é que, ao encantamento pelo rock, somou-se a curiosidade acadêmica, por tentar compreender os sentidos daquelas letras, em um contexto histórico em que proliferam pesquisas, publicações, cursos e eventos nas ciências humanas, que discutem aspectos relativos à identidade e à memória coletivas.

Além de toda essa produção acadêmica, nos últimos anos assistimos ao retorno das bandas dos anos 1980, o qual foi propiciado por programas de televisão e por livros de curiosidade, como é o caso da coletânea *Almanaque anos 80*, da Editora Ediouro. A questão mais abrangente que o retorno da memória dessa década coloca é qual o sentido desta retomada para o entendimento do que somos hoje e para a construção de uma memória cultural para os jovens que, como os de antes, cantam as letras que parecem embalar, novamente, sonhos de mudanças e atitudes de resistência, se é que eles sonham com isso mesmo.

O problema que se coloca para nós, movidos por essa mescla de paixão juvenil e de curiosidade acadêmica, é que não se trata mais de analisar os efeitos de sentido do rock para a geração dos anos 1980 que o viu nascer. Uma vez que

estamos vinte anos afastados desse contexto e determinados pelas questões da nossa atualidade, somos levados a fazer um movimento de descrição e de interpretação dos enunciados do rock nacional em retrospectiva, isto é, com olhar de hoje, procurando compreender o passado, sem perder de vista que o passado que as canções retomam já é um passado deslocado e ressignificado.

A esse respeito, anuindo às palavras de Nora, da relação com um passado visível chegamos à ideia de

um passado que vivemos como rompimento; de uma história que era procurada na continuidade de uma memória a uma memória que se projeta na descontinuidade de uma história (NORA, 1993, p. 19).

Por conta disso, segue analisando o autor, não podemos, com base no retorno da memória desses anos, promovido pelas letras do rock brasileiro dessa época, falar em termos de origem, uma vez que isso evoca um trabalho incessante de encontrar, em um passado que se crê coeso, a explicação para o que somos, nossa identidade perdida, mas que, supostamente, poderia ser reconstruída pelo esforço de uma lembrança.

Justificativa

Dos anos finais do século passado para o início deste, intensificou-se a discussão acerca da identidade na pós-modernidade. Diversos autores, dentre os quais Hall (2004) e

Souza Santos (2000), vêm se empenhando em analisar o declínio das velhas identidades - aquelas cujo papel era assegurar certa estabilidade - e, a partir dessa constatação, em discutir a chamada "crise de identidade".

Hall apresenta uma análise sobre a passagem da identidade do sujeito do Iluminismo para o sujeito da pós-modernidade. Segundo a distinção que faz, no Iluminismo a identidade era fundamentada em uma concepção de pessoa humana como indivíduo totalmente centrado, unificado e dotado das capacidades de razão, consciência e de ação. Nesse período, o centro essencial do eu é a identidade de uma pessoa. Caminhando em outra direção, a identidade do sujeito sociológico pauta-se na ideia de que o núcleo interior do sujeito não é autônomo nem autossuficiente. Tal identidade constitui-se na relação que o indivíduo mantém com aqueles que lhe são importantes. Já na pós-modernidade, o sujeito, antes visto como possuidor de um núcleo unificado e estável, está se tornando fragmentado, passando a ser composto não de uma única, mas de várias identidades contraditórias ou não resolvidas.

Essa perda de um sentido estável leva Sousa Santos a considerar que as identidades são um processo de identificação plural, dominado pela obsessão da diferença e pela hierarquia das distinções. Identidades supostamente sólidas, como a da mulher e a do homem, por exemplo, "escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação" (SOUSA SANTOS, 2000, p. 135).

Considerando o exposto e tendo em vista que a nossa sociedade tem passado por inúmeras transformações que provocaram discussões no meio intelectual sobre a nossa

constituição identitária, vemos como oportuna a realização de uma pesquisa que se volte para a produção artístico-cultural brasileira realizada pós-governo militar, mais especificamente a produção musical do rock nacional dos anos 1980.

Objetivos e hipóteses

Tomando essa produção como objeto de investigação, analisamos a representação discursiva de aspectos sociais, políticos e culturais que incidem sobre o rosto da sociedade brasileira no contexto histórico acima mencionado. A proposta da pesquisa foi, portanto, verificar, com base em princípios teórico-metodológicos instituídos pela Análise de Discurso de origem francesa e no desenvolvimento desse campo transdisciplinar no Brasil, a relação entre enunciado, interdiscurso (memória discursiva) e dispositivos discursivos de produção da identidade nacional.

Assim, levantamos três hipóteses sobre essa produção discursiva:

1) herdeiros de uma geração de intelectuais e de artistas que protagonizou cenas de resistência nos anos 1960 e 1970, os discursos do rock nacional dos anos 1980 constituem-se, também, em microsferas de resistência, na medida em que, em um período de transição ditadura/abertura/diretas-já, se caracterizaram como uma voz que, com base nas reivindicações da geração dos chamados "anos de chumbo", denunciava desigualdades sociais,

violência, uso abusivo do poder, educação básica insuficiente, dentre outros aspectos;

2) as canções do rock, no contexto histórico e social de sua produção e execução em concertos públicos e em outras mídias, constituem-se em música política ou rock politizado;

3) os enunciados analisados constroem a identidade do sujeito das canções a partir de um lugar de fala determinado por aquilo que podemos caracterizar como um "entre-lugar", que fica entre o herói ordinário e o anti-herói, resultando disso uma identidade ambivalente, cuja constituição se dá no entremeio da ordem e da desordem.

A primeira hipótese pode receber objeções dos que analisam a geração dos anos 1980 como uma "geração perdida", que não fez resistência, mas apenas se beneficiou das lutas e das conquistas dos jovens dos anos que antecederam a essa época. No entanto, em análise do discurso, em especial segundo a proposta de Michel Foucault, não se trata aqui de encontrar as origens da resistência.

Em primeiro lugar, para fazer esse trabalho, deveríamos remontar a décadas e séculos na história, o que nos levaria a reconstituir uma espécie de escrita histórica cultural de longa duração em torno de acontecimentos de resistência.

Contudo, valendo-nos da explicação que Courtine (1981) faz do seu objeto - o discurso comunista endereçado aos cristãos -, argumentamos que o acontecimento discursivo sobre o qual nos debruçamos inscreve-se em um tempo curto, tempo que é, como qualifica Courtine, o da medida dos indivíduos, o da vida quotidiana; tempo de nossas ilusões e de nossas

tomadas rápidas de consciência; enfim, o tempo por excelência do cronista, do jornalista, mas também o tempo dos compositores e dos intérpretes, acrescentamos. Embora tenha esse caráter de presente imediato, Courtine assinala que, para o historiador, um acontecimento dessa natureza pode ser testemunha de movimentos muito profundos, podendo se ligar, livremente ou não, a toda uma cadeia de acontecimentos, de realidades subjacentes e impossíveis de serem separadas umas das outras.

Em segundo lugar, de um ponto de vista genealógico, a concepção de história em Foucault (2005a), pautada na filosofia de Nietzsche, não tem a tarefa de reencontrar aquilo que poderia ser as raízes ou as origens da resistência. A proposta de uma história genealógicamente dirigida é dissipar aquilo que liga os homens a uma identidade, ao fazer aparecerem todas as descontinuidades que os atravessam.

Desse modo, por conta dos atos de resistência herdados dos jovens que viveram os anos pesados da ditadura, consideramos que, na produção analisada, são construídas, pelas letras e pelos sons, atitudes de resistência, o que indica o funcionamento discursivo de um tipo de dispositivo de produção de identidade do sujeito do rock, tanto dos sujeitos que compõem e/ou interpretam as canções quanto daqueles que são fãs desse gênero musical.

Nesse sentido, os objetivos específicos que foram traçados para a realização desta pesquisa são:

a) analisar as letras de músicas selecionadas, concebendo-as como "acontecimentos discursivos" de resistência;

b) estabelecer a relação entre o acontecimento discursivo que caracteriza essa produção e os acontecimentos político-sociais do contexto de produção imediato em que tais peças musicais emergiram na sociedade brasileira;

c) com base no aporte teórico adotado, especificar a posição de sujeito, o princípio de diferenciação, o domínio associado e a materialidade discursiva;

d) compreender os efeitos da memória na fabricação discursiva da identidade;

e) analisar o funcionamento discursivo de itens lexicais e sintáticos para a produção de um efeito de resistência.

Do objeto de análise: traços de resistência e produção discursiva da identidade

Considerando que o objetivo de nosso trabalho foi analisar de que modo se constitui um discurso de resistência e uma produção de identidades no *corpus* selecionado, pontuamos, a seguir, alguns aspectos relacionados a esse objeto.

Em relação à produção musical dos anos 1980, de que modo pode se verificar essa resistência? O primeiro aspecto considerado refere-se às condições sociohistóricas que constituíram o solo epistemológico para o surgimento de um discurso de resistência em determinadas canções dos grupos de rock Plebe Rude, Camisa de Vênus, Legião Urbana, Ira!, Barão Vermelho, Capital Inicial, Ultraje a Rigor, Lobão, Cazuza,

Engenheiros do Hawaii e Os Paralamas do Sucesso, entre outros.

Essa produção musical surgiu em um Brasil ainda submetido ao regime militar e foi ganhando espaço na mídia e conquistando o público jovem, à medida que esse sistema político foi perdendo espaço com a chamada abertura política. As letras desses cantores e dessas bandas surgem em meio a uma sociedade que, por conta da ditadura, desacostumou-se com a liberdade de denunciar/questionar problemas sociais e políticos, embora sedenta por essas questões.

O megafestival *Rock in Rio*, ocorrido em janeiro de 1985, foi o primeiro grande festival ao ar livre do rock brasileiro dessa década. Esse evento coincidiu com a eleição de Tancredo Neves, primeiro presidente civil após 1964, e se constituiu em um espaço para manifestação do poder jovem silenciado desde os anos 60.

Renato Russo, um dos grandes representantes dessa geração, declarou, certa vez, em 1988 e depois em 1991, que

[...] eu acho que o rock ainda é um grande meio de expressão. Não tem nada maior do que ele. [...] o rock é, talvez, o único meio que a minha geração tem para se expressar. Queiram ou não, o rock é uma psicanálise. Você fala de sua vida, se coloca nas coisas (RUSSO, 2000, p. 219-20).

Essa produção discursivo-musical que surge e ganha força nesse contexto político-histórico procura, em algumas letras, incentivar seus adeptos a sair de seu pequeno mundo e a contestar/tentar mudar o que parece estar errado ao seu redor. Mesmo que não tenha poderes políticos, essa produção

aparece como trilha sonora que embalou vários movimentos sociais em busca de mudanças. Ainda de acordo com Renato Russo, a respeito da projeção das bandas de rock,

Éramos filhos de classe média, com casa, comida, papai e mamãe, e falando mal de tudo. Mas vingou porque o pessoal do Rio de Janeiro, quando foi reclamar das mensalidades das escolas, cantou músicas da Legião, do Ultraje, dos Titãs. Então, todos aqueles ataques feitos ao rock - de que era sem consciência, irresponsável - caíram por terra. A garotada cantava **Que país é este, Inútil**, do Ultraje, ou **Desordem**, dos Titãs (RUSSO, 2000, p. 222).

O que se pode observar nessa produção discursivo-musical é uma tentativa de acelerar no país um processo de tribalização e uma identidade planetária. Se, de um lado, o pop apresenta-se como algo imperialista, por ser um tipo de música feito para qualquer público e imediatamente assimilável, de outro, o rock tem como público-ouvinte um segmento bastante localizado. Nesse sentido, em relação à questão da produção discursiva da identidade, o rock pode marcar diferenças, uma vez que produz um determinado tipo de jovem ouvinte cantor e reproduz suas músicas. Em outras palavras, o fã do rock é constituído como um enunciatário diferente de outros adeptos das demais linguagens musicais, ou seja, o "nós" que se constitui nesse estilo musical (os cantores e os ouvintes) é diferente do "nós" que se constitui em outras manifestações musicais. Tal fato nos permitiu fazer uma reflexão sobre a identidade dessa geração seguidora dessa vertente musical.

Passos metodológicos

O caráter dessa pesquisa é histórico e teórico. Portanto, a execução da tarefa proposta foi fundamentada no referencial teórico adotado e com base nos seguintes passos metodológicos:

1) num primeiro momento, foram selecionadas músicas de diversas bandas do rock brasileiro dos anos 1980, bem como publicações recentes que realizam um mapeamento histórico desses anos. Nesse mapeamento, estão informados dados relativos à origem das bandas, aos momentos de maior sucesso, aos acontecimentos envolvendo os integrantes e ao encerramento das bandas, quando isso aconteceu. Para a organização desse arquivo mais abrangente, fizemos uma espécie de catalogação de imagens dos roqueiros em performances musicais mais significativas, como, por exemplo, apresentações em mega-shows, incluindo, também, as capas dos discos. Soma-se a esse arquivo um DVD com entrevista dos membros das bandas Capital Inicial, Legião Urbana e Plebe Rude;

2) em seguida, foram analisados os enunciados dessas músicas, verificando as temáticas apresentadas;

3) na sequência, verificamos, nesses discursos, como essas temáticas "se enredam" umas com as outras, de que modo são enunciadas denúncias sociais e como essas denúncias configuram micro-esferas de resistência às macroesferas de poder.

Em relação à seleção e à organização desse arquivo mais abrangente, esse trabalho foi necessário, em um primeiro

momento da pesquisa, para termos uma visão um pouco maior dessa memória coletiva que está sendo retomada nos últimos anos. No entanto, dada a necessidade de realizarmos um recorte, somente alguns enunciados desse arquivo foram analisados e compõem a escrita final desta tese. Os demais estão à disposição do leitor nos Anexos.

Ainda sobre o manuseio do material áudio-visual selecionado para a análise definitiva, justificamos que a recorrência a músicas de uma mesma banda não indica predileção maior por este ou por aquele grupo, por tal ou qual ritmo. O critério adotado primou pelos fragmentos de um discurso de resistência e de produção de identidades que se manifestava com maior evidência. Não nos preocupamos, também, em exaurir cada letra, em uma tentativa de compreender todos os seus significados, empregando, para tanto, uma descrição linguística que pudesse dar conta de interpretar o funcionamento discursivo de cada palavra ou de cada sintaxe ali empregada. Guiamo-nos pelo recorte de sequências enunciativas que nos remetiam ao processo discursivo em foco. Conforme as especificidades da parte teórica da tese, ensaiamos uma articulação entre postulados, noções e enunciados do corpus. Tal procedimento foi realizado nos capítulos dois, três e quatro.

De posse dessa série enunciativa e ancorados nas formulações do filósofo Michel Foucault (2007), delineamos o seguinte movimento analítico:

a) isolamos a instância do acontecimento, buscando relacioná-lo não à atividade fundadora de um autor, de uma obra, da tradição ou espírito de época, mas a outros enunciados;

b) recortamos uma série enunciativa para verificar as relações entre os elementos dessas séries e o modo como elas significam, constroem, produzem sentidos sobre a identidade enunciativa nas canções analisadas.

Com essa abordagem teórico-metodológica, foi possível apreender as regularidades discursivas existentes nas relações que os enunciados do rock estabeleciam entre si, nas relações entre grupos de enunciados e nas relações entre enunciados, grupos de enunciados e a questão da memória e da identidade coletiva.

O fio condutor de nossas reflexões teóricas e analíticas perpassa cinco capítulos, assim constituídos: nos capítulos um e dois, situamos nossa pesquisa no campo teórico da Análise do Discurso francesa, apresentando os deslocamentos que, no curso do desenvolvimento dessa disciplina, possibilitaram que ela caminhasse de um althusserismo strictu sensu para as propostas de Michel Foucault. A figura central é Courtine, com a sua leitura de A arqueologia do saber, que contribuiu para que a Análise do Discurso revisse sua forma de constituição de corpora discursivos. A teoria das formações discursivas e o conceito de enunciado, desenvolvidos por Foucault, fizeram "ranger" a noção de condições de produção. No entanto, procuramos alargar um pouco mais essa noção, realizando uma discussão sobre as relações de poder. Em síntese, a proposta desses dois primeiros capítulos é mostrar que as canções analisadas são concebidas como enunciados produzidos em uma situação específica de condições de produção e sobre os quais pesam as determinações das regras de formação dos saberes e das relações de poder.

Tendo em vista que memória e identidade são as duas palavras-chave em torno das quais analisamos o discurso do rock nacional, realizamos uma discussão sobre esses dois fenômenos nos capítulos três e quatro. Assim, o terceiro capítulo focaliza a relação entre história e memória, de um ponto de vista histórico e discursivo, incluindo, para essa reflexão, o papel que a mídia exerce na retomada e na compreensão do tempo presente. O direcionamento dado ao capítulo caminha no sentido de sustentar a tese de que as canções são um documento-monumento histórico que propicia a análise da resistência e da identidade jovem como um acontecimento discursivo, que articula uma atualidade com um domínio de memória. A ideia de sujeito do rock como um "herói da resistência" ao poder instituído nos anos 1980 é desenvolvida no quarto capítulo, quando convocamos historiadores e sociólogos para advogar a favor da ideia de que esse sujeito enuncia de um "lugar" ambivalente, construído no entremeio da ordem e da desordem.

No quinto capítulo, realizamos a análise de um conjunto de enunciados, buscando verificar as regularidades do discurso do rock nacional, suas regras de formação, seu funcionamento discursivo e o modo como ele aciona a memória discursiva, conferindo um efeito de resistência e uma identidade enunciativa.

Na sequência, tecemos as considerações finais e apresentamos os autores que sustentaram o referencial teórico e as análises. Ao final, anexamos todo o material coletado que compôs o arquivo que foi objeto de descrição e de interpretação.

Convém, por último, especificar a organização desse arquivo: nos Anexos I, estão todas as canções das bandas de

rock pesquisadas. Elas aparecerem em ordem alfabética e obedecendo a cronologia de edição de cada álbum; e nos Anexos II, disponibilizamos um CD, com as canções analisadas para a escrita final da tese, na ordem em que elas são citadas, desde o segundo capítulo.

I - ELEMENTOS DA TEORIA E DO MÉTODO DE ANÁLISE DO DISCURSO DO ROCK NACIONAL

*Agora é você contra a multidão
Mas não se assuste se não for tão fácil
Você vai ter que demonstrar
Vai ter que provar a diferença
E por enquanto daqui de cima
Vocês parecem todos iguais
Quem tenta ser diferente
Apenas fica igual a todo mundo
Espelho no elevador (Capital Inicial)*

Tendo em vista que o discurso é um conjunto articulado de enunciados, o movimento de descrição/interpretação dos fatos de discurso deve caminhar no sentido de reconhecer a existência de regularidades a ele vinculadas, as quais podem se manifestar em diversos níveis, tais como: no uso de um determinado vocabulário, em certa articulação de posições de sujeito discursivo, em um conjunto relativamente restrito de interlocutores possíveis, ou em um conjunto relativamente restrito de contextos e de situações em que o discurso pode ser utilizado, na inscrição de dada memória social e histórica. Em outros termos, a análise deve considerar os elementos que definem tanto a formação quanto a formulação dos enunciados das canções selecionadas para compor o *corpus* desta pesquisa.

A unidade que permite que falemos de um campo de regularidades comum, no caso aqui considerado, é assegurada

pela relação entre o sujeito do discurso, a identidade social e os efeitos de resistência produzidos pelas canções. Há, portanto, um vínculo direto entre identidade, resistência e o discurso, uma vez que ser jovem pertencente a uma banda de rock nos anos 1980 é falar de determinadas coisas, de determinada maneira, tendo em vista um contexto e um interlocutor determinados. O conjunto desses enunciados efetivamente ditos por esses sujeitos é o que define o discurso do rock nacional analisado nesta tese.

Para a realização desse movimento analítico, o presente capítulo apresenta os elementos da teoria e do método de análise do discurso do nosso objeto teórico. Pontuamos alguns aspectos da teoria do discurso elaborada por Michel Pêcheux, com a finalidade de circunscrever o campo teórico no qual nos inscrevemos. Entretanto, em virtude do desenvolvimento da teoria do discurso no Brasil, sobretudo nos últimos anos em torno da figura de Michel Foucault, focalizamos, na sequência, o método arqueogenealógico sobre o qual apoiamos nossas análises. Para finalizar, damos enfoque, também, à questão da identidade, considerando-a como uma produção que se dá no discurso, por isso, as canções são concebidas aqui como uma prática discursiva identitária.

Como já mencionado, para a realização desta tese de doutorado buscamos subsídios teóricos e metodológicos em autores representativos da Análise de Discurso francesa e na vertente brasileira dessa corrente. Para tanto, é de fundamental importância acompanhar o percurso histórico de desenvolvimento da Análise de Discurso na França, em torno da figura de Michel Pêcheux, conforme exposto por Maldidier (2003), o diálogo que, nesse campo do saber, se travou entre seu fundador e o filósofo Michel Foucault, segundo o que analisa Gregolin (2004), o deslocamento de uma teoria do

discurso pautada em noções como luta de classes, ideologia, aparelhos ideológicos para uma teoria do discurso que considera a espessura histórica dos discursos, uma teoria que está orientada, portanto, para descrever o modo como historicamente se entrecruzam "regimes de práticas e séries de enunciados", como solicita Courtine (1999). Uma vez inseridos na teoria do discurso desenvolvida por Foucault (2000), na articulação que esse filósofo estabelece entre saber, poder (FOUCAULT, 1998), procuramos compreender os efeitos de sentido e as representações de identidade depreendidas das canções analisadas.

1.1 A Análise do Discurso: um campo transdisciplinar de investigação da linguagem

Como mostram Pêcheux e Fuchs, o campo epistemológico em que se tornou a Análise de Discurso francesa surge da articulação de três regiões do conhecimento científico, sendo elas:

1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
 2. a lingüística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
 3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.
- (PÊCHEUX e FUCHS, 1990, p. 163-64)

A essas três regiões, os autores acrescentam a teoria da subjetividade de natureza psicanalítica, conforme leitura de Freud feita por Lacan.

Assim, a Análise do Discurso, ao recorrer a essas regiões, afirma a não-transparência da linguagem, pois mostra que a relação linguagem/pensamento/mundo não é unívoca, não é uma relação direta que se faz termo-a-termo, pois não se passa diretamente de um a outro.

O foco de atenção da Análise do Discurso é o texto, concebido como materialidade significante na história. A finalidade dessa disciplina, portanto, é a de verificar de que modo ocorre a produção do discurso, como ele funciona no tecido histórico e social em que emerge e produz sentidos. Desse modo, a análise considera o discurso como um "processo", fato esse que, metodologicamente, impõe à pesquisa a explicitação do funcionamento discursivo e a compreensão do como se dá a inscrição do sujeito tanto na ordem da língua quanto na ordem da história.

Essa abordagem dos fatos de discurso difere-se de outras possibilidades de estudo da linguagem: a chamada linguística estrutural, por exemplo, não contempla a exterioridade, já a Análise do Discurso postula a não separação entre a linguagem e sua exterioridade, e o faz por meio do questionamento do que é deixado para fora no campo da Linguística, a saber: o sujeito e a situação (ORLANDI, 2001).

A Análise de Discurso redefine a concepção de sujeito em função da constituição de seu objeto. Enquanto, em outras ciências, ele é visto como empírico e determinado pelas suas intenções, na Análise do Discurso, o sujeito sofre um descentramento, perdendo o lugar de origem do que diz, pois é determinado pelo Outro que o constitui, pelas formações discursivas nas quais se inscreve para produzir seu discurso.

Por conceber a linguagem como não-transparente, prevendo, por conta disso, as possíveis falhas do sujeito e a

opacidade do texto, a Análise do Discurso trabalha com o político, o simbólico e o ideológico; focaliza o funcionamento da linguagem, que envolve a inscrição da língua na história e a inscrição do sujeito nessas duas ordens.

Disso decorre a concepção de que a linguagem é uma prática social, mediadora da relação dos homens com o mundo. Tal concepção elege o discurso como objeto específico, definindo-o, em sua materialidade simbólica, como "efeito de sentidos entre locutores". Tal visada possibilita compreender como a língua e o discurso constituem o sujeito, uma vez que se entende que o sujeito "ao dizer, se significa e significa o próprio mundo" (ORLANDI, 2001, p. 44). Trata-se do sujeito e da sua relação com os processos discursivos.

1.2 O sujeito, o discurso e sentido: a questão da interpretação

Para essa perspectiva teórica, não há sentidos sem interpretação, uma vez que, quando se interpreta, já se está preso a um sentido. A interpretação está presente tanto em quem fala quanto em quem analisa. Como pontua Orlandi (2001, p. 22), "o sujeito é interpretação", pois "fazendo significar ele significa", e o lugar para se observar esse gesto de interpretação do sujeito é o discurso, pois é nele que se inscrevem as múltiplas possibilidades de leituras.

Tendo em vista que, no momento da análise, o que interessa não é a interpretação em si, mas a compreensão do gesto de interpretação do sujeito, que se encontra filiado às redes de sentidos, impõe-se a necessidade de um trabalho de

desconstrução que desfaça essa ilusão de transparência. Esse trabalho pauta-se em um dispositivo teórico que provoca um deslocamento no leitor/analista, que é levado a compreender os sentidos, face a uma materialidade discursiva inserida e determinada pela história.

Em relação ao objetivo geral desta tese, que é o de analisar a representação discursiva de aspectos sociais, políticos e culturais que incidem sobre o rosto da sociedade brasileira no contexto histórico pós-ditadura militar dos anos 1980, as palavras de Gregolin sobre o que significa fazer sentido são bastante oportunas. Segundo a autora, fazer sentido nos textos é estabelecer a relação que

leva os sujeitos para o diálogo com outros textos, para as suas fronteiras e seus limites. O fazer sentido é efeito dos processos discursivos que envolvem os sujeitos com os textos e, ambos, com a História (GREGOLIN, 2001, p.9).

Para a compreensão do gesto de interpretação do sujeito (leitor, analista), a Análise do Discurso aborda os conceitos que estabelecem uma relação entre sujeito, língua e ideologia.

1.3 A historicidade: interdiscurso, formações imaginárias, formações discursivas, ideologia

O conceito de interdiscurso é fundamental para a compreensão do funcionamento do discurso, da sua relação com o sujeito e com a ideologia. É por meio do interdiscurso que

todo dizer se torna possível, uma vez que ele estabelece uma relação do discurso com uma multiplicidade de discursos que, apesar de ausentes, representam a alteridade (o Outro), a historicidade.

De acordo com Gregolin (2001), o conceito de interdiscurso aparece nos estudos de Pêcheux, quando esse autor discute a relação entre o discurso e o "já dito", a ideia de que os processos discursivos se constituem a partir de algo dito antes, em outro lugar, proveniente de enunciadores cuja identidade não se tem mais como precisar. Segundo ela,

o interdiscurso designa o espaço discursivo e ideológico no qual se desenvolvem as formações discursivas em função de relações de dominação, subordinação, contradição (GREGOLIN, 2001, p. 18).

O conceito de interdiscurso pode ser articulado ao conceito bakhtiniano de dialogismo, que engloba parte das vozes sem nome (enunciadores anônimos) que afetam o sujeito, deixando-o sem controle. Vozes essas que, constitutivas da linguagem e de todo discurso, caracterizam não só a natureza dialógica da linguagem, como também impedem a redução do conceito de dialogismo às relações entre sujeitos no processo discursivo.

No terceiro capítulo desta tese, retomamos a discussão sobre as noções de interdiscurso e de memória discursiva.

A continuidade dessa tarefa de compreender como os sujeitos (sentidos) se constituem no discurso pede também uma reflexão sobre a noção de formação imaginária, noção essa que

atravessa a complexidade do processo de significação e que é constitutiva do dizer e do sujeito, sendo, por isso, considerada outro mecanismo de funcionamento do discurso. Essa noção é elaborada por Pêcheux (1990a) com a finalidade de problematizar, à luz da visada materialista dos processos discursivos, o esquema da comunicação formulado por Jakobson, o qual se tornou um postulado teórico para a compreensão da troca de informações.

A Análise do Discurso levanta-se contra esse esquema unilateral da comunicação propondo que se olhe para emissor e receptor como lugares sociais ocupados por sujeitos, que ora podem assumir a posição de quem produz, ora a posição de quem recebe. Como discute Pêcheux, é preciso que se considere a mensagem não apenas como simples transmissão de pensamento, mas como discurso, ou seja, um "efeito de sentidos" entre interlocutores. Estes, por sua vez, devem ser concebidos como sujeito que, ao produzir um discurso, ocupam "lugares determinados na estrutura de uma formação social", lugares esses que "estão representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo" (PÊCHEUX, 1990a, p. 82).

As formações imaginárias determinam, conforme formula Pêcheux, as imagens que os interlocutores fazem de si, as imagens que um faz do outro e a imagem que fazem do referente do discurso. O referente do discurso, como atesta Pêcheux, não é idêntico à realidade física, posição que se contrapõe à ideia de reprodução do "real"; ele diz respeito ao objeto imaginário, ou seja, ao ponto de vista do sujeito produtor. As formações imaginárias constituem-se, portanto, em projeções que permitem passar das situações empíricas - os lugares dos sujeitos - para as posições de sujeitos no discurso, sendo que o que significa no discurso são essas posições e não os sujeitos físicos nem os seus lugares

empíricos na sociedade, mas sim suas imagens, que resultam de projeções, as quais constituem as diferentes posições na relação discursiva.

Ainda conforme a perspectiva materialista assumida por Pêcheux, a ideologia desempenha um importante papel na formulação dos sentidos e na constituição dos sujeitos. É na articulação da língua com a história que a ideologia interpela o indivíduo sujeito, produzindo a ilusão da evidência da identidade, porque não deixa ver que essa resulta de uma identificação-interpelação sujeito.

A esse respeito, Pêcheux, com base em Althusser, afirma que "a tese 'a Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos' designa [...] exatamente que 'o não-sujeito' é interpelado-constituído em sujeito pela Ideologia" (PÊCHEUX, 1995, p. 155). Portanto, a ideologia é, na visada marxista-althusseriana, a condição para que ocorra a constituição dos sujeitos e dos sentidos. A produção dos discursos requer que o indivíduo seja interpelado sujeito pela ideologia, logo, é ela, conforme esse pensamento, a responsável pela estruturação das formações discursivas, essas, por seu turno, representam no discurso as formações ideológicas que organizam os sentidos numa sociedade.

Com isso, chegamos à noção de formação discursiva, formulada por Foucault e redefinida por Pêcheux com o intuito de especificar os aspectos materiais do que denomina materialidade ideológica. A compreensão dessa noção remete a dois pontos. O primeiro consiste na inscrição do dizer do sujeito em uma formação discursiva e não em outra, posto que as palavras não têm sentido nelas mesmas, mas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem, as quais representam no discurso as formações ideológicas, o que

significa que os sentidos são determinados ideologicamente. O segundo ponto está na referência dos sentidos à formação discursiva, ou seja, as palavras significam diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes.

1.4 A Análise do Discurso e o tempo da desconstrução teórica

A análise que Maldieder (2003) realiza do desenvolvimento da Análise do Discurso em torno de Michel Pêcheux contempla três momentos importantes: 1) o tempo das *grandes construções* (1969-1975), cujo marco é a publicação de "Análise Automática do Discurso (AAD69)", texto fundador que será constantemente retomado e revisto. A teoria do discurso se alia ao dispositivo automático, baseado no método inspirado em Harris; 2) *tateamentos*, que compreende o período de 1976-1979, cujos marcos são: o Seminário HPP, ocorrido em 1977, a publicação da obra "Remontemos de Foucault a Spinoza", em 1978, e do texto "Il n'y a de cause de ce qui cloche", em 1979; 3) a *desconstrução dirigida*, que compreende o período de 1980, cujo marco é o Colóquio Materialidades Discursivas, a 1983, com o tempo do RCP ADELA.

O balanço da trajetória intelectual de Pêcheux, feito por Maldieder, ressalta a intrínseca ligação entre discurso, sujeito e história. No seu dispositivo teórico, o autor prioriza a língua como modo de produção social e histórica. No entanto, vale ressaltar que a história observada por Pêcheux na materialidade discursiva é a história da luta de classes em conflito no interior dos aparelhos ideológicos; história dos modos de produção/transformação das relações de classe, que é levada em conta a cada vez que o estudioso da

linguagem analisa a maneira como determinado discurso reproduz uma formação ideológica, na qual encontra a evidência de seu sentido.

Na crítica feita por Courtine (1999), esse construto teórico destaca mais o aspecto ideológico que o histórico, produzindo uma série de reduções daquilo que se pode entender por discurso, bem como o apagamento de toda a dimensão histórica inscrita nos processos discursivos. O autor atribui tais reduções ao vínculo que a pesquisa linguística e discursiva na França manteve com o marxismo nos anos 1960 e aos acontecimentos político-ideológicos ocorridos em maio de 68, dos quais a análise de discurso é contemporânea. Isso levou a teoria a se constituir, ao mesmo tempo, como uma intervenção científica e como uma intervenção política, as quais se refletem fortemente nas duas primeiras épocas do trabalho de Pêcheux, provocando uma redução do histórico ao político, do político ao ideológico, do ideológico ao discursivo.

Contudo, segundo Gregolin (2003), as decepções políticas, a fragmentação das esquerdas e a crise simultânea do marxismo e do estruturalismo ocorridas durante os anos 1980, levaram a Análise do Discurso à necessidade de mudanças e retificações, numa reordenação de seu projeto epistemológico. Assim, na terceira época da teoria, Pêcheux realiza uma desconstrução de bases longamente gestadas e procura abrandar a redução que faz da história ao ideológico. Para tanto, Pêcheux se afasta do althusserianismo estrito e dos conceitos a eles ligados (aparelhos ideológicos, sujeito interpelado pela ideologia, história como luta de classes) e "parte alguns espelhos" ao se aproximar de Bakhtin e de Foucault, incorporando alguns dos conceitos desses autores, dentre os quais podemos citar, a partir de Gregolin (2003):

a) a análise da heterogeneidade discursiva (relações do intradiscorso com o interdiscorso e heterogeneidades mostrada e constitutiva) e a ideia de alteridade;

b) o estudo das articulações entre o discurso e a memória discursiva;

c) a análise das relações entre o discursivo e o histórico, motivado pela inserção dos conceitos de acontecimento, dispersão e prática discursiva;

d) o uso do enunciado como unidade de análise - levando em consideração sua natureza material e histórica de acontecimento discursivo, sua inserção em uma rede de outros enunciados, a convocação de um espaço de memória;

e) sob esse fundo, emerge a questão central da leitura, fundada na descrição e na interpretação simultâneas.

De acordo com Gregolin (2004), na terceira época da Análise de Discurso, os trabalhos de Authier-Revuz sobre a heterogeneidade levam Pêcheux a uma aproximação com a obra de Bakhtin, permitindo a análise de formulações que colocam rupturas no fio do discurso e mostram o aparecimento de um discurso outro no próprio discurso. Já as pesquisas de Courtine, Guilhaumou e Maldidier propiciam a Pêcheux uma aproximação com a obra de Foucault, observada mediante a relação que o fundador da Análise do Discurso estabelece entre:

a) estrutura e acontecimento discursivo;

b) o estabelecimento do enunciado como unidade de análise; da localização de inter-relações entre a materialidade do discurso e a história;

c) o conceito de formação discursiva, que deixa de ser referida a um exterior ideológico para ser observada enquanto fronteiras que se deslocam e buscada na dispersão dos lugares enunciativos do sujeito;

d) a noção de campo associado, por meio da qual é desenvolvido o conceito de memória discursiva;

e) a mudança na concepção de documentário histórico a partir da valorização da leitura do arquivo;

f) a proposta de análise de materialidades discursivas implicadas em rituais ideológicos, discursos filosóficos, formas culturais e estéticas, através das relações com o cotidiano.

Acatando essa influência foucaultiana, novos trabalhos em Análise de Discurso vão se delineando nas duas últimas décadas, principalmente entre os estudiosos do discurso no Brasil. Tais análises tomam a linguagem e a história para descrever as articulações entre a materialidade discursiva, sua inserção em formações discursivas, sua circulação através de práticas e relações de saber, seu controle por princípios relacionados ao poder. É a essa posição teórica que nos filiamos e que nos remetemos na seção a seguir. Ao formulá-la, nosso objetivo é indicar alguns momentos nos estudos de Foucault em que ele pensou sobre as articulações entre o discurso e a história e, portanto, elaborou conceitos e indicou direções para uma teoria e análise do discurso.

Vale salientar que o caminho que percorremos na próxima seção é uma das muitas leituras possíveis de um pensador cuja fecundidade se presta a várias interpretações. Trata-se de uma abordagem parcial, que se apresenta como um trajeto possível de acesso ao universo foucaultiano. Buscamos, a

partir de sua obra *A arqueologia do saber* (2007), formar um conjunto possível que nos abre a possibilidade de compreender nosso objeto teórico. Ao acompanharmos esse percurso arqueológico, estaremos próximos das fontes de um diálogo entre Foucault e a Análise de Discurso Francesa desenvolvida por Pêcheux e colaboradores. Procuramos, portanto, enxergar Foucault no campo da Análise de Discurso: um lugar de polêmicas, enfrentamentos, diálogos e de desenvolvimento de uma concepção de discurso fortemente ancorada na história. A partir desse momento, na seção seguinte, situamos a presença de Michel Foucault em nossa tese, uma vez que é com base nesse autor que realizamos as análises das canções do rock brasileiro.

1.5 Enunciado, discurso, formação discursiva e arquivo

A Análise do Discurso exige que explicitemos as regras que ordenam os discursos; desse modo, é necessário mostrar quais saberes os compõem, explicitar sua força normativa, mostrar como os sujeitos são posicionados e, ainda, como esses posicionamentos podem resultar em identidade(s) e efeitos de resistência. Para essa análise, apoiamos-nos em noções elaboradas por Michel Foucault em sua fase arqueogenealógica.

A citação abaixo de Gregolin auxiliar-nos-á a discutir, em linhas bastante gerais e introdutórias para o momento, o alcance do método foucaultiano para as nossas análises:

No horizonte, a análise do discurso, para Foucault, poderia esboçar um tema mais geral: o modo de existência dos acontecimentos discursivos em uma cultura. Poder-se-ia estudar o conjunto das condições que regem, em um momento dado e em uma sociedade determinada, a aparição dos enunciados, sua conservação, os laços que são estabelecidos entre eles, a maneira pela qual os agrupamos em conjuntos estatutários, o papel que exercem, o jogo das sacralizações que os afetam, a maneira pela qual são investidos em práticas ou condutas, os princípios segundo os quais circulam, são recalcados, esquecidos, destruídos ou reativados. Em suma, tratar-se-ia do discurso no sistema de sua institucionalização em arquivos. (GREGOLIN, 2001, p. 16).

Enunciado, discurso, formação discursiva e arquivo são os conceitos centrais sobre os quais se assenta o método empregado por Foucault para analisar as condições de possibilidade de emergência dos saberes na sociedade ocidental. Gregolin (2004), ao simular uma entrevista fictícia que teria ocorrido entre ela e Foucault, apresenta um roteiro para o entendimento desses conceitos.

Segundo o que expõe a autora, o enunciado é a molécula menor de uma formação discursiva, sendo definido por Foucault como algo que não é da ordem da proposição, da frase ou dos atos de fala. O enunciado está no plano do discurso, portanto, é ele quem define se uma determinada realização linguística é uma proposição, uma frase ou um ato de fala. Soma-se a isso o fato de o enunciado ser uma "função enunciativa", isto é, "ser produzido por um sujeito, em um lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas que definem e possibilitam que ele seja enunciado" (GREGOLIN, 2004, p. 26). O enunciado é, portanto, uma condição de existência dos discursos e funciona em correlação com quatros

elementos: o referente, a posição sujeito, um campo associado e a materialidade que permite que ele seja repetível.

Dada a dispersão que constitui uma formação discursiva, Foucault prefere falar em referencial e não em referente. Ao estudar os discursos sobre a loucura, Foucault analisa que

Os enunciados que dizem respeito, por exemplo, à loucura, não têm todos, certamente, o mesmo nível formal [...] Não pertencem todos ao mesmo campo semântico [...] É, pois, o conjunto de regras que dão conta, não especificamente do próprio objeto em sua identidade, mas de sua não-coincidência consigo mesmo, de sua perpétua diferença, de seu afastamento e de sua dispersão (FOUCAULT, 2007, p. 132).

Assim, outra característica do enunciado é a dispersão. No entanto, a análise requer a sua individualização. Conforme Foucault, entre o enunciado e a formação discursiva há um movimento de correlação. As formações discursivas regem os enunciados, ao mesmo tempo em que são regidas por eles. Nesse sentido, a demarcação das formações discursivas, pelo analista, pode revelar o nível específico do enunciado. No entanto, a descrição dos enunciados e da maneira pela qual se organiza o nível enunciativo conduz à individualização das formações discursivas.

Ao delinear um conjunto de enunciados no que ele tem de singular e, conseqüentemente, em sua dispersão, Foucault procura detectar certa regularidade, ou seja, uma unidade em relação a enunciados que formam um determinado conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto; busca definir as condições permanentes e coerentes que aí se encontram em jogo. Enfim, examina a existência de uma regularidade

interna, que diz respeito a regras de formação que regem a maneira como um enunciado se apóia em outros, como se correlacionam, posicionam-se, substituem-se e as transformações que sofrem. Assim, pensando um conjunto de enunciados como formas de repartição e sistemas de dispersão que obedecem a certa regularidade, o autor formula a noção de formação discursiva:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e no caso em que, entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva) (FOUCAULT, 2007, p. 43).

O que Foucault denomina formação discursiva é, portanto, um conjunto de regras, de condições de existência permanentes e coerentes (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) a que está submetido um conjunto de enunciados. Enfim, um conjunto de normas que tornaram possíveis, de maneira simultânea ou sucessiva, a coexistência e coerência de enunciados dispersos e heterogêneos. A existência de uma formação discursiva indica que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer época. Partindo desse princípio, o que interessa a Foucault é determinar porque foi possível empregar entre enunciados dispersos um conjunto de relações no lugar de outro; saber o que torna possível uma escolha de enunciados e não outra; enfim, compreender quais foram as condições de existência desses enunciados.

Tais formações discursivas dizem respeito aos objetos, às modalidades de enunciação, aos conceitos e às escolhas temáticas que são encadeados num jogo complexo de relações entre enunciados. Vale salientar que esses elementos estão envoltos de aspectos sócio-históricos e culturais, isto é, relações entre instituições, processos econômicos, políticos, formas de comportamento, sistemas de normas e técnicas, tipos de classificação, modos de caracterização.

É essa noção de formação discursiva estabelecida por Foucault que o permite sair de uma concepção fechada de discurso - enquanto conjunto de signos que possui totalidade autônoma, fechada em si e suscetível de sozinha formar sentido - para pensá-lo como prática, isto é, materialização do processo enunciativo que exhibe a articulação da língua com a história, conforme esclarece Gregolin (2000). Observado desse ângulo, o discurso constitui-se por um grupo finito e limitado de enunciados que tenham sido efetivamente formulados e para os quais se pode definir um conjunto de condições de existência; coexistência de enunciados que, em sua dispersão, se apóiam em certa regularidade entre objetos, modalidades de enunciação, conceitos e escolhas temáticas, as quais estão em absoluta relação com certos aspectos sócio-históricos, isto é, práticas não-discursivas.

Para a realização de nossa pesquisa, não interrogamos as formações discursivas que estariam determinando os discursos; nossa tarefa foi a de realizar um movimento de descrição/interpretação dos enunciados, o que possibilitou indicar as formações discursivas nas quais os sujeitos se inscrevem para falar dos temas e do cotidiano jovem em suas canções. Nesse sentido, política, sociedade, família e religião, embora sejam campos distintos, projetam-se nas canções do rock como saberes que dão unidade a essa produção

discursiva. Não constituem, de igual modo, formações discursivas, mas são temas cujos sentidos são dados por formações discursivas que, nas canções, se entrelaçam, produzindo saberes sobre a identidade jovem e posicionando o sujeito enunciador como alguém que pode fazer resistência ao poder instituído. A partir desses saberes, podemos identificar as regras que regem os discursos, seu valor social e as relações que desencadeiam.

Foucault (2007) chama de saber ao conjunto de elementos formados de maneira regular por uma prática discursiva. Conforme especifica o filósofo, o saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva, ou seja, o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um *status* científico. Um saber é também o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso; é, ainda, o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam. Como um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso, pode ser caracterizado como o conjunto de seus pontos de articulação com outros discursos ou outras práticas não-discursivas.

A posição sujeito é uma função vazia e pode ser ocupada por diferentes sujeitos num mesmo enunciado. Analisando o discurso médico, Foucault (2007) mostra que as formações enunciativas que o compõem advêm do relacionamento de elementos distintos, a saber: (a) o estatuto do médico, pelo qual lhe é reconhecida a eficácia de seu discurso e seus poderes terapêuticos. O discurso médico não pode ser proferido por qualquer um, pois é indissociável da personagem do médico, a quem foi conferido poder e saber, em virtude de sua competência e seu reconhecimento pela sociedade; (b) o

lugar institucional e técnico de onde os discursos são proferidos. Os médicos obtêm seus discursos e encontram a origem dos mesmos no hospital, no laboratório, na biblioteca (que integra os livros, tratados de medicina, pesquisas publicadas) etc.; (c) a posição que assume como sujeito que observa, descreve, ensina, frente aos diversos domínios ou grupos de objetos, constituindo-se, dessa forma, em sujeito-que-questiona ou sujeito-que-observa.

O enunciado tem margens povoadas de outros enunciados, o que atesta o fato de que, no método de análise dos discursos empregado por Foucault, é preciso considerar os enunciados que completam o que é dito ou os enunciados para os quais aquilo que foi dito pelos homens aponta, ou seja, considerar, no caso que nos interessa nesta tese, as possíveis relações, sejam elas de concordância ou divergência, entre os enunciados que serão selecionados e as demais séries enunciativas que lhes completam o sentido.

Em vista desse "campo associado" em meio ao qual os enunciados produzidos pelos homens se intercambiam, é necessário considerar o papel da memória na produção de sentidos, uma vez que o campo associado do qual trata Foucault abarca as séries das outras formulações enunciativas no interior das quais o enunciado emerge como acontecimento discursivo, bem como o conjunto de formulações a que o enunciado se refere.

Esse conjunto de formulações encontra-se vinculado a um sistema de enunciabilidade que rege aquilo que os homens puderam e podem dizer sobre si mesmo. Trata-se daquilo que Foucault denomina arquivo, ou seja, a lei que rege aquilo que pode ser dito, o aparecimento, numa determinada época e para

uma determinada sociedade, dos enunciados como acontecimentos únicos.

No conjunto das formulações enunciativas reunidas sobre as canções do rock nacional, há traços de um arquivo que se constituiu sobre os temas acima referidos. Isso nos permite concluir que a identidade nacional constrói-se a partir da retomada desse arquivo, da retomada de uma memória marginalizada, silenciada pelos anos de chumbo e que se materializou nas letras dessas músicas.

1.6 O sujeito e a identidade na pós-modernidade

Em princípio, a identidade pode ser simplesmente definida como aquilo que se é, sem nenhuma referência externa, só a si própria, e a diferença, como aquilo que o outro é, sendo também autorreferenciada. Assim, ambas simplesmente existem. No entanto, segundo o que expõe Silva (2000), a identidade e a diferença estão numa relação de estreita dependência. A forma afirmativa como se expressa a identidade tende a esconder essa relação, e as afirmações sobre a diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a identidade.

No entender de Woodward (*apud* SILVA, 2000), a identidade construída por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos que a representa, de forma relacional, depende, para existir, de algo que ela não é, exterior a ela, mas que dá condições para que ela exista.

A identidade é, assim, marcada pela diferença, e essas marcas podem ser simbólicas, sociais etc. Enquanto que as

marcas simbólicas são eficazes na medida em que há uma associação entre a identidade de uma pessoa e as coisas que ela usa (significantes), as marcas sociais, apesar de dependerem, também, para a sua afirmação, das formas materiais, são marcadas por meio da língua, da cultura, da classe social etc. Embora essas identidades sejam diferentemente marcadas, elas, igualmente, se sustentam em causas e consequências materiais, dependendo, para isso, da exclusão do diferente, daquilo que ela, a identidade, não é.

As identidades são, também, históricas. Para se manter - ou mesmo para se reconstruir - buscam, nos antecedentes históricos, um passado que possa reafirmá-las, principalmente aquelas que estão supostamente perdidas ou "em crise", processo que pode estar produzindo uma nova identidade, segundo Woodward.

Sendo assim, a concepção de identidade, nessa perspectiva, difere da visão essencialista, que a compreende como unificada, fixando-a, para isso, no essencialismo biológico e natural, ou histórico e cultural. Aqui, a identidade, entendida a partir da perspectiva não-essencialista, enfatiza-se o seu caráter relacional, mostrando que a sua existência depende de algo fora dela, daquilo que ela não é, da diferença.

Além da relação de dependência entre a identidade e a diferença, elas ainda partilham, segundo Silva, a característica de serem o resultado de atos de criação linguística, ou seja, elas não são produzidas pela natureza e sim no mundo social e cultural, portanto, produzidas por meio de atos de linguagem.

Se a identidade e a diferença são resultados de um processo de produção simbólica e discursiva, portanto, uma

relação social, elas são definidas, discursiva e linguisticamente, nas relações de poder, ou seja, elas são disputadas, impostas, o que significa para Silva que:

A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder [...]. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. (SILVA, 2000, p. 81).

Desse modo, onde há diferenciação - ou seja, identidade e diferença - há poder, pois a diferenciação é condição para a produção da identidade e da diferença, as quais são produzidas por meio de operações de inclusão e exclusão, de demarcação de fronteiras, de distinção, de separação, em um processo que afirma e reafirma relações de poder.

A respeito do par identidade/diferença, Hall (2004) entende que esse processo não pode ser fixado na rigidez da oposição binária "nós/eles", uma vez que o significado não é fixo, ele é, conforme o conceito de *différence* de Derrida, sempre adiado. Para esse autor "o signo é caracterizado pelo diferimento ou adiamento (da presença) e pela diferença (relativamente a outros signos)" (DERRIDA *apud* SILVA, 2000, p. 80).

Assim, também para Silva, mesmo que esteja invisível a força do processo de homogeneização da identidade normal, no qual a identidade fixada está tão naturalizada que ela nem é vista como uma das identidades, mas como a identidade, observa-se que:

Tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto, tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade. (SILVA, 2000, p. 84).

Sendo assim, pode-se dizer que o processo de produção de identidade se caracteriza pela oscilação entre dois movimentos: de um lado, os processos que tendem a fixá-la, estabilizá-la, de outro, os processos que tendem a desestabilizá-la. Processo esse que, mesmo tendendo ou para a fixação ou para a desestabilização, sempre se dá, como já foi dito, em estreita ligação com sistemas de significação, uma vez que a identidade é um significado cultural e socialmente constituído. Essa mesma ideia, conforme Silva, expressa-se na teoria cultural recente, por meio do conceito de representação.

A identidade e a diferença estão, dessa forma, estreitamente ligadas e dependentes da representação, pois é através da representação que a identidade e a diferença adquirem sentido e se ligam a sistemas de poder.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. (WOODWARD, *apud* SILVA, 2000, p. 17).

Dessa forma, "quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade" (SILVA, 2000, p. 91) e ainda, conforme Woodward, são os sistemas simbólicos que

possibilitam ao sujeito ser o que é ou o que pode tornar-se, pois é por meio dos discursos e dos sistemas de representação que se constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. Então, questionar a identidade e a diferença significa questionar as suas formas de representação, principalmente aquelas formas dominantes de representação da identidade e da diferença.

Silva cita, ainda, o fato do conceito de representação não ser uma simples descrição. Mostra, por meio do conceito de performatividade, que a linguagem não se limita à descrição, ela também pode concretizar o fato descrito por meio de atos denominados performativos que, para se efetivarem, dependem da enunciação.

Ainda, num sentido mais amplo, chama a atenção para o fato de que as sentenças descritivas acabam se tornando performativas, o que era uma descrição, pela repetição, pode se tornar um fato. Para Butler, citada por Silva, a produção da identidade pode ser vista como uma questão de performatividade, ao se descrever a característica de uma pessoa, por exemplo, o que é dito é inserido em "uma rede mais ampla de atos lingüísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente estamos descrevendo" (BUTLER, *apud* SILVA, 2000, p.93).

Assim, a identidade e a diferença que, em princípio, parecem ser autorreferenciadas, são, na verdade, construídas num processo relacional em que a existência de uma é condição para a existência da outra, só que num processo em que, por meio dos discursos e dos sistemas de representação, a imposição de uma identidade significa a exclusão da outra, da diferença, em estreita vinculação com as relações de poder.

Na sociedade atual a fragmentação e o descentramento do sujeito aparecem cada vez mais com maior intensidade à medida que aumentam o número de estudos destinados a refletir sobre aquilo no qual os homens se tornaram ao longo do tempo. Tais estudos reforçam a necessidade de se recusar qualquer tipo de explicação fundada numa gênese, uma vez que, conforme pondera Nora (1993, p. 20), essa explicação requer o "deciframento do que somos à luz do que não somos mais".

Caminhando nessa direção, Hall (2004) analisa que as mudanças constantes e rápidas nas sociedades modernas deslocaram suas estruturas, provocando abalo nos quadros de referência que ancoravam os indivíduos num mundo social estável. As velhas identidades que estabilizavam o mundo social estão em declínio, a ideia de um sujeito integrado está sendo abalada, ou seja, as identidades pessoais estão mudando. Essa perda de um "sentido de si" estável é chamada de deslocamento ou descentração do sujeito.

Ainda segundo esse autor, há um duplo deslocamento, pois está ocorrendo o descentramento dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos, o que constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo. Compreendendo por "crise de identidade" a desestabilização daquilo que parecia estável, fixo, coerente.

O descentramento final do sujeito cartesiano é explicitado por Hall, por meio da análise que realiza de três concepções de identidade.

As identidades plenamente unificadas, completas, seguras e coerentes são uma fantasia, pois, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, os sujeitos são colocados em confronto com uma multiplicidade de

identidades possíveis, podendo com elas se identificar, ao menos temporariamente.

Essas mudanças estruturais provocaram, pois, o descentramento do sujeito cartesiano que, de centrado, individualista, torna-se descentralizado, fragmentado. Hall (2004) expõe com propriedade os cinco grandes acontecimentos que, do ponto de vista filosófico, linguístico e cultural, abalaram a ideia de sujeito centrado, preparando o solo epistemológico que caracteriza o descentramento do sujeito na pós-modernidade.

Segundo esse autor: a) os escritos de Marx, no século XIX, deslocaram as categorias filosóficas de sujeito como essência ideal; b) a teoria do inconsciente, de Freud, inaugura uma nova forma de concepção de sujeito, calcada na ideia de que a identidade não é resultante "da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior" (HALL, 2004, p. 39); c) as análises estruturais de Saussure mostraram que os significados das palavras não são fixos, uma vez que surgem nas relações de similaridade e de diferença que as palavras têm com outras palavras no interior do código de uma língua; d) o postulado do poder como algo disciplinador, desenvolvido por Foucault, aponta para individualização do sujeito, capturado por instituições que visam disciplinar, controlar e normalizar o corpo da população e e) o impacto dos movimentos feministas dos anos 1960, juntamente com os estudantis, de maio de 68, colocaram na agenda social reivindicações de várias minorias, reclamando uma identidade para cada movimento.

Naturalmente, esses avanços repercutiram em mudanças conceituais, através das quais o "sujeito" do iluminismo,

visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas do sujeito pós-moderno.

Em *As palavras e as coisas*, Foucault (2000) já pontuara esse descentramento, prescrito no anúncio que fez da "morte do homem", ao analisar as rupturas no saber ocidental. Nessa obra, ao fazer a história do nascimento e da morte do homem do período renascentista até o moderno, o autor mostra que o sujeito está fadado à finitude, pois "sabe-se que o homem é finito, como se conhecem a anatomia do cérebro, o mecanismo dos custos de produção ou o sistema da conjugação indo-européia" (FOUCAULT, 2000, p. 432).

Foucault considera que são as práticas discursivas que constituem o sujeito, e não ele que seria a origem ou centro dos discursos. Considerando-se que as práticas discursivas de subjetivação mudam conforme a época e a sociedade, o sujeito que é constituído nessas mesmas práticas moventes não possui sempre o mesmo rosto. Ele é objetivado de modos diferentes, e nesse movimento histórico descontínuo o sujeito vai perdendo certos indicadores que, aparentemente, lhe garantiam um sentimento de estabilidade, resultando, a nosso ver, naquilo que os autores chamam de "crise de identidade".

II - AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS ENUNCIADOS-CANÇÕES DO ROCK NACIONAL DOS ANOS 1980

*Não estatize meus sentimentos
Pra seu governo,
O meu estado é independente.*
Baader-Meinhoff Blues (Legião Urbana)

Neste capítulo, refletimos sobre aspectos sociais, históricos e culturais que constituem elementos de condição de produção do objeto de análise sobre o qual nos detemos. No quadro teórico da Análise do Discurso derivada de Michel Pêcheux, a noção de condições de produção é notadamente marcada por questões que tocam a intrínseca relação entre sujeito, discurso e ideologia. O exemplo de Pêcheux (1990a) ilustra bem esse vínculo. Ao problematizar o esquema da informação pautado na ideia de transmissão de mensagem entre os pontos A e B, Pêcheux define discurso como efeito de sentido entre tais pontos, lembrando que eles

designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos: assim, por exemplo, no interior da esfera da produção econômica, os lugares de "patrão" (diretor, chefe da empresa etc.), do funcionário de repartição, do contramestre, do operário, são marcados por propriedades diferenciais determináveis (PÊCHEUX, 1990a, p. 82).

Calcada que está nas teses althusserianas, o projeto de Análise do Discurso francesa considera a base econômica como elemento determinante do sujeito do discurso, que aí é visto como "forma-sujeito". O lugar que esse sujeito ocupa numa dada formação social não é determinado por feixes de traços objetivos, uma vez que se trata de uma representação que é feita desses lugares nos processos discursivos. Como analisa o autor, o lugar de patrão ou de funcionário

se encontra aí representado, isto é, presente, mas transformado; em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro (PÊCHEUX, 1990a, p. 82).

A consideração dos efeitos das formações imaginárias nos processos discursivos certamente indicaria um caminho possível a percorrer na análise da identidade e da resistência. No entanto, embora façamos referência à noção de condições de produção para circunscrever elementos de um contexto mais amplo de produção dos enunciados-canções, nossa proposta é realizar uma análise que se distancie de uma perspectiva ideológica para se aproximar de uma visada histórica, tal como podemos encontrar nos trabalhos de Michel Foucault. Assim, tomando como norte as reflexões desse filósofo, ao refletirmos sobre as condições de produção, interessa-nos compreender as condições de possibilidade de emergência de determinados enunciados na sociedade, buscando analisar as relações estabelecidas entre os enunciados e acontecimentos de ordem cultural, social e política.

Foucault, no trabalho de "escavação" dos saberes

ocidentais, distancia-se de uma perspectiva estritamente linguística, que visa responder a questões do tipo: a partir de que regras um enunciado é produzido e outros semelhantes a ele também? Segundo o que ensina esse autor, "a descrição de acontecimentos do discurso coloca uma outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?" (FOUCAULT, 2007, p. 39).

Tendo em vista essa perspectiva histórica, as canções aqui analisadas são tomadas como enunciados, na acepção dada por Foucault, o que nos leva a considerar os elementos da função enunciativa que se manifestam nas letras das canções, com o objetivo de verificar o funcionamento discursivo de tais elementos na produção de identidade e de um efeito de resistência nessa produção artístico-musical.

A concepção de enunciado formulada por Foucault, em sua *Arqueologia do Saber*, representa um ganho teórico e metodológico para a Análise do Discurso que, segundo Courtine (1981), não tem uma concepção especificamente discursiva de enunciado. Ao situar o enunciado numa perspectiva dessa natureza, Foucault se distancia de três grandes abordagens: a gramática, a lógica e a analítica. A descrição do enunciado como função põe em jogo a questão nodal, para a AD, da relação entre materialidade da língua e materialidade do discurso.

Para os propósitos deste trabalho, a análise das condições de produção, à luz de uma abordagem histórica, requer a consideração da relação saber/poder e da noção de arquivo, como sistema que rege a aparição de enunciados numa dada sociedade. Assim, voltando à problemática do enunciado, a análise das condições de produção das canções selecionadas do rock nacional dos anos 1980 pode ser realizada com base na

distinção feita por Courtine (1981) entre formação e formulação dos discursos, conforme exposto a seguir.

Esse autor redefine o conceito de condições de produção a partir das noções de formação discursiva e de enunciado, elaboradas por Foucault, por considerar haver certa tendência homogeneizante nas pesquisas em Análise do Discurso, que se fundamentam no conceito de "condições de produção", pesquisas essas que propiciaram a construção de discursos como objetos monolíticos. Assim, para se distanciar dessa tendência, Courtine pensa esse conceito apartado de qualquer conotação que faça referência apenas à situação de comunicação objetiva e ao entorno físico dos interlocutores. Para o autor, a recorrência a essa noção implica considerar as condições propriamente históricas de produção de um discurso. E é justamente a partir do conceito de formação discursiva que Courtine restitui o sentido genuinamente discursivo das condições de produção, procedimento esse que garantirá o caráter heterogêneo dos discursos. Tal interpretação encontra respaldo na definição de formação discursiva como sistema de dispersão, como concebe Foucault (2007), para quem as formações discursivas, antes de serem vistas como espaços homogêneos, manifestam uma contradição entre unidade e diversidade.

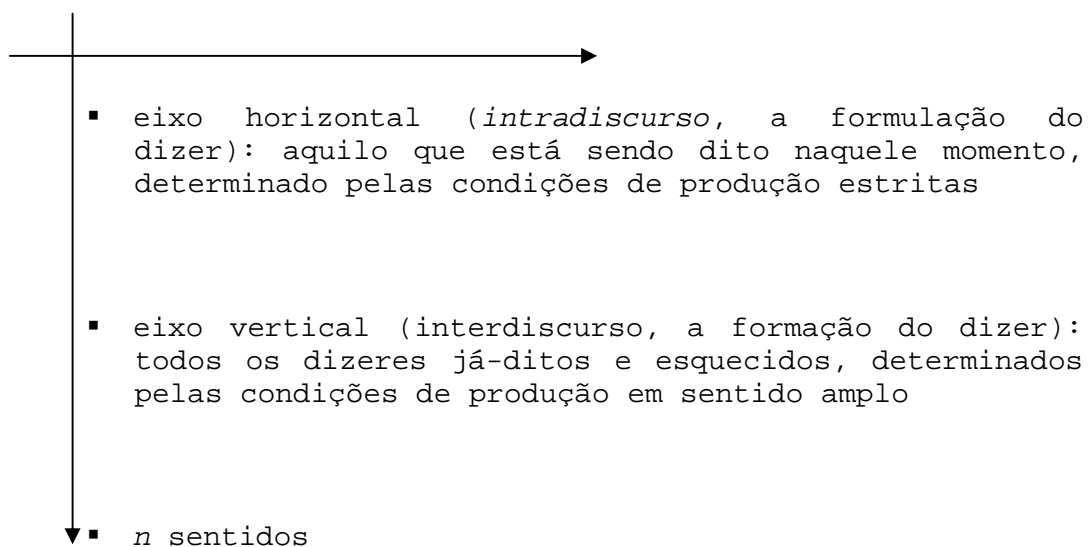
O conceito de enunciado, tal como exposto por Foucault, permite a Courtine realizar uma redefinição da noção de condições de produção do discurso, distinguindo, a partir do método arqueológico, dois níveis de produção discursiva: o nível da formação e o nível da formulação dos enunciados. A análise do primeiro nível (formação do enunciado), tendo em vista o objeto teórico de análise nesta tese, possibilitou-nos, na esteira de Foucault, encontrar respostas às seguintes perguntas: 1) por que se materializa, nas canções do rock

nacional, determinado discurso (enunciado) identitário e de resistência e não outro em seu lugar? 2) quais as condições de produção das formulações possíveis desse discurso?

Para a análise do nível da formulação de uma sequência discursiva tomada como referência, é preciso descrever a "situação de enunciação" em suas dimensões pessoal, espacial e temporal, levando em conta os seguintes elementos: o sujeito da enunciação (como "lugar"), o destinatário (a quem se dirige) e as coordenadas circunstanciais de tempo (agora) e espaço (aqui). É uma etapa da análise que faz referência tanto à conjuntura imediata (política, econômica, social) do período histórico em que tal sequência foi produzida quanto às circunstâncias propriamente enunciativas.

Em relação à análise do nível da formação dos enunciados, Courtine mostra que dado processo histórico de formação, reprodução e transformação dos enunciados está submetido ao interdiscurso no qual se constitui o saber de uma formação discursiva. O autor focaliza alguns temas do discurso religioso, com a finalidade de analisar a transformação da doutrina e a redefinição de suas posições, como um movimento histórico que possibilitou o diálogo com os comunistas. Nessa análise, verifica que a caracterização negativa ou satânica do comunismo pelo discurso religioso sofreu uma operação de atenuação, o que significa construir uma versão menos extremista, que culmina em uma doutrina participacionista para a solução do conflito capital trabalho.

O esquema a seguir permite visualizar a distinção entre os dois níveis das condições de produção dos enunciados:



Como vimos, para a redefinição da noção de condições de produção, Courtine busca, na *Arqueologia do Saber*, os conceitos de formação discursiva e de enunciado. Para o objetivo deste capítulo, que é refletir sobre os processos de formação dos enunciados, avançamos um pouco mais nessa direção, considerando aspectos da relação saber/poder, a partir da teoria do discurso e do método arqueogenealógico de Foucault.

O grande tema teórico-filosófico de Michel Foucault é o sujeito, visto como o resultado de uma fabricação que se dá no interior do espaço delimitado pelos três eixos da ontologia do presente: o ser-saber, o ser-poder e o ser-si, os quais constituem todo o empreendimento analítico desse autor, exposto nas suas "três épocas", segundo o que analisa Gregolin (2004). Desse modo, para a compreensão do projeto teórico-filosófico de Michel Foucault, procuramos amparo em alguns autores que contribuem para traçar um itinerário que abarca o discurso e método arqueogenealógico. Dentre esses autores, destacam-se os trabalhos de Gregolin (2004; 2008), autora responsável pela introdução de Michel Foucault na

Análise do Discurso brasileira, de Sargentini (2004) e de Araújo (2008).

A partir de diversos estudiosos das propostas foucaultianas, Gregolin (2004) divide a obra de Foucault em três momentos: o primeiro foi destinado à investigação dos saberes que embasam a cultura ocidental e à elaboração e à explicitação do método utilizado para analisar os discursos sobre a loucura e a medicina. É nesse momento que se localiza a obra *A Arqueologia do Saber*, a partir da qual assumimos a noção de enunciado como função enunciativa e passamos a verificar a relação entre enunciado, discurso, formação discursiva e arquivo; o segundo momento abarca as análises que realizou sobre a disciplinarização e vigilância dos sujeitos em instituições como as prisões, as escolas etc., resultando dessa análise a tese de que o poder se pulveriza na sociedade, nas micro-esferas da vida cotidiana, tese essa que fará frente à noção althusseriana de ideologia como poder centralizado em aparelhos de estados. O terceiro momento caracteriza-se pela investigação da subjetivação, a partir de "técnicas de si" e de "governamentalidade", ou seja, o governo de si e o governo do outro. Desses três momentos, interessam-nos os dois primeiros, haja vista nosso objeto teórico de análise.

2.1 Para uma arqueologia das condições de produção do saber

Os estudos de Foucault que tratam das condições de emergência dos saberes possuem uma cronologia específica, começando em 1961, com a publicação da tese *História da Loucura*, em que aparece, pela primeira vez, o termo

arqueologia ("arqueologia da alienação"), e finalizando com a obra *A arqueologia do saber* (1969). Nesse período, em 1966, o filósofo publica sua obra mais conhecida: *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das ciências humanas.

Ao se debruçar sobre a arqueologia da alienação, Foucault pôde refletir sobre o "grau zero na história da loucura", considerando as condições de possibilidade para um pensamento sobre a loucura, análise essa que direciona seu olhar para as experiências limites de uma dada cultura. Assim, analisar as condições de possibilidade de emergência de um discurso sobre a loucura implica, para o método de Foucault, um esforço para compreender os contornos de uma experiência originária sobre o louco e aquilo que define as condições de historicidade dessa experiência. O projeto de uma história da loucura, em Foucault, apresenta-se, portanto, como um estudo estrutural do conjunto histórico daquilo que constituiu a experiência da loucura na época clássica (séculos XVII-XVIII) - noções, instituições, conceitos científicos, práticas sociais etc.

O acento dado às condições de possibilidade para determinado pensamento é intensificado quando Foucault (2000) propõe-se a estudar a episteme ocidental, mais precisamente a arqueologia das ciências humanas. Nesse momento, o filósofo volta-se para a experiência nua da ordem e seus modos de ser. O riso provocado pelo texto de Borges produz em Foucault uma inquietação:

quando instauramos uma classificação refletida, quando dizemos que o gato e o cão se parecem menos que dois galgos, mesmos se ambos estão adestrados ou embalsamados, mesmo se os dois correm como loucos e mesmo se acabam de quebrar a bilha, qual é, pois, o solo a partir do qual

podemos estabelecê-lo com inteira certeza? Em que "tábua", segunda qual espaço de identidades, de similitudes, de analogias, adquirimos o hábito de distribuir tantas coisas diferentes e parecidas? (FOUCAULT, 2000, p. xv).

A noção de descontinuidade, tão cara ao projeto de uma história pautada nas séries enunciativas (FOUCAULT, 2007), figura como uma chave de entrada para a compreensão desse autor sobre as transformações, as rupturas, os deslocamentos entre a episteme clássica (até século XVI), a da representação (século XVII e XVIII), e a moderna - episteme da história - (século XIX em diante).

A episteme clássica é marcada pela ideia de similitude entre as palavras e as coisas, período em que o homem aparece diluído em empiricidades diversas, tais como: a vida, o trabalho, a linguagem. É uma idade em que o conhecimento encontra-se marcado pela representação das coisas em uma ciência geral da ordem, chamada de mathésis, que englobava o pensamento da gramática geral, da análise das riquezas, da história natural. Como analisa Foucault,

o mundo enrolava-se sobre si mesmo: a terra repetindo o céu, os rostos mirando-se nas estrelas e a erva envolvendo nas suas hastes os segredos que serviam ao homem [...] E a repetição - fosse ela festa ou saber - se dava como repetição: teatro da vida ou espelho do mundo (FOUCAULT, 2000, p. 23).

Comentando a era da semelhança, Araújo (2008) assinala que descobrir os sentidos e encontrar os signos são dois elementos que constituem o saber dessa época.

A ruptura ocorre entre os séculos XVIII e XIX, e o que se vê surgir é uma descontinuidade na ordem empírica do

saber. A episteme da representação entre as palavras as coisas se impõe como uma nova possibilidade de ordenação do conhecimento. Foucault recorre à literatura e às artes plásticas para ilustrar essa transformação no saber. O quadro *As meninas*, de Vélasquez, retrata a separação entre as palavras e as coisas. D. Quixote, personagem de Miguel de Cervantes, sintetiza a angústia do homem em descobrir que aquilo que as palavras dizem não possui similitude no mundo, uma vez que, segundo Foucault, elas não marcam mais as coisas. O novo solo epistemológico impõe ao conhecimento uma ordem e uma medida dadas por uma ciência geral, segundo a qual é somente pela medida e pela ordem que se pode comparar, enumerar, pôr em categorias os elementos de um dado saber, distinguindo, assim, as identidades e as diferenças entre eles. Essa nova ordenação do saber mostra um rompimento entre as palavras e as coisas, uma vez que a linguagem passa a traduzir o mundo e não mais fazer parte dele.

Uma nova descontinuidade no saber opera uma ruptura nessa forma de pensar o mundo em termos de ordenação. O pensamento ocidental volta-se a sua própria historicidade, marcando a episteme da modernidade, nossa era, segundo Foucault. O tempo que atravessa a vida, o trabalho e a linguagem faz aparecer um homem que vive, trabalha e fala; um homem que não cessou de procurar, em sua vida, em seu trabalho e na sua linguagem, a origem fundamental de seu ser, e que, por fim, descobriu-se não contemporâneo daquilo a partir do qual ele é. O pensamento moderno encontrou espaço quando passou a pensar a si próprio em termos históricos, quando, colocando o tempo como limite do pensável, fez nascer um ser finito: o homem, definido pela finitude das atividades que constituem sua história: viver, trabalhar e falar. Como analisa Gregolin (2004), Marx, Nietzsche e Freud são três grandes figuras dessa era que, seja no campo das relações

materiais do trabalho, no domínio de uma história genealógica ou em perspectiva da relação do homem com o seu outro – o inconsciente –, possibilitam o nascimento do homem como sujeito histórico.

O quadro abaixo sintetiza a descontinuidade na História de uma episteme a outra:

Uma arqueologia do sentido: entre as palavras e as coisas		
EPISTEME RENASCENÇA (até final Séc. XVI)	EPISTEME CLÁSSICA (séc. XVII-XVIII)	EPISTEME MODERNA (séc. XIX-XX)
similitude	representação	Interpretação
<p>Harmonia absoluta do mundo aquietado pela assinatura de Deus;</p> <p>Buscar o sentido é trazer à luz o que se assemelha;</p> <p>A pintura imita o espaço;</p> <p>Há entre as palavras e as coisas algo de espelho, reflexo da realidade;</p> <p>A linguagem se assemelha às coisas que nomeia;</p> <p>As palavras são as coisas.</p>	<p>Começa a romper-se o liame que une o sentido às palavras e às coisas;</p> <p>Busca-se decifrar o sentido que está nas coisas/palavras, mas que foi oculto;</p> <p>O estudo do discurso é o estudo da estrutura do discurso (gramática);</p> <p>As palavras representam as coisas;</p> <p>O quadro “As meninas” e “D. Quixote”</p>	<p>Ruptura total entre palavras e coisas;</p> <p>O sentido nunca está lá onde o buscamos, em labirintos escavados à deriva;</p> <p>Impossível classificar, pela palavra, as coisas, a não ser loucamente;</p> <p>O estudo do discurso não é mais centrado na gramática, mas na linguagem;</p> <p>As palavras são as palavras e as coisas são as coisas.</p>

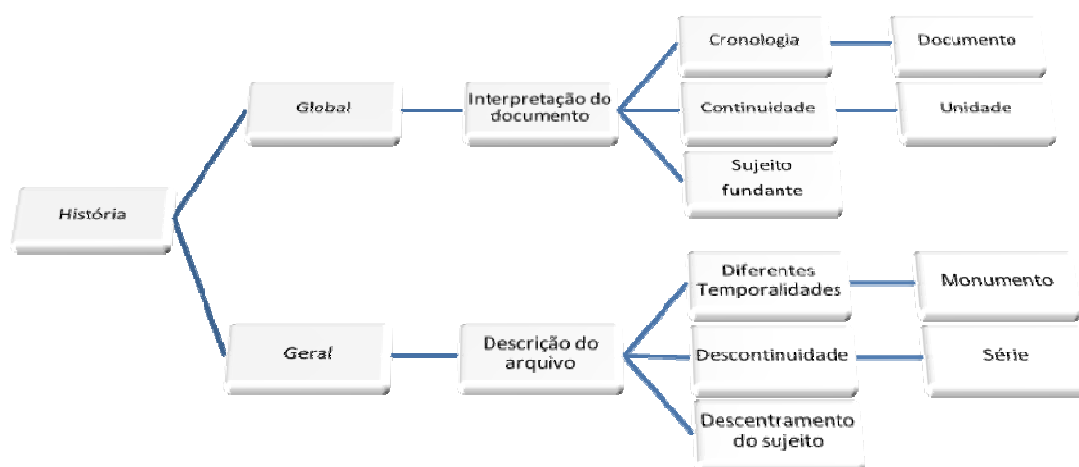
Os acontecimentos na arqueologia das ciências humanas devem ser vistos como acontecimentos-limite, pois anunciam os derradeiros momentos de algo prenunciando o surgimento de outra coisa. Acima de tudo, eles devem ser concebidos como acontecimentos discursivos. Trata-se de uma análise, portanto, que se distancia de uma história tradicional, que procura, com base em documentos, encontrar filiações teóricas

e fundamentos que garantiriam a relação com o autor. Antes, é uma análise do que possibilitou que tal autor escrevesse o que escreveu. É uma história do saber atravessada tanto pela descontinuidade quanto pela dispersão, como analisa Gregolin:

Foucault ressalva que apontar essas mudanças de epistemes não significa dizer que, de uma a outra, todo um mundo absolutamente novo de objetos, enunciações, conceitos, escolhas teóricas surge já armado e organizado em um texto que o situaria de uma vez por todas. O que se pretende enfatizar é o fato de que ocorreu uma transformação geral de relações que não altera, forçosamente, todos os elementos, pois há, sempre, multiplicidade e dispersão em uma episteme (GREGOLIN, 2004, p. 84).

Três anos após a publicação de *As palavras e as coisas*, é lançado o livro *A arqueologia do saber*, obra a partir da qual situamos a teoria do discurso e o método de análise que respaldam nosso gesto de interpretação acerca do objeto teórico identidade e resistência no rock nacional dos anos 1980.

Dessa obra, destacamos, conforme o quadro-síntese a seguir, os seguintes elementos para uma crítica ao conceito de condições de produção discursiva: 1) a concepção de história geral versus história global; 2) o conceito de descontinuidade e sua implicação para o método de análise; 3) a redefinição do documento histórico como monumento de um saber aberto a interpretações; 4) o descentramento do sujeito na História; 5) a análise dos saberes pautada nas séries enunciativas e 6) arquivo.



Foucault desenvolve de maneira incisiva o conceito de descontinuidade, como uma forma de se distanciar do projeto globalizante da história tradicional, para quem

o descontínuo era, ao mesmo tempo, o dado e o impensável; o que apresentava sob a natureza dos acontecimentos dispersos - decisões, acidentes, iniciativas, descobertas - e o que devia ser, pela análise, contornado, reduzido, apagado, para que aparecesse a continuidade dos acontecimentos (FOUCAULT, 2007, p. 9).

Bachelard e Canguilhem, autores nos quais Foucault busca respaldo para sua história geral, apontam para uma mutação nas disciplinas históricas, que fazem do descontínuo uma prática, mais que isso, uma nova forma de história, que começa a ser praticada em contrapartida à história tradicional e sua ampliação da periodização histórica que isola, na forma de longas durações, grandes continuidades.

Foucault levanta-se contra a tradição, cujo método

reúne fenômenos dispersos em um conjunto homogêneo de acontecimentos. Como mostra o filósofo,

o projeto de uma história global é o que procura reconstruir a forma de conjunto de uma civilização, o princípio - material ou espiritual - de uma sociedade, a significação comum a todos os fenômenos de um período (FOUCAULT, 2007, p. 10).

Assim, na perspectiva de uma arqueologia dos saberes, os fenômenos emergem com valor de acontecimento em pontos históricos particulares; não se originam em algum lugar que seria como o lugar próprio da sua verdade (um espírito de época, uma mentalidade coletiva ou uma consciência individual). O tempo, para a história pautada nas séries enunciativas, apresenta-se como uma sucessão de descontinuidades, de começos já-começados; não é o devir de um pensamento ou de uma razão que, desde a sua origem, se arrasta na evolução lenta e contínua do seu progresso.

A história tradicional gira em torno da ideia de sujeito que funda o saber, em torno do qual o grande texto linear da história é tecido. Já a história geral, na qual se fundamenta Foucault, estuda os saberes e não as ações de determinadas personalidades históricas. Ela parte da constatação de que o sujeito é objeto dos saberes (objetivação do sujeito) da medicina, da gramática, da economia, da biologia, da psiquiatria e se constitui como sujeito, por meio desses saberes (subjetivação do sujeito), uma vez que, nas práticas discursivas, o homem é chamado a cuidar de si, a se preocupar com o seu corpo, sua saúde, sua aparência. Poderíamos nos aventurar a dizer que a grande pergunta que Foucault sempre se fez foi: *como o homem se tornou objeto dos saberes ocidentais e quais os processos de*

subjetivação que esses saberes empregam na produção de identidades individuais e sociais?

Outro aspecto importante diz respeito ao documento, visto pela história global como matéria onde estaria impressa alguma verdade do passado. A missão do historiador é "reconstruir, a partir do que dizem estes documentos - às vezes com meias-palavras -, o passado de onde emanam e que se dilui, agora, bem distante deles" (FOUCAULT, 2007, p. 7). Mas o que Foucault propõe é que se monumentalizem os documentos históricos: sua história geral solicita um gesto do historiador que transforme os documentos em monumentos, restituindo, assim, seu caráter de acontecimento, o que leva o pesquisador a interpretá-los e a reorganizá-los novamente. Já não existe neles a verdade, mas possibilidades de interpretação; efeitos de verdade cuja evidência precisa ser destruída, sacudida, interrogada. Como ensina Foucault, "o documento, pois, não é mais para a história essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstruir o que os homens fizeram ou disseram" (FOUCAULT, 2007, p. 7).

Os documentos-monumentos que são construídos pela arqueologia do saber manifestam uma rede de relações entre enunciados, um conjunto de séries enunciativas formando o discurso da psiquiatria, por exemplo. Contudo, como ensina Foucault, a unidade discursiva não se centra no objeto que as séries discursivas constroem. Como condição para pertencer à determinada formação discursiva, os enunciados devem não apenas falar da loucura, mas observar as modalidades particulares, manejar conceitos convergentes e obedecer a estratégias enunciativas semelhantes. Nesse sentido, embora de forma contínua aconteçam enunciados sobre a loucura, as regras de formação dos discursos se modificam com o tempo, dadas a descontinuidade e a dispersão que lhes são

características.

Desse ponto de vista teórico-metodológico, o gesto de descrição-interpretação dos enunciados com valor de acontecimento deve:

determinar que forma de relação pode ser legitimamente descrita entre essas diferentes séries; que sistema vertical podem formar; qual é, de umas às outras, o jogo de correlações e das dominâncias; de que efeito podem ser as defasagens, as temporalidades diferentes, as diversas permanências; em que conjuntos distintos certos elementos podem figurar simultaneamente; em resumo, não somente que séries, mas que "séries de séries" - ou, em outros termos, que "quadros" - é possível constituir (FOUCAULT, 2007, p. 11).

Para esse estudo, que se pauta na constituição de um quadro enunciativo cujos enunciados relacionam-se entre si e com acontecimentos de ordem social, contraditoriamente, entre unidade e dispersão, o conceito de arquivo é operante. A definição de arquivo comporta duas dimensões, a primeira abarca o sistema de enunciabilidade do enunciado. Nesse caso, o arquivo define o sistema que rege o aparecimento do enunciado, as possibilidades e impossibilidades enunciativas; o arquivo é o responsável pelo fato de o enunciado tomar a forma de acontecimento singular. A segunda definição de arquivo passa a designar o sistema de funcionamento que possibilita a diferenciação de uma multiplicidade de existências discursivas. Sendo o domínio das coisas ditas, a tarefa do arqueólogo-arquivista dos discursos é a de analisar os enunciados com valor de acontecimento no arquivo.

Como analisa Sargentini, a análise de discursos pautada nesse método deve considerar o valor do arquivo não em sua

unificação, mas

na especificidade de cada texto, na representatividade de que este sinaliza no arquivo [...] O conceito de arquivo proposto por Foucault (1986), assim como o de descontinuidade, reelabora a forma de organização dos corpora nos estudos da história, que antes privilegiavam a forma linear e cronológica, o continuísmo, a hermenêutica do sentido (SARGENTINI, 2004, p. 88).

Considerando o exposto, o método arqueológico de Foucault pode ser definido como um campo de atuação cujo propósito geral visa à descrição do arquivo. A arqueologia não procura fundamentos absolutos, nem se interessa pelas interpretações, menos ainda busca a descrição de disciplinas. A análise arqueológica busca descrições e definições de começos relativos e de transformações, tal como podemos encontrar em *A história da loucura* e *As palavras e as coisas*; ela analisa os saberes, as formações discursivas e as positivities

2.2 Para uma genealogia das condições de produção

A aula inaugural de Michel Foucault no Collège de France, intitulada *A Ordem do Discurso*, é um marco na análise da questão do poder, sobretudo porque examina o modo como o poder, antes de estar localizado em algum ponto específico da sociedade, pulveriza-se na microfísica da vida cotidiana. Interessa-nos, especificamente, os efeitos de poder sobre a

produção discursiva na sociedade, mas não podemos deixar de considerar, também, os efeitos de poder sobre os corpos disciplinados e normalizados, tal como analisa o filósofo em sua obra *Vigiar e Punir*. Mas, antes de tratarmos desses dois exercícios do poder, acompanhemos, mais de perto, as reflexões de Foucault (1995a) e Deleuze (1990) sobre o funcionamento do poder e seus dispositivos.

O objetivo principal de Foucault é produzir uma história dos diferentes modos de objetivação e de subjetivação do homem na nossa cultura. Chama a atenção do autor o fato de que, com a história e a teoria econômica, os estudiosos dispõem de instrumentos adequados para estudar as relações de produção, o mesmo se verifica com a linguística e a semiótica, que têm instrumentos para o estudo das relações de sentido. Mas, para estudar as relações de poder, de qual instrumento definido dispomos?

Foucault argumenta a favor de uma teoria do poder, por considerar que o estudo das relações de poder é uma forma de observar o modo como o poder enraíza-se no conjunto da rede social, agindo sobre a vida cotidiana imediata. O poder classifica os indivíduos em categorias, designa-os pela sua individualidade própria, liga-os à sua identidade, impõe-lhes uma lei de verdade que é necessário reconhecer e que os outros devem reconhecer neles. Transforma os indivíduos em sujeitos (sujeito submetido a outro pelo controle e a dependência e sujeito ligado a sua própria identidade pela consciência ou pelo conhecimento de si). O ponto de partida para analisar as relações de poder são as resistências aos diferentes tipos de poder, resistências que permitem colocar em evidência as relações de poder. Dentre as diferentes e diversas formas de resistências, podemos listar a resistência que é feita ao poder dos homens sobre as mulheres, ao poder

dos pais sobre os filhos, ao poder dos professores sobre seus alunos, ao poder de determinados governos sobre os indivíduos e ao poder da mídia sobre as identidades.

O filósofo distingue três tipos de lutas: a) aquelas que se opõem às formas de dominação étnicas, sociais e religiosas, como se pode observar nas sociedades feudais; b) aquelas que denunciam as formas de exploração que separam o indivíduo daquilo que produz, observadas no século XIX; c) aquelas que combatem tudo o que liga o indivíduo a ele mesmo e asseguram assim a submissão aos outros, tais como: lutas contra a sujeição, contra as diversas formas de subjetividade e de submissão, como podemos observar na sociedade contemporânea.

Em uma das canções do nosso material de análise, materializa-se um discurso de resistência à submissão dos homens ao exercício da ditadura. É a posição que assume o sujeito de "Códigos", música composta pela banda Plebe Rude, para o álbum *Nunca fomos tão brasileiros*, de 1987:

Códigos

Plebe Rude

*Eu decido o seu futuro
eu e os meus fuzis
minhas normas determinam
seus direitos civis
Estou rindo de você
Estou rindo de você
o seu direito me obedecer
Artigo 93
Regra geral em mando de
autoridade competente
Artigo 96
Normas se distinguem em regras
congentes ou de ordem pública
Artigo 156
A sua classificação tendo em
vista a sua força obrigatória
O que você faz escondido
diverte, me faz rir
você pode me subestimar, mas
vou te punir
Estou rindo de você
Estou rindo de você
você não é ameaça para mim
Faça o que você bem entender
mas esteja a par do que vai
acontecer
depois acerto as contas com
você*

*Você acha que é livre pra agir
como quer?
Mas o seu futuro foi traçado
antes de nascer
Estou rindo de você
Estou rindo de você
Aqui está escrito como pode
ver
Artigo 93
Regra geral em mando de
autoridade competente
Artigo 96
Normas se distinguem em regras
congentes ou de ordem pública
Artigo 156
A sua classificação tendo em
vista a sua força obrigatória
Se eu largar a tua mão você
vai se perder
eu já estou até aqui de
corrigir você
Estou rindo de você
com pena de você
E rindo de você
O seu direito é me obedecer*

O enunciado resgata a memória histórica dos anos em que o país esteve sob o Regime Militar, descrevendo, em palavras, a forma como, pela lei e pela forma, as autoridades impunham a ideologia desse governo:

*Eu decido o seu futuro
eu e os meus fuzis
minhas normas determinam
seus direitos civis*

Ao finalizar seu balanço histórico sobre seu projeto de Análise do Discurso, Pêcheux (1990b) chama a atenção para o fato de que a condição heterogênea dos discursos coloca ao analista frente à seguinte questão: trata-se de discurso de outro, que é posto em cena pelo sujeito que enuncia, ou é o discurso do sujeito que se coloca em cena, como se fosse outro?

No enunciado em análise, o sujeito fala como se fosse a voz do Regime Militar dialogando com um "você". No plano textual, o outro do discurso ditatorial é, então, aqueles que, ao governo, estão submetidos. Simula-se, portanto, um diálogo, mas num tom autoritário e quase paternalista:

*Se eu largar a tua mão você vai se perder
eu já estou até aqui de corrigir você*

Ao mencionar os artigos 93, 96 e 156, o enunciador do Regime Militar lembra as leis que pesam sobre os sujeitos, sobre seus pensamentos e ações:

*Faça o que você bem entender
mas esteja a par do que vai acontecer
depois acerto as contas com você*

*Você acha que é livre para agir como quer?
Mas o seu futuro foi traçado antes de nascer*

Ao analisarmos a função enunciativa que aqui se exerce, vamos observar que, no enunciado, elementos discursivos do

dispositivo repressivo da ditadura são integrados (domínio associado); nele, o sujeito enuncia como se fosse um representante desse dispositivo (posição de sujeito), mas, ao se colocar em cena como se fosse outro, faz a crítica à ditadura, por meio de um jogo de linguagem que ironiza esse tipo de governo. A voz do Regime Militar é representada como o "eu", que se dirige a um "você", que é o lugar de onde fala o sujeito do rock.

Na análise dos romances de Dostoiévski, Bakhtin (1981) assevera que a polifonia, sendo o princípio composicional, indica a possibilidade de

unificação das matérias mais heterogêneas e mais incompatíveis" e a existência de "centros-consciências não reduzidos a um denominador ideológico (BAKHTIN, 1981, p. 12).

Já o texto monofônico é aquele que, embora possua várias personagens portadoras de posições ideológicas independentes, acaba expressando uma ideologia dominante. Assim, valendo-nos do entendimento do autor russo, podemos considerar que, embora simule diálogo, o enunciado é, na verdade, um monólogo, uma vez que não há interação, pois o ponto de vista do "você" (que podemos ler como o jovem que se rebela) não é aceito. Com essa estratégia, o sujeito do rock expõe as técnicas disciplinares de vigilância e de punição:

*O que você faz escondido diverte, me faz rir
você pode me subestimar, mas vou te punir
Estou rindo de você
Estou rindo de você*

As relações de poder, segundo Foucault (1995a), exercem-se através da produção e da troca de signos. A instituição escolar é um exemplo do exercício do poder: o seu arranjo espacial, o regulamento meticuloso que rege a sua vida interior, as diferentes atividades que nela são organizadas, os diversos personagens que nelas se encontram, cada um com uma função, um lugar, uma visão bem definida - tudo isso constitui um bloco de capacidade-comunicação-poder.

A atividade que assegura a aprendizagem e a aquisição de aptidões se desenvolve, através de um conjunto de comunicações reguladas (lições, questões e respostas, ordens, exortações, signos codificados de obediência, marcas diferenciais de valor de cada um e de níveis de saber) e por meio de uma série de procedimentos de poder (confinamento, vigilância, recompensa e punição, hierarquia piramidal).

As instituições, portanto, podem ser vistas como um observatório privilegiado para os estudos das relações e dos efeitos de poder. Nessa análise das relações de poder, conta o tipo de objetivos perseguidos por aqueles que agem sobre a ação dos outros: manutenção de privilégios, acumulação de lucros, pôr em ação a autoridade estatutária, exercício de uma função ou profissão e as modalidades instrumentais, isto é, o poder é exercido pela ameaça das armas, pelos efeitos da palavra, através das disparidades econômicas, por mecanismos mais ou menos complexos de controle ou por mecanismos de vigilância.

Com base na teoria do poder desenvolvida por Foucault, Deleuze (1990) define um dispositivo de poder como uma espécie de novelo composto por linhas de natureza diferente, que não abarcam nem delimitam sistemas homogêneos por sua própria conta (o objeto, o sujeito, a linguagem), mas seguem

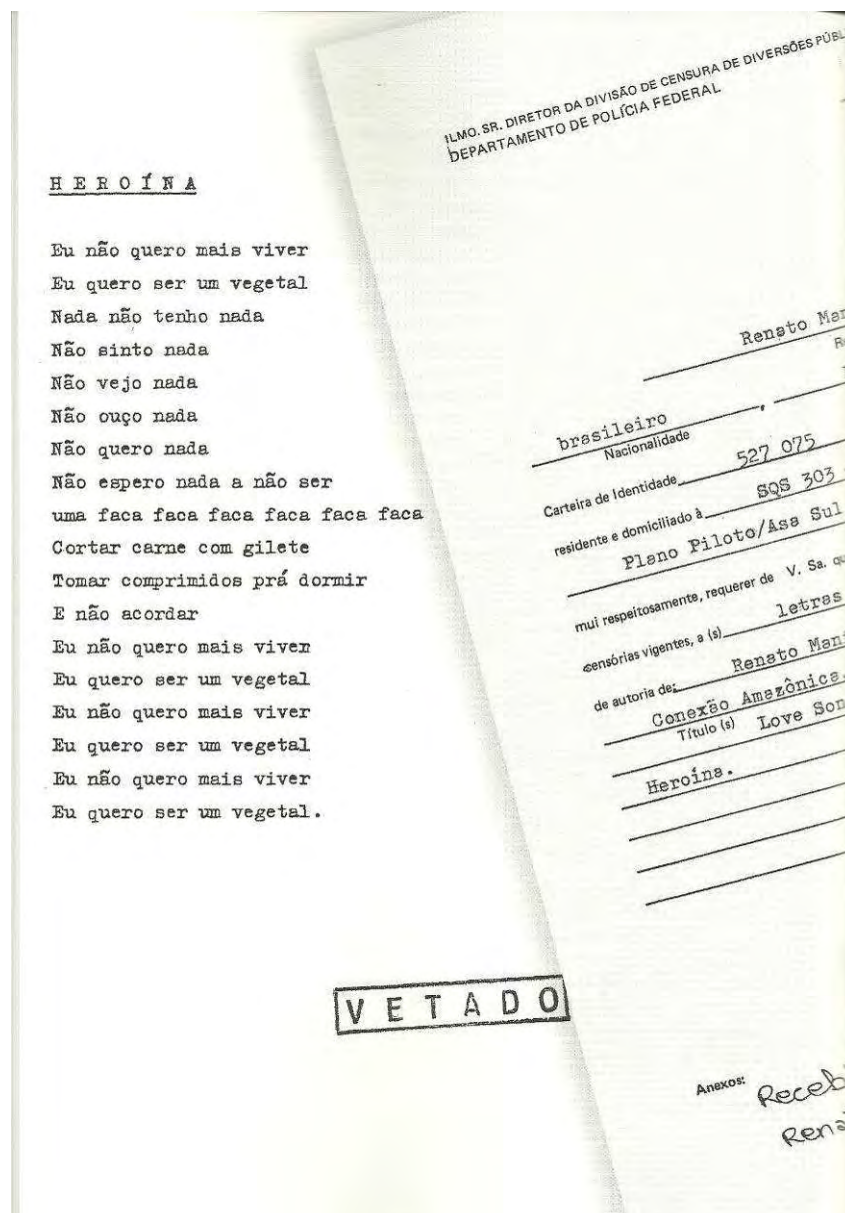
direções diferentes, formam processos sempre em desequilíbrio; essas linhas tanto se aproximam como se afastam umas das outras. Destaca esse autor que as primeiras duas dimensões de um dispositivo - e as duas que nos interessam diretamente - são as curvas de visibilidade e as curvas de enunciação. À feição das máquinas de Raymond Roussel, tais dispositivos são como máquinas de fazer ver e de fazer falar, constituindo-se em:

- linhas de visibilidade: os dispositivos são máquinas de fazer ver. Assim é o dispositivo da prisão: uma máquina ótica para ver sem ser visto;

- linhas de enunciação: os dispositivos são máquinas de fazer falar. Uma ciência, em determinado momento, um gênero literário, um estado de direito ou um movimento social definem-se, precisamente, pelos regimes de enunciações.

Tal é o dispositivo de poder do regime ditatorial que vigorou, no Brasil, de 1964 a 1985, período caracterizado pela total supressão de liberdade da população, perseguições políticas e censura aos meios de comunicação (retomamos brevemente essa questão no início do quinto capítulo).

A título de ilustração de como esse dispositivo incidiu sobre as composições do rock nacional dos anos 1980, destacamos a letra da música "Heroína", composição de Renato Russo, ainda quando ele esteve à frente da banda Aborto Elétrico:



(in: MARCELO, 2009, p. 186)

Esse documento faz parte do livro *Renato Russo: o filho da revolução*, de Marcelo (2009), do qual destacamos, também, o seguinte trecho:

Renato tem compromisso inadiável na sede da Polícia Federal. No final de outubro, vai até a Diretoria da Divisão de Censura de Divisões Públicas. Solicita formalmente ao diretor da divisão o exame, 'de conformidade com as normas

censórias vigentes', de sete letras de sua autoria: 'Conexão amazônica', 'Anúncio de refrigerante', 'Tédio', 'Love Song One', 'Construção civil', 'Fátima' e 'Heroína'. Quinze dias depois, a resposta: com exceção da última, que recebe carimbo 'Vetado', todas as outras estão liberadas. Os censores desconhecem o fato de que o autor promoveu discretas alterações em três de suas músicas para facilitar a liberação [...] Por conta da letra de 'Heroína', porém, ele acaba fichado em outra divisão da Polícia Federal: a de Repressão a Entorpecentes (MARCELO, 2009, p. 185).

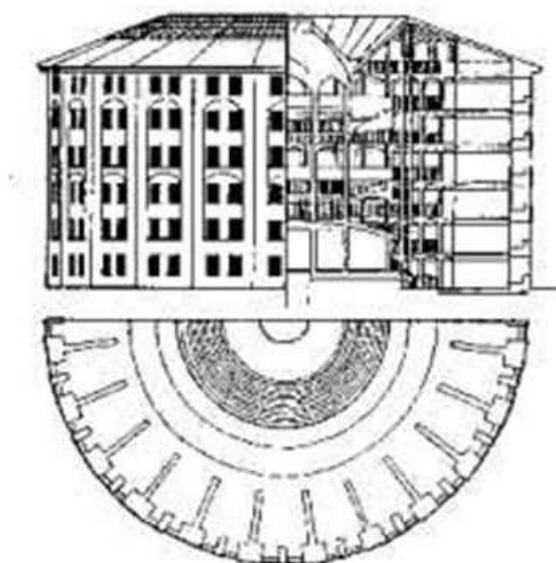
Tanto a letra de "Heroína", acompanhada do carimbo de veto, pela Divisão de Censura da época, quanto o relato que a acompanha mostram os procedimentos usados, em uma sociedade, para controlar a produção discursiva: interdição, silenciamento e apagamento de certos sentidos são formas menos repressivas, uma vez que não se usa a força, para o exercício do poder. Mesmo assim, as fissuras por onde os sujeitos conseguem escapar indicam que não há poder sem resistência. E no caso das canções de Renato Russo, a forma de fazer essa resistência foi via um jogo de linguagem, que consistiu em substituir uma palavra ou uma expressão por outra:

em "Anúncio de refrigerante", o verso original "Passar de tarde no Conjunto Nacional, olhar os pobres, os recos e os ladrões, com muita coisa na cabeça, mas no bolso nada, sempre com medo dos PMs..." foi apresentado como "Não vou de tarde pro Congresso Nacional ficar brincando à procura de ladrões". Já para "Conexão amazônica", Renato simplesmente suprime o terceiro verso da terceira estrofe: "A cocaína não vai chegar". Por fim, em "Tédio", a alteração ocorre logo após o primeiro verso da canção, "Moramos na cidade e também o presidente": em vez do sarcasmo de "todos vão fingendo viver decentemente/ só que eu não pretendo ser tão decadente, não...", na cópia

entregue à censura, a mensagem é tingida em tons ufanistas, de orgulhar Dom & Ravel: "todos vão vivendo muito decentemente, ainda bem que não tem gente decadente, não..." (MARCELO, 2009, p. 185).

Como sentencia Deleuze, pertencemos a determinados dispositivos e neles agimos. No entanto, essa forma de agir pode indicar, no caso aqui tratado, um espécie de "tática", nos termos analisados por De Certeau (1994). Para esse autor, uma das formas de se fazer resistência é realizar uma bricolagem na economia cultural dominante, usando, para tanto, "inúmeras e infinitesimais metamorfoses da lei, segundo seus interesses próprios e suas regras" (DE CERTEAU, 1994, p. 40).

O panoptismo como instrumento de um poder disciplinar, segundo análise que Foucault faz das propostas arquitetônicas de Bentham, ilustra o funcionamento e o efeito do exercício do poder da ordem do visível:



O ponto-chave na arquitetura prisional imaginada por Bentham, no século IX, foi possibilitar total controle visual e, se possível, auditivo, a ser exercido sobre indivíduos presos a um espaço perfeitamente delimitado. Indivíduos classificados, distribuídos e localizados segundo sua classe (por exemplo, vivos, doentes e mortos no caso da quarentena), em celas que permitiam a vigília constante de cada movimento. Mais além, a arquitetura, em si mesma, foi projetada para instilar disciplina social em cada indivíduo sob controle. Tal era a base do esquema panóptico disciplinar.

A edificação era organizada segundo uma distribuição de anéis concêntricos. No mais externo, celas com janelas para o exterior, de modo a permitir a passagem da luz para todos os demais anéis no sentido do centro da circunferência representada pela construção. A abertura voltada para o interior permitia um campo visual amplo e totalmente desimpedido à torre central. Nela, em um compartimento indepassável aos trancafiados nas celas, um único vigia seria capaz de observar, dependendo da finalidade específica do panóptico em questão, cada louco, doente, condenado, operário ou escolar sob controle.

Para Bentham, é a consciência permanente, por parte do indivíduo controlado, do seu estado de visibilidade contínua que garante a eficiência, mais que o simples funcionamento do poder. É fundamental saber-se vigiado, mesmo na impossibilidade de determinar o momento e o autor da vigilância.

2.2.1. Discurso e poder: o controle sobre a formulação do dizer

A *Ordem do Discurso* é uma obra de transição para a fase genealógica de Foucault, momento em que podemos observar o saber encontrando com o poder. Nesse texto, Foucault (1995b) direciona suas reflexões sobre o poder que produz, controla e reorganiza o saber na sociedade. Toda a análise de Foucault sobre as coerções que pesam sobre quem fala aponta para duas importantes teses: 1) o poder, antes de ser negativo, é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), é uma relação de forças. Por conta dessa especificidade, o poder está em todas as partes, de tal modo que os sujeitos são atravessados por relações de poder, não estando independentes delas; 2) o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades.

De acordo com a aula inaugural de Foucault, a produção de discursos na sociedade contemporânea é regulada por certo número de regras de controle. Assim, quem fala deve observar, entre outros fatores, o lugar de onde está falando, isto é, a posição que ocupa no estrato social e o que isso implica. Como analisa o autor, o indivíduo é resultado de um sujeito moderno ambíguo, pois é, ao mesmo tempo, autônomo e submisso. Esse conceito é desenvolvido pelo filósofo, ao constatar que o crescimento da sociedade capitalista trouxe no seu bojo a necessidade de um poder disciplinador, que torna os corpos submissos, através de regimes políticos, de aparelhos ou de instituições muito diversos.

Nessa obra, o discurso é concebido como produto de algo

que é exterior a ele, que é o poder. "Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder" (FOUCAULT, 1995, p. 10). O foco das reflexões do autor é o discurso, analisado como objeto de desejo e meio pelo qual nós podemos nos apoderar do poder. O discurso, assim definido, não traduz somente as lutas, mas aquilo pelo que se luta. Desse modo, para Foucault, é preciso considerar o discurso nas suas condições de produção, considerá-lo limitado por procedimentos de controle e de delimitação, que se apresentam tanto de modo externo (como exclusão) como de modo interno (classificação, ordenação e distribuição).

O autor distingue três grupos de repressão do discurso. O primeiro se divide em: interdição, segregação da loucura e vontade de verdade. Em relação à interdição, dois grandes tabus na sociedade são a política e a sexualidade, temas que Foucault enfatiza do início ao fim do livro. Tanto a interdição quanto a segregação da loucura se orientam em direção à vontade de verdade.

Um discurso que não é compreendido pela sociedade ou que vai contra os parâmetros é excluído. Esse exercício do poder pode ser visto na análise da segregação da loucura. Não é de interesse da sociedade ouvir o discurso dos loucos, pois não contém a verdade conhecida e legitimada. Mesmo com a evolução da medicina nessa área, apenas os psicólogos e os psiquiatras os escutam, mas com distância. Um discurso só tem validade se está sob o caráter de verdade.

Os discursos são produzidos e modelados por sistemas de regras, vigentes na sociedade e em cada âmbito do saber, o que lhes permite ter o poder de ser verdadeiro. Aqui, Foucault alerta para o fato de que a oposição entre o

verdadeiro e o falso deve ser considerada como um sistema de exclusão que se manifesta historicamente e não apenas de modo discursivo. A separação entre o verdadeiro e o falso se dá em um acontecimento histórico. Isso fica evidente quando o autor analisa a passagem da verdade como efeito do discurso para a verdade como produto de regras internas ao discurso.

O segundo grupo de limitação do discurso é realizado internamente e se divide em: comentário, autor e disciplina.

O comentário limitava o acaso do discurso pelo jogo de uma identidade que teria a forma da repetição e do mesmo. O princípio do autor limita esse mesmo acaso pelo jogo de uma identidade que tem a forma da individualidade e do eu (FOUCAULT, 1995, p. 29).

Já a disciplina exerce sua repressão ao impor regras e limites. Para fazer parte de uma disciplina é necessário seguir parâmetros teóricos e ser validado no âmbito da verdade.

O terceiro grupo determina a forma como o indivíduo fará seu discurso. Esse grupo se divide em: ritual, "sociedade de discurso", doutrina e apropriação social do discurso.

O ritual cumpre a função de prescrever comportamentos, controlar as circunstâncias e o conjunto de signos que deve constituir os discursos. Estabelece formas de proferir discursos políticos, religiosos, revolucionários, feministas, por exemplo.

As sociedades de discursos controlam a edição e a divulgação dos discursos, cuja liberdade de circular está

subordinada a certas normas de edição, reguladoras do sistema linguístico escrito.

As doutrinas (religião, política, filosofia etc.) controlam os discursos, ao interpelarem os sujeitos a reconhecerem as verdades e a observar as regras que estão em conformidade com os discursos já aceitos pela comunidade.

No que se refere à apropriação social dos discursos, a sociedade dispõe de vários meios, dentre os quais a ciência e a educação, para divulgar os discursos já aceitos como verdadeiros. Além de garantir o acesso a eles, bem como o modo de sua apreensão, essas instituições podem, também, funcionar no sentido oposto, ou seja, coibir os discursos que não estão em consonância com as regras prescritas pelas sociedades de discursos. Portanto, os sujeitos não são livres para fundar qualquer conceito, pois só podem ser formulados os conceitos autorizados pelo sistema de relações que regula as práticas discursivas. É o determinismo do discurso que permite ou censura a produção dos conceitos.

A análise desses dispositivos de controle da ordem do enunciável aponta para a rejeição, em Foucault, de uma concepção idealista de sujeito, isto é, um sujeito livre, que exprimiria um sentido preexistente, refletido pela linguagem. Em face do feixe de relações empregado pelo discurso clínico, as modalidades enunciativas não são oriundas de um único sujeito, considerado como instância única de enunciação. Pelo contrário, ao invés de remeter à síntese ou à função unificante da subjetividade, essas modalidades manifestam sua dispersão. Os diversos estatutos, lugares e posições que o sujeito pode assumir ou receber em situação discursiva atestam a descontinuidade dos planos de onde fala. Essa condição do sujeito do discurso fica evidente pelas seguintes

palavras de Foucault:

o discurso, assim concebido, não é manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que diz: é, ao contrário, um conjunto em que se podem determinar a dispersão do sujeito e sua descontinuidade consigo mesmo (FOUCAULT, 2007, p. 70).

2.2.2. Poder e corpo: a produção de sujeitos dóceis

Os dispositivos são da ordem do enunciável, ou seja, atuam sobre a produção discursiva, funcionando como uma espécie de patrulha discursiva que incide diretamente sobre quem fala, determinado o conteúdo, a forma e o lugar onde se pode falar. São também da ordem do visível, na medida em que vigiam e punem os corpos rebeldes. Essa é a análise que Foucault (1987) desenvolve em *Vigiar e Punir*, texto no qual descreve os efeitos do modelo disciplinar, representado pela figura arquitetural da disciplina por excelência, o panóptico, que, conforme mencionado anteriormente, funciona como uma espécie de máquina criada para manter em vigilância as pessoas que, por algum motivo, infringiram as leis ou possuem alguma patologia. A escola, a prisão e os hospitais podem ser mencionados como instituições que se valem desse dispositivo como forma de controlar os sujeitos.

As reflexões de Foucault nessa obra apontam para a manifestação do poder cujo objeto é o corpo dos súditos. Ele demonstra a atrocidade do poder punitivo manifestado no suplício, que é uma forma de manter a relação de poder soberano *versus* súdito através do medo. O objetivo do

suplício não era retribuir ao condenado o mal cometido ao corpo social. Através de um ritual público de dominação, conservava e intensificava a força soberana. Como observa o autor, "nos excessos dos suplícios, se investe toda a economia do poder" (FOUCAULT, 1987, p. 35).

Foucault estuda as transformações das práticas penais na França, da Época Clássica ao século XIX. E no interior dessas transformações, um problema se destaca: o papel central que a prisão passa a desempenhar na penalidade moderna. O autor questiona o modo como a prisão se tornou a pena por excelência, não mais voltada ao suplício ou ao castigo simbólico e exemplar, mas sim à disciplina do corpo e da "alma" do detento. Foucault empenha-se em mostrar que as práticas disciplinares próprias da prisão têm um alcance que vai muito além de seus muros, ao constituir uma tecnologia de poder que, partindo das práticas prisionais, espalha-se por toda a sociedade, em instituições como fábricas, hospitais, escolas etc., acabando mesmo por desenhar uma "sociedade disciplinar", ou seja, uma sociedade permeada por uma rede de instituições e práticas de poder disciplinares.

Foucault analisa a disciplina e a obediência, examinando quatro segmentos diferentes, que são estudados "nos mínimos detalhes", como ele mesmo ressalta: as corporações militares, as instituições escolares, as fábricas e as ordens religiosas. Ao discorrer sobre o que chama de corpos dóceis, concentra-se na análise de um tipo de organização que, através de sua estrutura disciplinar, transforma tanto o indivíduo quanto a coletividade em elementos que, forjados na rigidez disciplinar, tornam-se dóceis e prontamente obedientes ao comando, dentro de uma sociedade extremamente autoritária, controladora e claramente hierarquizada.

Em relação à formação dos soldados e dos exércitos, Foucault observa que a formação física do homem desempenha uma função muito importante. O soldado é selecionado e treinado para ter uma postura inflexível e atlética, ereta, cabeça erguida e peito saliente, de modo a infundir a ideia de um ser bem produzido, forte e capaz. Isso mostra a estrutura panóptica em que se transformou o exército: uma instituição alicerçada em regimentos e divisões com uma nítida hierarquia de comando, capaz de vigiar a execução das instruções, pela força da disciplina.

Esse tipo de modelo de educação militar, arbitrária e autoritária, que prepara os homens para a "guerra", foi copiado e transferido para outras instituições sociais, tais como: a escola, a Igreja, a fábrica, a família. No início do século XVII, prevalece a ideia de que o soldado é, naturalmente, um indivíduo rigoroso, que se destaca pela coragem e pela postura. A seleção é um processo simples de escolha dos indivíduos portadores das qualidades que definem a figura ideal do soldado, ou seja, o modelo de homem poderoso e viril que todo membro da sociedade deveria seguir ou, ao menos, ter em mente. A partir da metade do século XVIII, o soldado passou a ser algo fabricado. Inicialmente, ele pode ser um corpo inapto, mas será devidamente treinado e preparado, através de exercícios, para se tornar uma máquina com a postura e a completa fisionomia de um soldado.

Em termos de educação da época, são múltiplas e variadas as disciplinas impostas nos exércitos, nas escolas, nos conventos e nas fábricas. Mas, de um modo geral, o elemento básico visa à distribuição hierárquica dos indivíduos dentro do espaço social.

No contexto dessas estruturas, a organização e a

disciplina nos colégios assemelham-se as dos conventos, uma vez que prevalece o princípio da "clausura", ou seja, dos grupamentos distribuídos em locais específicos, com reconhecida distribuição geográfica, de acordo com as regras de localização funcionais, que facilitam o sistema de vigilância e de controle dos indivíduos.

Na perspectiva do autor, a análise do poder normatizador demonstra que vivemos dentro de um sistema no qual as crianças são punidas, os operários são punidos, os alunos são punidos, os soldados são punidos. Hospitais, asilos, orfanatos, hospícios, colégios, reformatórios, usinas e prisões, todas essas instituições, segundo Foucault, fazem parte de uma espécie de grande forma social do poder, estabelecido no início do século XIX e que forneceu as condições necessárias para o funcionamento da sociedade industrial.

Nesse capítulo, centramo-nos na determinação das condições de formação do discurso do rock nacional. As reflexões realizadas acima sobre a relação entre saber e poder e sobre o conceito de arquivo possibilitam, a partir do conjunto de enunciados que compõe o *corpus* desta pesquisa, elencar aspectos das condições de possibilidade de um discurso identitário e de resistência que se manifesta nessa série enunciativa.

Nas análises efetuadas no quinto capítulo, retomamos essa questão, com a finalidade de investigar as condições de formação que sustentam a hipótese de que as canções do rock, no contexto histórico e social de sua produção e execução em concertos públicos e em outras mídias, constituem-se em música política ou rock politizado.

III - A HISTÓRIA E A MEMÓRIA EM LETRAS,

SONS E IMAGENS

*Não importa se só tocam
o primeiro acorde da canção
a gente escreve o resto
em linhas tortas
nas portas da percepção*

...
*em livros de história
seremos a memória
dos dias que virão
(se é que eles virão)*

...
*a gente escreve o resto
sem muita pressa
com muita precisão
nos interessa o que não foi impresso
e continua sendo escrito à mão
escrito à luz de velas
quase na escuridão*

Exército de um homem só (Engenheiros do Hawaii)

Neste capítulo, fazemos uma recensão de textos que discutem a questão da memória, na sua relação com a história e com a linguagem, atentando, também, para aspectos concernentes à ideia de tempo, de historicidade, de prática discursiva e de acontecimento. Trata-se de discussões realizadas por Foucault (2007), Gagnebin (1997), Nora (1993), Le Goff (1996), Frank (1992), Ricouer (1992), Halbwachs (1988), Pêcheux (1999), Davallon (1999), Veyne (1998), Courtine (1981; 1999), Guilhaumou (2009), Rago (1995), Gregolin (2000; 2001b; 2003a; 2006), Navarro (2004), e Valente (2009). Apoiados nas reflexões dos autores desses

textos, postulamos, em princípio, que as canções analisadas, dadas as suas condições de produção e o contexto em que são relembradas, convertem-se em documentos históricos.

Sobre esse aspecto, Valente (2009) analisa que uma canção pode representar um evento particular e único, como um fato histórico, ou um período mais prolongado. Exemplifica a autora citando a canção popular portuguesa *Grândola, vila morena*, que era um elemento do arquivo da memória da canção portuguesa. Em cinco de outubro de 1974, transformou-se na senha que indicaria o início da Revolução dos Cravos, que derrubou a ditadura salazarista. Desde então, essa canção transformou-se em documento histórico. A autora cita, também, as canções *A garota de Ipanema* e *Aquarela do Brasil*, que teriam se consolidado como monumentos brasileiros, tão imemoráveis quanto a estátua do Cristo Redentor.

Vale lembrar, no entanto, que não se trata aqui de considerar que o rock em análise se manifestaria como um documento onde repousa alguma verdade de nossa história de curta duração. A nosso ver, as canções do rock dos anos 1980, na atualidade de seu retorno, evocam a crença segundo a qual elas seriam documentos históricos por meio das quais é possível manter algum laço de continuidade entre passado e presente. Apoiando-nos em Foucault (2007), como já tivemos a oportunidade de expor no segundo capítulo desta tese, nosso trabalho como analista é, de alguma forma, monumentalizar essas canções, restituindo, assim, seu caráter de acontecimento. Sobre a oposição documento/monumento, tal como exposta por Foucault, Gregolin (2001) considera que a análise de discursos deve partir do princípio de que os textos não são documentos que aguardam uma significação oculta, mas monumentos à espera de novas leituras. Assim, devemos conceber essa produção discursiva como composta por um

conjunto de documentos-momumentos, uma vez neles "podem se inscrever as múltiplas possibilidades de leituras." (ORLANDI, 1999, p. 64).

Mas o que possibilita considerar as canções produzidas em dada cultura nessa condição de documento-monumento histórico?

3.1 História e memória: distinções e implicações

A chamada Nova História (FRANK, 1992; RICOUER, 1992) tem como objeto de investigação o passado heterogêneo, constituído da mistura das lembranças, bem ou mal assumidas, mas certamente vivas. Considerando que o passado vive nas memórias, elas são a principal especificidade desse tipo de história. A memória é, portanto, um agente da história, uma vez que as representações do passado, com seus mitos e deformações, podem também influenciar a realidade e o curso dos acontecimentos históricos.

Segundo o que analisa Nora (1993), história e memória são dois fenômenos que mantêm um vínculo muito estreito, uma vez que um complementa o outro. Enquanto a história, como um campo de produção de conhecimento, faz uma espécie de crítica do passado, por meio de uma narrativa que procura explicar os acontecimentos e dar um sentido histórico a eles, a memória tem por finalidade reconstituir a experiência humana, podendo, para conseguir tal feito, incorporar elementos míticos.

Nora, como representante dessa vertente histórica, dedica-se ao estudo da memória coletiva, definida como aquilo

que fica do passado vivido de um dado grupo e aquilo que esse grupo pode fazer com o seu passado. Assim sendo, determinados elementos materiais, certas experiências tanto individuais quanto coletivas, bem como lugares *topográficos* (arquivos, bibliotecas, museus, monumentos), *monumentais* (cemitérios e arquiteturas), *simbólicos* (comemorações, peregrinações, aniversários, emblemas) e *funcionais* (manuais, autobiografias e associações) são índices de memória. Por essa forma de interpretação histórica, tanto a construção do passado histórico quanto do memorial edificam-se sobre esses "lugares de memória".

Nessa mesma direção, Halbwachs (1988) analisa que esses pontos de referência são indicadores empíricos da memória coletiva de uma determinada sociedade. Para esse autor, a memória tem a função de definir aquilo que é comum a um grupo e, ao mesmo tempo, diferenciar um do outro, com isso fundamenta e reforça os sentimentos de pertença e as fronteiras socioculturais. Halbwachs, em sua análise, destaca as funções positivas que a memória coletiva exerce, sendo uma delas a de garantir a coesão social, que ocorreria não pela coerção, mas pela adesão afetiva do grupo. Em outros termos, a memória é um elemento essencial para a construção e a reafirmação das identidades.

Valendo-nos da noção de lugares de memória e de memória coletiva, podemos conceber as canções do rock como lugares de memória, e isso nos leva a pensar na existência de uma memória que constitui os sentidos produzidos nessa rede discursiva áudio-visual que é evocada dos anos 1980. Em outros termos, é preciso considerar o funcionamento de elementos do arquivo da nossa história recente nas canções em tela. A nosso ver, é esse funcionamento na atualidade que confere ao rock o estatuto de documento-monumento histórico.

Definimos, até agora, a produção discursiva do rock como documento-monumento histórico, dada a sua condição de poder criar lugares de memória. Cabe-nos, nas páginas seguintes, traçar uma discussão sobre a relação história e memória, partindo de uma análise mais abrangente, que encontra respaldo em trabalhos de historiadores, para chegar a uma reflexão mais pontual, feita por estudiosos que se debruçam sobre aspectos discursivos dessa relação. Dito de outra forma, para efeito de sustentação das reflexões seguintes, procuramos tirar proveito da articulação entre história e linguagem, tal como propõe Guilhaumou (2009) em relação a uma análise de discurso do lado da história. Esse tipo de abordagem não fixa a imagem de uma disciplina interpretativa sem qualquer preocupação com os problemas do tempo presente. Ao contrário, na esteira de Foucault, o tempo da análise de discurso "é sempre um momento contemporâneo no sentido de que ele nasce de uma interrogação sobre a atualidade" (GUILHAUMOU, 2009, p. 44). Uma análise de discurso do lado da história é um método interpretativo por excelência que não produz um acúmulo de resultados, mas uma cadeia discursiva que torna visível os procedimentos de descoberta de cada um dos encadeamentos.

Outro aspecto que levamos em conta para as reflexões feitas neste momento é que a canção do rock, assim como a de outros gêneros musicais, é uma das manifestações mais frequentes na maioria das culturas, em vista disso sua linguagem sofre processos de mediatização técnicos. A canção, em suas diferentes modalidades, nasce no âmbito de uma sociedade dominada pelos meios de comunicação de massa, ou seja, ela é "composta, executada, difundida e recebida segundo recursos oferecidos pelo conjunto de técnicas do som vigente" (VALENTE, 2010, p. 2). Mas não só isso, como resultado de uma cultura midiaticizada, as canções, no caso

aqui tratado as do rock, sofrem determinações da prática discursiva midiática, isso sem mencionar as sobredeterminações próprias do gênero. Em vista disso, podemos articular aspectos teóricos desse capítulo ao discurso da mídia, incluindo nele o rock nacional dos anos 1980. Assim, em alguns momentos, remeter-nos-emos a essa prática mais abrangente, considerando que ela abarca as canções como um de seus sub-gêneros discursivos.

Nas suas sete aulas sobre linguagem, memória e história, Gagnebin (1997) elucida alguns pontos sobre esses três fenômenos essenciais para a finalidade deste capítulo. Uma questão inicial da qual podemos partir, tendo em vista nosso objeto de análise, é a relação entre *logos* e *mythos*. Nessa questão, esboça-se uma relação "transcendental" mútua entre tempo e linguagem, pois, como pondera Gagnebin,

não há linguagem que se diga sem se desdobrar nas várias dobras do tempo, nem tempo que possa se configurar e adquirir sentido, por mais eficaz que seja, sem ser recolhido e articulado por linguagem (GAGNEBIN, 1997, p. 10).

A autora evoca as figuras de Heródoto e de Tucídides para traçar uma compreensão entre uma história racional e uma história mítica. Segundo ela, o primeiro não usa o termo história para identificar as partes de seu livro, mas a palavra *logos* (discurso). O vocabulário, diz Gagnebin, insiste na distinção entre *logos* e *mythos*, que vai enraizar a distinção entre discurso científico, filosófico ou histórico e o discurso poético mítico. Distinção que não aparece na obra de Heródoto, na qual se pode ler, ao mesmo tempo, a imbricação e a separação da palavra mítica e do discurso

científico/racional emergente.

Heródoto retoma e transforma a tarefa do poeta arcaico, que era a de contar os acontecimentos passados, conservar a memória, resgatar o passado e lutar contra o esquecimento. Essa tarefa, mostra a autora, religa o presente ao passado, fundando a identidade de uma nação ou de um indivíduo. É uma tarefa profundamente religiosa, portanto, se lembrarmos que a religião tem a ver com o desejo de religação e, só depois, com uma sistemática de crenças.

Gagnebin analisa que, nas *historiai* de Heródoto, opera-se uma partilha entre dois tipos de narrativas, correspondentes a duas formas de tempo: uma narrativa mítica, lendária, sem cronologia (tempo cíclico), que remete ao tempo afastado dos deuses e dos humanos, e uma narrativa histórica, de um tempo linear, pesquisável e pesquisado, com referências cronológicas possíveis de serem encontradas, que se reporta a um tempo mais recente dos homens.

Heródoto não nega o tempo mítico e sagrado, o que ele recusa são os procedimentos narrativos do mito para descrever o nosso tempo humano, que é restrito, finito, histórico. Em Heródoto, verifica-se a busca das verdadeiras razões dos acontecimentos, pelo testemunho alheio ou próprio, com a finalidade de se inscrever no esforço racional de escrita da nossa história, esforço do *logos* em oposição ao *mythos*.

Heródoto constrói, através da longa descrição dos povos bárbaros, uma imagem convincente do grego. Na confrontação com esse "outro", como por um "jogo de espelhos", a escrita da história realizada representa a imagem do "mesmo". Nesse sentido, analisa Gagnebin, é a mediação pelo outro que possibilita a autorrepresentação segura de si mesmo descrita por Heródoto. O que estrutura as *historiai*, então, é essa

comparação entre bárbaros e gregos, a qual visa entender como funciona o diferente.

Heródoto é a figura do historiador que procura compreender a alteridade, pelo olhar do mesmo, pois, para significar aos gregos o que os bárbaros são, para descrevê-los e entendê-los, recorre a determinadas figuras (oposição, inversão, contrário), que acabam por transformar a diferença em alteridade.

A ruptura na tradição narrativa da história, fundada por Heródoto, ocorre com Tucídides, em *A guerra do Peloponeso*. Na escrita da história dessa batalha, analisa Gagnebin, há uma recusa da emoção, do prazer e do maravilhoso cheio de cores que atrai mulheres e crianças, bem como uma rejeição da importância da memória, relegando ao passado a antiga deusa Mnemosyne. Enquanto Heródoto tencionava salvar o memorável e resgatar o passado do esquecimento, Tucídides ressalta a fragilidade da memória, que não é exata nem objetiva. Esse historiador insiste em não acreditar na memória, dada a sua incapacidade de garantir fidelidade do relato à realidade.

Ao contrário do relato de Heródoto, Tucídides não narra as várias versões possíveis do mesmo fato, deixando, com isso, o leitor livre para escolher a que mais lhe apraz. A sua escrita escolhe previamente a versão racional a ser adotada:

A trama escusa e dramática da guerra do Peloponeso desenha-se sobre o fundo luminoso de um discurso (logos) e de uma razão (logos também) que atravessam o caos dos fatos, para deles retirarem conclusões valiosas e ensinamentos eternos (GAGNEBIN, 1997, p. 28).

Em Tucídides, a memória pertence ao *mythodes* e ao engajado, pois não reproduz fielmente o passado, dispõe dele de acordo com as conveniências do momento presente. Para fundar um discurso racional da história, expurga definitivamente o *mythos* e o *mythodes*, uma vez que, ao contrário de Heródoto, não deseja contar o maravilhoso nem tirar os atos passados do esquecimento. Se a história de Heródoto tinha a função de resgatar um passado ilustre, a de Tucídides tem a função de, no presente, instruir o futuro.

As duas "operações historiográficas", para nos valer de uma expressão empregada por De Certeau (1982), realizadas por Heródoto e por Tucídides, inauguram dois tipos de historiografia, uma destinada à explicação do passado, de modo o mais racional possível, e outra que se vale da memória como elemento fundamental para a compreensão das histórias de vida.

Mas como podemos estender essa primeira distinção *logos* e *mythos* ao nosso estudo?

Sobre o discurso midiático, em suas diversas manifestações, podemos aceitar que nele funcionam tanto elementos mais próximos de um discurso que se assenta sobre o *mythos*, isto é, que tira proveito da memória não só recente, mas também sem cronologia definida, quanto elementos de um discurso racional. Em outras palavras, *logos* e *mythos* podem funcionar como componentes organizacionais dos discursos midiáticos e, por corolário, das canções no contexto de sua composição e execução.

A questão que se coloca ao analista, numa perspectiva teórico-analítica que visa à descrição dos efeitos da história e da memória em materialidades discursivas midiáticas, é mensurar em que medida essas materialidades se

aproximam mais de uma ou de outra espécie de narrativa.

Em relação às canções do rock nacional, uma análise em retrospecto as concebe como um documento histórico que pode indicar traços de elementos memoriais de um arquivo sobre aspectos políticos, sociais e culturais de dado momento da história brasileira. É a memória a serviço da escrita histórica que se manifesta nessa modalidade de mídia.

É o que podemos ver enunciado na letra da canção "O teu futuro espelha essa grandeza", da banda de rock RPM, composta para o disco *Quatro coiotes*, de 1988:

O teu futuro espelha essa grandeza

RPM

*Nossas praias
Têm mais latas
Mais mulatas, matas virgens
Nossos desertos cada vez mais perto
Nosso destino menino a viver de chicletes
Mentex, quentlex
Aquarelas o tempo amarela
Fontes secam em silêncio
Emudecem todos os pandeiros num paciente adeus
E um garoto pobre o que é que pode?
Numa banda de rock cair no pagode
Quando rola o ronco da barriga
É um 3 oitão na mão
Aids, apartheids nas cidades...putrefatas, mal
cheirosas
Tão sestrosa outrora a vida passa
Já senhora
Decadente
Nas brasílias da miséria roda sua bolsa
Como pode
Hedonistas do país
Uni-vos
Ai meu Brasil, que se perdeu
Sem conhecer um apogeu
Esses solos tão férteis
Esses campos tão meus
Quem abençoou foi Deus, foi Deus, foi Deus*

Não é o caso aqui de nos determos, demoradamente, nos aspectos textuais que manifestam a intertextualidade entre a música, o poema "Canção do exílio", de Gonçalves Dias, e o "Hino Nacional" brasileiro, que também retoma o texto desse poeta. Mas advogamos que, dadas as suas condições de produção, a música foi recebida como dialogando, não propriamente com "Canção do exílio", mas com o "Hino Nacional".

Assim, o enunciado de "O teu futuro espelha essa grandeza" deforma alguns dos sentidos do texto citado ("Nossas praias, tem mais latas" [...] "Aquarelas o tempo amarela. Fontes secam em silêncio") e, ao fazê-lo, evoca a memória, para o leitor/ouvinte do presente, de um período histórico bastante conturbado da economia nacional, de transição entre o governo do Presidente Sarney e a presidência de Collor de Melo, marcado por planos econômicos sem sucesso a longo prazo.

Mas, no contexto de sua composição e execução nos meios de comunicação de massa do final dos anos 1980, a memória social relativa a um modelo político-econômico que elevou os índices de miséria também deu sustentação discursiva à produção de sentidos sobre o político, o que nos permite compreender que o nome da capital, ao ser grafado com a inicial em letra minúscula e no plural, evidência que a corrupção se espalhas pelas cidades de todo o país ("Nas brasílias da miséria roda sua bolsa").

Notadamente, esse contexto de produção justifica, também, a retomada de outra memória musical. Na sequência "Aquarelas o tempo amarela. Fontes secam em silêncio. Emudecem todos os pandeiros num paciente adeus", o sujeito do canto faz remissão a trechos da música "Aquarela do Brasil",

composta por Ary Barroso, em 1939. Essa canção ficou conhecida mundialmente por exaltar as qualidades e a grandiosidade do país, marcando o início do movimento que ficaria conhecido como samba de exaltação. A relação entre o enunciado de "O teu futuro espelha essa grandeza" e a composição de Barroso demonstra esse mecanismo discursivo de subversão, como uma forma de o sujeito mostrar seu descontentamento em relação à situação do país naquele momento.

Ao conclamar "Hedonistas do país, uni-vos", o sujeito mostra seu descrédito na crença de que a união das pessoas em torno de interesses coletivos pode mudar os rumos da nação, para tanto, recupera a máxima comunista "proletários de todo o mundo, uni-vos", porém subverte-a, assumindo a doutrina segundo a qual a realização pessoal do homem é o único bem possível.

3.1.1 O tempo, a linguagem e o passado

Além da distinção entre discurso racional (*logos*) e discurso ficcional (*mythos*), outra questão se impõe: o que seria o tempo? Segundo Gagnebin, Santo Agostinho inaugura uma interrogação filosófica que marcará até hoje a reflexão ocidental sobre a relação entre memória, tempo e história.

Segundo a autora, o gênero discursivo das "Confissões" se situa em um cruzamento privilegiado entre história e literatura. Com a história, esse gênero compartilha uma pretensão de verdade como reconstrução do exato e verificável dos acontecimentos do passado. Já com a literatura, ele

compartilha as estratégias da ficção: a construção do enredo e da trama, que remete a uma noção de verdade não mais como exatidão da descrição, mas como elaboração de sentido, seja ele inventado na liberdade da imaginação ou descoberto na ordenação do real. É um discurso fronteiro, no qual a segurança da verificação histórica e a arbitrariedade da imaginação literária se realizam e se constituem mutuamente.

As reflexões de Santo Agostinho sobre o tempo e a memória marcam uma ruptura com as definições de Aristóteles e de Platão. Na filosofia antiga, o tempo era definido tendo em vista o movimento dos corpos celestes. Nas "Confissões", Santo Agostinho abre um campo novo de reflexão, o da temporalidade, e, assim, pode ter em conta a condição dos seres que não só nascem e morrem no tempo, mas também têm consciência dessa condição mortal e temporal. Para Santo Agostinho, os homens podem falar e morrer no tempo, e é justamente essa ligação entre tempo e linguagem (escrita do tempo e tempo da escrita, fala do tempo e tempo da fala) que, segundo Gagnebin, será crucial para Santo Agostinho formular sua definição de tempo e de memória. Como acentua a autora:

é somente através de uma reflexão sobre nossa temporalidade, em particular sobre a temporalidade inscrita em nossa linguagem, que podemos alcançar uma reflexão não aporética sobre o tempo (GAGNEBIN, 1997, p. 70).

Nas "Confissões", a interrogação sobre o tempo é também, inseparavelmente, uma interrogação sobre a identidade narrativa, isto é, o "eu narrador", e sobre a enunciação dessa narrativa. Além de rejeitar a noção de tempo como movimento dos corpos, Santo Agostinho rejeita também os

argumentos céticos sobre a inexistência do tempo. Segundo essas posições, o passado não existe, pois já morreu, o futuro ainda não foi e o presente nunca pode ser apreendido numa substância estável, divide-se em parcelas cada vez menores.

Santo Agostinho retruca tais argumentos com uma reflexão crítica e uma reflexão pragmática sobre a linguagem. Sobre a reflexão crítica, Gagnebin a apresenta como sendo, para Agostinho, a impossibilidade de falar e de pensar em termos espaciais (imagem, conceitos) do tempo. Essa impossibilidade de a linguagem determinar onde se encontra esse tempo sempre fugidio, em particular o presente, entretanto, não acarreta a sua inexistência. O que aconteceu na linguagem, para Santo Agostinho, é que tanto para falar do tempo quanto da memória é preciso que se abandone a descrição da atividade espiritual do lembrar em termos espaciais. Para ele, nenhuma metáfora pode dar conta das imagens que a memória encerra.

Gagnebin mostra também que, no entender de Santo Agostinho, o espírito descreve seus próprios atos, ele não pode pensar a si mesmo como o palco, gigantesco e sempre cambiante, de uma representação infinita. Abandonar o espaço e a representação, e pensar a si mesmo, o que está além dele, o que, portanto, lhe escapa. Podemos aceitar que, em Santo Agostinho, está formulada uma visão de que a linguagem é como uma "ferramenta imperfeita" para falar do tempo e da memória. Santo Agostinho expõe, dessa forma, a inexactidão da linguagem para entendermos a verdadeira natureza do tempo, entendido no sentido de uma temporalidade.

Se a linguagem falha ao tentar falar do tempo e da memória por metáforas, como diz Santo Agostinho; se se deve recusar toda e qualquer forma de apreensão da temporalidade

na linguagem, como se daria, então, essa inserção do tempo no discurso? É preciso aqui fazer uma ressalva: o tempo e linguagem estão sendo pensados pela via da filosofia. Por esse caminho, evoca-se, não as categorias espaciais de representação da linguagem, mas a relação ontológica entre mundo e linguagem.

As reflexões de Santo Agostinho sobre tempo e linguagem nos levam à seguinte interrogação: como pensar o tempo e a memória e sua inserção na linguagem pelo ponto de vista da Análise do Discurso?

A linguagem não é só representação, ela não é apenas palco ou evidência entre as coisas e aquilo que nomeia as coisas no mundo. Tendo em vista que o sentido sempre escapa ao controle do sujeito e poderia ser outro, a linguagem é lugar também de materialização histórica. A temporalidade e a memória que se inscrevem no discurso é algo não exatamente da ordem da representação, pois, como ensina Santo Agostinho, o espírito não é palco de representação, mas também não é algo de uma atividade somente psíquica e espiritual. É uma construção social e institucionalmente determinada, na qual podemos encontrar vestígios que se manifestam em termos linguísticos, ou espaciais, como denomina Santo Agostinho.

Esses vestígios são feixes discursivos, rastros deixados, no discurso, da atividade do sujeito enunciador de se inscrever em uma temporalidade, seja ela a do presente do passado, a do presente do presente ou a do presente do futuro, as três modalidades do tempo para Santo Agostinho.

De uma reflexão crítica da linguagem (a falta de propriedades dos termos espaciais para falar e pensar no tempo e na memória), Santo Agostinho passa para a estratégia de argumentação da linguagem. Com isso, a questão inicial da

essência ou substância do tempo (o que é o tempo?) transforma-se na questão das condições transcendentais de sua apreensão, pela atividade intelectual e linguística. Como analisa Gagnebin, com essa estratégia, Santo Agostinho não apenas fez uma reflexão crítica a respeito das categorias linguísticas, mas também sobre os vários usos e sobre as diversas formas de emprego da linguagem.

Da reflexão sobre os acontecimentos e as coisas, Santo Agostinho passa a uma reflexão sobre os rastros ou as imagens que deixam na alma. Assim, a apreensão do tempo e da memória não se dá pelos próprios acontecimentos que já ocorreram, mas pelas palavras concebidas pelas imagens daqueles fatos. Em outros termos, ou melhor, pensando na inscrição do tempo na linguagem, diríamos que essa apreensão no discurso do sujeito ocorre por meio de vestígios, que apontam para um movimento de dessubstancialização do tempo, uma vez que, segundo Gagnebin, a ideia de rastro remete ao estatuto ontológico paradoxal de um ser que não é mais.

Assim, pela sua crítica da linguagem, Santo Agostinho aponta a defasagem dos elementos linguísticos no trabalho intelectual de apreensão do tempo e da memória. Os termos espaciais são insuficientes tanto para dar conta das imagens que a memória encerra quanto para dizer o tempo. Pela estratégia da argumentação pragmática, Santo Agostinho nos ensina que, sobre os acontecimentos passados, a memória relata, não os próprios acontecimentos já ocorridos, mas as palavras concebidas pelas imagens dos fatos, que deixam vestígios na alma.

Finalizamos essa discussão com as palavras de Gagnebin sobre a relação tempo, memória e linguagem em Santo Agostinho:

com efeito, a relação entre tempo e linguagem não é, como parecia à primeira vista, uma mera relação de continente e de conteúdo, mas, criticadas essas categorias espaciais que nos confundem em vez de nos esclarecer, muito mais profundamente, uma relação transcendental mútua: o tempo se dá, de uma maneira privilegiada, à minha experiência em atividades de linguagem - no canto, na recitação, na escrita, na fala - e, só consigo falar, escrever, cantar e contar porque posso lembrar, exercer minha atenção e prever. (GAGNEBIN, 1997, p. 76).

De certa forma, as reflexões de Santo Agostinho sobre os rastros e sobre as imagens como índices de temporalidade e de memória gravados no espírito aludem ao estatuto da linguagem, que é o de fazer referência às coisas, ao mesmo tempo em que atesta a ausência delas, e ao estatuto do tempo, estranho ser que não se deixa agarrar em seu incessante escapular.

Em termos discursivos, produzir sentido na linguagem sobre a memória e sobre o tempo é deixar rastros de uma atividade enunciativa que se movimenta e se esbarra constantemente entre uma atividade subjetiva de dizer o tempo e a memória e a insuficiência da linguagem para fazê-lo. E é dessa atividade subjetiva imperfeita que o sujeito do rock nacional se vale para se constituir como alguém que pode ou quer fazer resistência ao poder instituído. E é por meio dessa prática discursiva insuficiente para falar do tempo e da memória que se dá a representação de uma imagem de juventude contestadora.

Fiorin (1996) faz também uma leitura da obra de Santo Agostinho, com o propósito de argumentar a favor de uma teoria da enunciação a respeito do modo como, pela linguagem, representamos o tempo. Mostra que o tempo é medido enquanto passa, pela consciência que temos dele, fato esse que

desautoriza a afirmação de que o passado e o futuro não existem, "pois seu ser está ligado à linguagem, uma vez que as pessoas podem predizer o futuro (cecinerunt) e narrar (narrant) o passado" (FIORIN, 1996, p. 131).

Em relação à memória no entendimento agostiniano, Fiorin lembra que, ao se contar algo, o que sai da memória não é a realidade mesma, mas palavras nascidas das imagens formadas da realidade, que, atravessando o espírito, deixam traços de sua passagem. Para esse autor, em Santo Agostinho, "há um nítido embrião de uma teoria linguística do tempo, ou mais precisamente, uma teoria discursiva da temporalização" (FIORIN, 1996, p. 141). O tempo é uma categoria da linguagem.

Alguns enunciados das canções do rock organizam-se a partir da tipologia narrativa, que é de fácil compreensão, o que garante a sua assimilação pelos ouvintes. São narrativas longas, nas quais são contadas as aventuras e desventuras de seus personagens. É o caso, por exemplo, de "Eduardo e Mônica" e "Faroeste Caboclo", da banda Legião Urbana, e "Marvin", dos Titãs. Dessa última, destacamos o seguinte recorte:

*Trabalhava feito
Um burro nos campos
Só via carne
Se roubasse um frango
Meu pai cuidava
De toda a família
Sem perceber
Segui a mesma trilha
E toda noite minha mãe orava
Deus!
Era em nome da fome
Que eu roubava*

Nessas sequências, o enunciador opõe a ideia de trabalho à de fruição da vida, e, assim, parece assumir uma posição frente ao trabalho como algo que escraviza o corpo e a alma.

Esse efeito de sentido, no plano linguístico, é conferido pelo uso do tempo verbal no pretérito imperfeito ("trabalhava", "cuidava", "roubava"). Para Fiorin, o pretérito imperfeito assinala um aspecto não-limitado, inacabado e durativo. Além do valor descritivo para a construção de um quadro desalentador, seu funcionamento no enunciado contribui para intensificar a rotina de trabalho escravo a que um jovem camponês precisou se submeter:

*"Marvin, agora é só você
E não vai adiantar
Chorar vai me fazer sofrer"
"Marvin, a vida é prá valer
Eu fiz o meu melhor
E o seu destino eu sei de cor"*

O sujeito do canto se preserva na letra, não falando de si mesmo (Marvin não é um jovem pertencente à tribo urbana), mas do outro. No entanto, isso não impede a identificação, que se dá a partir desse exterior. Para Guerreiro (1994), embora as canções do rock, na sua maioria, tenham como referência de mundo o próprio universo das bandas que as compõem e/ou as interpretam, em algumas letras retrata-se uma realidade distante daquela em que vivem seus autores. Assim, na produção de um efeito de rebeldia e de revolta, o discurso busca elementos de outros universos para sustentar sua crítica ou se constituir como canção engajada.

Esse distanciamento é garantido também pelo sistema temporal enuncivo, que manifesta uma relação de não-

concomitância em relação ao momento de enunciação (FIORIN, 1996), a partir do qual o sujeito se coloca para narrar a triste história de Marvin.

Os modos de manifestação da temporalização na linguagem são recobertos, aqui, por uma concepção enunciativa, mas podemos alçá-los ao nível do discurso: se "a narração implica a memória" (FIORIN, 1996, p. 131), então no uso do discurso para dizer o tempo do trabalho escravo, o enunciado reinterpreta o passado, à luz dos vestígios que ele deixa na memória.

Outra questão que se coloca sobre a relação entre história, memória e linguagem concerne à discussão se há ou não semelhança entre passado e presente. Para responder a isso, Gagnebin recorre ao conceito de *mimesis* e de sua extensão à noção de história em Benjamin.

Segundo Gagnebin, como Aristóteles, Benjamin diferencia dois momentos essenciais no processo de *mimesis*: essa atividade não consiste apenas em reconhecer, mas também produzir semelhanças porque reagem àquelas já existentes no mundo. Paradoxalmente, as semelhanças não permanecem as mesmas com o passar dos séculos. Para o pensamento benjaminiano, as semelhanças não existem em si mesmo, numa condição de imutabilidade, de eternidade, mas são descobertas e inventariadas pelo conhecimento, de modo diferente, conforme as épocas.

A tese principal de Benjamin é que a capacidade mimética humana não teria desaparecido para o surgimento de um pensamento abstrato e racional, ela se refugiou e se concentrou na linguagem e na escrita.

Benjamin vai contra uma definição estreita de

semelhança, segundo o qual seria assimilada como reprodução ou definida em termos de identidade, no sentido de que dois objetos são semelhantes, porque apresentam um determinado número de traços iguais. O autor pensa semelhança dissociada de uma comparação entre elementos iguais. Para ele, a atividade mimética não se reduz a uma imitação, pois é uma mediação simbólica. Entre as palavras e as coisas não há uma imitação, mas uma mediação simbólica.

O alcance dessa noção de *mimesis* como mediação simbólica para o conceito de história assinala que o tempo histórico deve ser pensado inseparavelmente da ação política do presente. Gagnebin mostra que a relação entre passado e presente não pode ser analisada com base em um modelo de cronologia linear, pois, nesse caso, passado e presente não estreitariam qualquer ligação mais consistente; nem deve ser vista como uma retomada do passado no presente no modo da simples repetição, pois, agora, não haveria uma transformação do passado.

Nesse sentido, o ressurgimento do passado no presente se processa no momento histórico em que semelhanças entre passado e presente afloram favorecendo uma nova configuração de ambos. No entanto, se há uma retomada do passado, esse nunca é retomado como era, na repetição de um passado idêntico. Ao contrário, ao ressurgir no presente, ele não é o mesmo, se mostra transformado por esse ressurgir. O passado sempre é outro, porém semelhante a si mesmo.

O sentido amplo que Benjamin conferiu ao conceito de *mimesis* e de seu alcance para o conceito de história, tempo passado e tempo presente, faz com que pensemos não numa lógica da identidade, mas da semelhança.

Para exemplificar esse movimento de retorno do passado,

recortamos uma parte da música "Faroeste caboclo", da banda Legião Urbana, sétima faixa do álbum *Que país é este*, de 1987:

[...]

*E João aceitou sua proposta
E num ônibus entrou no Planalto Central
Ele ficou bestificado com a cidade
Saindo da rodoviária, viu as luzes de Natal
"Meu Deus, mas que cidade linda
No Ano-Novo eu começo a trabalhar"
Cortar madeira, aprendiz de carpinteiro
Ganhava cem mil por mês em Taguatinga
Na sexta-feira ia pra zona da cidade
Gastar todo o seu dinheiro de rapaz
trabalhador
E conhecia muita gente interessante
Até um neto bastardo do seu bisavô
Um peruano que vivia na Bolívia
E muitas coisas trazia de lá
Seu nome era Pablo e ele dizia
Que um negócio ele ia começar
E o Santo Cristo até à morte trabalhava
Mas o dinheiro não dava pra ele se alimentar
E ouvia às sete horas o noticiário
Que sempre dizia que o seu ministro ia
ajudar
Mas ele não queria mais conversa
E decidi que, como Pablo, ele ia se virar
Elaborou mais uma vez seu plano santo
E sem ser crucificado a plantação foi
começar
[...]*

Adiantando uma questão a ser tratada mais adiante, Courtine (1999, p. 20) analisa que "o interdiscurso fornece, sob a forma de citação, recitação ou preconstruído, os objetos do discurso em que a enunciação se sustenta". No enunciado de "Faroeste caboclo", podemos observar uma relação de continuidade e descontinuidade entre um passado (memória discursiva religiosa) e presente. A canção sustenta seu sentido na possibilidade de reconhecimento de um discurso

fundador, no caso, a história de vida de Jesus Cristo, narrada nos evangelhos e constantemente repetida em celebrações cristãs. Trata-se da inscrição dessa formulação no fio do discurso, estabelecendo uma continuidade linear que precisa, como dito, ser reconhecida pelos enunciatários. É uma repetição que está, ao mesmo tempo, ausente e presente. No entanto, a partir dessa repetição, instaura-se, por meio do enunciado, outro sentido, indicando uma descontinuidade que conjuga o fragmento do discurso bíblico ("E sem ser crucificado") com a enunciação do discurso do rock.

3.1.2 História, memória e o discurso da mídia

Voltando à relação entre história, memória e linguagem, Le Goff (1996) distingue a *ciência histórica* da *história vivida* pelos homens. O afastamento entre essas duas modalidades de história permite o surgimento da "historiografia", ciência que se destina a estudar a evolução da história como saber científico. De certa forma, essa distinção remonta às duas formas de fazer história praticadas por Heródoto e por Tucídides: se neste a história é tratada como ciência, naquele, ela é tradição, ou se preferir, memória.

O primeiro ponto a observar é que a história como ciência é um saber que necessita de técnicas, de métodos e de ser ensinada. O seu objeto é o passado, e o historiador é colocado não como um investigador da verdade do passado, mas como seu intérprete, condicionado por suas convicções políticas, religiosas, características étnicas e pela situação social.

Em relação a seu objeto, o autor lembra que, atualmente, assistimos a um grande interesse pelo "evento", cujo retorno, como propõe Nora (1995), é um dos novos problemas da história, pois faz renascer a chamada história-testemunho. O renascimento dessa modalidade histórica está relacionado, afirma Le Goff, ao surgimento de jornalistas entre os historiadores e ao desenvolvimento da "história imediata". Paradoxalmente, cresce a crítica dessa história narrada pelo desejo de colocar a explicação no lugar da narração.

Com efeito, podemos pensar que a distância/não-distância entre o acontecimento e sua escrita histórica pode sugerir que os historiadores, voltados aos períodos de longa duração, ao passado, portanto, dispõem de condições, uma vez que estão colocados noutra época, para explicar a realidade, ao passo que os historiadores do tempo presente, dentre os quais se encontram os jornalistas, não, uma vez que o tipo de história que fazem é a história do evento no presente no qual estão inseridos. Se a noção de distância pode interferir no tipo de história que é feita (relato ou explicação), o mesmo não ocorre se substituirmos esse conceito pelo de interpretação para entender que explicar/interpretar não escapa às armadilhas do sentido.

Uma primeira oposição parece se desenhar, então, entre uma escrita calcada na história que é interpretada em um campo científico e uma escrita que se assenta sobre o vivido, que mescla a memória e também a história. Os enunciadores da mídia, ou os que enunciam com as ferramentas midiáticas, seriam esses novos historiadores da história imediata, da memória coletiva.

No entanto, como mostra De Certeau (1982), a história não é somente relato ou explicação. Muito embora, no século

XX, o crescente tecnicismo da ciência história tenha tornado mais difícil ao historiador "misturar relato e explicação" (LE GOFF, 1996, p. 12), há que se considerar sempre uma escrita da história, fato que se observa também quando a mídia se presta a essa função.

Tocamos na questão do tempo, quando falamos em passado e em presente. Essa oposição, a princípio, pode nos levar a considerar o passado como objeto exclusivo da história feita pelos historiadores da longa duração e o presente como exclusivo da história imediata e daquela que se materializa na mídia, incluindo aqui as canções em análise.

A esse respeito, para Le Goff,

o passado depende parcialmente do presente. Toda a história é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, aos seus interesses, o que não é inevitável, como legítimo. Pois que a história é duração, o passado é ao mesmo tempo passado e presente (LE GOFF, 1996, p. 51).

Daí o autor afirmar que o passado não é a história, mas o seu objeto de investigação, com a condição de que, como tal, se configura no discurso da história como uma reconstrução incessantemente posta em causa. Nesse raciocínio, o papel do presente em relação ao passado é o de fazer com que ele sofra uma constante reinterpretação. Uma vez colocado em causa, por um historiador situado em um tempo presente, distante do objeto que constrói, o passado pode ser passível de nossas interpretações. Por isso, a história, como afirma Le Goff, se constitui como sequência de novas leituras do passado, novas construções que conjugam perdas,

ressurreição, falhas da memória e revisões.

O exposto nos leva a indagar as possíveis relações entre prática discursiva histórica e prática discursiva midiática, sobretudo quando essa volta seu olhar para eventos de significância histórica, ou quando aquilo que nela é produzido passa a ser considerado como um documento histórico em dado momento.

Se interrogássemos o que, nessa escrita histórica midiática, está posto em causa, se é o passado ou o presente, se é a história ou a memória, a resposta, respaldada pelos autores aqui nomeados, seria nem somente o passado nem exclusivamente o presente; não apenas a história, tampouco exclusivamente a memória. A análise que Navarro (2004) realiza sobre o discurso da mídia, no contexto dos 500 anos do Brasil, demonstrou que esse tipo de discurso realiza uma espécie de escrita histórica formada de relato e de explicação, que se funda, em grande parte, se não essencialmente, em uma reconstrução do passado, a partir de uma atualidade posta em crítica pelo presente.

A história do presente, promovida na mídia, é, portanto, uma representação social do passado, entrecruzada pela memória e pela história. Se os historiadores, de um lado, se empenham em expurgar o mito de suas narrativas, os enunciadores midiáticos, de outro, fazem-no reviver. Nesse sentido, a história imediata que as peças midiáticas produzem é feita da tensão entre essas duas histórias, a história da memória coletiva e a história dos historiadores.

A análise que aqui fazemos encontra respaldo, também, em Davallon (1999), quando define o que chama de "objetos culturais", a saber: os livros, os jornais impressos e televisivos, as imagens (e as canções, tomamos a liberdade de

incluir) como práticas privilegiadas da síntese entre tradição e cientificidade.

Ainda sobre a relação tensa em história e memória, Le Goff alerta para o fato de que seria desejável que

a informação histórica, fornecida pelos historiadores de ofício, vulgarizada pela escola e pelos "mass media", corrija esta história tradicional falseada. A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros (LE GOFF, 1996, p. 29).

Agora o problema que se apresenta é o de que o plano da história deveria suplantar o do mito, ao qual Le Goff parece dar uma valoração negativa, quando comparado à história dos historiadores. Se a escrita da história pela mídia coloca os seus enunciadores na posição de historiador, mesmo sem o saber e sem as técnicas de que esse profissional dispõe, se concordarmos com Davallon sobre o que ele afirma a respeito do entrecruzamento entre memória e história, que história é essa que se produz nos discursos da mídia? Pelo que argumenta Le Goff é história, mas não no sentido científico do termo, justamente porque conta com um elemento que o cientificismo histórico procura afastar de seus textos: o mito.

O cruzamento da história com a memória (história científica e história de vida, elementos de *logos* e elementos do *mythos*), que parece atravessar constitutivamente os discursos produzidos no interior da prática discursiva midiática, manifesta uma "contradição", no sentido marxista do termo, contradição essa que é produtora de sentidos, uma vez que a mentalidade histórica que se deixa observar nessa prática é caudatária da memória coletiva e da história.

Talvez a saída para o entendimento das canções do rock como documentos-monumentos históricos produzidos pela prática discursiva midiática, tal como concebida aqui, seja considerar os conceitos de "historicidade" e de "acontecimento".

3.1.3 História, historicidade e acontecimento: revoluções de Foucault

Segundo Veyne (1998), a historicidade possibilita que a ciência histórica estude os acontecimentos que ainda não foram reconhecidos como acontecimentos históricos, pois "a todo momento, dão acontecimentos de toda espécie, e o mundo é o de vir a ser" (VEYNE, 1998, p. 37). Vale ressaltar que, ainda segundo Veyne, os acontecimentos se apresentam como um corte que o historiador realiza livremente na realidade, um aglomerado de procedimentos que conjuga substâncias em interação, homens e coisas.

Essa historicidade inscrita nos acontecimentos pressupõe uma desmistificação do conceito de história com H maiúsculo. Para Veyne, essa modalidade de história não existe, somente existe "a história de..." (VEYNE, 1998, p. 34). Em uma passagem, significativa para nossos propósitos, Veyne pondera que, na história, parece existir

um único geometral autêntico: é a História, a história no seu todo, a totalidade de tudo que se passa. Mas esse geometral não é para nós; somente Deus, se é que ele existe, que vê uma pirâmide sob todos os seus ângulos ao mesmo tempo, pode contemplar a História. Existem, pelo contrário,

pequenos geométrais que o próprio Deus não contempla porque só existem em palavras: o potlatch, a Revolução Francesa, a Guerra de 1914 [...] Ora, os "acontecimentos" não são totalidade, mas núcleos de relações (VEYNE, 1998, p. 47).

A propósito dessa questão, Le Goff (1996), apoiando-se em Nora e Verón, mostra que, se de um lado, a mídia, pelo regresso ao acontecimento, criou um novo acontecimento e um novo estatuto de acontecimento histórico, de outro, esse novo acontecimento não escapa à construção de que resultam todos os documentos históricos.

Nesse sentido, por se constituir em uma nova forma de construção dos acontecimentos, essa prática discursiva tem o poder de definir as palavras, o som e as imagens que recolocam, reorganizam e interpretam o passado e o presente, assim como exerce o poder de definir as palavras, o som e as imagens que ficarão na memória. Esse funcionamento da prática midiática parece indicar um dispositivo de produção de identidades, dada a possibilidade de assegurar uma homogeneização do imaginário de uma sociedade.

É o que parece fazer o enunciado da canção "Panamericana", do cantor Lobão, para o álbum *Sob o sol de Parador*, de 1989:

Panamericana

Lobão

<i>Quem são os ditadores</i>	<i>Quem são os Montoneros?</i>
<i>Do Partido Colorado?</i>	<i>Quem são los Tupamaros?</i>
<i>O que é a democracia ao sul</i>	<i>Las madres e abuelitas</i>
<i>Do Equador?</i>	<i>Na Praça de Maio</i>
<i>Quem são os militares ao sul</i>	<i>Em Parador</i>
<i>Da Cordilheira?</i>	<i>Quem são os contra-</i>
<i>Quem são os salvadores do povo</i>	<i>revolucionários</i>
<i>De El Salvador?</i>	<i>De Sandino?</i>
<i>Em Parador</i>	<i>O que é a presidência no</i>
<i>Quem são os assassinos dos</i>	<i>Canal do Panamá?</i>
<i>Índios brasileiros?</i>	<i>Em Parador</i>
<i>Quem são os estrangeiros</i>	<i>[...]</i>
<i>Que financiam o terror?</i>	<i>Quem são os guerrilheiros de</i>
<i>Em Parador</i>	<i>Farrabundo Marti?</i>
<i>Hay que endurecer</i>	<i>Quem são os fuzileiros</i>
<i>Sin perder la ternura</i>	<i>Do M-19?</i>
<i>Hay que endurecer</i>	<i>Quem são os luminosos que</i>
<i>Sin perder la ternura</i>	<i>Acendem o Sendero?</i>
<i>Hay que endurecer</i>	<i>Quem são os para-militares</i>
<i>Sin perder la ternura</i>	<i>Do alti-plano?</i>
<i>Ao sol de Parador</i>	<i>Em Parador</i>
<i>Quem são os índios incas</i>	<i>Quem são os vudanzados que</i>
<i>Que plantam cocaína?</i>	<i>Querem ton ton macutes?</i>
<i>Quem são os traficantes</i>	<i>Quem são os encarnados que</i>
<i>Com armas e gasolina?</i>	<i>Inspiram as falanges?</i>
	<i>Em Parador</i>

Nela, a história recente dos regimes ditatoriais que governaram a América Latina, bem como dos grupos que incitaram a violência nesse continente tece os fios que conferem coerência ao enunciado. Ao perguntar "quem são", o enunciado interpela o seu ouvinte a fazer uma espécie de inscrição no saber histórico dessa região e, com isso, leva-o a um esforço de memória para não se esquecer dos atos desses governantes ou desses guerrilheiros.

Embora não seja feito um relato pormenorizado da situação social e política de cada realidade descrita, nem produzida uma explicação para isso (essa é a função do discurso da história), os versos evocam os diferentes acontecimentos históricos que foram noticiados. Não se trata

de um sujeito que conta o que pesquisou das suas fontes, mas de um sujeito que canta o que viu, por um efeito de acontecência, sendo espetacularizado pelas lentes da mídia (retomaremos essa questão ao final do capítulo cinco).

Na esteira de Le Goff (1996), podemos concluir que o acontecimento produzido pela mídia, em seus diferentes e diversos gêneros discursivos, e o acontecimento produzido pela prática historiográfica são resultados de uma mesma relação, aquela existente entre a história de vida memorial, advinda dos relatos e das experiências, e a história científica cujas bases são os documentos históricos.

Um último ponto a ser destacado sobre a possibilidade de as canções do rock serem documentos-monumentos históricos diz respeito à concepção de história sobre a qual nos fundamentamos.

A revolução que, segundo Veyne, Foucault provocou na história pode elucidar pontos cruciais da discussão que estamos empreendendo neste momento de nossa tese, a começar pela palavra discurso, que, para o filósofo, não significa algo do inconsciente nem alguma coisa relacionada ao sentido:

um termo, o de "discurso", criou muitas confusões, digamos logo que Foucault não é Lacan e também não é semântica; a palavra "discurso" é tomada por Foucault num sentido técnico muito particular e, justamente, não designa o que é dito [...] A intuição inicial de Foucault não é a estrutura, nem o corte, nem o discurso: é a raridade, no sentido latino dessa palavra: os fatos humanos são raros, não estão instalados na plenitude da razão, há um vazio em torno deles para outros fatos que o nosso saber nem imagina (VEYNE, 1998, p. 239).

A análise que Veyne realiza da arqueologia de Foucault coloca em discussão as noções de prática, ideologia, objeto, estrutura e gênese. Para tratar delas, esse autor parte do fato histórico referente à suspensão dos combates de gladiadores durante todo o século IV de nossa era, quando reinavam os imperadores cristãos. Veyne mostra que os combates não cessaram devido ao cristianismo ou a certo humanitarismo. A explicação para isso deve ser buscada

no poder político que se oculta a explicação para a sua supressão, e não no humanitarismo ou na religião. Entretanto, é preciso buscá-la na parte imensa do iceberg "político", pois foi lá que algo mudou, que tornou inimaginável a gladiatura em Bizâncio ou na Idade Média (VEYNE, 1998, p. 242-43).

é preciso desviar os olhos dos objetos naturais para perceber uma certa prática, muito bem datada, que os objetivou sob um aspecto datado como ela (VEYNE, 1998, p. 243).

Assim, não existe, por exemplo, uma coisa chamada "os governados", o "Estado", ou os "trabalhadores", como objeto natural cuja transformação através do tempo teria ocorrido em uma continuidade. O método de Foucault, que privilegia as descontinuidades, solicita que se considere que os governados "podem ser tratados seguindo práticas tão diferentes, de acordo com as épocas, que os ditos governados não têm senão o nome em comum" (VEYNE, 1998, p. 243).

Como podemos observar, o método empregado pela arqueologia derruba a noção de objeto natural, pois o que se tem são objetos que recebem objetivações diferentes por

práticas distintas e em diferentes épocas. Conforme exemplifica Veyne, os governados podem ser disciplinados, tratados como sujeitos jurídicos ou explorados conforme a prática que os objetiva:

Eis as "atitudes" bem diferentes para com o objeto natural "governados", maneiras bem diferentes de tratar "objetivamente" os governados, ou ainda, se preferimos, temos, aí, muitas "ideologias" diferentes de relacionamento com os governados. Digamos: são práticas diferentes, que objetiva, uma, uma população, a outra, uma fauna, a terceira uma horda, etc. (VEYNE, 1998, p. 244).

Mas quais seriam os motivos que fazem com que haja uma transformação no modo de significar as práticas, ou dito de outro modo, o que faz com que uma determinada prática - disciplinar os governados - seja substituída por outra - explorar os governados? Responde o autor:

pelas razões as mais positivas, as mais históricas e quase as mais materialistas do mundo: exatamente pelo mesmo tipo de razões que explica qualquer acontecimento (VEYNE, 1998, p. 247).

Assim, no exemplo da suspensão da gladiatura foi

o conjunto da história (desaparecimento do Senado, nova ética do corpo que não é brinquedo...) que levou a uma mudança de prática política, com duas conseqüências gêmeas: os imperadores tornaram-se, muito naturalmente,

crístãos, já que paternais, e acabaram com a gladiatura, já que paternais (VEYNE, 1998, p. 247-48).

Seguindo o raciocínio do autor, se quisermos ter uma visão de como se dá a prática em relação aos objetos, não devemos partir desses, primeiro, pressupondo-os como objetos naturais e eternos, que se transformariam dentro de uma continuidade (os trabalhadores pressupostos como tal e, daí por diante, procurar entender as práticas discursivas e não discursivas), mas partir das práticas que objetivaram os trabalhadores, ora como massa de homens sem direitos, ora como massa de homens com direitos e deveres.

Essa análise rejeita a ideia de continuidade, pois parte do princípio de que os objetos transformam-se conforme a significação das práticas que os objetivam. Essas práticas, por sua vez, também não são homogêneas, mas heterogêneas e transformam-se de uma época a outra, devido a razões históricas e datadas. Como enuncia Veyne,

A prática não é uma instância misteriosa, um subsolo da história, um motor oculto; é o que fazem as pessoas (a palavra significa exatamente o que diz). Os objetos parecem determinar nossa conduta, mas, primeiramente, nossa prática determina os objetos. Portanto, partamos, antes, dessa própria prática, de tal modo que o objeto ao qual ela se aplique só seja o que é relativamente a ela (VEYNE, 1998, p. 249).

Com base em Foucault, Veyne ensina que não devemos julgar as coisas a partir das palavras, pois elas nos fazem acreditar na existência de coisas, de objetos naturais (governados, Estado etc.). Devemos nos perguntar pelas

práticas que objetivam as coisas. A palavra "governados" não nos diz nada; se acreditarmos nela, seremos levados a concluir na existência de um objeto eterno "governados". No entanto, se considerarmos que há, sob o discurso consciente, uma gramática determinada pelas práticas e gramáticas vizinhas, "governados" terá um ou mais sentidos, conforme as objetivações que lhes conferem as práticas correlatas.

Em vista disso, o autor rejeita a tentativa de explicar as coisas pela ideologia, uma vez que esse termo designa

um estilo nobre e vago, próprio a idealizar as práticas sob pretexto de descrevê-las: é um amplo drapeado, que dissimula os contornos desconhavados e diferentes das práticas reais que se sucedem (VEYNE, 1998, 250-51).

Em outra passagem, afirma que a ideologia interpreta de maneira vaga e nobre certas práticas cruelmente precisas. Ela exaltava o Senado, proclamando que ele é o pai do povo e quer o bem dos governados. Já a proposta de Foucault consiste em ver a prática tal qual ela é realmente, arrancando-lhe sua veste drapeada.

A noção de ideologia não é senão uma confusão gerada por duas operações bem inúteis: um corte e uma banalização. Em nome do materialismo, separa-se a prática da consciência; em nome do objeto natural, não mais se vê um rei-pai precisamente, uma gestão de fluxo precisamente, mas, mais banalmente, o sempiterno governante ou o sempiterno governado. A partir daí, se está reduzido a fazer provir da ideologia toda a precisão, toda a peculiaridade rara e datada da prática; um rei-pai não será nada mais do que o eterno soberano, mas influenciado por uma certa

ideologia religiosa, a do caráter paterno do poder real. O objeto natural é diversificado pelas ideologias sucessivas (VEYNE, 1998, p. 261-62).

Mais adiante, segue argumentando que a proposta do método foucaultiano é a de explicar as transformações não pela doutrina, mas pelas práticas:

Por muito tempo, atribui-se à influência que a doutrina cristã exercia sobre as consciências a desaparecimento dos combates de gladiadores; essa desaparecimento deve-se, na realidade, a uma transformação da prática política, que mudou de significação, as coisas não sendo mais "objetivamente" o que eram (VEYNE, 1998, p. 263).

Outra ideia que impede de considerar a possibilidade de um fazer histórico pautado na descontinuidade é a de gênese, que nada mais é que a atualização de uma estrutura. A esse respeito, Veyne lembra que uma estrutura como a Medicina não existe através dos tempos como continuação de um crescimento; o que existe, em relação a essa estrutura, é um remanejamento do caleidoscópio:

estruturas sucessivas (a medicina no tempo de Moliere, a Clínica:) das quais cada uma tem a sua gênese, que se explica, em parte, pelas transformações da estrutura médica e, em parte, pelas transformações do resto do mundo (VEYNE, 1998, p. 270).

Com essas palavras, o autor retoma a tese foucaultiana

de que os processos discursivos não têm uma origem que se possa determinar, isso porque as práticas são heterogêneas e não evoluem sobre um terreno contínuo. Sabemos que Foucault levanta-se contra o sujeito idealista e contra o objeto natural, pois a sua filosofia é uma filosofia da relação. Sobre isso, Veyne conclui que,

em vez de um mundo feito de sujeitos ou então de objetos e de sua dialética, de um mundo em que a consciência conhece seus objetos de antemão [...] temos um mundo em que a relação é o primitivo: são as estruturas que dão seus rostos objetivos à matéria (VEYNE, 1998, p. 275).

A revolução que Foucault provoca na historiografia francesa e ocidental, também, é a de mostrar que a história é história daquilo que os homens chamam de verdades e de suas lutas em torno dessas verdades. Trata-se, pois, de considerar a existência de um universo inteiramente material, constituído de referentes que são pré-discursivos, ou seja, referentes que se apresentam como virtualidades ainda sem rosto, aos quais práticas diversas, em épocas distintas, engendrarão objetivações sempre diversas.

Analisando o que chama de efeito-Foucault na historiografia, Rago (1995) atenta para o fato de que, para o filósofo, a história não é mais do que um discurso, que também precisa ser "descrito em sua dispersão". Com essa postura, analisa a autora, Foucault desestabiliza a noção que se tinha do passado, como algo pronto, à espera de ser detectado e trazido à tona, graças às ferramentas do materialismo histórico e dialético. Mas não foi só isso que Foucault sacudiu: o seu efeito sobre o discurso da história incidiu sobre a tarefa do historiador, que se viu capturado

em insidiosas armadilhas, uma vez que, a partir dessa forma de conceber a história, o historiador precisa, agora, construir a trama correspondente ao acontecimento.

Como analisa Rago,

os eventos históricos não existem como dados naturais, bem articulados entre si, obedientes às leis históricas e esperando para serem revelados pelo historiador bem munido. Um evento só ganha historicidade na trama em que o historiador concatená-lo, e esta operação só poderá ser feita através de conceitos também eles históricos (RAGO, 1995, p. 73).

A consequência dessa concepção de história pautada na teoria da dispersão e da descontinuidade é que um dado referente não tende a tomar esse ou aquele rosto, sempre o mesmo, a ser objetivado de tal ou qual modo. A história é, portanto, caleidoscópio e não viveiro de plantas.

Em termos discursivos, a análise que se sustenta na arqueologia tem por finalidade descrever aquilo que foi efetivamente dito, mas do ponto de vista da sua existência. Como propõe Foucault (2007), ela visa descrever as "modalidades de existência" e definir um conjunto de "condições de existência". Desse modo, a análise não interroga o que as práticas discursivas escondem, o não-dito que elas recobrem ou as imagens e os fantasmas que nelas habitam; a análise arqueológica propõe outra questão: segundo quais regras as práticas existem, de que acúmulo e de que raridade são feitas? É, pois, de aspectos de natureza discursiva que trataremos na segunda e última parte deste capítulo.

3.2 História e memória em perspectiva discursiva

Ao traçar o percurso histórico sobre a Análise do Discurso, em torno da figura de Michel Pêcheux, Maldidier (2003) destaca que seu fundador sempre pensou sua disciplina na tensão entre história e linguística. Para tanto, propôs uma reorganização dos conceitos desses dois campos, pois considerava que as análises discursivas não podiam funcionar como uma metalinguística de descrições intra ou interdiscursivas. Trata-se, pois, de uma descrição que deveria contemplar o complexo entrelaçamento destas três ordens: sintaxe, léxico e enunciação.

A partir dos anos 1980, transforma-se a noção de *corpus*, pois a antiga concepção de condições de produção estáveis e homogêneas, que vinha determinando aquilo que pode e deve dizer, estava invalidada. A consideração do campo discursivo, que abarca, como sabemos, a imensa circulação dos enunciados, reavivou a constituição de *corpora* mais abrangentes, permitindo, assim, o relacionamento de sequências discursivas singulares com seus feixes de memória.

Esse postulado, segundo o que analisa a autora, é o que sustenta o projeto "Leitura e memória", de Pêcheux, cuja proposta tinha por finalidade estudar as evidências do interdiscurso na análise linguística. O conceito de interdiscurso, que dá ancoragem histórica a essa análise é revitalizado pelo reencontro com a memória, uma vez que o conjunto sociohistórico de traços discursivos que constituem o espaço da memória está explicitamente assimilado ao interdiscurso.

Retomando Foucault, Maingueneau (1998) afirma que certos

tipos de discursos têm uma relação privilegiada com a memória: os discursos literários, religiosos, jurídicos estariam, segundo o autor, destinados a suscitar palavras que os retornam, os transformam ou falam deles.

Essa premissa de que os discursos possuem vestígios da memória de outros discursos leva a Análise do Discurso a considerar o primado do interdiscurso, e o ganho que as análises de discurso tiveram com o uso dessa noção deve-se às análises de Foucault (2007) sobre as regras de formação dos discursos.

A noção de "memória discursiva" aparece de modo inaugural nos trabalhos de Courtine (1981) sobre os discursos comunista e cristão. Ao retomar a orientação de Foucault quanto à possibilidade de os enunciados terem um "domínio associado", Courtine analisa que esse domínio associado consiste em uma "rede de formulações" nas quais o enunciado se insere e se constitui em elemento. Com isso, o autor introduz a noção de memória discursiva na análise do discurso político. Segundo Courtine, tal noção estaria pressuposta na descrição das formações discursivas feitas em *A arqueologia do saber*, tendo em vista que Foucault assevera que qualquer formulação tem, em seu domínio associado, outras formulações, que são repetidas, refutadas, transformadas ou denegadas. Courtine lembra ainda que, para Foucault, em relação a esse campo associativo, os enunciados produzem efeitos de memória específicos

Ainda segundo Courtine, a introdução da noção de memória discursiva nas análises de discurso promove a articulação da Análise do Discurso com as formas contemporâneas da pesquisa histórica

Pêcheux inicia seu pequeno texto sobre o papel da

memória lembrando que a questão do funcionamento da memória permite a abordagem das condições (mecanismos, processos) nas quais determinado acontecimento histórico pode vir a se inscrever na continuidade interna, "no espaço potencial de coerência próprio a uma memória" (PÊCHEUX, 1999, p. 50). Parte, assim, de uma concepção de memória que se afasta do sentido diretamente psicologista da memória individual para se aproximar de uma noção que abarca o entrecruzamento da memória mítica, da memória social inscrita em práticas e da memória produzida pelos historiadores.

A respeito da análise de Davallon (1999), a qual faremos alusão mais adiante, Pêcheux pondera que a

negociação entre o choque de um acontecimento histórico singular e o dispositivo complexo de uma memória poderia bem, com efeito, colocar em jogo a nível crucial uma passagem do *visível* ao *nomeado*, na qual a imagem seria um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar: tocamos aqui o efeito de repetição e de reconhecimento que faz da imagem como que a recitação de um mito (PÊCHEUX, 1999, p. 51).

Nesse sentido, tal problemática toca em um ponto crucial aos analistas de discurso, que diz respeito à memória como estruturação de materialidades discursivas complexas. A memória funciona dialeticamente como repetição e regularização:

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os "implícitos" (quer dizer, mais

tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita. A questão é saber onde residem esses famosos implícitos, que estão "ausentes por sua presença" na leitura da seqüência: estão eles disponíveis na memória discursiva como em um fundo de gaveta, um registro oculto? (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Pêcheux alerta também para a existência de um jogo de forças no choque entre a memória e o acontecimento. Um primeiro jogo visaria manter certa regularização preexistente com os implícitos que a memória veicula, de tal sorte que a estabilização parafrástica negociaria a integração do acontecimento, até absorvê-lo e, eventualmente, dissolvê-lo. Na contramão desse funcionamento, operaria outro jogo de força, que desregula a memória, perturbando, assim, a rede dos implícitos.

Davallon (1999) esboça uma reflexão sobre os objetos culturais (livros, escritos, imagens) que exercem a função daquilo que denomina "operadores de memória social". Tais objetos trabalham no sentido de entrecruzar memória coletiva (lembrança, conservação do passado, foco de tradição, monumento de reminiscência) e história (quadro dos acontecimentos, conhecimento, documento histórico).

Para argumentar a favor dessa operação, Davallon analisa a representação televisionada de posses de presidentes, e, de saída, formula a seguinte questão: registrar, descrever e representar a realidade (saber ou acontecimentos) é suficiente para produzir memória? Ou, a partir de quando e do que um acontecimento constitui memória?

Em primeiro lugar, diz Davallon, para que haja memória, é necessário que a realidade (saber ou acontecimento) saia da

insignificância, da indiferença e que conserve uma força para que possa, posteriormente, fazer impressão. E é essa possibilidade que o termo lembrança evoca. Portanto, um acontecimento, para ser lembrado, precisa ter relevância e poder de impressão.

Uma segunda constatação complementa:

lembrar um acontecimento ou um saber não é forçosamente mobilizar e fazer jogar uma memória social. Há necessidade que o acontecimento lembrado reencontre uma vivacidade; e sobretudo, é preciso que ele seja reconstituído a partir de dados e noções comuns aos diferentes membros da comunidade social (DAVALLON, 1999, p. 25).

Eis o que é memória coletiva: a reconstrução de um acontecimento a partir de dados e de noções de dimensão intersubjetiva. Apoiando-se em Halbwachs, Davallon assinala a diferença entre memória coletiva e memória histórica, sendo a primeira definida como "foco da tradição", a segunda como "quadro dos acontecimentos"; assim, uma é lembrança e outra, conhecimento.

Evocando a emissão televisionada que representa a posse do Presidente da República, Davallon conclui que os objetos culturais (no caso a imagem televisiva) caminham no sentido não de um antagonismo, mas de uma conjunção, de um entrecruzamento, de uma síntese entre a memória coletiva e histórica. E como isso ocorre, qual é o seu instrumento?

O acontecimento - no caso, a cerimônia do Panteão -, por ser "representado" tomará o valor de uma espécie de ponto originário da comunidade social:

o acontecimento se dará em um momento singular do tempo; mas a essência do ato se encontrará para sempre na própria estrutura do objeto que o representará (a emissão televisionada, por exemplo). Ele se tornará indissociavelmente documento histórico e monumento de recordação (DAVALLON, 1999, p. 26)

Se estendêssemos semelhante compreensão ao nosso *corpus*, poderíamos compreendê-lo da seguinte forma: o efeito de resistência e a produção de identidades são dois acontecimentos discursivos que emergem na própria estrutura que os representa, ou seja, nas canções do rock. No contexto de produção, assim, como de sua retomada e de sua atualização, esses dois acontecimentos se tornam documento histórico e monumento de recordação.

O autor levanta a hipótese de que os objetos culturais, no caso as imagens televisivas, abrem a possibilidade de um controle da memória social, e isso se deve porque a imagem "representa a realidade, certamente; mas ela pode também conservar a força das relações sociais (e fará então impressão sobre o espectador)" (DAVALLON, 1999, p. 27).

Referindo-se à publicidade, o autor analisa que esse gênero faz uso da imagem em complementaridade com o verbal para apresentar as qualidades e as vantagens de um produto e para conduzir o leitor a se recordar de suas qualidades. Acrescenta, também, que esse uso tem por finalidade levar o espectador a se posicionar no grupo social dos consumidores desse produto, a se situar e a se representar nesse lugar. Observa, nisso, "a eficácia da imagem em poder se inscrever em uma problemática da memória societal" (DAVALLON, 1999, p. 28).

Essa eficácia simbólica, se possibilita, de um lado, uma

liberdade de interpretação - o conteúdo legível ou visível da imagem pode variar conforme as leituras - de outro, faz com que a imagem comporte um programa de leitura, uma vez que assinalaria, segundo o autor, certo lugar ao espectador. A partir disso, podemos indagar o fundamento da eficácia simbólica da imagem, ao que Davallon responde citando Benveniste (1969), segundo o qual existem dois modos de significação: um semiótico, que está ancorado no reconhecimento de unidades de significação - podemos reconhecer o sentido das palavras -, outro semântico, fundado sobre a compreensão do sentido do texto em sua totalidade - compreensão do conjunto -, que inclui os mecanismos de enunciação. Para Benveniste, a imagem funciona, antes de tudo, sob o modo semântico: a imagem depende de uma abordagem textual.

Os aspectos semântico e simbólico assegurariam à imagem, portanto, o poder de funcionar como operador da memória social: ela define posições de leitor abstrato que o espectador concreto é convidado a vir ocupar, a fim de poder dar sentido ao que tem diante dos olhos. Isso permite, de certa maneira, uma comunidade, um acordo de olhares, uma vez que a imagem colocaria a presença de outros espectadores possíveis tendo o mesmo ponto de vista.

Os estudos de Gregolin (2000; 2001b; 2003a; 2006) inserem-se nessa problemática da história e da memória, considerando-a de um ponto de vista discursivo, que é respaldado pela filosofia de Michel Foucault. Com base nesse aporte teórico, autora elucida pontos cruciais para a compreensão dos efeitos da inscrição da memória em práticas discursivas que determinam os sentidos vinculados aos textos da mídia.

Para analisar a relação entre sentido, sujeito e memória, a autora (2001b) parte do texto *Lição sobre a água*, de Antônio Gedeão. Em sua análise, destaca a força do comentário, no sentido que é dado por Foucault (1995b), de promover uma espécie de retorno incessante a certos textos que se conservam na memória de uma cultura. Nessa análise, segundo Gregolin, o que opera a passagem do discurso científico, que enuncia as propriedades genéricas da água, ao discurso literário é a remissão ao texto "Hamlet", de Shakespeare, que exerce, no caso, a função de discurso fundador.

Segundo Gregolin,

Ao enunciar: *Foi nesse líquido...* a água já não é mais a água objeto-da-memória-científica e sim a água-objeto-da-memória literária. Um objeto que recorta, no infinito campo dos enunciados efetivamente formulados, um conjunto de enunciados delimitados por uma voz de autoria, por uma obra (Shakespeare), e, inscrito na memória discursiva, possibilita os movimentos de retorno, as repetições e deslocamentos (GREGOLIN, 2001b, p. 68-9).

Mais que uma simples recitação, a autora pondera que a repetição de discursos fundadores aponta para a cultura política de uma época, pois o trabalho de remontar aos arquivos e de produzir os enunciados, nessas redes de memória, evidencia o modo como os sujeitos, no exercício da autoria, interpretam a forma como a sociedade se representa.

No item 3.1.1 deste capítulo, vimos que, para Santo Agostinho, o tempo e a memória não são aprendidos pelos acontecimentos ocorridos, mas pelas palavras concebidas pelas

imagens daqueles fatos. De um ponto de vista discursivo, respaldado pela filosofia de Foucault, os objetos culturais que uma sociedade produz para apreender tempo podem indicar processos disciplinares por vezes dissimulados.

É o que mostra Gregolin (2003a), ao analisar o "relógio dos 500 anos", criado por Hans Doner, para fazer a contagem regressiva das comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil. Instalado nas capitais brasileiras, esse símbolo, segundo a autora, inaugurou uma nova temporalidade marcada por uma espécie de disciplinarização dos corpos, à semelhança do que analisa Foucault.

Apoiando-se na tese foucaultiana de que o poder está, essencialmente, ligado ao corpo, pois é sobre ele que pesam as obrigações, as limitações e as proibições, Gregolin conclui que

a disciplina organiza o tempo, com conseqüente controle e regulamentação sobre os ciclos da repetição. O ritmo da atividade é mais importante que os horários, pois estes são impostos de fora sobre os corpos. Organiza-se o império da regularidade, do ritmo, pois "é proibido perder tempo", já que "tempo é dinheiro" [...] O tempo, assim, não é próprio, individual, mas coletivizado pelo sistema de controle e a ele subordinam-se os corpos (GREGOLIN, 2003a, p. 100).

Assim, a instalação do relógio nos espaços urbanos instituiu uma nova temporalidade, que não é mais aquela do tempo do trabalho, mas a do tempo da espera pelo dia das comemorações oficiais. Tomando a liberdade de acrescentar a essa análise as reflexões de Davallon (1999), podemos considerar a eficácia semântica e simbólica da imagem de um

tempo de espera que o relógio produziu, criando, com isso, "a materialização do tempo fluindo diante dos nossos olhos" e, assim, concretizando "o intangível escorrer do tempo" (GREGOLIN, 2003a, p. 106-07).

Analisando, também, esse símbolo das comemorações dos 500 anos, Barbosa (2004) considera que se trata de um exemplo de apego ao mito e à tradição, por isso, analisa-o como um lugar de memória, em virtude de ser uma construção semântica e simbólica dos 500 anos. O funcionamento da memória que nele se inscreve visa lembrar a idade da nação, repetindo a memória da conquista do continente pelos navegadores portugueses, levando a sociedade a um esforço de comemoração e de perpetuação dessa memória dominante.

Em outra discussão fomentada pela problemática exposta ao longo deste capítulo, Gregolin (2000) volta seu olhar para o esforço que as sociedades empreendem na reconfiguração do tempo pretérito, atentando para o papel que os discursos da mídia exercem na compreensão do passado e na sua restauração para a posteridade. Valendo-se da distinção entre narrativa mítica e narrativa histórica, feita por Vidal-Naquet, a autora considera que a memória social que é alinhavada pelos textos da mídia "constrói-se no meio termo entre a atemporalidade do mítico e a forte cronologia do histórico" (GREGOLIN, 2000, p. 21).

Dentre os textos que manifestam esse entrecruzamento, está a imagem, cujo poder possibilita o retorno do passado na atualidade, provocando, portanto, a sua emergência na memória do presente:

A imagem traz discursos que estão em outros lugares e que voltam sob a forma de remissões, de

retomadas e de efeitos de paráfrases [...] Devido a esse estatuto icônico e heterogêneo, a construção de sentidos nos textos da mídia deve ser analisada por meio das relações entre um trajeto temático, sua materialidade textual e os movimentos de interpretação contemporânea do histórico (GREGOLIN, 2000, p. 22).

Essa análise que busca compreender, em materialidades discursivas midiáticas, as formas que uma sociedade emprega para interpretar a história

pode estabelecer vínculos entre a memória discursiva e a atualização de temas que estão constantemente sendo recolocados nos textos que circulam em um dado momento histórico (GREGOLIN, 2000, p. 22).

Em outro texto significativo para os nossos propósitos, Gregolin (2006) assevera que não se pode perder de vista que a emergência dos discursos acontece no interior de redes enunciativas. Por conta disso, o objeto da teoria do discurso "deve ser essa interdiscursividade, as redes de memórias que produzem os sentidos em um momento histórico" (GREGOLIN, 2006, p. 32).

E é, justamente, com base nessa orientação discursiva de compreensão de fatos de discursos, sobre os quais incidem elementos da memória social, concebida tal como expõe a autora, que analisamos a série enunciativa recortada do arquivo sobre as canções do rock nacional.

Feita essa discussão sobre história, memória e linguagem, no capítulo seguinte, vamos refletir sobre a identidade enunciativa do sujeito do rock, atentando para

elementos discursivos que apontam para as regras de formação de um discurso de resistência, de contestação e de denúncia.

IV - O SUJEITO DO ROCK: "HERÓIS DA RESISTÊNCIA?"

*Beberam o meu sangue e não me deixam viver
Têm o meu destino pronto e não me deixam escolher
Vêm falar de liberdade pra depois me prender
Pedem identidade pra depois me bater
Tiram todas as minhas armas
Como posso me defender?
Vocês venceram essa batalha
Quanto à guerra,
vamos ver.
O reggae (Legião Urbana)*

As reflexões realizadas ao final do capítulo dois sobre as relações de poder nos levam a considerar a questão da resistência como efeito de discurso das canções do rock aqui analisadas. Como ensina Foucault, "onde há poder, há sempre resistência, sendo um co-extensivo ao outro" (FOUCAULT, 1999, p. 337). Assim, é preciso considerar que ela está sempre presente, configura-se como o grito do descontentamento, anunciando o exercício da liberdade. Nessa perspectiva, procuramos discutir alguns pontos que possam indicar uma compreensão do que vem a ser resistência, atentando para aspectos definidores da identidade, em especial dos sujeitos que falam nos enunciados do rock.

A finalidade deste capítulo é tecer considerações sobre o sujeito que fala no interior do conjunto de enunciados recortados dessa produção artístico-cultural, atentando para o fato de que esse enunciador, por meio das letras, procura fazer resistência ao poder exercido pelo Estado, incluindo instituições como a igreja, a família e a polícia. Vale ressaltar que, embora no âmbito teórico em que nossa pesquisa

se assenta, o poder não é visto somente como algo localizado em determinados "aparelhos ideológicos de Estado" (ALTHUSSER, 1985), uma vez que ele se exerce em níveis e em pontos diferentes da sociedade, configurando uma rede complexa de micropoderes, nos enunciados das canções o sujeito que neles fala vê essas instituições como pólos localizados do poder. Essa visão do poder como algo que se materializa em determinados aparelhos ideológicos configura-se, em nosso *corpus*, como uma regularidade, que aponta para uma visão de mundo representada nos enunciados. Nos termos de Bourdieu (2004; 2006), essa visão do Estado e das Instituições como lugares onde o poder é exclusivamente exercido ancora-se em princípios de "visão e divisão do mundo social". Do ponto de vista discursivo aqui adotado, tais princípios mantêm a produção e reprodução de um conjunto de pares de oposição binária, do tipo forte/fraco, dominante/dominado, aquele que detém o poder/aquele que não detém o poder, bom/ruim e assim por diante.

Esse é o funcionamento discursivo que se manifesta no enunciado da canção "Proteção", da banda Plebe Rude, segunda faixa do álbum *O concreto já rachou*, de 1985:

Proteção

Plebe Rude

Será verdade, será que não
 nada do que posso falar
 e tudo isso pra sua proteção
 nada do que eu posso falar
 A PM na rua, a guarda nacional
 nosso medo, suas armas, a coisa
 não tá mal
 a instituição esta aí para a
 nossa proteção
 Pra a sua proteção
 Tanques lá fora, exército de
 plantão
 apontados aqui pro interior
 e tudo isso para sua proteção
 pro governo poder se impor
 A PM na rua, nosso medo de viver
 um consolo é que eles vão me
 proteger
 a única pergunta é: me proteger
 do que?
 Sou uma minoria mas pelo menos
 falo o que quero apesar da
 repressão
 Tropas de choque, PM's armados
 mantêm o povo no seu lugar

Mas logo é preso, ideologias
 marcadas
 se alguém quiser se rebelar
 Oposição reprimida, radicais
 calados
 toda a angústia do povo é
 silenciada
 Tudo pra manter a boa imagem do
 Estado!
 Sou uma minoria mas pelo menos
 falo o que quero apesar da
 repressão
 Armas polidas, os canos se
 esquentam
 esperando a sua função
 exército bravo e o governo
 lamenta
 que o povo aprendeu a dizer não
 Até quando o Brasil vai poder
 suportar?
 Código penal não deixa o povo
 rebelar
 Autarquia baseados em armas não
 dá
 E tudo isso é para a sua
 segurança
 Para a sua segurança

Há todo um saber que torna possível a compreensão dos efeitos de sentido desse enunciado: são as experiências vividas pela sociedade, sob o comando e a censura de governos autoritários e de instituições, como a polícia, aqui descrita como um agente que reprime, vigia e pune. Em outros termos, observamos a maneira como a memória aciona essas condições de produção.

O efeito de resistência, aqui, consiste num processo de divisão e de rejeição: o enunciado centra-se em duas personagens com interesses e ações políticas distintas. De um lado, encontra-se a polícia, designada como "PM", com o

objetivo de manter a ordem e a "boa imagem do Estado", pelo uso da força ("Armas polidas, os canos se esquentam esperando a sua função"), de outro lado, o "povo", a "oposição", a "minoria", o "Brasil". Ao estabelecer essa divisão, o enunciado rejeita a suposta "Proteção": "um consolo é que eles vão me proteger. A única pergunta é: me proteger do que?". A aparente contradição no título dado à música sintetiza o tom irônico com o qual o sujeito se vale para fazer sua denúncia e seu protesto.

Para a análise dos efeitos de resistência nos enunciados, num primeiro momento percorremos um caminho que contempla discussões já realizadas sobre o "herói ordinário" (DE CERTEAU, 1994) e o "anti-herói" (DAMATTA, 1997; CANDIDO, 1970), com o intuito de compreender aspectos históricos e sociológicos da questão da resistência. Na sequência, voltamos nossa atenção para o sujeito que fala nos enunciados, na tentativa de compreender o funcionamento discursivo da resistência como um efeito do discurso do rock nacional.

Registramos, de início, que a retomada dessas discussões não indica que o sujeito das canções analisadas se apresenta como um herói ordinário ou como um anti-herói. O que nos interessa das reflexões de De Certeau, DaMatta e Candido é o modo como eles veem, nas práticas discursivas cotidianas, o exercício da resistência ao poder.

Uma das hipóteses levantadas na introdução desta tese é a de que os enunciados analisados constroem a identidade do sujeito das canções, a partir de um lugar de fala determinado por aquilo que podemos caracterizar como um "entre-lugar", que fica entre o herói ordinário e o anti-herói, resultando disso uma identidade ambivalente, cuja constituição se dá no

entremeio da ordem e da desordem.

A partir das análises realizadas podemos refinar essa hipótese: os sujeitos que enunciam por meio das canções, bem como os jovens adeptos delas vivem a "abertura política" e a "espetacularização" da luta armada na mídia. Com isso, o que se observa é uma espécie de revisão da história brasileira sendo feita pela mídia, tal como procuramos expor no terceiro capítulo, o que acarreta, no contexto de produção e de retomada desse discurso, uma mudança na figura desse herói: se nos anos 1960 e 1970 esse jovem constituía-se ou era representado como o herói da resistência armada, agora ele se apresenta como aquele tipo de homem-memória dessa resistência, espetacularizada pela mídia.

A título de ilustração, consideremos o enunciado da música "Terra de gigantes", da banda Engenheiros do Hawaii, segundo faixa do álbum *A Revolta dos Dândis*, de 1987:

Terra de gigantes

	Engenheiros do Hawaii
Hey, mãe!	A cara limpa
Eu tenho uma guitarra elétrica	A roupa suja
Durante muito tempo isso foi tudo	Esperando que o tempo mude
Que eu queria ter	Nessa terra de gigantes
Mas, hey, mãe!	tudo isso já foi dito antes
Alguma coisa ficou pra trás	A juventude é uma banda
Antigamente eu sabia exatamente o que fazer	Numa propaganda de refrigerantes
Hey, mãe!	
Tenho uns amigos tocando comigo	Hey, mãe!
Eles são legais, além do mais,	Eu já não esquento a cabeça
Não querem nem saber	Durante muito tempo isso foi
Mas agora lá fora,	Só o que eu podia fazer
O mundo todo é uma ilha	Mas, hey, mãe!
A milhas e milhas e milhas de qualquer lugar	Por mais que a gente cresça
Nessa terra de gigantes	Há sempre coisas que a gente
Eu sei já ouvimos tudo isso antes	Não pode entender
A juventude é uma banda	Por isso
Numa propaganda de refrigerantes	Só me acorda quando o sol
As revistas	tiver se posto
As revoltas	Eu não quero ver meu rosto
As conquistas da juventude	Antes de anoitecer
São heranças	Pois agora lá fora
São motivos	todo mundo é uma ilha
Pr'as mudanças de atitude	A milhas e milhas e milhas...
Os discos	Nessa terra de gigantes
As danças	Que trocam vidas por diamantes
Os riscos da juventude	A juventude é uma banda
	Numa propaganda de refrigerantes

Apesar do efeito de amargura e de desilusão vinculado à letra, o sujeito se inscreve na memória social da geração que moveu a chamada Contracultura, tal como deixam entrever as seguintes sequências enunciativas:

As revistas
 As revoltas
 As conquistas da juventude
 São heranças
 São motivos
 Pr'as mudanças de atitude

Os discos
As danças
Os riscos da juventude
A cara limpa
A roupa suja
Esperando que o tempo mude
Nessa terra de gigantes

O tom nostálgico recobre o enunciado, definindo o sujeito como alguém que se queixa de sua geração parecer se acomodar diante da conjuntura em que vive:

Alguma coisa ficou pra trás
Antigamente eu sabia exatamente o que fazer
Hey, mãe!
Tenho uns amigos tocando comigo
Eles são legais, além do mais,
Não querem nem saber
Mas agora lá fora,
O mundo todo é uma ilha
A milhas e milhas e milhas de qualquer lugar
Nessa terra de gigantes
Eu sei já ouvimos tudo isso antes

Contudo, ao fazer alusão à geração da Contracultura, dada a posição de sujeito e a memória que o enunciado convoca, evidencia-se a importância que o discurso do rock atribui à herança que o processo contracultural construiu e, de certa forma, instaurou no imaginário dos jovens dos anos 1968 em diante.

Segundo Foucault, nos pontos de resistência também acontece grande transitoriedade e mobilidade, propiciando, tanto no campo social quanto nos sujeitos, deslocamentos que permitem outros reagrupamentos, remodelando-os. Ao analisar a relação entre sujeito e poder, o filósofo afirma que

não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual, toda relação de poder implica, então, pelo menos de modo virtual, uma estratégia de luta [...] em suma, toda estratégia de confronto sonha em tornar-se relação de poder, e toda relação de poder inclina-se, tanto ao seguir sua própria linha de desenvolvimento quanto ao se deparar com resistências frontais, a tornar-se estratégia vencedora (FOUCAULT, 1995a, p. 248).

As palavras de Foucault autorizam-nos a conceber a resistência como um movimento de reação no modo como os sujeitos se relacionam com seu corpo, com as regras e com os regimes de verdade instituídos na sociedade. Nessa direção, podemos localizar o estudo de De Certeau (1994) sobre a fabricação do cotidiano. Nessa obra, De Certeau toma como objeto de investigação as práticas cotidianas, concebendo-as, logo de início, como espaço de uma criatividade cotidiana que não se rende às redes de vigilância generalizadas.

4.1 Práticas cotidianas de resistência: o herói ordinário

Partindo do estudo de Foucault sobre os dispositivos disciplinadores dos corpos que configuram uma microfísica do poder, De Certeau considera que, apesar de a rede de vigilância se estender por toda a parte, uma sociedade inteira não se reduz a ela. Trata-se de uma análise da resistência às relações de poder, para cuja realização é preciso descobrir.

que procedimentos populares (também "minúsculos"

e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim, que "maneiras de fazer" formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou "dominados"?), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política (DE CERTEAU, 1994, p. 41).

De Certeau posiciona-se contrariamente à tese de que o consumo das ideias, valores e produtos pelos anônimos sujeitos do cotidiano seja uma prática passiva, uniforme, feita de puro conformismo às imposições do mercado e dos poderes sociais. Para ele, no consumo dos bens culturais e materiais, existem sempre apropriações e ressignificações imprevisíveis, incontrolláveis, modificadoras de pretensões previstas na origem, no planejamento, na idealização das coisas.

Para Souza Filho (2009), as análises de Michel De Certeau revelam, no rumor da vida coletiva e sob a realidade massiva dos poderes e das instituições, as "microrresistências" que fundam "microliberdades". Microrresistências mobilizadoras de recursos inimagináveis, escondidos em gente simples, comum. Recursos ocultos muitas vezes bem debaixo do nariz do poder, dando força à massa anônima e a sua subversão silenciosa. Gente agindo como toupeiras, minando os edifícios bem instalados da moral e da lei, sem objetivos políticos determinados.

No projeto de análise das práticas cotidianas empreendido por De Certeau, figura uma personagem central: o herói ordinário - sujeito anônimo das práticas cotidianas de resistência, poderíamos assim concluir.

Chamado 'Cada um' (nome que trai a ausência de nome), este anti-herói é também Ninguém, Nemo, da mesma forma que o Everyman inglês se torna Nobody ou o Jedermann alemão se torna Niedmand. É sempre o outro sem responsabilidades próprias [...] Esta personagem geral (todo o mundo e ninguém) tem como papel dizer uma relação universal das ilusórias e loucas produções escritas com a morte, lei do outro (DE CERTEAU, 1994, p. 60).

O autor avança em sua análise, buscando em Freud e Michelet subsídios para a compreensão do que pode fabricar com suas artes de fazer esse herói anônimo. Em relação ao discurso, esse sujeito, segundo De Certeau, aparece como princípio de totalização e de reconhecimento. Em *Mal-estar da civilização*, de Freud, o homem ordinário é o locutor e o ponto de junção entre o sábio e o comum. Assim, o

enfoque da cultura começa quando o homem ordinário se torna o narrador, quando define o lugar (comum) do discurso e o espaço (anônimo) de seu desenvolvimento (DE CERTEAU, 1994, p. 63).

Dentre as análises de De Certeau sobre as práticas cotidianas, destacamos os relatos de milagres, concebidos pelo autor como um tipo de "arte" brasileira. Tais relatos seriam como cantos não de sublevação, mas de constatação de uma permanente repressão. Os crentes que os entoam desfazem a fatalidade da ordem estabelecida, utilizando um quadro de referência que vem de um poder externo, no caso a religião imposta pelos missionários. Trata-se de um uso popular da religião que modifica o próprio funcionamento religioso, constituindo-se, desse modo, em um canto de resistência.

A citação a seguir resume a definição de prática

cotidiana de resistência, bem como serve de ancoragem para as reflexões que aqui realizamos sobre os efeitos de resistência produzidos nas séries de enunciados que compõem nosso quadro enunciativo sobre o rock brasileiro:

Mil maneiras de jogar/desfazer o jogo do outro, ou seja, o espaço instituído por outros, caracterizam a atividade, sutil, tenaz, resistente, de grupos que, por não ter um próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas. Tem que "fazer com". Nesses estratégias de combatentes existe uma arte dos golpes, dos lances. Um prazer em alterar as regras de espaço opressor (DE CERTEAU, 1994, p. 79).

No capítulo destinado às análises, retomamos essa questão, em especial no item 5.2, quando analisamos as canções "Igreja", "Catedral", "Mão católica" e "Eu agradeço".

4.2 A malandragem como prática de resistência: o anti-herói entre a ordem e desordem

A análise que Souza (2007) faz da *Ópera do malandro*, de Chico Buarque, nos forneceu um caminho para a compreensão de aspectos sociológicos que definem a prática da malandragem. Esse autor busca em Gilberto Freyre, Roberto DaMatta e Antonio Candido elementos para a caracterização dessa prática no texto de Buarque. Tal é o caminho que procuramos reconstituir, guiados pelas reflexões de Souza, dada a importância de seu estudo para a nossa pesquisa.

Em *Casa-Grande & Senzala*, ao retomar a temática racial sob o ponto de vista teórico da antropologia cultural norte-americana, Freyre (1992) aponta a mestiçagem como fator de formação da nacionalidade brasileira, em detrimento de uma postura crítica advinda da visão aristocrática e hegemônica que vigorou até meados do século XX. O elogio da mestiçagem, empreendido por Freyre, contribuiu para deixar marcas no processo de legitimação de práticas populares constituintes do cotidiano do país que começavam a se estabelecer como expressões da cultura brasileira. Assim, a mestiçagem e a mistura de classes sociais proporcionaram tipos como o mulato, cuja manha, astúcia, ligeireza e espontaneidade individual seriam marcas que se estabeleceram em práticas como a do futebol. Freyre aponta, ainda, como característica da índole mestiça, a emotividade e a impulsividade, o que o autor credita ao sangue africano componente da raça da qual o mulato seria a síntese.

O estudo de um tipo social que parece sintetizar a figura do herói e a do malandro é desenvolvido por DaMatta (1997) em *Carnavais, Malandro e heróis*, texto no qual podemos encontrar o perfil do malandro em um dos mais comuns heróis de nossas letras populares: Pedro Malazartes, definido por DaMatta como o arquétipo do malandro que, nas letras populares, se realiza como herói. O autor vê o jogo indivíduo/sociedade por um prisma dialético e propõe a resolução desse jogo através de uma análise das implicações históricas. Supõe que as situações onde há ações coletivas apresentem um tipo de "ator" que vive determinado papel padrão dentro da coletividade. Assim é, por exemplo, que os heróis se estratificam e se caracterizam ou não, enquanto tipos sociais e/ou literários. Cada sociedade possuiria um modelo de herói que encerraria a realização coletiva de um desejo, de um projeto, de um contentamento ou de um

descontentamento coletivo.

Estudando o caso norte-americano, DaMatta analisa o grande sucesso de John Doe, personagem cinematográfica dos anos 30. Segundo o autor, essa realização coletiva de um desejo está intimamente relacionada a um universo individualista cujo centro é o padrão igualitário pelo qual anseia a classe média americana. John Doe seria o paradigma do grande desejo americano, motor ideológico em busca de um igualitarismo, diferente das sociedades onde as fronteiras sociais hierarquicamente demarcadas são causadoras de um mal-estar coletivo, devendo ser esse o caso do Brasil. É por esse caminho que DaMatta nos conduz à figura do malandro, herói que, por conta de um cenário social em desacordo, se realiza não na banalidade do descontentamento, mas na superação ou tentativa de superação de uma condição que, se não chega a ser negada, pressupõe uma determinada mudança social. Como sintetiza esse antropólogo,

Nosso padrão de herói está muito mais próximo a tipos como o Conde de Monte Cristo, personagem paradigmático do desmascaramento e da vingança, ato que sustenta, racionaliza, legitima e torna atraentes todos os nossos heróis verdadeiramente populares [...]. A promessa geralmente contida nos nossos dramas raramente é feita da conquista da felicidade com os recursos e posições possuídos ou ocupados pelo herói na abertura da narrativa, mas, ao inverso, sempre narramos e ficamos deveras fascinados com contos de enriquecimento e ascensão social violenta e irremediável do herói. A base do drama é fazer o personagem central terminar com muito mais do que possuía quando da abertura da estória. E, na medida em que a trama se desenvolve, verificamos uma gradual identificação do ator com seu papel, como se estivéssemos realmente interessados na transformação da pessoa comum (do indivíduo submetido às leis gerais da exploração do trabalho e da mais-valia, como é o caso de Pedro Malazartes) [...] num personagem, ou melhor, numa

personalidade ou superpessoa. Desse modo a trajetória do herói segue a mesma curvatura da sociedade que engendra a dramatização, já que, em ambos os casos, deve-se ser o que ainda não se é, o aceno do futuro aberto, rico e grandioso se constitui no ponto crucial de todas as reviravoltas que reproduzimos em nossas narrativas (DAMATTA, 1997, p. 210-211).

O herói surge, então, como vingador na esteira da resistência. DaMatta faz a síntese do nosso herói através dessa ponte entre a antropologia e a literatura, onde a perspectiva sociológica desfaz qualquer relação determinista. O caráter popular do herói nascido de certa conivência social o exime de qualquer julgamento que possa comprometer seu sucesso. O herói aparece como vingador dos desacertos do passado e, embora carregue consigo marcas depreciativas, ele possui algo que o torna especial, capaz de alçá-lo a uma condição superior na procura da sua felicidade.

Em DaMatta, esse anti-herói representa todos os dissabores de uma sociedade em desacerto, toda a projeção do desejo de vingança, ou seja, de superação pela negação do estabelecido. Embora o malandro, centrado no seu próprio "eu-mundo", não possua um projeto elaborado de transformação social, ele se apresenta como uma realização possível de herói nacional. A escolha de Pedro Malazartes para ilustrar o estudo de DaMatta garante a observação das características do herói malandro, paradigma do modelo brasileiro:

Na história de Pedro Malazartes, chama a atenção o estilo narrativo marcadamente solto, sublinhados por inúmeros episódios livres, combinados numa ordem dependente do narrador. Esses relatos - que definem o caráter do herói e do meio em que opera - vão de situações nas quais Pedro engana pessoas em posições sociais de poder

e prestígio, até a venda de fezes para um ricoço, passando por situações muito mais ambíguas, quando a distância entre a sagacidade e a ofensa social se confunde, como a indução de um poderoso fazendeiro ao assassinato, o uso de um cadáver para obter lucro, incluindo ainda a destruição consciente e programada de bens de consumo e produção alheios, propriedade particular de um grande patrão (DAMATTA, 1997, p. 273-274).

A esperteza de Malazartes é um instrumento de resistência em uma relação em que os ricos e os fazendeiros representam a opressão. O revide à opressão não se dá pela simples ação da violência, ele se realiza na malandragem, capaz de converter desvantagens em vantagens. A esperteza é o único recurso de um herói desprovido de qualquer caráter e aquém de qualquer moral.

Então, não há dúvida alguma de que estamos diante de um 'herói sem nenhum caráter', ou melhor, de um personagem cuja marca é saber converter todas as desvantagens em vantagens, sinal de todo bom malandro e de toda e qualquer boa malandragem. Pedro Malazartes nos diz como transformar a morte e o cadáver em algo vivo e positivo, ganhando dinheiro e tirando partido de sua própria perda e dor. E ainda nos ensina a aceitar a relação entre "merda e dinheiro", na profunda equação que diz ser o dinheiro (e a posição social que lhe corresponde) podre e disponível como as fezes que, como sabemos, Pedro vende a um ricoço burro, curioso e convencido (DAMATTA, 1997, p. 274).

No entendimento de DaMatta, Pedro Malazartes é a realização literária do vingador de uma situação real na qual as vantagens são sempre dos ricos em detrimento dos pobres e menos favorecidos. O dinheiro em seu estado empírico é apenas a materialização do poder arrogante contra o que Malazartes

responde com ironia e sagacidade. O estudo de DaMatta nos permite compreender perfeitamente a adoção do malandro como herói sem qualquer implicação pejorativa ou depreciativa. O herói malandro é matéria pulsante numa sociedade que precisa de vingadores sem máscaras, sem comedimentos ou conivências.

Em *Dialética da malandragem*, Candido (1970) propõe uma análise de *Memórias de um sargento de milícias*, obra do cânone literário brasileiro, com vistas a discutir a sua filiação literária, considerando as suas singularidades, sobretudo no plano da construção do herói. O crítico literário aponta na obra de Manuel Antônio de Almeida o que chamou de dois estratos em relação ao seu alcance representativo na literatura brasileira. O primeiro, mais universalizante, seria onde "fermentariam arquétipos válidos para a imaginação de um amplo ciclo de cultura", o que permitiria uma aproximação com a literatura picaresca ou outra que fosse marcada pelo perfil de herói tipicamente popular. Um segundo substrato de caráter mais particularizado pelo plano da obra seria "constituído pela dialética da ordem e da desordem". Essa dialética é assim apresentada por Candido:

Tomemos como base o personagem central do livro, Leonardo filho, imaginando que ocupa no respectivo espaço uma posição também central; à direita está sua mãe, à esquerda seu pai, os três no mesmo plano. Com um mínimo de arbítrio podemos dispor os demais personagens, mesmo alguns vagos figurantes, acima e abaixo desta linha equatorial por eles formada. Acima estão os que vivem segundo normas estabelecidas, tendo no ápice o grande representante delas, Major Vidigal; abaixo estão os que vivem em oposição ou pelo menos integração duvidosa em relação a elas. Poderíamos dizer que há, deste modo, um hemisfério positivo da ordem e um hemisfério negativo da desordem, funcionando como dois ímãs que atraem Leonardo, depois de terem atraído seus pais. A dinâmica do livro pressupõe uma gangorra dos dois pólos,

enquanto Leonardo vai crescendo e participando ora de um, ora de outro, até ser finalmente absorvido pelo pólo convencionalmente positivo (CANDIDO, 1970, p. 77).

Essa dialética, centrada no herói em relação aos seus coadjuvantes e antagonistas, é estabelecida a partir dos pólos da ordem social oficial e instituída e da desordem; um plano fora do instituído socialmente ou a sua margem. Nessa relação, o malandro flutua nos interstícios dos dois pólos, sem, contudo, deixar a órbita da desordem. Na obra, o Major Vidigal surge como grande representante do pólo da ordem, com uma função bem marcada e estabelecida na sociedade. Leonardo Pataca filho, por sua vez, é a personagem através da qual vislumbramos a impossibilidade da transposição de um substrato a outro, dadas as frustradas tentativas de enquadramento na ordem estabelecida. A absorção de Leonardo pelo pólo positivo da ordem, o que pode ser lido como uma resolução romântica por sua filiação histórica, não deixa de representar a perda da identidade do malandro absorvido pelo sistema opressor. O malandro absorvido pela ordem consolidou-se na imagem estereotipada do mulato em terno branco e chapéu, cheio de trejeitos e gingados, uma caracterização claramente estabelecida segundo o pólo da ordem.

Valendo-se da relação dialética da "ordem" e da "desordem", DaMatta (1997) introduz a ideia de uma mediação. Para ele, a figura de um representante tipicamente da desordem está em oposição à figura do militar, que, por sua vez, representa a ordem e todos os mecanismos que identificam e perpetuam a sociedade hierarquizada sob normas rígidas. Um mediador entre ordem e desordem, todavia, apresenta-se como renunciador que cria outra realidade calcada no desejo da transformação. O comportamento indiferente e, ao mesmo tempo, irreverente e transgressor faz do malandro opositor

imediatamente da ordem. Daí, os ricos e poderosos sempre levarem desvantagens nas histórias como as de Pedro Malazartes, pois o anti-herói é o vingador da desordem:

Na linguagem moderna do Brasil, Pedro Malazartes, soube ser um herói sem caráter, é um subversivo, perseguidor dos poderosos, para quem sempre leva a dose de vingança e destruição que denuncia a falta de um relacionamento social mais justo entre o rico e o pobre (DAMATTA, 1997, p. 225).

Na análise feita por esse autor, Malazartes seria a representação de um segmento social capaz de inverter as relações da ordem, pondo a nú a suas contradições, sua desordem:

De fato, a vadiagem e a astúcia (a malandragem) podem ser traduzidas sociologicamente como a recusa de transacionar comercialmente com a sua própria força de trabalho. Ou seja, de pôr sua força de trabalho no mercado, já que isso implica, graças à demonstração de Marx, a apresentação da própria pessoa moral nesse mercado [...]. Em outras palavras, os malandros preferem reter para si sua força de trabalho e suas qualificações. O vadio, assim, é aquele que não entra no sistema com sua força de trabalho, e fica flutuando na estrutura social, podendo nela entrar ou sair ou, ainda, a ela transcender (DAMATTA, 1997, p. 235).

O malandro situa-se à margem ou mesmo fora do sistema, uma vez que se recusa a participar da engrenagem da ordem. É aquele que estabelece outro lugar dentro da dicotomia entre ordem e desordem pelo artifício da mediação. E é justamente

esse artifício que torna possível falar em uma resistência. Embora seja necessário reconhecer uma demarcação entre a ordem e a desordem, é a perspectiva através de Pedro Malazartes que nos permite entender a malandragem como um fenômeno da mediação. Mais do que passar da desordem para a ordem, como pretende Leonardo Pataca em *Memórias de um sargento de milícias*, o malandro constrói outro lugar para se estabelecer como sujeito: o lugar da resistência. Um lugar de onde ele pode ver melhor sua relação com a ordem e a desordem, sua fenda de significação carregada de significados produzidos pela sua posição "privilegiada" de sujeito.

Souza (2007), apoiado nesses autores, caracteriza a *Ópera do malandro*, de Chico Buarque, como um discurso de resistência, sustentado por um anti-herói que ocupa o "entrelugar" da ordem e da desordem. Para esse autor, o discurso da repressão, materializado na censura do governo militar à expressão crítica no Brasil dos anos sessenta e setenta, é fator de mobilização de outros discursos, sobretudo o discurso da resistência presente na escritura da *Ópera do malandro*. O discurso da censura que se caracteriza pela tentativa de negar ao sujeito a ocupação de certas posições discursivas carrega, paradoxalmente, as condições para a possibilidade do discurso da resistência. É essa relação que torna possível, em última análise, a *Ópera do malandro* em sua escritura paródica, seu alcance histórico e suas contradições composicionais, entre outros aspectos. Segundo o autor, a ironia sustenta um discurso que quer mostrar a fragilidade moral das relações sociais instituídas numa sociedade de flagrante desarranjo social, no qual a mendicância alcança a condição de negócio, podendo qualquer outro negócio instituído ser tão degradante quanto a própria mendicância.

A relação dialógica entre o texto de Chico Buarque e a

Ópera dos três vinténs, de Bertolt Brecht, permite a Souza concluir que os discursos dessas duas obras se tocam, se interpenetram e se reveem por intermédio da paródia. Esses dois discursos se fazem possíveis e necessários em um momento de cerceamento do dizer e, ao mesmo tempo, em um contexto de busca de uma expressão inteligente capaz de se constituir como lugar de manifestação discursiva. O lugar onde esses discursos são possíveis é o lugar da resistência crítica diante da degradação social e denúncia do malogro do trabalho como estruturador da ordem social.

4.3 A identidade enunciativa do sujeito do rock: entre herói ordinário e anti-herói e entre a ordem e a desordem

Nas análises de Guerreiro (1994) e Marchetti (2001) sobre o movimento do rock brasileiro durante e pós-ditadura militar, um aspecto importante é ressaltado para os propósitos das discussões a seguir: os concertos das bandas de rock em locais públicos criavam um espaço em que o "nós" (o sujeito das canções e os fãs) se constituiu em um desafio cultural à ideologia da ditadura. Tendo em vista que a implantação do regime militar no país se valeu, dentre outros dispositivos, da dispersão de todas as coletividades e do silenciamento de formações políticas contrárias à ditadura, os concertos de rock se tornaram um espaço de atividade antagonista altamente codificada, locais de interação em que amplas parcelas da juventude encontravam refúgio e força para fazer algum tipo de resistência a uma sociedade fechada e autoritária em crise.

Nesse panorama social e político, o movimento do rock

nacional teve uma importância significativa para a juventude brasileira, uma vez que as letras das canções recuperavam o sentido da vida num contexto ainda fortemente marcado pela censura e pelo terror. O movimento teve, nesse sentido, um papel fortalecedor desse "nós" coletivo, que, pela expressão musical, pôde fazer frente ao sistema autoritário, denunciando falta de segurança, educação, saúde, lazer entre outras necessidades.

A música "Comida", lançada pela banda Titãs, no álbum *Jesus não tem dentes no país dos banguelas*, de 1987, é um exemplo desse espírito contestador:

Comida

Titãs

*Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de que?
Você tem fome de que?...*

*A gente não quer só comida
A gente quer comida
Diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída
Para qualquer parte...*

*A gente não quer só comida
A gente quer bebida
Diversão, balé
A gente não quer só comida
A gente quer a vida
Como a vida quer...*

*Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de que?
Você tem fome de que?...*

*A gente não quer só comer
A gente quer comer
E quer fazer amor
A gente não quer só comer
A gente quer prazer
Prá aliviar a dor...*

*A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer dinheiro
E felicidade
A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer inteiro
E não pela metade...*

[...]

*Diversão e arte
Para qualquer parte
Diversão, balé
Como a vida quer
Desejo, necessidade, vontade
Necessidade, desejo, eh!
Necessidade, vontade, eh!
Necessidade...*

Em relação a essa música, destacamos dois aspectos. O primeiro diz respeito a sua estrutura textual marcada pelo paralelismo sintático, verificado na repetição de "A gente não quer" e "A gente quer", que parece suscitar as manifestações populares de rua, com seus adeptos e simpatizantes carregando faixas de protesto e gritando palavras de ordem.

O sujeito do rock assume essa posição, simulando falar de um lugar que reivindica seus direitos como cidadão e como contribuinte. Disso resulta o fato de ele não se contentar com pouco (*"A gente não quer só dinheiro. A gente quer inteiro e não pela metade..."*).

Nesse enunciado, a lembrança de eventos históricos, como os protestos que ganham as ruas das cidades, organiza a recorrência a essa memória coletiva, e é esse mecanismo que define a representação do sujeito enunciador como aquele que é tomado nas contradições históricas do campo político.

Essa exterioridade do enunciável assinala um lugar de fala para o sujeito, que se nomeia com o uso da forma popular "a gente".

Outro aspecto refere-se à oposição semântica parte *versus* totalidade que sustenta o efeito de sentido produzido pelo enunciado: o sujeito nega aquilo que considera insuficiente para viver dignamente, afirmando a totalidade. Só comer e beber é coisa para animal (*"bebida é água, comida é pasto"*). Com isso, parece assumir o discurso de que é preciso mais que salário mínimo e mais que cesta básica para ser ter uma vida plena (*"Diversão e arte para qualquer parte. Diversão, balé, como a vida quer"*).

Analisando o rock nacional argentino em meio à ditadura

militar desse país, Ballinger (2009) analisa que o rock atua como um poderoso dispositivo contra-hegemônico, haja vista o fato de que seu uso socialmente organizado pode se constituir em ameaça à máquina do capitalismo vigente. Valendo-se de uma perspectiva foucaultiana sobre poder e resistência, Ballinger afirma que a prática da música, como expressão coletiva prazerosa, fornece indícios do que Foucault descreve como a arte de viver contra todas as formas de fascismo, através da constante criação de des-individualização.

O estudo do rock nacional dos anos 1980 é um campo fértil para uma reflexão que considera as relações de poder vigentes na contemporaneidade, desde que, na esteira de Foucault, consideremos que o poder, como relação de forças, encontra-se presente e em constante movimento em todos os espaços sociais, sejam eles públicos ou privados, gerando tensões que se expressam em toda relação. Nesse sentido, a resistência pode se apresentar sob várias formas de expressão de natureza espontânea ou organizada, coletiva ou solidária, no enfrentamento aberto e direto ou sob camuflagens e armadilhas, em espaços inéditos ou institucionalizados.

No capítulo seguinte, constituímos um quadro enunciativo, composto por canções do rock nacional, por meio do qual descrevemos aspectos da função enunciativa, com vistas a compreender como se dá a produção de um efeito de resistência e a representação identitária do sujeito do canto. Para tanto, pesquisamos os elementos de regularidade na dispersão dos textos e dos seus enunciadores em torno dos temas "sociedade", "política", "cotidiano jovem", "família", e "religião".

V - AS REGULARIDADES DO DISCURSO: SOCIEDADE, POLÍTICA, COTIDIANO JOVEM, FAMÍLIA, RELIGIÃO

*Quem me dera
Ao menos uma vez
Explicar o que ninguém
Consegue entender
Que o que aconteceu
Ainda está por vir
E o futuro não é mais
Como era antigamente.
Índios (Legião Urbana)*

Neste capítulo, damos ênfase às regras de formação do discurso do rock, apresentando as regularidades que constituem essa produção discursivo-musical. Nas análises dessas regularidades, buscamos observar de que modo entrelaçam-se memória, identidade e resistência, como efeitos do interdiscurso na materialidade discursiva. Assim, no batimento descrição/interpretação aqui realizado, elementos do arquivo que rege o sistema de enunciabilidade dos temas "sociedade", "política", "cotidiano jovem", "família", e "religião" evidenciam o funcionamento da memória no dizer das canções. A identidade enunciativa dos sujeitos do rock (roqueiros compositores e/ou intérpretes e fãs desse gênero musical), construída discursivamente no entremeio da ordem e da desordem, é um efeito de discurso.

A abordagem teórico-metodológica utilizada para a realização das análises, como já tivemos a oportunidade de

apresentar, possibilitou-nos reunir uma série enunciativa, a partir da qual passamos a verificar as relações entre os elementos dessas séries e o modo como elas significam, constroem e produzem sentidos sobre os temas das canções, na tentativa de compreender os dispositivos discursivos de produção da identidade enunciativa dos sujeitos do rock nacional dos anos 1980.

Para uma abordagem mais detalhada desses temas, buscamos apoio, também, nos estudos de Guerreiro (1994) e de Costa (2004). O primeiro debruça-se sobre o conteúdo das letras do rock brasileiro, elucidando aspectos essenciais para o entendimento de questões de ordem interdiscursiva, embora não se trate de uma análise nos termos aqui propostos. O autor, ao fazer um levantamento quantitativo dos temas das letras, realiza o que chama de análise macro das canções, atentando para o fato de que nelas há traços do comportamento dos "rockers" que evidenciam as posturas, as emoções, as atitudes e as ideologias características desse grupo, no qual são incluídos os jovens consumidores da música rock, seja ela apresentada em shows, executada em emissoras de rádio, veiculada em revistas especializadas, filmes e/ou videoclipes.

Valendo-se do entendimento de Michel Maffesoli de que a pós-modernidade se caracteriza pelo "neotribalismo", ou seja, por uma nova forma de agregação social para cujo vínculo funciona a relação afetivo/empático, Guerreiro analisa os roqueiros brasileiros como pertencentes a um tipo de tribalismo, uma vez que entre eles haveria um

envolvimento orgânico de uns com os outros, onde a valorização do grupo (ou tribo) implicaria na desconstrução do individualismo que viria a se

apresentar como uma categoria saturada, dando lugar à noção de pessoa, capaz de representar diversos papéis no seio do novo conjunto societal que estaria inaugurando (GUERREIRO, 1994, p. 22).

Assumindo uma perspectiva arqueológica, centrada nos postulados de Michel Foucault, Costa (2004) analisa letras do cancionário popular brasileiro de um ponto de vista que as concebe como "retalhos de um discurso reiterado na formação social" (COSTA, 2004, p. 16).

Para a autora, as letras manifestam um discurso dotado de uma historicidade peculiar, que torna atual a canção de quarenta anos. A música popular tem uma discursividade própria capaz de refletir o cotidiano da vida social. Mas o que é dito, reiteradamente, nas letras?, indaga Costa. Para encontrar as possíveis respostas, a autora formula outras, que auxiliaram também em nossos propósitos: "Quem neles ocupa o 'lugar do Sujeito' e o 'lugar do Outro'? Quais as relações entre eles? Quais padrões de sociabilidade são ali acatados?" (COSTA, 2004, p. 17).

A autora mostra que o discurso do "sujeito do canto", como prefere qualificar, tomado de um lugar vazio, de onde outros podem falar, é um murmúrio anônimo que percorre a formação social, mas no qual se ouvem concepções distintas sobre a vida, anseios e declarações de amor, apreciações morais e estéticas da cultura brasileira. É um discurso produzido no cotidiano, que exerce, por conta disso, papel de mediação, aproximação e afastamento desse cotidiano. Nesse discurso,

aparece refletida uma formação social, a historicidade peculiar que o caracteriza, e também ele reflete o mercado de produtos culturais, com sua multiplicidade de agentes, formas e meios. Assim, o discurso da música brasileira popular é um intrincado tecido. Em suas dobras, oferece à pesquisa em ciências sociais e comunicação o canto da formação social brasileira, e de sua identidade nacional. Malandros, sambistas, jovens rebeldes¹, os apaixonados, magoados, excluídos e conformados, todos nela se encontram, com seus dizeres, ritmos e melodia (COSTA, 2004, p. 18).

Para a realização de tal análise, Costa apóia-se, como mencionado, em Foucault, no intuito de resgatar a singularidade de acontecimento do enunciado do canto. Assim, sua pesquisa, e nisso está a sua contribuição para nossa tese, focaliza as regularidades presentes na dispersão das letras e, a partir desse levantamento, as regras que as constituem. Com base nessa metodologia, centrada no nível enunciativo das letras, a autora pôde construir procedimentos que exploram a dimensão propriamente discursiva das letras, visando caracterizá-las como formação discursiva peculiar.

A análise das regularidades discursivas que empreendemos repousa sobre a ideia de que os temas sociedade, política, cotidiano jovem, amor, sexo, educação e religião aparecem como "princípio de diferenciação" nessa produção. Como analisa Foucault (2007), o enunciado está ligado a um referencial, que tem por função formar o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos postos em jogo pelo próprio enunciado.

Assim, guiados por esse princípio, adiantamos que:

¹ Grifos nossos.

1) na condição de um referencial do discurso do rock nacional, tais temas não são constituídos de coisas, de fatos, de realidades, mas de "leis de possibilidade" e de "regras de existência" que os definem como objetos discursivos, que são nomeados, descritos ou designados pela função enunciativa posta em jogo pelo enunciado das canções;

2) os sentidos vinculados a esses temas estão determinados pelas condições de produção amplas e estritas desse contexto histórico-social marcado pela transição entre ditadura e abertura política.

5.1 As canções do rock entre os "anos de chumbo" e a "abertura" política

A ideia de música politizada precisa ser mais bem especificada. Compartilhando das reflexões de Ballinger (2009), podemos considerar que, como prática discursiva, o rock situa-se em um complexo cruzamento da cultura com a experiência vivida. Nesse sentido, o rock sobre o qual nos detemos é uma atividade contextualizada que tem significado social e político, visto que irrompe com valor de acontecimento numa conjuntura de transição entre ditadura e pós-ditadura militar.

Desde a edição do AI-5², em dezembro de 1968, os canais de participação política, via produção cultural, foram definitivamente fechados. A partir desse momento, o país começava a viver o período mais violento da ditadura. Em nome do sucesso do chamado "modelo brasileiro de desenvolvimento",

² Ato Inconstitucional nº 5.

os militares exerceram a censura, a repressão e a tortura contra toda forma de oposição ao governo. O AI-5, como sabemos, possibilitou aos militares o direito de proibir manifestações sobre assuntos políticos e aplicar o princípio da liberdade vigiada.

A ditadura militar na política brasileira compreendeu um período que vai de 1965 a 1985 e foi comandada por cinco generais e uma junta militar. Eleitos pelo voto indireto de representantes políticos que formavam o congresso nacional, na ordem cronológica os presidentes militares desse período foram: Castello Branco (1964-1967), Costa e Silva (1967-1969), junta militar formada por Sousa e Melo, Lira Tavares e Augusto Rademaker (31/08/1969), Médici (1969-1974), Geisel (1974-1979 e Figueiredo (1979-1985).

O regime militar de 1964 foi uma posição ideológica imposta pelo movimento político de extrema direita brasileira e surgiu em virtude da crise política que se arrastava desde 1961, quando Jânio Quadros renunciou à presidência e seu vice, João Goulart, assumiu o cargo. O governo de Goulart mirava-se em uma tendência socialista, que tinha por meta a abertura das organizações sociais. Foi um governo que propôs mudanças radicais, do ponto de vista dos conservadores, as quais abalariam as estruturas agrária, econômica e educacional da época. A preocupação das classes conservadoras era a de que as reformas da agenda governamental de Goulart instituíssem o regime comunista como forma de governo.

No contexto internacional, o mundo vivia o auge da chamada Guerra Fria entre Os Estados Unidos da América e a antiga União Soviética. Em vista disso, a preocupação com a tendência do Brasil para o regime socialista chegava também

aos Estados Unidos, e o temor de uma segunda Cuba aqui no país se acentuou ainda mais.

Esse período foi caracterizado pela supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar. O país foi governado por decretos, em especial e o mais duro foi AI-5, promulgado em 13 de dezembro de 1968, medida que visava silenciar todas as vozes que denunciavam as arbitrariedades dos então comandantes supremos da nação (MIRANDA, 1999; REIS FILHO, 2000).

Poderíamos nos deter um pouco mais demoradamente no resgate histórico do período em que o país esteve sob o regime da ditadura, mas nosso foco são os anos de transição desse regime para a democracia, que compreende o contexto de surgimento das bandas de rock. Assim, o objetivo é refletir sobre essas condições de produção em sentido amplo, numa tentativa, ainda que tímida, de compreender aspectos dessas condições, em termos de elementos interdiscursivos constituindo os sentidos do discurso em análise.

Para tanto, recorreremos, neste momento, aos trabalhos de Ramos (2008), Rostolo (2006), Clemente (2008), Maia (2000) e Fernandes Júnior (2007), com o intuito de analisar uma série enunciativa composta por canções que giram em torno de duas grandes temáticas que se inter-relacionam: política e sociedade brasileira.

Ramos (2008) volta seu olhar para a juventude paulistana dos anos 1980, mostrando que o rock foi um ritmo que chegou a todas as classes sociais, sendo eleito o filão predileto da indústria cultural naquele momento. Embora, no início, tenha se fixado mais um modismo juvenil executado na maioria das rádios, trouxe consigo o inevitável movimento que abalou a

História e a cultura hegemônica, com uma espécie de inovação cultural.

Segundo o que narra a autora, até meados dessa década, havia muitos artistas e bandas se dedicando ao rock, inaugurando um movimento cultural que hoje é conhecido como "rock brasileiro dos anos 80". No início desses anos, com a abertura propiciada pelo período de transição ditadura/democracia, o país passava por uma séria crise econômica e política, decorrente dos anos de ditadura. Nesses anos, a dívida externa brasileira ganhou proporções estratosféricas e o direito de votar assemelhava-se a um sonho muito distante da realidade.



(AG. O DIA, in: CLEMENTE, 2008, p. 52-53)

A perspectiva a partir da qual a cena foi fotografada evidencia o exercício de uma prática discursiva ancorada no discurso político de contestação e de reivindicação. Vale ressaltar, para os propósitos da análise, que essa fotografia foi selecionada para abrir a seção "anos 1980", do livro organizado por Clemente (2008), no qual ela reúne ícones do rock para falarem da importância desse gênero na história contemporânea brasileira. Antecede a imagem uma crônica de autoria de Edgar Piccoli, intitulada, sugestivamente, "Nas garagens da ditadura":

Estamos nos primeiros meses de 1974, a ditadura comendo solta pelo país, o momento é de transição de governo Médici para o do general Geisel. É ano de Copa do Mundo na Alemanha, mas, em vez de euforia, o clima é de preocupação (PICCOLI, apud CLEMENTE, 2008, p. 50).

Portanto, a posição de sujeito que fala sobre a juventude e os anos 1980 nesse livro deve ser descrita, levando-se em consideração o co-texto em que a imagem aparece na referida publicação.

Esse enunciado imagético flagra e congela um instante da história recente da política brasileira; coloca seus atores, no caso a multidão que se aglomera na praça, como sujeitos de uma história que está por ser escrita. A imagem destaca o movimento popular com suas faixas de protestos contra a ditadura e a favor da democracia e, com isso, delinea um programa de leitura já inscrito na memória coletiva construída sobre os movimentos sociais que, ao longo da história brasileira, insurgiram contra o poder instalado.

Eis, aqui, a eficácia simbólica e semântica da imagem, da qual nos fala Davallon (1999), bem como o poder que a memória exerce no corpo social da coletividade, produzindo, como analisa Gregolin (2001b), as condições para o funcionamento discursivo e para a interpretação dos textos produzidos em uma sociedade.

É, portanto, esse poder simbólico e semântico da imagem que reconstitui o imaginário da nação sobre os movimentos populares. O enunciado imagético, por seu turno, possibilita o retorno desse imaginário no presente, corroborando, assim, a imagem de juventude que faz resistência ao poder instituído.

A distinção que Barthes (1984) propõe entre *punctum* e *studium* para a análise das fotografias podem nos dar indícios da posição de sujeito enunciador da referida obra, em relação aos jovens dos anos 1980.

Para o autor, *punctum* refere-se a tudo que, numa imagem fotográfica, pode impressionar o olhar do espectador: um simples gesto, uma postura corporal ou um detalhe insólito:

punctum é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte - e também lance de dados. O punctum de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica) (BARTHES, 1984, p. 46).

Já o *studium* compreende determinado quadro cultural que pode recobrir a fotografia, revelando, na cena, significações latentes e apontando para motivações sociais:

O *studium*, que não quer dizer, pelo menos de imediato, "estudo", mas a aplicação a uma coisa, o gosto por alguém, uma espécie de investimento geral, ardoroso, é verdade, mas sem acuidade particular. É pelo *studium* que me interesse por muitas fotografias, quer as receba como testemunhos políticos, quer as aprecie como bons quadros históricos: pois é culturalmente (essa conotação está presente no *studium*) que participo das figuras; das caras, dos gestos, dos cenários, das ações (BARTHES, 1984, p. 45-6).

Na fotografia em questão, podemos relacionar o *punctum*, por exemplo, aos dizeres que, nas faixas, aparecem em segundo plano. Em especial, destacamos a faixa à direita da fotografia, com os dizeres "mamãe eu quero votar". Essa faixa, o *studium*, associa ao jovem que, nos anos 1980, ainda não tinha exercido o direito de votar em seus governantes.

Há que se considerar também que o vocativo "mamãe" mantém uma intertextualidade com a conhecida marcha carnavalesca "mamãe eu quero"³, se levarmos em conta a continuação da faixa que diz "grito de carnaval das Diretas Já!". Isso evidencia que, nessas condições de produção (movimento democrático pelo direito ao voto), o enunciado dessa faixa cruza elementos oriundos do campo discursivo político com o domínio de memória da cultura carnavalesca, constituindo uma posição de sujeito resultante de sua inserção na ordem desses dois saberes.

Mesmo correndo o risco de um uso bastante superficial da noção bakhtiniana de "carnavalização" (BAKHTIN, 1981), a inscrição dessa memória no enunciado da faixa conduz à interpretação de que a reivindicação do movimento pelas "Diretas Já!" assemelhou-se a uma espécie de desejo de

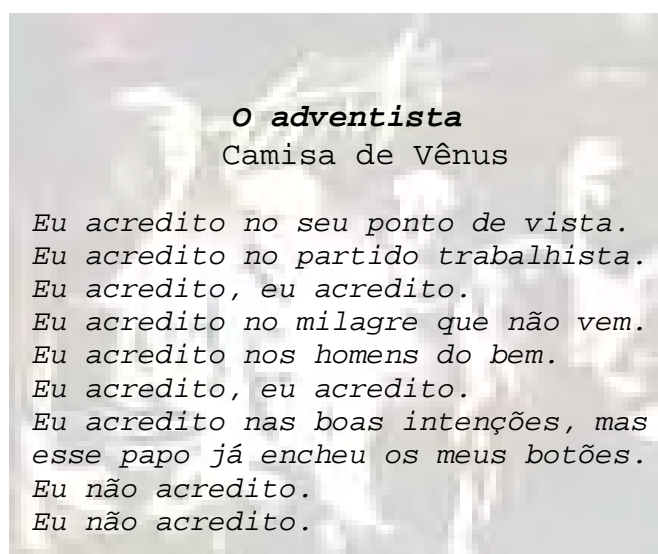
³ De Jararaca-Vicente Paiva, 1936.

destronamento dos que, na época, governavam o país sob o regime da Ditadura.

Assim, o programa de leitura dessa imagem sofre determinações do quadro de referências culturais que incide sobre a representação construída, nesse enunciado, da juventude.

Segundo a análise de Ramos (2008), economicamente, o cenário dos anos 1980 era de desalento, e isso foi uma espécie de elemento motivador de um questionamento da capacidade transformadora das ações políticas voltadas diretamente contra as grandes estruturas. Esse questionamento começou a fazer parte da rotina da juventude brasileira dessa época, que foi desenvolvendo um descrédito muito grande nas instituições políticas.

Ramos analisa que tal ceticismo político e social da juventude brasileira em relação aos seus prepostos aparece em canções de artistas da época. Para sustentar sua análise, a autora cita parte da letra da música "O adventista", executada pela banda Camisa de Vênus, no LP de 1983 de mesmo nome da banda:



Embora a autora não atente para o fato, vale destacar a contradição entre acredito / não acredito que caracteriza determinada ordem do enunciável do campo político. Trata-se de um domínio de memória em que a prática política é vista como algo em que se pode, ao mesmo tempo, confiar e desconfiar.

A contradição se manifesta também em termos organizacionais, se considerarmos que elementos de uma enunciação religiosa emolduram o enunciado de "O adventista". Se, naquela, o fiel acredita que "a fé é a certeza de coisas que não existem", neste (o enunciado da canção), o sujeito, ao falar da posição de eleitor, nega essa noção de fé, mostrando acreditar somente naquilo que é palpável, ou seja, em ações efetivas. Não é por menos que enuncia: "Eu acredito nas boas intenções, mas esse papo já encheu meus botões".

Ramos lembra, ainda, que, naquele momento, as músicas de protesto que habitavam a memória popular eram as pertencentes a MPB. "Apesar de você", do compositor Chico Buarque, era uma das canções que embalavam as manifestações de rua pelas eleições diretas. No entanto, segundo a autora, "a MPB, que até o final dos anos 70 havia correspondido os anseios da juventude, agora não correspondia mais. A trilha sonora da História estava mudando" (RAMOS, 2008, p. 6).

Rostolo (2006) compartilha da tese de Ramos, ao afirmar que as canções do rock foram um dos principais elementos de expressão cultural da década de 1980. Para ele, elas constituíram-se em um instrumento de contestação, reivindicação e inconformismo da sociedade.

É nessa direção que, em sua tese de doutorado sobre as composições do músico brasileiro Arnaldo Antunes, Fernandes Júnior (2007) argumenta que o rock nacional, nascido no

período pós-ditadura, caracterizou-se como gênero musical de rebeldia e de contestação. Assim como outras produções artísticas, o rock encontrou no crescimento da mídia um espaço propício de manifestação, que fez dele um mercado promissor na década de 1980. O autor faz a ressalva de que, embora não tenha surgido na efervescência dos movimentos que agitaram o mundo em 1968, o rock dos anos 1980 serviu como uma forma de a juventude preservar seus mitos.

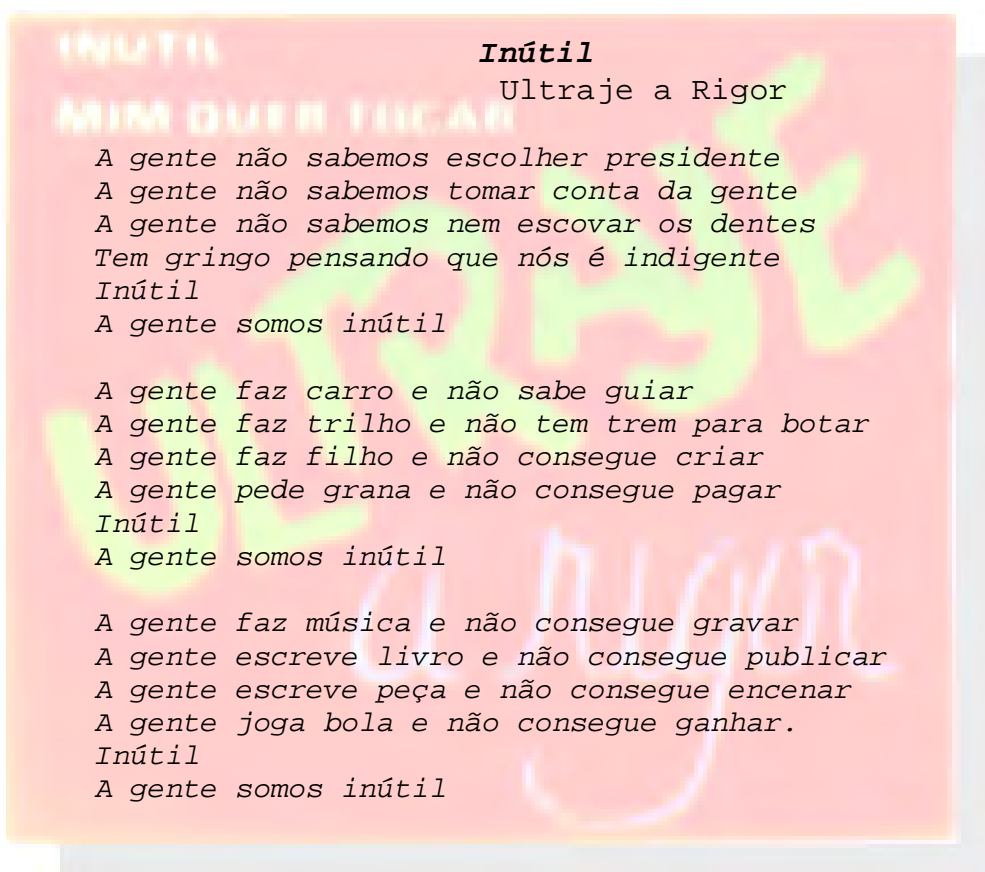
Essa análise parece indicar uma contradição no discurso do rock nacional, se aceitarmos que o espírito contestador dos roqueiros não admitiria a presença de elementos míticos. No entanto, a identidade desse sujeito está em processo permanente de constituição, marcado por um movimento contínuo e descontínuo entre história (o arquivo - aquilo que o sujeito está deixando de ser) e atualidade (o esboço daquilo no qual ele está se tornando).

Como expressão cultural e produto de uma prática discursiva midiática, tal como postulamos no capítulo três, as letras do rock incitavam as pessoas, ou, pelo menos, seus adeptos, a se darem conta da situação política e social do país. E, como analisa Rostolo, a indústria fonográfica não demorou a investir nesse gênero, como um novo filão para os seus lucros, empregando recursos tecnológicos e guitarras elétricas, que, de certa forma, exprimiam

sentimentos e valores da classe média e dos jovens, principalmente. A partir de então, o rock nacional se consolidou e conquistou uma grande parcela do mercado musical brasileiro, sempre interagindo com a sociedade (ROSTOLO, 2006, p. 41).

Sendo um dos objetos culturais de resistência, as canções do rock embalaram a participação da juventude nos destinos da nação. Assim, ao contrário dos que analisam essa geração como "geração perdida", o que podemos observar é que a repressão dos anos anteriores, a falta de acesso a informações, a censura a livros, discos e filmes, ao invés de calarem uma geração, fomentaram movimentos de mudanças, de desafio, de contestação.

Uma das músicas que compõem nossa série enunciativa é emblemática desse contexto:



Antes de atentarmos para aspectos discursivos que organizam essa letra como enunciado de contestação, sobre o qual incide uma prática discursiva "politicizada", destacamos o

fato de que, como narra Rostolo (2006), essa música foi tocada em todos os grandes comícios das "Diretas Já!", tornando-se, ao mesmo tempo, a esperança de mudança e a frustração pela derrota da emenda Dante de Oliveira⁴.

O referencial dessa letra pode ser traduzido como a incapacidade ou a incompetência da juventude brasileira que não sabe flexão verbal, representada discursivamente pela expressão definidora "a gente", de fazer algo de bom para si e pelo seu país.

O funcionamento discursivo de "a gente" tem aqui a função de síntese de certa identidade jovem, em especial daqueles que, sem terem tido a possibilidade de participar das decisões políticas do seu país e de aprender a norma padrão do português, agora são vistos como inúteis.

O sujeito do enunciado elenca uma série de coisas que evidenciaria, a princípio, esse efeito de sentido sobre a identidade da juventude nacional. Essas coisas ocupam a função sintática de objeto direto da ação expressa pelos verbos "saber" e "conseguir". Assim, segundo a letra, o jovem brasileiro é um inútil, porque não consegue se sair bem em questões de ordem política ("a gente não sabemos escolher presidente"), de ordem pessoal e familiar ("gente não sabemos tomar conta da gente", "a gente faz filho e não consegue criar"), de ordem financeira ("a gente pede grana e não consegue pagar") e de ordem esportiva e cultural ("a gente faz música e não consegue gravar", "a gente escreve livro e não consegue publicar", "a gente escreve peça e não consegue encenar", "a gente joga bola e não consegue ganhar"). Soma-se a isso a incompetência linguística de não saber usar a norma

⁴ A emenda Dante de Oliveira tinha o objetivo de instituir as eleições diretas no Brasil, mas rejeitada pelo Congresso Nacional, em 25 de abril de 1984.

padrão do português, a qual é evidenciada pelo efeito da conjugação verbal de "a gente" com verbo na primeira pessoa do plural.

Mas é preciso considerar o efeito irônico que aqui se processa. Ao enunciar "a gente somos inútil", o sujeito do rock assume o papel de locutor do discurso das massas, o que fica marcado pelo desempenho linguístico, mas não o ponto de vista desse discurso, uma vez que essa posição de sujeito como alguém inútil foi construída pelo discurso de uma elite, interessada em manter seus *status quo*. A linguagem é, aqui, o poderoso instrumento de resistência, pois, enunciando o contrário do que diz (este é o funcionamento discursivo da ironia), o sujeito confere força a sua crítica.

Composta e executada no contexto político e social acima descrito, *Inútil* (1983) parece denunciar a decepção da sociedade brasileira com o momento em que o país vivia, ao mostrar que a situação não é decorrente da incapacidade do povo brasileiro, mas da falta de ações políticas, sociais e educacionais. Nesse sentido, é preciso conferir um efeito discursivo à sintaxe textual, para compreender que aquilo que "a gente não sabemos" (votar, escovar os dentes, criar filhos, pagar contas, gravar músicas, publicar livros e encenar peças, por exemplo) se deve aos anos de regime militar que empurraram o Brasil para uma crise generalizada, que se arrastou durante anos, provocando a elaboração de inúmeros pacotes econômicos.

Maia (2000), analisando a obra musical do cantor e compositor Renato Russo, da banda Legião Urbana, considera que as letras das canções são um documento sobre a chamada geração perdida, nascida sob a batuta da ditadura militar. Para esse autor, a obra de Renato Russo "traduz de forma

singular as cores, cheiros e gostos de uma juventude integrada em novas etapas de sociabilidade" (MAIA, 2000, p. 44).

Em "Que país é este", composta para o álbum homônimo, de 1987, da banda Legião Urbana, o enunciador assume a posição de sujeito que se inquieta diante das mazelas e das corrupções de uma sociedade conturbada pela quebra de paradigmas e de velhas ordens sociais, econômicas e políticas

Que país é este

Legião Urbana

*Nas favelas, no senado
 Sujeira pra todo lado
 Ninguém respeita a constituição
 Mas todos acreditam no futuro da nação
 Que país é esse?
 Que país é esse?
 Que país é esse?
 No Amazonas, no Araguaia iá, iá,
 Na Baixada Fluminense
 Mato Grosso, nas Geraes e no
 Nordeste tudo em paz
 Na morte eu descanso, mas o
 Sangue anda solto
 Manchando os papéis, documentos fiéis
 Ao descanso do patrão
 Que país é esse?
 Que país é esse?
 Que país é esse?
 Que país é esse?
 Terceiro mundo se for
 Piada no exterior
 Mas o Brasil vai ficar rico
 Vamos faturar um milhão
 Quando vendermos todas as almas
 Dos nossos índios num leilão
 Que país é esse?
 Que país é esse?
 Que país é esse?*

A pergunta reiterada "Que país é esse?" não encontra, no próprio canto, uma resposta, no entanto ela tem o poder de

evocar, em quem ouve a música, a memória social que caracteriza o Brasil como uma nação corrupta, em que a constituição não é respeitada e a morte, seja pela violência seja pela fome, faz muitas vítimas.

*Nas favelas, no senado sujeira pra todo lado.
Ninguém respeita a constituição, mas todos
acreditam no futuro da nação*

Essa sequência enunciativa sinaliza a inserção da canção no discurso de contestação, pois procura denunciar a corrupção que é praticada tanto no senado quanto nas favelas; ao fazer isso, a prática discursiva de contestação exercida no enunciado aproxima dois pólos distintos da sociedade - senado e favela -, nos quais o poder oficial e o paralelo são responsáveis por uma sociedade marcada pela injustiça social.

Para advogar a favor dessa canção como rock politizado, dada a força contestatória que alinhava sua letra, consideramos que, no período que antecedeu a abertura política os anos 1980, essa letra, possivelmente, não passaria pela censura militar.

A publicidade do regime militar de 1964 influenciou mais de uma geração de brasileiros, em todos os meios de comunicação, incluindo canções sob encomenda, como, por exemplo, a música "Brasil, eu te amo", composta pela dupla Dom e Ravel, da qual extraímos a seguinte sequência enunciativa:

*O céu do meu Brasil tem mais estrelas.
O sol do meu país, mais esplendor.
A mão de Deus abençoou,
Em terras brasileiras vou plantar amor.
Eu te amo, meu Brasil, eu te amo!
Meu coração é verde, amarelo, branco, azul anil.
Eu te amo, meu Brasil, eu te amo!
Ninguém segura a juventude do Brasil.*

A comparação entre o conteúdo dessa música, que enaltece a pátria, e o de "Que país é este?" é feita para evidenciar a historicidade inscrita na composição da Legião Urbana. Essas duas músicas encontram-se separadas, no tempo, por vinte anos marcados pelo início, apogeu e fim do regime militar. Elas apontam para o fato de que, ao longo da história de uma sociedade, estabelecem-se pontos de vista contraditórios sobre um mesmo tema, e isso indica, nesse caso, que a memória social que organiza os sentidos de uma e de outra canção está em relação polêmica.

Vale lembrar que, enquanto o discurso de "Brasil, eu te amo" dominava a representação que se tinha do país, muito embora isso se deva a uma adesão forçada de um número maior de pessoas influenciadas pela propaganda militar, o discurso materializado em "Que país é este?" já ganhava força, muito antes da composição e da execução dessa música.

Conforme elucidamos na parte introdutória de nossa pesquisa, nos discursos do rock nacional dos anos 1980 ecoam vozes de estudantes, intelectuais e artistas, dos anos 1960 e 1970, que fizeram resistência tanto artística quanto armada à censura instalada nesses anos de chumbo. Nesse sentido, não somos autorizados a defender que o rock inaugura atitudes de resistência na história brasileira, mas podemos concluir que elementos interdiscursivos desse discurso de resistência

contribuem para caracterizar as letras como determinadas por essa formação discursiva.

Essa análise, contudo, pode levar ao entendimento de que esse lugar de resistência seria algo exclusivo de ser ocupado por compositores, por artistas ou por intelectuais de esquerda das décadas que antecederam ao surgimento das bandas de rock.

A esse respeito, Foucault (2007) adverte que

o sujeito do enunciado é uma função determinada, mas que não é forçosamente a mesma de um enunciado a outro; na medida em que é uma função vazia, podendo ser ocupada por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado (FOUCAULT, 2007, p. 117)

Isso posto, o sujeito do canto fala de um lugar constituído, historicamente, como micro-esfera de resistência, a considerar que, desse lugar, antes censurado e agora legitimado, o sujeito assume a posição de quem pode denunciar corrupção política, desigualdades sociais, violência praticada por quem deveria assegurar a paz e a tranquilidade, por exemplo.

Podemos, então, definir a identidade enunciativa desse sujeito como a de um "herói da resistência", nos termos empregados por Foucault para especificar a relação que o sujeito mantém com aquilo que enuncia:

a posição está então fixada no interior de um domínio constituído por um conjunto finito de enunciados; está localizada em uma série de

acontecimentos enunciativos que já se devem ter produzido; está estabelecida em um tempo demonstrativo cujos momentos anteriores não se perdem jamais e que não têm, pois, necessidade de serem recomeçados e repetidos identicamente para se apresentarem novamente [...]; é determinada pela existência prévia de um certo número de operações efetivas que, talvez, não tenham sido feitas por um único e mesmo indivíduo (o que fala atualmente), mas que pertencem, de direito, ao sujeito enunciante, que estão a sua disposição e que ele pode repor em jogo quando necessitar (FOUCAULT, 2007, p. 118).

Essa citação de Foucault nos autoriza a compreender que o sujeito do rock recoloca, no cenário político, social e cultural oitentista, temas e questões cruciais para a sociedade dos anos anteriores, o que configura seu discurso como localizado em uma série de acontecimentos discursivos de resistência ao poder instituído, aos padrões morais e éticos vigentes em seu tempo.

Esse interdiscurso atravessa constitutivamente a canção "Geração Coca-Cola", uma das faixas do disco *Legião Urbana*, lançado em 1985.

Geração Coca-cola

Legião Urbana

Quando nascemos fomos
programados
A receber o que vocês nos
empurraram
Com os enlatados dos USA, de
nove às seis.
Desde pequenos nós comemos lixo
Comercial e industrial
Mas agora chegou nossa vez
Vamos cuspir de volta o lixo em
cima de vocês.
Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Nós somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola.
Depois de vinte anos na escola
Não é difícil aprender
Todas as manhas do seu jogo sujo
Não é assim que tem que ser?
Vamos fazer nosso dever de casa
E aí então, vocês vão ver
Suas crianças derrubando reis
Fazer comédia no cinema com as
suas leis

Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Nós somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola
Geração Coca-Cola
Geração Coca-Cola
Geração Coca-Cola.
Depois de vinte anos na escola
Não é difícil aprender
Todas as manhas do seu jogo sujo
Não é assim que tem que ser?
Vamos fazer nosso dever de casa
E aí então, vocês vão ver
Suas crianças derrubando reis
Fazer comédia no cinema com as
suas leis.
Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Nós somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola
Geração Coca-Cola
Geração Coca-Cola
Geração Coca-Cola.

Valendo-nos das palavras que Gregolin (2000) usa para definir a figura da filigrana, no enunciado de "Geração Coca-Cola", vemos o entrelaçamento de vozes da História, por fios de filigrana que se soldam e constituem a percepção do sujeito do canto sobre o presente, marcado, na letra, por uma geração cujo conhecimento foi mediado por programas de entretenimento e por seriados americanos:

*Quando nascemos fomos programados
A receber o que vocês nos empurraram
Com os enlatados dos USA, de nove às seis.
Desde pequenos nós comemos lixo
Comercial e industrial*

Um primeiro aspecto a ser considerado diz respeito a uma memória discursiva que se constituiu sobre os produtos culturais estrangeiros que foram largamente difundidos pelas redes abertas de televisão. A discussão sobre esses produtos, qualificados de "enlatados dos USA", na canção em análise, girava em torno do fato de que eles moldariam a identidade do jovem brasileiro com elementos da cultura norte-americana. Nesse sentido, o enunciado da canção parece se sustentar na oposição cultura nacional *versus* cultura estrangeira, já posta em cena em outras práticas discursivas que tiram proveito dessa oposição, como é o caso, somente para citar, de obras de Lima Barreto, de Oswald de Andrade e de Monteiro Lobato.

O enunciado organiza-se, também, em torno da oposição de sentido alienação *versus* engajamento. A sequência enunciativa introduzida pelo "mas" (*Mas agora chegou nossa vez*) provoca uma quebra nessa narrativa dominante, na qual os jovens eram vistos apenas como consumidores passivos de uma cultura hegemônica. Mesmo sendo caracterizada como geração coca-cola, e o enunciado não nega essa representação identitária dos jovens dos anos 1980, sintetizada nessa expressão definidora, o sujeito conclama seus possíveis interlocutores a deixarem a alienação, supostamente característica dessa geração, para se engajarem numa luta politizada:

*Depois de vinte anos na escola
Não é difícil aprender
Todas as manhas do seu jogo sujo
Não é assim que tem que ser?
Vamos fazer nosso dever de casa
E aí então, vocês vão ver
Suas crianças derrubando reis
Fazer comédia no cinema com as suas leis*

Outro aspecto diz respeito ao fato de que a memória que se inscreve na letra confere ao sujeito enunciador uma "corporalidade" própria dos que sustentam um discurso de resistência.

Segundo o que propõe Maingueneau (1997), "corporalidade" é aquilo que remete a determinada representação do corpo do enunciador de uma formação discursiva. Não se trata, esclarece o autor, do corpo pleno que se oferece à observação, mas de uma espécie de fantasma induzido pelo destinatário como correlato de sua leitura. O autor exemplifica, analisando que há corporalidades específicas dos enunciadores do *Figaro*, de *l'Humanité*, do *Libération*, do *Estado de São Paulo*, *Folha de S.Paulo* ou *Pasquim*.

Assumindo essa corporalidade, o sujeito ameaça, com os dizeres:

*Mas agora chegou nossa vez
Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês.
Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Nós somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola.*

Na análise de Maia (2000), essa canção define bem a geração que incorporou práticas mundiais a seus rituais de comportamento e reproduziu o tecido social, reconstruindo imagens e refazendo mitos.

Na discussão que realizamos no segundo capítulo, chamamos a atenção, com base em Foucault (1995b), sobre o poder que produz, controla e reorganiza a formulação do dizer na sociedade. Nas condições de produção em que as bandas de

rock surgiram, um velho dispositivo de poder repressivo do Regime Militar funcionava, ainda, como uma máquina de fazer falar ou calar determinadas manifestações culturais.

É o que narra Marchetti (2001), em um livro primoroso e recheado de fotos das bandas de rock de Brasília, do período de 1976 a 1986. Em um dos capítulos do livro, o autor dá voz a Philippe Seabra, um dos integrantes da banda Plebe Rude, cujo depoimento transcrevemos abaixo:

Toda vez que íamos fazer um show, tínhamos de mandar as músicas para a censura, para ser aprovada a execução pública. Duas cópias das letras tinham de ser enviadas ao Departamento de Censura Federal que, às vezes, demorava meses para aprovação. É claro que não mandávamos as letras mais subversivas. De qualquer jeito, nunca deixamos de tocar qualquer música ao vivo por medo de sermos presos, porque com a burocracia do governo brasileiro na época, certamente, ninguém estaria ali para conferir. Mandávamos porque era lei. Precisávamos daquele carimbo de "aprovado" em umas dez músicas para poder realizar o show (MARCHETTI, 2001, p. 129).

Retiramos, também de Marchetti, a página da *Revista Cultura*, em que a jornalista Gioconda Caputo comenta o seguinte fato:

PLEBE RUDE



Meninadas Plebe Rude: "o palavrão que a Censura cortou é a vírgula do brasileiro".

Censura censurou a Censura

GIOCONDA CAPUTO
Da Editora de Cultura

A nossa velha e conhecida censura voltou a atacar. Desta vez, a vítima foi uma outra Censura, a do grupo brasileiro Plebe Rude que acaba de lançar, o seu segundo clipe *Nunca Fomos Tão Brasileiros*. A música, de autoria de André X e Philippe Seabra, faz uma crítica contundente a esta instituição e não passou. Recebeu o veto da Divisão de Censura e Diversões Públicas e do Departamento de Polícia Federal.

Quem costumava freqüentar os shows de rock no coreto do Gilberto Saimão, com certeza já ouviu a música *Censura*, uma das primeiras criações do Plebe Rude. Irreverente, a letra já previa o que acabou acontecendo: "Contra nossa arte está a censura/Abaixo a cultura, viva a ditadura/Jardel com travesti/censur com bisturi/corta toda música que vocês vão ouvir".

O advogado da gravadora Odeon no Rio, João Carlos Ebohi, acredita que o veto à música foi uma questão eminentemente política. Mas, aqui em Brasília, o diretor do Departamento de Censura Federal, Raimundo Eustáquio de Mesquita, justificou o veto pela presença, na música, de um "palavrão", que ele diz ser "impróprio para a

boa educação do nosso povo".

Baseado no artigo 77, do regulamento aprovado pelo decreto 20.493 ("Fica proibida a irradiação de trechos musicais cantados em linguagem imprópria a boa educação do povo, anedotas ou palavras nas mesmas condições"), a Censura — segundo o Dr. Mesquita — liberou a música com restrição à radiodifusão. Ou seja: a música pode

ser gravada (como foi) mas não pode ser divulgada por esses canais de comunicação.

E olha que a censura foi "boazinha". O dr. Mesquita disse que, antes do carimbo do veto, os autores foram comunicados e receberam a opção de retirar da letra o danado do palavrão. Os meninos — rebeides — não aceitaram. Compraram a bri-

ga. Recorreram a todas as instâncias sem sucesso. Agora, segundo o advogado da gravadora Odeon em Brasília, Claudio de Melo Carneiro, o jeito é aguardar a decisão do Conselho Superior de Censura, que se reúne no próximo dia 29.

Artista e censura não podem mesmo se entender. O que para o dr. Raimundo Eustáquio de Mesquita é "linguagem vulgar e maliciosa", para o Plebe Rude não é. Representando o grupo e a gravadora, o advogado Claudio Julio vai recorrer ao Conselho com o argumento de que a palavra "porra" há muito tempo deixou de ser considerada da palavrão. "Hoje é apenas uma expressão, a vírgula do brasileiro" — diz o advogado, que reclama o fato de a Odeon não ter acesso ao parecer da Censura que vetou a música.

Claudio Julio não aceita a decisão da Censura. Diz que tal do "palavrão" está no dicionário Aurélio e, além do mais, na gravação ele fica totalmente diluído pelo ritmo da música. "É uma expressão normal, não tem conteúdo chulo" — acrescenta.

Depois do carimbo do Mesquita e do Romeu Tuma, da Polícia Federal, cabe ao Plebe Rude apostar na liberação da música através do Conselho Superior de Censura. O resultado, só no dia 29.

CENSURA

*refrão: Unidade repressora oficial
unidade repressora oficial
A censura, a censura,
Única entidade que ninguém censura.
Hora pra dormir, hora pra pensar
Porra meu pai, deixe-me falar
Hora pra dormir, hora pra pensar
Porra meu pai, deixe-me falar.
Contra nossa arte está a censura
Abaixo a cultura, viva a ditadura
Jardel com travesti, censur com bisturi
Corta toda música que vocês vão ouvir.*

*Nada para ouvir, nada para ler
Nada para mim, nada para você
Nada no cinema, nada na TV
Nada para mim, nada para você.*

André X e Philippe Seabra

Para os propósitos de nossas análises, consideramos esse texto, incluindo a imagem que o acompanha, como um enunciado que conjuga texto verbal e imagem. Como tal, recorta um domínio de memória em que a ditadura silenciava as manifestações consideradas subversivas, interditando, com isso, certos sentidos (palavras, expressões etc.):

*A nossa velha e conhecida censura voltou a atacar. Desta vez, a vítima foi uma outra Censura, a do grupo brasiliense **Plebe Rude** que acaba de lançar o seu segundo elepê **Nunca Fomos Tão Brasileiros**.*

Sabemos, com Foucault (1995b), que é nas regiões da política e da sexualidade que pesam os poderes controladores e disciplinares empregados em uma sociedade. O relato de Gioconda Caputo flagra esse mecanismo de controle do dizer. Segundo o que ela narra,

o advogado da gravadora Odeon no Rio, João Carlos Eboli, acredita que o veto à música foi uma questão eminentemente política. Mas, aqui em Brasília, o diretor do Departamento de Censura Federal, Raimundo Estáquio de Mesquita, justificou o veto pela presença, na música, de um "palavrão", que ele diz ser "impróprio para a boa educação do nosso povo". (CAPUTO, apud MARCHETTI, 2001, p. 128)

A prática discursiva reveste esse enunciado de um gênero que mescla notícia e comentário, com predominância nesse último, a considerar que o sujeito assume uma posição que narra o fato, alçando-o à condição de acontecimento, mas com parcialidade. O sujeito que enuncia destaca a palavra do outro, no caso o diretor do Departamento de Censura Federal, colocando-a entre aspas. Na prática jornalística, trata-se de um procedimento usual para separar narração jornalística de depoimento, evitando, assim, comprometimento. Do ponto de vista discursivo, o funcionamento das aspas evidencia o caráter heterogêneo do discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990) e o modo como o sujeito "negocia" os sentidos advindos de outra formação discursiva. Nesse caso, o sujeito faz uso das aspas

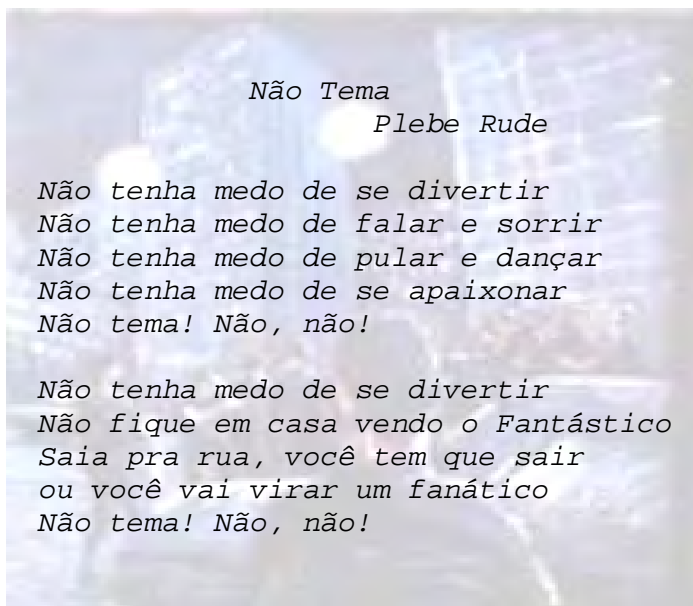
como forma de conotação autonímica não apenas para assinalar as palavras do outro em seu discurso, mas para delas manter distância, uma vez que parece não comungar com a prática repressiva desse órgão institucional.

A imagem fotográfica selecionada para acompanhar o texto de Caputo destaca a funcionalidade da expressão facial, sobretudo do olhar, da posição dos braços e das mãos dos integrantes da Plebe Rude. Esses elementos sígnicos remetem a atitudes de enfrentamento:

E olha que a censura foi "boazinha". O Dr. Mesquita disse que, antes do carimbo do vetor, os autores foram comunicados e receberam a opção de retirar da letra o danado do palavrão. Os meninos rebeldes não aceitaram. Compraram briga. Recorreram a todas as instâncias sem sucesso. (CAPUTO, apud MARCHETTI, 2001, p. 128)

O depoimento de Philippe Seabra e o texto da jornalista Gioconda Caputo, acompanhado da imagem, ambos concebidos como enunciados efetivamente ditos no interior do arquivo em análise, produzem o efeito de resistência ao poder instituído, o que caracteriza a "corporalidade" assumida pelo sujeito do rock

Ainda do álbum de 1987, *Nunca fomos tão brasileiros*, dessa mesma banca, selecionamos a música "Não Tema":



Dessa música voltamos nosso olhar para a repetição de "não tenha medo", que é, em cada estrofe, complementado com "se divertir", "falar" e "sorrir", "pular" e "dançar", "se apaixonar.

Para compreendermos o funcionamento dessa repetição, precisamos fazer intervir a historicidade inscrita nesse enunciado, o que nos leva, de saída, a considerar que esse enunciado remete a outro discurso, presente nele por sua ausência.

Assim, tendo em vista as condições de produção em que esse enunciado surge, "não tenha medo" estabelece uma espécie de negação polêmica com os sentidos de um discurso autoritário e paternalista, que insiste em praticar um tipo de educação pelo medo. Se considerarmos, também, a forma como o poder é distribuído numa sociedade ainda marcada pela ditadura, e se levarmos em conta que o dispositivo da censura ainda policiava o acaso do discurso, o sujeito do canto incita os jovens a fazerem resistência a esse poder, não com o uso de armas, mas com atitudes simples e do seu cotidiano, como não se alienar diante de um programa de televisão:

*Não fique em casa vendo o Fantástico
Saia pra rua, você tem que sair
ou você vai virar um fanático*

Nesse enunciado, e em outros que compõem a série enunciativa sobre a qual nos detemos, a letra não apela para uma razão teórica, mas para uma racionalidade prática e para o convencimento. Ao fazer isso, reiteram-se conteúdos simbólicos do cotidiano jovem.

O sujeito do canto parece, então, se colocar em um lugar de fala privilegiado, e, desse lugar, tudo observa, mede, analisa e reinterpreta em suas canções. Para tanto, parte do pressuposto de que seus ouvintes partilham de uma mesma comunidade de práticas, de rituais, e de conteúdos, que são referência para aquilo que o discurso aponta nas letras.

É o caso do enunciado que confere sentido à letra de "Química"⁵, do álbum *Cinema Mudo*, de 1983, da banda Os Paralamas do Sucesso:

⁵ "Química", composição de Renato Russo, fez maior sucesso ao som da Legião Urbana, quando relançada no álbum *Que país é este*, em 1987.

Química
Os Paralamas do Sucesso

*Estou trancado em casa e não posso sair
Papai já disse que tenho que estudar*

*Nem música eu posso mais ouvir
E assim não posso nem me concentrar
Não saco nada de física
Literatura ou gramática
Só gosto de educação sexual
E odeio química
Química
Química*

*Não posso nem tentar me divertir
O tempo inteiro eu tenho que estudar
Assim não sei se eu vou conseguir
Passar nesse tal de vestibular
Não saco nada de física
Literatura ou gramática*

*Só gosto de educação sexual
E odeio química
Química
Química*

*Chegou a nova leva de aprendizes
Chegou a vez do nosso ritual
E se você quiser entrar pra tribo*

*Aqui no nosso belsin tropical
Ter carro do ano, TV a cores
Pagar imposto, ter pistolão
Ter filho na escola,
férias na Europa
Ter conta bancária,
comprar feijão
Ser responsável,
cristão convicto
Cidadão modelo, burguês padrão*

Você tem que passar no vestibular...

O ideal de vida bem-sucedida é o referencial desse enunciado, em que o sujeito do canto parece assumir a angústia dos jovens de classe média de seu tempo: ter de entrar em uma universidade, se formar, seguir uma carreira, formar uma família, enfim, enquadrar-se nos padrões morais e éticos da "burguesia":

Ter carro do ano, TV a cores, pagar imposto, ter pistolão, ter filho na escola, férias na Europa, ter conta bancária, comprar feijão, ser responsável, cristão convicto, cidadão modelo, burguês padrão.

O sujeito desse canto fala de si, de sua vida, usando a primeira pessoa do singular "eu" ("Estou trancado em casa e não posso sair"), mas amplia também essa referência autocentrada para um "nós" e para um "você" (Chegou a vez do nosso ritual. E se você quiser entrar pra tribo). Esse lugar de fala é determinado por uma posição que não se coaduna com o discurso capitalista, que privilegia o ter, o consumo, nem com o discurso religioso cristão. A identidade que o sujeito constrói para si e para seus ouvintes nega os símbolos e os elementos culturais definidores de uma concepção idealizada de cidadão brasileiro, concepção essa muito difundida pelos princípios ideológicos ditatoriais que marcaram os anos 1960, 1970 e ainda estavam presentes nos primeiros anos da década seguinte.

A listagem daquilo que um jovem deve se esforçar para ter, começando com a aprovação no vestibular, sintetiza modelos hierárquicos de poder, que deveriam ser respeitados, imitados e jamais questionados, e é nas políticas educacionais que, conforme cada época, tais modelos são retomados, recolocados em prática.

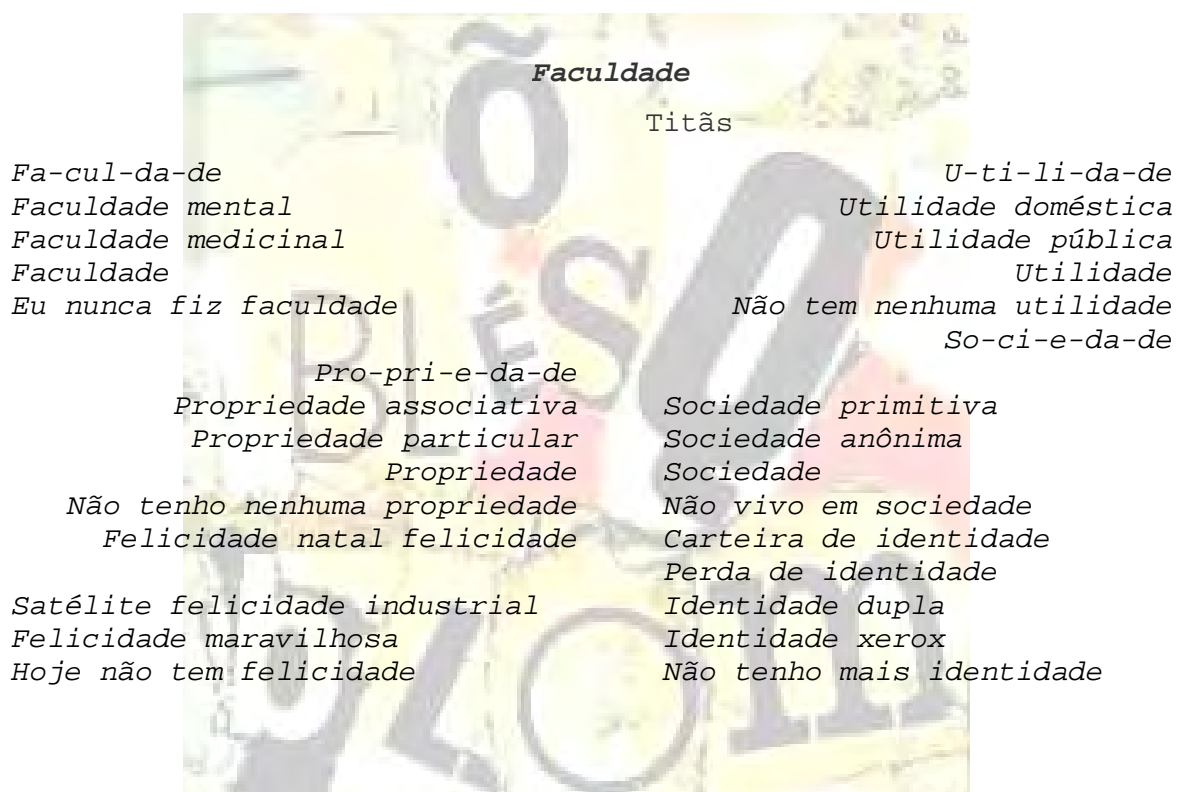
Ecossistemas de elementos dessa memória discursiva dominante são reatualizados e negados pela função enunciativa exercida nessa canção. Isso fica evidente nas sequências enunciativas destacadas a seguir:

Não posso nem tentar me divertir. O tempo inteiro eu tenho que estudar. Assim, não sei se eu vou conseguir passar nesse tal de vestibular. Não sago nada de física, literatura ou gramática. Só gosto de educação sexual. E odeio química

A sacralização de um modelo de jovem cidadão implica, nesse discurso dominante ao qual o sujeito do canto faz resistência, uma submissão desejada do jovem à autoridade familiar:

Estou trancado em casa e não posso sair. Papai já disse que tenho que estudar. Nem música eu posso mais ouvir

E, por corolário, uma submissão a todo e qualquer outro modelo de autoridade, como a escolar, a religiosa ou a governamental, entre outras. Mas é justamente contra esse tipo de submissão que o sujeito do canto se levanta, o que indica uma regularidade na construção identitária desse sujeito. É o que podemos encontrar na letra da música "Faculdade", dos Titãs, composta para o álbum *Ô Blesq Blom*, de 1989:



Segundo o que analisa Costa (2004), desde a década de 1970, os modelos da televisão são os da classe média consumidora de objetos. Sua identidade se apóia, pois, na posse e na ostentação de objetos (em nossa análise, alguns desses objetos estão listados em "Química"). No estudo que realiza de letras da música popular brasileira, essa autora observa que elas recuperam esse modelo de padrão e, ao criticá-lo, inauguram uma "contra-ordem".

A análise do campo discursivo empregada por Foucault (2007) tem por finalidade compreender o enunciado na estreiteza e na singularidade de seu acontecimento, o que implica, dentre outras tarefas, estabelecer as correlações que um enunciado pode manter com outros enunciados a que pode estar ligado e demonstrar que outras formas de enunciação exclui.

O que os enunciados selecionados para a nossa pesquisa mostram é que tal padrão, embora se apresente como referência, não é integrado ao discurso do rock. Os enunciados das canções se distanciam, estabelecem suas fronteiras com esse padrão. Negam aquilo que está estabilizado na forma de ordem (estudar, casar, ter filhos, consumir, ir à igreja). Esse é, a nosso ver, o funcionamento discursivo que vincula ao discurso um efeito de resistência.

5.2 O sujeito do rock: movimentos de sentido entre a ordem e a desordem

Finalizamos a seção anterior, afirmando, com base na análise de nossa série enunciativa, que a negação daquilo que

a sociedade aceita como padrões de ordem indica o modo de funcionamento do discurso de resistência. Contudo, como o sujeito do rock está inserido numa formação social que vem perdendo parâmetros antes considerados sustentáculos das identidades tradicionais, ele também não consegue estabelecer outra ordem, resultando disso uma identidade ambivalente, tal como vimos argumentando.

O sujeito do rock produz suas canções em um período de transição em que as bases sólidas de outros tempos vão cedendo lugar para uma atualidade afetada por um presente eclético e plural.

Vimos, no primeiro capítulo, que o descentramento do sujeito foi provocado por cinco importantes avanços no pensamento moderno: a tese marxista de que os homens fazem a história, mas apenas sob as condições que lhe são dadas; a descoberta do inconsciente por Freud, o qual funciona com uma lógica muito diferente daquela da razão; a descrição do funcionamento das línguas, feita por Saussure, que mostrou que a língua é um sistema social, preexistente aos falantes; as análises de Foucault sobre o poder disciplinar, que consiste em produzir um sujeito dócil e, por fim, o impacto do feminismo, com os questionamentos sobre família, sexualidade, identidade e subjetividade.

Outra importante contribuição para o entendimento desse período de transição entre um passado, ainda marcado por certas referências tradicionais, e um devir, que está sendo formado por outros quadros de referências ainda não estabilizados é dada pelo sociólogo Bauman (1998; 2007), para quem estamos num período marcado pela liquidez e fluidez.

Segundo esse autor, diferentemente da sociedade moderna anterior, a que chama de modernidade sólida, na de agora,

tudo é temporário. As instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades "auto-evidentes". Conforme defende Bauman, a pós-modernidade se caracteriza pelo fato de tudo estar em movimento, e esse estar em movimento nem sempre ocorre por vontade própria, sendo muitas vezes marcado por ações aleatórias, dispersas, em busca de direção, a fim de se fixar. O problema que essa sociedade líquida tem de enfrentar é que ela sempre se depara com curvas e com frustrações.

Essa sociedade é marcada por um "des", prefixo que indica um princípio esvaziador e diluidor. É o sujeito que se apresenta descentrado, tal como propõem, cada um a seu modo, Marx, Freud, Saussure e Foucault. E, a nosso ver, a identidade do sujeito do rock - compositores, intérpretes e adeptos desse gênero musical - não escapa a esse processo de desreferencialização do real e de dessubstancialização do sujeito.

Voltando à música "Faculdade", as sequências enunciativas "Eu nunca fiz faculdade" e "Não vivo em sociedade. Carteira de identidade. Perda de identidade. Identidade dupla. Identidade xerox. Não tenho mais identidade" manifestam a construção discursiva de um "lugar" de fala, que se inscreve nas relações ambíguas da ordem e da desordem, da conservação e da inovação.

Em "Desordem", outra canção dessa mesma banda, para o álbum *Jesus não tem dentes no país dos banguelas*, de 1987, observamos também o sujeito do canto falando desse lugar ambivalente:



Chama a atenção a letra dessa canção, bastante extensa e composta por versos que evocam imagens fragmentadas de violência e de miséria, que denunciam o horror em que se encontra a situação do país, tal como enunciam os seguintes fragmentos:

*Os presos fogem do presídio
 Mais uma briga de torcidas
 População enlouquecida
 Começa então o linchamento*

No enunciado dessa canção, o sujeito assume dois tipos de corporalidades característicos do rock, sendo um marcado pelo ceticismo:

*Não sei se existe mais justiça
Nem quando é pelas próprias mãos
População enlouquecida
Começa então o linchamento
Não sei se tudo vai arder
Como algum líquido inflamável
O que mais pode acontecer
Num país pobre miserável
E ainda pode se encontrar
Quem acredite no futuro*

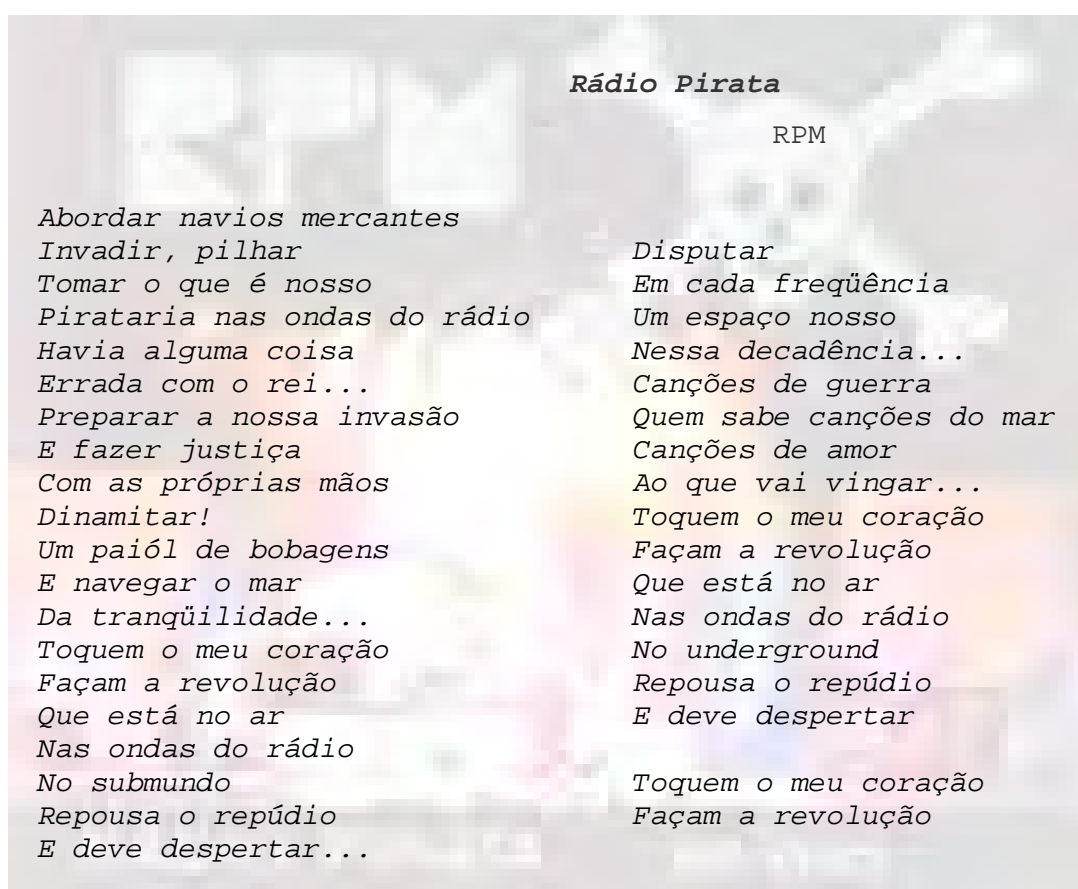
E outro, pela rebeldia, simulando, assim, uma espécie de guerra civil:

*Quem quer manter a ordem?
Quem quer criar desordem?
Quem quer manter a ordem?
Quem quer criar desordem?
Quem quer manter a ordem?
Quem quer criar desordem?
Quem quer manter a ordem?
Quem quer criar desordem?*

O enunciado sustenta-se sobre a oposição ordem versus desordem, no entanto as imagens de desordem abundam na letra, de tal sorte que produz o efeito de sentido de descrédito nas instituições e nos que governam o país:

*É seu dever manter a ordem
 É seu dever de cidadão Mas o que é criar desordem
 Quem é que diz o que é ou não?
 São sempre os mesmos governantes
 Os mesmos que lucraram antes*

Essa corporalidade, construída desse lugar de fala ambivalente, define também a posição do sujeito do canto no enunciado da letra "Rádio Pirata", da banda RPM, álbum *Rádio Pirata ao Vivo*, de 1986:



Nas sequências enunciativas "Abordar navios mercantes, invadir, pilhar, tomar o que é nosso. Pirataria nas ondas do rádio. Havia alguma coisa errada com o rei. Preparar a nossa invasão e fazer justiça com as próprias mãos", a polarização da sociedade é evidenciada na posição de rebeldia que o

sujeito assume contra o poder instituído. Mas outra posição é assumida pelo sujeito, ao convocar os jovens a realizar uma espécie de ação transformadora:

*Toquem o meu coração
Façam a revolução
Que está no ar
Nas ondas do rádio
No submundo
Repousa o repúdio
E deve despertar...
Disputar
Em cada frequência
Um espaço nosso
Nessa decadência...
Canções de guerra
Quem sabe canções do mar*

Nos enunciados, a mídia, em especial as emissoras de rádio piratas, é representada como meio de desestabilização de um poder repressivo e injusto. Ter a chance de ser ouvido pelos meios piratas, alternativos, que subvertem a comunicação de massa, é uma forma de atuação política dos jovens dos anos 1980. Trata-se de um tipo de resistência e de uma ação transformadora feita não pelo uso da força, mas da palavra que encontra no meio transgressor a sua via de circulação.

O sujeito, ao se levantar contra o poder instituído, parece querer insuflar nos ouvintes o desejo pela desordem. Assim, o sentimento de revolta fomenta o desejo de fazer resistência contra aqueles que atuam na esfera do poder, evidenciando uma regularidade nessa produção discursiva. Entretanto essa atitude ainda não pode se manifestar de forma aberta e declarada; sua forma de expressão são as rádios

piratas, uma vez que a censura ainda era algo presente nos meios de comunicação de massa oficiais.

Em "Toda forma de poder", da banda Engenheiros do Hawaii, composta para o disco *Longe demais das capitais*, de 1986, fica evidenciada, também, uma recusa ao poder:

Toda Forma De Poder

Engenheiros do Hawaii

Eu presto atenção no que eles dizem, mas eles não dizem nada.

(Yeah, yeah)

Fidel e Pinochet tiram sarro de você que não faz nada.

(Yeah, yeah)

E eu começo a achar normal que algum

boçal atire bombas na embaixada.

(Yeah, yeah, Uoh, Uoh)

Se tudo passa, talvez você passe por aqui

E me faça

esquecer tudo que eu vi

Se tudo passa, talvez você passe por aqui

E me faça esquecer...

Toda forma de poder é uma forma de morrer por nada.

(Yeah, Yeah)

Toda forma de conduta se transforma numa luta armada.

(Uoh Uoh)

A história se repete mas a força deixa a história mal contada...

Se tudo passa, talvez você passe por aqui

E me faça esquecer tudo que eu vi

Se tudo passa, talvez você passe por aqui

E me faça esquecer...

E o fascismo é fascinante deixa a gente ignorante e fascinada.

É tão fácil ir adiante e se esquecer que a coisa toda tá errada.

Eu presto atenção no que eles dizem, mas eles não dizem nada.

Se tudo passa, talvez você passe por aqui

E me faça esquecer tudo que eu vi

Se tudo passa, talvez você passe por aqui

E me faça esquecer...

(Yeah Yeah Uoh)...

Nesse enunciado, o sujeito assume uma posição de descrédito em relação aos que governam ("Eu presto atenção no que eles dizem, mas eles não dizem nada") e de conformismo

("E eu começo a achar normal que algum boçal atire bombas na embaixada. Se tudo passa, talvez você passe por aqui e me faça esquecer tudo que eu vi").

A descrença nos governantes materializa-se no momento em que o enunciado coloca num mesmo patamar duas personalidades políticas opostas, se consideramos os propósitos das revoluções que encabeçaram: "Fidel e Pinochet tiram sarro de você que não faz nada".

Segundo o que narram Galeano (1971) e Sader (1992), Augusto Pinochet, em 11 de setembro de 1973, comandou um golpe de Estado que derrubou o governo socialista de Salvador Allende. Allende morreu dentro do palácio, tentando resistir ao golpe, que foi apoiado diretamente pelo governo dos Estados Unidos. Quase vinte anos antes, em 1957, Fidel Castro e um grupo de cerca de 80 guerrilheiros combateram o governo de Fulgêncio Batista, protagonizando uma luta armada contra a ditadura. O governo revolucionário desmantelou o sistema político neocolonial. O governo norte-americano adotou uma política de perseguição sistemática contra Cuba, alentando e apoiando financeiramente movimentos contrarrevolucionários, com a finalidade de desestabilizar o regime de Fidel Castro.

O enunciado, ao evocar essas duas personalidades políticas, parece sintetizar uma memória histórica recente da ditadura no Chile e da revolução em Cuba. Mas desconsidera o que motivou a resistência e a luta pelo poder em um país e no outro. Trata-se de motivações diferentes, mas, ao atribuir a esses dois governantes a mesma ação caracterizada pela expressão verbal "tirar sarro", o sujeito mostra que toda forma de exercício do poder é sinônimo de desordem. O sujeito assume um discurso segundo o qual o poder nunca é positivo ou construtivo:

E o fascismo é fascinante deixa a gente ignorante e fascinada. É tão fácil ir adiante e se esquecer que a coisa toda tá errada. Eu presto atenção no que eles dizem mas eles não dizem nada

Esse lugar de fala ambivalente, caracterizado no entremeio da ordem e da desordem, produz sentidos também em outras canções desse período histórico, tal como podemos observar, comparando sequências enunciativas retiradas das músicas "Saída", da banda Ira!, álbum *Mudança de comportamento*, de 1985, e "Fábrica", da Legião Urbana, disco *Dois*, de 1986.

<p style="text-align: center;">Saída</p> <p style="text-align: center;">Ira!</p>	<p style="text-align: center;">Fábrica</p> <p style="text-align: center;">Legião urbana</p>
<p>Não vou mais gritar que te amo nem vou mais pensar se te quero se você pretende que eu seja o futuro da nação, nem chegue perto pois eu não sou isso não não vou lhe agradecer, eu não quero nem lhe sustentar, eu espero que você me entenda, isso eu quero vou rasgar toda gravata vou viver na praia se quiser, venha, mulher não vou mais cortar sua grama nem vou acatar sua trama e os homens que se julgam especialistas vão ficar tão engraçados, atrás de suas mesas eu vou me sentir tão bem que vou lhe sentir também</p>	<p>Nosso dia vai chegar, Teremos nossa vez. Não é pedir demais: Quero justiça, Quero trabalhar em paz. Não é muito o que lhe peço - Eu quero um trabalho honesto Em vez de escravidão. Deve haver algum lugar Onde o mais forte Não consegue escravizar Quem não tem chance. De onde vem a indiferença Temperada a ferro e fogo? Quem guarda os portões da fábrica? O céu já foi azul, mas agora é cinza O que era verde aqui já não existe mais. Quem me dera acreditar Que não acontece nada de tanto brincar com fogo, Que venha o fogo então. Esse ar deixou minha vista cansada, Nada demais.</p>

De acordo com Foucault (2007), o discurso não é lugar de atuação de um sujeito que pensa, que conhece e que diz, mas um conjunto em que se manifesta a dispersão do sujeito e a descontinuidade consigo mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos.

Tal sistema de dispersão e de descontinuidade pode ser depreendido, tendo em vista a posição do sujeito do rock nos seguintes recortes enunciativos:

*se você pretende que eu seja o futuro da nação,
nem chegue perto, pois eu não sou isso não, não
vou lhe agradar, eu não quero nem lhe sustentar,
eu espero que você me entenda, isso eu quero. Vou
rasgar toda gravata, vou viver na praia (música
"Saída")*

*Nosso dia vai chegar, teremos nossa vez. Não é
pedir demais: quero justiça, quero trabalhar em
paz. Não é muito o que lhe peço - eu quero um
trabalho honesto, em vez de escravidão (música
"Fábrica")*

O enunciado de "Saída" se sustenta sobre a oposição de sentido trabalho versus desocupação, manifestando duas posições distintas sobre a identidade do jovem. Ao recusar ser o futuro da nação e não querer trabalhar, o sujeito nega uma representação identitária segundo o qual, pelo trabalho, o jovem pode fazer a nação progredir.

Os sentidos dessa música se constroem na medida em que o enunciado refuta essa representação de identidade, calcada no modelo capitalista de sociedade, ao enunciar "se você pretende que eu seja o futuro da nação, nem chegue perto,

pois eu não sou isso não". Aqui, podemos ler que o outro desse discurso - a representação de identidade jovem negada - é "eu sou o futuro da nação"

Nas sequências enunciativas de "Saída", o sujeito assume, assim, uma posição de desistência e de deserção, uma vez que parece se revoltar contra os ideais de ordem e de progresso da nação. Na atitude de "rasgar toda gravata", o sentido de trabalho, cunhado por um discurso dominante, segundo o qual ele enobrece o cidadão e pode lhe oferecer uma vida digna, é refutado pelo sujeito.

Já em "Fábrica", o sujeito, ao invés de propor a desordem, pela postura de não querer ser o futuro da nação, almeja se enquadrar nessa representação, ao desejar um trabalho digno. Não se trata de se rebelar contra o sistema capitalista, mas, sim, contra as formas de trabalho escravo, reivindicação essa de toda sociedade que quer ser justa.

Na sequência enunciativa "eu quero um trabalho honesto, em vez de escravidão", ecoa, como efeito da memória social no intradiscurso da canção da Legião Urbana, uma temática típica dos anos 1960: a questão do trabalho e do trabalhador oprimido.

O espírito contestador e a atitude de rebeldia contra tudo aquilo que indica ordem parece evidenciar uma concepção de sociedade organizada em aparelhos ideológicos de estado, repressivos ou não, que é uma possível forma de compreensão das relações sociais, defendida por Althusser (1985) e seguidores dessa linha de pensamento.

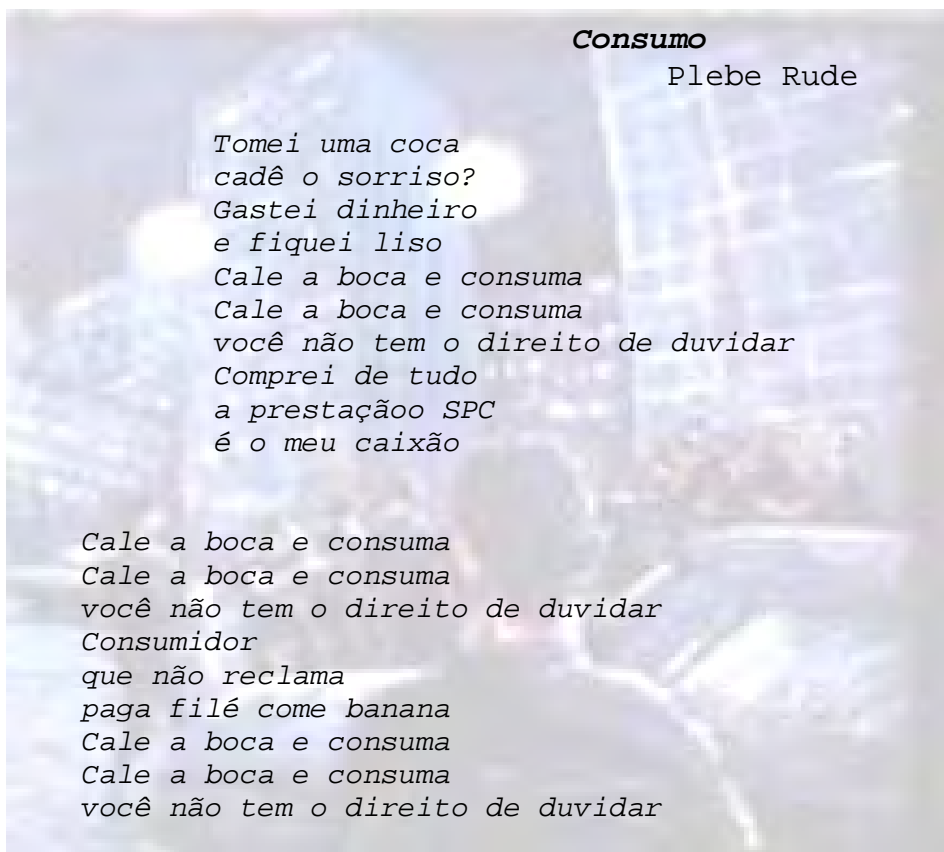
Mas, concomitante a esse espírito contestador e rebelde, a falta de esperança ou descrédito parece acometer também o sujeito do rock, que começa a sentir os efeitos de um momento

histórico marcado pelo o que foi chamado de "fim das ideologias".

O fim das ideologias pode ser relacionado à falta de ações políticas que visem resolver questões de ordem coletiva e à submissão a uma nova ordem, que não é mais a da esfera política. A esse respeito, Bauman (2000; 2001) constata que não apenas a sociedade se interessou ou se desengajou da ação política, ao reconhecer como "individuais" problemas que, na realidade, são coletivos, mas o próprio Estado também manifesta isso, ao se submeter às pressões de um novo agente operacional não político, que é o mercado.

Na análise de Bauman, a inexistência de grandes projetos tem a ver com uma desafeição corrente pelo questionamento das bases que assentam a sociedade contemporânea. Ele sentencia que, na atualidade, acabamos por nos orgulhar daquilo que, possivelmente, deveria nos envergonhar: viver em uma sociedade "pós-ideológica" ou "pós-utópica", que não se preocupa em ter uma visão coerente de boa sociedade e de ter trocado a preocupação com o bem público pela liberdade de buscar satisfação pessoal.

A letra da canção "Consumo", da banda Plebe Rude, para o disco *Nunca Fomos Tão Brasileiros*, de 1987, denuncia, justamente, essa sociedade determinada pelo consumismo:



O refrão, construído, sintaticamente, na forma imperativa, ordena:

*Cale a boca e consuma
Cale a boca e consuma
você não tem o direito de duvidar*

No enunciado, ecoa a voz do chamado capitalismo selvagem, que parece se projetar sobre a consciência do sujeito, de modo que ele não vê alternativa para essa situação, a não ser o conformismo.

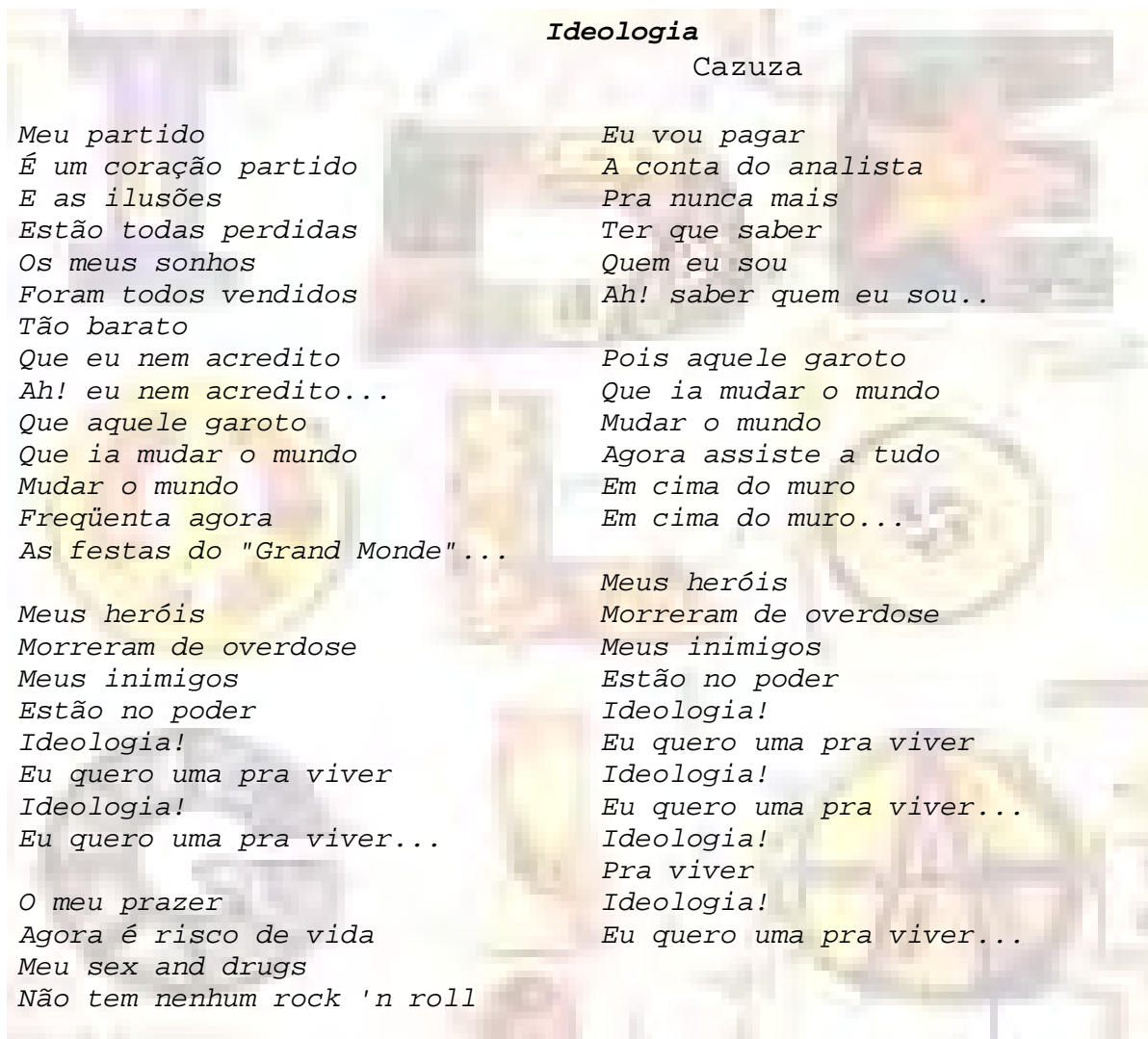
No entanto, é uma atitude conformista de aparência, pois o efeito de sentido é outro. O sujeito dirige-se a um "você", representado como os indivíduos que, na sociedade atual, são

moldados, primeiro e acima de tudo, pelo dever consumir. Ao enunciar "Comprei de tudo a prestação. O SPC é o meu caixão", o sujeito se inscreve numa formação discursiva contrária a essa sociedade do consumo. Com isso, dispara sua crítica a um tipo de norma social que coloca para seus membros a capacidade e a vontade de desempenhar o papel de consumidor passivo, sempre em busca de uma satisfação completa, mas que o capitalismo nunca oferece.

Ainda no entendimento de Bauman, essa nova paisagem social emergiu do derretimento radical dos grilhões e das algemas que limitavam a liberdade individual de escolher e de agir. Segue analisando que coexiste com a ausência de perspectivas, de alternativas ou de utopias, da fase líquida da modernidade, a ausência de agentes políticos potenciais, o que é evidenciado pelo enfraquecimento de instituições políticas que poderiam tomar posição ou confrontar os interesses do capital.

Esse contexto oferece elementos interdiscursivos que constituem os sentidos de "Ideologia", música do compositor e cantor Cazuza, para o disco *Ideologia*, de 1988.

No enunciado, o sujeito enuncia essa fluidez das instituições:



As sequências discursivas desse enunciado constituem sua representação de política, de ideologia e de engajamento político em relação a certos domínios de uma memória social acerca desses temas. É o que podemos observar em:

Meu partido é um coração partido. E as ilusões estão todas perdidas

Nessa sequência, o enunciado recupera outros dizeres sobre a política, em especial, discussões sobre o fato de os partidos políticos já não terem mais uma identidade própria, sendo a plataforma de um o argumento que o outro utiliza para merecer o voto do povo.

Em:

Ideologia! Eu quero uma pra viver Ideologia!

O enfraquecimento dos aparelhos ideológicos, de onde emanavam os sentidos e, a partir dos quais, os sujeitos construía sua identidade, por um processo de identificação, reflete-se nessa sequência enunciativa.

Não se trata mais de ideologia como algo localizado e que se estende a todos, mas como uma visão individual. Cada um deve buscar a sua, uma vez que

Meus heróis morreram de overdose. Meus inimigos estão no poder

A perda das ilusões de uma geração que, pela união e pela força, poderia mudar os rumos da sua nação é cantada nas sequências abaixo:

Os meus sonhos foram todos vendidos, tão barato que eu nem acredito. Ah! eu nem acredito que

aquele garoto que ia mudar o mundo, mudar o mundo, freqüenta agora as festas do "Grand Monde"

O sujeito do canto opõe o significado que o engajamento político teve no passado ao que ele tem no presente (agora), e, numa espécie de lamento, decepção e de saudosismo, constata que se acomodou diante de uma sociedade sem grandes ideias, sem utopia:

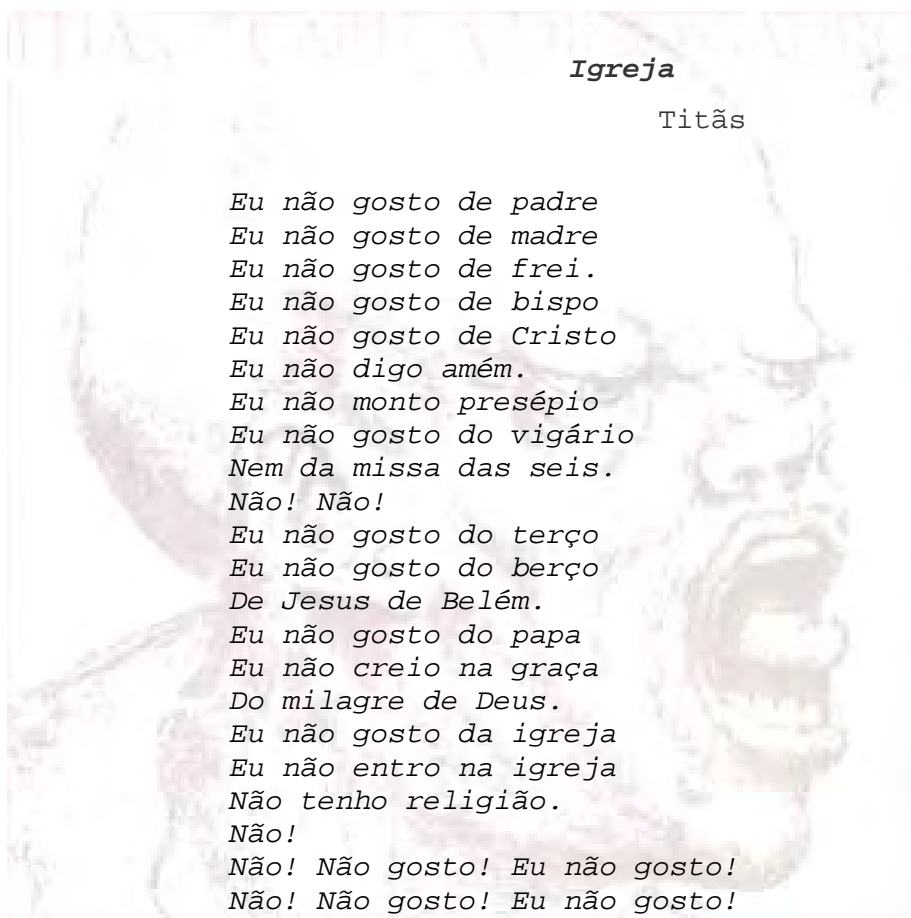
Pois aquele garoto que ia mudar o mundo, mudar o mundo, agora assiste a tudo em cima do muro, em cima do muro

Os temas religião e família também são alvos das canções, o que aponta para o fato de que eles se apresentam, na visão do sujeito do rock, como duas instituições em descrédito na sociedade, embora, da forma como são concebidas, funcionem, ainda, como instrumentos de submissão a um tipo de dispositivo disciplinador e alienante da juventude.

Essa é a posição de sujeito que vemos se delinear nos enunciados de "Igreja", terceira faixa do disco *Cabeça Dinossauro*, dos Titãs, 1986, "Catedral", do Biquíni Cavado, disco *A Era da Inocência*, de 1987, "Mão Católica", da banda Camisa de Vênus, trilha sonora do álbum *Correndo o Risco*, e "Eu Agradeço", de Cazuza, para o álbum *Burguesia*, de 1989.

Esses quatro enunciados são tecidos de modo heterogêneo, dada a configuração de um "campo de presença" (FOUCAULT, 2007, p. 63). Neles ecoam enunciados formulados alhures, no campo discursivo da fé cristã-católica. Esse campo discursivo oferece os objetos simbólicos, as figuras e os elementos definidores e identificadores desse aparelho ideológico, os

quais são rejeitados e/ou ironizados em "Igreja", "Mão Católica" e "Eu Agradeço", com vistas à constituição e à formulação de um discurso de descrença e, por corolário, de libertação de um modelo de vida alienante, segundo a posição aqui assumida. Não há como negar que o sujeito se inscreve em uma formação discursiva segunda o qual "a religião é o ópio do povo".



No enunciado de "Igreja", o espaço da ordem é aquele circunscrito e determinado pela crença no cristianismo, tal como essa religião é interpretada pela instituição católica, com seus símbolos (terço, presépio), ícones (Cristo) e hierarquia eclesiástica (papa, bispo, frei, padre e madre).

Já o espaço da desordem se constitui pela negação desses mesmos elementos.

A repetição da estrutura linguística "eu não gosto de...", no início da maioria dos versos, atualiza um forte discurso de negação de autoridade, efeito de sentido esse que se completa pelo recurso de uma sonoridade dura e impiedosa.

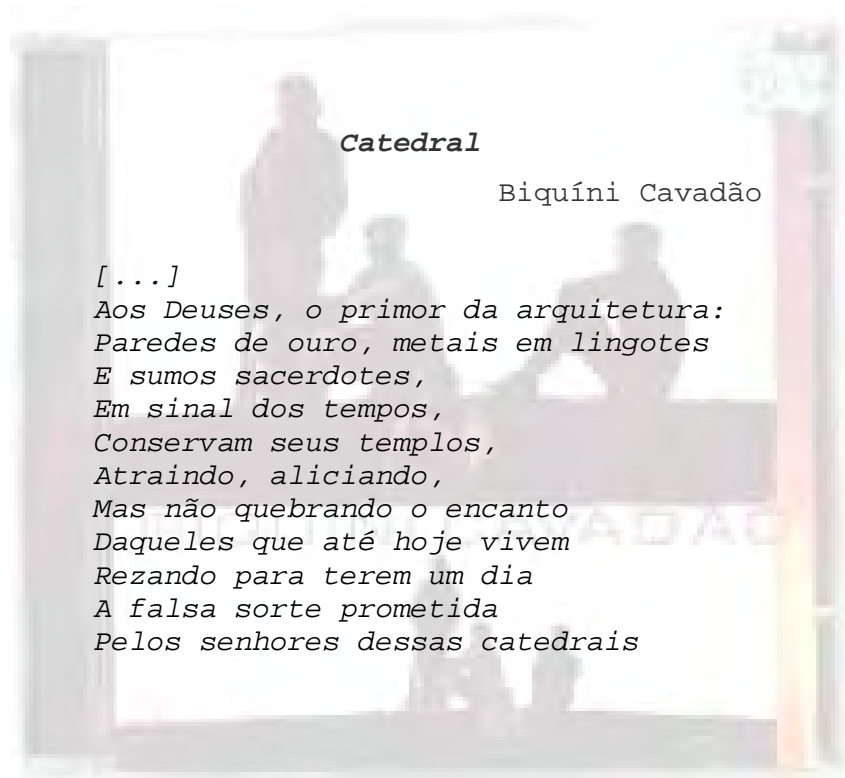
O enunciado contrapõe dois pontos de vista antagônicos sobre o mesmo tema, os quais circunscrevem duas posições de sujeito, sendo uma que se identifica com o discurso religioso e outra que nega essa formação discursiva. Com isso, estabelece-se, discursivamente, o espaço da identidade do sujeito do canto, em oposição, pelo recurso linguístico da negação, ao espaço da identidade do outro.

Assim, para construir essa representação identitária, o enunciado nega aquilo que é afirmado pelos sujeitos determinados pela fé. Isso nos permite apontar que o funcionamento discursivo que confere um efeito de resistência aos elementos que configuram a ordem religiosa ancora-se na oposição fé *versus* ceticismo:

a) afirmação da fé cristã-católica, que é feita pela retomada do outro do discurso de "Igreja", pressuposto na construção afirmativa "eu gosto de... (padre, madre, Cristo, terço etc.);

b) negação dessa fé com seus valores materializados nos elementos e nos símbolos referidos, por meio do mecanismo linguístico da negação "eu não gosto de..."

Em "Catedral", do grupo Biquíni Cavado, do qual retiramos a sequência enunciativa abaixo, o sujeito não se levanta, diretamente, contra a fé em Deus, mas contra os mandatários da igreja:



O enunciado define e delimita o lugar que sacerdotes e fiéis ocupam na ordem religiosa. Assim, de um lado estão os "sumos sacerdotes" que "em sinal dos tempos, conservam seus templos" e, de outro, aqueles "que até hoje vivem rezando para terem um dia a falsa sorte prometida".

Na denúncia dessa prática religiosa que engana seus crentes, o enunciado remonta à memória histórica medieval, quando pontífices vendiam a salvação aos seus fiéis, gerando, com isso, lucros fabulosos para uma igreja que explorava pessoas miseráveis e carentes.

Mão Católica

Camisa de Vênus

*Nascer com o mal na alma
 Pro batismo libertar
 Carregar a cruz de toda culpa
 E colocá-la no altar
 Domingo tem a missa
 obrigatória
 Ajoelhar perante a santa
 inquisição
 Pras bruxas temos a fogueira
 Pros santos nós temos o perdão
 Você só tem que confessar
 Pedir a Deus pra perdoar
 Não tento atos de heroísmo
 Mea culpa
 Mea culpa
 Mão fechada do catolicismo*

*Nascer com o mal na alma
 Pro batismo libertar
 Carregar a cruz de toda essa
 culpa
 E colocá-la no altar
 A Santíssima Trindade ilumina
 o mistério
 Pecar, blasfemar, essa é a
 nossa sina
 Então engolir o corpo de
 Cristo
 E agradecer essa herança
 divina
 Você só tem que confessar
 Pedir a Deus pra perdoar
 Não tento atos de heroísmo
 Mea culpa
 Mea culpa
 Mão pesada do catolicismo*

Aqui, o catolicismo também é alvo da canção de tom ofensivo do grupo Camisa de Vênus, como podemos observar na sequência enunciativa "Domingo tem a missa obrigatória. Ajoelhar perante a santa inquisição. Pras bruxas temos a fogueira".

A visão que se tem aqui da fé cristã-católica remonta a uma memória histórica marcada pela forma violenta com a qual os clérigos impunham a crença, não somente em Deus, mas na autoridade papal e na própria doutrina. Ao enunciar "Pecar, blasfemar, essa é a nossa sina. Então engolir o corpo de Cristo e agradecer essa herança divina", o sujeito parece querer denunciar a imposição do poder religioso sobre as pessoas, uma vez que não se trata de "comer" o corpo de Cristo, tal como se dá o convite aos fiéis durante a eucaristia, mas de "engolir". Considerando-se o aspecto semântico desse verbo, o seu funcionamento sugere que a

prática da fé não se dá pela conversão voluntária, mas pela obrigação.

Confrontam-se duas formações discursivas, a da prática discursiva católica, que prega a participação dos fiéis nos rituais, a expiação dos pecados e a santidade, e a da prática mundana dos fiéis, que reincidem no pecado: "Pecar, blasfemar, essa é a nossa sina [...] Você só tem que confessar. Pedir a Deus pra perdoar"

É preciso destacar o tom irônico que perpassa todo o enunciado. Já tivemos a oportunidade de nos valer desse processo para análises anteriores, mas vamos, nesse momento, nos deter nessa questão.

Brait (1996), fundamentada em uma concepção enunciativa da linguagem, questiona a oposição sentido literal/figurado relacionado à figura de linguagem antífrase, dada a necessidade de um contexto da enunciação a fim de que sejam produzidos efeitos de sentido irônico em um enunciado. Conforme expõe a autora, o processo irônico se configura toda vez que, em uma enunciação, se enuncia um conteúdo que remete a outra enunciação, instaurada como primeira e passível de problematização. A autora destaca, ainda, que a relação entre os sujeitos envolvidos na ironia manifesta efeitos de um contexto de caráter social.

De um ponto de vista discursivo, Orlandi (1986) postula, de igual modo, que a análise do funcionamento da ironia não pode ser feito com base na distinção entre sentido literal e sentido figurado, além do que é preciso levar em conta aspectos discursivos de ordem sociohistórica.

Com base em Wilson Sperber, que concebe ironia como uma "menção-ecóica", essa autora reflete sobre a propriedade da

"dissonância" determinante no funcionamento do discurso irônico. Isso leva Orlandi a postular que, se a identidade de um discurso institucionalizado se faz presente no eco, há, também, um estranhamento e um distanciamento dele. Nesse sentido, coloca-se em jogo o que está estabelecido, provocando, dessa forma, rupturas, dada a possibilidade de se constatar outras formas de representação da realidade, o que pode ameaçar a estabilidade do já-dito e instituído.

Esse funcionamento é o que confere ao enunciado de "Mãe Católica" um efeito de sentido irônico, se entendermos que o enunciado, embora se constitua a partir de outra enunciação, a do discurso religioso católico, tendo em vista os elementos resgatados (batismo, Santíssima Trindade, corpo de Cristo), não assume como seu o ponto de vista dessa formação discursiva. Ou seja, feixes de sentido do discurso religioso deixam vestígios no enunciado, mas a recusa dele provoca o distanciamento do sujeito, que passa a interpretar os elementos desse discurso de outro lugar, que não é aquele de onde falam os que se converteram pela fé católica.

Nesse movimento de retomar (fazer ecoar) e se distanciar do discurso religioso, o enunciado promove uma ruptura nessa ordem, aparentemente ou que se crê, estabilizada.

Em "Eu Agradeço", do álbum *Burguesia* (1989), de Cazuza, o processo irônico também garante o efeito de resistência ao poder que emana do discurso religioso:

Eu Agradeço

Cazuza

<i>Eu, eu agradeço, Senhor</i>	<i>E na cabeça a dúvida e o medo</i>
<i>Eu, eu agradeço, Senhor</i>	<i>São os amigos que vão me</i>
<i>Pois me criei</i>	<i>manter são</i>
<i>Esta criança que eu sempre hei</i>	<i>Eu, eu agradeço, Senhor</i>
<i>de ser</i>	<i>Ou, ou, ou o que mais então?</i>
<i>Por outros seres e desejos</i>	<i>Se eu vejo a luz e vivo a</i>
<i>Vivos nas estrelas</i>	<i>escuridão</i>
<i>Por ser um rei</i>	<i>E não estou pronto pro grande</i>
<i>E não ter que governar a vida</i>	<i>momento</i>
<i>Agradeço por ter desobedecido</i>	<i>Se eu vejo a luz e vivo a</i>
<i>Por ter cuspidido no teu altar</i>	<i>escuridão</i>
<i>sagrado</i>	<i>Agradeço mas não me lamento</i>
<i>E por saber que nunca vou ter</i>	<i>Por negar também a tua</i>
<i>fé</i>	<i>presença</i>
<i>E vou rir só com um canto da</i>	<i>Peço licença pra cantar o amor</i>
<i>boca</i>	<i>E não esperar jamais a</i>
<i>Eu, eu agradeço, Senhor</i>	<i>recompensa</i>
<i>Eu, eu agradeço, Senhor</i>	<i>Eu, eu agradeço, Senhor</i>
<i>Meu coração vai filtrar todo o</i>	<i>Eu, eu agradeço, Senhor</i>
<i>ódio</i>	
<i>Como um fígado, e vencer o</i>	
<i>tédio</i>	

Para mais bem especificar isso, recorreremos ao entendimento de Orlandi (1987; 1990) sobre o funcionamento desse discurso. Orlandi estabelece uma distinção entre marcas e propriedades do discurso religioso. As marcas referem-se à organização do discurso, e as propriedades dizem respeito à totalidade do discurso, na relação que mantém com a exterioridade.

Em relação à propriedade, o que caracteriza a formação discursiva religiosa é a não-reversibilidade entre os planos espiritual e temporal. No plano espiritual, se situa Deus, o Sujeito Maior; no plano temporal, encontram-se os homens, que são determinados por esse discurso. A não-reversibilidade

ocorre em vista da não possibilidade de os homens interagirem com Deus.

Os representantes de Deus parecem falar por ele; entretanto, o lugar do sujeito jamais é ocupado pelos homens. Quando Deus fala, sua voz é ouvida através da boca de um dos seus representantes na terra, mas quem fala não tem autonomia sobre seu discurso. O representante é tão-somente o responsável pela materialização fisiológica do discurso, que tem sua origem na Bíblia e/ou na teologia. Assim, os sentidos não estão em quem fala, mas em Deus. Conseqüentemente, o eu enunciador não pode ser questionado e nem analisado, porque seu dizer está firmado "naquele que está acima de todos". Devido a essa submissão, há um desnivelamento na relação entre plano espiritual e plano temporal, uma vez que o primeiro, sendo visto como absoluto, abafa a vontade dos que ocupam o segundo plano.

Para Orlandi (1987, p. 245) existem regras para a apropriação da voz de Deus: "a relação do representante com a voz de Deus é regulada pelo texto sagrado, pela igreja, pelas cerimônias". Em vista disto, no discurso religioso, há uma forte tendência para estancar a polissemia, oferecendo aos homens um único sentido, uma só leitura, baseada nas palavras de Deus.

Quanto às marcas desse discurso, elas indicam a dissimetria entre os planos espiritual e temporal, que se manifesta, no nível textual, por meio do uso frequente de antíteses, que se encontram apoiadas no mecanismo gramatical da negação. Uma vez que os planos referidos são opostos, a negação apresenta um efeito invertido - quando se diz morte no plano temporal, se compreende vida, no plano espiritual. É o que Orlandi chama de retórica da denegação, ou seja, a

negação da negação: a negação do sim pressuposto no ouvinte que representa o não a Deus. O homem nasceu em pecado e isto é o não a Deus. Desse modo, o discurso, para afirmar o que é positivo, deve negar o negativo, ou seja, deve negar o sim pressuposto do homem ao pecado, por exemplo.

Se voltarmos ao enunciado de "Igreja", nas sequências enunciativas "Eu não gosto de Cristo. Eu não creio na graça do milagre de Deus", essa retórica da denegação acontece, só que não no sentido de afirmação da fé, mas no de recusa dela. Opera-se a negação do sim pressuposto pelos que assumem e são determinados pelo discurso religioso ("Eu gosto de Cristo. Eu creio na graça do milagre de Deus") que representa um não Deus, que é, portanto, como já afirmado, a posição de sujeito na letra da canção.

A dissimetria entre os planos espiritual e temporal se dá em outro nível, uma vez que não se trata de um devoto falando em nome de Deus, mas de um descrente. Ao enunciar "Eu não creio na graça do milagre de Deus", o sujeito inscreve-se em um discurso ateu, que nega a graça do milagre, mesmo que ela esteja, de certo modo, pressuposta na voz do outro enunciador que nela acredita. Se recorrêssemos a Pêcheux, poderíamos analisar que

há separação, distância ou discrepância na frase entre o que é pensado antes, em outro lugar ou independentemente, e o que está contido na afirmação global da frase" (PÊCHEUX, 1995, p.99).

A desestabilização da ordem do discurso religioso pode ser mais bem explicitada se considerarmos a dissimetria entre o plano divino e o plano temporal, de onde fala o sujeito do

rock. Um primeiro aspecto diz respeito ao entendimento desse discurso como se constituindo por um universo de referências estabilizado.

Em Pêcheux (1997), os discursos da matemática e das ciências da natureza lidam com o real, descrito por intermédio de proposições oriundas de "universos logicamente estabilizados" Esses espaços "repousam, em seu funcionamento discursivo interno, sobre uma proibição de interpretação, implicando o uso regulado de proposições lógicas" (PÊCHEUX, 1997, p. 31)

Em princípio, o discurso religioso, assim como o da história, por exemplo, se constitui a partir de proposições pertencentes a universos "não-logicamente estabilizados", que propõem uma interpretação do "real". O discurso religioso cristão é, assim, um discurso de interpretação e não de descrição do real, e isso a história tem mostrado muito bem, desde a Reforma Protestante, no século XVI, sem mencionar outros acontecimentos antecedentes, que trouxeram à luz as fissuras dessa formação discursiva.

No entanto, se considerarmos a formação discursiva católica, há todo um procedimento de estabilização desse discurso, com vistas a assegurar a unidade da fé em torno de uma exegese bíblica dominante, que expõe seus princípios como "verdade" inquestionável.

Assim, o sujeito do rock, ao sustentar um discurso de resistência, desestabiliza esse discurso, do seu interior mesmo. Tal é o mecanismo que o enunciado emprega em "Eu Agradeço", de Cazuza.

O tom da canção indica que o sujeito assume a corporalidade daquele que acredita em Deus, e isso se deve ao

fato de que a letra organiza-se sobre o gênero discursivo oração:

Eu, eu agradeço, Senhor
Eu, eu agradeço, Senhor

O segundo aspecto a ser considerado é que há uma discrepância entre essa corporalidade assumida e o conteúdo dessa oração de agradecimento, o que evidencia um procedimento discursivo irônico. O sujeito do canto se faz passar por um indivíduo temente a Deus, mas as razões que motivam sua oração atestam descrença ("Agradeço, mas não me lamento, por negar também a tua presença"), desrespeito ("Agradeço por ter desobedecido. Por ter cuspidido no teu altar sagrado") e desesperança ("Se eu vejo a luz e vivo a escuridão. E não estou pronto pro grande momento. Se eu vejo a luz e vivo a escuridão"), evidenciada pela antítese luz/escuridão.

O discurso religioso é marcado pela existência de uma dissimetria entre Deus e aquele que fala em seu nome (um clérigo ou fiel), garantindo a ordem própria desse discurso, vista aqui em termos de propriedades e marcas. Mas em "Eu Agradeço", outra dissimetria se manifesta: o sujeito não fala do plano temporal ocupado pelo crente, mas do plano temporal no qual se encontram os descrentes.

A função enunciativa aqui exercida confere ao enunciado uma materialidade própria do gênero oração, o que se constata, textualmente, pela recorrência à estrutura "eu agradeço" e pelo vocativo "Senhor", mas, no nível das "escolhas estratégicas" (FOUCAULT, 2007), a letra da canção

reporta-se a um campo de opções e de práticas sociais que não se coaduna com o discurso religioso. Isso atesta uma distância entre o modo como o sujeito enuncia (oração de agradecimento) e o conteúdo do que enuncia (descrença em relação àquele a quem se dirige em tom de agradecimento).

Por último, destacamos dois enunciados que mostram a representação que o sujeito do rock faz da família. De início, podemos adiantar que essa representação se não nega, pelo menos desestabiliza a visão de que essa instituição é um dos pilares da sociedade e um dos principais meios de socialização dos indivíduos.

Para tanto, um dos procedimentos consiste em satirizar a rotina familiar, como descreve a canção "Família", dos Titãs, décima faixa do disco Cabeça Dinossauro, de 1986:

Família	
Titãs	
<p><i>Família! Família!</i> <i>Papai, mamãe, titia</i> <i>Família! Família!</i> <i>Almoça junto todo dia</i> <i>Nunca perde essa mania...</i> <i>Mas quando a filha</i> <i>Quer fugir de casa</i> <i>Precisa descolar um ganha-pão</i> <i>Filha de família se não casa</i> <i>Papai, mamãe</i> <i>Não dão nem um tostão...</i> <i>Família êh! Família ah!</i> <i>Família! oh! êh! êh! êh!</i> <i>Família êh! Família ah!</i> <i>Família!...</i> <i>Família! Família!</i> <i>Vovô, vovó, sobrinha</i> <i>Família! Família!</i> <i>Janta junto todo dia</i> <i>Nunca perde essa mania...</i> <i>Mas quando o nenê</i> <i>Fica doente Uô! Uô!</i> <i>Procura uma farmácia de plantão</i> <i>O choro do nenê é estridente</i> <i>Uô! Uô!</i> <i>Assim não dá pra ver televisão...</i></p>	<p><i>Família êh! Família ah!</i> <i>Família! oh! êh! êh! êh!</i> <i>Família êh! Família ah!</i> <i>Família! hiá! hiá! hiá!...</i> <i>Família! Família!</i> <i>Cachorro, gato, galinha</i> <i>Família! Família!</i> <i>Vive junto todo dia</i> <i>Nunca perde essa mania...</i> <i>A mãe morre de medo de barata</i> <i>Uô! Uô!</i> <i>O pai vive com medo de ladrão</i> <i>Jogaram inseticida pela casa</i> <i>Uô! Uô!</i> <i>Botaram cadeado no portão...</i> <i>Família êh! Família ah!</i> <i>Família!</i> <i>Família êh! Família ah!</i> <i>Família! oh! êh! êh! êh!</i> <i>Família êh! Família ah!</i> <i>Família! hiá! hiá! hiá!...</i></p>

Com pouco uso de conectivos, frases curtas e recorrência a verbos que denotam ação no início de cada verso ("Almoça junto todo dia. Quer fugir de casa. Janta junto todo dia. Procura uma farmácia de plantão") o enunciado descreve a rotina familiar, marcada, no plano linguístico, pela repetição da locução adverbial "todo dia" e pelo uso dos verbos almoçar, jantar e viver no presente durativo, como podemos observar nas sequências abaixo:

*Almoça junto todo dia. Nunca perde essa mania
Janta junto todo dia. Nunca perde essa mania
Vive junto todo dia. Nunca perde essa mania*

A carga semântica desses verbos, organizados em torno do sistema temporal enunciativo, confere ao enunciado o efeito de rotina. Segundo o que analisa Fiorin (1996), nesse sistema temporal, ordenam-se os verbos que marcam certa coincidência entre o momento de referência e o momento da enunciação. Na letra de "Família", o presente durativo, expresso pelos verbos destacados acima, indica que o momento de referência é mais longo que o momento da enunciação, e é justamente esse funcionamento discursivo, garantido por esses verbos, que permite ao sujeito satirizar a rotina familiar, bem como evocar nos ouvintes essa memória, levando-os a compartilharem dessa representação, uma vez que não se trata de uma família em particular, mas de qualquer uma, composta, tradicionalmente, por pai, mãe, filhos, avós, sobrinhos, crianças de colo, cachorro, gato e galinha.

A representação tradicional de família não fica a cargo somente do elenco de seus integrantes, mas também da retomada de um discurso conservador, segundo o qual, para se

constituir uma família, é preciso se enquadrar nos padrões aceitos pela sociedade:

*Filha de família se não casa
Papai, mamãe
Não dão nem um tostão*

Um discurso mais cortante sobre a relação familiar tem lugar em "Laços de Família", da banda Ultraje a Rigor, composta para o álbum *Crescendo*, de 1989:

Laços de Família

Ultraje a rigor

*Em um apartamento
Com estranhos labirintos
E confusões
Contusões machucam cada
músculo
De cada coração
Cada gesto disfarça uma
emboscada
Paira no ar a triste piada
Mas se alguém riu, também não
viu
Que toda comédia tem no fundo
uma tragédia
Em cada canto de cada boca
Escorre um pouco de veneno
As expressões nada tem de
sereno*

*Pais e filhos encurralados
Sufocados em laços de família
Quase toda família
É uma orquestra desafinada
Num álbum velho
Estão eternizadas
Numa fotografia desfocada
As convergências, as
divergências
A emergência de cada um
Em procurar uma saída
Que não leve de volta
Ao ponto de partida
Qualquer deslize pode ser
crucial
E transformar cada membro
Em um feroz animal*

Aqui o sujeito do canto não fala de si, mas de um "eles" ("Pais e filhos encurralados. Sufocados em laços de família") e de um convívio familiar perturbador. Ele não trata de um tema de sua existência privada, mas de algo que afeta a

comunidade e o cotidiano do jovem brasileiro. Nesse sentido, embora não se coloque na letra como "eu", é da sua experiência que ele fala, emitindo, assim, um juízo em relação ao relacionamento entre pais e filhos, por meio de uma narrativa repleta de subjetividade:

*Cada gesto disfarça uma emboscada
 Paira no ar a triste piada
 Mas se alguém riu, também não viu
 Que toda comédia tem no fundo uma tragédia*

O sujeito do canto parece construir um lugar de fala de onde tudo observa e avalia, com certo distanciamento, e esse efeito não se deve apenas pelo fato de falar de um "eles", mas também pelo motivo de que o enunciado se reportar a um espaço indeterminado, um *algures*:

*Em um apartamento
 Com estranhos labirintos
 E confusões*

Segundo Fiorin (1996), nos textos, o espaço pode desdobrar-se em espaço da enunciação e em espaço do enunciado. Chama de "debreagem enunciativa da enunciação" quando o espaço de onde fala o narrador não está projetado no enunciado, indicando que ele enuncia de lugar indeterminado. Esse mecanismo é aqui empregado pelo enunciado para enfocar o desagregamento familiar. Em outras palavras, o conflito de gerações aqui abordado é algo não localizado em uma ou outra família específica, mas em todas, sobretudo na família urbana.

No enunciado, atualiza-se o discurso de que a família é uma instituição repressora e tradicionalista, e isso dificulta um relacionamento maduro e libertário entre seus membros. É o que produzem estas sequências enunciativas:

*Num álbum velho
Estão eternizadas
Numa fotografia desfocada
As convergências, as divergências
A emergência de cada um
Em procurar uma saída
Que não leve de volta
Ao ponto de partida
Qualquer deslize pode ser crucial
E transformar cada membro
Em um feroz animal*

Nos adjetivos "velho" e "desfocada", usados metaforicamente para construir a imagem de família em decadência, estão inscritas as relações sociais que, ao longo dos tempos, contribuíram para tornar a instituição obsoleta e incapaz de mediar a relação dos jovens com o mundo. Na antítese "as convergências, as divergências", o sujeito alude à clivagem entre as concepções de mundo de pais e de filhos, o que sustenta a opinião de que "Quase toda família é uma orquestra desafinada".

Sem dúvida, essa clivagem entre desejos e anseios de pais e de filhos é o que sustenta a posição do sujeito em "No mundo da Lua", do grupo Biquíni Cavado, composta para o disco *Tédio*, de 1985:

BIQUINI CAVADÃO

No Mundo da Lua

Biquini cavadão

Quando os astronautas foram a Lua
 Que coincidência, eu também estava lá
 Fugindo de casa, do barulho da rua
 Pra recompor meu mundo bem devagar
 Que lugar mais silencioso
 Eu poderia no universo encontrar
 Que não fossem os desertos da lua
 Pra recompor meu mundo bem devagar
 Não quero mais ouvir
 A minha mãe reclamar
 Quando eu entrar no banheiro
 Ligar o chuveiro, mas não me molhar
 Quando os astronautas foram a lua
 Eu fugi com eles, me joguei por aí
 Fugindo de casa, do barulho da rua
 Me esquecendo de tudo pra me divertir.

Nesse enunciado, o sujeito fala de si na primeira pessoa do singular "eu" ("eu poderia", "meu mundo", "não quero", "minha mãe"), e se coloca em relação à família e aos problemas que enfrenta, representados, respectivamente, por "mãe", "casa" e "rua". A necessidade de encontrar um lugar em que possa se autoconhecer, sem a intromissão dos pais ou sem as preocupação diárias, é aqui problematizada, indicando uma regularidade no modo como as músicas falam da necessidade que o jovem tem de se sentir livre:

Quando os astronautas foram a Lua
 Que coincidência, eu também estava lá
 Fugindo de casa, do barulho da rua
 Pra recompor meu mundo bem devagar

Assim, além de por em pauta o conflito gerado pelo embate entre concepções de mundo diferentes, o discurso do rock alude, também, ao fato de que os laços de família são um obstáculo para a tão almejada sensação de liberdade individual: "não quero mais ouvir a minha mãe reclamar quando eu entrar no banheiro, ligar o chuveiro, mas não me molhar".

Outro ponto merecedor de destaque refere-se à alusão que é feita ao acontecimento histórico da chegada dos astronautas à Lua, em 1969. Situar-se nesse período, que não é o seu "presente", parece indicar que o sujeito se identifica com uma geração passada, com seus ideais e com suas conquistas de liberdade, encenadas por jovens nascidos sob o signo de maio de 68. Ao aproximar um acontecimento histórico global (a conquista da Lua) a fatos do seu cotidiano, o sujeito idealiza uma nova ordem, ou seja, outro lugar em que possa se refugiar.

Por esse raciocínio, a Lua e esse acontecimento histórico, ao invés de se constituírem em um lugar utópico, sinalizam a configuração de um contra-espço, uma heterotopia.

Segundo o que analisa Foucault (2006, p. 418), a heterotopia funciona no momento em que "os homens se encontram em uma espécie de ruptura absoluta com o seu tempo tradicional". Nesse sentido, os espaços reais (no caso o lar e a rua) estão representados e, ao mesmo tempo, invertidos. Assim, o sujeito projeta, nesse espaço-outro, um lugar tão acolhedor quanto não o é o do seu cotidiano. É uma heterotopia de "compensação", diria Foucault (p. 421).

5.3 O discurso do rock entre retratos e fragmentos da urbs

As análises feitas na seção anterior apontam para a recorrência de temas que se entrelaçam em torno de questões de ordem política, religiosa e social. Como vimos, são letras que acabam por tocar em aspectos do cotidiano jovem, afetado pelas relações de poder, de controle e de vigilância. O sujeito do canto, ao falar de temas que se entrelaçam com o cotidiano, reitera conteúdos que supõe serem de conhecimento do seu ouvinte.

Segundo o que analisa Costa (2004), as letras das músicas são exteriorização de conteúdos vivenciados ou passíveis de entendimento pelo ouvinte, as quais o sujeito do canto faz referência. Podemos estender essa análise ao nosso objeto, na tentativa de compreender isso como um funcionamento próprio do discurso do rock, no qual o jovem aparece como dimensão peculiar do discurso, e o outro dessa identidade são os políticos, os governantes, enfim, os que detêm o poder de mando e de desmando.

As mazelas de uma sociedade corrompida e castigada por medidas político-econômicas ineficazes são elementos do cotidiano jovem, que aparecem em imagens fragmentadas construídas nas letras das canções. Como pertencentes a essa tribo urbana, o sujeito do rock "espelha" isso de uma maneira peculiar, através de letras que falam de violência, miséria e corrupção.

No tocante a essa temática, Guerreiro (1994) analisa que o cotidiano que se apresenta nas canções de rock é o da "deambulação", termo que emprega para definir um cotidiano tradicional negado, em favor da afirmação de um cotidiano de

rua. Em outras palavras, o lugar do dia-a-dia deixa de ser a casa para ser a cidade, e, segue analisando esse autor, o olhar que capta esse cotidiano é cinematográfico: "é assim que a estrutura das canções se assemelha ao movimento da câmera de cinema no registro visual dos acontecimentos" (GUERREIRO, 1994, p. 60-1).

Essa análise nos dá condições de concluir que, nos enunciados das canções, as representações do cotidiano são construídas a partir das imagens que os roqueiros consomem da televisão ou dos jornais impressos.

Em "Revoluções Por Minuto", música do RPM, disco *Rádio Pirata ao Vivo*, de 1986, da qual retiramos as sequências "Sinais de vida no país vizinho. Eu já não ando mais sozinho. Toca o telefone, chega um telegrama enfim. Ouvimos qualquer coisa de Brasília. Rumores falam em guerrilha. Foto no jornal, cadeia nacional", o universo político é captado pelo prisma da mídia.

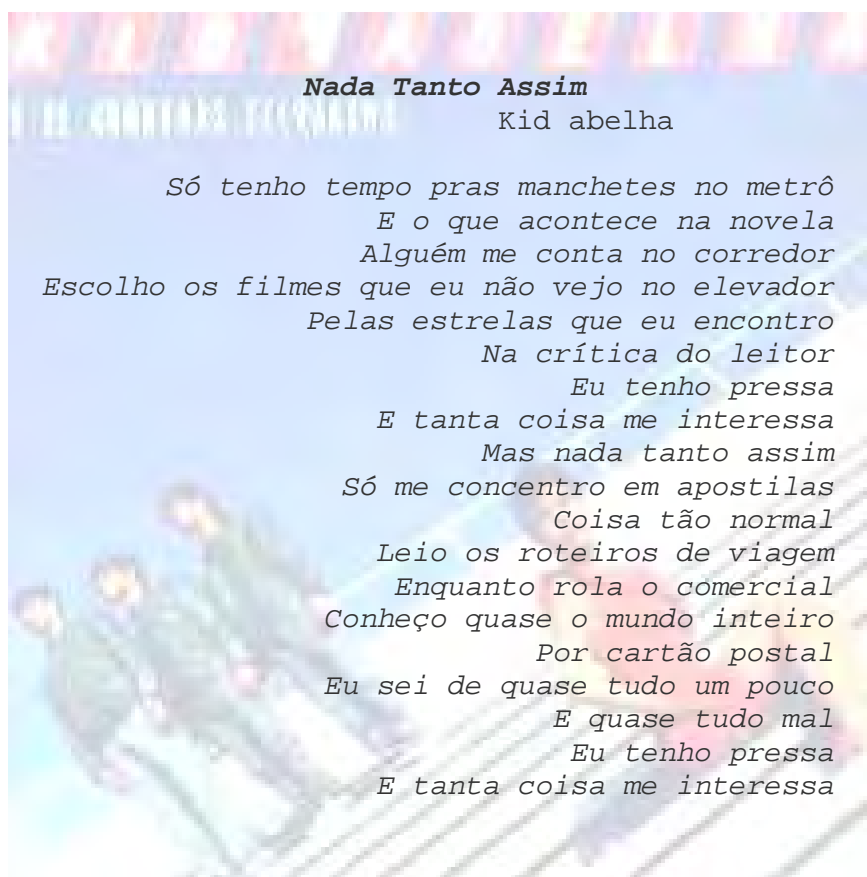
Porém não se trata, a nosso ver, de um consumo passivo, pois, como analisa De Certeau (1994),

da televisão ao jornal, da publicidade a todas as epifanias mercadológicas, a nossa sociedade canceriza a vista, mede toda a realidade por sua capacidade de mostrar ou de se mostrar e transforma as comunicações em viagens do olhar (DE CERTEAU, 1996, p. 48)

Sobre esse olhar cinematográfico, que parece captar a rotina da vida cotidiana, dois aspectos precisam ser levados em conta. O primeiro diz respeito ao fato de a juventude dos anos 1980 ter sido marcada por um processo que só se

intensificou de lá para cá: a midiaticização, ou seja, a articulação dos meios de comunicação e informação com a vida social, de tal sorte que as pessoas passaram a acreditar naquilo que o espelho midiático mostra como sendo a realidade, tal como ela é.

No enunciado da canção "Nada Tanto Assim", da banda Kid Abelha, para o álbum *Seu Espião*, de 1984, podemos observar a representação "fotografada" de um contexto dominado pela multimídia:



Além dessa representação estilizada da realidade, o enunciado constrói, também, para a juventude uma identidade que repousa sobre esse contexto fragmentado, marcado pela correria do dia-a-dia e pelo acúmulo de informações. Tais

características da vida urbana moderna dão os matizes de uma identidade jovem multifacetada:

*Eu sei de quase tudo um pouco
E quase tudo mal
Eu tenho pressa
E tanta coisa me interessa*

A respeito do poder que a mídia exerce sobre os sujeitos, vamos encontrar em Nora (1995) uma explicação que pode nos ajudar nesse momento. Ao tratar do que chama "retorno do fato", esse historiador pondera que o acontecimento moderno encontra-se em uma cena imediatamente pública, captada pela lente de um repórter-espectador, o que indica que a história deixou de ser o lugar de produção do acontecimento, uma vez que é à mídia que se deve o reaparecimento do monopólio da história. Nora sentencia que

Imprensa, rádio, imagens não agem apenas como meios dos quais os acontecimentos seriam relativamente independentes, mas como a própria condição de sua existência. A publicidade dá forma a sua própria produção (NORA, 1995, p. 181).

Se aceitarmos que a história do tempo presente é narrada nas páginas dos jornais e pelas lentes da televisão ou do cinema, então, somos levados a considerar, como o faz Gregolin (2000), que, nos discursos da mídia, o leitor ou espectador é chamado a interagir com uma história que, supostamente, estaria sendo contada, concomitantemente à eclosão dos acontecimentos na sociedade:

O leitor da mídia é interpelado a interpretar a História como se ela estivesse acontecendo diante do seu olhar. Cria-se, pelo instantâneo, a ilusão do fluir histórico e, conseqüentemente, a certeza ilusória de que se está acompanhando a História-em-curso (GREGOLIN, 2000, p. 25-6.)

Outro elemento de suma relevância para as análises a seguir diz respeito ao fato de que essa história do tempo presente mediada se transforma em acontecimento discursivo espetacularizado em imagens.

Para Debord (1997), nas sociedades marcadas por condições modernas de produção, há uma imensa acumulação de espetáculos, anunciando que tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação. Para esse autor, espetáculo é, ao mesmo tempo, parte da sociedade e se encontra dela separado. Por ser parte, o espetáculo concentra todo o olhar e toda a consciência, mas, sendo algo separado, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência. Em vista disso, analisa Debord, a unificação que o espetáculo parece realizar não é outra coisa senão a linguagem oficial da separação generalizada.

Sobre a relação espetáculo e imagens, a autor considera que o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, que são mediadas por imagens. Assim, argumenta que a especialização das imagens do mundo acaba numa imagem autonomizada, em que o mentiroso mente para si mesmo, e isso caracteriza o espetáculo, dada a inversão concreta da vida que promove, como o movimento autônomo do não-vivo.

Para Gregolin (2003b), a produção da cultura do espetáculo é um fato de discurso, o que nos autoriza a conceber a espetacularização como um efeito que constitui, modifica, direciona o olhar e a leitura que os indivíduos

fazem da realidade, mediada por imagens. É dessa posição de sujeito-leitor-espectador que os roqueiros assimilam o cotidiano, a cidade e as estruturas sociais. O que canta (narra) é a tradução da miséria, da violência e da corrupção espetacularizadas pela mídia.

Começemos pela representação da rua e da cidade, como um dos elementos do cotidiano jovem, com excertos das seguintes canções:

Um dia na vida

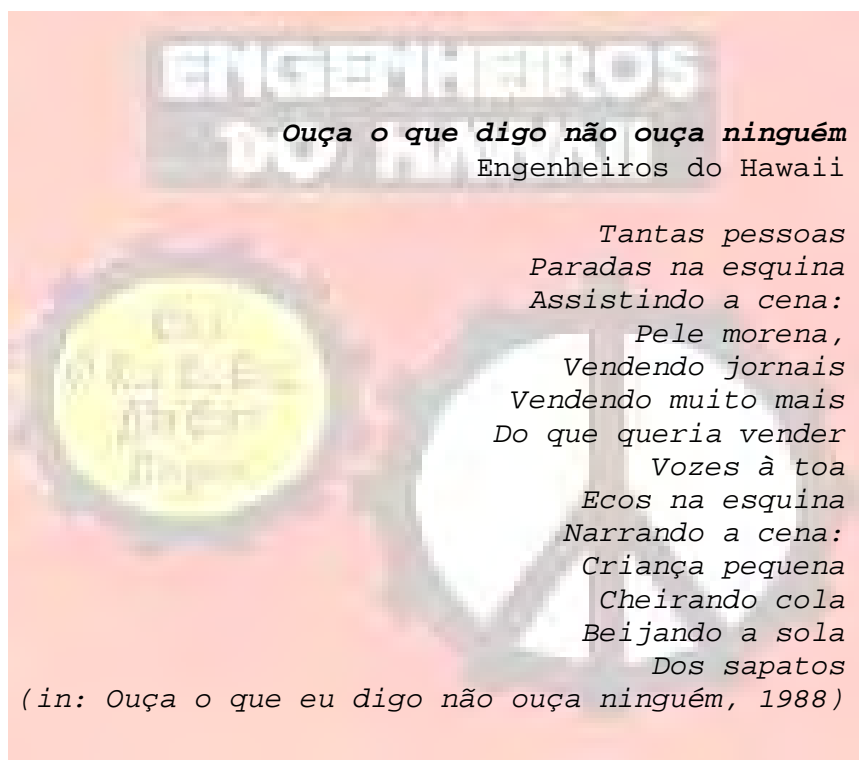
Barão Vermelho

*Não existe nada vivo
Dentro desse quarto
Todo dia eu pego o medo
Meço, mato e guardo
Num cansaço calmo de sobreviver
[...]*

*Cantar pra subir, descer e dar uma banda
Um dia na vida vale uma carona na esquina
Um dia na vida vale qualquer tentativa
(in: Declare Guerra, 1986)*

Essa noite não
Lobão

*A cidade enlouquece sonhos tortos
Na verdade nada é o que parece ser
As pessoas enlouquecem calmamente
Viciosamente, sem prazer
A maior expressão da angústia
Pode ser a depressão
Algo que você pressente
Indefinível
Mas não tente se matar
Pelo menos essa noite não
(in: Sob o sol de parador, 1989)*

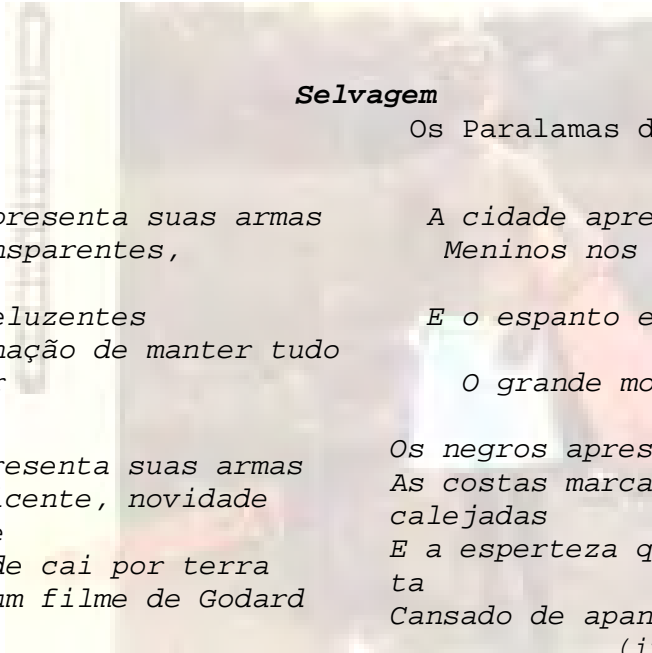


O olhar fotográfico traduz em palavras a rotina angustiante dos jovens ("Não existe nada vivo dentro desse quarto. Todo dia eu pego o medo, meço, mato e guardo") evidenciando a necessidade de encontrar determinação para se manter bem tanto física quanto psiquicamente. O sujeito do canto procura expressar, também, as sensações que a vida urbana pode provocar nos que nela transitam ("A cidade enlouquece sonhos tortos. Na verdade nada é o que parece ser. As pessoas enlouquecem calmamente, viciosamente, sem prazer"), ou parece querer denunciar a falta de comprometimento das pessoas com aqueles que necessitam de apoio para mudar sua condição de vida ("Tantas pessoas paradas na esquina, assistindo a cena: pele morena, vendendo jornais. Vendendo muito mais do que queria vender").

Segundo o que analisa Orlandi (1999, p. 9), "os conflitos urbanos são antes de tudo conflitos de sentidos". A partir disso, podemos avaliar que, nessas sequências, o

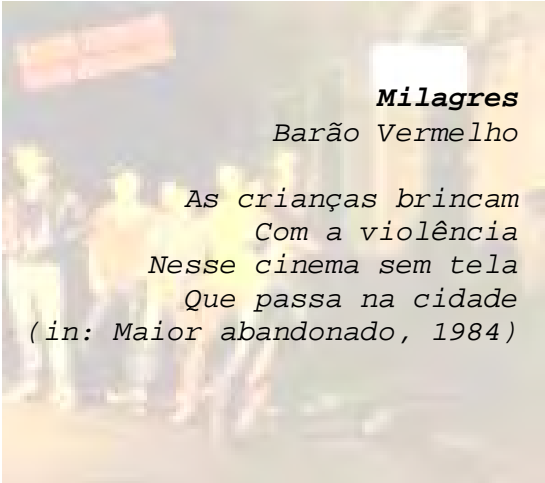
espaço simbólico da cidade se projeta sobre a representação que o sujeito do canto faz do referencial "cotidiano". Em outras palavras, a cidade produz sentidos sobre esse referencial, que é tecido, narrado e cantado de uma perspectiva em que se assentam e reproduz os pares de oposição segurança/medo ("Um Dia na Vida"), sanidade/loucura ("Essa Noite Não") e paz/violência ("Ouça o que digo não ouça ninguém").

A contradição paz/violência é uma regularidade nas canções dos roqueiros, como podemos ver na série enunciativa a seguir:



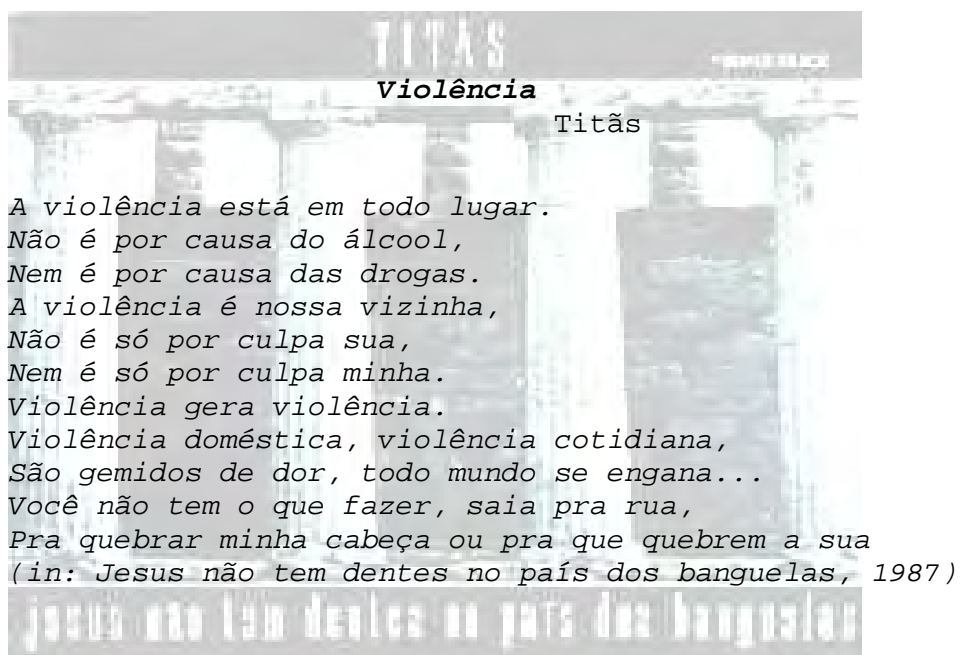
Selvagem
Os Paralamas do Sucesso

<p><i>A polícia apresenta suas armas Escudos transparentes, cassetetes Capacetes reluzentes E a determinação de manter tudo Em seu lugar</i></p> <p><i>O governo apresenta suas armas Discurso reticente, novidade inconsistente E a liberdade cai por terra Aos pés de um filme de Godard</i></p>	<p><i>A cidade apresenta suas armas Meninos nos sinais, mendigos pelos cantos E o espanto está nos olhos de quem vê O grande monstro a se criar</i></p> <p><i>Os negros apresentam suas armas As costas marcadas, as mãos calejadas E a esperteza que só tem quem ta Cansado de apanhar</i></p> <p style="text-align: right;"><i>(in: Selvagem, 1986)</i></p>
--	---



Milagres
Barão Vermelho

*As crianças brincam
Com a violência
Nesse cinema sem tela
Que passa na cidade*
(in: Maior abandonado, 1984)



Se atentarmos para a letra de "Selvagem", reproduzida aqui na íntegra, vamos observar que o olhar do sujeito do canto para a realidade é mediado pela espetacularização da violência feita pela mídia. Em cada estrofe, o enunciado narra a violência, focalizando um ator em específico e o seu instrumento de violência. Assim, na primeira estrofe, esse ator é a polícia, seu objeto que gera a violência são as armas e cassetetes, com os quais impõe a ordem a qualquer preço; na segunda, o governo e o seu discurso vazio e, na terceira, a cidade com seus delinquentes (meninos de rua, mendigos e negros).

Vale destacar, no plano linguístico, o funcionamento do verbo "apresentar" no presente omnitemporal. Segundo o que analisa Fiorin (1996), o aspecto semântico dos verbos nesse tempo indica que o momento de referência e o momento do acontecimento são ilimitados.

Ao enunciar "a polícia", "o governo", "a cidade" e "os negros" "apresentam suas armas", o enunciado constrói um

quadro que descreve essa situação como imutável, pois, sendo a referência ilimitada, o momento do acontecimento também não tem fim. Ele se estende numa linha contínua, sem possibilidade de interrupção. Eis, aqui, discursivizada a crítica aos governantes, por não conseguirem mudar essa situação no país.

É desse lugar de fala que o sujeito de "Violência" constata que "A violência está em todo lugar [...] A violência é nossa vizinha [...] Você não tem o que fazer, saia pra rua, pra quebrar minha cabeça ou pra que quebrem a sua".

O tema meninos de rua e violência aparece também naturalizado em "Milagres", o que indica que, na constituição de uma identidade enunciativa de resistência, essa questão social é um traço recorrente.

Além disso, a inserção em um discurso antirracista também dá ancoragem à produção desse efeito de sentido vinculado à representação que é feita dos roqueiros, tal é o funcionamento que podemos ver em "Os negros apresentam suas armas. As costas marcadas, as mãos calejadas, e a esperteza que só tem quem ta cansado de apanhar ("Selvagem").

Une-se a essa voz o sujeito do canto no enunciado de "Cuidado", do cantor Lobão, para o disco *Cuidado*, de 1988:

*Porque sou bem pretinho
Pensam que sou marginal
No fundo bem no fundo é a vergonha nacional
Vivi muita inocência
Fui metido a bam-bam-bam
Católico apostólico soterrado no divã
Preto vota "em branco"
Contestando a razão*

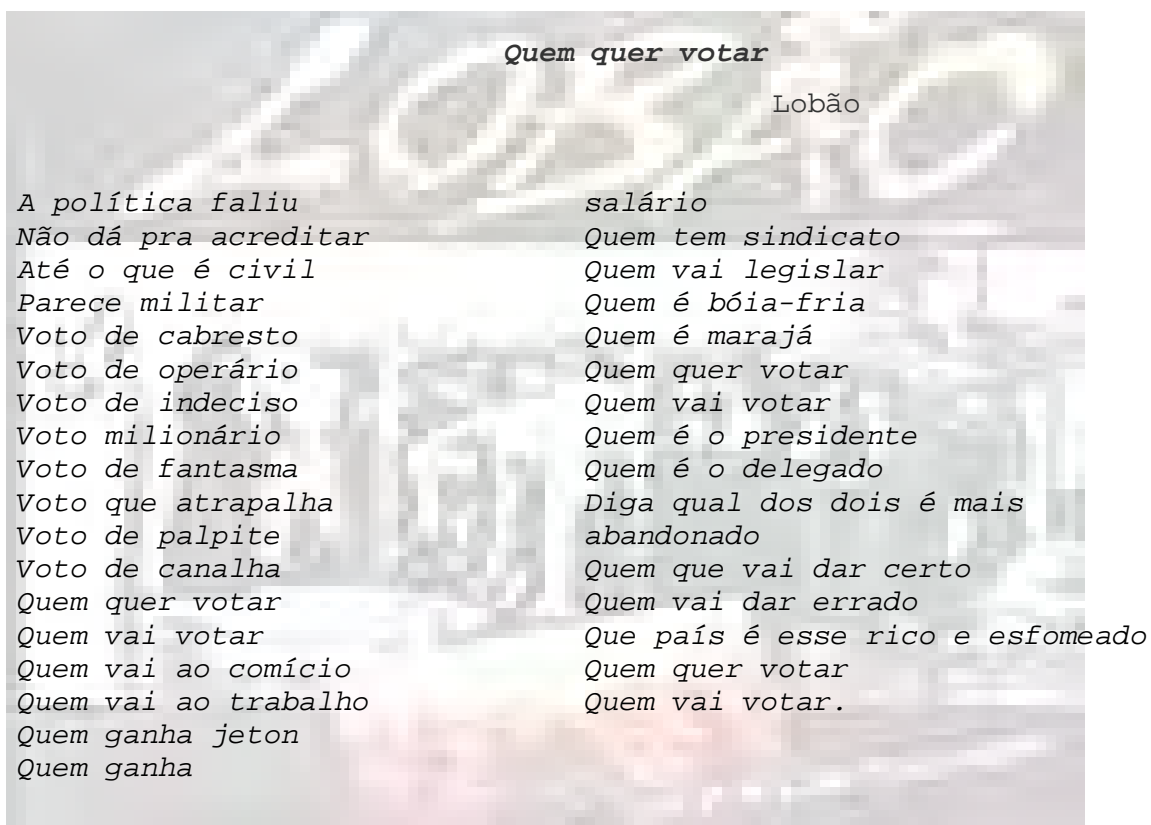
*A gente é branco e preto
 Preto e branco... É tudo irmão
 No nosso abecedário não existe abolição
 O branco é sempre preto
 O preto é branco
 É tudo igual*

Nessas sequências, o discurso antirracista e da igualdade racial (ainda não tão fortemente marcado como o é hoje, desde o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, com seu lema "Brasil para todos") oferece os temas do discurso do rock nacional: *"A gente é branco e preto, preto e branco... É tudo irmão. No nosso abecedário não existe abolição. O branco é sempre preto, o preto é branco. É tudo igual"*

Essa estratégia evidencia a "regra de formação" (FOUCAULT, 2007) de um discurso de resistência, a partir do qual o enunciador se posiciona como alguém que não se conforma com uma política econômica e social que não consegue resolver a desigualdade, a segregação e a violência urbana.

Iniciamos estas análises destacando o procedimento irônico usado em "Inútil", da banda Ultraje a Rigor, para mostrar que o sujeito enunciava o contrário do que dizia letra dessa canção, isto é, o jovem, enfim, o povo brasileiro não é inútil e sabe votar em presidente.

Mas as imagens do contexto social brasileiro espetacularizadas nos últimos enunciados analisados nos permitem compreender que a crítica dirigida aos políticos do país é recoberta por um efeito de descrença e de desgosto que provoca, nas canções, o retorno de uma pergunta que não cala nunca: "que país é esse rico e esfomeado":



Se atentarmos para os enunciados analisados, podemos compreender como se dá a construção discursiva do sujeito do rock no entremeio da ordem e da desordem. Nessa série enunciativa, o efeito dessa identidade enunciativa decorre de um funcionamento que articula uma atualidade (o sujeito fala de questões que dizem respeito ao seu tempo) e de uma memória (interpreta essas questões com o olhar ainda determinado por acontecimentos históricos cujos elementos constitutivos se inscrevem no fio do discurso).

Desse lugar de fala, ele parece convocar seus fãs a se rebelarem contra o poder instituído, ou seja, contra a ordem vigente, propondo com isso uma desordem, seja através da música, das ondas do rádio, seja pela atitude de não se conformar com os modelos impostos por uma sociedade capitalista e de consumo ou pela necessidade de denunciar a violência generalizada.

Nessa série enunciativa, os sentidos do social, do político, do religioso, do familiar e do cotidiano nas grandes metrópoles são constituídos no interdiscurso, na sua relação com a vasta memória da prática política, religiosa e do relacionamento familiar. Nesse sentido, essas discursividades lidam, cada uma a seu modo, com um "passado", trabalhando e/ou desestabilizando o discurso instituído. História e memória influem na percepção das tonalidades dos temas que emergem do discurso, assim, como determinam o modo de enunciação e a identidade enunciativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visando analisar o funcionamento discursivo do efeito de resistência e a produção da identidade enunciativa em canções do rock nacional dos anos 1980, nosso objeto de investigação, nesta tese, focalizou a representação de aspectos sociais, políticos e culturais que incidiram sobre o rosto da sociedade brasileira, no contexto histórico acima mencionado. A proposta da pesquisa foi, portanto, verificar, com base em princípios teórico-metodológicos instituídos pela Análise do Discurso de origem francesa e no desenvolvimento desse campo transdisciplinar no Brasil, a relação entre enunciado, interdiscurso (memória discursiva) e dispositivos discursivos de produção da identidade do jovem.

Nos enunciados das canções analisadas, procuramos destacar o uso de itens lexicais e de arranjos sintáticos que sinalizavam a recitação, o deslocamento, a reconfiguração e a reinscrição do passado no presente, procurando ver, nesse processo discursivo, como os aspectos da memória discursiva inscrevem-se nas letras das canções, produzindo sentidos sobre temas relacionados ao cotidiano dos compositores, intérpretes e seguidos desse gênero musical.

Fundamentados em princípios teórico-metodológicos propostos pelos autores consultados, em especial pela

filosofia de Michel Foucault, selecionamos e constituímos um quadro enunciativo, por meio do qual verificamos o estatuto das discursividades que trabalham os temas política, sociedade, corrupção, família e religião, no incessante jogo entre atualidade e domínio de memória. Assim, no batimento descrição/interpretação, vimos quais os dispositivos de saber (as regras de formação) e de poder (as interdições que pesam sobre quem enuncia e as formas languageiras de resistência a tais mecanismos de silenciamento) que atravessam constitutivamente os enunciados, alçando-os à condição de acontecimentos discursivos singulares de resistência aos padrões de ordem criados por uma sociedade capitalista e de consumo.

Para a realização desta pesquisa, percorremos um percurso que teve início com a questão metodológica centrada na descontinuidade entre enunciado e arquivo, passando, num segundo momento, por uma reflexão sobre as condições sociohistóricas de produção das canções do rock nacional; em seguida, atentamos para o funcionamento da memória em relação ao interdiscurso e como isso se manifesta e produz sentidos na prática discursiva midiática; seguindo adiante, centramos na discussão sobre a identidade enunciativa do sujeito do canto, concedendo-o como um "herói da resistência". Esse percurso culminar com a análise das regularidades existentes nas canções do rock nacional.

Sobre a relação entre enunciado e arquivo, problematizada no primeiro capítulo, apoiados no método arqueológico de Michel Foucault, concebemos o enunciado como nossa unidade de análise, o que nos levou a considerar sua natureza material e histórica de acontecimento discursivo, bem como a sua inserção em uma rede de outros enunciados, configurando, assim, a convocação de um espaço de memória.

Esse aporte teórico e metodológico possibilitou que olhássemos para nosso objeto de análise não interrogando as formações discursivas que estariam determinando os discursos; mas realizando um movimento de descrição/interpretação dos enunciados, o que indicou as formações discursivas nas quais os sujeitos se inscrevem para falar dos temas e do cotidiano jovem em suas canções. As análises apontaram que os temas política, sociedade, família e religião, embora pertencentes a campos distintos, projetam-se nas canções do rock como saberes que dão unidade à dispersão dos enunciados e dos sujeitos que neles falam, ou melhor, dos roqueiros que cantam tais temas.

A discussão sobre as condições de produção das canções do rock nacional dos anos 1980 foi realizada no segundo capítulo. Seu propósito foi propor uma abordagem dessa noção, à luz de uma perspectiva histórica orientada pelos trabalhos de Michel Foucault sobre a relação saber/poder. Partimos da distinção feita por Courtine (1981) entre formação e formulação dos discursos, com a finalidade de mostrar que, no espaço de constituição dos sentidos vinculados às letras das canções, há regras de formação dos saberes e poderes que pesam sobre quem fala.

Sobre as regras de formação, nosso gesto de descrição-interpretação dos enunciados considerou seu valor de acontecimento singular em uma rede interdiscursiva, e isso solicitou que determinássemos o tipo de relação existente entre as diferentes séries enunciativas recortadas do arquivo sobre nossa sociedade e sobre nossa história recente.

No que tange às relações de poder, a noção de microfísica do poder, formulada por Michel Foucault, permitiu que, com base no quadro enunciativo sob análise,

observássemos o modo como o poder enraíza-se no conjunto da rede social, agindo sobre a vida cotidiana imediata, legitimando ou silenciando determinados sentidos (vimos que as canções passavam pelo órgão de censura da polícia federal) e impondo aos homens uma lei de verdade.

Mas essa analítica do poder não pôde ser efetuada sem a consideração das resistências aos diferentes tipos de poder. Em especial destacamos, por meio das letras das canções, a materialização discursiva de um efeito de resistência à ordem vigente, que, no contexto de produção e de execução das músicas, impunha certo padrão de conduta determinado pelo discurso religioso, pelo modelo capitalista de sociedade e pelo consumo.

Essa discussão fomentou, no capítulo quatro, nossa tese sobre a identidade enunciativa do sujeito do canto como alguém que fala de um lugar que fica no entremeio da ordem e da desordem. Partindo da premissa de que onde há poder há resistência, atentamos, durante as análises, para o fato de que o enunciador, por meio das letras, procura fazer resistência ao poder exercido pelo Estado, incluindo instituições como a igreja, a família e a polícia. A visão de que o poder é algo que se materializa em determinados aparelhos ideológicos configurou-se, em nosso *corpus*, como uma regularidade. Ao procurar incitar nos ouvintes uma luta ou uma atitude de rebeldia contra o Estado e as suas instituições, o sujeito mostra que sua visão de mundo está ancorada em princípios de "visão e divisão do mundo social". Vimos que, nos enunciados, tais princípios não apenas mantinham, como também reproduziam pares de oposição do tipo nacional/estrangeiro, dominante/dominado, alienação/engajamento entre outros apresentados no capítulo das análises.

Para esse itinerário, a elaboração do capítulo três foi essencial, uma vez que serviu para a sustentação da tese de que as canções analisadas, dadas as suas condições de produção e o contexto em que são relembradas, convertem-se em documentos históricos. As noções de lugares de memória e de memória coletiva articuladas à prática discursiva midiática foram de suma importância para advogar a favor da ideia de que as canções do rock se constituem em lugares de memória. Tendo em vista que a memória discursiva constitui os sentidos produzidos nessa rede discursiva áudio-visual evocada dos anos 1980, postulamos que o funcionamento de elementos do arquivo da nossa história recente é um dos elementos que confere ao rock o estatuto de documento-monumento histórico.

Ao analisar os enunciados das canções do rock nacional sob essa perspectiva, mas de um lugar no presente, ou seja, no contexto de retomada dessas canções, observamos que, na condição de documento histórico, o rock contém traços de elementos memoriais de aspectos políticos, sociais e culturais de um momento singular da história brasileira. Em outros termos, é a memória a serviço da escrita histórica que se manifesta nesse gênero musical.

Nesse sentido, os enunciados apontam para o modo como aspectos históricos e memoráveis de uma sociedade podem, de certa maneira, migrar para os textos de comunicação de massa. Essa migração demonstra a maneira como as imagens do passado recente são ressignificadas pelas canções do rock, resultando desse movimento descontínuo na história um acontecimento discursivo singular.

Por último, vale registrar algumas possibilidades de continuação dessa análise. Mencionamos a questão da corporalidade quando analisamos o modo como o sujeito do rock

procura fazer resistência ao poder instituído. Essa análise poderia ser mais bem elaborada, incluindo a musicalidade como uma materialidade significativa e as imagens dos roqueiros em performances musicais.

Isso exigiria um estudo de teoria musical, bem como uma reflexão mais atenta sobre o "corpo" de quem canta. Imagens fotográficas e tantas outras em movimento, de fácil acesso em sites da internet, são um material riquíssimo para essa análise.

Em um empreendimento mais amplo e de maior fôlego, uma reflexão sobre a memória dos anos 1980, realizada aqui de modo parcial, poderia trilhar, além do rock brasileiro, outros textos, outras imagens, outros enunciados. Abarcaria as artes plásticas, as poesias engajadas, peças teatrais outrora censuradas, filmes, talvez documentários. Nos arquivos de bibliotecas e de instituições públicas, tal análise encontraria discursos considerados "subversivos"; buscaria, nos testemunhos de parentes de vítimas da ditadura, reconstituir uma história calcada em memórias silenciadas no tempo.

Para exemplificar, a letra da canção "Panamericana", do compositor Lobão, mantém uma relação intertextual e interdiscursiva com o filme "Luar sobre Parador", do diretor Paulo Mazurski, de 1988. Nesse trabalho de mapeamento da memória dos anos 1980, seria possível mostrar a rede de enunciados que, nesse momento e em diferentes mídias (música, filme) produzem o efeito de sentido de saturação, tanto da esquerda quanto da direita, como consequência da espetacularização da política nos discursos midiáticos.

Enfim, trata-se de um projeto de pesquisa para uma vida toda, talvez um pouco audacioso, mas não há o que temer,

apenas o começo, "pois o discurso está na ordem das leis"
(Michel Foucault).

REFERÊNCIAS

Referências bibliográficas

ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)*. Trad. Walter Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro, 2.ed., Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ARAÚJO, I. L. *Foucault e a crítica do sujeito*. 2.ed., Curitiba: Editora da UFPR, 2008.

AUTHIER-REVUZ, J. *Heterogeneidade(s) Enunciatiava(s)*. Traduzido por Celene M. Cruz; João Wanderley Geraldi. Campinas, SP: Caderno de Estudos Linguísticos, 1990, p. 25-42.

BAKHTIN, M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 1.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BALLINGER, R. *Sons de resistência*. Disponível em <www.rizoma.net/interna.php?id=211&secao=esquizofonia>. Acesso em: 06/04/2009.

BARBOSA, P. L. N. *Navegar foi preciso: o discurso da mídia impressa sobre os 500 anos do Brasil*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, 2004.

BARTHES, R. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (orgs.) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

BAUMAN, Z. *O Mal-Estar da pós modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

_____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. *Vida Líquida*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. São Paulo: Unicamp, 1996.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CANDIDO, A. *Dialética da malandragem (caracterização das Memórias de um sargento de milícias)* in: *Revista do Instituto de estudos brasileiros*, nº 8, São Paulo, USP, 1970, p. 67-89.

CLEMENTE, A. T. (org.). *Que rock é esse?: a história do rock brasileiro contada por alguns de seus ícones*. São Paulo: Globo, 2008.

COSTA, N. M. *De amor, cotidiano e outras falas: o discurso da música brasileira e a arqueologia de Foucault*. São Paulo: Arte Ciência, 2004.

COURTINE, J-J. O discurso inatingível: marxismo e linguística (1965-1985). In: CONRADO, V. L. A. (Org.). *Cadernos de tradução*, n.6. Trad. Heloisa M. Rosário. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, abr-jun, 1999, p. 5-18.

_____. *Analyse du discours politique. Langages 62*. Paris, Didier-Larousse, 1981.

DAMATTA, R. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6.ed, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAVALLON, J. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. (Seguida de Comentários sobre a sociedade do espetáculo). Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DE CERTEAU, M. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Trad. Efraim Ferreira Alves, 2.ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DELEUZE, G. ¿Que és un dispositivo? In: *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161.

FERNANDES JUNIOR, A. *Os entre-lugares do sujeito e da escritura em Arnaldo Antunes*. Tese de doutorado em Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista, campus de Araraquara, 2007.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Tradução de Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis, Vozes, 1987.

_____. Dois ensaios sobre o sujeito e o poder. In: DREUFUS H; HABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a.

_____. *A ordem do discurso*. Trad. Adalberto de O. Souza. Série Apontamentos n° 29. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 1995b.

_____. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado, 13.ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

_____. *Em defesa da sociedade*. Curso no Collège de France (1975- 1976) /Michel Foucault. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tad. Salma Tannus Muchail. 8.ed., São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento / Michel Foucault*. Coleção Ditos & Escritos, v. II. Organização e coleção de textos, Manoel Barros da Motta; tradução, Elisa Monteiro, 2.ed, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 292.

_____. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis, RJ: Vozes; Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 2007.

FRANK, R. Préface. In: AGERON, C-R. (et al.) *Écrire l'histoire du temps présent*. Cahiers de l'HTP. Paris: CNRS, 1992, p. 11-17.

FREYRE, G. *Casa-grande e senzala*. 28.ed., Rio de Janeiro: Record, 1992.

GAGNEBIN, J. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GREGOLIN, M. R. V. Recitações de mitos: a História na lente da mídia. In _____. (org.). *Filigranas do discurso: as vozes da história*. Araraquara: FCL / Laboratório Editorial / UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2000, p. 19-34.

_____. Análise do discurso: os sentidos e suas movências. In: _____. e CRUVINEL, M. F. e KHALIL, M. G. (orgs.) *Análise do discurso: entornos do sentido*. Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001a, p. 09-36.

_____. Sentido, sujeito e memória: com o que sonha nossa vã autoria? In: _____. e BARONAS, R. (orgs.) *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos, SP: Claraluz, 2001b, p. 60-78.

_____. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: GREGOLIN, M. R. (org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos, SP: Claraluz, 2003a, p. 95-110.

_____. A mídia e a espetacularização da cultura. In: GREGOLIN, M. R. (Org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos, SP: Claraluz, 2003b, p. 9-19.

_____. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos, SP: Claraluz, 2004.

_____. AD: descrever - interpretar acontecimento cuja materialidade funde linguagem e história. In: NAVARRO, P. (org.). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos, SP: Claraluz, 2006, p. 19-34.

_____. No diagrama da AD brasileira: heterotopias de Michel Foucault. In: NAVARRO, P. (org.) *O discurso nos domínios da linguagem e da história*. São Carlos, SP: Claraluz, 2008, p. 23-36.

GUERREIRO, G. *Retratos de uma tribo urbana: rock brasileiro*. Salvador: Centro editorial e Didático da UFBA, 1994.

GUILHAUMOU, J. *Linguística e história: percursos analíticos de acontecimentos discursivos*. Coordenação e organização da tradução Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2009.

HALBWACHS, M. *Mémoires collectives*. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz T. Silva e Guacira L. Louro. 9.ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LE GOFF, J. *História e memória*, 4.ed. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.

MAIA, C. E. *Nossa geração perdida*. Itajaí: Editora da UNIVALI, 2000.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky, 3.ed. Campinas, SP: Pontes; Editora da universidade Estadual de Campinas, 1997.

_____. *Termos-chave da Análise do Discurso*. Tradução de Márcio Venício Barbosa e Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso - (re) ler Michel Pêcheux hoje*. Tad. Eni P. Orlandi. Campinas, sp: Pontes, 2003.

MARCELO, C. *Renato Russo: o filho da revolução*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

MARCHETTI, P. *O diário da turma 1976-1986: a história do rock de Brasília*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

MIRANDA, N. *Dos filhos deste solo/ mortos e desaparecidos políticos durante a ditadura militar: a responsabilidade do Estado*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo; Editora Boitempo: 1999.

NAVARRO-BARBOSA, P. O acontecimento discursivo e a construção de identidade na história. In: SARGENTINI, V; NAVARRO-BARBOSA, P. (orgs.). *Michel Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos, SP: Claraluz, 2004, p. 97-130.

NAVARRO, P. O pesquisador da mídia: entre "a aventura do discurso" e os desafios do dispositivo de interpretação da AD. In: NAVARRO, P. (org.). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos, SP: Claraluz, 2004.

NORA, P. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Trad. Yara Aun Khoury. In: Projeto História. São Paulo, nº 104, dez. 1993.

_____. O retorno do fato. In: LE GOFF, J. e NORA, P. *História: novos problemas*. Trad. Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p.179-193.

ORLANDI, E. P. *Destruição e construção do sentido: um estudo da ironia*. Série Estudos, Faculdades Integradas de Uberaba, n. 12, 1986.

_____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2.ed., Campinas, SP: Pontes, 1987.

_____. *Terra à vista: discurso do confronto velho e novo mundo*. São Paulo Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1990.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. *Discurso e texto*. Campinas, SP: Pontes Editora, 2001.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD 69). In: GADET, F. e HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethânia S. Mariani et. al. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1990a, p. 61-162.

_____. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, F. e HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux (1975)*. Trad. Bethânia S. Mariani et. al. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1990b, p. 331-318.

_____. e FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F. e HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethânia S. Mariani et. al. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1990c, p. 163-252.

_____. *Semântica e discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi (et al.), 2.ed., Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1995.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi, 2.ed., Campinas, SP: Pontes, 1997.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P. (org.) *Papel da memória*. Tradução de José Horta Nunes, Campinas, SP: Pontes, 1999, p. 49-56.

RAGO, M. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. In: *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, São Paulo, 7(1-2): 67-82, outubro de 1995.

RAMOS, E. B. A contra-hegemonia proclamada pela juventude brasileira nas canções de rock dos anos 80. In: *Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão*. ANPUH/SP - USP. São Paulo, 2008.

REIS FILHO, D. A. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

RICOEUR, P. Remarques d'un philosophe. In: AGERON, C-R. et al. *Écrire l'histoire du temps présent*. Cahiers de l'HTP. Paris: CNRS, 1992, p. 35-42.

SARGENTINI, V. A descontinuidade na História: a emergência dos sujeitos no arquivo. In: SARGENTINI, V; NAVARRO-BARBOSA,

P. (orgs.) *Michel Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos, SP: Claraluz, 2004, p. 77-96.

ROSTOLO, J. P. Expressões culturais e sociedade: o caso do Brasil nos anos 1980. In: *História Actual Online*, n. 10, 2006, p. 37-46.

SILVA, T. T. *Identidade e diferença*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOUZA, C. A. *Música e poesia nas canções de malandragem de Chico Buarque de Hollanda*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras, Maringá, PR, 2007.

SOUZA FILHO, A. de. Michel de Certeau: fundamentos de uma sociologia do cotidiano. Disponível em: <www.cchla.ufrn.br/.../Michel%20de%20Certeau%20-%20fundamentos%20de%20uma%20sociologia%20do> Acesso em: 03/04/09.

SOUZA SANTOS, B. de. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2000.

VALENTE, H. de A. D. A canção das mídias: memória e nomadismo. In: *Actas del IV congreso latinoamericano de la asociación internacional para el estudio de la música popular*, p. 01-11. Disponível em <<http://www.hist.puc.cl/historia/iaspmla.html>>. Acesso em: 10/09/09.

VEYNE, P. M. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Trad. Alda Baltar e Maria A. Kneipp. 4.ed., Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

Bibliografia

ABORTO ELÉTRICO. *Site oficial.* Disponível em <<http://www.abortoeletrico.hpg.com.br>>.

ALITERASOM. Disponível em <<http://aliterasom.wordpress.com>>.

BARÃO VERMELHO. *Site oficial.* Disponível em <<http://www.barao.com.br>>.

BARTHES, R. O discurso da história. *O rumor da língua.* São Paulo: Brasiliense, 1988.

BIQUÍNI CAVADÃO. *Site oficial.* Disponível em <<http://www.biquini.com.br>>.

BLANCHOT, M. *Foucault como o imagino.* Trad. Miguel S. Pereira e Ana L. Faria. Lisboa: Relógio D'água Editora, s/d.

CAMISA DE VÊNUS. In: NOVA, M. *Site oficial.* Disponível em <<http://www2.uol.com.br/marcelonova>>.

CAPITAL INICIAL. *Site oficial.* Disponível em <<http://capitalinicial.uol.com.br>>.

CAPITAL URBANA. Disponível em <<http://www.capitalurbana.com.br>>.

CARDOSO, I. *Para uma crítica do presente.* São Paulo: Editora 34, 2001.

CAZUZA. *Site oficial.* Disponível em <<http://www.cazuza.com.br>>

CHAUÍ, M. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária.* São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

COURTINE, J-J. Le tissu de la mémoire: quelques perspectives de travail historique dans les sciences du langage. In: _____

(org.). *Mémoire, histoire, langage. Langages*, n. 114, Paris: Larousse, 1994.

DOSSE, F. *A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. Trad. Ivone C. Beneditti. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

ENGENHEIROS DO HAWAII. *Site oficial*. Disponível em <<http://www2.uol.com.br/engenheirosdohawaii>>.

FREJAT e NANDO REIS. *Frejat e Nando Reis cantam sucessos do rock nacional*. Disponível em <<http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM1178758-7823->

FREJAT+E+NANDO+REIS+CANTAM+SUCESOS+DO+ROCK+NACIONAL+NO+SARAU+ENCONTROS,00.html> Acesso em: 29/01/2010.

KID ABELHA. *Site oficial*. Disponível em <<http://www.kidabelha.com.br>>.

KREMER-MARIETTI, A. (Org.). *Introdução ao pensamento de Michel Foucault*. Trad. César A. Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

LEGIÃO URBANA. *Lago da memória*. Disponível em <<http://lagodamemoria.blogspot.com>>.

_____. *Site oficial*. Disponível em <<http://www.legiaourbana.com.br>>.

LETRAS DE MÚSICA. Disponível em <<http://letras.terra.com.br>>.

_____. Disponível em <<http://vagalume.uol.com.br>>.

_____. Disponível em <<http://www.letrasdemusica.com.br>>.

LOBÃO. *Site oficial*. Disponível em <<http://mtv.uol.com.br/lobao/news>>.

OS PARALAMAS DO SUCESSO. *Site oficial*. Disponível em <<http://osparalamas.uol.com.br>>.

PAINEL DO ROCK BRASILEIRO. Disponível em <<http://paineldorockbrasil80.blogspot.com>>.

PAULA, L. de. *O SLA Funk de Fernanda Abreu*. Tese de doutorado em Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista, campus de Araraquara, 2007.

POLLAK, M. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos históricos, vol. 2. Rio de Janeiro: Edições Vértice, 1989, p. 3-15.

ROJAS, C. A. A. *Os annales e a historiografia francesa: tradições críticas de Marc Bloch a Michel Foucault*. Trad. Jurandir Malerba. Maringá: Eduem, 2000.

ROUANET, S. P. (org.). *O homem e o discurso (a arqueologia de Michel Foucault)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.

RPM. In: RICARDO, P. *Site oficial*. Disponível em <<http://pauloricardo.uol.com.br>>.

RUSSO, R. *Site oficial*. Disponível em <<http://www.renatorusso.com.br>> (em construção)

SARAU ROCK BRASILEIRO. *Nando Reis e Frejat lembram os sucessos que marcaram a década de 80*. In: Globonews, canal 26, em 13/02/2010, às 19h05min.

TITÃS. *Site oficial*. Disponível em <<http://www.titas.net>>.

ULTRAJE A RIGOR. *Site oficial*. Disponível em <<http://www.ultraje.com.br>>.

ZERO. *Site oficial*. Disponível em <<http://www.bandazero.com>>.

ANEXOS

ANEXOS I

BARÃO VERMELHO
Barão Vermelho (1982)**Posando de Star**

Pouco importa o que essa gente vá falar mal
Falem mal
Eu já tô pra lá de rouco, louco total
Eu sou o teu amor, me entenda
Você precisa descobrir o que está perdendo
É, o que está perdendo!
Botando banca
Posando de star
Você precisa é dar-se!
Vem viver comigo, vem me experimentar
Me experimenta
Soltem as coisas lindas que te ardem, me traz
Você sem texto sem cinema
Não faz do sexo um problema
Eu armo uma cena, é, eu armo uma cena!
Quebro garrafa
Morro de chorar
Mas ainda te faço dar-se!

Tudo que eu quero é uma noite de luar
De luar
São palavras doces as que eu quero escutar
Eu sou o seu amor, me entenda
Você precisa descobrir o que está perdendo
É, o que está perdendo!
Botando banca
Posando de star
Ah, você precisa é dar-se!

Pouco importa o que esta gente vá falar mal

Rock'n'Gael

Rock'n' geral é até mais tarde
Sem hora marcada
Armando assim um carnaval full time
Rock'n' geral é bem alto
Pra se ouvir de qualquer nave
Ou de um coração meio surdo que não sabe amar

Rock'n' geral é apaixonado
Neném sem pecado querendo mamar
Hei, mama, can't you hear me cry?
Hei, mama, can't you hear me cry?
Ei, mãe, não tá me ouvindo chorar?
Ei, mãe, não tá me ouvindo chorar?

Mamãe, eu quero mamar!
Mamãe, eu quero mamar!

Down Em Mim

Eu não sei o que o meu corpo abriga
Nestas noites quentes de verão
E nem me importam que mil raios partam
Qualquer sentido vago de razão
Eu ando tão down
Eu ando tão down
Outra vez vou te cantar, vou te gritar
Te rebocar do bar
E as paredes do meu quarto vão assistir comigo

À versão nova de uma velha história
E quando o sol vier socar minha cara
Com certeza você já foi embora
Eu ando tão down
Eu ando tão down
Outra vez vou me esquecer
Pois nestas horas pega mal sofrer
Da privada eu vou dar com a minha cara
De panaca pintada no espelho
E me lembrar, sorrindo, que o banheiro
É a igreja de todos os bêbados
Eu ando tão down
Eu ando tão down
Eu ando tão down
Down... down

Billy Negão

Eu conheci um cara num bar lá do Leblon
Foi se apresentando: "Eu sou o Billy Negão
A turma da Baixada fala que eu sou durão
Eu só marco touca é com o coração"
"Bati uma carteira pra pagar o meu pivô
Sorri cheio de dentes pro meu amor
Ela nem ligou, foi me xingando de ladrão
Pega ladrão! Pega ladrão!"
"Alguém passava perto e, sem querer, escutou
Correu no delegado e me dedurou
E logo a rua inteira caiu na minha esteira
Pois nessa D.P. eu tava a maior sujeira"
E nesse instante eu vi parar o camburão
E o Billy "sartô" fora com a minha grana na mão
Deixou na minha conta um conhaque de alcatrão
Pega ladrão, pega ladrão!
Billy dançou, dançou, coitado
Billy dançou, é, foi baleado
Billy dançou, coitado
Billy dançou, foi enjaulado
Foi autuado, enquadrado, condenado
Um pobre coração rejeitado

Caro Da Na Cidade

Guto Goffi
Já não sei quanto tempo faz
Ele foi como quem se distrai
Viu na cor de um som a cor que atrai
Foi num solo que não volta atrás
Tchau, mãezinha, fui beijar o céu
A vida não tem tamanho
Tchau, paizinho, eu vou levando fé
É tudo luz e sonho
É tudo luz e sonho
Eu vou viver, vou sentir tudo
Eu vou sofrer, eu vou amar demais
Ei, garoto, a força que me conduz
É leve e é pesada
É uma barra de ferro jogada no ar
Eu vou levando fé
Eu vou levando fé

Conto De Fadas

Tudo bem, você se mandou
Não agüentou o peso da barra
Que é escolher viver de verdade
Se arregou, parou na metade
Agora vai, vai correndo pra casa
Papai e mamãe tão na sala
Te esperando, tão jantando
É, planejando um futuro normal, que mal!
Princesinha dos cachos de mel
Vai enfim calçar seu sapato
Esquecido num baile... ih
Vai rasgar os meus retratos
E chorar sozinho no quarto
Se lembrando, duvidando
Planejando
Um futuro normal, que mal!

Ponto Frio

Benzinho, eu ando pirado
Rodando de bar em bar
Jogando conversa fora
Só pra te ver
Passando, gingando
Me encarando
Me enchendo de esperança
Me maltratando a visão
Girando de mesa em mesa
Sorrindo pra qualquer um
Fazendo cara de fácil, é
Jogando duro

Com o coração, gracinha
Todo mundo tem um ponto fraco
Você é o meu, por que não?
Você é o meu, por que não?

Todo Amor Que Houver Nessa Vida

Eu quero a sorte de um amor tranqüilo
Com sabor de fruta mordida
Nós, na batida, no embalo da rede
Matando a sede na saliva
Ser teu pão, ser tua comida
Todo amor que houver nessa vida
E algum trocado pra dar garantia
E ser artista no nosso convívio
Pelo inferno e céu de todo dia
Pra poesia que a gente não vive
Transformar o tédio em melodia...
Ser teu pão, ser tua comida
Todo amor que houver nessa vida
E algum veneno anti-monotonia...
E se eu achar a tua fonte escondida
Te alcanço em cheio
O mel e a ferida
E o corpo inteiro feito um furacão
Boca, nuca, mão e a tua mente, não
Ser teu pão, ser tua comida
Todo amor que houver nessa vida
E algum remédio que me dê alegria...
Ser teu pão, ser tua comida
Todo amor que houver nessa vida
E algum trocado pra dar garantia
E algum veneno anti-monotonia...

ParÁi

Se você me encontrar assim
Meio distante
Torcendo cacho
Roendo a mão
É que eu tô pensando
Num lugar melhor
Ou eu tô amando
E isso é bem pior, é
Se você me encontrar
Rodando pela casa
Fumando filtro
Roendo a mão
É que eu não tô sonhando
Eu tenho um plano
Que eu não sei achar
Ou eu tô ligado
E o papel, e o papel
E o papel pra acabar
Se você me encontrar
Num bar, desatinado
Falando alto coisas cruéis
É que eu tô querendo um cantinho ali
Ou então descolando
Alguém pra ir dormir
Mas se eu tiver nos olhos
Uma luz bonita
Fica comigo
E me faz feliz
É que eu tô sozinho
Há tanto tempo
Que eu me esqueci
O que é verdade
E o que é mentira em volta de mim

Bilhetinho Azul

Hoje eu acordei com sono e sem vontade de acordar
o meu amor foi embora e só deixou pra mim
um bilhetinho todo azul com seus garranchos
Que dizia assim "Chuchu vou me mandar!"
é eu vou pra Bahia (pra Bahia) talvez volte qualquer dia
o certo é que eu tô vivendo eu tô tentando Uuu!!!
Nosso amor, foi um engano
Hoje eu acordei com sono e sem vontade de acordar
Como pode alguém ser tão demente, porra louca
inconsequente e ainda amar, ver o amor como um abraço curto pra não sufocar
ver o amor como um abraço curto pra não sufocar

BARÃO VERMELHO
Barão Vermelho 2 (1983)



Menina Mimada

Foi você que quis ir embora
Agora volta arrependida e chora
Olhar pedindo esmola
Baby, eu conheço a tua história
Quem sabe eu faço um blues em tua homenagem
Eu vou rimar tanta bobagem
Você é tão fácil
Menina mimada
De enfeites
Brochinhas
E queixas, queixas, queixas
Foi você mesma quem quis
Foi você que quis ir embora
Agora toca a campainha e cora
Diz que esqueceu uma sacola
Baby, eu conheço tua história
O cara já está buzinando lá embaixo
Fazendo papel de palhaço
Cheio de flores, promessas
Menina mimada
Você é um fracasso
Cigarros?
Leva o maço
Foi você mesma quem quis

O Que A Gente Quiser

Diga o que faço
Mas não faça o que eu digo
Se eu estou por perto
Isso é sinal de perigo
Porque eu apronto e desapronto
E não passo recibo
Choro, ressuscito
Dou risada e vomito
Passo pra outra
Pro que der e vier
Dois mais dois é sempre
É sempre o que a gente quiser
Apronto e desapronto
E não passo recibo
Choro, ressuscito
Dou risada e vomito

Vem Comigo

Bebe a saideira
Que agora é brincadeira
E ninguém vai reparar
Já que é festa
Que tal uma em particular?
Há dias que eu planejo impressionar você
Mas eu fiquei sem assunto
Vem comigo
No caminho eu explico
Vem comigo
Vai ser divertido
Vem comigo
Vem junto comigo
Eu quero te contaminar
De loucura
Até a febre acabar
Há dias que eu sonho beijos ao luar
Em ilhas de fantasia
Há dias com azia
O remédio é o teu mel
Eu sinto tanto frio
No calor do Rio
Já mandei olhares prometendo o céu
Agora eu quero é no grito!
Vem!
Vem comigo, vem comigo
No caminho eu explico, vem comigo
Vem!

Vem comigo
No caminho eu explico
Vem comigo
Vai ser divertido
Vem comigo
Vem!

Bicho Humano

Dance
Eu quero que você me canse
Até o sol raiar
Canse
Eu quero ver você em transe
Me chamar, me chamar
Me gritar pedindo, deixando
Bicho humano uivando
Bicho humano uivando
Eu não te amo, não
Eu não te amo, não
Dance
Eu quero aproveitar a chance
E me acabar
Canse
Eu quero que você me alcance
Na hora H, na hora H
Me gritar pedindo, deixando
Bicho humano uivando
Bicho humano uivando
Eu não te amo
Não, eu não te amo, não

Largado No Mundo

O que você quer com esse papo
Eu não sei
Me paga um trago
Que eu dichavo o meu
Tudo o que eu falo
É piração, é bobagem
Porque pra mim
Qualquer viagem é viagem
Largado no mundo
Eu vivo largado no mundo
Largado no mundo
Eu vivo largado no mundo
Na minha cabeça
Eu ouço "Free Again"
De esquina em esquina
De vintém em vintém
Mando mensagens
Quase sempre em vão
Palavra que eu sou bom
Ah, eu sou tão...
Largado no mundo
Eu vivo largado no mundo
Largado no mundo
E nessa trip eu vou fundo
Pois Deus protege
Quem vive sem casa
Pro bem dos homens
Fez a cobra sem asa
Sem teto hoje
Amanhã no Sheraton
Eu entro em todas
Sem sair do tom
Chiquita Bacana
Aurora em Copacabana
Largado no mundo
Eu vivo largado no mundo

Carne De Peixe

Andava tão calmo
Dava pra desconfiar
Levando a minha vida
Sem me preocupar
Você pintou
Eu tava quieto no meu canto
Curtiu com a minha cara
Foi me provocando
Achando que eu fosse
Entrar no teu jogo
Brincar de apaixonar
O coração de um bobo
Depois tirar o corpo fora
Pra variar
Achando otário todo o cara
Que quer te amar
Baby, você marcou touca
Porque eu sou carne de peixe
Você topou com um louco
Pra se livrar de mim
Vai ser fogo!
Vai ser fogo!

Pro Dia Nascer Feliz

Todo dia a insônia
Me convence que o céu

Faz tudo ficar infinito
E que a solidão
É pretensão de quem fica
Escondido fazendo fita...
Todo dia tem a hora
Da sessão coruja
Só entende quem namora
Agora vão'bora...
Estamos meu bem por um triz
Pro dia nascer feliz
Pro dia nascer feliz
O mundo acordar
E a gente dormir, dormir
Pro dia nascer feliz
Pro dia nascer feliz
Essa é a vida que eu quis
O mundo inteiro acordar
E a gente dormir...
Todo dia é dia
E tudo em nome do amor
Ah! Essa é a vida que eu quis
Procurando vaga
Uma hora aqui, a outra ali
No vai e vem dos teus quadris...
Nadando contra a corrente
Só pra exercitar
Todo o músculo que sente
Me dê de presente o teu bis
Pro dia nascer feliz
Pro dia nascer feliz
O mundo inteiro acordar
E a gente dormir, dormir
Pro dia nascer feliz
Pro dia nascer feliz
O mundo inteiro acordar
E a gente dormir...

Manhã Sem Sonho

Se eu durmo é que eu quero
Sonhar só com ela
E se acordei, foi por acaso
Porque no sonho ela me amava
E se acordei, foi por descuido
Foi por engano
Era clara a manhã sem sonho
Minha cara inchada de sono
Era clara a manhã sem sonho
Se eu saio é que eu quero
Me encontrar com ela
E um calmante até que ajuda
Porque o meu coração, ele pula, pula
Se ela me abraça e vai embora
Vai embora, vai
Não é meu amor quem não me ama
Nem a noite azul que me engana
Não é meu amor quem não me ama

Carente Profissional

Tudo azul
No céu desbotado
E a alma lavada
Sem ter onde secar
Eu corro
Eu berro
Nem dopante me dopa
A vida me endoia
Eu mereço um lugar ao sol
Mereço
Ganhar pra ser
Carente profissional
Se eu vou pra casa
Vai faltando um pedaço
Se eu fico, eu venço
Eu ganho pelo cansaço
Dois olhos verdes
Da cor da fumaça
E o veneno da raça
Eu mereço um lugar ao sol
Mereço
Ganhar pra ser
Carente profissional
Levando em frente
Um coração dependente
Viciado em amar errado
Crente que o que ele sente é sagrado
E é tudo piada.
Tudo piada!
Eu mereço um lugar ao sol
Mereço
Ganhar pra ser
Carente profissional
Carente profissional
Tudo azul
No céu desbotado
E a alma lavada
Sem ter onde secar

Eu corro
Eu berro!!
Nem dopante me dopa
A vida me endoia
Eu mereço um lugar ao sol
Mereço
Ganhar pra ser
Carente profissional
Carente...
Levando em frente
Um coração dependente
Viciado em amar errado
Crente que o que ele sente é sagrado
E é tudo piada.
Tudo piada!
Eu mereço um lugar ao sol
Mereço
Ganhar pra ser
Carente profissional
Carente profissional

BluesDoIniciante

Eu traço tantos planos
Brilhantes, antes
De te ganhar num salto
Mortal, de iniciante
Na pirraça de te ter
Por enquanto, por enquanto
Eu miro o índio que eu sou
No teu ser
E alcanço
Viagens tão óbvias
Loucuras tão sóbrias
De um iniciante
De um iniciante
Aprendiz das piscinas
Tão tingidas de escuro
Aonde, peixe safo
Eu nado até você
Até o teu mundo
Que eu também procuro
Nesse quarto sem luz
Nessa ausência de tudo
Se prepare, eu tô "locky"
Só precisas de um toque
De um toque de iniciante
De um toque de iniciante

BARÃO VERMELHO – Maior Abandonado (1984)



Maior Abandonado

Eu tô perdido
Sem pai nem mãe
Bem na porta da tua casa
Eu tô pedindo
A tua mão
E um pouquinho do braço...
Migalhas dormidas do teu pão
Raspas e restos
Me interessam
Pequenas porções de ilusão
Mentiras sinceras me interessam
Me interessam...
Eu tô pedindo
A tua mão
Me leve para qualquer lado
Só um pouquinho
De proteção
Ao maior abandonado...
Teu corpo com amor ou não
Raspas e restos me interessam
Me interessam...
Me ame como a um irmão
Mentiras sinceras me interessam

Me interessam...

Baby Suporte

Amor escravo de nenhuma palavra
Não era isso que você procurava
Não viu no fundo da retina a mágoa
A luz confusa onde o tudo é nada
A esperança tá grudada na carne
Que diferença há entre o amor e o escárnio?
Cada carinho é o fio de uma navalha
Oh, baby, não chore
Foi apenas um corte
A vida é bem mais perigosa do que a morte
Suporte, oh, baby, suporte
Suporte, baby, baby, suporte

Sem Vergonha

Eu sei que esses encontros
Por acaso
São coincidências demais
Eu sento na mesa
Eu viro a cabeça
E você vem atrás
E tantos elogios
Por acaso
São coincidências demais
O olho aceso
Café, sobremesa
E você vem atrás
Eu armo o picadeiro
Mas no fim, no fim
Você tropeça e cai
E perde a canastra e ri
E diz: "Até mais"
Pra me provocar
Me deixar maluco
E eu vou atrás
Sem vergonha e sem culpa
Na paz
Sem vergonha e sem culpa
Na paz

Você Se Parece Com Todo Mundo

Relógios e flores
Todo o tipo de presentes
Eu te dei todas as coisas
Mas te perdi
Você se parece com todo mundo
Eu investi demais
Sem pôr no seguro
Você empresta e cobra
Mais tarde com juros
Você chora e fede
Como todo mundo
Você mente e esconde
No teu cofre escuro
Mas vacila e entrega
Um mistério sujo
Você se parece com todo mundo
É, eu te amei demais
Eu sofri pra burro
Beijinhos e tapas
Todo o tipo de carinhos
Eu te mostrei vários amores
Mas eu te perdi
Ameaças, trapagens
Todo o tipo de chantagem
Eu usei todos os truques
Mas me esqueci
Que todo mundo ama
Exagera tudo
Mas depois disfarça
Foge pelos fundos

Milagres

Nossas armas estão na rua
É um milagre
Elas não matam ninguém
A fome tá em toda parte
Mas a gente come
Levando a vida na arte
Todos choram
Mas só há alegria
Me perguntam
O que é que eu faço?
E eu respondo:
"Milagres, milagres"
As crianças brincam
Com a violência
Nesse cinema sem tela
Que passa na cidade
Que tempo mais vagabundo
Esse agora
Que escolheram pra gente viver

Todos choram
Mas só há alegria
Me perguntam
O que é que eu faço
E eu respondo:
"Milagres, milagres"

Não Amo Ninguém

Eu ontem fui dormir todo encolhido
Agarrando uns quatro travessieiros
Chorando bem baixinho, bem baixinho,
baby
Pra nem eu nem Deus ouvir
Fazendo festinha em mim mesmo
Como um neném, até dormir
Sonhei que eu caía do vigésimo andar
E não morria
Ganhava três milhões e meio de dólares
Na loteria
E você me dizia com a voz terna, cheia
de malícia
Que me queria pra toda vida
Mal acordei, já dei de cara
Com a tua cara no porta-retrato
Não sei por que que de manhã
Toda manhã parece um parto
Quem sabe, depois de um tapa
Eu hoje vou matar essa charada
Se todo alguém que ama
Ama pra ser correspondido
Se todo alguém que eu amo
É como amar a lua inacessível
É que eu não amo ninguém
Não amo ninguém
Eu não amo ninguém, parece incrível
Não amo ninguém
E é só amor que eu respiro

Por Que a Gente é Assim?

Mais uma dose?
É claro que eu tô a fim
A noite nunca tem fim
Por quê que a gente é assim?
Agora fica comigo
E vê se não
Não desgruda de mim
Vê se ao menos me engole
Não me mastiga assim...
Canibais de nós mesmos
Antes que a terra nos coma
Cem grammas, sem demais
Por que que a gente é assim?
Mais uma dose?
É claro que eu tô a fim
A noite nunca tem fim
Baby, Por que que a gente é assim?
Você tem exatamente
Três mil horas
Pra parar de me beijar
Meu bem, você tem tudo
Pra me conquistar...
Você tem apenas um segundo
Um segundo
Pra aprender a me amar
Você tem a vida inteira
Pra me devorar
Pra me devorar...

Narciso

Você que se cuida
E pare de me dar respostas prontas
Que você tem problemas, eu sei
São coisas da idade
São coisas da idade
Por isso é que você me imita
Desliga a razão da tomada
Desfila por toda cidade
Antecipando o fim
Quem você quer não diz nada
Vira a madrugada
Procurando por mim
Eu tenho tudo o que você precisa
E mais um pouco
Nós somos iguais
Na alma e no corpo
Você que se cuida
E pare de sair pela tangente
As drogas e os assuntos acabam sempre
Nesse frente a frente
Agora me enfrente
Como uma imagem no espelho
Nenhum bicho ou planta
Pode ousar assim
A verdade nua em pêlo:
Todo humano é santo
E pode amar, sim

Eu tenho tudo o que você precisa
E mais um pouco
Nós somos iguais
Na alma e no corpo

Nós

Mas não é só isso
O dia também morre e é lindo
Quando o sol dá a alma
Pra noite que vem
Alma vermelha, que eu vi
Vê, são tantas histórias
Que ainda temos que armar
Que ainda temos que amar
Por enquanto cantamos
Somos belos, bêbados cometas
Sempre em bandos de quinze ou de vinte
Tomamos cerveja
E queremos carinho
E sonhamos sozinhos
E olhamos estrelas
Preveno o futuro
Que não chega
Não é só pensar no fim
Nas profecias
Não, não, não, não
É pensar que um dia
Sob algum luar
Eu vou te mandar um recado
Um reggae bem gingado
Alucinado de amor
Amassado num guardanapo
Pra rirmos dos loucos
Dos sábios, dos mendigos
E de todos os palhaços noturnos
O sal da terra
Ainda arde e pulsa
Aqui nesse instante
E olhamos a lua
E babamos nos muros
Cheios de desejos

Dobrosa

Fim
A noite acabou feito gim
Espuma branca varrendo o meu pé
E os amigos de sempre já tão indo embora
E o garçon fecha o bar
Mal-humorado e cansado
Será que você não vê
Que o teu lugar é do meu lado?
Nós dois indo juntos pra casa
Ah, eu já tô vendo o meu fantasma
Guardando lugar pra amanhã
Guardando lugar pra amanhã
Mas se você por acaso voltasse pra mim
Por baixo da mesa chutando o meu pé
Me piscando o olho pra gente ir embora
Doce ar de chantagem pr'uma noite melhor
Nós dois e mais ninguém
Que o teu lugar é do meu lado
Nós dois indo juntos pra casa
Meu bem, eu vejo o meu fantasma
Guardando lugar pra amanhã
Guardando lugar pra amanhã

Bete Balanço

Pode seguir a tua estrela
O teu brinquedo de "star"
Fantasiando um segredo
O ponto aonde quer chegar...
O teu futuro é duvidoso
Eu vejo grana, eu vejo dor
No paraíso perigoso
Que a palma da tua mão mostrou...
Quem vem com tudo não cansa
Bete balanço meu amor
Me avise quando for a hora...
Não ligue pra essas caras tristes,
Fingindo que a gente não existe.
Sentadas, são tão engraçadas,
donas das suas salas.
Pode seguir a tua estrela
O teu brinquedo de "star"
Hummm! Fantasiando um segredo
No ponto a onde quer chegar...
O teu futuro é duvidoso
Eu vejo grana, eu vejo dor
No paraíso perigoso
Que a palma da tua mão mostrou...
Quem vem com tudo não cansa
Bete balanço o meu amor
Me avise quando for a hora...
Quem tem um sonho não dança

Bete Balanço
Por favor!
Me avise quando for embora...

BARÃO VERMELHO Declarre guerra (1986)



Um Dia na Vida

Não existe nada vivo
Dentro desse quarto
Todo dia eu pego o medo
Meço, mato e guardo
Num cansaço calmo de sobreviver
Cantar pra subir, descer e dar uma banda
Um dia na vida vale
Você vem, você quem?
Um dia na vida
Vale pra comemorar
O nosso encontro
Em nenhum lugar
Pra que escrever poesias num papel
higiênico
E depois se limpar com as tristezas de sempre
Um dia na vida vale
Você vem, você quem?
Um dia na vida
Outro fósforo, outro sol
A vida é um piscar de olhos
E o amor, um alô e um tchau
Um dia na vida passa de carona na esquina
Um dia na vida vale qualquer tentativa

Desabrigado

Em cada riso, em cada gesto teu
Vi em você meu abrigo
Agora agrido, só pra não lembrar
O que sobrou dos nossos sorrisos
Agora é tarde, é tarde demais
De nada vale o meu grito
Todos querem que eu reaja
Que eu não fique desse jeito tão passivo
Desabrigado, molhado pela chuva
Desapaixonado pela sua fuga
Eu tô em casa, eu tô na rua
Procurando uma cura
No vazio do meu quarto
Eu tô quebrando a cabeça
Cercado de saudade
Marcado pela inatividade
Desabrigado, molhado pela chuva
Desapaixonado pela sua fuga
Eu tô em casa, eu tô na rua
Procurando uma cura
Ah! Sumir do mapa
Às vezes é a solução
E não pensar no coração
De quem fica sozinho, sem razão

Torre de Babel

Se eu chego você tá saindo
A gente ama odiando
Mas não me deixe sozinho
Me dá pão com veneno, jurando fidelidade
Mas sua verdade não me engana
Nesses tempos de maldade
Que piração
Eu tô na terra ou no céu
Ninguém se entende
Nessa Torre de Babel
O mundo tá acabando,
não vai sobrar quase nada
A nossa hora tá chegando
E ainda fazem piada
Apertando o cerco

Você se desespera
Não há remédio, você tá na guerra
Que piração
Eu tô na terra ou no céu
Ninguém se entende
Nessa Torre de Babel

Bagatelas

Eu dizia: "apareça"
Quando apareceu, não esperava
Um dia me beijou e disse: "não me esqueça"
Foi embora e só esqueci metade
Que bom que eu não tinha um revólver!
Quem ama mata mais com bala que com flecha
Ela deixou furo e a porta que se abriu
Jamais se fecha
Nada disso tem moral nem tem lição
Curto as coisas que acendem e apagam
E se acendem novamente em vão
Será que a gente é louca ou lúcida
Quando quer que tudo vire música
De qualquer forma não me queixo
O inesperado quer chegar, eu deixo
E a gente faz e acontece nessa vida
Nessas telas
Nossas belas bagatelas

Não Quero Seu Perdão

A gente nasce
A gente cresce
E vive
O tempo todo perto dela
E é tão bonita
Essa razão
Tão sem razão
A gente leva a vida inteira
Pra entender a vida
A gente nasce
A gente cresce
E vive o tempo todo perto dela
E é tão bonita essa razão tão sem razão
A gente leva a vida inteira pra entender a vida
Dia após dia sem imaginar
Que para estar no paraíso
Basta amar, basta amar
Me dá vontade de cantar tão suave
Tantas mentiras pra derrotar
A verdade brilhando no seu olhar
Não me faça pensar
Que vai ser tudo igual
Não
Eu fui o melhor
Fui o pior
Se tenho seu amor
Não quero seu perdão

Bumerangue Blues

Tudo o que você faz, um dia volta pra você
Eu digo tudo o que você faz, um dia volta pra você
E se você fizer o mal, um dia o mal você vai ter de viver
Não me entregue o seu ódio, sua crise existencial
Preliminares não me atingem, o que interessa é o final
E não me venha com problemas, sinta sozinha o seu mal
Como um bumerangue
Tudo vai voltar
E a ferida que você me faz
É em você que vai sangrar
Eu tenho cicatrizes
Mas eu não me importo, não
Melhor do que a sua ferida aberta
E o sangue ruim do seu coração
Porque tentar, tentei demais e você só me usou
Eu tentava ajudar e você só me queimou
Mas é errando que se aprende: minha boa vontade se esgotou
Mas eu só não entendo
Como fui cair dentro da sua teia
E não tentei fugir
E sinto mal lembrando o que aconteceu
Você tentou roubar
Mas o bumerangue agora é meu

Debre Guerra

Vivendo em tempo fechado
Correndo atrás de abrigo
Exposto a tanto ataque

Você ta perdido
 Nem parece o mesmo
 Tá ficando pirado
 Onde você encosta dá curto
 Você passa, o mundo desaba
 E pra te danar
 Nada mais dá certo
 E pra te arrasar
 Os falsos amigos chegam
 E pra piorar
 Quem te governa não presta
 Declare guerra a quem finge te amar
 A vida anda ruim na aldeia
 Chega de passar a mão na cabeça
 De quem te sacaneia
 Vivendo em tempo fechado
 Correndo atrás de abrigo
 Exposto a tanto ataque
 Você ta perdido
 E pra se ajudar
 Você faz promessas
 E pra piorar
 Até o papa te esquece
 E pra te arrasar
 Só o inferno te aceita

LindaBuna

Estou tão perto de você
 Mas me sinto tão longe
 Eu procuro aparecer
 Mas algo me esconde
 Eu não sei quando vai acabar esse vudu
 comigo
 Mas, baby, eu te quero
 Te quero
 E eu me finjo de amigo
 Hey, você é linda
 Baby, baby
 Mas é tão burra
 Se enfeita toda pra mim
 Mas nunca tá afim
 A culpa não é minha
 Você é quem me corta
 Não sabe o que perde
 E nem se importa

Maibidade

Agora eu sei quanto eu cresci
 Já acredito no meu caminho
 Se até agora eu tô vivo
 É que deve ser verdade
 Vejo a cidade da minha janela
 Debruçado nos meus erros
 Extravagantes e comuns
 Me guio sem qualquer razão
 À casa de um homem
 Ao coração de uma mulher
 Mas meu amor não é ficção
 Agora eu sei, nem contramão
 Agora eu sei
 Que eu cresci
 Junto com os meus pecados
 E aprendi como eles são engraçados
 Eu já vivi de tudo um pouco
 Mas tô esperando um truque novo
 Que me largue caindo
 Do alto de um abismo
 O tempo vai dizer
 Se o que espero me interessa
 Se eu levo a vida
 Ou se é ela que me leva

QueoDeusVenha

Sou inquieto, áspero
 E desesperançado
 Embora amor dentro de mim eu tenha
 Só que eu não sei usar amor
 Às vezes arranha
 Feito farpa
 Se tanto amor dentro de mim
 Eu tenho, e no entanto
 Continuo inquieto
 É que eu preciso que o Deus venha
 Antes que seja tarde demais
 Corro perigo
 Como toda pessoa que vive
 E a única coisa que me espera
 É o inesperado
 Mas eu sei
 Que vou ter paz antes da morte
 Que eu vou experimentar um dia
 O delicado da vida
 Vou aprender
 Como se come e vive
 O gosto da comida

Eu Tô Feliz

Eu tô feliz, mas eu não sou feliz
 Quase sempre eu tô mal, mas esse é um
 momento especial
 Eu tô feliz, mas eu não sou feliz
 Aproveite a minha companhia porque não
 é todo dia
 Eu tô feliz, mas eu não sou feliz
 Eu não vi nenhuma coisa engraçada, mas
 eu tô dando risada
 A vida não é um piquenique
 Não é uma roda-gigante
 Não é doce, não é algodão doce
 Porque dura
 E é dura porque dura
 Mas agora não

BARÃO VERMELHO Rock'n geral (1987)



Amor de Irmão

Está chegando
 Um novo tempo de paz
 Junto com a chuva
 Indo embora pro mar
 E num improviso da jazz
 Nossas manias se encontram
 Está chegando
 Um novo tempo de paz
 Tanto faz
 Com quem esteja a razão
 Vamos ser amigos
 Enfrentar os perigos
 Não amargar nenhuma tensão
 Sem paixão, tanto faz
 Amor de irmão tá valendo mais
 O que antigamente era vida ou morte
 Foi ficando real mais forte
 E nossos corações já não sofrem
 Do mal da última palavra
 E nossas conversas serão
 Doces sobremesas calmas
 Tá valendo mais
 Que qualquer coisa na vida
 Mais do que qualquer grilo
 O tanto que a gente amou
 Que ficou

Sonho Que Dirteio Nenhum Compra

Ao som de um sol
 Swing, sexo e sax
 O sol do sexo espalha
 Espumas de paz
 E a magia de selvagens galáxias
 Uma morena menina
 Flutuando à beira-mar
 Ao som de um sol
 Swing, sexo e sax
 O sol do sexo espalha
 Espumas de paz
 E ser um anjo louco a lambusar
 O mel do bom do bem
 E ser um anjo torto a explodir
 Ruas, cidades e jardins
 Num show de raios
 Vídeos e cometas
 E derrubar as preteleiras sim
 (e desfraldar uma bandeira a mil)
 Por fim a esse domínio de bárbaros
 Ao som de um sol
 Senha do sonho do planeta feliz.

Tá Difícil de Aturar

Tá difícil de aturar viver com você
 Mas é difícil de agüentar viver sem você
 Todo dia é o mesmo sermão

Parece coisa de religião
 Repetindo pela enésima vez
 Que eu não passo de hoje
 Que tudo acabou
 Você não aprendeu a respeitar
 O meu jeito de ser, de me comportar
 Queria que eu fosse um magnata
 Prá te bancar enforcado num termo e
 gravata
 Tá difícil de aturar viver com você
 Mas é difícil de agüentar viver sem você
 Quando a gente se juntou
 Era só eu te amo, era só eu te adoro
 Depois de um tempo maravilhoso
 Esse sonho mudou e pra pior, o que é
 pior
 Eu tento sexo, você foge do sarro
 E não suporta mais o cheiro do meu
 cigarro
 Tá difícil de aturar viver com você
 Mas é difícil de agüentar viver sem você
 Resolvi botar as cartas na mesa, pra ter
 certeza
 Que você ainda gosta de mim
 Vem me beija boca, diz que tava louca
 Você é tudo pra mim
 Sei que o amor e o ódio estão, mas não
 acho certo
 Você me tratar assim

Completamente Nova

Curto o seu corpo
 Quando está com o meu corpo
 É coisa assim tão nova
 Músculos e nervos também
 Curto o seu corpo, eu curto o que ele faz
 Sentir a coluna do seu corpo
 Seus ossos e as macias
 Firmes ancas
 Que de novo beijarei
 Curto beijando isso e aquilo de você
 Lentamente afagando a penugem
 Chocante de seu pelo elétrico
 Isso! Goza pela carne rompida
 E pelos olhos grandes, nacos de amor
 Curto a prova
 E o prazer de sob mim você assim
 Completamente nova

Blues do Abandono

Você me largou
 Sem adeus ou remorso
 E o desespero veio
 Roer todos os meus ossos
 Você me deixou
 E o mundo parece desmoronar (desabar)
 Eu não consigo
 Rir ou chorar
 Só vejo a morte lenta
 De todos os meus sonhos
 Nada mais faz sentido
 É tudo um pesadelo medonho
 Você sumiu
 Não posso crer no que aconteceu
 Eu tenho delírios de paixão
 Nem o espelho me reconhece

Me Acalmo Me Desespero

O amor deflagra guerras
 No coração de quem ama
 É um bandido sórdido
 Uma menina linda
 o amor lança seu ferrão
 No desamparo dos amantes
 É um inseto louco em volta da luz
 Um lobo solitário uivandona escuridão
 Do amor pouco sei
 E quase tudo espero
 Amando eu me acalmo e me desespero
 O amor faz da minha voz
 Um gemido surdo
 De mim um escravo lanhado
 Um tigre encurralado
 O amor sombreia as trevas
 Clareia até cegar
 É um lar que não abriga
 O crime perfeito de dois assassinos

Copacabana

Copacabana você não me engana
 Com seus bares e kit-nets
 Vapores circulando livres pelas
 lanchonetes
 Lembro de velhos safados
 De binóculos a espiar das janelas
 Andando pelas esquinas

Lambendo a nudez de suas meninas
Copacabana você não me angana
Com seus travestis e generais de pijama
Essa beira-mar, quanto amor e sexo
Ainda há de presenciar?
O ritmo alucinado nos seus inferninhos
Dia e noite, noite e dia
Da Prado Júnior ao Posto Seis
A verdadeira "Ilha da Fantasia"
Rola de tudo
Se eu soubesse a razão
De vidas tão diferentes em seu coração
Se eu soubesse o motivo dessa romaria
Em sua direção
Um pouco mais da natureza humana eu
saberia
Com certeza eu saberia

Dignidade

De você eu não quero um centavo
Muito menos ser seu escravo
Parece difícil acreditar
Que eu tenha algum amor pra dar
Já fiz de tudo
Entrei no teu mundo
Só pra te mostrar
Que o que eu sinto
É muito mais fundo
Parece que vai estourar, baby, baby
Não quero que você faça minha cama
Apesar d'eu gostar de conforto
Porque amar desse jeito, baby
É o mesmo que estar morto
Com tanta discussão
Falei demais, perdi a razão
Eu falo, eu grito, eu xingo
Porque eu preciso
Eu não vivo sem você não
Dinheiro pra mim não tem valor
Quando o assunto é amor
Vale muito mas não vale nada
E eu nunca tive nada de mão beijada

Agora Tudo Acabou

Ela passou noites
E mais noites sem pintar
Dessa vez exagerou
Eu não posso perdoar
Agora a minha vida mudou.
Eu acordo ela não está
Com certeza tá com outro
Só pra me sacanear
Porque eu gostava dela
E eu já não gosto mais
Anda com outros caras
Circulando pela cidade
Gastando o meu dinheiro
Aproveitando a pouca idade
Pro outros animada
Pra mim sempre cansada
Mas uma hora a mesa vira
Tudo tem de mudar
Porque eu gostava dela
E eu já não gosto mais
Porque eu gostava dela
Mas agora tudo acabou
Mas antes não era assim não
Antes era diferente
Se eu não tava legal
Me servia o café na cama
Como ela não tinha igual
Ser tratado assim é fogo
Eu cansei de avisar
Eu vou abrir o jogo
Eu vou ter que escrachar
Porque eu gostava dela
E eu já não gosto mais
Porque eu gostava dela
Mas agora tudo acabou

Quem Me Olha Só

Já reguei quase todas as plantas
Já chorei sobre todo o jardim
Elas gostam da chuva que molha
Elas pensam que o sol é ruim
Quando o sol nos meus olhos brilhava
Por amar minha flor tanto assim
Fui feliz sem saber que secava
A rosa e trazia o seu fim
Hoje sente dó, quem me olha só
Entre flores, folhas e capim
Elas gostam da chuva que molha
Se alimentam do mal que há em mim
Hoje sente dó, quem me olha só
Eu tenho o carinho dos espinhos
Hoje sente dó quem me olha sozinho

Hoje sente dó, quem me olha só
Eu tenho os espinhos do carinho
Hoje sente dó quem me olha sozinho
Já reguei quase todas as plantas
Já chorei sobre todo o jardim
Elas gostam da chuva que molha
Elas pensam que o sol é ruim
Quando o sol nos meus olhos brilhava
Por amar minha flor tanto assim
Fui feliz sem saber que secava
A rosa e trazia o seu fim
Hoje sente dó, quem me olha só
Eu tenho o carinho do espinho
Hoje sente dó quem me olha sozinho
Hoje sente dó, quem me olha só
Eu tenho os espinhos do carinho
Hoje sente dó quem me olha sozinho

Contravenção

Nesses dias calmos
É bom sair de carro
Pra se distrair
Quando menos espero
Eu me desespero
Pra me divertir
Com tudo em cima
A noite vai rolar
Eu sempre fui assim
A rua é o meu lugar
Pr'eu rolar a noite inteira
Falar muita besteira (fazer muita zueira)
Só pra escrachar
Só pra avacalhar (só pra zoar)
E se a polícia me parar
Eu dou uma grana pra aliviar
Eu peço passagem pra continuar
Até o sol sair
Até a noite sumir
E a cidade acordar
Só ando na contravenção
Por pura vocação
Jamais terá fim
A nossa transação (a nossa curtição)

BARÃO VERMELHO Carnaval (1988)



Lente

Mudou a minha lente
De repente ficou tudo maior
Mudou a sua lente
De repente ficou tudo menor
Mudou a nossa lente
Ficou tudo do tamanho da gente
A lente não mente
Mente quem está detrás da lente
A lente não mente
O objeto transparente
Me deixe ver o que sempre foi aparente
Mudou a minha lente
De repente ficou tudo diferente
Mudou a sua lente
Você estranha o que vê a sua frente
Mudou a nossa lente
Agora você vê e eu te vejo claramente
A lente não sente
Sente quem está detrás da lente
A lente não sente
Objeto transparente
Me deixe ver qualquer coisa que eu
invente
Depende do ponto de vista
Depende do ângulo certo
Deixa que eu vejo, observe
Um pouco mais longe
Um pouco mais perto
Mas vitrine é vitrine
Depende do ângulo certo

Às vezes me confunde
Às vezes nem define
Objeto transparente
Me deixe ver qualquer coisa que eu
invente

Pense e Dance

Penso como vai minha vida
Alimento todos os desejos
Exorcizo as minhas fantasias
Todo mundo tem um pouco de medo da
vida
Pra que perder tempo desperdiçando
emoções
Grilar com pequenas provocações?
Ataco se isso for preciso
Sou eu quem escolho e faço os meus
inimigos
Saudações a quem tem coragem
Aos que tão aqui pra qualquer viagem
Não fique esperando a vida passar tão
rápido
A felicidade é um estado imaginário
Não penso em tudo que já fiz
E não esqueço de quem um dia amei
Desprezo os dias cinzentos
Eu aproveito pra sonhar enquanto é
tempo
Eu rasgo o couro com os dentes
Beijo uma flor sem machucar
As minhas verdades eu invento sem
medo
Eu faço de tudo pelos meus desejos
Saudações a quem tem coragem
Aos que tão aqui pra qualquer viagem
Não fique esperando a vida passar tão
rápido
A felicidade é um estado imaginário
Pense e dance
Pense
Pense e dance

Não Me Acabo

Eu é que não fumo cigarro porque me faz
mal pro pulmão
Mas também não vou viver só de pão
Pullman
Eu é que não me acabo atrás de qualquer
sensação
Mas também não vou acordar cedo toda
manhã
Porque eu cuido da minha saúde, eu, eu
sempre tive virtudes
Eu não vou me destruir, mas também
não deixo de me divertir
O meu exercício predileto é pensar
Passo muitas horas do dia pensando, só
pensando
Às vezes levo o meu corpo para passear
Enquanto ele faz cooper eu fico
esperando
Porque eu cuido da minha saúde, eu, eu
sempre tive virtudes
Eu não vou me destruir, mas também
não deixo de me divertir

O Que Você Faz À Noite

O que você faz
Depois do fim da festa
Quando nada mais lhe resta
Ninguém mais presta atenção
Que que você faz
Depois do fim da festa a febre se
manifesta
E o corpo implora proteção
Que que você faz
Quando um bar parece um barco
E a cidade um oceano
Que que você faz
Se nenhuma escolha parece certa
E toda descoberta é um plano
À noite - você é o que faz
Se você faz o que quer - à noite

Nunca Existi Pecado

A rapidez velha do tempo
Revive inquisições fatais
Um novo ciclo de revoltas
E preconceitos sexuais
Por mais liberdade que eu anseie
Esbarro em repressões fascistas
Mas tô a margem disso tudo
Desse mundo escuro e sujo
Não tenho medo de amar
Pra mim nunca existiu pecado
Essa vida é uma só

Nesse buraco negro eu não caio
A esperança é um grande vício
Cuidado com suas traições
E não deixe de cuspir no lixo o gosto
amargo das decepções
A humanidade tá um porre amenos
Não aprendeu a respirar
Quebrou pra esquina errada
E avançou os sinais

OmoumFuracão

Por que razão isso acontece?
A felicidade me assalta
E nem sequer explica
Eu embarco e não duvido
Por que razão isso acontece?
Quando tudo parece estar tão bem
E a tristeza me invade
Tipo fim do mundo
Desmentindo amor e verdade
Cortando fundo
Sem razão ou piedade
Por que razão isso acontece?
Alguém sempre aparece
Me cura e esquece
E é como se nada tivesse acontecido
E isso arde em mim feito um vulcão
Me varre pelo mundo feito um furacão
Deus é sábio não vacila
Larga seus filhos
Soltos pela vida
Eu aceito o risco
Mas quero saída
Eu quero a saída
Quero abusar da vida
Viver a noite, viver o dia
Nessa euforia

QuemMeEscuta

Ei! quem me escuta?
Eu tô com sede de amor
Você que duvida
Das minhas intenções
Eu tenho um plano
E não canso de correr atrás
E essa espera tira a minha paz
Eu me alimento de conquistas notáveis
Do gosto forte das paixões violentas
Ei! quem me escuta?
Eu tô com sede de amor
Você que não liga
Pras minhas intenções
A vida passa depressa
E às vezes esquece
De dar prova de sorte
E o melhor a quem merece
Não vou perder
Um só segundo
Pra te ganhar eu te dou o mundo
Quem mandou você me enfeitigar
Agora é tarde
Não dá pra te largar

Salegem

Meu casaco de couro
É minha armadura contemporânea
Meus olhos escuros
Impõe limites ao sol
Cuidado comigo, baby
E navego impune
Entre o bem e o mal
Misturo
Substâncias novas
Viver eu sei
É uma viagem sem volta
Meu corpo traz
Toda a força
Do meu espírito ágil
Sobreviver pra mim
É um instinto fácil
Eu tenho a fome dos lobos
A sede dos bandidos
Varo a cidade feito louco
Sou raio no meio da tempestade
Eu carrego a voltagem
De toda essa modernidade

Canaval

carnaval
eu danço no temporal
carnaval
eu queimo meu arsenal
carnaval
nos trilhos pela central
carnaval
das tribos do litoral

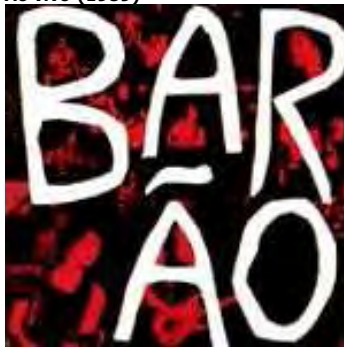
quero ver você brincar
farra malandra ao luar
baile de máscaras bizarras
malandros, otários em arruaça
vem bailar comigo
vem me abocanhar
sua saia preta
eu quero estraçalhar
sedução
não passa de traição
tradição
pra quem não tem solução
solidão
sozinho na multidão
maldição
às trancas do coração
folia... me faz rir
o ano inteiro sem parar
quero ver você me embalar
a noite inteira sem pisar
vem bailar comigo
vem me abocanhar
sua saia preta
eu posso estraçalhar

RockdaDescerebração

Descerebrem-se, celebrem
Eu tô aqui pra animar
Desesperem-se, roubem
Quem sabe eu possa ajudar
Depois desculpam-se, esqueçam
Eu volto só pra lembrar
E habituem-se, morram
Eu é que não vou enterrar
E se a pior pessoa da cidade
Me ajudar
Viro operário padrão
Eu e meu patrão
Que se esconde nos fundos
Gelado de felicidade
Caguetem-se solidários
Antes do interrogatório
Engrandecem a mentira
Deêm sentido à vida
Tenham fé tenham medo
Ou usem anestésias
Uniforme fantasias
Vejam que liquidação
E se as suas consciências
Tão bondosas dizem não
Bom motivo
Pra comemorar
O rock da descerebração

BARÃO VERMELHO

Ao vivo (1989)



Ponto Fraco

Benzinho, eu ando pirado
Rodando de bar em bar
Jogando conversa fora
Só pra te ver
Passando, gingando
Me encarando
Me enchendo de esperança
Me maltratando a visão
Girando de mesa em mesa
Sorrindo pra qualquer um
Fazendo cara de fácil, é
Jogando duro
Com o coração, gracinha
Todo mundo tem um ponto fraco
Você é o meu, por que não?
Você é o meu, por que não?

Carne De Pescoço

Andava tão calmo
Dava pra desconfiar
Levando a minha vida
Sem me preocupar
Você pintou
Eu tava quieto no meu canto
Curtiu com a minha cara
Foi me provocando
Pensando que eu fosse
Entrar no teu jogo
Brincar de apaixonar
O coração de um bobo
Depois tirar o corpo fora
Pra variar
Achando otário todo o cara
Que quer te amar
Baby, você marcou touca
Porque eu sou carne de pescoço
Você topou com um louco
Pra se livrar de mim
Vai ser fogo!
Vai ser fogo!

Pense e dance

Penso como vai minha vida
Alimento todos os desejos
Exorcizo as minhas fantasias
Todo mundo tem um pouco de medo da vida
Pra que perder tempo desperdiçando emoções
Grilar com pequenas provocações?
Ataco se isso for preciso
Sou eu quem escolho e faço os meus inimigos
Saudações a quem tem coragem
Aos que tão aqui pra qualquer viagem
Não fique esperando a vida passar tão rápido
A felicidade é um estado imaginário
Não penso em tudo que já fiz
E não esqueço de quem um dia amei
Desprezo os dias cinzentos
Eu aproveito pra sonhar enquanto é tempo
Eu rasgo o couro com os dentes
Beijo uma flor sem machucar
As minhas verdades eu invento sem medo
Eu faço de tudo pelos meus desejos
Saudações a quem tem coragem
Aos que tão aqui pra qualquer viagem
Não fique esperando a vida passar tão rápido
A felicidade é um estado imaginário
Pense e dance
Pense
Pense e dance

Bete Balanço

Pode seguir a tua estrela
O teu brinquedo de 'star'
Fantasiando um segredo
No ponto aonde quer chegar...
O teu futuro é duvidoso
Eu vejo grana, eu vejo dor
No paraíso perigoso
Que a palma da tua mão mostrou...
Quem vem com tudo não cansa
Bete balanço meu amor
Me avise quando for a hora...
Não ligue pra essas caras tristes,
Fingindo que a gente não existe.
Sentadas, são tão engraçadas, donas das suas salas.
Pode seguir a tua estrela
O teu brinquedo de 'star'
Hummm! Fantasiando um segredo
No ponto aonde quer chegar...
O teu futuro é duvidoso
Eu vejo grana, eu vejo dor
No paraíso perigoso
Que a palma da tua mão mostrou...
Quem vem com tudo não cansa
Bete balanço o meu amor
Me avise quando for a hora...
Quem tem um sonho não dança
Bete Balanço
Por favor!
Me avise quando for embora...

Não Amo Ninguém

Eu ontem fui dormir todo encolhido
Agarrando uns quatro travesseiros
Chorando bem baixinho, bem baixinho,

baby
Pra nem eu nem Deus ouvir
Fazendo festinha em mim mesmo
Como um neném, até dormir
Sonhei que eu caía do vigésimo andar
E não morria
Ganhava três milhões e meio de dólares
Na loteria
E você me dizia com a voz terna, cheia
de malícia
Que me queria pra toda vida
Mal acordei, já dei de cara
Com a tua cara no porta-retrato
Não sei por que que de manhã
Toda manhã parece um parto
Quem sabe, depois de um tapa
Eu hoje vou matar essa charada
Se todo alguém que ama
Ama pra ser correspondido
Se todo alguém que eu amo
É como amar a lua inacessível
É que eu não amo ninguém
Não amo ninguém
Eu não amo ninguém, parece incrível
Não amo ninguém
E é só amor que eu respiro

Por Que a Gente é Assim?

Mais uma dose? É claro!
É claro que eu tô a fim
A noite nunca tem fim
Por que quê a gente é assim?
Agora fica comigo
E não, não
Não desgruda de mim
Vê se ao menos me engole
Não me mastigue assim...
Canibais de nós mesmos
Antes que a terra nos coma
Cem gramas, sem dramas
Por que quê a gente é assim?
Mais uma dose? É claro!
É claro que eu tô a fim
A noite nunca tem fim
Por que quê a gente é assim?
Você tem exatamente
Três mil horas
Prá parar de me beijar
Meu bem, você tem tudo
Tudo prá me conquistar...
Você tem apenas um segundo
Um segundo
Prá aprender a me amar
Você tem a vida inteira
Baby!
A vida inteira
Prá me devorar...
Agora fica comigo
E não, não
Não desgruda de mim
Vê se ao menos me engole
Não me mastigue assim...
Você tem exatamente
Três mil horas
Prá parar de me beijar
Meu bem, você tem tudo
Tudo prá me conquistar...
Você tem apenas um segundo
Um segundo
Prá aprender a me amar
Você tem a vida inteira
A vida inteira
Prá me devorar...

Rock Do Cachorro Morto

Lembro-me que certo dia
Na rua, ao sol de um verão
Envenenado morria, um pobre cão
Arfava, espumava e ria
De um riso espúrio e bufão
Ventre e pernas sacudia na convulsão
Nenhum, nenhum curioso
Passava sem se deter
Silencioso, silencioso
Quem sabe é delicioso?
Ver padecer como se lhe desse gozo
Ver padecer como se lhe desse gozo

Quem Você Pensa Que É?

Não quero sair com qualquer vagabunda
Ser devorado por fés moribundas
Não vou brigar por coisas pequenas
deixar que o ciúmes estrague o que vale
apena
Não
Não fiz nada de mal pra ser enjaulado

eu nunca me senti um sujeito culpado
Não leio a bíblia,
não encomendo despacho
e pouco me importa o que você acha ou
não acha
Vivo a minha vida como ela vier
com chá, cachaca, whisk ou café
não tento ensinar o que ninguém sabe
afinal, quem você pensa que é
quem...quem você pensa que é?
quem...quem você pensa que é?
Não quero sair com qualquer vagabunda
Ser devorado por fés moribundas
Não vou brigar por coisas pequenas
deixar que o ciúmes estrague o que vale
apena
Vivo a minha vida como ela vier
com chá, cachaca, whisk ou café
não tento ensinar o que ninguém sabe
afinal, quem você pensa que é?
quem...quem você pensa que é?
quem...quem você pensa que é?

Pro dia Nascer Feliz

Todo dia a insônia
Me convence que o céu
Faz tudo ficar infinito
E que a solidão
É pretensão de quem fica
Escondido fazendo fita...
Todo dia tem a hora
Da sessão coruja
Só entende quem namora
Agora vão'bora...
Estamos bem por um triz
Pro dia nascer feliz
Pro dia nascer feliz
O mundo inteiro acordar
E a gente dormir, dormir
Pro dia nascer feliz
Pro dia nascer feliz
O mundo inteiro acordar
E a gente dormir...
Todo dia é dia
E tudo em nome do amor
Ah! Essa é a vida que eu quis
Procurando vaga
Uma hora aqui, a outra ali
No vai e vem dos teus quadris...
Nadando contra a corrente
Só pra exercitar
Todo o músculo que sente
Me dê de presente o teu bis
Pro dia nascer feliz
Pro dia nascer feliz
O mundo inteiro acordar
E a gente dormir, dormir
Pro dia nascer feliz
Pro dia nascer feliz
O mundo inteiro acordar
E a gente dormir...
Todo dia é dia
E tudo em nome do amor
Ah! Essa é a vida que eu quis
Procurando vaga
Uma hora aqui, a outra ali
No vai e vem dos teus quadris...
Nadando contra a corrente
Só pra exercitar
Todo o músculo que sente
Me dê de presente o teu bis
Pro dia nascer feliz
Pro dia nascer feliz
O mundo inteiro acordar
E a gente dormir, dormir
Pro dia nascer feliz
Pro dia nascer feliz
O mundo inteiro acordar
E a gente dormir...

Satisfaction

I can't get no satisfaction
I can't get no satisfaction
I try and I try and I try and I try
I can't get no, I can't get no
When I'm drivin' in my car
And that man comes on the radio
He's tellin' me more and more
About some useless information
Supposed to fire my imagination
I can't get no, oh no no no
Hey hey hey, that's what I say
I can't get no satisfaction
I can't get no satisfaction
'Cause I try and I try and I try and I try
I can't get no, I can't get no

When I'm watchin' my TV
And that man comes on to tell me
How white my shirts can be
But he can't be a man 'cause he doesn't
smoke
The same cigarettes as me
I can't get no, oh no no no
Hey hey hey, that's what I say
I can't get no satisfaction
I can't get no girl reaction
'Cause I try and I try and I try and I try
I can't get no, I can't get no
When I'm ridin' round the world
And I'm doin' this and I'm signing that
And I'm tryin' to make some girl
Who tells me baby better come back later
next week
'Cause you see I'm on losing streak
I can't get no, oh no no no
Hey hey hey, that's what I say
I can't get no, I can't get no
I can't get no satisfaction
No satisfaction, no satisfaction, no
satisfaction

BIQUÍNI CAVADÃO

Tédio (1985)



Tédio

Sabe esses dias em que horas dizem
nada
E você nem troca o pijama, preferia estar
na cama
O dia, a monotonia tomou conta de mim
É o tédio, cortando os meus programas,
esperando o meu fim
Sentado no meu quarto
O tempo voa
Lá fora a vida passa
E eu aqui a toa
Eu já tentei de tudo
Mas não tenho remédio
Pra livrar-me deste tédio
Vejo um programa que não me satisfaz
Leio o jornal que é de ontem, pois pra
mim tanto faz
Já tive esse problema, sei que o tédio é
sempre assim
Se tudo piorar, não sei do que sou capaz
Tédio, não tenho um programa
Tédio, esse é o meu drama
O que corrói é o tédio
Um dia, eu fico sério
Me atiro deste prédio.

No Mundo da lua

Quando os astronautas foram a Lua
Que coincidência, eu também estava lá
Fugindo de casa, do barulho da rua
Pra recompor meu mundo bem devagar
Que lugar mais silencioso
Eu poderia no universo encontrar
Que não fossem os desertos da lua
Pra recompor meu mundo bem devagar
Não quero mais ouvir
A minha mãe reclamar
Quando eu entrar no banheiro
Ligar o chuveiro, mas não me molhar
Quando os astronautas foram a lua
Eu fugi com eles, me joguei por aí
Fugindo de casa, do barulho da rua
Me esquecendo de tudo pra me divertir.

BIQUÍNI CAVADÃO
Cidades em torrente (1986)



Múmias

Bem aventurados sejam
 Aqueles que amam
 A desordem
 Nós viemos a reboque
 Este mundo
 É um grande choque
 Mas não somos desse mundo
 De cidades em torrente
 De pessoas em corrente...
 Errar não é humano
 Depende de quem erra
 Esperamos pela vida
 Vivendo só de guerra...
 Viemos preparados
 Pra almoçar soldados
 Chegamos atrasados
 Sumiram com a cidade
 Antes de nós
 Mesmo assim
 Basta esquecer-la
 Em outro dia
 Transformando em lataria
 Tudo que estiver
 Ao nosso alcance...
 Viemos espalhar discórdia
 Conquistar muitas vitórias
 Conquistar muitas derrotas
 Bem-aventurados sejam
 Todos que caírem em moratória
 Bem-aventurados sejam
 Os senhores do progresso
 Bem-aventurados sejam
 Esses senhores do regresso

Hotel

Noite na cidade do Rio
 Saio pelas ruas
 Procuo aventura
 Neste quarto de hotel
 Num imenso bordel
 De mulheres nuas
 Sinto calafrios
 Sensualismo
 "Après et Avant-Garde"
 Faróis que não guardam
 O escuro das ruas
 Um rosto vadio
 Me dá o vazio
 De já tê-lo visto
 Meu desejo é a sua vontade
 Grito, mas devo calar
 Revolta
 Ah que bom seria
 Só você e eu
 Mas há muito dormias
 E eu, num quarto de hotel
 Juro a mim ser só seu
 Enquanto a noite me esconde
 Dos seus faróis de milha.

Domingo

Acordo tarde
 Nada que eu possa ver
 Nem que eu possa fazer
 Depressão de meio dia
 Esperando o dia anoi-tecer
 Divagando em um dia cinza
 Meus amigos me chamam pra sair
 Eu não saio com eles, nem sinto vontade,
 Embora eu queira me divertir
 Mas não vejo nada que possa fazer
 Só esperar segunda acontecer
 Saio e vago nas ruas porque só isso me
 resta

E a cidade morre mais um pouco
 Saio e vago nas ruas porque só isso me
 resta
 E eu, trancado em mim, fico mais louco
 E eu me pego almoçando às seis e meia
 Somente os instintos sobrevivem num
 domingo
 O dia vai terminar...
 E eu só escrevo besteiras...
 Sonho acabar, sonho acabar domingo
 Sem começar segunda-feira
 Sonho acabar domingo, ah!

O Drama

Estou tateando no escuro
 Não consigo te ver
 Então fecho os olhos
 E sua imagem vejo
 Não posso tocá-la
 Não posso senti-la
 Penso em tudo aquilo que você me
 sussurrou
 Em todos esses longos telefonemas de
 fim de noite
 Oh não, Oh não, isso não se faz
 Parecia tudo tão normal
 Mas agora é só um sonho
 Me tirando do real
 Tento me iludir, mas eu tenho é que fugir
 Ah, como eu gostaria de sumir, sumir,
 sumir
 Afinal, o que você quer de mim?
 Afinal, está tudo acabado
 Não quero ter este romance
 indeterminado
 Prefiro agora, ficar calado
 Agora é mais que tarde
 Tarde!

No mundo da Lua

Quando os astronautas foram à lua
 Que coincidência, eu também estava lá
 Fugindo de casa, do barulho da rua
 Pra recompor meu mundo bem devagar
 Que lugar mais silencioso
 Eu poderia no universo encontrar
 Que não fossem os desertos da lua
 Pra recompor meu mundo bem devagar
 Não quero mais ouvir a minha mãe
 reclamar
 Quando eu entrar no banheiro
 Ligar o chuveiro, mas não me molhar
 Não quero mais ouvir a minha mãe
 reclamar
 Quando eu entrar no banheiro
 Ligar o chuveiro, mas não me molhar
 Quando os astronautas foram à lua
 Eu fugi com eles, me joguei por aí
 Fugindo de casa, do barulho da rua
 Me esquecendo de tudo pra me divertir.
 Que lugar mais silencioso
 Eu poderia no universo encontrar
 Que não fossem os desertos da lua
 Pra recompor meu mundo bem devagar
 Não quero mais ouvir a minha mãe
 reclamar
 Quando eu entrar no banheiro
 Ligar o chuveiro, mas não me molhar
 Não quero mais ouvir a minha mãe
 reclamar
 Quando eu entrar no banheiro
 Ligar o chuveiro, mas não me molhar
 Não, não quero mais ouvir.

Cadela Pornográfica

Se uma cadela passasse por aqui
 E me desse uma lambida... na perna!
 Eu soltava uma "tapa" na cabeça dela
 Eu não quero carinho de ninguém!

Reco

Você pode ser um universitário heróico
 Mas aqui, você é somente um reco
 Todos têm o mesmo corte de cabelo
 E o mesmo zelo com que cuidam
 Deste mesmo uniforme
 Seus grandes coturnos
 São única e exclusivamente pra marchar
 No seu uniforme você tem que sangrar
 Até morrer
 Reco, soldado raso
 Você tem que ajoelhar na lama
 Se intoxicar com gás
 Faça tudo isso por amor à Pátria
 Deixe de lado seus sentimentos
 E vamos a mais um acampamento
 Passar dias e noites sem comida

Verde e amarela, verde e amarela é a sua
 vida
 Vocês todos cumprem
 Pena de um ano
 Por serem brasileiros
 Maiores de dezoito
 E trabalharão como forçados
 Por não terem escapado das forças
 armadas

Timidez

Toda vez que te olho
 Crio um romance
 Te persigo, mudo
 todos instantes
 Falo pouco pois não
 sou de dar indiretas
 Me arrependo do que digo
 em frases incertas
 Se eu tento ser direto, o medo me ataca
 sem poder nada fazer
 Sei que tento me vencer e acabar com a
 mudez
 Quando eu chego perto, tudo esqueço
 e não tenho vez
 Me consolo, foi errado o momento, talvez
 Mas na verdade, nada esconde essa
 minha timidez
 Eu carrego comigo a grande agonia
 De pensar em você, toda hora do dia
 Eu carrego comigo, a grande agonia
 Na verdade nada esconde essa minha
 timidez
 Na verdade nada esconde essa minha
 timidez
 Talvez escreva um poema
 No qual grite o seu nome
 Nem sei se vale a pena
 Talvez só telefone
 Eu me ensaio, mas nada sai
 O seu rosto me distrai
 E, como um raio,
 eu encubro, eu disfarço
 eu camufla, eu desfaço
 Eu respiro bem fundo
 Hoje digo pro mundo
 Mudei rosto e imagem
 Mas você me sorriu
 Lá se foi minha coragem
 Você me inibiu

Tédio

Alô!
 Sabe esses dias
 Em que horas dizem nada
 E você nem troca o pijama
 Preferia estar na cama
 Um dia, a monotonia
 Tomou conta de mim
 É o tédio
 Cortando os meus programas
 Esperando o meu fim...
 Sentado no meu quarto
 O tempo voa
 Lá fora a vida passa
 E eu aqui à toa
 Eu já tentei de tudo
 Mas não tenho remédio
 Prá livrar-me desse tédio...
 Vejo o programa
 Que não me satisfaz
 Leio o jornal que é de ontem
 Pois prá mim, tanto faz
 Já tive esse problema
 Sei que o tédio
 É sempre assim
 Se tudo piorar
 Não sei do que sou capaz...
 Tédio!
 Não tenho um programa
 Tédio!
 Esse é o meu drama
 O que corri é o tédio
 Um dia eu fico cego
 Me atiro deste prédio...

Caso

Você me quer mas não pra sempre
 Quem sabe volta e meia a gente tenta
 outra vez
 Não sei o que assumir
 Pois termos não definem
 O que eu tento te dizer
 Peço conselhos
 Mas ao te encontrar
 Fica difícil entender
 Como você me domina
 Fingido não saber porquê
 Brincadeiras numa noite
 Pra depois voltar ao sério
 E sorrindo esquecer este falso adultério
 Agora é difícil lembrar deste caso sem fim
 Cai em seu triste charme como num
 roubo sem alarme
 Mas a ironia na memória tenta
 loucamente descrever
 Minha mente sendo seduzida e você
 sendo traída
 Numa máquina de escrever

Inseguro de Vida

É normal que num fim de semana
 Ao viajar muita gente morra
 Preso nas ferragens de um fusca
 Sem que ninguém socorra
 Quero dizer somente
 Que só se afoga quem nada
 É mais conveniente
 Ficar na beira da praia
 Esquece o carro, fica em casa,
 Lê um livro, vê televisão
 A segurança de uma poltrona é bem
 melhor que
 Uma contramão
 Mas é normal, também num fim de
 semana,
 Que ao ficar em casa muita gente morra
 Baleada durante um assalto
 Sem que ninguém socorra
 Quero dizer somente
 Que se ficar, o bicho come
 É mais conveniente
 Correr que o bicho passa fome
 Esquece a casa, pegue um carro,
 Sai do rio, vai pra Cubatão
 A liberdade de um automóvel é bem
 melhor que
 Uma precaução.

BIQUÍNI CAVADÃO**A era da incerteza (1987)****1/4**

Não esperava ser o único a romper a
 barreira do som
 Superei o medo da distorção das palavras
 Fui sincero, muito cedo...
 Tem horas em que lembro com saudade
 todo o tempo de minha vida
 E perplexo vejo que já um quarto dela
 Se passou em felicidade despercebida
 Se o tempo hoje parasse
 Ou então não mais vivesse
 Estaria me traindo
 Ao pensar que o tempo pararia
 Se meu coração não mais batesse
 Anotei inutilmente experiências num
 caderno
 Por temer tornar a repeti-las
 E descobri que o amor precisava de
 estratégia
 E eu não sabia como se perdia
 Tem horas em que lembro com saudade
 todo o tempo de minha vida

E perplexo vejo que já um quarto dela
 Se passou em felicidade despercebida
 Agora basta de besteira
 Cansado de me procurar, achei que devia
 me perder
 E não notei que fiz de todo o tempo uma
 tragédia
 A minha vida, eu não conhecia
 E se pensava que o jovem não tem medo
 da morte
 Eu noto só agora que a sorte se inverte,
 Ou então estou mais velho...

Ida e Volta

Não sei mais o que fazer
 A noite acabou
 As luzes já vão acender
 E com elas, solidãããoo
 A vida aqui nesta cidade
 É buscar a diversão
 Nos bares vendem
 Mil venenos
 E as pessoas estão fantasiadas
 E eu não sei se o que vivi foi ilusão
 Ou teve mesmo importância
 Acho que não me deram atenção
 Não me deram atenção, não!
 Volto pra casa sentindo frio
 Sem saber se, hoje, choro ou sorrio
 Amanhã, quando acordar, eu decido
 Volto pra casa sentindo frio
 Sem saber se, hoje, choro ou sorrio
 Amanhã quando acordar eu decido
 Não sei mais o que fazer
 Não sei mais o que fazer
 A noite acabou
 As luzes já vão acender e com elas
 solidãããoo
 A vida aqui nesta cidade
 É buscar a diversão
 Nos bares vendem
 Mil venenos
 E as pessoas estão fantasiadas
 E eu não sei se o que vivi foi ilusão
 Ou teve mesmo importância
 acho que não me deram atenção não não
 não
 Não me deram atenção não
 Não não não
 Volto pra casa sentindo frio
 Sem saber se hoje choro ou sorrio
 Amanhã quando acordar eu decido
 Mas a vida ainda me pertence
 Embora todos possam ir embora
 Ainda que estejam na vinda e eu na volta
 A noite acabou...
 acabou...
 E as pessoas estão fantasiadas...

Tormenta!

A vida nesse mundo é tão material
 Que sua presença parece irreal
 No meu oceano, ela se dá por um farol
 Que ilumina os meus passos e me dá
 calor
 Calor de gente
 Calor de animal
 Nessa tormenta não sou racional
 Sou menos humano
 Sou mais perigoso
 A própria imagem desse sentimento em
 carne e osso
 Vou ao seu encontro movido a ilusão
 Mas minhas andanças não têm direção
 Pois não adianta, um navio em alto mar
 Que sabe aonde ir, sem saber aonde está
 A vida nesse mundo é tão material
 que sua presença parece ilusão
 Ela é bem mais rica que uma posse
 pessoal
 E por ser tão rica só pertence ao coração
 Coração de gente
 Calor de animal
 Nessa tormenta não sou racional
 Sou menos humano
 Sou mais perigoso
 A própria imagem desse sentimento em
 carne e osso.

Inocências

Eu trago em mim recordações
 Que não sei se são troféus ou fardos
 Pois estão somente estampados na
 memória
 Mas quem vai saber?
 São só velhas coisas ditas e sabidas

Por todos ou ninguém
 Lembranças perdidas sem sentido
 Mas juntas pra mim parecem música
 Nessa estrada já fui pra todo lado
 Tive quase tudo e, por ser quase, tive
 nada
 Rodando na ciranda que separa o joio e o
 trigo
 Eu vou dançando
 Vou lembrando do primeiro prazer de se
 estar vivo
 Inocências da primária vida
 Na ciranda da primeira vida
 Eu trago em mim momentos
 Que não sei dizer se são fortes ou fracos
 Dúvidas que dançam soltas na ciranda
 Mesmo que eu exite em ir pra dança
 No fim são só velhas coisas
 Ditas e vividas
 Por todos ou ninguém
 Lembranças perdidas sem sentido
 Mas juntas pra mim parecem música
 Que a razão não diga nada
 Os sonhos sempre foram minha fuga
 Lembranças perdidas sem sentido
 Mas juntas pra mim parecem música
 Nessa estrada já fui pra todo lado
 Tive quase tudo e por ser quase tive nada
 Rodando na ciranda que separa o joio e o
 trigo
 Eu vou dançando
 Vou lembrando do primeiro prazer de se
 estar vivo
 Inocências da primeira vida
 Na ciranda da primeira vida.

Dança Tonta

Não quis passar a minha mágoa
 Embora não pudesse evitar
 Buquê de vinho, mas gosto de água
 Nó na minha garganta
 Que as horas não conseguem desatar
 Não foi preciso consolo
 Pois me senti tão tolo depois de chorar
 Gosto de nada na boca
 Somente a raiva que sentia me faria
 mastigar
 E por mais que eu fique tonto, o mundo
 insiste em balançar
 Por dar corda nos meus sonhos, mal pude
 acordar
 Por um momento te amei tanto
 Momento de tormento
 Mas agora nada tento
 Por enquanto espanto em achar
 Um ponto de beleza nessa irônica era de
 incertezas
 E por mais que me doa a decisão de
 saber o que sinto,
 Minto
 Finjo a cada sol que não vejo nascer nem
 se pôr
 Me oponho a crer que os dias têm
 passado
 Mais rápido que o esperado
 E quantas noites dormi do seu lado
 ou me esqueci do seu rosto
 Mas meu desejo não era a sua vontade
 E a mão que me afagava é a mesma que
 me afoga

Catedral

A igreja é ao mesmo tempo mãe e filha
 Mas até hoje ninguém sabe quem é pai
 Catedral, isto aqui não é seu céu
 Deuses não são maiores dentro de você
 Em nome de um santo,
 Um santo sem nome
 Um monumento ao templo
 Grande colosso
 Que até me esqueço que seria tão bonito
 Se fosse dito que cada cidadão,
 Religioso em devoção
 Tivesse em sua crença natal
 A riqueza não material
 Materializada em casa
 E não em uma catedral
 Catedral, a capela se humilha
 A igreja é mãe e filha e ninguém sabe
 quem é pai
 Aos Deuses, o primor da arquitetura:
 Paredes de ouro, metais em lingotes
 E sumos sacerdotes,
 Em sinal dos tempos,
 Conservam seus templos,
 Atraindo, aliciando,

Mas não quebrando o encanto
Daqueles que até hoje vivem
Rezando para terem um dia
A falsa sorte prometida
Pelos senhores dessas catedrais

Um Corpo Sem Alma

Não é medo o que sinto agora
Nem solidão...
É uma calma de quem vai embora
Sem levar recordação
Não vejo perigo
Nem desvantagem
Não sinto remorso
Ou alegria
Estou livre de tudo que me abraça
Depois de hoje vem muitos dias
Como seria bom sentir isso sempre
No entanto é apenas um momento raro
Que passa como um pensamento
No coração que o compraria caro
Toda vida tem uma história
Cada segundo uma razão
Mas na folha do que vivo agora
Não escrevo explicação
Eu simplesmente não penso em nada
Nem cogito qualquer vitória
Meu corpo está morto de linguagem
E a alma não procura a glória.

Limites

Se me ordenam qualquer coisa que tenha sentido
Sentido ou direção,
Penso mil vezes:
Serei eu que estou errado?
Serei eu que estou calado?
Ou estão querendo me matar?
Estão querendo acabar com o que eu posso fazer
Com jurados comprados e o meretrício
juiz arranjado
Por livre e espontânea pressão
Pressão, pressão
Pois se pensar sem limites
Me cassam a concessão
Temendo não chegar ao topo na primeira colocação
Se me ordenam qualquer coisa que tenha sentido
Sentido eu dizer não
Penso mil vezes, mas acabo concordando
Por livre e espontânea pressão
Não adianta discordar,
O fio da tesoura diz quem tem razão
E de tanto me cortarem, eu achei meu corte cego
Tornei meu próprio verso um grito sem expressão
Como se repintar os muros calasse os pincéis
Como se queimar o que te escrevo me apagasse um pouco mais
Como se não cantar essa canção em alto brado
Me tornasse um pobre escravo
Escravo de meus limites

Duas

Elas eram duas
Imagens tão distintas
Não era por acaso
Que, ao misturar suas tintas,
O dia era de uma
E a noite tão criança
Só sei que as amava
Maestro de duas danças
As duas eu amava, nenhuma eu traía
Promessas eram feitas, mas passavam como os dias
Tentava acreditar, não era mal o que fazia
Pois éramos felizes enquanto o tempo permitia
Em quanto tempo...
E a paixão talvez seja antes de tudo egoísta
Ou quem sabe, a traição me pareça oportunista
Com duas dividia minhas longas, longas horas de agonia
E foi com grande dor que vi minhas juras aos meus olhos
Tornarem-se mentira
Ora mulher, ora menina

Se uma eu contemplava
A outra me fascina
Eu desejava as duas, não quis perder nenhuma
Deixei acontecer, juntei verdades e mentiras
Talvez acreditasse serem simplesmente duas
Metades de uma só
Enquanto o tempo permitia
Por quanto tempo...

Caso

Você me quer mas não pra sempre
Quem sabe volta e meia a gente tenta outra vez
Não sei o que assumir
Pois termos não definem
O que eu tento te dizer
Peço conselhos
Mas ao te encontrar
Fica difícil entender
Como você me domina
Fingido não saber porquê
Brincadeiras numa noite
Pra depois voltar ao sério
E sorrindo esquecer este falso adultério
Agora é difícil lembrar deste caso sem fim
Caí em seu triste charme como num roubo sem alarme
Mas a ironia na memória tenta loucamente descrever
Minha mente sendo seduzida e você sendo traída
Numa máquina de escrever

BIQUÍNI CAVADÃO Zé (1989)



Bem Vindo Ao Mundo Adulto

Você vem e chega com esse papo
De que o mundo é tão feio
A vida é tão cruel!
Há quanto tempo isso já não é novidade
Passada certa idade você tem
Tem nojo de tudo
Eu digo
Bem vindo ao mundo adulto
Não creia em ingenuidades
Amigos sempre fomos, negócios sempre a parte
Você que descobriu tudo isso um pouco tarde!
Você agora é que vem com esse papo:
"Está tudo um tédio, não tenho um programa"
Rima tudo com remédio e ainda ganha uma grana
Ainda te acho sincero,
Mas não perdoo os seus erros
Agüente agora os conchavos
As trocas de favores, jabás e chantagens
Você esta formalmente apresentado à falsidade
Coitadinho de você, não sabia o que fazer,
Olha o mundo a sua volta, só acredita na revolta
Não sabe uma oração?
O que está a sua volta nunca mais se interrompe:
Nada se cria, tudo se corrompe,
Bem vindo ao mundo adulto!

Brincando Com Fogo

O sol nasceu quadrado hoje
Você parece nem ligar

As coisas vão esquentar
E o que me importa tudo?
O sol nasceu quadrado hoje
Você parece nem ligar
O teu descaso é tão grande
Já começa a me contagiar
Se você não me sente
Não me deixa sonhar
Se você não me sente
Eu quase não sinto nada!
Hoje eu te vi tão displicente
Em plena tela da TV
E por mais que você me encarasse
Você não estava lá
Se você não me sente
Não me deixa sonhar
Se você não me sente
Eu quase não sinto nada
com esse seu olhar distante
Eu fico quieto no meu canto
esperando o tempo passar...
Engulo a raiva e dou um sorriso amarelo
Daqui onde estou, eu posso ver você brincando com fogo,
Brincando com Fogo!

Corredor X

Ele decidiu ser uma alma livre
Que serpenteia as estradas alheio aos que o seguem
Ele corre atrás do seu limite
E se por acaso quebrar vai simplesmente recomeçar
E não precisa de motivo, nem mesmo de razão
Qualquer faísca e ele toca fogo no mundo
Como seria bom
Se o destino nos desse a opção de escolher
Por que causa nós vamos sofrer
Ele decidiu ser uma alma livre
Que serpenteia as estradas alheio aos que o seguem
Mas por mais que ele sempre siga em frente
Sempre irá de comum acordo com as curvas do destino
Como seria bom
Se o destino nos desse a opção de escolher
Por que causa nós vamos sofrer
Ele decidiu ser uma alma livre
Que serpenteia as estradas alheio aos que o seguem
Ele procura sempre, não tem medo de descobrir
O desafio o corréi tal qual uma paixão.
Mas por mais que ele sempre siga em frente
Sempre irá de comum acordo com as curvas do destino
Como seria bom
Se o destino nos desse a opção de escolher
Por que causa nós vamos sofrer

Teoria

Eu sei que a vida inteira
Eu vou procurar desculpas pra mim mesmo
Pra tudo que eu faço, e o que fizer,
Das culpas me desfaço
Razões, as mais sinceras,
Eu vou formular, como se fosse teoria
E terei uma certeza que eu criei
E a mim mesmo explicaria
Mas tudo que eu faço hoje
Não é diferente do que antes eu fazia
Eu convencia o mundo inteiro
Só a mim mesmo, não convencia
Se tudo fosse teoria...
Eu quero explicar a todos o que sinto
Mas pareço acreditar que o tempo todo estou mentindo
Se Deus me explicasse, ao menos me conformaria
Mas como acreditar se Deus também é teoria.
Tudo que eu faço hoje
Não é diferente do que antes eu fazia
Eu convencia o mundo inteiro
Só a mim mesmo, não convencia
Se tudo fosse teoria...

Samba de Branco

Mulher, me deixa ser malandro
 Quero cantar as velhas bossas
 Mulher, me deixa ser malandro
 Quero voltar amar a boemia
 Ter a vida desregrada
 Afogar as minhas mágoas
 Batendo perna pela rua, me larga
 Me larga, desgraçada
 Eu quero amantes bem safadas
 E um carrão envenenado
 Aquele emprego no governo
 Eu sou uma ovelha desgarrada
 Eu quero encher a casa de amigos
 Só pra falar um monte de besteira
 Tudo que eu quero é uma vida sossegada
 Me deixa em paz, mulher
 Eu quero beber, fumar e jogar
 Na boca dos becós, na mesa do bar
 Botar pra fuder, botar pra quebrar
 Voltar de manhã vendo o dia raiar,
 Vendo o dia raiar

Mulher, me deixa ser malandro
 Quero cantar as velhas bossas
 Mulher, me deixa ser malandro
 Quero amar a boemia
 Mulher não quero ser mais certo
 Correto dos pés a cabeça
 Até pareço um boneco
 Fantoche de alguma peça
 Eu quero sair todo domingo
 Apedrejar o bandeirinha
 E dançar o funk sem companhia
 Nos bailes da periferia
 Eu quero encher a cara com os amigos
 Só pra falar um monte de besteiras
 Fazer da vida uma bagunça
 Um carnaval sem quarta-feira
 Eu quero beber, fumar e jogar
 Na boca dos becós, na mesa do bar
 Botar pra fuder, botar pra quebrar
 Voltar de manhã vendo o dia raiar,
 Vendo o dia raiar

Meu Reino

Atrás da porta
 Guardo os meus sapatos
 Na gaveta do armário
 Coloco minhas roupas
 Na estante da sala
 Vejo muitos livros
 E a geladeira conserva o sabor das
 refeições
 Minha casa é meu reino
 Mas eu preciso de outros sapatos
 De outras roupas, outros temperos
 Para formar minhas idéias e meus
 sentimentos
 Eu sou a soma de tudo que vejo
 E minha casa é um espelho
 Onde à noite eu me deito e sonho com as
 coisas mais loucas
 Sem saber porque
 É porque trago tudo de fora
 Violência e dúvida, dinheiro e fé
 Trago a imagem de todas as ruas por
 onde passo
 E de alguém que nem sei quem é
 E que provavelmente eu não vou mais
 ver
 Mas mesmo assim ela sorriu para mim
 Ela sorriu e ficou na minha casa que é
 meu reino
 É porque trago tudo de fora
 E minha casa é um espelho
 Trago a imagem de todas as ruas
 Eu sou a soma de tudo que vejo
 Mas mesmo assim, ela sorriu pra mim
 Ela sorriu e ficou na minha casa que é
 meu reino

Na Memória

A velocidade me apaixonou
 Me apaixonou muito mais que você
 Por instantes posso até me esquecer
 Mas vou sempre lembrar, nunca pensar
 Pensar em você é morte lenta
 Prefiro me acabar na traseira de um
 caminhão
 Por vezes corro tanto que pareço estar
 parado
 Perdido, sozinho no deserto
 Homens passam com destino à Dakar
 Eu freio no meu sonho, está na hora de
 acordar
 Você passa rápida na esquina,

O mundo parece tão distante e eu torno a
 acelerar
 A velocidade me apaixonou
 Me apaixonou muito mais que você
 Como vício que não posso mais largar
 Me faz te esquecer, nunca lembrar
 Lembrar que você é morte lenta
 Eu penso no seu rosto detalhes de uma
 ilusão
 Que sempre no deserto parece estar
 parada
 Sozinha, sofrendo a solidão
 E no entanto quando chego aos seus pés
 Você ri na minha cara e vai embora sem
 olhar
 Você passa rápida na esquina
 O mundo parece tão distante e eu torno a
 acelerar
 E essa cena se repete mil vezes na
 memória
 Mil vezes na memória...

Certas Pessoas

Eu não quero ninguém andando comigo
 Só certas pessoas para conversar a noite
 inteira,
 O tempo todo
 E quando o assunto acabar
 A gente conversa tudo de novo
 E come e bebe mais
 Até ficar bem tarde
 Eu não quero ninguém andando comigo
 Só certas pessoas
 Uma pessoa só já basta
 E é assim que eu tenho meu tempo vivído
 Gastando meu dinheiro sem dever nada
 ao mundo
 Eu tenho andado tão ocupado
 Andando na cidade
 Pensando na vida
 E ando e penso mais
 Até ficar bem tarde
 Eu não quero ninguém andando comigo
 Só certas pessoas
 Uma pessoa só já basta
 Fica ótimo,
 Eu só quero carinho
 Um pouco de silêncio
 Um pouco de conversa
 Eu não quero ninguém
 Eu não quero ninguém
 Eu não quero ninguém
 Não quero, não quero ninguém.

Meus Dois Amores

Minha égua é bem ligeira
 Ela é a campeã
 Nada mais é tão veloz que suas pernas
 musculosas
 Basta subir nela e me deixar levar
 Ganhei muitas corridas, apostas sempre
 altas
 E quando eu cruzo a chegada
 Ela me sorri com seus dentes grandes
 E com sua pose
 Ela me adora e me dá muito dinheiro
 E assim que eu acordo, quero logo te
 agradecer
 Espero que você nunca me largue
 E nem me dê um coice pelas costas
 E nem me dê um coice pelas costas
 Mas eu divido o meu amor
 Com a mulher da minha vida
 Filha de um rico banqueiro
 Dono deste mundo inteiro
 Moça enjoada, nem é tão bonita
 Mas faz dos meus sonhos, realidade
 E quando eu chego em casa tarde
 Ela me sorri com seus dentes grandes
 E com sua pose
 Ela me adora e me dá muito dinheiro
 E assim que eu acordo, quero logo te
 agradecer
 Espero que você nunca me largue
 E nem me dê um coice pelas costas
 E nem me dê um coice pelas costas

Direto Pro Inferno

Às vezes a vida fica tão triste,
 Tão triste que nem uma mulher peituda
 É capaz de me alegrar...
 Hoje acordei com vontade de dizer
 A vida é bela, somos patetas, mas não
 importa
 Nem todos os dias são tristes
 Hoje acordei com vontade de dizer

"Até que enfim sou livre, eu só faço o que
 quero,
 Eu quero te dar um abraço,
 Subir ao palco, bancar o palhaço"
 Mas se disserem que sou santo, eu nego
 Eu vou direto pro inferno e que se dane o
 resto
 Hoje acordei com vontade de lembrar
 Como era bom ser escoteiro
 Fazer uma boa ação,
 Ou arrumar esta bagunça em que vivo
 Olhar-me no espelho e até me achar
 bonito
 Mas amanhã estará tudo esquecido
 Não estranhe, nem me pergunte por quê
 Apenas volto a ser o mesmo calhorda
 Talvez então você então entenda essa
 história
 Que se disserem que sou santo, eu nego
 Eu vou direto pro inferno e que se dane o
 resto
 Eu posso ser um pouco ruim de se lidar
 Difícil de se entender
 Mas não sou tão ruim assim, não
 Nem todos os dias são tristes.

CAMISA DE VÊNUS**Camisa de Vênus (1983)****Passamos Por Isso**

O Ambiente é tão sério
 Não há lugar para ação
 "Vê se conserva suas raízes", eles
 disseram
 "Camisa de Vênus é alienação."
 "Vocês vão obedecer", eles disseram
 "Vocês vão entender", eles disseram
 "Vocês vão aprender... a curtir MPB!"
 E me falaram dos perigos
 Que eu encontraria aqui
 Enquanto os mestres do bom gosto
 Botavam samba pra eu ouvir
 "Vocês vão obedecer"
 "Vocês vão entender"
 "Vocês vão aprender... a curtir MPB!"
 Eles têm medo do que não entendem
 Eles gritaram: "Isto não é música, é
 barulho
 Vocês não vão a lugar nenhum com isso."
 "Hmhmmhmmhm, seus otários! Nós
 atropelamos vocês!
 Nós passamos por isso."
 Quiseram mudar nosso nome,
 Deixar tudo arrumadinho.
 Nos deram até a liberdade
 De tocar Brasileiro
 "Vocês vão obedecer"
 "Vocês vão entender"
 "Vocês vão aprender... a curtir MPB!"
 Vá curtir MPB e vá curtir MPB!
 E vá curtir MPB!
 VÁ CURTIR!

Metástase

Marx sacou um dia que andava confuso
 Mas havia milhares para ele fazer uso!
 Livros vendidos o sistema comprou
 Você aprendeu e então dançou
 Mais um esquerda, outra direita
 Mais um ideal e mais uma mutreta
 Hitler sacou um dia, que andava inseguro
 Mas já era muito tarde para derrubar o
 muro
 A atitude tinha de ser drástica,
 Até morrer pela suástica

Mais um católico, mais um ateu,
 Mais um crioulo, mais um judeu
 Freud sacou um dia que ele podia pirar
 Mas havia centenas para ele analisar
 "O seu problema é esquizofrenia,
 Agora pague e volte outro dia!"
 Mais um que vem, mais um que sonha
 Mais um orgulho, mais uma vergonha
 O jogo acabou e você perdeu
 Era pra subir e você desceu
 Agora que já perdeu o trem
 Não acredita em mais ninguém
 Jesus sacou um dia que iria enlouquecer
 Mas havia um rebanho para ele converter
 O Pai havia aberto o portão do céu
 A cruz estava lá, era seu troféu
 Mais um que cai, mais um que gira,
 Mais uma verdade, mais uma mentira

Beth Morreu

Bete tão bonita, gostosa
 Era a atenção da escola
 Sempre na coluna social
 Exibindo seu sorriso banal
 Todos queriam Bete
 Desejavam Bete
 Sonhavam com Bete
 Mas ela nem ligava
 Um dia ela saiu de casa
 Mas ao dobrar a esquina
 Foi empurrada dentro de um carro
 Para deixar de ser menina
 Amordaçaram Bete
 Espancaram Bete
 Violentaram Bete
 Ela nem se mexeu
 Bete morreu
 Bete morreu
 Seu corpo foi encontrado
 Por um chofer de caminhão
 E agora está apodrecendo
 Lá dentro do caixão
 Amordaçaram Bete
 Espancaram Bete
 Violentaram Bete
 Ela nem se mexeu
 Bete morreu
 Bete morreu
 Bete, Bete morreu
 Bete, Bete morreu
 Bete, Bete morreu
 Bete, Bete morreu

Correndo Sem Parar

Quando você sai de casa
 E vai picar os muros da cidade
 Rebelde sem causa,
 Pois já não há mais porque esperar
 O calor bate brabo à noite
 E eu já começo a suar
 Mas até que enfim
 Você tá aqui perto de mim
 Entre aqui no carro
 Hoje nós vamos ficar
 Correndo sem parar
 Correndo sem parar
 Correndo sem parar
 Correndo sem parar
 De dia abaixamos a cabeça
 Pois nós precisamos dessa grana
 Que aumenta a fome
 De amor e ódio que dividimos na cama
 "Sempre confirmar
 E nunca questionar", diz o otário
 Mas hoje o lance
 Não, não, não vai ser romance
 Baby, esta é a nossa chance,
 Vamos ficar
 Correndo sem parar
 Correndo sem parar
 Correndo sem parar
 Correndo sem parar
 Eu sinto no ar
 Que tudo pode acabar
 Que tal se transformar
 Em fantasmas do underground
 Correndo sem parar
 Correndo sem parar
 Correndo sem parar
 Correndo sem parar
 Tô ansioso para começar,
 Vamos logo, dê a partida já
 O som tá alto, tá alto e bom
 Aumente mais, é assim que tem de ser
 Eletricidade nas minhas veias
 Olhe! Você mesma pode ver

E não há ninguém neste mundo
 Que possa nos deter
 Não pense em nada
 Hoje nós vamos ficar
 Correndo sem parar
 Correndo sem parar
 Correndo sem parar
 Quando o sol raiar
 E o bêbado vomitar
 Quando a cidade acordar
 E a rotina recomeçar
 A vizinhança vai reclamar
 Mas quando a polícia chegar,
 Nos ainda vamos estar
 Nos ainda vamos estar
 Correndo sem parar
 Correndo sem parar
 Correndo sem parar
 Correndo sem parar

Negue

Eu disse negue o seu amor, o seu carinho
 Diga que você já me esqueceu
 Que eu mostro minha boca molhada,
 E ainda marcada por um beijo teu
 Negue seu amor, o seu carinho
 Diga que você já me esqueceu
 Siga machucando, esfacelando
 Este coração que ainda é teu
 Diga que meu pranto é covardia
 Mas não esqueça que você foi minha um dia
 Diga que já não me quer
 Negue que me pertenceu
 E eu mostro minha boca lascada
 E toda arrebatada por um beijo teu
 Negue o seu amor, o seu carinho
 Diga que você já me esqueceu
 Siga machucando, esfacelando
 Este coração que ainda é teu
 Diga que meu pranto é covardia
 Mas não esqueça que você foi minha um dia
 Diga que já não me quer
 Negue que me pertenceu
 E eu mostro minha boca lascada
 E toda esfacelada por um beijo teu
 E eu mostro minha boca lascada
 E ainda marcada por um beijo teu

O Adventista

Eu acredito no bem e no mal
 Eu acredito no imposto predial
 Eu acredito, eu acredito
 Eu acredito nos livros da estante
 Eu acredito em Flávio Cavalcante
 Eu acredito, eu acredito
 Não vai haver amor neste mundo nunca mais
 Eu acredito no seu ponto de vista
 Eu acredito no partido trabalhista
 Eu acredito, eu acredito
 Eu acredito em toda essa cascata
 Eu acredito no beijo do papa
 Eu acredito, eu acredito
 Não vai haver amor neste mundo nunca mais
 Eu acredito em quem anda com fé
 Eu acredito em Xuxa e em Pelé
 Eu acredito, eu acredito
 Eu acredito na escada pro sucesso
 Eu acredito na ordem e no progresso
 Eu acredito, eu acredito
 Não vai haver amor neste mundo nunca mais
 Eu acredito que o amor atrai
 Eu acredito em mamãe e papai
 Eu acredito, eu acredito
 Eu acredito no Cristo que padece
 Eu acredito no INPS
 Eu acredito, eu acredito
 Não vai haver amor neste mundo nunca mais
 Eu acredito no milagre que não vem
 Eu acredito nos homens de bem
 Eu acredito, eu acredito
 Eu acredito nas boas intenções
 Mas este papo já encheu os meus culhões
 Eu não acredito, eu não acredito

Dogmas Tecnofacistas

Entrou e ficou impressionado
 Com essa porcaria aí do seu lado
 Ela vai fazer sua vida completa
 O homem de sucesso atinge sua meta

Tudo tão legal, de se admirar
 Tudo alto astral
 Acho que vou... vomitar!
 Novos dogmas são planejados
 Velhos ansiosos são adaptados
 O tecnofacista mostra o caminho
 "Siga a matilha ou vai morrer sozinho"
 Tudo tão legal, de se admirar
 Tudo alto astral
 Acho que vou... vomitar!
 Já temos tudo que não leva a nada
 Temos inteligência pré-fabricada
 Se sua vida estragar um dia
 Pode trocar, que tá na garantia
 Tudo tão legal, de se admirar
 Tudo alto astral
 Acho que vou... vomitar!
 Argh!!!

Homem Não Chora

Desde o dia em que nasceu
 Nunca mais ele esqueceu
 Mamãe gritou, papai berrou
 Mamãe tremeu, papai bateu
 E dos padres do colégio
 Castigo, Deus e sacrilégio
 Insegurança e pavor
 Quadro negro e professor
 Mas tanto bate até que fura
 Universidade, formatura
 De lá sai pra trabalhar
 Casamento e procriar, oh!
 Dorme nervoso e acorda tenso
 Mas sempre diz que tem bom senso
 Educado e elegante
 E sua mulher tem um amante
 Conta o ano a cada dia
 Esperando a aposentadoria
 Não tem futuro, só passado
 E vai ficando esclerosado
 E carregando esta ferida
 Diz que a missão já está cumprida
 Não sabe se o descanso eterno
 Vai ser no céu ou no inferno
 Desde o dia em que nasceu
 Nunca mais ele esqueceu
 Mamãe gritou, papai berrou
 Mamãe tremeu, papai bateu
 Homem não chora,
 Homem não chora
 Nunca, nunca, nunca!

Passatempo

De manhã cedo eu chego na janela
 Bebê chorando, um cachorro latindo
 Uma mulher fazendo as unhas
 E na calçada um velho dormindo
 Só pra passatempo!
 Só pra passatempo!
 Um atleta faz teste de cooper
 Passa veloz pela banca da esquina
 Depois relaxa, enche o pulmão de ar
 Pra respirar cheio de gasolina
 Só pra passatempo!
 Só pra passatempo!
 Um casal sai para fazer compras
 Nas vitrines começam a sonhar
 Não sabem como vai ser para o mês
 Mas tão contentes por poder gastar
 Só pra passatempo!
 Só pra passatempo!
 Três rapazes espancando um
 E bem mais fácil, pois ele é mais fraco
 Um tapa na cara e outro nas costas
 Um murro na boca e um chute no saco
 Só pra passatempo!
 Só pra passatempo!
 A indiferença vai aumentando
 Nas diferentes classes sociais
 Serventes, médicos e empresários
 Que Deus disse "São todos iguais"
 Só pra passatempo!
 Só pra passatempo!

Pronto Pro Suicídio

Cada dia que eu passava na prisão do seu lar
Era menos um motivo para ele acreditar
Acordava todo dia ao som do despertador
Os ponteiros lhe mostrando o seu tempo já passou
Não, ele não quer tentar,
Não, ele não quer morrer,
Não, ele não quer sangrar,

**Não, ele não quer viver!
Diz que vai se dar bem, pois não
nasceu pra esse calor
Se o mundo desse chance eu seria
um grande ator
Disfarça suas mágoas entre as
páginas da Veja
O aluguel tá atrasado e acabou sua
cerveja**

**Não, ele não quer tentar,
Não, ele não quer morrer,
Não, ele não quer sangrar,
Não não não não não.. ele não quer
viver!**

**Sonha que é a espada entre o bem e
o mal
Deus rei, imperador, nunca houve
outro igual
Ao lado de Herodes comandou o
genocídio**

**Quando acorda assustado, tá pronto
pro suicídio!**

**Não, ele não quer tentar,
Não, ele não quer viver,
Não, ele não quer sangrar,**

Meu Primo Zé

Eu tenho um primo chamado Zé
Queria ser como ele é
Sempre gentil e arrumado
Ele é muito bem relacionado
Ele encontrou a felicidade
Freqüentando a alta sociedade
Tem três garotas para transar
Mas guarda uma virgem que é para casar
O meu primo Zé
Queria ser como ele é
O orgulho da família
O predileto da mamãe
Mas ele entende de Engenharia
Medicina e Economia
Pra impressionar traçou um plano
Comprar um carro novo todo fim de ano
E quando está afim de emoção
Zé vê novela na televisão
Desde garotinho ele me batia
Pois usava golpes que eu não sabia
O meu primo Zé
Queria ser como ele é
O orgulho da família
O predileto da mamãe
Mas ele entende de Engenharia
Medicina e Economia
Pra impressionar traçou um plano
Comprar um carro novo todo fim de ano
E quando está afim de emoção
Zé vê novela na televisão
Desde garotinho ele me batia
Pois usava golpes que eu não sabia
O meu primo Zé
Queria ser como ele é
O orgulho da família
O predileto da mamãe

CAMISA DE VÊNUS

Batalhões de estranhos (1984)



Eu Não Matei Joana D'Arc

Eu nunca tive nada
Com Joana D'Arc
Nós só nos encontramos
Prá passear no parque...
Ela me falou
Dos seus dias de glória
E do que não está escrito
Lá nos livros de história...

Que ficava excitada
Quando pegava na lança
E do beijo que deu
Na rainha da França...
Agora todos pensam
Que fui eu que a cremei
Mas eu não sou piromaniaco
Eu juro que não sei...
Ontem eu nem a vi
Sei que não tenho um álibi
Mas eu!
Eu não matei
Joana D'Arc
Eu nunca tive
Nada, nada, nada
Com Joana D'Arc
Nós só nos encontramos
Prá passear no parque...
Ela me falou
Que andava ouvindo vozes
Que prá conseguir dormir
Sempre tomava algumas doses...
Uma rede internacional
Iludiu aquela menina
Prometendo a todo custo
Transformá-la em heroína...
Agora eu tô entregue
À CIA e à KGB
Eles querem que eu confesse
Mas eu nem sei o quê...
Ontem eu nem a vi
Sei que não tenho um álibi
Mas eu!
Eu não matei
Joana D'Arc...
Eu não matei
Joana D'Arc...

Casas Modernas

Essa é a minha casa, esse é o meu lar
Através do olho mágico alguém a buzinar
Da minha casa eu vejo o mundo
Vejo a cidade crescendo ao fundo
Imponente símbolo de decadência
Grande avanço da nossa ciência
Orgulho da nossa indústria
Cicatrizes da nossa indústria
Vivemos em casas modernas, arquitetura segura e
eterna
Vivemos em casas modernas, arquitetura segura e
eterna
O equilíbrio entre formas e cores
Demonstra uma perfeita simetria
Em minha casa eu tenho um quarto
Me tranco nele todos os dias
Maria Alice ela esta realizada
Comprou uma casa esterilizada
Lá não nasce planta, não nasce bicho
Não nasce gente, não nasce nada
Vivemos em casas modernas, arquitetura segura e
eterna
Vivemos em casas modernas, arquitetura segura e
eterna
Deus abençoe as casas modernas

Lena

Lena como foi que aconteceu
Tanto tempo já passou
Você foi dar um mergulho
E por pouco não se afogou
Lena você ainda se impressiona
Com carros sem capota
Com discos de Bob Dylan
E madames com cara de idiotas
Lena onde estão aquelas fotos
Com você pousando nua
E que livravam a minha cara
Quando você estava na rua
Lena veja o que o tempo faz
Com as pessoas que não querem
Perder o gás
De sair na sexta à noite
Você logo ficava afim
E eu ficava com a impressão
Que essa cidade estava contra mim
Em Nova Iorque foi ao Vil age
Pegou um táxi, dom, down
Apertou a mão de Lian Hunter
Hei isso aqui não é nada mal
Já voamos a favor do vento
Nadamos contra correnteza
Mas nada foi suficiente
Isso nós já temos certeza

Lena veja o que o tempo faz
Com as pessoas que não querem
Perder o gás
Lena como foi que isso aconteceu
Tanto tempo já passou
Você foi dar um mergulho
E por pouco não se afogou
Lena você ainda se impressiona
Com aqueles carros antigos vermelhos sem capota
Com discos de Janis Joplin
E madames com cara de idiotas
Lena onde estão aquelas fotos
Com você nua
E que livravam a minha cara
Quando você estava na rua
Lena veja o que o tempo faz
Com as pessoas que não querem
Perder o gás

Ladrão de Banco

"Miguel era um ladrão de banco, ele andava
injuriado
Sabia que o portão de ouro lhe havia sido fechado
Quando voltava para casa ele trazia o ódio no andar
E a revolta no seu peito e que o fazia respirar
Miguel era um ladrão de banco
Não bebia pra esquecer mas sim pra se lembrar
Que por trás de cada rosto há uma mentira pra
contar
Miguel era um ladrão de banco, ele nasceu pra
pular muro
Não acreditava em Deus, nem tampouco no futuro
Miguel era um ladrão de banco,
Um dia andando pela calçada viu um carro pagador
Sentiu o cheiro do cifão e foi provar do seu sabor
Passe a grana seu otário que eu to falando sério
Se quiser dormir em casa e não lá no necrotério
Ele tentou atravessar a rua mas estava cercado
E com uma bala na barriga ele foi trancafiado
Miguel era um ladrão de banco, ele escolheu viver
assim
Não era a primeira vez e não iria ser o fim
Sabia que ia fugir, como uma água sai do ovo
Olhos abertos e garras prontas pra atacar de novo
Miguel era um ladrão de banco."

Gotham City

Aos 15 anos eu nasci em Gotham City
E era um céu alaranjado em Gotham City
Caçavam bruxas nos telhados de Gotham City
No dia da Independência Nacional.
Cuidado!
Há um morcego na porta principal
Cuidado!
Há um abismo na porta principal
Eu fiz um quarto bem vermelho aqui em Gotham
City
Sobre os muros altos da tradição de Gotham City
No cinto de utilidades as verdades
Deus ajuda a quem cedo madruga em Gotham City.
Cuidado!
Há um morcego na porta principal
Cuidado!
Há um abismo na porta principal
No céu de Gotham City há um sinal
Sistema elétrico e nervoso contra o mal
Tem um sambinha, tem futebol e tem carnaval
Todos estão dormindo em Gotham City.
Cuidado!
Há um morcego na porta principal
Cuidado!
Há um abismo na porta principal
Os mortos vivos perambulam em Gotham City
Agora vivo o que vivo aqui em Gotham City
Chegou a hora da verdade em Gotham City
E a saída é a porta principal.
Cuidado!
Há um morcego na porta principal
Cuidado!
Há um abismo na porta principal
Gotham City, city, city

Noite e Dia

Ei, Nelson!
Lembra daquela promoção que você estava
esperando?
Só para o ano...
Mas eu hei de ter muitas mulheres, o meu iate, o
meu carrão
E vou querer tudo igualzinho como eles mostram na
televisão
Eu compro um carro, uma casa, uma família, eu
quero estabilidade
Mas taxas e juros e o que se vende no crediário
desta cidade

Dia - oito horas trancado,
 Noite - sem grana pra sair
 Dia - o corpo todo quebrado,
 Noite - acho melhor ir dormir
 Viver sozinho nessa pocilga eu sei que é o maior perigo
 Mas o meu bolso sempre vazio me mostra que eu não tenho amigo
 Eu pego o expresso, eu pego o metro, fazendo a dança do sacolejo
 E quando desço no fim de linha os home me dão bacolejo
 Mandei fazer uma folhinha, ela só marca o dia primeiro
 Assim eu tenho a impressão que ando sempre com dinheiro
 Mas ao inferno com essa pobreza, vou me embriagar de vinho barato
 O sistema e eu já nos acostumamos a brincar de gato e rato

Crime Perfeito

Sexta-feira a noite
 Ele gasta a quinzena
 Com uísque com garotas
 Que nunca valem a pena
 Procura pela claridade
 O órfão da escuridão
 Invadindo sinais vermelhos
 Apanhado na contramão
 Correndo por nossas vidas
 Sem saber até onde
 Correndo por nossas vidas
 Ainda não fomos muito longe
 De costas pra essa chuva
 De frente pra parede
 Lajes e roupas estão molhados
 Mas o coração tem sede
 Vive tentando matar o tempo
 Pra ser um homem feliz
 Achar que esse é o crime perfeito
 Pois não se vê nem cicatriz
 Correndo por nossas vidas
 Sem saber até onde
 Correndo por nossas vidas
 Ainda não fomos muito longe
 Sexta-feira a noite
 Ele gasta a quinzena
 Com uísque com garotas
 Que nunca valem a pena
 Procura pela claridade
 O órfão da escuridão
 Invadindo sinais vermelhos
 Apanhado na contramão
 De costas pra essa chuva
 De frente pra parede
 Lajes e roupas estão molhados
 Mas o coração tem sede
 Vive tentando matar o tempo
 Pra ser um homem feliz
 Achar que esse é o crime perfeito
 Pois não se vê nem cicatriz
 Correndo por nossas vidas
 Sem saber até onde
 Correndo por nossas vidas
 Ainda não fomos muito longe

Rosto e Aeroportos

Vou vestir a minha sombra
 Preciso me proteger
 Eu sempre manejei bem as palavras
 Mas agora não sei o que dizer
 Sua voz tão calma e fria
 Penetrou tão lentamente
 Congelou o meu orgulho
 Embaou a minha mente
 Vejo seu rosto nos aeroportos
 Nas ruas, nos cinemas, nos jornais
 Vejo seus olhos nos faróis de meu carro
 À noite eles sempre brilham mais

Hoje

Ouvi notícias de muito longe batendo na minha porta
 Eu vi os garfos, eu vi as facas em cima da mesa posta
 Pra que mensagens e telegramas se você chega e some
 Tenho dinheiro e CPF mais não me lembro o meu nome
 Não há mais festas nem carnaval
 Acho que eu fui enganado
 Me diga as horas, eu vou embora
 Hoje eu tô atrasado

Prá que escolas e faculdades não há nada pra aprender
 Eu já não vejo, eu já não penso, já não consigo escrever
 Sou faixa preta, toco guitarra, um dia vou pular de asa
 Durmo de dia, trabalho à noite, nem sei se volto pra casa
 Não há mais festa, nem carnaval
 Acho que eu fui enganado
 me diga as horas, eu vou embora
 Hoje eu tô atrasado
 Olho pro trânsito, olho o sinal, tá tudo engarrafado
 Vídeos cassetes, computadores, e outros codificados
 Tem uma loira que tá afim, a ruiva diz que me ama
 A nega quer, eu já nem sei quem eu levo pra cama
 Não há mais festas, nem carnaval
 Acho que eu fui enganado
 Me diga as horas, eu vou embora
 Hoje eu tô atrasado
 To abafado, me dá licença, vê se sai da minha frente
 Tenho miopia, sou hipotenso, meu pé tá sempre dormente,
 Amsterdã via Paris, acho que é nesse que eu vou
 Mudei o corte do meu cabelo, já nem sei como eu sou
 Não há mais festas, nem carnaval
 Acho que eu fui enganado
 me diga as horas, eu vou me embora
 Hoje eu tô atrasado

Cidade Fantasma

"Isto tá virando uma cidade fantasma
 O vento assobia nas esquinas
 Arrastando seu orgulho, apagando-lhe o nome
 Pessoas passam fome
 Guarde seu sapato vermelho
 Hoje não vai ter show, alguém mudou de idéia
 Violência na platéia
 Isto tá virando uma cidade fantasma
 E na calada da noite
 Os parques estão cheios de bocas caladas
 Casas estão fechadas
 Um raio rasga o horizonte
 Luzes de néon projetam sombras no muro
 O céu esta escuro
 Isto tá virando uma cidade fantasma"

Batalhões de Estranhos

Nua e crua para as pessoas da rua
 Uma idéia sublime para a prevenção do crime
 Observe e informe aos homens de uniforme
 Chegam por via aérea, sentinelas de nossa miséria
 Eles vem e vão com a força de quem arrasa
 Eles vem e vão, mas nos ficamos em casa
 Patrulham com intensidade os quatros cantos da cidade
 Proibem qualquer mudança, zelando pela segurança
 Não de credito aos rumores, de que há ódio, temor e dores
 Só empurre a porta e abra, entre nessa dança macabra
 Eles vem e vão com a força de quem arrasa
 Eles vem e vão mas nos ficamos em casa

CAMISA DE VÊNUS Viva ao vivo (1986)



Eu Não Matei Joana D'Arc

Eu nunca tive nada
 Com Joana D'Arc
 Nós só nos encontramos
 Prá passear no parque...
 Ela me falou
 Dos seus dias de glória

E do que não está escrito
 Lá nos livros de história...
 Que ficava excitada
 Quando pegava na lança
 E do beijo que deu
 Na rainha da França...
 Agora todos pensam
 Que fui eu que a cremei
 Mas eu não sou piromaniaco
 Eu juro que não sei...
 Ontem eu nem a vi
 Sei que não tenho um álibi
 Mas eu!
 Eu não matei
 Joana D'Arc...
 Eu nunca tive
 Nada, nada, nada
 Com Joana D'Arc
 Nós só nos encontramos
 Prá passear no parque...
 Ela me falou
 Que andava ouvindo vozes
 Que prá conseguir dormir
 Sempre tomava algumas doses...
 Uma rede internacional
 Iludiu aquela menina
 Prometendo a todo custo
 Transformá-la em heroína...
 Agora eu tô entregue
 À CIA e à KGB
 Eles querem que eu confesse
 Mas eu nem sei o quê...
 Ontem eu nem a vi
 Sei que não tenho um álibi
 Mas eu!
 Eu não matei
 Joana D'Arc...
 Eu não matei
 Joana D'Arc...

Hoje

Ouvi notícias de muito longe batendo na minha porta
 Eu vi os garfos, eu vi as facas em cima da mesa posta
 Pra que mensagens e telegramas se você chega e some
 Tenho dinheiro e CPF mais não me lembro o meu nome
 Não há mais festas nem carnaval
 Acho que eu fui enganado
 Me diga as horas, eu vou embora
 Hoje eu tô atrasado
 Prá que escolas e faculdades não há nada pra aprender
 Eu já não vejo, eu já não penso, já não consigo escrever
 Sou faixa preta, toco guitarra, um dia vou pular de asa
 Durmo de dia, trabalho à noite, nem sei se volto pra casa
 Não há mais festa, nem carnaval
 Acho que eu fui enganado
 me diga as horas, eu vou embora
 Hoje eu tô atrasado
 Olho pro trânsito, olho o sinal, tá tudo engarrafado
 Vídeos cassetes, computadores, e outros codificados
 Tem uma loira que tá afim, a ruiva diz que me ama
 A nega quer, eu já nem sei quem eu levo pra cama
 Não há mais festas, nem carnaval
 Acho que eu fui enganado
 Me diga as horas, eu vou embora
 Hoje eu tô atrasado
 To abafado, me dá licença, vê se sai da minha frente
 Tenho miopia, sou hipotenso, meu pé tá sempre dormente,
 Amsterdã via Paris, acho que é nesse que eu vou
 Mudei o corte do meu cabelo, já nem sei como eu sou
 Não há mais festas, nem carnaval
 Acho que eu fui enganado
 me diga as horas, eu vou me embora
 Hoje eu tô atrasado

My Way

E agora que o fim esta perto
 E eu encaro esse momento
 Meus amigos, eu vou confessar
 Os meus pecados e sentimentos
 Vivi a mil por hora

E por caminhos que eu nem lembro agora
 E mais, bem mais eu sei
 I did it my way!!!
 Remorsos, eu tenho alguns
 Mas mesmo assim
 São muito poucos
 Eu fiz o que tinha que fazer
 Enquanto vocês gritavam
 Bota pra foder
 Eu planejei
 Cada jogada
 Cada trepada
 Por essa estrada
 E mais, bem mais eu sei
 I did it my way
 Naqueles tempos
 Eu era um menino
 Que já sabia, do meu destino
 E caminhando de norte a sul
 Eu vi muita gente, tomar no cu
 Eu entendi
 E não esqueci
 I did it my way
 Andei, sorri, chorei
 E me entreguei
 Ao meu trabalho
 E agora
 Que passou o tempo
 Eu acho chato, chato, chato
 Pra caralho
 Não ter
 O que prometer
 E não saber mais
 O que dizer
 Ooo não!!!
 Ooo não!!!
 I did it my way
 Pra que serve o homem
 O que é que ele tem
 Ou é um puta barão
 Ou João ninguém
 Fazer as coisas
 Que desejou
 Comer as mulheres
 Com quem sonhou
 Eu me fodi
 Mas resisti
 I did it my, my, my way.

Beth Morreu

Bete tão bonita, gostosa
 Era a atenção da escola
 Sempre na coluna social
 Exibindo seu sorriso banal
 Todos queriam Bete
 Desejavam Bete
 Sonhavam com Bete
 Mas ela nem ligava
 Um dia ela saiu de casa
 Mas ao dobrar a esquina
 Foi empurrada dentro de um carro
 Para deixar de ser menina
 Amordaçaram Bete
 Espancaram Bete
 Violentaram Bete
 Ela nem se mexeu
 Bete morreu
 Bete morreu
 Seu corpo foi encontrado
 Por um chofer de caminhão
 E agora está apodrecendo
 Lá dentro do caixão

Sílvia

Você me diz que não tá mais saindo
 Mas eu desconfio que cê tá me traindo
 Ô, Sílvia, piranha! Ô, Sílvia, piranha!
 Vive dizendo que me tem carinho
 Mas eu vi você com a mão no pau do vizinho
 Ô, Sílvia, piranha! Ô, Sílvia, piranha!
 Todo homem que sabe o que quer
 Pega o pau pra bater na mulher
 Ô, Sílvia, piranha! Ô, Sílvia, piranha!
 Vive dizendo que tá numa boa
 Mas veio pra São Paulo dar massagem em coroa
 Ô, Sílvia, piranha! Ô, Sílvia, piranha!
 Você jura e repete que me tem amor
 Mas eu lhe flagrei com um vibrador
 Ô, Sílvia, piranha! Ô, Sílvia, piranha!
 Todo homem que sabe o que quer
 Pega o pau pra bater na mulher
 Ô, Sílvia, piranha! Ô, Sílvia, piranha!

Quando eu chego em casa com essa cara de otário
 Vejo o zelador, tá dentro do armário
 Ô, Sílvia, piranha! Ô, Sílvia, piranha!
 Eu acho mesmo que você não tem jeito
 Pois até o leiteiro anda mamando em seu peito
 Ô, Sílvia, piranha! Ô, Sílvia, piranha!
 Todo homem que sabe o que quer
 Pega o pau pra bater na mulher
 Ô, Sílvia, piranha! Ô, Sílvia, piranha!
 Ô, Sílvia, piranha! Ô, Sílvia, piranha!
 Ô, sua puta!

Metástase

Marx sacou um dia que andava confuso
 Mas havia milhares para ele fazer uso!
 Livros vendidos o sistema comprou,
 Você aprendeu e então dançou
 Mais uma esquerda, outra direita
 Mais um ideal e mais uma mutreta Hitler
 sacou um dia, que andava inseguro
 Mas já era muito tarde para derrubar o muro
 A atitude tinha de ser drástica,
 Até morrer pela suástica
 Mais um católico, mais um ateu,
 Mais um crioulo, mais um judeu Freud
 sacou um dia que ele podia pirar
 Mas havia centenas para ele analisar
 "O seu problema é esquizofrenia,
 Agora pague e volte outro dia!"
 Mais um que vem, mais um que sonha
 Mais um orgulho, mais uma vergonha [solo]
 O jogo acabou e você perdeu
 Era pra subir e você desceu
 Agora que já perdeu o trem
 Não acredita em mais ninguém Jesus
 sacou um dia que iria enlouquecer
 Mas havia um rebanho para ele converter
 O Pai havia aberto o portão do céu
 A cruz estava lá, era seu troféu
 Mais um que cai, mais um que gira,
 Mais uma verdade, mais uma mentira

O Adventista

Eu acredito no bem e no mal
 Eu acredito no imposto predial
 Eu acredito, eu acredito
 Eu acredito nos livros da estante
 Eu acredito em Flávio Cavalcante
 Eu acredito, eu acredito
 Não vai haver amor neste mundo nunca mais
 Eu acredito no seu ponto de vista
 Eu acredito no partido trabalhista
 Eu acredito, eu acredito
 Eu acredito em toda essa cascata
 Eu acredito no beijo do papa
 Eu acredito, eu acredito
 Não vai haver amor neste mundo nunca mais
 eu acredito em quem anda com fé
 Eu acredito em Xuxa e em Pelé
 Eu acredito, eu acredito
 Eu acredito na escada pro sucesso
 Eu acredito na ordem e no progresso
 Eu acredito, eu acredito
 Não vai haver amor neste mundo nunca mais
 Eu acredito que o amor atrai
 Eu acredito em mamãe e papai
 Eu acredito, eu acredito
 Eu acredito no Cristo que padece
 Eu acredito no INPS
 Eu acredito, eu acredito
 Não vai haver amor neste mundo nunca mais
 Eu acredito no milagre que não vem
 Eu acredito nos homens de bem
 Eu acredito, eu acredito
 Eu acredito nas boas intenções
 Mais este papo já encheu os meus culhões
 Eu não acredito, eu não acredito

Solução Final

A situação está insustentável, mas temos que seguir em frente
 Compre dólares no câmbio negro e vamos celebrar a grandeza do ocidente
 Há tantos misseis na Europa não demora e vamos logo aproveitar
 Será bem mais, será ultramoderno ver um romance nuclear

É tão banal a solução final
 Poderemos checar in loco se são direitos os humanos do U.S.A
 Tomaremos toda essa coca-cola sempre protegidos pela lei
 Logo estaremos invioláveis traficando kilos de cultura
 Depois e só pedir asilo numa dessas ditaduras
 É tão banal a solução final

Homem Forte

Homem forte todos diziam, o seu poder todos sabiam
 Ele não é vulnerável, nada pode lhe machucar
 Homem forte, homem forte, homem forte
 Falando em qualquer dialeto, calado, tenso, pensando quieto
 Ele não se dobra, fechado em si próprio
 Homem forte, homem forte, homem forte
 Despreza o azar, ignora a sorte
 Brinca com a vida, brinca com a morte
 Nada lhe amedronta, nada pode lhe deter
 Homem forte, homem forte, homem forte
 Quando a dor se mistura ao frio, na madrugada o imenso vazio
 Na lembrança suas crianças, ele enxuga as lágrimas
 Homem forte, homem forte, homem forte

Negue

Eu disse Negue o seu amor, o seu carinho
 Diga que você já me esqueceu
 E eu mostro minha boca molhada,
 E ainda marcada por um beijo teu
 Negue seu amor, o seu carinho
 Diga que você já me esqueceu
 Siga machucando, esfacelando
 Este coração que ainda é teu
 Diga que meu pranto é covardia
 Mas não esqueça que você foi minha um dia...
 Diga que já não me quer
 Negue que me pertenceu
 E eu mostro minha boca lascada
 E toda arrebatada por um beijo teu...
 Negue o seu amor, o seu carinho
 Diga que você já me esqueceu
 Siga machucando, esfacelando
 Este coração que ainda é teu
 Diga que meu pranto é covardia
 Mas não esqueça que você foi minha um dia ...
 Diga que já não me quer
 Negue que me pertenceu
 E eu mostro minha boca lascada
 E toda esfacelada por um beijo teu
 E eu mostro minha boca lascada
 E ainda marcada por um beijo teu"

Dogmas Tecnofascistas

Entrou e ficou impressionado
 Com essa porcaria aí do seu lado
 Ela vai fazer sua vida completa
 O homem de sucesso atinge sua meta
 Tudo tão legal, de se admirar
 Tudo alto astral
 Acho que vou... vomitar!
 Novos dogmas são planejados
 Velhos anseios são adaptados
 O tecnofascista mostra o caminho
 "Siga a matilha ou vai morrer sozinho"
 Tudo tão legal, de se admirar
 Tudo alto astral
 Acho que vou... vomitar!
 Já temos tudo que não leva a nada
 Temos inteligência pré-fabricada
 Se sua vida estragar um dia
 Pode trocar, que tá na garantia
 Tudo tão legal, de se admirar
 Tudo alto astral
 Acho que vou... vomitar!
 Argh!!!

Lena

Lena como foi que aconteceu
 Tanto tempo já passou
 Você foi dar um mergulho
 E por pouco não se afogou
 Lena você ainda se impressiona
 Com carros sem capota
 Com discos de Bob Dylan
 E madames com cara de idiotas
 Lena onde estão aquelas fotos
 Com você pousando nua

E que livravam a minha cara
Quando você estava na rua
Lena veja o que o tempo faz
Com as pessoas que não querem
Perder o gás
De sair na sexta à noite
Você logo ficava afim
E eu ficava com a impressão
Que essa cidade estava contra mim
Em Nova Iorque foi ao Village
Pegou um táxi, down, down
Apertou a mão de Lian Hunter
Hei isso aqui não é nada mal
Já voamos a favor do vento
Nadamos contra correnteza
Mas nada foi suficiente
Isso nós já temos certeza
Lena veja o que o tempo faz
Com as pessoas que não querem
Perder o gás
Lena como foi que isso aconteceu
Tanto tempo já passou
Você foi dar um mergulho
E por pouco não se afogou
Lena você ainda se impressiona
Com aqueles carros antigos vermelhos
sem capota
Com discos de Janis Joplin
E madames com cara de idiotas
Lena onde estão aquelas fotos
Com você nua
E que livravam a minha cara
Quando você estava na rua
Lena veja o que o tempo faz
Com as pessoas que não querem
Perder o gás

Gotham City

Aos 15 anos eu nasci em Gotham City
E era um céu alaranjado em Gotham City
Caçavam bruxas nos telhados de Gotham City
No dia da Independência Nacional.
Cuidado!
Há um morcego na porta principal
Cuidado!
Há um abismo na porta principal
Eu fiz um quarto bem vermelho aqui em Gotham City
Sobre os muros altos da tradição de Gotham City
No cinto de utilidades as verdades
Deus ajuda a quem cedo madruga em Gotham City.
Cuidado!
Há um morcego na porta principal
Cuidado!
Há um abismo na porta principal
No céu de Gotham City há um sinal
Sistema elétrico e nervoso contra o mal
Tem um sambinha, tem futebol e tem carnaval
Todos estão dormindo em Gotham City.
Cuidado!
Há um morcego na porta principal
Cuidado!
Há um abismo na porta principal
Os mortos vivos perambulam em Gotham City
Agora vivo o que vivo aqui em Gotham City
Chegou a hora da verdade em Gotham City
E a saída é a porta principal.
Cuidado!
Há um morcego na porta principal
Cuidado!
Há um abismo na porta principal
Gotham City, city, city
Gotham City, city, city
Gotham City, city, city
Gotham City

Cidade Fantasma

Isto tá virando uma cidade fantasma
O vento assobia nas esquinas
Arrastando seu orgulho, apagando-lhe o nome
Pessoas passam fome
Guarda seu sapato vermelho
Hoje não vai ter show, alguém mudou de idéia
Violência na platéia
Isto tá virando uma cidade fantasma

E na calada da noite
Os parques estão cheios de bocas caladas
Casas estão fechadas
Um raio rasga o horizonte
Luzes de néon projetam sombras no muro
O céu esta escuro
Isto tá virando uma cidade fantasma

Ladrão de Banco

Miguel era um ladrão de banco, ele andava injuriado
Sabia que o portão de ouro lhe havia sido fechado
Quando voltava para casa ele trazia o ódio no andar
E a revolta no seu peito e que o fazia respirar
Miguel era um ladrão de banco
Não bebia pra esquecer mas sim pra se lembrar
Que por trás de cada rosto há uma mentira pra contar
Miguel era um ladrão de banco, ele nasceu pra pular muro
Não acreditava em Deus, nem tampouco no futuro
Miguel era um ladrão de banco,
Um dia andando pela calçada viu um carro pagador
Sentiu o cheiro do cifrão e foi provar do seu sabor
Passe a grana seu otário que eu to falando sério
Se quiser dormir em casa e não lá no necrotério
Ele tentou atravessar a rua mas estava cercado
E com uma bala na barriga ele foi trancafiado
Miguel era um ladrão de banco, ele escolheu viver assim
Não era a primeira vez e não iria ser o fim
Sabia que ia fugir, como uma águia sai do ovo
Olhos abertos e garras prontas pra atacar de novo
Miguel era um ladrão de banco.

Batalhões de Estranhos

Nua e crua para as pessoas da rua
Uma idéia sublime para a prevenção do crime
Observe e informe aos homens de uniforme
Chegam por via aérea, sentinelas de nossa miséria
Eles vem e vão com a força de quem arrasa
Eles vem e vão mas nos ficamos em casa
Patrulham com intensidade os quatros cantos da cidade
Proíbem qualquer mudança, zelando pela segurança
Não de credito aos rumores, de que há ódio, temor e dores
Só empurre a porta e abra, entre nessa dança macabra
Eles vem e vão com a força de quem arrasa
Eles vem e vão mas nos ficamos em casa

CAMISA DE VÊNUS

Correndo o risco (1987)



Simca Chambord

Um dia me pai chegou em casa,
nos idos de 63
E da porta ele gritou orgulhoso,
Agora chegou a nossa vez
Eu vou ser o maior, comprei um
Simca Chambord
O inverno veio impedir o meu namoro no jardim
Mas a gente fugia de noite
Numa fissura que não tinha fim
Na garagem da vovó;
Tinha o banco do Simca Chambord
Fazendo Simca Chambord
Fazendo Simca Chambord
Fazendo Simca Chambord
Fazendo Simca Chambord
Meu pai comprou um carro,
Ele se chama Simca Chambord
E no caminho da escola eu ia tão contente
Pois não tinha nenhum carro
Que fosse na minha frente
Nem Gordini nem Ford
O bom era o Simca Chambord
O presidente João Goulart,
um dia falou na TV
Que a gente ia ter muita grana
Para fazer o que bem entender
Eu vi um futuro melhor,
no painel do meu Simca Chambord
Fazendo Simca Chambord
Fazendo Simca Chambord
Fazendo Simca Chambord
Fazendo Simca Chambord
Meu pai comprou um carro,
Ele se chama Simca Chambord
Mas eis que de repente, foi dado um alerta
Ninguém saía de casa e as ruas ficaram desertas
Eu me senti tão só, dentro do Simca Chambord
Tudo isso aconteceu há mais de vinte anos
Vieram jipes e tanques que mudaram os nossos planos
Eles fizeram pior
Acabaram com o Simca Chambord
Acabaram com o Simca Chambord
Acabaram com o Simca Chambord
Acabaram com o Simca Chambord
Eles fizeram pior
Acabaram com o Simca Chambord
Acabaram com o Simca Chambord
Acabaram com o Simca Chambord
Acabaram com o Simca Chambord
Acabaram com o Simca Chambord
Eles fizeram pior

Mão Católica

Nascer com o mal na alma
Pro batismo libertar
Carregar a cruz de toda culpa
E colocá-la no altar
Domingo tem a missa obrigatória
Ajoelhar perante a santa inquisição
Pras bruxas temos a fogueira
Pros santos nós temos o perdão
Você só tem que confessar
Pedir a Deus pra perdoar
Não tento atos de heroísmo
Mea culpa
Mea culpa
Mão fechada do catolicismo
Nascer com o mal na alma
Pro batismo libertar
Carregar a cruz de toda essa culpa
E colocá-la no altar
A Santíssima Trindade ilumina o mistério
Pecar, blasfemar, essa é a nossa sina
Então engolir o corpo de Cristo
E agradecer essa herança divina
Você só tem que confessar
Pedir a Deus pra perdoar
Não tento atos de heroísmo
Mea culpa
Mea culpa
Mão pesada do catolicismo

Morte Ao Anoitecer

Nós ouvimos o som através do quarto
E procuramos a melhor sintonia
Os cães estavam tão inquietos
Naquela tarde longa, úmida e fria
Eu me lembro, morte ao anoitecer

Brindamos aos bons e velhos tempos
Erguemos taças cheias de vinho
Você estava tão meiga e pálida
Gotas vermelhas no lençol de linho
Eu me lembro, morte ao anoitecer
E o silêncio se abateu sobre a casa
Calando o suspiro de outros dias
Não éramos mais assim tão jovens
No álbum apenas velhas fotografias
Eu me lembro, morte ao anoitecer

Deus Me Dê Grana

Senhor vou lhe falar
Nunca pedi assim
Sempre rezei pros outros
Mas desta vez é pra mim.
Perdi tudo que eu tinha
Sei que fiz muita besteira
Mas se você não achar meu bolso, Deus
Por favor coloque na carteira.
Se eu fico aqui parado nesta bobeira sem fim
Logo, logo "os homi" vão estar atrás de mim
Você tá numa boa, é o dono do paraíso
Então me empresta uns trocados, Deus, é só disso que eu preciso
Deus, me dê grana
Deus, por favor
Deus, me dê grana
Seu filho tá na de horror
Seu filho tá na de horror
De manhã bem cedo alguém bate em minha porta
É a proprietária que eu sonhei estava morta
Pulo pela janela na maior correria
Mas é muito difícil, Deus, com a barriga vazia
Deus, me dê grana
Deus, por favor
Deus, me dê grana
Seu filho tá na de horror
Seu filho tá na de horror
Quando passa aquela loira que mora aqui do lado
Só de imaginar eu fico super excitado
Mas como eu posso amar uma treta decente
Se até me falta pasta, Deus, pra escovar os dentes
Deus, me dê grana
Deus, por favor
Deus, me dê grana
Seu filho tá na de horror
Seu filho tá na de horror
Senhor, eu sei que você é gente fina
Sei também que dureza nunca foi a minha sina
Aceito de bom grado uma bolada qualquer
Pode me dar em cheque, Deus, ou em dollar se puder
Deus, me dê grana
Deus, por favor
Deus, me dê grana
Seu filho tá na de horror
Seu filho tá na de horror

Ouro de Tolo

Eu devia estar contente porque eu tenho um emprego
Sou um homem respeitado e ganho centos mil cruzados por mês
Eu devia agradecer ao Senhor por ter sucesso na vida
Eu devia estar feliz porque comprei o meu Monza 86
Eu devia estar alegre por morar aqui em Sampa
Depois de Ter passado fome lá na cidade maravilhosa
Eu devia estar sorrindo por ter vencido na vida
Mas eu acho tudo isso uma piada perigosa
Eu devia estar contente porque eu consegui tudo que eu quis
Mas confesso abastalhado que eu estou decepcionado
Porque foi tão fácil conseguir, eu pergunto: e daí?
Eu tenho tanta coisa pra fazer
E eu não vou ficar aqui parado
Eu devia estar feliz pelo Senhor me conceder o Domingo

Pra eu poder jogar pipoca aos macacos
Mas que sujeito chato sou eu
Macaco, praia, carro, vídeo game, eu acho tudo isso um saco!
É você olhar no espelho, se sentir um idiota
Saber que é humano, limitado
E que só usa 10% da sua cabeça animal
E você ainda quer ser um doutor, padre, policial
Pra compor o nosso belo quadro social
Eu que não me sento no trono de um apartamento
Com a boca escancarada, esperando a morte chegar
Porque por trás das cercas que separam os quintais
No cume calmo do meu olho que vê
Assenta a sombra sonora de um disco voador

Só o Fim

Se o chão abriu sob os seus pés
E a segurança, ela sumiu da faixa
Se as peças estão todas soltas
E nada mais encaixa
Oh, crianças isso é só o fim
Isso é só o fim
Isso é só o fim
Algo que você não identifica
Insiste em lhe atormentar
Você implora por proteção
Não sabe como vai acabar
Oh, crianças isso é só o fim
Isso é só o fim
Isso é só o fim
Esse calor insuportável
Não abrande o frio da alma
A vida já não é mais tão segura
E nada mais lhe acalma
Oh, crianças isso é só o fim
Isso é só o fim
Isso é só o fim
Sempre lembra angustiado
E apressado você vai pra rua
Mas mesmo assim acordado
O pesadelo continua
Oh, senhoras isso é só o fim
Isso é só o fim
Isso é só o fim
Oh, senhores isso é só o fim
Isso é só o fim

O Que Eu Tenho De Fazer?

Me diga por favor, o que é que eu tenho de fazer
Eu faço qualquer coisa só pra dormir com você
Posso lhe dar calor, e mais se você quiser
Me diga como você gosta, eu quero é ter você, mulher
Posso ser masoquista ou da polícia, não faz mal
Poso até de Rock Star, um símbolo sexual
Me diga por favor, o que é que eu tenho de fazer
Eu faço qualquer coisa só pra dormir com você
Serei Ronald Reagan ou outro herói ianque
Posso cuspir na sua cara, como faria um punk
Serei como os políticos que prometem a vida inteira
Ou crítico musical pra poder lhe falar besteira
Me diga por favor, o que é que eu tenho de fazer
Eu faço qualquer coisa só pra dormir com você
Eu viro homem - aranha e entro pela sua janela
Serei débil mental como um galã de novela
Visto uma bermudinha como qualquer donzelo bobo
Viro até oligofrênico e entro no pique da Globo
Me diga por favor o que é que eu tenho de fazer
Eu faço qualquer coisa só pra dormir com você

Tudo Ou Nada

Velhas sensações nos perseguem todo dia
Nesta terra de sonhos, esperanças sem

juízo
Mas os sonhos sempre viram pesadelo
Afinal o mal também mora neste paraíso
Máscaras de sorrisos sempre escondem
O nada estampado em nosso rosto
Tudo vai levado pela ventania
Ave nada, cheio de nada, nada é convosco
Desde o despertar até o adormecer
Sempre seguir a mesma estrada
Tudo desejar e nada entender
Tudo desejar e nada entender
O passado atormenta, o nada sempre está presente
Lutar pra que ele não nos alcance
E que o túnel escuro do nosso futuro
Nos reserve ao menos uma chance
O que parecia tudo, agora é nada
Sem nada nós queremos tudo
Contudo, parece que já não sabemos
De que vale tudo ou nada

À Ferro e Fogo

À noite na enseada, fazia calor
Havia barcos e navios, sob um céu sem cor
Corremos pelo convés, pra da cabine constatar
Que os mares são escuros pr'um farol iluminar
Mas ficamos excitados, em poder viajar
Não importa o destino, serve pra qualquer lugar
Pra algum ponto perdido, em algum canto do mundo
Desafiar o oceano e a ira de Netuno
Tudo isso um dia acaba pra de novo começar
Somos moldados a Ferro e Fogo
Com lunetas lá na proa, enxergar novos amores
E trancar lá no porão, nosso medo e nossas dores
Saber onde fica a tal terra prometida
Que vai nos dar o pão e curar nossas feridas
Todos a bordo, o comandante gritou
Suspender a âncora, a viagem começou
Somos bravos, somos fortes, nada pode nos parar
Nem o vento, nem a chuva, nem os segredos do mar
Tudo isso um dia acaba pra de novo começar
Somos moldados a ferro e fogo
Venceremos os romanos e os seus galeões
Seu poder e sua glória, jogar aos tubarões
O vinho pra beber, o vento pra impulsionar
Singrar os sete mares e nunca mais votar
Mas um dia a calmaria aos poucos se fez perceber
Com seu silêncio traiçoeiro não nos deixou mover
Então as nuvens se uniram e o céu escureceu
E o que a gente não queria de repente, aconteceu
Tudo isso um dia acaba pra de novo começar
Somos moldados a ferro e fogo
Lá no alto mar a tempestade desabou
Entre raios e trovões o nosso sonho afundou
E nada mais restou, além daquele desejo insano
De com apenas nossos braços cruzar o oceano
Cada um por si, fique preparado
Estamos tão famintos e boiomas esgotados
Mas quase afogando, o desejo não termina
Pois navegar a esmo, talvez seja a nossa sina
Tudo isso um dia acaba pra de novo começar
Somos moldados a ferro e fogo.

CAMISA DE VÊNUS
Duplo sentido (1989)



Lobo Expiatório

É preciso dar exemplo, é preciso encontrar
Um lobo expiatório uma eminência parda
É preciso lei e ordem aqui nesta floresta
Chamem os caçadores e suas espingardas
Às vezes é tão difícil disfarçar
Não ver que está jorrando sangue da ferida
E continuar cantando estes longos, longos anos
De vida dividida de vida bandida
Pelo risco de correr através do escuro
Pelo fogo que queima nossa alma
Pelo medo de quem se acha seguro
Pelo desejo que nunca se acalma
É só conferir através dos tempos
Essa estupidez chega a ser histórica
É tão redundante, é tão previsível
Como não bocejar diante desta retórica

O País do Futuro

Aqui não tem problema, só se você quiser
Este é o país do futuro, tenha esperança e fé
Todo dia lhe oferecem, sempre o melhor negócio
Vão levar a sua grana, vão lhe chamar de sócio
Vai ficar tudo bem, acredite em mim, meu filho
A gente aumenta o seu salário, dispara o gatilho
Aí, pra que você não reclame, e também pra que não esqueça
Dispararam o tal do gatilho, em cima da sua cabeça
Nós vamos outra vez, pro fundo do buraco
Você não tem vergonha, e eu já não tenho saco
Estamos outra vez, no fundo do buraco
Você não tem vergonha, e eu já não tenho saco
No peito um crachá, na boca um sanduíche misto
Muito pouco aqui no bolso, mas muita fé em Jesus Cristo
Quem sabe ele se zanga, desce lá do Corcovado
Passa o cajado nessa corja, Deus também fica arretado
Mas enquanto ele não vem, não vou ficar parado
Segure a onda meu irmão, que eu já tô injuriado
Se você não me respeita, vou radicalizar
Meto a mão em seu focinho, eu tô cansado de apanhar
E vamos outra vez, pro fundo do buraco
Você não tem vergonha, e eu já não tenho saco
Estamos outra vez no fundo do buraco
Você não tem vergonha e eu já não tenho saco...
"E aí, Molengueira, os "bandido" tão atirando
pra tudo que é lado meu irmão...
sai de baixo...
Mas minha conta na Suíça tá uma

beleza...
tá engordando...

Ana Beatriz Jackson

Ela passou pelo Morumbi, olhou pra mim
E eu fiquei de bobeira em frente do espelho
E ela correu pro Mercedes vermelho
Disse você vai ser meu
E correu pro Mercedes vermelho
Ela disse - Meu nome é Ana, eu tenho muita grana
E você tem tudo pra poder me amarrar
E talvez a gente possa casar
Só depois lembrei, do que mamãe dizia
Quando eu caía na night
Ouça meu filho, são as piores vagabundas
Que freqüentam a society
Refrão:
Ana Beatriz é uma meretriz
Eu pulei fora, eu juro senhor juiz
O filho não é meu, ela é quem diz
O filho não é meu, ela é quem diz
A gente acabou casando, ela engordando
Estourando toda a grana e eu atolado até o joelho
E ela bateu o Mercedes vermelho
Mas causava frenesi
No programa do Amaury
Seu cabelo era espiga de milho, ela perdeu os cílios
A cicatriz da cesárea, era pura quelóide
E o menino cresceu debilíode
Então não suportei, dei-lhe uma porrada
E ela cuspiu a dentadura
Arranquei o seu olho postiço
Ainda mato essa criatura

Vão 985

Dentro de instantes estaremos pousando
As luzes lá em baixo dizem que sim
Mas o escuro no meu coração
Diz que este vôo não vai ter fim
Sobrevoar casas tão pequenas
Que eles chamam, lar doce lar
Se embriagar de vida amarga
Até não poder aterrissar
Nesta janela persiste o seu rosto
Na minha alma insiste a sua ausência
E na angústia, a dúvida e o medo
De não haver saída de emergência

Após Calipso

Essa é pra quando os porcos se afogarem na lama
Essa é pra quando acabarem os fins de semana
Essa é pra quando as entranhas estiverem sendo expostas
Essa é pra quando as perguntas já tiverem respostas
Essa é pra quando iluminarem o lado escuro da lua
Essa é pra quando calarem as ambulâncias na rua
Essa é pra quando o cobertor não evitar o frio
Essa é pra quando os magazines estiverem vazios
Essa é pra quando a platéia não puder aplaudir
Essa é pra quando quem entrar não conseguir mais sair
Essa é pra quando as leis não puderem dar jeito
Essa é pra quando a cicuta não fizer mais efeito
Essa é pra quando a verdade despencar da janela
Essa é pra quando o cadeado não trancar mais a cela
Essa é pra quando as estradas estiverem interditadas
Essa é pra quando os contracheques não servirem pra nada
Essa é pra quando acabar todo o combustível
Essa é pra quando respirar já não for mais possível
Essa é pra quando as máscaras caírem dos rostos
Essa é pra quando a sentinela abandonar o seu posto
Essa é pra quando o Judas retornar do inferno

Essa é pra quando terminarem as juras de amor eterno
Essa é pra quando o tímpano estiver perfurado
Essa é pra quando o deus estiver acordado"

Me Dê Uma Chance

Eu levantei essa manhã, você não estava mais aqui
Eu levantei essa manhã, você não estava mais aqui
Eu nunca soube o que eu tinha
Agora sei o que perdi
Por favor me dê uma chance, não me deixe aqui sozinho
Por favor me dê uma chance, não me deixe aqui sozinho
Já acabei com todo o whisky
Não encontro o meu caminho
Já rezei pedi a Deus, ver se ele me acalma
Já rezei pedi a Deus, ver se ele me acalma
Pois você deixou o meu corpo
Mas levou a minha alma

Deusa da Minha Cama

Foi de repente, eu ainda estava rindo
Você virou pro lado e dormiu num instante
Acentuando essas formas que eu desejei
Como uma deusa, tão perto e tão distante
- Eu não soube como reverenciar
Enquanto Charles Bronson exalava na TV.
Todo mal cheiro do seu lixo moral
Você dormindo sorria e me possuía
Isso eu nunca tinha sentido igual
- Eu não soube como agradecer
Eu que sempre vivi encerrado em mim
Nunca imaginei que mudasse assim
E nada se perdeu
E minha insônia se tornou tão interessante
Eu acordado e excitado o bastante
Querida lhe tocar sem saber se devia
Quando você virou e sussurrou "bom dia"
Aí eu soube o que fazer

Chamam Isso Rock'n'Roll

Há meia hora alguém ligou
Amanhã é dia de viajar
Pra São Paulo ou Salvador
Um contrato obriga a tocar
Correr pra fazer a mala
Você na estrada outra vez
Isso já nem lhe abala
Não sabe o dia nem importa o mês
Engolindo este café
Pra não perder o avião
Tem que apertar o cinto
E comprimir a sensação
Sono perdido não tem cura
Como não tem essa pressão
A 10 mil metros de altura
Você queria estar no chão
Esses caminhos tão compridos
Até já parecem tão normais
Os hotéis são sempre parecidos
E as garotas são iguais
A imprensa vai entrevistar
E fotografias pra fazer
São sempre as mesmas perguntas
Você já cansou de responder
Vamos lá, passar o som
O ensaio tá atrasado
Parece que agora está bom
Tá todo mundo esgotado
Ouvindo a multidão berrar (Bota pra Fudê! Bota Pra Fudê!)
É hora de abrir o show
Nem deu tempo de afinar
Eles chamam, chamam isso
Rock'n'roll!"

Muita Estrela, Pouca Constelação

A festa é boa tem alguém que tá bancando
Que lhe elogia enquanto vai se embriagando
E o tal do ego vai ficar lá nas alturas
Usar brinquinho pra romper as estruturas
E tem um punk se queixando sem parar
E um wave querendo desmunhecar
E o tal do heavy arrotando distorção

E uma dark em profunda depressão
 Eu sei até que parece sério, mas é tudo
 armação
 O problema é muita estrela pra pouca
 constelação
 Eu sei até que parece sério, mas é tudo
 armação
 O problema é muita estrela pra pouca
 constelação
 Tinha um junkie se tremendo pelos
 cantos
 Um empresário que jurava que era santo
 Uma tiete que queria um qualquer
 E um sapatão que azarava minha mulher
 Tem uma banda que eles já vão contratar
 Que não cria nada, mas é boa em copiar
 A crítica gostou, vai ser sucesso ela não
 erra
 Afinal lembra o que se fez lá na
 Inglaterra
 Eu sei até que parece sério, mas é tudo
 armação
 O problema é muita estrela pra pouca
 constelação
 Eu sei até que parece sério, mas é tudo
 armação
 O problema é muita estrela pra pouca
 constelação
 E agora vem a periferia
 O fotógrafo ele vai documentar
 O papo do mais novo big star
 Pra aquela revista de rock e de intriga
 Que você lê quando tem dor de barriga
 E o jornalista ele quer bajulação
 Pós new old é a nova sensação
 A burrice é tanta, tá tudo tão à vista
 E todo mundo posando de artista
 Eu sei até que parece sério, mas é tudo
 armação
 O problema é muita estrela pra pouca
 constelação
 Eu sei até que parece sério, mas é tudo
 armação
 O problema é muita estrela pra pouca
 constelação
 Eu sei até que parece sério, mas é tudo
 armação
 O problema é que tem muita estrela meu
 nego
O Último Tango
 Numa noite tão antiga, num barzinho de
 bordel
 Você disse é o inferno; eu lhe prometi o
 céu
 Jurei que lhe cobriria de ouro e diamantes
 Você xingou a minha mãe e me chamou
 de tratante
 Em casa confessou que o mês passado
 passou mal
 Por causa de enxaqueca e cólica pré-
 menstrual
 E eu lhe falei que o tal do carro esvaziou
 meu contracheque
 Pois tive que trocar bobina e as pastilhas
 do breque
 Nós já conversamos muito e você não se
 queixou (não, não não)
 Do sangue e da dor que lhe perseguem
 todo mês e toda vez e todo mês.
 Se passar da meia noite e o seu marido
 não chegou (pô, vamo lá que eu tô a fim
 pra caramba)
 Então vamos pra cama outra vez
 Me falou que andou saindo com um
 contrabaixista
 Que roubou o seu fusquinha e depois
 sumiu de vista
 Conteí meu caso escandaloso com a
 mulher de um deputado
 Que só gostava de rolinha, de peru e de
 veado (ele era chegado num bigode)
 Disse que ao ver criança pobre se lembra
 do tal pivete
 Que lhe aplicou uma ganância e lhe
 cortou com canivete
 Já se entupiu de remédios pra acabar
 com uma gastrite
 Mas só vê aumentar estrias e surgir mais
 celulite
 Nós já conversamos muito e você não se
 queixou (oh não)
 Do sangue e da dor que lhe persegue
 todo mês (é tão chato)
 Se passar da meia noite e o seu marido
 não chegou (problema dele)
 Então vamos pra cama outra vez!

O Suicídio Parte II

Cada dia que eu passava na prisão do seu
 lar
 Nos porões da alma
 Era menos um motivo para ele acreditar
 Acordava todo dia ao som do despertador
 E os ponteiros pareciam sempre lhe
 dizer: o seu tempo já passou
 Não, ele não quer tentar,
 Não, ele não quer morrer,
 Não, ele não quer sangrar,
 Não, ele não quer viver
 Diz que vai se dar bem, pois não nasceu
 pra esse calor
 Se o mundo me desse chance (ao menos
 uma) eu seria um grande ator
 Disfarça suas mágoas entre as páginas da
 Veja
 O aluguel tá atrasado e acabou sua
 cerveja
 Não, ele não quer tentar
 Não, ele não quer morrer
 Não, ele não quer sangrar
 Não, ele não quer viver
 Sonha que é a espada entre o bem e o
 mal
 Deus rei, imperador, nunca houve outro
 igual
 Ao lado de Herodes comandou o
 genocídio
 Quando acorda assustado, tá pronto pro
 suicídio
 Não, ele não quer tentar
 Não, ele não quer viver
 Não, ele não quer sangrar
 Ele só quer morrer

Life Is a Carnival

You can walk on the water, drown in the
 sand
 You can fly off a mountaintop if anybody
 can
 Run away, run away--it's the restless age
 Look away, look away--you can turn the
 page
 Hey, buddy, would you like to buy a
 watch real cheap
 Here on the street
 I got six on each arm and two more
 round my feet
 Life is a carnival--believe it or not
 Life is a carnival--two bits a shot
 Saw a man with the jinx in the third
 degree
 From trying to deal with people--people
 you can't see
 Take away, take away, this house of
 mirrors
 Give away, give away, all the souvenirs
 We're all in the same boat ready to float
 off the edge of the world
 The flat old world
 The street is a sideshow from the peddler
 to the corner girl
 Life is a carnival--it's in the book
 Life is a carnival--take another look
 Hey, buddy, would you like to buy a
 watch real cheap
 Here on the street
 I got six on each arm and two more
 round my feet
 Life is a carnival--believe it or not

Enigma

Quis conter-me, mas não pude
 Revoltado com a atitude dessa gente
 original
 Que pensa ser incomum e julga todos por
 um
 E prega sem ter moral
 Insensatos pregadores
 Esses cruéis detratores
 Agem quase sempre assim
 São imbecis personagens
 Molares das engrenagens
 Que sentem inveja de mim
 Dizem que eu encarno o mal
 Que eu não passo de um radical
 E que sempre falo demais
 Dizem esses entendidos
 Que eu devo tomar juízo
 Ser como eles banais
 Não os temo e nem me assusto
 Mesmo sabendo que o justo
 Paga pelo pecador

Pois quem não deve não medra
 Atire a primeira pedra
 E eu mostro o meu valor

Farinha do Desprezo

Já comi muito da farinha do desprezo
 Não, não me diga mais que é cedo
 Quanto tempo, baby, há quanto tempo
 tava pronta
 Que tava pronta a farinha do despejo
 Me joga fora que na água do balde eu
 vou-me embora
 Me joga fora que na água do balde eu
 vou embora
 Só quero agora da farinha do desejo
 Alimentar minha fome pra que nunca
 mais me esqueça
 Como é forte o gosto da farinha do
 desprezo
 Só vou comer agora da farinha do desejo

A Canção do Martelo

Oh não, não me dispense; disse o homem
 com o martelo
 Martelando na bigorna
 Eu tenho trabalhado nessa estrada de
 pedra
 Eu fico martelando, eu fico martelando,
 eu fico martelando
 Martelando na bigorna
 Não, não deixe o sol se pôr; disse o
 homem com o fogo
 Fogo na fornalha
 Estou aqui tremendo de frio
 Mas mantenho o fogo, eu mantenho o
 fogo, mantenho o fogo
 O fogo na fornalha
 Não, não fale assim; disse o homem
 modelando
 Modelando a superfície
 Eu não durmo a mais de uma semana
 Eu fico modelando, eu fico modelando, eu
 fico modelando
 Modelando a superfície
 Não sei o que você quer de mim; disse o
 homem com a pá
 Cavando na lama
 Eu tenho respirado toda essa sujeira
 Eu fico aqui cavando, eu fico aqui
 cavando, eu fico aqui cavando
 Cavando na lama
 Modelando a superfície
 O fogo na fornalha
 Martelando na bigorna
 Martelando na bigorna
 Oh não, não me dispense; disse o homem
 com o martelo
 Martelando na bigorna
 Eu tenho trabalhado nessa estrada de
 pedra
 Eu fico martelando, eu fico martelando,
 eu fico martelando
 Martelando na bigorna
 Cavando na lama
 Modelando a superfície
 O fogo na fornalha
 Martelando na bigorna
 Martelando na bigorna"

Aluga-se

Brasileiro e brasileira
 A solução pro nosso povo eu vou dar
 Negócio bom assim ninguém nunca viu
 Tá tudo pronto aqui é só vir pegar
 A solução é alugar o Brasil!
 Nós não vamos pagar nada
 Nós não vamos pagar nada
 É tudo free,
 Tá na hora agora é free,
 vamo embora
 Dar lugar pros gringo entrar
 Esse imóvel tá prá alugar
 Os estrangeiros, eu sei que eles vão
 gostar
 Tem o Atlântico e tem vista pro mar
 A Amazônia é o jardim do quintal
 E o dólar deles paga o nosso mingau
 Nós não vamos pagar nada

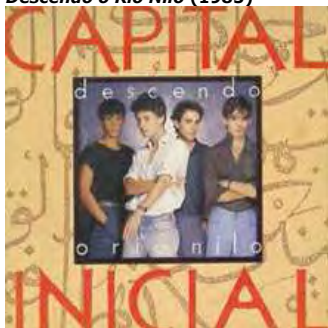
Canalha

É uma dor canalha
 Que te dilacera
 É um grito que se espalha
 Também pudera
 Não tarda nem falha
 Apenas te espera

Num campo de batalha
É um grito que se espalha
É uma dor
Canalha!
É uma dor canalha
Que te dilacera
É um grito que se espalha (sempre)
Também pudera
Não tarda nem falha (nunca)
Apenas te espera
Num campo de batalha
É um grito que se espalha
É uma dor
Canalha!
É uma dor canalha
Que te dilacera
É um grito que se espalha
Também pudera
Não tarda nem falha
Apenas te espera
Num campo de batalha
É um grito que se espalha
É uma dor
Canalha!

CAPITAL INICIAL

Descendo o Rio Nilo (1985)



Descendo o Rio Nilo

A Europa está um tédio
Vamos transar com estilo
Nós só temos um remédio
Descendo o Rio Nilo
Descendo o Rio Nilo
Eu fico pensando no que você faria
Se tivesse visto aquilo
O quê? O quê?
Amor de crocodilo descendo o Rio Nilo
Amor de crocodilo descendo o Rio Nilo
A Europa está um tédio
Vamos transar com estilo
Nós só temos um remédio
Descendo o Rio Nilo
Descendo o Rio Nilo
Eu fico pensando no que você faria
Se tivesse visto aquilo
O que? O que?
Amor de crocodilo descendo o Rio Nilo
Amor de crocodilo descendo o Rio Nilo
Estou ouvindo tambores, tremores
Vindos da África
Canibais passando fome
Cadê o Dr. Livingstone?
Estou ouvindo tambores, tremores
Vindos da África
Canibais passando fome

Leve Desespero

Não consigo mais me concentrar
Eu vou tentar alguma coisa para melhorar
É importante, todos me dizem
Mas nada me acontece como eu queria
Estou perdido, sei que estou
Cego para assuntos banais
Problemas do cotidiano
Eu já não sei como resolver
Sob um leve desespero
Que me leva, que me leva daqui
Então é outra noite num bar
Um copo atrás do outro
Procuro trocados no meu bolso
Dá pra me arrumar um cigarro?
Não consigo mais me concentrar
Eu vou tentar alguma coisa para melhorar
Já estou vendo TV como companhia

Talvez se você entendesse
O que está acontecendo
Poderia me explicar
Eu não saio do meu canto
As paredes me impedem
Eu só queria me divertir
As paredes me impedem
Eu já estou vendo TV como companhia

CAPITAL INICIAL Capital Inicial (1986)



Música Urbana

Contra todos
E contra ninguém
O vento quase sempre
Nunca tanto diz
Estou só esperando
O que vai acontecer...
Tenho pedras
Nos sapatos
Onde os carros
Estão estacionados
Andando por ruas
Quase escuras
Os carros passam...
Contra todos
E contra ninguém
O vento quase sempre
Nunca tanto diz
Estou só esperando
O que vai acontecer...
Tenho pedras
Nos sapatos
Onde os carros
Estão estacionados
Andando por ruas
Quase escuras
Os carros passam...
As ruas têm cheiro
De gasolina e óleo diesel
Por toda a plataforma
Toda plataforma
toda a plataforma
Você não vê a torre...
Tudo errado, mas tudo bem
Tudo quase sempre
Como eu sempre quis
Sai da minha frente
Que agora eu quero ver...
Não me importam os seus atos
Eu não sou mais um desesperado
Se eu ando por ruas quase escuras
As ruas passam...
Tudo errado, mas tudo bem
Tudo quase sempre
Como eu sempre quis
Sai da minha frente
Que agora eu quero ver...
Não me importam os seus atos
Eu não sou mais um desesperado
Se eu ando por ruas quase escuras
As ruas passam...
As ruas têm cheiro
De gasolina e óleo diesel
Por toda a plataforma
Toda plataforma
toda a plataforma
Você não vê a torre...
Oh, oh, oh, oh, oh...

No Cinema

Dentro do cinema minha paixão é um problema
Dentro do cinema o lanterninha também
Não tem pena de você

Será que ele já amou alguém
Eu não sei
Amar você é sempre o mesmo ritual
Meu Deus, é uma necessidade vital
Você fala de migalhas
Coisas tolas e pequenas
Diz que gosta de cinema e odeia o teatro
E acha os homens chatos
Será que ela já amou alguém
Eu não sei
Amar você é sempre o mesmo ritual
Meu Deus, é uma necessidade vital

Psicopata

Papai morreu
Mamãe também
Estou sozinho
Eu não tenho ninguém
Esta vida me maltrata
Estou virando um psicopata
Quebrei as janelas
Da minha casa
Rasguei a roupa
Da empregada
Esta vida me maltrata
Estou virando um psicopata
Quero soltar bombas no Congresso
Fumo Hollywood para o meu sucesso
Sempre assisto à rede Globo
Com uma arma na mão (na mão)
Se aparece o Francisco Cuoco
Adeus televisão (televisão)

Tudo Mal

Não pense que eu me importei
Por isso mesmo eu deixei
Acabar com tudo de uma vez
Pois entre nós só havia indiferença
Momentos cada vez mais frios
E você acha tudo normal
E agora eu nem sei
Mais uma vez acaba tudo mal
Quem sabe algum dia
Vamos entender o que passou
Descobrir quem foi que errou

Sob Controle

Você fala, você fala
Eu simulo interesse
Tenho mil estratégias de médio alcance
Só preciso de você quando eu me sinto indefeso
Eu sei bem que existe um limite
Mas você insiste, você persiste
Você acha que tem tudo sob controle
Você fala, você fala
Mas sei bem a quem pertencem
Está escrito nos meus olhos
Olhe mais de perto
Você fala, você fala
Nós buscamos outros caminhos
E acabamos sempre no mesmo lugar
Você jogou só pra ganhar
Mas suas idéias se perderam no ar
Eu sei bem que existe um limite
Mas você insiste, você persiste

Veraneio Vascaína

Cuidado, pessoal, lá vem vindo a veraneio
Toda pintada de preto, branco, cinza e vermelho
Com números do lado, dentro dois ou três tarados
Assassinos armados, uniformizados
Veraneio vascaína vem dobrando a esquina
Porque pobre quando nasce com instinto assassino
Sabe o que vai ser quando crescer desde menino
Ladrão pra roubar, marginal pra matar
Papai eu quero ser policial quando eu crescer
Cuidado, pessoal, lá vem vindo a veraneio
Toda pintada de preto, branco, cinza e vermelho
Com números do lado, dentro dois ou três tarados
Assassinos armados, uniformizados
Veraneio vascaína vem dobrando a esquina
Se eles vêm com fogo em cima, é melhor sair da frente

Tanto faz, ninguém se importa se você é inocente
Com uma arma na mão eu boto fogo no país
E não vai ter problema eu sei estou do lado da lei

Gritos

Nas mãos não escondo nada
Meus bolsos estão vazios
Meus impulsos são controlados
Mas meus hábitos são obsessivos
As mãos que me tocam são geladas
As conversas que eu tenho são decoração
Parece que não há alternativa
Nessa vida de beco sem saída
Parece que não há alternativa
Preciso de uma forma mais ativa
Os dias passam
E nós estamos tão acostumados
A nos ver assim
Que já não nos interessa
Há anos preso nesse labirinto
Eu só conto com os meus instintos
Se eu não pensar em me acomodar
Talvez consiga me saciar
Pois já gritei aos céus
E já sussurrei ao mar
Só vou depor minhas armas
Por alguém que vale a pena lutar

Leve Desespero

Não consigo mais me concentrar
Eu vou tentar alguma coisa para melhorar
É importante, todos me dizem
Mas nada me acontece como eu queria
Estou perdido, sei que estou
Cego para assuntos banais
Problemas do cotidiano
Eu já não sei como resolver
Sob um leve desespero
Que me leva, que me leva daqui
Então é outra noite num bar
Um copo atrás do outro
Procuro trocados no meu bolso
Dá pra me arrumar um cigarro?
Não consigo mais me concentrar
Eu vou tentar alguma coisa para melhorar
Já estou vendo TV como companhia
Talvez se você entendesse
O que está acontecendo
Poderia me explicar
Eu não saio do meu canto
As paredes me impedem
Eu só queria me divertir
As paredes me impedem
Eu já estou vendo TV como companhia

Linhas Cruzadas

Fui enganado quando eu te conheci
Você disse que era simples e eu acreditei
Qualquer coisa te agradava
Agora eu me sinto meio amarrado
Assim não posso fazer nada
Eu preciso ganhar tempo
Eu só preciso ganhar tempo
Parecia tudo certo
Tudo que eu queria
Estava tão perto de acontecer
O tempo passa e você sabe o que ele faz
Tudo fica para trás
E você pediu demais
Você disse que detestava
Minhas roupas e meus discos
Mas mesmo assim eu estou quase certo
Que eu faria tudo de novo
Eu faria tudo de novo

Cavalheiros

Não há muita semelhança
Entre o que você deseja
E aquilo que você alcança
Você acredita em algo maior
Alguma espécie de sentimento menor
Mas cavalheiros não se envolvem
É aí que está o perigo
Há tantas coisas que vejo nas ruas
E faço que não ligo
É claro que no fundo
Deste lado do mundo
Continua como sempre foi
Há tantas coisas em que acredito
E nem sempre sigo
Mas acredite no que digo

Pior do que preconceito e leis
É alegar a igualdade
Por que nada se fez
É um engano acreditar
Que a abolição acabaria com a segregação
Se você se impressiona com Soweto
Experimente conhecer também os guetos daqui

Fátima

Vocês esperam uma intervenção divina
Mas não sabem que o tempo agora está contra vocês
Vocês se perdem no meio de tanto medo
De não conseguir dinheiro pra comprar sem se vender
E vocês armam seus esquemas ilusórios
Continuam só fingindo que o mundo ninguém fez
Mas acontece que tudo tem começo
Se começa um dia acaba, eu tenho pena de vocês
E as ameaças de ataque nuclear
Bombas de nêutrons não foi Deus quem fez
Alguém, alguém um dia vai se vingar
Vocês são vermes, pensam que são reis
Não quero ser como vocês
Eu não preciso mais
Eu já sei o que eu tenho que saber
E agora tanto faz
Três crianças sem dinheiro e sem moral
Não ouviram a voz suave que era uma lágrima
E se esqueceram de avisar pra todo mundo
Ela talvez tivesse um nome e era: Fátima
E de repente o vinho virou água
E a ferida não cicatrizou
E o limpo se sujou
E no terceiro dia ninguém ressuscitou

CAPITAL INICIAL Independência (1987)



Independência

Toda essa curiosidade
Que você tem pelo que eu faço
Eu não gosto de me explicar
Eu não gosto de me explicar...
Toda essa intensidade
Buscamos identidade
Mas não sabemos explicar
Mas não sabemos explicar...
Se paro e me pergunto
Será que existe alguma razão
Prá viver assim
Se não estamos
De verdade juntos...
Procuramos independência
Acreditamos na distância entre nós
Procuramos independência
Acreditamos na distância entre nós...
Toda essa meia verdade
A qual temos nos conformado
Só conseguimos nos afastar
Nós aprendemos a aceitar...
Tantas coisas pela metade
Como essa imensa vontade
Que não sabemos explicar
Que não sabemos saciar...
Se paro e me pergunto
Será que existe alguma razão
Prá viver assim

Se não estamos
De verdade juntos...
Procuramos independência
Acreditamos na distância entre nós
Procuramos independência
Acreditamos na distância entre nós...
Toda essa curiosidade
Toda essa intensidade
Toda essa meia verdade
Tantas coisas pela metade
Toda essa curiosidade
Toda essa intensidade...

Autoridades

Vou denunciar autoridades incompetentes
Eu vou denunciar autoridades incompetentes
Eu quero antes de dizer
Ninguém sabe o que pode te acontecer
Ameaça aos privilégios
Você será detido e encostado na parede
É a ordem no progresso
Um jogo imoral
Que não mede conseqüências
Autoridades incompetentes
Acham que vocês não passam de fantoches
Bonecos para brincar
Bonecos para brincar
Autoridades incompetentes
Sabem que vocês estão em fila
E a fila não incomoda
A fila não incomoda
A fila não incomoda.

Palavras Ao Vento

Não, não desista
Você está na pista certa
Esta é a nova prova
Continue sempre alerta
Sempre, sempre se diz
Entrei de corpo e alma
É assim que se faz
Perca toda a calma
Como algo que eu sempre quis
Algo que eu nunca fiz
Você entende os meus atos
E sabe como eu sinto
O que importa pra começar
É que o tempo não espera
Quem perdeu a sua chance

Porque Nós Não Ficamos Juntos

Você tem ódio nos seus olhos
E arrogância em todas as palavras
Eu não pretendo julgar você
Eu não me sinto no direito
Eu faço o que eu quero
Mas eu nunca machuquei ninguém
Com tolas palavras
Por que nós não ficamos juntos
Por que não ficamos juntos
Não estou invadindo o seu espaço
Apenas reconquistando tudo aquilo que eu perdi
Tudo aquilo que me foi roubado
Mas parece que vou levar muito tempo
Por que nós não ficamos juntos
E tentamos resolver nossos problemas

Arrepio

Um arrepio me congela os ossos
Que vontade de poder dizer o que eu sinto
Que vontade de poder
Luzes da cidade ofuscam a minha vista
Luzes da cidade ofuscam a verdade
Por favor, me diga o que será melhor
Eu não tenho mais nenhuma convicção
Me dê ao menos uma boa razão

Espelho No Elevador

Agora é você contra a multidão
Mas não se assuste se não for tão fácil
Você vai ter que demonstrar
Vai ter que provar a diferença
E por enquanto daqui de cima
Vocês parecem todos iguais
Quem tenta ser diferente
Apenas fica igual a todo mundo
O modelo na TV é tão sedutor
Mais parecendo com o que você é
Não fale tanto assim
Então você muda de cor

E pensa dessa vez você acertou
Mas que chato encontrar um vizinho
Vestido igual a você no elevador

Fantasma

O sexo não te faz falta
Nenhuma droga te atrai
Você está sempre com calma
Você tem calma demais
Nós somos muito vivos
Não procuramos amigos
Nossos amigos já morreram
Lutando em outros conflitos
Mas não fiquem aflitos
Você não quebrará
A corrente que te prende a tua ilusão
A liberdade que você sente é acomodação

Descendo o Rio Nilo

A Europa está um tédio
Vamos transar com estilo
Nós só temos um remédio
Descendo o Rio Nilo
Descendo o Rio Nilo
Eu fico pensando no que você faria
Se tivesse visto aquilo
O quê? O quê?
Amor de crocodilo descendo o Rio Nilo
Amor de crocodilo descendo o Rio Nilo
A Europa está um tédio
Vamos transar com estilo
Nós só temos um remédio
Descendo o Rio Nilo
Descendo o Rio Nilo
Eu fico pensando no que você faria
Se tivesse visto aquilo
O que? O que?
Amor de crocodilo descendo o Rio Nilo
Amor de crocodilo descendo o Rio Nilo
Estou ouvindo tambores, tremores
Vindos da África
Canibais passando fome
Cadê o Dr. Livingstone?
Estou ouvindo tambores, tremores
Vindos da África
Canibais passando fome

Prova

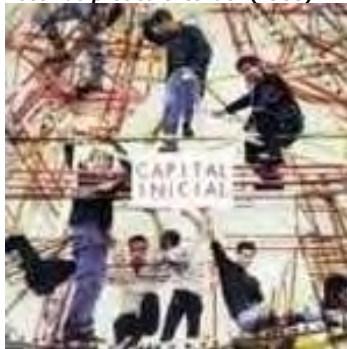
Vejo seu retrato
Apenas uma imagem
A sombra de alguém
Viva porque vivo
Vivo nos seus sonhos
Lento pra te alcançar
Louco pra te amar
Setas indicando caminhos errados
Chegar só é possível de olhos vendados
Tento encarar os fatos
Você não é mais
Só existe um vazio me preenchendo
Dia após dia
Eu sinto a sua ausência
Tornando a minha vida
Sem sentido
Setas indicando caminhos errados
Chegar só é possível de olhos vendados

Vem Bater No Meu Tambor

Quando a rotina vence e os tolos ditam
regras
Sinceramente eu penso em homicídio.
Qualquer coisa diferente
Ser menos complacente
Você diz preciso ter esperança
Mas como esperar se não há sangue não
há chama
Vem bater no meu tambor
Chega de falar de amor
Não sei porquê me deu uma vontade
De fazer alguma coisa errada
Qualquer coisa diferente
Ser menos complacente
Eu acho que assim
Assim eu ficaria mais tranquilo
Vem bater no meu tambor

CAPITAL INICIAL

Você não precisa entender (1988)



A Portas Fechadas

A saudade de você
Me despe a mente
Estamos em branco
E cobertos de pó
Me esgueiro nas sombras
Do que passou
Escombros, bombas
Escombros, bombas
Cadê você?
Cadê você?
Eu grito já sem voz
E a garganta arde
Não há eco
Já é tarde demais
Quero e nego
E corro a qualquer parte
No espaço
Eu me distraio
Com a visão traiçoeira
Da lembrança
Escombros, bombas
Escombros, bombas
Cadê você?
Cadê você?
Meu último desejo
Seu beijo
Seu beijo
Meu último desejo
À luz da lua
Testemunha de um amor
Que com o vento flutua
Sopra-nos a brisa
Lua nua

Blecaute

Hoje houve uma
mudança na cidade
Hoje houve uma
mudança na cidade
Mas ninguém liga
Daqui pra frente
É tudo diferente
É olho por olho
E dente por dente
Será que você
Não sente?
Será que você
Não sente?
Não, ninguém liga!
A que ponto chegamos
Não há mais quem me diga
Quem me responda
Tem alguém
Tem alguém aí?
Hoje houve uma
mudança na cidade
Hoje houve uma
mudança na cidade
Mas ninguém liga
Sempre quis ter
O mundo aos meus pés
Mas que adianta
Pra que me serve?
Será que você
Entende?
Será que você
Entende?
Daqui pra frente
Estamos sozinhos

Nós e o mundo
O que vamos fazer?
Tem alguém
Tem alguém aí?

Movimento

Estou em movimento
Movendo até o fim
Movendo até o fim do tempo
Eu começo, não termino
O movimento não acaba
Para todos os fins
Para todos os fins
Para todos os fins
O meio é o movimento
Movendo até o fim do tempo
Apenas um corpo em ação
Imaginando e movendo
O mundo com as mãos
Até o fim do tempo eu movo
E a minha imaginação muda
E eu removo o impedimento
Com a mudança do movimento
Compreensão, compreensão
Compreensão e desprezo
Pouco importam ao movimento
Movendo até o fim do tempo
Apenas um corpo em ação
Imaginando e movendo
O mundo com as mãos

Pedra Na Mão

Não provoque
os meus instintos primitivos
não, não toque em mim
sem um bom motivo
o seu conselho
é ter paciência
mas já estou cheio
vou reagir
vou conseguir
já sei qual é o meio
Quem planta vento colhe tempestades
quem planta vento colhe tempestades
pedra no chão é topada
pedra na mão é porrada
De uma coisa
eu tenho certeza
se possível me esquivo
senão enfrento
o confronto aberto
se aprende cedo
nunca tema nada
a não ser, a não ser
render-se ao próprio medo
Quem planta vento colhe tempestades
quem planta vento colhe tempestades
pedra no chão é topada
pedra na mão é porrada

Ficção Científica

Hoje à noite
Flash Gordon
Vai tentar ser
Barbarella
Para ver se aprisiona
O Albert Einstein
Quem criou o elixir
Da longa vida ainda vive
E tenta criar uma nova bomba H
Um eclipse destruiu o sol
Que queria ser Apolo
Sem o mito só o fogo queima o chão
Júlio Verne
Matou Galileu
E Saturno
Os seus filhos
Sangue puro é a essência canibal
Sonhos mortos, sonhos tortos
Sempre vejo minha morte
Tanto faz não existem mais heróis
Criptonita no meu sangue
Clorofórmio no banheiro
E a dança é a mesma não é ficção
Revolução!
Em selvas tropicais
Raio laser mata índios
Descoberta: o novo mundo envelheceu
Como tentar ser selvagem
Se não existe anarquia?
E a dança é a mesma não é ficção?
Muita fome nas estrelas
Muita fome nas estrelas
Muita fome nas estrelas
E aqui também.

Limite

Olhe em frente
 Você gosta do que vê?
 Você sempre vê
 As coisas do limite
 Porque de lá
 Se vê melhor
 Sinta a cidade respirar
 Escute meu coração sufocar
 Eu já escutei o suficiente
 Pra saber o que ouvir
 Já me escondi
 Eu me protegi
 Mas de nada serviu
 Não me deixe sozinho nesse mundo hostil
 Não me deixe sozinho
 Quero fazer contato
 Um acidente na contramão
 Quero sentir o impacto
 Frente a frente em colisão
 Eu não quero quantidade
 Eu quero qualidade e fico pensando
 Como seria te encontrar um dia
 Sem orgulho, vaidade
 Quase sem nenhuma proteção
 Com a confiança de uma criança
 Sem todo esse aparato
 Um pouco de simplicidade
 Nessa confusão
 Um pouco de simplicidade
 Nessa confusão

Rita

A frente um horizonte se estende
 Visões de você dançam em minha mente
 Ao entardecer uma dança indecente
 Cresce em mim o prazer
 Sou multidão e estou só... só
 Nossos laços não se perdem na distância
 A minha ânsia por seu suor
 E a sua fragrância o seu suor
 Visões de você
 Visões de você dançam em minha mente
 O pensamento é alternativa para a sua
 ausência
 A solidão medíocre me força à suplência
 Eu derramo palavras para a imensidão do
 mar
 Poderoso e derradeiro
 Me sufoca como um nó... nó
 Vindo com vento tormentoso o seu cheiro
 E eu me perco novamente, tudo
 novamente
 Sou como uma tribo descrente
 Tudo novamente, tudo novamente...
 Minha ânsia por seu suor
 E a sua fragrância o seu suor

Fogo

Você é tão acostumada
 A sempre ter razão
 Você é tão articulada
 Quando fala não pede atenção
 O poder de dominar é tentador
 Eu já não sinto nada
 Sou todo torpor
 É tão certo quanto o calor do fogo
 É tão certo quanto o calor do fogo
 Eu já não tenho escolha
 E participo do seu jogo, participo
 Não consigo dizer se é bom ou mal
 Assim como o ar me parece vital
 Onde quer que eu vá o que quer que eu
 faça
 Sem você não tem graça
 Você sempre surpreende
 E eu tento entender
 Você nunca se arrepende
 Você gosta e sente até prazer
 Mas se você me perguntar
 Eu digo sim, eu continuo
 Porque a chuva não cai
 Só sobre mim
 Vejo os outros,
 Todos estão tentando
 e é tão certo quanto calor do fogo
 Eu já não tenho escolha
 E participo do seu jogo, participo
 Não consigo dizer se é bom ou mal
 Assim como o ar me parece vital
 Onde quer que eu vá e o que quer que eu
 faça
 Sem você não tem graça
 É tão certo quanto calor do fogo
 É tão certo quanto calor do fogo

Eu já não tenho escolha
 Eu participo do seu jogo
 É tão certo quanto calor do fogo
 É tão certo quanto calor do fogo
 Eu já não tenho escolha
 Eu participo do seu jogo, do seu jogo.

O Céu

Minha cabeça parece explodir
 Nunca senti nada assim
 Como se tudo pudesse acontecer
 Num instante qualquer
 A vida nas ruas
 Não é mais a mesma
 Eu não posso mais correr sem direção
 Você não precisa entender
 Só precisa me levar
 O tempo muda sem aviso
 E com ele as coisas que eu preciso
 E as surpresas em cada esquina
 De repente eu não sou mesmo a fim
 Como são lindos todos os anjos
 E o que serão essas luzes piscando?
 No meio de toda essa fumaça?
 Quem será que está me chamando?
 Você não precisa entender
 Só precisa me levar
 O tempo muda sem aviso
 E com ele as coisas que eu preciso

CAPITAL INICIAL**Todos os lados (1989)****Mambo Club**

O mundo acaba
 No Mambo Club
 O céu desaba
 E você dança
 Vidros quebram
 Paredes caem
 Todos cantam
 E não se cansam
 Mais um sucesso
 No Mambo Club
 No ritmo das bombas
 O passo do medo
 Mais uma noite
 No Mambo Club
 É tudo falso
 Mas aqui fora
 É bem pior

Mickey Mouse em Moscou

Eu vejo eles dançando
 Em cima do muro
 No meio do mundo
 No meio do mundo dividido
 Spielberg, Eisenstein
 Vodka, CIA
 Las Vegas, Gremlin
 Tolstói, John Wayne
 Champagne, Caviar
 Mickey Mouse em Moscou
 Batman, Trotsky
 Bolshoi, Rock'n'roll
 Quem são estes homens
 Que vivem atrás da cortina
 Quem são estes homens
 Ninguém mais vai jogar
 Flores mortas no muro
 Ninguém mais vai picar
 Frases fortes no escuro
 Em cima do muro
 No meio do mundo
 No meio do mundo dividido

Spielberg, Eisenstein
 Vodka, CIA
 Las Vegas, Gremlin
 Tolstói, John Wayne
 Champagne, Caviar
 Mickey Mouse em Moscou
 Batman, Trotsky
 Bolshoi, Rock'n'roll
 Um raio atravessa a nação
 E cem anos passam num dia
 Um raio atravessa a nação
 Ninguém mais vai jogar
 Flores mortas no muro
 Ninguém mais vai picar
 Frases fortes no escuro

Vênus Em Pedacos

Ela já esteve nua
 E agora se veste com laços
 Ela quer que eu destrua
 Os seus jeitos e seus traços
 Ela ri amarrada
 Da dor que queria
 Ela ri torturada
 Do amor que pedia
 E agora o trono
 Da deusa sem braços
 É apenas o chão
 A Vênus cortada
 Em ouro, em pele, aos pedaços
 Ela quer suas curvas
 Jogadas aos ratos
 Deitada em agulhas
 Carne crua
 Monroe em cacos

Olhos Abertos

Eu tenho visto no espelho
 Um aparelho de TV ligado
 Eu tenho visto a lua cheia
 Em cadeia nacional
 Eu tenho visto no espelho
 Olhos vermelhos assustados
 Procuro dias inteiros
 No escuro, noites em claro
 Os caras que eu poderia ter sido
 As caras que eu poderia ter tido
 Mas eu não quero sentir saudade
 De um futuro pela metade
 De um futuro que já passou
 Levando caras que eu não sou
 Tenho visto em um espelho
 Um aparelho de TV ligado
 Tenho visto a lua cheia
 (Um satélite artificial)
 Tenho os olhos bem abertos
 Mais por vício do que vontade
 Procuro dias inteiros
 No escuro, noites em claro
 Os caras que eu poderia ter sido
 As caras que eu poderia ter tido

Belos e Malditos

Belos e malditos
 Feitos para o prazer
 Os últimos a sair
 Os primeiros a morrer
 Belos e malditos
 Eles ou ninguém
 De carne quase sempre
 São anjos para alguém
 São anjos para alguém...
 Suave é
 Suave é
 A noite é
 De bar em bar
 De bar em bar
 De bar em bar
 De bar em bar
 Belos e malditos
 Culpados por viver
 Num mundo feito de tédio
 Cego para o poder
 Belos e malditos
 Drama e carnaval
 O lado escuro do paraíso
 O bem que vem do mal
 O bem que vem do mal...
 Suave é
 Suave é
 A noite é
 De bar em bar
 De bar em bar
 De bar em bar...
 Eles brincam com fogo
 Sabem queimar
 Eles brincam com fogo

Sabem queimar...
Eles brincam com fogo
Sabem queimar
Eles brincam com fogo
Sabem queimar...
Suave é
Suave é
A noite é
De bar em bar
De bar em bar

Todos os Lados

Todo dia é pouco pior
Cercado por todos os lados
O dia é longe e o caminho maior
Cada hora passa mais devagar
Cercado por todos os lados
Chegando perto sem nunca tocar
Descalço alheio à tempestade
Meio louco, meio covarde
Vivendo leve quase pela metade
Nada disso tem a ver com vontade
Aos meus olhos tudo é transparente
Todos os lados ficam de frente
Lá fora o mundo é indiferente
Tomando forma lentamente
Todo dia é um pouco pior
Cercado por todos os lados
O dia é longo e o caminho maior
Cada hora passa mais devagar
Cercado por todos os lados
Chegando perto sem nunca tocar
Não tenho nada a não ser as paredes
E a companhia dos que caem na rede
Querendo mais do que um simples enredo
Nadando em muito enquanto morrem de sede
Aos meus olhos tudo é transparente
Todos os lados ficam de frente
Lá fora o mundo é indiferente
Tão divertindo quanto decadente
Todos os lados ficam de frente
Todos os lados ficam de frente
Todos os lados
Toda noite é um pouco pior
Cercado por todos os lados
Minutos passam e eu me sinto menor
A madrugada parece nunca acabar
Cercado por todos os lados

Sem Direção

Sem direção
Sopra o vento
Sem direção
Sempre em movimento
Tudo é solidão
Que pensamentos passam pela sua mente
Em que direção você se move
Quem garante onde é a frente
Sem direção
Sopra o vento
O silêncio passa entre os dentes
O que não se toca só se sente
Eu não planejo o que faço
Não sei o meu próximo passo
Meu coração
Não bate lento
Como um tambor
Gritando impaciente
Às vezes o vento me faz esquecer
E eu sou carregado
Sem direção nem certeza
Levado pela correnteza
Sem direção
Sopra o vento

Abismo

A noite me leva pra rua
Promete o que eu quero
E toma o que eu tenho
Promessas fazem o meu sangue ferver
E o asfalto queimar
Mas atravesso com os olhos fechados
Só a luz da rua como testemunha
É tão calmo por aqui
Quando eu me rendo às suas promessas
Esqueço tudo que tem gosto amargo
O tempo não passa
Quando falo sozinho
Ninguém sabe onde estou
Nem pra onde eu vou
Mas se tudo der errado
Eu quero estar do seu lado
Dançando à beira do precipício

Onde Começa Você

São cinco horas de uma tarde
As pessoas vêm e vão
No meu rosto está escrito
O estado do meu coração
Fazendo o que não pode ser feito
O desejo sufocando a razão
Quais serão as palavras certas
Pra que nada disso tenha sido em vão
Eu não sei dizer quais serão as palavras certas
Eu não sei dizer onde termino, onde começa você
Certas mentiras se tornam verdades
Outras nunca vão deixar de ser
Todo amor se confunde em miragens
Coisas que nunca vão acontecer
Mas apesar de tudo eu tenho certeza
Um dia vamos rir dessa confusão
A distância é tão pequena
Pra que tudo isso tenha sido em vão

Pássaros De Guerra

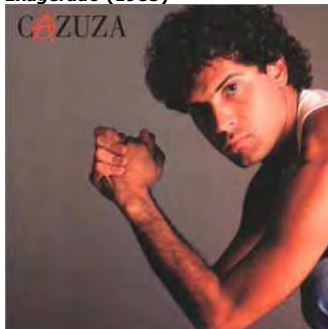
Eu ouvi dizer
Os pássaros estão voltando
Aonde, onde estão
Onde estão que eu não encontro
Olhe em volta e tente escutar
Está por todos os cantos
Olhe em volta
Se ninguém ouvir, tanto faz
Eles cantam para si
Por algo mais
Tento encontrar vida
Nessa cidade armada
Mas quem sobrevive
Quem canta nesse deserto
É inútil procurar
Os pássaros fogem da guerra
E não há garra que segure
Firme no concreto quente

2001

Astronauta libertado
Minha vida me ultrapassa
Em qualquer rota que eu faça
Dei um grito no escuro
Eu sou parceiro do futuro
Na reluzente galáxia
Eu quase posso palpar
A minha vida que grita
Imprensa e reproduz
Na velocidade da luz
A cor do céu me compõe
O mar azul me dissolve
A equação me propõe
Computador me resolve
Amei a velocidade
Casei com sete planetas
Por filho, cor e espaço
Não me tenho, nem me faço
A rota do ano-luz
Calculo dentro do passo
Minha dor é cicatriz
Minha morte não me quis
Nos braços de dois mil anos
Eu nasci sem ter idade
Sou casado, sou solteiro
Sou baiano e estrangeiro
Meu sangue é de gasolina
Correndo não tenho mágoa
Meu peito é de sal de fruta
Fervendo num copo d'água

CAZUZA

Exagerado (1985)



Exagerado

Amor da minha vida
Daqui até a eternidade
Nossos destinos
Foram traçados na maternidade
Paixão cruel desenfreada
Te trago mil rosas roubadas
Pra desculpar minhas mentiras
Minhas mancadadas
Exagerado
Jogado aos teus pés
Eu sou mesmo exagerado
Adoro um amor inventado
Eu nunca mais vou respirar
Se você não me notar
Eu posso até morrer de fome
Se você não me amar
E por você eu largo tudo
Vou mendigar, roubar, matar
Até nas coisas mais banais
Pra mim é tudo ou nunca mais
Exagerado
Jogado aos teus pés
Eu sou mesmo exagerado
Adoro um amor inventado
E por você eu largo tudo
Carreira, dinheiro, canudo
Até nas coisas mais banais
Prá mim é tudo ou nunca mais
Exagerado
Jogado aos teus pés
Eu sou mesmo exagerado
Adoro um amor inventado
Jogado aos teus pés
Com mil rosas roubadas
Exagerado
Eu adoro um amor inventado

Medieval II

Você me pede pra eu ser mais moderno
Que culpa que eu tenho
É só você que eu quero
Às vezes eu amo e construo castelos
Às vezes eu amo tanto que tiro férias
E embarco num tour pro inferno
Será que eu sou Medieval?
Baby, eu me acho um cara tão atual
Na moda da nova idade média.
Na mídia da novidade média.
Olha pra mim, me dê a mão, depois um beijo
Em homenagem a toda distância e desejo
Mora em mim que eu deixo as portas sempre abertas
Onde ninguém vai te atirar às mãos vazias nem pedras
Eu acredito nas besteiras que eu leio no jornal
Eu acredito no meu lado português sentimental
Eu acredito em paixão e moínhos lindos,
Mas a minha vida sempre brinca comigo,
De porre em porre vai me desmentindo
Será que eu sou Medieval?
Baby, eu me acho um cara tão atual
Na moda da nova idade média.
Na mídia da novidade média.

Cúmplice

Hoje eu acordei querendo encrenca
Escrevi teu nome no ar
Bati três vezes na madeira
Senti você me chamar
Na verdade uma carta em braile
Me deu uma certeza cega
Você estava de volta ao bairro
Em alguma esquina à minha espera
Meu amor, meu cúmplice
Eu sempre vou te achar
Nos avisos da lua
Do outro lado da rua
Rodei todas as lanchonetes
Tive idéias perversas
Relembrei tantos golpes espertos
Você cada vez mais perto
Meu amor, meu cúmplice
Meu par na contramão
Você não mudou em nada (nada, nada, nada)
Eu também não, que bom!

Mal Nenhum

Nunca viram ninguém triste?
Por que não me deixam em paz?
As guerras são tão tristes
E não tem nada demais

Me deixem, bicho acuado
 Por um inimigo imaginário
 Correndo atrás dos carros
 Como um cachorro otário
 Me deixem, ataque equivocada
 Por um falso alarme
 Quebrando objetos inúteis
 Como quem leva uma topada
 Me deixem amolar e esmurrar
 A faca cega, cega da paixão
 E dar tiros a esmo e ferir
 O mesmo cego coração
 Não escondam suas crianças
 Nem chamem o síndico
 Nem chamem a polícia
 Nem chamem o hospício, não
 Eu não posso causar mal nenhum
 A não ser a mim mesmo
 A não ser a mim mesmo
 A não ser a mim

Balada De Um Vagabundo

Eis o Sol, eis o Sol
 Apelidado de astro-rei
 Eis que achei o grande culpado
 Desse meu viver destrambelhado
 D'eu perambular pirado
 Meu coração lacrado
 Maracujá de gaveta dum prédio
 Vazio num terreno baldio
 Sepultado e logo após abandonado
 Repare o crime senhor juiz
 Pare senhor juiz
 Ignoro a rua, o bairro e a carteira de
 identidade
 Não me pergunte de ser portador
 Do número xis do CIC
 Me deixa feliz
 Serei chegado a um sal
 Qual a espada afiada que separa
 O bem do mal?
 Eis o Sol, eis o Sol
 Apelidado de astro-rei
 Eis que achei o grande culpado
 Desse meu viver destrambelhado
 Me viro no ce do centro
 No porta-malas da estação central
 Dançarei pelado na cratera da lua
 Mesmo sem saber onde termina
 A minha e onde começa a sua
 Rebolarei embaixo da marquise
 Triste trópico paraíso
 Se eu dissesse que eu ia
 Você ia e eu não ia
 Deixa a tristeza deitar
 Rolar na minha cama
 Um milhão, trilhão de vezes
 Reviro alegria
 Salto pro amor
 Um vício só pra mim não basta
 É uma inflação de amor incontrolável
 Tá lotado, tá repleto de virtude
 E vício meu céu
 Um galo sozinho levanta a crista
 E cocorica seu escarcéu
 Um vício só pra mim é pura cascata
 Eu marco treze pontos
 Sou pule premiada no jogo do bicho
 Eu sou o beijo da boca do lixo na boca do
 luxo
 Eu sou o beijo da boca do luxo na boca
 do lixo

Codnome Beija-Flor

Pra que mentir
 Fingir que perdoou
 Tentar ficar amigos sem rancor
 A emoção acabou
 Que coincidência é o amor
 A nossa música nunca mais tocou...
 Pra que usar de tanta educação
 Pra destilar terceiras intenções
 Desperdiçando o meu mel
 Devagarzinho, flor em flor
 Entre os meus inimigos, beija-flor
 Eu protegi o teu nome por amor
 Em um codinome, Beija-flor
 Não responda nunca, meu amor
 Pra qualquer um na rua, Beija-flor
 Que só eu que podia
 Dentro da tua orelha fria
 Dizer segredos de liquidificador
 Você sonhava acordada
 Um jeito de não sentir dor
 Prendia o choro e aguava o bom do amor
 Prendia o choro e aguava o bom do amor

Desastre Mental

Baby, eu lamento
 Mas não tenho tempo
 Pra sentir as tuas dores
 As minhas eu já não agüento
 Minha vista torta
 Já não se importa
 Não me conte um bando de mentiras
 Quando eu for fechar a porta
 Aqui ninguém entra
 Daqui ninguém sai
 Somos sobreviventes
 De um desastre mental
 Não é que eu não ligue
 De correr o perigo
 De nunca te achar direito
 Eu quero de qualquer jeito
 Eu tenho que me salvar
 Não vá me convencer que está com medo
 Que está tarde ou que está cedo
 Aqui ninguém entra
 Daqui ninguém sai
 Nós somos sobreviventes
 De um desastre mental
 Prefiro te manter
 Ao lado direito do meu peito
 Por essa razão
 Você não navega
 É uma queda de avião
 No meu coração
 Não vá me provocar no fim da festa, não
 Aqui ninguém tá morto
 E daqui ninguém sai
 Nós somos sobreviventes
 De um desastre mental

Boa Vida

Eu nunca mais quero outra vida
 É, eu ando um bocado mudado
 Eu nunca mais quero outra vida, eu não
 Olha só como eu tô bem tratado
 É que os tempos mudaram
 E agora eu ando muito bem
 acompanhado
 (É, eu ando, sim)
 Eu nunca mais quero outra vida
 Jogado na rua feito um vira-lata
 O amor um dia chega, irmão
 Mesmo pr'um cara pirado
 Que só sabe ficar bebendo pinga
 Cantando rock, contando vantagem
 Agora a gente só vive grudado
 Pela rua aos beijos e abraços
 Todo mundo repara
 E mesmo os meus amigos mais canalhas
 Me dão razão quando eu falo
 Que eu nunca mais quero outra vida
 Me machucar pela pessoa errada
 O amor tem cartas já marcadas
 E eu nunca tive vocação pra otário
 É, os tempos mudaram
 E agora eu ando muito bem
 acompanhado

Só As Mães São Felizes

Você nunca varou
 A Duvivier às 5
 Nem levou um susto saindo do Val
 Improviso
 Era quase meio-dia
 No lado escuro da vida
 Nunca viu Lou Reed
 "Walking on the wild side"
 Nem Melodia transvirado
 Rezando pelo Estácio
 Nunca viu Allen Ginsberg
 Pagando michê na Alaska
 Nem Rimbaud pelas tantas
 Negociando escravas brancas
 Você nunca ouviu falar em maldição
 Nunca viu um milagre
 Nunca chorou sozinha num banheiro sujo
 Nem nunca quis ver a face de Deus
 Já freqüentei grandes festas
 Nos endereços mais quentes
 Tomei champanhe e cicutá
 Com comentários inteligentes
 Mais tristes que os de uma puta
 No Barbarella às 15 pras 7
 Reparou como os velhos
 Vão perdendo a esperança
 Com seus bichinhos de estimação e
 plantas?
 Já viveram tudo
 E sabem que a vida é bela

Reparou na inocência
 Cruel das crianças
 Com seus comentários desconcertantes?
 Adivinham tudo
 E sabem que a vida é bela
 Você nunca sonhou
 Ser currada por animais
 Nem transou com cadáveres?
 Nunca traiu teu melhor amigo
 Nem quis comer a tua mãe?
 Só as mães são felizes...

Rock da Descerebração

Descerebrem-se, celebrem
 Eu tô aqui pra animar
 Desesperem-se, roubem
 Quem sabe eu possa ajudar?
 Depois, desculpem-se, esqueçam
 Eu volto pra lembrar
 E habituem-se, morram
 Eu que não vou enterrar
 E se a pior pessoa da cidade me ajudar
 Viro operário padrão
 Eu e meu patrão
 Que se esconde nos fundos
 Gelado de felicidade
 Cagüetem-se, solidários
 Antes do interrogatório
 Engrandecem a mentira
 Dêem sentido à vida
 Tenham fê, tenham medo
 Ou usem anestésias
 Uniformes, fantasias
 Vejam que liquidação!
 Mas se as suas consciências
 Bondosas dizem: "não!"
 Já é um bom motivo
 Pra gente comemorar o rock
 O rock da descerebração
 O rock da descerebração

CAZUZA

Só se for a dois (1987)



Só Se For a Dois

Aos gurus da Índia
 Aos judeus da Palestina
 Aos índios da América Latina
 E aos brancos da África do Sul
 O mundo é azul
 Qual é a cor do amor?
 O meu sangue é negro, branco
 Amarelo e vermelho
 Aos pernambucanos
 E aos cubanos de Miami
 Aos americanos russos
 Armando seus planos
 Ao povo da China
 E ao que a história ensina
 Aos jogos, aos dados
 Que inventaram a humanidade
 As possibilidades de felicidade
 São egoístas, meu amor
 Viver a liberdade, amar de verdade
 Só se for a dois
 (Só a dois)
 Aos filhos de Ghandi
 Morrendo de fome
 Aos filhos de Cristo
 Cada vez mais ricos
 O beijo do soldado em sua namorada
 Seja pra onde for
 Depois da grande noite
 Vai esconder a cor das flores
 E mostrar a dor
 (A dor)

Ritual

Pra que sonhar
A vida é tão desconhecida e mágica
Que dorme às vezes do teu lado
Calada
Calada
Pra que buscar o paraíso
Se até o poeta fecha o livro
Sente o perfume de uma flor no lixo
E fuxica
Fuxica
Tantas histórias de um grande amor
perdido
Terras perdidas, precipícios
Faz sacrifícios, imola mil virgens
Uma por uma, milhares de dias
Ao mesmo Deus que ensina a prazo
Ao mais esperto e ao mais otário
Que o amor na prática é sempre ao
contrário
Que o amor na prática é sempre ao
contrário
Ah, pra que chorar
A vida é bela e cruel, despida
Tão desprevenida e exata
Que um dia acaba

O Nosso Amor A Gente Inventa

O teu amor é uma mentira
Que a minha vaidade quer
É o meu, poesia de cego
Você não pode ver
Não pode ver que no meu mundo
Um troço qualquer morreu
Num corte lento e profundo
Entre você e eu
O nosso amor a gente inventa
Pra se distrair
E quando acaba a gente pensa
Que ele nunca existiu
O nosso amor
A gente inventa
Inventa
O nosso amor
A gente inventa
Te ver não é mais tão bacana
Quanto a semana passada
Você nem arrumou a cama
Parece que fugiu de casa
Mas ficou tudo fora de lugar
Café sem açúcar, dança sem par
Você podia ao menos me contar
Uma história romântica
O nosso amor a gente inventa
Pra se distrair
E quando acaba a gente pensa
Que ele nunca existiu
O nosso amor
A gente inventa
Inventa
O nosso amor
A gente inventa

Culpa de Estimação

Por onde eu ando
Levo ao meu lado
A minha namorada
Cheirosa e bem tratada
Não sei se o nome dela
É Eva ou Adão
É religiosa por formação
A minha culpa de estimação
Se alguém me ama
Ela diz que não
Se nem me notam
Ela diz: "Por que não?"
É a minha companheira inseparável
Sua fidelidade é incomparável
E me perdoa por não ter razão
A minha culpa de estimação
E me aceita o pior dos tarados
Um ser mesquinho tropeçando no nada
Guarda segredo e diz que não é
chantagem
Que ninguém vai saber das minhas
bobagens
Me dá um calmante e diz que é pra eu
ser bom
A minha culpa de estimação
(Ela é de estimação)

Solidão Que Nada

Cada aeroporto
É um nome num papel
Um novo rosto
Atrás do mesmo véu

Alguém me espera
E adivinha no céu
Que meu novo nome é
Um estranho que me quer
E eu quero tudo
No próximo hotel
Por mar, por terra
Ou via Embratel
Ela é um satélite
E só quer me amar
Mas não há promessas, não
É só um novo lugar
Viver é bom
Nas curvas da estrada
Solidão, que nada
Viver é bom
Partida e chegada
Solidão, que nada

Completamente Blue

Tudo azul
Completamente blue
Vou sorrindo, vou vivendo
Logo mais, vou no cinema
No escuro, eu choro
E adoro a cena
Sou feliz em Ipanema
Encho a cara no Leblon
Tento ver na tua cara linda
O lado bom
Como é triste a tua beleza
Que é beleza em mim também
Vem do teu sol que é noturno
Não machuca e nem faz bem
Você chega e sai e some
E eu te amo assim tão só
Tão somente o teu segredo
E mais uns cem, mais uns cem
Tudo azul, tudo azul
Completamente blue
Tudo azul
Como é estranha a natureza
Morta dos que não têm dor
Como é estéril a certeza
De quem vive sem amor, sem amor
Mas tudo azul, tudo azul, tudo azul
Completamente blue
Tudo azul

Vai à Luta

Eu li teu nome num cartaz
Com letras de néon e tudo
Ano passado diriam
Que eu tava maluco
O pessoal gosta de escrachar
De ver a gente por baixo
Pra depois aconselhar
Dizer o que é certo e errado
Eu te avisei: "Vai à luta
Marca teu ponto na justa"
Eu te avisei: "Vai à luta
Marca teu ponto na justa
O resto deixa pra lá
Deixa pra lá
Deixa pra lá"
Você ouviu, mas fingiu
Que não tinha ouvido nada
Armou de boca calada
E agora se deu bem
Passa toda deslumbrada
Sem um tostão pra me emprestar
Com um cordão de puxa-sacos
Pra te paparicar
Eu te avisei: "Vai à luta
Marca teu ponto na justa"
Eu te avisei: "Vai à luta
Marca teu ponto na justa
O resto deixa pra lá
Deixa pra lá
Deixa pra lá"
Te avisei: "Vai à luta"
Porque "os fãs de hoje
São os linchadores de amanhã"

Quarta-feira

Livro depressivo
Na areia da praia
Eu banco o deprimido
Talvez você caia
Na minha rede um dia
Cheia de cacós de vidro
De cacós de vidro
E o galá não vê
Que é bombardeado
Com balas de hortelã
Com balas de hortelã

E a santa milagrosa vê
Que Deus não dá esmola
Subitamente assalta
Subitamente assalta
Quero que você
Me ame bastante
Daqui até a Constante Ramos
Vamos, vamos
Vamos lado a lado
Como dois gigantes
Enfrentando os ônibus
E o menino triste
Quer ser um herói
Mesmo um herói triste
Mesmo um herói triste
E a dama sem cara
Das bolsas vazias
Sente um amor aflito
Sente um amor aflito
Eu ando apaixonado
Por cachorros e bichas
Duques e xerifes
Porque eles sabem
Que amar é abanar o rabo
(É abanar o rabo)
Lamber e dar a pata
E as mulatas sonham
Que são raptadas
Por sheiks alemães
Por sheiks alemães
No escritório sonham
Que já é de tarde
Todas as manhãs
Todas as manhãs

Heavy Love

Eu não sei se é dia ou noite
Por favor, não conte, é
Tire o fone do gancho
E grite meu nome
Feche a cortina
Desligue o rádio
A televisão sem som
Já é um bonito quadro
Pro nosso amor descarado
Virado (virado)
O mundo lá fora
Não vale pra nada (pra nada)
Eu não sei se o nosso caso
Vai durar ou não
Se o que sinto por você
É doença ou paixão
Acenda as luzes todas
Perca a razão
Vem, me procura e encaixa (encaixa)
No escuro do meu coração
Pro nosso amor descarado
Virado (virado)
O mundo lá fora
Não vale pra nada (pra nada)
Eu não sei se o nosso caso
Vai durar ou não
Se o que sinto por você
É doença ou paixão
Acenda as luzes todas
Perca a razão
Vem, me procura e encaixa (encaixa)
No escuro do meu coração

O Lobo Mau da Ucrânia

Meus olhos são bem grandes pra te secar
Minha boca é um bueiro que vai te sugar
E a minha narigona
Te cheira bonita
Sou o lobo mau que veio da Ucrânia
Cheguei no Brasil
Na terra azul de anil
Back, back from Chernobyl
O lobo mau de Chernobyl
Quando você deitar, eu já vou tá na cama
O medo do futuro que não te abandona
Pra você o perigo mora em terras
distantes
Em livros pendurados na estante
Cheguei no Brasil
Na terra azul de anil
Back, back from Chernobyl
O lobo mau de Chernobyl
Minha sede de viver é uma ameaça
atômica
E os meios que eu uso, baby, eu nem te
conto
Meus "is" não tem ponto

Nunca peço desculpa
E escrevo "deus" com letra minúscula
Cheguei no Brasil
Na terra azul de anil
Back, back from Chernobyl
O lobo mau de Chernobyl

Balada Do Esplanada

Ontem de noite eu procurei
Ver se aprendia como é que se fazia
Uma balada, antes de ir pro meu hotel
É que esse coração
Já se cansou de viver só
E quer então
Morar contigo no Esplanada
Contigo no Esplanada
Pra respirar
Abro a janela
Como um jornal
Eu vou fazer a balada
Fazer a balada
Do Esplanada e ficar sendo o menestrel
E ficar sendo
O menestrel do meu hotel
Do meu hotel
Mas não há poesia em um hotel
Nem mesmo sendo
O Esplanada, um grande hotel
Há poesia na dor, na flor, no beija-flor
Na dor, na flor, no beija-flor, no elevador
No elevador

CAZUZA

Ideologia (1988)



Ideologia

Meu partido
É um coração partido
E as ilusões
Estão todas perdidas
Os meus sonhos
Foram todos vendidos
Tão barato
Que eu nem acredito
Ah! eu nem acredito...
Que aquele garoto
Que ia mudar o mundo
Mudar o mundo
Frequênta agora
As festas do "Grand Monde"...
Meus heróis
Morreram de overdose
Meus inimigos
Estão no poder
Ideologia!
Eu quero uma prá viver
Ideologia!
Eu quero uma prá viver...
O meu prazer
Agora é risco de vida
Meu sex and drugs
Não tem nenhum rock 'n' roll
Eu vou pagar
A conta do analista
Prá nunca mais
Ter que saber
Quem eu sou
Ah! saber quem eu sou..
Pois aquele garoto
Que ia mudar o mundo
Mudar o mundo
Agora assiste a tudo
Em cima do muro
Em cima do muro...
Meus heróis
Morreram de overdose
Meus inimigos

Estão no poder
Ideologia!
Eu quero uma prá viver
Ideologia!
Prá viver...
Pois aquele garoto
Que ia mudar o mundo
Mudar o mundo
Agora assiste a tudo
Em cima do muro
Em cima do muro...
Meus heróis
Morreram de overdose
Meus inimigos
Estão no poder
Ideologia!
Eu quero uma prá viver
Ideologia!
Eu quero uma prá viver...
Ideologia!
Prá viver
Ideologia!
Eu quero uma prá viver...

Boas Novas

Poetas e loucos aos poucos
Cantores do porvir
E mágicos das frases
Endiabradas sem mel
Trago boas novas
Bobagens num papel
Balões incendiados
Coisas que caem do céu
Sem mais nem porquê
Queria um dia no mundo
Poder te mostrar o meu
Talentos pra loucura
Procurar longe do peito
Eu sempre fui perfeito
Pra fazer discursos longos
Fazer discursos longos
Sobre o que não fazer
Que é que eu vou fazer?
Senhoras e senhores
Trago boas novas
Eu vi a cara da morte
E ela estava viva
Eu vi a cara da morte
E ela estava viva - viva!
Direi milhares de metáforas rimadas
E farei
Das tripas coração
Do medo, minha oração
Pra não sei que Deus "H"
Da hora da partida
Na hora da partida
A tiros de vamos pra vida
Então, vamos pra vida
Senhoras e senhores
Trago boas novas
Eu vi a cara da morte
E ela estava viva
Eu vi a cara da morte
E ela estava viva - viva!

O Assassinato da Flor

Toca o interfone
Eu mando subir
É alguém com flores e eu já fico a mil
Morro de dores
Da dor mais vil
Mas corro até o elevador pra ser gentil
E à fã sem nome
Explico: "As flores não se tocam
Vivem pra si
E pros passarinhos e pro vento"
Foi por amor
O assassinato da flor
Flores são flores
Vivas num jardim
Pessoas são boas
Já nascem assim
Flores são flores
Colhidas sem dó
Por alguém que ama
E não quer ficar só
De manhã cedinho, o sangue escorre
Foi por amor
E o homem bom pratica o ato heróico
Foi por amor
O assassinato da flor

Orelha de Eurídice

Você na multidão
você e diferente
As suas mãos me acenam não parecem

ter morrido
Cheias de presentes
Caixas coloridas
Trouxe uma orelha envolta
Num pano vermelho
É a prova, meu amor
Me espera sem uma orelha
Vou correndo, vou agora
Resgatar o meu amor
No asfalto quente
Do aeroporto
Como uma miragem
É a alma quem castiga o corpo
Esta é a mensagem
Na paisagem distorcida
Pelos aviões que sobem
Você voltou pra me ajudar
E eu fico mais feliz
Mas ainda não estamos salvos
O ar está pesado
Não é só a cicatriz
Que identifica o ser amado
Temos que ter idéias juntos
Temos que achar uma maneira
É que agora está chovendo
Uma chuva sem vento
E há meia hora ventava
Vamos fugir pra dentro
Há meia hora ventava
E tínhamos coragem
E eu já estou cansado
De não gostar de mim.

Guerra Civil

Paro no meio da rua
Me atropeliei demais
Alguém pergunta as horas
Ou então vai me matar
Freiras lésbicas assassinas
Fadas sensuais
Me vigiam do décimo andar
Tem sempre um lugar
Aonde você não está
Paro no meio da noite (da noite)
Procuro a tua mão
Você tá tão distante (distante)
Num sonho que eu nem sei
O pensamento é a guerra
A guerra civil do ser
Entro no teu corpo
Quero te conhecer
Tem sempre um lugar
Onde você não está
Paro no meio de tudo
Que eu tive e que eu não tive
Já me esqueci de tudo
De tudo o que eu te disse
Foram frases decoradas
Tristes e sagradas
Feito missas toda a madrugada
Tem sempre um lugar
Onde você não está

Brasil

Não me convidaram
Pra esta festa pobre
Que os homens armaram
Pra me convencer
A pagar sem ver
Toda essa droga
Que já vem malhada
Antes de eu nascer...
Não me ofereceram
Nem um cigarro
Fiquei na porta
Estacionando os carros
Não me elegeram
Chefe de nada
O meu cartão de crédito
É uma navalha...
Brasil!
Mostra tua cara
Quero ver quem paga
Pra gente ficar assim
Brasil!
Qual é o teu negócio?
O nome do teu sócio?
Confia em mim...
Não me convidaram
Pra esta festa pobre
Que os homens armaram
Pra me convencer
A pagar sem ver
Toda essa droga
Que já vem malhada
Antes de eu nascer...

Não me sortearam
A garota do Fantástico
Não me subornaram
Será que é o meu fim?
Ver TV a cores
Na taba de um índio
Programada
Prá só dizer "sim, sim"
Brasil!
Mostra a tua cara
Quero ver quem paga
Pra gente ficar assim
Brasil!
Qual é o teu negócio?
O nome do teu sócio?
Confia em mim...
Grande pátria
Desimportante
Em nenhum instante
Eu vou te trair
Não, não vou te trair...
Brasil!
Mostra a tua cara
Quero ver quem paga
Pra gente ficar assim
Brasil!
Qual é o teu negócio?
O nome do teu sócio?
Confia em mim...
Confia em mim
Brasil!

Um Trem Para as Estrelas

São 7 horas da manhã
Vejo Cristo da janela
O sol já apagou sua luz
E o povo lá embaixo espera
Nas filas dos pontos de ônibus
Procurando aonde ir
São todos seus cicrones
Correm pra não desistir
Dos seus salários de fome
É a esperança que eles tem
Neste filme como extras
Todos querem se dar bem
Num trem pras estrelas
Depois dos navios negreiros
Outras correntezas
Estranho o teu Cristo, Rio
Que olha tão longe, além
Com os braços sempre abertos
Mas sem proteger ninguém
Eu vou forrar as paredes
Do meu quarto de miséria
Com manchetes de jornal
Pra ver que não é nada sério
Eu vou dar o meu desprezo
Pra você que me ensinou
Que a tristeza é uma maneira
Da gente se salvar depois
Num trem pras estrelas
Depois dos navios negreiros
Outras correntezas

Vida Fácil

Tim-tim!
A tua corte agradece
Um brinde!
O nosso astro merece
Ao teu fã-clube fiel
Dá autógrafo em talão de cheques
Big boss
Tua mão aberta enobrece
Dignifica
Nós que sonhamos em espécie
Classic vira rolex
Sob o luar do teu deck
Só festa "relax"
Boca livre na certa
Robin Hood gentil da galera
Protetor das artes práticas
Valorizando quem sabe
Levar vida fácil, fácil
Vida fácil

Blues da Piedade

Agora eu vou cantar pros miseráveis
Que vagam pelo mundo derrotados
Pra essas sementes mal plantadas
Que já nascem com cara de abortadas
Pras pessoas de alma bem pequena
Remoendo pequenos problemas
Querendo sempre aquilo que não têm
Pra quem vê a luz
Mas não ilumina suas minicertezas

Vive contando dinheiro
E não muda quando é lua cheia
Pra quem não sabe amar
Fica esperando
Alguém que caiba no seu sonho
Como varizes que vão aumentando
Como insetos em volta da lâmpada
Vamos pedir piedade
Senhor, piedade
Pra essa gente careta e covarde
Vamos pedir piedade
Senhor, piedade
Lhes dê grandeza e um pouco de
coragem
Quero cantar só para as pessoas fracas
Que tão no mundo e perderam a viagem
Quero cantar o blues
Com o pastor e o bumbo na praça
Vamos pedir piedade
Pois há um incêndio sob a chuva rala
Somos iguais em desgraça
Vamos cantar o blues da piedade
Vamos pedir piedade
Senhor, piedade
Pra essa gente careta e covarde
Vamos pedir piedade
Senhor, piedade
Lhes dê grandeza e um pouco de
coragem

Obrigado (Por Ter Se Mandado)

Obrigado
Por ter se mandado
Ter me condenado a tanta liberdade
Pelas tardes nunca foi tão tarde
Teus abraços, tuas ameaças
Obrigado
Por eu ter te amado
Com a fidelidade de um bicho amestrado
Pelas vezes que eu chorei sem vontade
Pra te impressionar, causar piedade
Pelos dias de cão, muito obrigado
Pela frase feita
Por esculhambar meu coração
Antiquado e careta
Me trair, me dar inspiração
Pr'eu ganhar dinheiro
Obrigado
Por ter se mandado
Ter me acordado pra realidade
Das pessoas que eu já nem lembrava
Pareciam todas ter a tua cara
Obrigado
Por não ter voltado
Pra buscar as coisas que se acabaram
E também por não ter dito obrigado
Ter levado a ingratidão bem guardada
Pelos dias de cão, muito obrigado
Pela frase feita
Por esculhambar meu coração
Antiquado e careta
Me trair, me dar inspiração
Pr'eu ganhar dinheiro

Minha Flor, Meu Bebê

Dizem que tô louco
Por te querer assim
Por pedir tão pouco
E me dar por feliz
Em perder noites de sono
Só pra te ver dormir
E me fingir de burro
Pra você sobressair
Dizem que tô louco
Que você manda em mim
Mas não me convencem, não
Que seja tão ruim
Que prazer mais egoísta
O de cuidar de um outro ser
Mesmo se dando mais
Do que se tem pra receber
E é por isso que eu te chamo
Minha flor, meu bebê
Dizem que tô louco
E falam pro meu bem
Os meus amigos todos
Será que eles não entendem
Que quem ama nesta vida
Às vezes ama sem querer
Que a dor no fundo esconde
Uma pontinha de prazer
E é por isso que eu te chamo
Minha flor, meu bebê

Faz Parte Do Meu Show

Te pegou na escola e encho a tua bola com
todo o meu amor
Te levo pra festa e testo o teu sexo com
ar de professor
Faço promessas malucas tão curtas
quanto um sonho bom
Se eu te escondo a verdade, baby, é pra
te proteger da solidão
Faz parte do meu show
Faz parte do meu show, meu amor
Confundo as tuas coxas com as de outras
moças
Te mostro toda a dor
Te faço um filho
Te dou outra vida pra te mostrar quem
sou
Vago na lua deserta das pedras do
Arpoador
Digo 'alô' ao inimigo
Encontro um abrigo no peito do meu
traidor
Faz parte do meu show
Faz parte do meu show, meu amor
Invento desculpas, provooco uma briga,
digo que não estou
Vivo num 'clip' sem nevo
Um pierrot retrocesso
meio bossa nova e rock'n'roll'
Faz parte do meu show
Faz parte do meu show, meu amor
Meu amor, meu amor, meu amor...

CAZUZA

O tempo não pára (1989)



Vida Louca Vida

Vida louca vida
Vida breve
Já que eu não posso te levar
Quero que você me leve
Vida louca vida
Vida imensa
Ninguém vai nos perdoar
Nosso crime não compensa
Se ninguém olha quando você passa você
logo acha 'Eu to carente'
'Eu sou manchete popular'
Tô cansado de tanta babaquice, tanta
carentice
Desta eterna falta do que falar
Se ninguém olha quando você passa você
logo acha que a vida voltou ao normal
Aquele vida sem sentido, volta sem
perigo
É a mesma vida sempre igual
Se ninguém olha quando você passa você
logo diz 'Palhaço'
Você acha que não tá legal
Corre todos os perigos, perde os sentidos
Você passa mal
Vida louca vida
Vida breve
Já que eu não posso te levar
Quero que você me leve
Vida louca vida
Vida imensa
Ninguém vai nos perdoar
Nosso crime não compensa
Se ninguém olha quando você passa você
logo acha 'Eu tô carente'
'Eu sou manchete popular'
Tô cansado de tanta carentice, tanta
babaquice
Desta eterna falta do que falar

Vida louca vida
 Vida breve
 Já que eu não posso te levar
 Quero que você me leve
 Vida louca vida
 Vida imensa
 Ninguém vai nos perdoar
 Nosso crime não compensa

Boas Novas

Poetas e loucos aos poucos
 Cantores do porvir
 E mágicos das frases
 Endiabradas sem mel
 Trago boas novas
 Bobagens num papel
 Balões incendiados
 Coisas que caem do céu
 Sem mais nem porquê
 Queria um dia no mundo
 Poder te mostrar o meu
 Talento pra loucura
 Procurar longe do peito
 Eu sempre fui perfeito
 Pra fazer discursos longos
 Fazer discursos longos
 Sobre o que não fazer
 Que é que eu vou fazer?
 Senhoras e senhores
 Trago boas novas
 Eu vi a cara da morte
 E ela estava viva
 Eu vi a cara da morte
 E ela estava viva - viva!
 Direi milhares de metáforas rimadas
 E farei
 Das tripas coração
 Do medo, minha oração
 Pra não sei que Deus "H"
 Da hora da partida
 Na hora da partida
 A tiros de vamos pra vida
 Então, vamos pra vida
 Senhoras e senhores
 Trago boas novas
 Eu vi a cara da morte
 E ela estava viva
 Eu vi a cara da morte
 E ela estava viva - viva!

Ideologia

Meu partido
 É um coração partido
 E as ilusões
 Estão todas perdidas
 Os meus sonhos
 Foram todos vendidos
 Tão barato
 Que eu nem acredito
 Ah! eu nem acredito...
 Que aquele garoto
 Que ia mudar o mundo
 Mudar o mundo
 Frequenta agora
 As festas do "Grand Monde"...
 Meus heróis
 Morreram de overdose
 Meus inimigos
 Estão no poder
 Ideologia!
 Eu quero uma prá viver
 Ideologia!
 Eu quero uma prá viver...
 O meu prazer
 Agora é risco de vida
 Meu sex and drugs
 Não tem nenhum rock 'n' roll
 Eu vou pagar
 A conta do analista
 Prá nunca mais
 Ter que saber
 Quem eu sou
 Ah! saber quem eu sou..
 Pois aquele garoto
 Que ia mudar o mundo
 Mudar o mundo
 Agora assiste a tudo
 Em cima do muro
 Em cima do muro...
 Meus heróis
 Morreram de overdose
 Meus inimigos
 Estão no poder
 Ideologia!
 Eu quero uma prá viver

Ideologia!
 Prá viver...
 Pois aquele garoto
 Que ia mudar o mundo
 Mudar o mundo
 Agora assiste a tudo
 Em cima do muro
 Em cima do muro...
 Meus heróis
 Morreram de overdose
 Meus inimigos
 Estão no poder
 Ideologia!
 Eu quero uma prá viver
 Ideologia!
 Eu quero uma prá viver...
 Ideologia!
 Prá viver
 Ideologia!
 Eu quero uma prá viver...

Todo Amor que Houver Nessa Vida

Eu quero a sorte de um amor tranqüilo
 Com sabor de fruta mordida
 Nós na batida, no embalo da rede
 Matando a sede na saliva
 Ser teu pão, ser tua comida
 Todo amor que houver nessa vida
 E algum trocado pra dar garantia
 E ser artista no nosso convívio
 Pelo inferno e céu de todo dia
 Pra poesia que a gente não vive
 Transformar o tédio em melodia
 Ser teu pão, ser tua comida
 Todo amor que houver nessa vida
 E algum veneno antimonotonia
 E se eu achar a tua fonte escondida
 Te alcanço em cheio, o mel e a ferida
 E o corpo inteiro como um furacão
 Boca, nuca, mão e a tua mente não
 Ser teu pão, ser tua comida
 Todo amor que houver nessa vida
 E algum remédio que me dê alegria

Codnome Beija-Flor

Pra que mentir
 Fingir que perdoou
 Tentar ficar amigos sem rancor
 A emoção acabou
 Que coincidência é o amor
 A nossa música nunca mais tocou...
 Pra que usar de tanta educação
 Pra destilar terceiras intenções
 Desperdiçando o meu mel
 Devagarzinho, flor em flor
 Entre os meus inimigos, beija-flor
 Eu protegi o teu nome por amor
 Em um codnome, Beija-flor
 Não responda nunca, meu amor
 Pra qualquer um na rua, Beija-flor
 Que só eu que podia
 Dentro da tua orelha fria
 Dizer segredos de liquidificador
 Você sonhava acordada
 Um jeito de não sentir dor
 Prendia o choro e aguava o bom do amor
 Prendia o choro e aguava o bom do amor

O Tempo Não Pára

Disparo contra o sol
 Sou forte, sou por acaso
 Minha metralhadora cheia de mágicas
 Eu sou um cara
 Cansado de correr
 Na direção contrária
 Sem pódio de chegada ou beijo de namorada
 Eu sou mais um cara
 Mas se você achar
 Que eu tô derrotado
 Saiba que ainda estão rolando os dados
 Porque o tempo, o tempo não pára
 Dias sim, dias não
 Eu vou sobrevivendo sem um arranhão
 Da caridade de quem me detesta
 A tua piscina tá cheia de ratos
 Tuas idéias não correspondem aos fatos
 O tempo não pára
 Eu vejo o futuro repetir o passado
 Eu vejo um museu de grandes novidades
 O tempo não pára
 Não pára, não pára
 Eu não tenho data pra comemorar
 Às vezes os meus dias são de par em par
 Procurando uma agulha num palheiro

Nas noites de frio é melhor nem nascer
 Nas de calor, se escolhe: é matar ou morrer
 E assim nos tornamos brasileiros
 Te chamam de ladrão, de bicha, maconheiro
 Transformam o país inteiro num puteiro
 Pois assim se ganha mais dinheiro
 A tua piscina tá cheia de ratos
 Tuas idéias não correspondem aos fatos
 O tempo não pára
 Eu vejo o futuro repetir o passado
 Eu vejo um museu de grandes novidades
 O tempo não pára
 Não pára, não pára
 Dias sim, dias não
 Eu vou sobrevivendo sem um arranhão
 Da caridade de quem me detesta
 A tua piscina tá cheia de ratos
 Tuas idéias não correspondem aos fatos
 O tempo não pára
 Eu vejo o futuro repetir o passado
 Eu vejo um museu de grandes novidades
 O tempo não pára
 Não pára, não pára

Só As Mães São Felizes

Você nunca varou
 A Duvivier às 5
 Nem levou um susto Saindo do Val Improvisado
 Era quase meio-dia
 No lado escuro da vida
 Nunca viu Lou Reed
 "Walking on the wild side"
 Nem Melodia transvirado
 Rezando pelo Estácio
 Nunca viu Allen Ginsberg
 Pagando michê na Alaska
 Nem Rimbaud pelas tantas
 Negociando escravas brancas
 Você nunca ouviu falar em maldição
 Nunca viu um milagre
 Nunca chorou sozinha num banheiro sujo
 Nem nunca quis ver a face de Deus
 Já freqüentei grandes festas
 Nos endereços mais quentes
 Tomei champagne e cícuta
 Com comentários inteligentes
 Mais tristes que os de uma puta
 No Barbarella às 15 pras 7
 Reparou como os velhos
 Vão perdendo a esperança
 Com seus bichinhos de estimação e plantas?
 Já viveram tudo
 E sabem que a vida é bela
 Reparou na inocência
 Cruel das criancinhas
 Com seus comentários desconcertantes?
 Adivinham tudo
 E sabem que a vida é bela
 Você nunca sonhou
 Ser currada por animais
 Nem transou com cadáveres?
 Nunca traiu teu melhor amigo
 Nem quis comer a tua mãe?
 Só as mães são felizes...

O Nosso Amor A Gente Inventa

O teu amor é uma mentira
 Que a minha vaidade quer
 E o meu, poesia de cego
 Você não pode ver
 Não pode ver que no meu mundo
 Um troço qualquer morreu
 Num corte lento e profundo
 Entre você e eu
 O nosso amor a gente inventa
 Pra se distrair
 E quando acaba a gente pensa
 Que ele nunca existiu
 O nosso amor
 A gente inventa
 Inventa
 O nosso amor
 A gente inventa
 Te ver não é mais tão bacana
 Quanto a semana passada
 Você nem arrumou a cama
 Parece que fugiu de casa
 Mas ficou tudo fora de lugar
 Café sem açúcar, dança sem par
 Você podia ao menos me contar
 Uma história romântica

O nosso amor a gente inventa
Pra se distrair
E quando acaba a gente pensa
Que ele nunca existiu
O nosso amor
A gente inventa
Inventa
O nosso amor
A gente inventa

Exagerado

Amor da minha vida
Daqui até a eternidade
Nossos destinos
Foram traçados na maternidade
Paixão cruel desenfreada
Te trago mil rosas roubadas
Pra desculpar minhas mentiras
Minhas mancadas
Exagerado
Jogado aos teus pés
Eu sou mesmo exagerado
Adoro um amor inventado
Eu nunca mais vou respirar
Se você não me notar
Eu posso até morrer de fome
Se você não me amar
E por você eu largo tudo
Vou mendigar, roubar, matar
Até nas coisas mais banais
Prá mim é tudo ou nunca mais
Exagerado
Jogado aos teus pés
Eu sou mesmo exagerado
Adoro um amor inventado
E por você eu largo tudo
Carreira, dinheiro, canudo
Até nas coisas mais banais
Prá mim é tudo ou nunca mais
Exagerado
Jogado aos teus pés
Eu sou mesmo exagerado
Adoro um amor inventado
Jogado aos teus pés
Com mil rosas roubadas
Exagerado
Eu adoro um amor inventado

Faz Parte Do Meu Show

Te pego na escola e encho a tua bola com
todo o meu amor
Te levo pra festa e testo o teu sexo com
ar de professor
Faço promessas malucas tão curtas
quanto um sonho bom
Se eu te escondo a verdade, baby, é pra
te proteger da solidão
Faz parte do meu show
Faz parte do meu show, meu amor
Confundo as tuas coxas com as de outras
moças
Te mostro toda a dor
Te faço um filho
Te dou outra vida pra te mostrar quem
sou
Vago na lua deserta das pedras do
Arpoador
Digo 'alô' ao inimigo
Encontro um abrigo no peito do meu
traidor
Faz parte do meu show
Faz parte do meu show, meu amor
Invento desculpas, provoço uma briga,
digo que não estou
Vivo num 'clip' sem nexo
Um pierrot retrocesso
meio bossa nova e rock'n'roll'
Faz parte do meu show
Faz parte do meu show, meu amor
Meu amor, meu amor, meu amor...

CAZUZA Burguesia (1989)



Burguesia

A burguesia fede
A burguesia quer ficar rica
Enquanto houver burguesia
Não vai haver poesia
A burguesia não tem charme nem é
discreta
Com suas perucas de cabelos de boneca
A burguesia quer ser sócia do Country
A burguesia quer ir a New York fazer
compras
Pobre de mim que vim do seio da
burguesia
Sou rico mas não sou mesquinho
Eu também cheiro mal
Eu também cheiro mal
A burguesia tá acabando com a Barra
Afunda barcos cheios de crianças
E dormem tranquilos
E dormem tranquilos
Os guardanapos estão sempre limpos
As empregadas, uniformizadas
São caboclos querendo ser ingleses
São caboclos querendo ser ingleses
A burguesia fede
A burguesia quer ficar rica
Enquanto houver burguesia
Não vai haver poesia
A burguesia não repara na dor
Da vendedora de chicletes
A burguesia só olha pra si
A burguesia só olha pra si
A burguesia é a direita, é a guerra
A burguesia fede
A burguesia quer ficar rica
Enquanto houver burguesia
Não vai haver poesia
As pessoas vão ver que estão sendo
roubadas
Vai haver uma revolução
Ao contrário da de 64
O Brasil é medroso
Vamos pegar o dinheiro roubado da
burguesia
Vamos pra rua
Vamos pra rua
Vamos pra rua
Vamos pra rua
Pra rua, pra rua
Vamos acabar com a burguesia
Vamos dinamitar a burguesia
Vamos pôr a burguesia na cadeia
Numa fazenda de trabalhos forçados
Eu sou burguês, mas eu sou artista
Estou do lado do povo, do povo
A burguesia fede - fede, fede, fede
A burguesia quer ficar rica
Enquanto houver burguesia
Não vai haver poesia
Porcos num chiqueiro
São mais dignos que um burguês
Mas também existe o bom burguês
Que vive do seu trabalho honestamente
Mas este quer construir um país
E não abandoná-lo com uma pasta de
dólares
O bom burguês é como o operário
É o médico que cobra menos pra quem
não tem
E se interessa por seu povo
Em seres humanos vivendo como bichos
Tentando te enforçar na janela do carro
No sinal, no sinal
No sinal, no sinal

A burguesia fede
A burguesia quer ficar rica
Enquanto houver burguesia
Não vai haver poesia

Nabucodonosor

Nabuco foi um cara
Conheci no enterro
Que tinha um cavalo
Um cavalo chamado Agenor
Um cavalo chamado Agenor
Nabuco era matuto
Elegante e astuto
Assim como eu sou
E era também meu avô
E era também meu avô
Nabuco já morreu
Foi para o exterior
E hoje em dia sou eu
O anjo e o sedutor
O anjo e o sedutor
Agora eu acredito
Em reencarnação
E que a morte, baby
Não é assim tão ruim, não
Nabuco me ensinou
A ser louco como eu sou
E meu avô também era
O advogado Agenor

Tudo É Amor

Um homem pode se afobar
E pegar o caminho errado
Homem que é homem volta atrás
Mas não se arrepende de nada
Sabe que a vida é pra lutar
Contra um dragão invisível
Que mata os sonhos mais banais
Que acha que é tudo impossível
Um homem que veio do pó
É o que transforma o pó em ouro
Um homem foi criado só
Mas vive em função do outro
Na natureza onde ele é rei
No universo onde não é nada
Na incerteza e no prazer
Na ilusão de ser amado
Tudo é amor
Mesmo se for por carma
Tudo é amor
Pretensão descarada
Um homem nasce pra cagar
Nas regras desse paraíso
Um homem deve procurar
A fruta que foi proibida
No meio dessa multidão
Na escuridão e na agonia
Poder chamar alguém de irmão
E ter um sono bem tranquilo
Tudo é amor
Mesmo se for por carma
Tudo é amor
Pretensão descarada
Um homem nasce pra brincar
E não pra esculhambar a vida
Um homem nasce pra curar
E cutucar a ferida
Mesmo se for pra transformar
Num inferno um céu conformista
Mesmo se for pra guerrear
Escolha as armas mais bonitas

Garota de Bauru

Eu conheci uma garota em Bauru
Quinze anos de vida e cinco de rebu
Na lanchonete principal era a rainha
Com suas minissaias sem bainha
Os pais choravam
Os irmãos ameaçavam
E ela nem aí, maravilhosa
Gostosa em sua vulgaridade
Feliz com sua sinceridade
A garota de Bauru
Não é um sanduíche
A garota de Bauru
Não é um personagem triste
Gosta de ouvir Lulu Santos
E acha o Cazuza um anjo
Não perde um show do Paralamas
Depois, no hotel, ela entra numas
No dia seguinte chega em casa
Com a maquiagem toda borrada
Toma café e leva porrada
O pai chama de puta
A mãe, que ela é maluca

E a garota de Bauru
 Vai dormir sem culpa
 A garota de Bauru
 A garota de Bauru
 Quando as bandas vão embora
 Volta ao tédio e à velha lanchonete
 Fica um papel com um nome
 Com um nome e a fama de tiete
 A garota de Bauru só quer um futuro
 (futuro)
 Quer ser feliz no mundo grande
 E pra isso tem que ser medíocre
 Tem que ser diferente de uma pizza
 A putinha de Bauru
 A Janis Joplin de Bauru
 Como é linda assim de azul
 Pois nunca vai vestir seu vestido de noiva
 E o véu que esconde a grande guerra
 Nunca, nunca vai casar ou ter filhos
 Porque a garota de Bauru
 Vai fugir e achar a sua família

Eu Agradeço

Eu, eu agradeço, Senhor
 Eu, eu agradeço, Senhor
 Pois me criei
 Esta criança que eu sempre hei de ser
 Por outros seres e desejos
 Vivos nas estrelas
 Por ser um rei
 E não ter que governar a vida
 Agradeço por ter desobedecido
 Por ter cuspidor no teu altar sagrado
 E por saber que nunca vou ter fé
 E vou rir só com um canto da boca
 Eu, eu agradeço, Senhor
 Eu, eu agradeço, Senhor
 Meu coração vai filtrar todo o ódio
 Como um fígado, e vencer o tédio
 E na cabeça a dúvida e o medo
 São os amigos que vão me manter são
 Eu, eu agradeço, Senhor
 Ou, ou, ou o que mais então?
 Se eu vejo a luz e vivo a escuridão
 E não estou pronto pro grande momento
 Se eu vejo a luz e vivo a escuridão
 Agradeço mas não me lamento
 Por negar também a tua presença
 Peço licença pra cantar o amor
 E não esperar jamais a recompensa
 Eu, eu agradeço, Senhor
 Eu, eu agradeço, Senhor

Eu Quero Alguém

Eu quero alguém
 Na areia da praia
 Eu quero alguém
 Que use calça ou saia
 Quero alguém
 É melhor que nada
 Quero alguém
 Pra ter do meu lado
 Pessoa rica
 Pessoa pobre
 Pessoa que ouve
 Pessoa surda
 Fria, bonita
 Suja, cheirosa
 Estou tão só
 Meus pais não me conhecem
 Meus amigos são chatos
 Meu cachorro não me lambe
 Mas eu quero alguém
 Quero alguém
 Eu quero alguém
 Que me dê um cigarro
 Quero alguém
 Que puxe o meu saco
 Quero alguém
 Pra ir no cinema
 Quero alguém
 Não sou exigente
 Quero alguém
 Que seja gentil
 Quero alguém
 Que pareça com gente
 Quero alguém
 Na hora do jantar
 Quero alguém
 No Shopping da Barra
 Pessoa jovem
 Pessoa velha
 Pessoa estranha
 Pessoa santa
 Diabólica, matemática
 Emocionada, despreparada

Estou tão só
 Meus pais não me conhecem
 Meus amigos são chatos
 Meu cachorro não me lambe
 Mas eu quero alguém
 Quero alguém
 Eu quero alguém
 Eu quero alguém
 Eu quero alguém
 Eu quero alguém

Baby Lonest

Baby lonest
 Ninfa do asfalto
 Todo o ocidente nos ombros
 Que a noite defloram dentes
 E depois adormecem
 A vida de alôs e beijos
 Os sábados na cidade
 De Telerj em Telerj
 O amor te deixa em cacos
 Metade da mesada em fichas
 E os corações ocupados
 Não chore, honey, não chore
 Oh, honey, não chore *
 Amanhã tem baby lonest
 Amanhã tem
 Amanhã tem baby lonest
 Amanhã tem **
 Baby lonest
 Olhos injetados
 Nas pernas daquela avenida
 Baby lonest
 Sonho de amor suicida
 Baby lonest
 E os olhos de sangue
 Nas pernas daquela menina
 Nas pernas daquele avenida
 Amanhã tem baby lonest
 Amanhã tem baby lonest
 Amanhã tem
 * Não chore, baby, não chore
 Oh, baby, não chore
 ** Amanhã tem revolution
 Amanhã tem
 Amanhã tem revolution

Como Já Dizia Djavan

Todo dia será um dia de paz
 Pra quem vive a verdade
 Todo fim de tarde será rapaz
 Toda lua será moça
 Todo dia será um dia a mais
 Cheio de sol entre as trevas
 Todo homem será rei na terra
 E não haverá mais guerra
 Pois só quem tem os sonhos mais básicos
 Pode amar e dizer a verdade
 Ipanema é uma sala de estar
 Pro nosso barato hipnótico
 A ponte aérea, o barulho do mar
 E as estrelas ainda vão nos mostrar
 Que o amor não é inviável
 Num mundo inacreditável
 Dois homens apaixonados

Perto do Fogo

Perto do fogo
 Como faziam os hippies
 Perto do fogo
 Como na Idade Média
 Eu quero queimar minha erva
 Eu quero tá perto do fogo
 Quando tudo explodir
 Mas não vai explodir nada
 Vão ficar os homens se olhando
 Dizendo: "O momento está chegando"
 2000, é ano 2000
 E não vai mudar nada
 E não vai mudar nada
 Perto do fogo
 Eu queria tá perto do fogo
 No umbigo d'um furacão
 E no peito, um gavião
 Perto do fogo
 Eu quero tá perto do fogo
 No umbigo de um furacão
 E no peito, um gavião
 No coração da cidade
 Descendendo a liberdade
 Eu quero ser uma flor
 Nos teus cabelos de fogo
 Quero estar no poder
 Eu quero estar perto do fogo

Cobaías de Deus

Se você quer saber como eu me sinto
 Vá a um laboratório ou um labirinto
 Seja atropelado por esse trem da morte
 Vá ver as cobaiais de Deus
 Andando na rua pedindo perdão
 Vá a uma igreja qualquer
 Pois lá se desfazem em sermão
 Me sinto uma cobaia, um rato enorme
 Nas mãos de Deus mulher
 De um Deus de saia
 Cagando e andando
 Vou ver o ET
 Ou vir num cantor de blues
 Em outra encarnação
 Nós, as cobaiais de Deus
 Nós somos cobaiais de Deus
 Nós somos as cobaiais de Deus
 Me tire dessa jaula, irmão, não sou macaco
 Desse hospital maquiavélico
 Meu pai e minha mãe, eu estou com medo
 Porque eles vão deixar a sorte me levar
 Você vai me ajudar, traga a garrafa
 Estou desmilingüido, cara de boi lavado
 Traga uma corda, irmão (irmão, acorda!)
 Nós, as cobaiais, vivemos muito sós
 Por isso, Deus, tem pena, e nos põe na cadeia
 E nos faz cantar, dentro de uma cadeia
 E nos põe numa clínica, e nos faz voar
 Nós, as cobaiais de Deus
 Nós somos cobaiais de Deus
 Nós somos as cobaiais de Deus
 Nós as cobaiais...

Mulher Sem Razão

Saia desta vida de migalhas
 Desses homens que te tratam
 Como um vento que passou
 Caia na realidade, fada
 Olha bem na minha cara
 Me confessa que gostou
 Do meu papo bom
 Do meu jeito são
 Do meu sarro, do meu som
 Dos meus toques pra você mudar
 Mulher sem razão
 Ouve o teu homem
 Ouve o teu coração
 No final da tarde
 Ouve aquela canção
 Que não toca no rádio
 Pára de fingir que não repara
 Nas verdades que eu te falo
 Dá um pouco de atenção
 Parta, pegue um avião, reparta
 Sonhar só não tá com nada
 É uma festa na prisão
 Nosso tempo é bom
 Temos de montão
 Deixa eu te levar então
 Pra onde eu sei que a gente vai brilhar
 Mulher sem razão
 Ouve o teu homem
 Ouve o teu coração
 Batendo travado
 Por ninguém e por nada
 Na escuridão do quarto
 Na escuridão do quarto

Quase um Segundo

Eu queria ver no escuro do mundo
 Aonde está o que você quer
 Pra me transformar no que te agrada
 No que me faça ver
 Quais são as cores e as coisas pra te prender
 Eu tive um sonho ruim e acordei chorando
 Por isso eu te liguei
 Será que você ainda pensa em mim?
 Será que você ainda pensa?
 Às vezes te odeio por quase um segundo
 Depois te amo mais
 Teus pêlos, teu gosto, teu rosto, tudo
 Tudo que não me deixa em paz
 Quais são as cores e as coisas pra te prender?
 Eu tive um sonho ruim e acordei chorando
 Por isso eu te liguei
 Será que você ainda pensa em mim?
 Será que você ainda pensa?

Filho Único

Você me quer?
 Você cuida de mim?
 Mesmo que eu seja uma pessoa egoísta e ruim?
 Você me aceita
 E me dá a receita
 De como conviver com um monstro mesquinho e careta?
 Você me respeita
 Não grita comigo
 Mesmo que eu tente tudo pra te irritar
 Você tem que entender
 Que eu sou filho único
 Que os filhos únicos são seres infelizes
 Eu tento mudar
 Eu tento provar que me importo com os outros
 Mas é tudo mentira (tudo mentira)
 Estou na mais completa solidão
 Do ser que é amado e não ama
 Me ajude a conhecer a verdade
 A respeitar meus irmãos
 E a amar quem me ama

Preconceito

Por que você me olha com esses olhos de loucura?
 Por que você diz meu nome?
 Por que você me procura?
 Se as nossas vidas juntas não ter sempre um triste fim
 Se existe um preconceito muito forte separando você de mim
 Pra que este beijo agora?
 Por que me amor este abraço?
 Um dia você vai embora sem sofrer os tormentos que eu passo
 De que vale sonhar no minuto se a verdade da vida é ruim?
 Se existe um preconceito muito forte separando você de mim

Esse Cara

Ah, esse cara tem me consumido
 A mim e a tudo que eu quis
 Com seus olhinhos infantis
 Com os olhos de um bandido
 Ah, esse cara tem me consumido
 A mim e a tudo que eu quis
 Com seus olhinhos infantis
 Com os olhos de um bandido
 Ele está na minha vida porque quer
 Eu estou para o que der e vier
 Ele chega ao anoitecer
 Quando vem a madrugada
 Ele some
 Ele é quem quer
 Ele é um homem e eu sou apenas uma mulher

Azul e Amarelo

Anjo bom, anjo mau
 Anjos existem
 E são meus inimigos
 E são amigos meus
 E as fadas
 As fadas também existem
 São minhas namoradas
 Me beijam pela manhã
 Gnomos existem
 E são minha escolta
 Anjos, gnomos
 Amigos e amigos
 Tudo é possível
 Outra vida futura, passada
 Viagens, viagens
 Mas existem também drogas pra dormir
 E ver os perigos no meio do mar
 No sono pesado, tudo meio drogado
 Existem pessoas turvas, pessoas que gostam
 E eu tô de azul e amarelo
 De azul e amarelo
 Senhores deuses, me protejam
 De tanta mágoa
 Tô pronto para ir ao teu encontro
 Mas não quero, não vou, não quero
 Não quero, não vou, não quero

Cartão Postal

Pra que sofrer com despedida
 Se quem parte não leva
 Nem o sol, nem as trevas
 E quem fica não se esquece tudo que

sonhou
 I know
 Tudo é tão simples que cabe num cartão postal
 E se a história é de amor
 Não pode acabar mal
 O adeus traz a esperança escondida
 Pra que sofrer com despedida?
 Se só vai quem chegou
 E quem vem vai, vai partir
 Você sofre, se lamenta
 Depois vai dormir
 Sabe
 Alguém quando parte é por que outro alguém vai chegar
 Num raio de lua, na esquina, no vento ou no mar
 Pra que querer ensinar a vida?
 Pra que sofrer?
 Baby só vai quem chegou
 E que vem vai partir
 Você sofre, se lamenta
 Depois vai dormir
 Sabe
 Alguém quando parte é por que outro alguém vai chegar
 Num raio de lua, na esquina, no vento ou no mar
 Pra que querer ensinar a vida?
 Pra que sofrer com despedida?

Manhatã

Cheguei aqui num pé de vento
 Já tenho carro e apartamento
 Sou brasileiro mandingueiro
 Tô aqui pelo dinheiro
 Virei chicano, índio americano
 Blusão de couro, os States são meus
 Agora eu vivo no dentista
 Como um bom capitalista
 Só tenho visto de turista
 Mas sou tratado como artista
 E até garçon me chama de sir
 Oh! Baby, baby, só vendo pra crer
 Eu andando pela neve
 Em pleno Central Park
 Com as estrelas do cinema
 Faço cenas no metrô
 Com meus tênis All Star
 Deixando as louras loucas
 Com meu latin style
 Não sou mais paraíba
 Sou South American
 Aqui em Manhatã
 Aqui em Manhatã
 E quando a saudade aumenta
 Descolo um feijão com pimenta
 E um Hollywood no chinês
 Lá na Rua 46
 Virei chicano, índio americano
 Blusão de couro, os States são meus
 Eu fumando um baseado
 Em frente a um policial
 Aqui tudo é tão liberal
 Vou xingando em português
 Depois, gasto o meu inglês
 Deixando as louras loucas
 Com meu baticuléle
 Não sou mais paraíba
 Sou South American
 Aqui em Manhatã
 Aqui em Manhatã

Bruma

Existe a bruma
 Nas noites de sábado
 E a correria
 Dos casais que se encontram
 Bruma é umidade
 E sexo também
 Então a bruma
 É o que não se pode ver
 Sem o requinte da tristeza
 A vida sem bruma
 Não é vida humana
 A tarde sem bruma, ao luar
 Por exemplo, um casal de namorados no sol
 A garganta seca na praia
 A praia da bruma
 A praia da bruma
 Hoje é um dia
 Um dia de bruma
 Bruma, bruma, bruma, bruma
 Brahma gelada

Cheirem a bruma
 No melhor sentido
 Bocejem a bruma
 Comam a bruma
 É a melhor coisa do mundo

Quando Eu Estiver Cantando

Tem gente que recebe Deus quando canta
 Tem gente que canta procurando Deus
 Eu sou assim com a minha voz desafinada
 Peço a Deus que me perdoe no camarim
 Eu sou assim
 Canto pra me mostrar
 De besta
 Ah, de besta
 Quando eu estiver cantando
 Não se aproxime
 Quando eu estiver cantando
 Fique em silêncio
 Quando eu estiver cantando
 Não cante comigo
 Porque eu só canto só
 E o meu canto é a minha solidão
 É a minha salvação
 Porque o meu canto redime o meu lado mau
 Porque o meu canto é pra quem me ama
 Me ama, me ama
 Quando eu estiver cantando
 Não se aproxime
 Quando eu estiver cantando
 Fique em silêncio
 Quando eu estiver cantando
 Não cante comigo
 Quando eu estiver cantando
 Fique em silêncio
 Porque o meu canto é a minha solidão
 É a minha salvação
 Porque o meu canto é o que me mantém vivo
 É o que me mantém vivo

ENGENHEIROS DO HAWAII**Longe demais das capitais (1986)****Toda Forma De Poder**

Eu presto atenção no que eles dizem,
 mas eles não dizem nada.
 (Yeah, yeah)
 Fidel e Pinochet tiram sarro de você que não faz nada.
 (Yeah, yeah)
 E eu começo começo a achar normal que algum boçal atire bombas na embaixada.
 (Yeah yeah, Uoh, Uoh)
 Se tudo passa, talvez você passe por aqui
 E me faça esquecer tudo que eu vi
 Se tudo passa, talvez você passe por aqui
 E me faça esquecer...
 Toda forma de poder é uma forma de morrer por nada.
 (Yeah, Yeah)
 Toda forma de conduta se transforma numa luta armada.
 (Uoh Uoh)
 A história se repete mas a força deixa a história mal contada...
 Se tudo passa, talvez você passe por aqui
 E me faça esquecer tudo que eu vi
 Se tudo passa, talvez você passe por aqui
 E me faça esquecer...
 E o fascismo é fascinante deixa a gente ignorante e fascinada.

É tão fácil ir adiante e se esquecer que a coisa toda tá errada.
 Eu presto atenção no que eles dizem mas eles não dizem nada.
 Se tudo passa, talvez você passe por aqui
 E me faça esquecer tudo que eu vi
 Se tudo passa, talvez você passe por aqui
 E me faça esquecer...
 Se tudo passa, talvez você passe por aqui
 E me faça esquecer tudo que eu vi
 Se tudo passa, talvez você passe por aqui
 E me faça esquecer...
 (Yeah Yeah Uoh)...

Segurança

Você precisa de alguém que te dê segurança
 Senão você dança, senão você dança
 Ele era forte e tinha um Escort
 Parecia um galã, usando óculos "Ray-Ban"
 (Don Juan)
 Corria em Tarumã, combateu no Vietnã
 (ra ta ta ta)
 Vestia "Yves Saint-Laurent"
 (Pierre Cardin)
 Você precisa de alguém que te dê segurança
 Senão você dança, senão você dança
 Ele era o tal, um cara tão legal, fascinava você
 Tinha um Puma-GT com vidro fumê
 Tinha sauna no ap, só pra você ver (pode crer)
 Lutava karatê como nos filmes da TV
 Você precisa de alguém que te dê segurança
 Senão você dança, senão você dança
 E o que mais impressiona é que tudo nasceu
 Numa carona que ele te deu
 O que mais me emociona é que tudo se deu
 No banco traseiro de um Alfa Romeo
 Você precisa de alguém que te dê segurança
 Senão você dança, senão você dança

Eu Ligo Pra Você

Eu vivia esperando a vida aparecer no Jornal Nacional
 Com o olhar preso no vídeo, eu esperava o suicídio de algum boçal
 Você apareceu e disse:
 "Cara, eu prefiro outros canais"
 Você apareceu com sua cara em todos os comerciais
 Eu ligo a TV, desligo a TV e ligo pra você
 Eu digo que consigo, mas não consigo te esquecer
 Você aparecia em filmes classe "C", em filmes tão banais
 Você aparecia e desaparecia e eu já não te via mais
 Eu te perseguia, mexendo na antena, Mudando o canal
 Você sempre fugia, não sentia pena, Me deixava muito mal
 Eu ligo a TV, desligo a TV e ligo pra você
 Eu digo que consigo, mas não consigo te esquecer
 Eu preciso te ver, eu preciso te ver
 Eu preciso do teu sorriso
 Você sabe que eu preciso
 Eu preciso te ver, eu preciso te ver
 Eu preciso do teu sorriso
 Você sabe que eu preciso

Nossas Vidas

A gente faz de tudo
 Mas nada faz sentido
 Nem as luzes da cidade
 Nem o escuro de um abrigo
 A gente faz de tudo
 Mas nada faz sentido
 Nem a existência de uma guerra
 Nem a violência do inimigo
 Não posso entender o que fizeram com nossas vidas
 Não posso entender por que viramos suicidas
 Oh! Oh! "O que fizeram com nossas vidas?"
 Oh! Oh! "Por que viramos suicidas?"
 Eu ando tão vazio, tão cheio de vícios
 E o fim da linha, é só o início

De uma nova linha, de um novo mundo
 De um dia-a-dia cada vez mais absurdo
 Eu já pensei em mandar tudo pro espaço
 Eu já pensei em mandar tudo pro inferno
 Mas não pensei que fosse tão difícil
 Ficar sozinho numa noite de inverno
 Não posso entender o que fizeram com nossas vidas
 Não posso entender por que viramos suicidas
 Oh! Oh! "O que fizeram com nossas vidas?"
 Oh! Oh! "Por que viramos suicidas?"

Fé Nenhuma

Não levo fé nenhuma em nada!
 Não levo fé nenhuma em nada!
 Mas ninguém tem o direito
 De me achar reacionário
 Não acredito no teu jeito
 Revolucionário
 Eu sei que você acredita
 Nas notícias do jornal
 Mas tudo isso me irrita
 Me enjoa e me faz mal
 Por incrível que pareça
 Teu discurso é tão seguro
 Talvez você esqueça:
 Você também não tem futuro
 Não levo fé nenhuma em nada!
 Não levo fé nenhuma em nada!
 Você quer me pôr no agito
 No movimento estudantil
 Mas eu não acredito
 No futuro do Brasil
 Eu não vou morrer de fome
 Eu não vou morrer de tédio
 Eu não vou morrer pensando
 Qual seria o remédio
 Sei de cor seus comentários
 Sobre o mal da alienação
 Mas eu não vivo de salário
 Eu não vivo de ilusão
 Não levo fé nenhuma em nada!

Beijos Pra Torcida

quando eu abro a janela
 quando eu abro o jornal
 eu vejo a cara dela:
 a terceira guerra mundial
 jogam bombas em nova iorque
 jogam bombas em moscou
 como se jogassem beijos pra torcida
 depois de marcar um gol
 falam tanto sobre guerra e paz
 mas tanto faz falar ou não
 todas as bombas e os generais
 são restos mortais da civilização
 rebeldes sem rebeldia
 viciados em anestesia
 fantasmas sem fantasia
 gripados na guerra fria
 pão e circo, que pé no saco
 quem não fica frio, fica fraco
 procuro entender qualé a desses caras
 procuro um cigarro no bolso do casaco
 em todo lugar, um pedaço do fim
 um furo de bala, um muro de Berlim
 muito sangue sai da tela do drive-in:
 um filme de guerra, um filme sem fim

Todo Mundo É Uma Ilha

Não me leve a sério, não me leve a mal
 me leve para casa
 Eu sou um bom rapaz, eu só bebi demais
 preciso ir pra casa
 Você me procurou, eu procurei dizer
 que não valia a pena
 Você não escutou, você me acusou
 de estar fazendo cena
 Não me leve a mal, mas eu não tô legal
 quero ficar sozinho
 Eu sou um bom rapaz, mas eu não sou capaz
 de seguir o teu caminho
 Você não sabe o que eu sinto
 Você não sabe quem eu sou
 A gente entrou num labirinto
 Eu dancei, você dançou
 Agora é tarde, já não tem mais jeito
 já não tem saída
 No fim das contas, a gente faz de conta
 que isso faz parte da vida
 Eu cá..., você caiu..., numa armadilha
 A gente tenta esquecer
 que todo mundo é uma ilha

Agora já é noite, já não faz sentido
 ficar se iludindo
 No fim das contas a gente faz de conta
 que o mundo não tá caindo
 Eu dancei, você dançou...

Longe Demais das Capitais

suave é a noite
 é a noite que eu saio
 pra conhecer a cidade
 e me perder por aí
 nossa cidade é muito grande
 e tão pequena
 tão distante do horizonte
 do país
 eu sempre quis viver no velho mundo
 na velha forma de viver
 o 3º sexo, a 3ª guerra, o 3º mundo
 são tão difíceis de entender
 suave é cidade
 pra quem gosta da cidade
 pra quem tem necessidade de se esconder
 nossa cidade é tão pequena
 e tão ingênuas
 estamos longe demais
 das capitais
 longe demais das capitais
 longe demais das capitais
 eu sempre quis viver no Velho Mundo
 na velha forma de viver
 o 3º sexo, a 3ª guerra, o 3º mundo
 são tão difíceis de entender
 o 3º sexo, a 3ª guerra, o 3º mundo

Sweet Begônia

Você diz que eu sou louco
 Eu digo: "Louca é você"
 Você diz que eu tenho pouco,
 Quase nada a oferecer
 Tudo que eu faço
 Você diz que tá errado
 Você me acha um fracasso,
 Eu não acho isso engraçado
 Mais uma pergunta fica sem resposta
 Mais uma proposta pra gente ficar junto
 Você muda de assunto e eu te pergunto
 por quê?
 Eu te pergunto por quê?
 Eu te pergunto por quê?
 Eu não te entendo
 Mas já dependo de ti
 Eu não te esqueço
 Mas nem teu endereço eu consegui
 Eu te procuro
 Tá tão escuro aqui
 Eu fico confuso
 Eu entro em parafuso
 Mais uma pergunta fica sem resposta
 Mais uma proposta pra gente ficar junto
 Você muda de assunto e eu te pergunto
 por quê?
 Eu te pergunto por quê?

Nada a Ver

Um cão sem dono, uma árvore no outono
 O nono mês de gravidez
 Eu perco o sono, ao som de Yoko Ono
 E telefone pra vocês
 Às vezes eu acordo assustado
 (A gente não tem nada a ver)
 Mas quando eu te vejo do meu lado
 (A gente não tem nada a perder)
 De dia eu não te vejo nem desejo
 Eu vejo que não dá
 (A gente não tem nada a ver)
 Toda a noite, a noite inteira, eu penso em ti
 Eu penso em te encontrar
 (A gente não tem nada a perder)
 Nada a ver, nada a perder,
 Nada a fazer, nada não...
 Sinto tanto, sinto muito, no meu canto,
 Enquanto a noite cai
 (A gente não tem nada a ver)
 Sinto saudade, é verdade, nunca é tarde,
 Enquanto a chuva cai
 (A gente não tem nada a perder)
 Eu fico sem saber o que fazer, o que vai ser
 Amanhã de manhã
 (A gente não tem nada a ver)
 Eu sonho com elegância, arrogância,
 Extravagância do Duran Duran
 (A gente não tem nada a perder)

Nada a ver, nada a perder,
Nada a fazer, nada não...
Às vezes eu acordo assustado!
Às vezes eu acordo do teu lado!
Às vezes eu fico acordado!
Às vezes eu te vejo...
Às vezes eu te beijo...
Às vezes eu te desejo...
Às vezes eu...
Nada a ver, nada a perder,

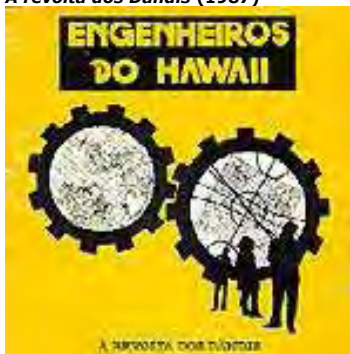
Crônica

já não passa nenhum carro por aqui
já não passa nenhum filme na TV
você enrola outro cigarro por aí
e não dá bola pro que vai acontecer
mais um pouco e mais um século termina
mais um louco pede troco na esquina
tudo isso já faz parte da rotina
e a rotina já faz parte de você
você que tem idéias tão modernas
é o mesmo homem que vivia nas
cavernas
todo mundo já tomou a coca-cola
a coca-cola já tomou conta da china
todo cara luta por uma menina
e a palestina luta pra sobreviver
a cidade, cada vez mais violenta
(tipo Chicago nos anos quarenta)
e você, cada vez mais violento
no seu apartamento ninguém fala com
você
você que tem idéias tão modernas
é o mesmo homem que vivia nas
cavernas

Sopa de Letrinhas

O nosso amor é nazi-fascista
Você se esconde e eu sigo sua pista
Eu fico sozinho mas eu fico em paz
Eu volto pra casa você volta atrás
O nosso amor é medieval
É como uma pedra em piso
de catedral
Ontem a noite eu tive um sonho
exótico
Nós dois por aí transando sexo gótico
Eu fico sozinho
Teu beijo me arranha
Um estranho no ninho
Ninguém estranha
O nosso amor é uma abobrinha
Eu escrevo o teu nome numa sopa
de letrinhas
Eu fico sonhando em ser astronauta
Eu olho pra lua, eu sinto tua falta
O nosso amor é pós-moderno
Eu quero que você se aqueça nesse
inverno
Eu tenho andado aéreo como tropas
minhas
no ataque
Fim de noite fim do mundo lá no fundo
do conhaque
Eu fico sozinho
Teu beijo me arranha
Um estranho no ninho
Ninguém estranha
O nosso amor é nazi-fascista
Eu tento fugir você me conquista
Eu fico sozinho mas eu fico em paz
Eu volto pra casa e você volta atrás
Eu fico sozinho
Teu beijo me arranha
Um estranho no ninho

ENGENHEIROS DO HAWAII **A revolta dos Dândis (1987)**



A Revolta Dos Dândis

Entre um rosto e um retrato, o real e o
abstrato
Entre a loucura e a lucidez,
Entre o uniforme e a nudez
Entre o fim do mundo e o fim do mês
Entre a verdade e o rock inglês
Entre os outros e vocês
Eu me sinto um estrangeiro
Passageiro de algum trem
Que não passa por aqui
Que não passa de ilusão
Entre gritos e gemidos, entre mortos e
feridos
(a mentira e a verdade, a solidão e a
cidade)
Entre um copo e outro da mesma bebida
Entre tantos corpos com a mesma ferida
Eu me sinto um estrangeiro
Passageiro de algum trem
Que não passa por aqui
Que não passa de ilusão
Entre americanos e soviéticos, gregos e
troianos
Entra ano e sai ano, sempre os mesmos
planos
Entre a minha boca e a tua, há tanto
tempo, há tantos planos
Mas eu nunca sei pra onde vamos
Eu me sinto um estrangeiro
Passageiro de algum trem
Que não passa por aqui
Que não passa de ilusão

Terra De Gigantes

Hey mãe!
Eu tenho uma guitarra elétrica
Durante muito tempo isso foi tudo
Que eu queria ter
Mas, hey mãe!
Alguma coisa ficou pra trás
Antigamente eu sabia exatamente o que
fazer
Hey mãe!
Tenho uns amigos tocando comigo
Eles são legais, além do mais,
Não querem nem saber
Que agora, lá fora,
O mundo todo é uma ilha
A milhas e milhas e milhas de qualquer
lugar
Nessa terra de gigantes
Que trocam vidas por diamantes
A juventude é uma banda
Numa propaganda de refrigerantes
As revistas
As revoltas
As conquistas da juventude
São heranças
São motivos
Pr'as mudanças de atitude
Os discos
As danças
Os riscos da juventude
A cara limpa
A roupa suja
Esperando que o tempo mude
Nessa terra de gigantes
(tudo isso já foi dito antes)
A juventude é uma banda
Numa propaganda de refrigerantes
Hey mãe!
Eu já não esquento a cabeça
Durante muito tempo isso era

Só o que eu podia fazer
Mas, hey mãe!
Por mais que a gente cresça
Há sempre alguma coisas que a gente
Não consegue entender
Por isso
Só me acorda quando o sol tiver se posto
Eu não quero ver meu rosto
Antes de anoitecer
Pois agora lá fora
todo mundo é uma ilha
A milhas e milhas e milhas...
Nessa terra de gigantes
Que trocam vidas por diamantes
A juventude é uma banda
Numa propaganda de refrigerantes

Infinita Highway

Você me faz correr demais
Os riscos desta highway
Você me faz correr atrás
Do horizonte desta highway
Ninguém por perto, silêncio no deserto
Deserta highway
Estamos sós e nenhum de nós
Sabe exatamente onde vai parar
Mas não precisamos saber pra onde
vamos
Nós só precisamos ir
Não queremos ter o que não temos
Nós só queremos viver
Sem motivos, nem objetivos
Estamos vivos e isto é tudo
É sobretudo a lei
Da infinita highway
Quando eu vivia e morria na cidade
Eu não tinha nada, nada a temer
Mas eu tinha medo, medo dessa estrada
Olhe só, veja você
Quando eu vivia e morria na cidade
Eu tinha de tudo, tudo ao meu redor
Mas tudo que eu sentia era que algo me
faltava
E à noite eu acordava banhado em suor
Não queremos lembrar o que esquecemos
Nós só queremos viver
Não queremos aprender o que sabemos
Não queremos nem saber
Sem motivos, nem objetivos
Estamos vivos e é só
Só obedecemos a lei
Da infinita highway
Escute, garota, o vento canta uma canção
Dessas que uma banda nunca canta sem
razão
Me diga, garota: será a estrada uma
prisão?
Eu acho que sim, você finge que não
Mas nem por isso ficaremos parados
Com a cabeça nas nuvens e os pés no
chão
"Tudo bem, garota, não adianta mesmo
ser livre"
Se tanta gente vive sem ter como viver
Estamos sós e nenhum de nós
Sabe onde quer chegar
Estamos vivos, sem motivos
Que motivos temos pra estar?
Atrás de palavras escondidas
Nas entrelinhas do horizonte dessa
highway
Silenciosa highway
Eu vejo um horizonte trêmulo
Eu tenho os olhos úmidos
Eu posso estar completamente enganado
Eu posso estar correndo pro lado errado
Mas "a dúvida é o preço da pureza"
É inútil ter certeza
Eu vejo as placas dizendo
"não corra, não morra, não fume"
Eu vejo as placas cortando o horizonte
Elas parecem facas de dois gumes
Minha vida é tão confusa quanto a
América Central
Por isso não me acuse de ser irracional
Escute, garota, façamos um trato:
Você desliga o telefone se eu ficar muito
abstrato
Eu posso ser um Beatle, um beatnik
Ou um bitolado
Mas eu não sou ator
Eu não tô à toa do teu lado
Por isso, garota, façamos um pacto
De não usar a highway pra causar
impacto

Cento e dez, cento e vinte
Cento e sessenta
Só pra ver até quando o motor agüenta
Na boca, em vez de um beijo,
Um chiclet de menta
E a sombra do sorriso que eu deixei
Numa das curvas da highway

Refrão De Bolero

Eu que falei sem pensar
Agora me arrependo roendo as unhas
Frágeis testemunhas
De um crime sem perdão
Mas eu falei nem pensar
Coração na mão
Como um refrão de um bolero
Eu fui sincero como não se pode ser
E um erro assim, tão vulgar
Nos persegue a noite inteira
E quando acaba a bebedeira
Ele consegue nos achar num bar
Com um vinho barato
Um cigarro no cinzeiro
E uma cara embriagada
No espelho do banheiro
Teus lábios são labirintos
Que atraem os meus instintos mais sacanas
O teu olhar sempre distante sempre me engana
Eu entro sempre na tua dança de cigana
Eu que falei nem pensar
Agora me arrependo roendo as unhas
Frágeis testemunhas
De um crime sem perdão
Mas eu falei sem pensar
Coração na mão
Como o refrão de um bolero
Eu fui sincero, eu fui sincero
Teus lábios são labirintos
Que atraem os meus instintos mais sacanas
O teu olhar sempre me engana
É o fim do mundo todo dia da semana

Filmes de Guerra, Canções de Amor

os dias parecem séculos
quando a gente anda em círculos
seguindo ideais ridículos
de querer, lutar & poder
as roupas na lavanderia...
o analista passeando na Europa...
as encomendas na Bolívia...
nas fotos um sorriso idiota
os dias parecem séculos
e se parecem uns com os outros
como enfermeiras em filmes de guerra
e violinos em canções de amor
a seguir cenas obscenas
do próximo capítulo
é só virar a página
e o futuro virá...
filmes de guerra, canções de amor
manchetes de jornal, ou seja lá o que for
há sempre uma estória infeliz
esperando uma atriz e um ator
há vida na terra, há rumores no ar
dizendo que tudo vai acabar
(mais uma estória infeliz
esperando um ator e uma atriz)
não tenho medo de perder a guerra
pois no fim da guerra todos perdem
no fim das contas as nações unidas
"tão sempre prontas pra desunião
não tenho medo de perder você
desde o início eu sabia
era só questão de dias
um dia iria acontecer
preciso beber qualquer coisa
não me lembre que eu não bebo
o que só nós dois sabemos
nós sabemos que é segredo
há um guarda em cada esquina
esperando o sinal
pra transformar um banho de piscina
numa batalha naval
agora sinto um medo infantil
mas na hora certa afundaremos o navio
então dê um copo de aguardente
para um corpo sentindo frio
preciso beber qualquer coisa
você sabe que eu preciso
e o que só nós dois sabemos
já não é mais segredo
se alguém, seja lá quem for
tiver que morrer, na guerra ou no amor,

não me peça pra entender
não me peça pra esquecer
não me peça para entender
não me peça pra escolher
entre o fio ciumento da navalha
e o frio de um campo de batalha
chegamos ao fim do dia
chegamos, quem diria?
ninguém é bastante lúcido
pra andar tão rápido
chegamos ao fim do século
voltamos enfim ao início
quando se anda em círculos
nunca se é bastante rápido

A Revolta dos Dândis II

Já não vejo diferença entre os dedos e os anéis
Já não vejo diferença entre a crença e os fiéis
Tudo é igual quando se pensa
Em como tudo deveria ser
Há tão pouca diferença e há tanta coisa a fazer
Esquerda & direita, direitos & deveres,
Os 3 patetas, os 3 poderes
Ascensão & queda, são dois lados da mesma moeda
Tudo é igual quando se pensa
Em como tudo poderia ser
Há tão pouca diferença e há tanta coisa a fazer
Nossos sonhos são os mesmos há muito tempo
Mas não há mais muito tempo pra sonhar
Pensei que houvesse um muro
Entre o lado claro e o lado escuro
Pensei que houvesse diferença
Entre gritos e sussurros
Mas foi um engano, foi tudo em vão
Já não há mais diferença entre a raiva e a razão
Esquerda & direita, direitos & deveres,
Os 3 porquinhos, os 3 poderes
Ascensão & queda, são dois lados da mesma moeda
Tudo é igual quando se pensa
Em como tudo deveria ser
Há tantos sonhos a sonhar, há tantas vidas a viver
Nossos sonhos são os mesmos há muito tempo
Mas não há mais muito tempo pra sonhar

Além dos Outdoors

No ar da nossa aldeia
Há rádio, cinema & televisão
Mas o sangue só corre nas veias
Por pura falta de opção
As aranhas não tecem suas teias
Por loucura ou por paixão
Se o sangue ainda corre nas veias
é por pura falta de opção
No céu, além de nuvens
Há sexo, drogas & talk-shows
Mas coisas mudam de nome
Mas continuam sendo religiões
No dia-a-dia da nossa aldeia
Há infelizes enfiados de informação
As coisas mudam de nome
Mas continuam sendo o que sempre serão
Você sabe,
O que eu quero dizer não tá escrito nos outdoors
Por mais que a gente cante
O silêncio é sempre maior
Você sabe
O que eu quero dizer não tá escrito nos outdoors
Por mais que a gente grite
O silêncio é sempre maior
No ar da nossa aldeia
Há mais do que poluição
Há poucos que já foram
E muitos que nunca serão
As aranhas não tecem suas teias
Por loucura ou por paixão
Se o sangue ainda corre nas veias
É por pura falta de opção
Você sabe,
O que eu quero dizer não tá escrito nos outdoors
Por mais que a gente cante
O silêncio é sempre maior

Você sabe,
O que eu quero dizer não cabe na canção
Por pura falta de opção
Púrpura é a cor do coração, o coração
Você sabe,
Nunca foi dito num talk-show
Por mais que a gente cante
O silêncio, o silêncio, o silêncio, o silêncio...

Vozes

Se você ouviu
As vozes que ouço à noite
Acharia tudo que eu faço natural (normal)
Se você sentisse
O medo que eu sinto do escuro
Se você soubesse
O mal que o sol me faz
Não me pediria pra repetir
Revoltas banais das quais eu já me esqueci
Se você ouviu
As vozes que ouço à noite
As vezes me assustam
Outras vezes me atraem
Se você sofresse
Tanto quanto eu sofro com a solidão
Se você soubesse
O quanto eu preciso da solidão
Não me pediria pra repetir
Frases banais das quais já me arrependi
Duas pessoas são duas verdades
E, na verdade, são dois mundos
A cada segundo, o pânico aumenta
E uma sombra arrebenta a porta dos fundos
Se você sofresse tanto quanto eu sofro com a solidão
E precisasse tanto quanto eu preciso da solidão
Não me pediria pra repetir
Gestos banais dos iguais aos que eu não fiz

Quem Tem Pressa Não se Interessa

Quando você me olha
com seu olhar tranqüilo
Sempre diz que falta algo
ou isto ou aquilo
você não entende
e se surpreende
seu olhar já não está tranqüilo
mas quem tem pressa
não se interessa
por questões de estilo
(questões de estilo)
as vozes oficiais dizem:
"quem sabe..."
dizem: "talvez..."
enquanto os vídeos e as revistas
mostram imagens sem nitidez
você se espanta:
"há tanta coisa nos jornais!"
mas quem tem pressa
não se interessa
em andar rápido demais
(rápido demais)
eles têm razão
mas a razão é só que eles têm
a lâmina ilumina a mão
a lâmpada cria a escuridão
há muita grana atrás de uma canção
ninguém se engana com uma canção
o tempo todo que nos gera também gera
generais
o tempo nunca espera que cheguem os comerciais
(os comerciais)
nas veias abertas
da América, menina
um mar vermelho de sangue
leva navios piratas,
negociatas, concordatas,
candidatos democratas,
sucos e sucatas
ternos e gravatas
secando cataratas e lavando as mãos
dando a impressão de que
na areia movediça nada se desperdiça

Desde Aquele Dia

Desd'aquele dia
Nada me sacia
Minha vida tá vazia
Desd'aquela dia
Parece que foi ontem

Parece que chovia
Um rosto apareceu
(Uma heroína)
O rosto era o seu
(Seu rosto de menina)
Parece que foi ontem
Parece que chovia
Desd'aquele dia
Minhas noites são iguais
Se eu não vou à luta
Eu não tenho paz
Se eu não faço guerra
Eu não tenho mais paz
Não agüento mais
Um dia mais, um dia a menos
São fatais
Pra quem tem sonhos pequenos
Sonhos tão pequenos
Que nunca têm fim
Eu só queria saber
O que você foi fazer no meu caminho
Eu não consigo entender
Não consigo mais viver sozinho

Guardas da Fronteira

Antes de atirar o vaso na TV
Eu ouvi o que ela dizia
"Quando não houver mais amanhã
Será um belo dia"
Estranha coisa pra se dizer
Antes de dizer os números da loteria
Mas é assim que eles fazem
E fazem muito bem
E nós não fazemos nada, nada, nada
Nada além
Além do mito
Que limita o infinito
E da cegueira
Dos guardas da fronteira
Além do mito que limita o infinito
E da cegueira
Dos guardas da fronteira
Antes de atirar minha TV pela janela
Eu ouvi o que ela dizia
"Quando não houver mais ninguém
Será um belo dia"
Estranha coisa pra se dizer
Antes de vender mais mercadoria
Mas é assim o mundo que nos cerca
Nos cerca muito bem
E as crises e cicatrizes
Não nos deixam ir além
Além do mito
Que limita o infinito
E da cegueira
Das barreiras das fronteiras
Falado:
Foi então que eu resolvi jogar
As cartas na mesa e o vaso pela janela
Só pra ver o que acontece na vida
Quando alguém faz o que quer com ela
Acontece que eu não tenho escolha
Por isso mesmo é que eu sou livre
Não sou eu o mentiroso
Foi Sartre quem escreveu o livro
Não sou afim de violência
Mas paciência tem limite
Além do mito que limita o infinito
Além do dia-a-dia
Que esvazia a fantasia
Além do mito que limita o infinito
Além do dia-a-dia

ENGENHEIROS DO HAWAII

Ouçã o que eu digo não ouça ninguém (1988)



Ouçã O Que Eu Digo, Não Ouça Ninguém

Tantas pessoas
Paradas na esquina
Assistindo a cena:
Pele morena,
Vendendo jornais
Vendendo muito mais
Do que queria vender
Vozes à toa
Ecos na esquina
Narrando a cena:
Criança pequena
Cheirando cola
Beijando a sola
Dos sapatos
E o que nos devem
Queremos de dobro
Queremos em dólar
O que nos devem
Queremos em dobro
Queremos agora
Se te disseram pra não virar a mesa
Se te disseram que o ataque é a pior
defesa
Se te imploraram pra esperar a
sobremesa
Ouça o que eu digo: não ouça ninguém
Ouça o que eu digo: não ouça ninguém
Ouça o que eu digo: não ouça ninguém
Ouça o que eu digo: não ouça ninguém
Se te disseram pra não virar a mesa
Se te disseram que o ataque é a pior
defesa
Ouça o que eu digo: não ouça ninguém
Ouça o que eu digo: não ouça ninguém

Cidade em Chamas

As chances estão contra nós
Mas nós estamos por aí
A fim de sobreviver
Como um avião sobrevoa
A cidade em chamas
A cidade em chamas
No meio da confusão
Andando sem direção
A fim de sobreviver
Só pra ver como brilha
A cidade em chamas
A cidade em chamas
Se o que eu digo
Não faz sentido
Não faz sentido, ficar ouvindo
Mas o que eu digo
Não é mentira
Não faz sentido
Ficar mentindo
Enquanto as bombas caem do avião
Deixando de recordação
Da cidade em chamas
A cidade em chamas
Já ouvimos esta estória
Sabemos como acaba
Acontece quase tudo
Não muda quase nada
Já vimos este filme
Sabemos como acaba
Explodem quase tudo
Não sobra quase nada
Então, só resta uma solução
Sair no meio da sessão
Pra ver
A cidade em chamas
A cidade em chamas
As chances estão contra nós
Mas nós estamos por aí
A fim de sobreviver
No meio da confusão
Andando sem direção
A fim de sobreviver
Enquanto as bombas caem do avião
Deixando de recordação
A cidade em chamas
A cidade em chamas
Não basta ter coragem
É preciso estar sozinho
É preciso trair tudo
E trazer a solidão
Eu sei que eles tem razão
Mas a razão é só o que eles tem
?quantas bocas se fecharão
Quando a bomba beijar o chão
Da cidade em chamas?
Da cidade em chamas...
As chances estão contra nós
Mas nós estamos por aí

A fim de sobreviver
Como um avião sobrevoa
A cidade em chamas

Somos Quem Podemos Ser

Um dia me disseram
Que as nuvens
Não eram de algodão
Um dia me disseram
Que os ventos
Às vezes erram a direção
E tudo ficou tão claro
Um intervalo na escuridão
Uma estrela de brilho raro
Um disparo para um coração...
A vida imita o vídeo
Garotos inventam
Um novo inglês
Vivendo num país sedento
Um momento de embriaguez...
Somos quem podemos ser...
Sonhos que podemos ter...
Um dia me disseram
Quem eram os donos
Da situação
Sem querer eles me deram
As chaves que abrem
Essa prisão
E tudo ficou tão claro
O que era raro, ficou comum
Como um dia depois do outro
Como um dia, um dia comum...
A vida imita o vídeo
Garotos inventam
Um novo inglês
Vivendo num país sedento
Um momento de embriaguez...
Somos quem podemos ser...
Sonhos que podemos ter...
Um dia me disseram
Que as nuvens
Não eram de algodão
Um dia me disseram que os ventos às
vezes erram a direção
Quem ocupa o trono
Tem culpa
Quem oculta o crime
Também
Quem duvida da vida
Tem culpa
Quem evita a dúvida
Também tem...
Somos quem podemos ser...
Sonhos que podemos ter...

Sob o Tapete

Quando menos se espera
O que seria já era
O que seria de nós?
Se não fosse a ilusão
Que nos trouxe até aqui?
Quanto mais se foge
Tanto mais se quer fugir
O que seria de nós?
Se não fosse a ilusão
A doce ilusão de conseguir?
Há mais de uma semana
Eu não sei que horas são
Havia um romance
Ao alcance da mão
Mas o cigarro apagou
Enquanto eu decidia
Se o vício valia
Se eu seria capaz
Ou seria difícil demais
Quando menos se espera
O que seria já era
O que seria de nós?
Se não fosse a mão
Que nos trouxe até aqui?
Quanto mais se foge
Tanto mais se quer fugir
E só se pensa em fugir
Da mão que nos trouxe
A doce ilusão de conseguir
Há mais de um motivo
Há mais de uma razão
Havia um romance
Ao alcance da mão
Mas o cigarro apagou
E me ensinou o macete
De esconder as cinzas
Sob o tapete

Desde Quando?

desde quando errar é humano?
 desde quando humano é normal?
 desde quando errando é que se aprende?
 desde quando poluição é progresso?
 desde quando progresso é melhor?
 acho melhor começar tudo de novo
 do que acabar pela primeira vez
 desde quando?
 até quando?
 você insiste em dizer
 que enxerga na escuridão
 você insiste em dizer
 que controla a situação
 não minta agora, agora não
 desde quando viver é um sonho?
 desde quando um sonho é preciso?
 eu preciso do que eu quero
 eu espero que você me dê
 desde quando ordem e progresso
 nos levarão a algum lugar?
 nem tudo que brilha é ouro
 nem todo ouro pode nos salvar
 desde quando?
 até quando?
 você insiste em dizer
 que enxerga na escuridão
 você insiste em dizer
 que controla a situação
 não minta agora, agora não
 desde quando poesia é verdade?
 desde quando verdade vicia?
 eu tô esperando que você me diga
 desd'aquela dia
 rock'n'roll não é o que se pensa
 o que se pensa não é o que se faz
 o que se faz só faz sentido
 quando vivemos em paz
 desde quando?
 até quando?
 você insiste em dizer
 que resiste à tentação
 não minta agora, agora não

Nunca Se Sabe

Sei que parecem idiotas
 As rotas que eu traço
 Mas tento traçá-las eu mesmo
 E, se chego sempre atrasado
 Se nunca sei que horas são
 É porque nunca se sabe
 Até que horas os relógios funcionarão
 Sem dúvida a dúvida é um fato
 Sem fatos não sai um jornal
 Sem saída ficamos todos presos
 Aqui dentro faz muito calor
 Sempre parecem idiotas
 As rotas que eu faço
 Sempre tarde da noite
 E se ando sempre apressado
 Se nunca sei que horas são
 É porque nunca se sabe
 É porque nunca se sabe
 Nem sempre faço o que é
 Melhor pra mim
 Mas nunca faço o que eu
 Não tô afim de fazer
 Nem sempre faço o que é
 Melhor pra mim
 Mas nunca faço o que eu
 Não tô afim
 Não quero perder a razão
 Pra ganhar a vida
 Nem perder a vida
 Pra ganhar o pão
 Não é que eu faça questão de ser feliz
 Eu só queria que parassem
 De morrer de fome a um palmo do meu
 nariz
 Mesmo que pareçam bobagens
 As viagens que eu faço
 Eu traço meus rumos eu mesmo (a
 esmo)
 E se nunca sei a quantas ando
 Se ando sem direção
 É porque nunca se sabe
 É porque nunca se sabe
 Nem sempre faço o que é melhor pra
 mim
 Mas nunca faço o que eu
 Não tô a fim de fazer
 Não viro vampiro, eu prefiro sangrar
 Me obrigue a morrer
 Mas não me peça pra matar, não!

A Verdade a Ver Navios

Na hora "h"
 No dia "d"
 Na hora de pagar pra ver
 Ninguém diz o que disse
 (não era bem assim)
 Na hora "h"
 No dia "d"
 Na hora de acender a luz
 Ninguém dá nome aos bois
 (tudo fica pra depois)
 Mas é impossível repetir
 O que só acontece uma vez
 É impossível reprimir
 O que acontece toda vez
 Que alguém acorda
 Porque já não agüenta mais
 E a corda arrebenta
 No lado mais forte
 É muito engraçado
 Que todos tenham os mesmos sonhos
 E que o sonho nunca vire realidade
 É muito engraçado
 Que estejam do mesmo lado
 Os que querem iluminar
 E os que querem iludir
 É muito engraçado
 Que todo mundo tenha
 Armas capazes de tudo
 De todo mundo acabar
 No dia "d", na hora "h"
 Mas é impossível repetir
 O que só acontece uma vez
 É impossível reprimir
 O que acontece toda vez
 Que alguém acorda
 Porque já não agüenta mais
 E a corda arrebenta
 No lado mais forte
 É impossível repetir
 O que só acontece uma vez
 É impossível reprimir
 O que acontece toda vez
 Que chega a hora
 De dizer chega...
 ... a hora...
 ... de dizer chega...
 Não pagar pra ver
 A verdade a ver navios
 Onde já se viu?

Tribos e Tribunais

Todo dia a gente inventa uma alegria
 A gente esquenta a água fria
 E ignora a bola fora
 Toda hora a gente dá um desconto
 A gente faz de conta
 Mas chega a um ponto em que ninguém
 mais quer saber
 Crimes passionais
 Profissionais liberais demais
 Segredos de estado
 Centroavante recuado
 Isso me sugere muita sujeira
 Isso não me cheira nada bem
 Tem muita gente se queimando na
 fogueira
 E muito pouca gente se dando muito bem
 Agente secreto
 Agente imobiliário
 Gente como a gente
 Presidente e operário
 Empresas estatais
 Estátuas de generais
 Heróis de guerra
 Guerra pela paz
 Hindus, industriais
 Tribos e tribunais
 Pessoas que nunca aparecem
 Ou aparecem demais
 Isso me sugere muita sujeira
 Isso não me cheira nada bem
 Tem muita gente se queimando na
 fogueira
 E muito pouca gente se dando muito bem
 Críticos da arte
 Arte pela arte
 Pink Floyd sem Roger Waters (Welcome
 To The Machine)
 Formas sem função
 Fascistas de direita
 Fascistas de esquerda
 Empresas sem fins lucrativos
 Empresas que lucram demais
 E todo dia a gente inventa e fantasia
 A gente tenta todo dia

Feitos cegos
 Egos em agonia
 Isso me sugere muita sujeira
 Isso não me cheira nada bem
 Isso me sugere muita sujeira
 Isso não me cheira nada bem
 Isso me sugere muita sujeira
 Isso não me cheira nada bem, não, não
 Todo dia, todo dia

Pra Entender

Pra entender
 Basta um tapa num cigarro
 Uma olhada no mapa do Brasil
 Uma caminhada por qualquer caminho
 Um carinho qualquer
 Basta ver o que não se enxerga
 O que só se enxerga nos olhos de
 uma mulher
 Basta olhar pro que acontece
 Esteja onde estiver
 Pra entender
 Pra entender
 Nada disso é tudo
 Tudo isso é fundamental
 Pra entender
 Basta a cara e a coragem
 A cor, o corpo, o coração
 A cor, o corpo, o coração
 Uma canção da banda preferida
 Uma descida ao porão
 Seis pilhas pr'o meu rádio
 Seis minutos pra canção
 Basta olhar pro o que acontece
 Aconteça o que acontecer
 Pra entender, pra entender
 Nada disso é tudo
 Tudo isso é fundamental
 Pra entender
 Basta uma noite de insônia
 Um sonho que não tem fim
 Um filme sem muita graça
 Uma praça sem muito sol
 Seis cordas pra guitarra
 Seis sentidos na mesma direção
 Seiscentos anos de estudo
 Ou seis segundos de atenção
 Pra entender
 Pra entender
 Nada disso é tudo

Quem Diria?

Quem diria
 Que um dia
 A gente iria
 Chegar ao fim?
 Quem diria
 Que seria
 Assim?
 Ninguém seria capaz de adivinhar
 Ninguém foi capaz de evitar
 Você se enganou
 Tem que reconhecer
 Não me conhecia e não sabia o que
 queria saber
 Agora reclama
 Sem nenhuma razão
 Pra não dizer o que não quer ouvir
 ninguém falou
 Você se enganou
 Não pode negar
 Não me conhecia e não sabia, não sabia
 por quê
 Quem diria
 Que um dia
 A gente iria
 Chegar ao fim?
 Quem diria
 Que seria
 Assim?
 Ninguém seria capaz de adivinhar
 Ninguém foi capaz de evitar
 Você se assustou
 Foi fácil de perceber
 Não sabia o que queria, não sabia o que
 queria saber
 Agora reclama
 Com toda razão
 Pra não dizer o que não quer ouvir
 ninguém falou
 Foi o que deveria ter sido
 Se não fosse paixão...
 (se não fosse, se não fosse, se não)
 Se não fosse paixão...
 Quem diria
 Que um dia

A gente iria
Chegar ao fim?
Quem diria
Que seria
Assim?
Ninguém seria capaz de adivinhar
Ninguém foi capaz de evitar

Variações Sobre Um Mesmo Tema
eu tenho os meus problemas, você tem os seus
variações de um mesmo tema, ateus procurando Deus
eu tenho os meus problemas, você tem os seus
variações de um mesmo tema, Dylan e seus dilemas
onde estamos? pr'onde vamos? onde já se viu?
num retrato, num espelho, no mapa do Brasil
qual é seu signo? que sangue você gosta de sugar?
qual é o seu limite (se é que ele existe)? se não existe, qual é?
eu tenho os meus problemas...
onde estamos? pr'onde vamos? onde já se viu?
num retrato, num espelho, no mapa do Brasil
qual é seu signo? que sangue você gosta de sugar?
qual é o seu sexo (se é que ele existe)? se não existe o complexo, ?qual é?
não procure paz onde paz não há
não procure alguém onde não há ninguém
não procure um céu azul no mar vermelho
não procure outras pessoas no espelho
não procure mais, "tá tudo aí e aí de nós se o disco acabar
se o rastro ficar invisível a olho nu pois nossos olhos não usam black-tie
ouça o que eu digo: não ouça ninguém
ouça o que eu digo: não ouça ninguém só obedeça à lei da infinita highway
o piloto automático não leva a nenhum lugar
(não, não ouça o que eu digo: não ouça ninguém)
o piloto automático não leva a lugar nenhum
(não, não ouça o que eu digo: não ouça ninguém)
...não ouça ninguém
Não tenha medo: nem tudo tem explicação
há mistério em quase tudo, nem todo veludo é azul
o coração sempre arrasa a razão
o que é preciso ninguém precisa explicar
o mundo é muito grande p'ra quem anda de avião
p'ra quem anda sem destino ele cabe na palma da mão
o coração sempre arrasa a razão
o que não tem explicação ninguém precisa explicar
o sol ainda se levanta no meio de tanta confusão
no meio da madrugada ele ilumina o Japão
o coração nunca cansa da canção
o que tá escrito na canção
ninguém precisa aceitar

ENGENHEIROS DO HAWAII
Alívio imediato (1989)



Nau à Deriva
Nau à deriva
no asfalto ou em alto mar
"perigo, perigo"
perdidos no espaço sideral
apocalipse now
à deriva
talvez um parto
talvez aborto
destroços da nave mãe
nau à deriva
no asfalto ou em alto mar
"perigo, perigo"
perdidos no espaço sideral
apocalipse now
à deriva
longe demais
do cais do porto
perto do caos
meu coração é um porta aviões
perdido no mar esperando alguém pousar
meu coração é um porto sem endereço certo
é um deserto em pleno mar

Alívio Imediato
O melhor esconderijo, a maior escuridão
Já não servem de abrigo, já não dão proteção
A Líbia é bombardeada, a libido e o vírus
O poder, o pudor, os lábios e o batom
Que a chuva caia
Como uma luva
Um dilúvio
Um delírio
Que a chuva traga
Alívio imediato
Que a noite caia
De repente caia
Tão demente
Quanto um raio
Que a noite traga
Alívio imediato
Há espaço pra todos, há um imenso vazio
Nesse espelho quebrado por alguém que partiu
A noite cai de alturas impossíveis
E quebra o silêncio e parte o coração
Há um muro de concreto entre nossos lábios
Há um muro de Berlim dentro de mim
Tudo se divide, todos se separam
Duas Alemanhas, duas Coreias
Tudo se divide, todos se separam
Que a chuva caia
Como uma luva
Um dilúvio
Um delírio
Que a chuva traga
Alívio imediato
Que a noite caia
De repente caia
Tão demente
Quanto um raio
Que a noite traga
Ali-vio imediato

A Revolta Dos Dândis
Entre um rosto e um retrato, o real e o abstrato
Entre a loucura e a lucidez,
Entre o uniforme e a nudez
Entre o fim do mundo e o fim do mês
Entre a verdade e o rock inglês
Entre os outros e vocês
Eu me sinto um estrangeiro
Passageiro de algum trem
Que não passa por aqui
Que não passa de ilusão
Entre gritos e gemidos, entre mortos e feridos
(a mentira e a verdade, a solidão e a cidade)
Entre um copo e outro da mesma bebida
Entre tantos corpos com a mesma ferida
Eu me sinto um estrangeiro
Passageiro de algum trem
Que não passa por aqui
Que não passa de ilusão
Entre americanos e soviéticos, gregos e troianos
Entra ano e sai ano, sempre os mesmos planos
Entre a minha boca e a tua, há tanto tempo, há tantos planos
Mas eu nunca sei pra onde vamos

Eu me sinto um estrangeiro
Passageiro de algum trem
Que não passa por aqui
Que não passa de ilusão

A Revolta dos Dândis II
Já não vejo diferença entre os dedos e os anéis
Já não vejo diferença entre a crença e os fiéis
Tudo é igual quando se pensa
Em como tudo deveria ser
Há tão pouca diferença e há tanta coisa a fazer
Esquerda & direita, direitos & deveres,
Os 3 patetas, os 3 poderes
Ascensão & queda, são dois lados da mesma moeda
Tudo é igual quando se pensa
Em como tudo poderia ser
Há tão pouca diferença e há tanta coisa a fazer
Nossos sonhos são os mesmos há muito tempo
Mas não há mais muito tempo pra sonhar
Pensei que houvesse um muro
Entre o lado claro e o lado escuro
Pensei que houvesse diferença
Entre gritos e sussurros
Mas foi um engano, foi tudo em vão
Já não há mais diferença entre a raiva e a razão
Esquerda & direita, direitos & deveres,
Os 3 porquinhos, os 3 poderes
Ascensão & queda, são dois lados da mesma moeda
Tudo é igual quando se pensa
Em como tudo deveria ser
Há tantos sonhos a sonhar, há tantas vidas a viver
Nossos sonhos são os mesmos há muito tempo
Mas não há mais muito tempo pra sonhar

Infinita Highway
Você me faz correr demais
Os riscos desta highway
Você me faz correr atrás
Do horizonte desta highway
Ninguém por perto, silêncio no deserto
Deserta highway
Estamos sós e nenhum de nós
Sabe exatamente onde vai parar
Mas não precisamos saber pra onde vamos
Nós só precisamos ir
Não queremos ter o que não temos
Nós só queremos viver
Sem motivos, nem objetivos
Estamos vivos e isto é tudo
É sobretudo a lei
Da infinita highway
Quando eu vivia e morria na cidade
Eu não tinha nada, nada a temer
Mas eu tinha medo, medo dessa estrada
Olhe só, veja você
Quando eu vivia e morria na cidade
Eu tinha de tudo, tudo ao meu redor
Mas tudo que eu sentia era que algo me faltava
E à noite eu acordava banhado em suor
Não queremos lembrar o que esquecemos
Nós só queremos viver
Não queremos aprender o que sabemos
Não queremos nem saber
Sem motivos, nem objetivos
Estamos vivos e é só
Só obedecemos a lei
Da infinita highway
Escute, garota, o vento canta uma canção
Dessas que uma banda nunca canta sem razão
Me diga, garota: será a estrada uma prisão?
Eu acho que sim, você finge que não
Mas nem por isso ficaremos parados
Com a cabeça nas nuvens e os pés no chão
"Tudo bem, garota, não adianta mesmo ser livre"
Se tanta gente vive sem ter como viver
Estamos sós e nenhum de nós
Sabe onde quer chegar
Estamos vivos, sem motivos
Que motivos temos pra estar?
Atrás de palavras escondidas

Nas entrelinhas do horizonte dessa highway
 Silenciosa highway
 Eu vejo um horizonte trêmulo
 Eu tenho os olhos úmidos
 Eu posso estar completamente enganado
 Eu posso estar correndo pro lado errado
 Mas "a dúvida é o preço da pureza"
 É inútil ter certeza
 Eu vejo as placas dizendo
 "não corra, não morra, não fume"
 Eu vejo as placas cortando o horizonte
 Elas parecem facas de dois gumes
 Minha vida é tão confusa quanto a América Central
 Por isso não me acuse de ser irracional
 Escute, garota, façamos um trato:
 Você desliga o telefone se eu ficar muito abstrato
 Eu posso ser um Beatle, um beatnik
 Ou um bitolado
 Mas eu não sou ator
 Eu não tô à toa do teu lado
 Por isso, garota, façamos um pacto
 De não usar a highway pra causar impacto
 Cento e dez, cento e vinte
 Cento e sessenta
 Só prá ver até quando o motor agüenta
 Na boca, em vez de um beijo,
 Um chiclet de menta
 E a sombra do sorriso que eu deixei
 Numa das curvas da highway

A Verdade a Ver Navios

Na hora "h"
 No dia "d"
 Na hora de pagar pra ver
 Ninguém diz o que disse
 (não era bem assim)
 Na hora "h"
 No dia "d"
 Na hora de acender a luz
 Ninguém dá nome aos bois
 (tudo fica pra depois)
 Mas é impossível repetir
 O que só acontece uma vez
 É impossível reprimir
 O que acontece toda vez
 Que alguém acorda
 Porque já não agüenta mais
 E a corda arrebenta
 No lado mais forte
 É muito engraçado
 Que todos tenham os mesmos sonhos
 E que o sonho nunca vire realidade
 É muito engraçado
 Que estejam do mesmo lado
 Os que querem iluminar
 E os que querem iludir
 É muito engraçado
 Que todo mundo tenha
 Armas capazes de tudo
 De todo mundo acabar
 No dia "d", na hora "h"
 Mas é impossível repetir
 O que só acontece uma vez
 É impossível reprimir
 O que acontece toda vez
 Que alguém acorda
 Porque já não agüenta mais
 E a corda arrebenta
 No lado mais forte
 É impossível repetir
 O que só acontece uma vez
 É impossível reprimir
 O que acontece toda vez
 Que chega a hora
 De dizer chega...
 ... a hora...
 ... de dizer chega...
 Não pagar pra ver
 A verdade a ver navios
 Onde já se viu?

Toda Forma De Poder

Eu presto atenção no que eles dizem,
 mas eles não dizem nada.
 (Yeah, yeah)
 Fidel e Pinochet tiram sarro de você que não faz nada.
 (Yeah, yeah)
 E eu começo começo a achar normal que algum boçal atire bombas na embaixada.
 (Yeah yeah, Uoh, Uoh)

Se tudo passa, talvez você passe por aqui
 E me faça esquecer tudo que eu vi
 Se tudo passa, talvez você passe por aqui
 E me faça esquecer...
 Toda forma de poder é uma forma de morrer por nada.
 (Yeah, Yeah)
 Toda forma de conduta se transforma numa luta armada.
 (Uoh Uoh)
 A história se repete mas a força deixa a história mal contada...
 Se tudo passa, talvez você passe por aqui
 E me faça esquecer tudo que eu vi
 Se tudo passa, talvez você passe por aqui
 E me faça esquecer...
 E o fascismo é fascinante deixa a gente ignorante e fascinada.
 É tão fácil ir adiante e se esquecer que a coisa toda tá errada.
 Eu presto atenção no que eles dizem mas eles não dizem nada.
 Se tudo passa, talvez você passe por aqui
 E me faça esquecer tudo que eu vi
 Se tudo passa, talvez você passe por aqui
 E me faça esquecer...
 Se tudo passa, talvez você passe por aqui
 E me faça esquecer tudo que eu vi
 Se tudo passa, talvez você passe por aqui
 E me faça esquecer...
 (Yeah Yeah Uoh)...

Terra De Gigantes

Hey mãe!
 Eu tenho uma guitarra elétrica
 Durante muito tempo isso foi tudo
 Que eu queria ter
 Mas, hey mãe!
 Alguma coisa ficou pra trás
 Antigamente eu sabia exatamente o que fazer
 Hey mãe!
 Tenho uns amigos tocando comigo
 Eles são legais, além do mais,
 Não querem nem saber
 Que agora, lá fora,
 O mundo todo é uma ilha
 A milhas e milhas e milhas de qualquer lugar
 Nessa terra de gigantes
 Que trocam vidas por diamantes
 A juventude é uma banda
 Numa propaganda de refrigerantes
 As revistas
 As revoltas
 As conquistas da juventude
 São heranças
 São motivos
 Pr'as mudanças de atitude
 Os discos
 As danças
 Os riscos da juventude
 A cara limpa
 A roupa suja
 Esperando que o tempo mude
 Nessa terra de gigantes
 (tudo isso já foi dito antes)
 A juventude é uma banda
 Numa propaganda de refrigerantes
 Hey mãe!
 Eu já não esquento a cabeça
 Durante muito tempo isso era
 Só o que eu podia fazer
 Mas, hey mãe!
 Por mais que a gente cresça
 Há sempre alguma coisa que a gente
 Não consegue entender
 Por isso
 Só me acorda quando o sol tiver se posto
 Eu não quero ver meu rosto
 Antes de anoitecer
 Pois agora lá fora
 todo mundo é uma ilha
 A milhas e milhas e milhas...
 Nessa terra de gigantes
 Que trocam vidas por diamantes
 A juventude é uma banda
 Numa propaganda de refrigerantes

Somos Quem Podemos Ser
 Um dia me disseram
 Que as nuvens
 Não eram de algodão
 Um dia me disseram
 Que os ventos

Às vezes erram a direção
 E tudo ficou tão claro
 Um intervalo na escuridão
 Uma estrela de brilho raro
 Um disparo para um coração...
 A vida imita o vídeo
 Garotos inventam
 Um novo inglês
 Vivendo num país sedento
 Um momento de embriaguez...
 Somos quem podemos ser...
 Sonhos que podemos ter...
 Um dia me disseram
 Quem eram os donos
 Da situação
 Sem querer eles me deram
 As chaves que abrem
 Essa prisão
 E tudo ficou tão claro
 O que era raro, ficou comum
 Como um dia depois do outro
 Como um dia, um dia comum...
 A vida imita o vídeo
 Garotos inventam
 Um novo inglês
 Vivendo num país sedento
 Um momento de embriaguez...
 Somos quem podemos ser...
 Sonhos que podemos ter...
 Um dia me disseram
 Que as nuvens
 Não eram de algodão
 Um dia me disseram que os ventos às vezes erram a direção
 Quem ocupa o trono
 Tem culpa
 Quem oculta o crime
 Também
 Quem duvida da vida
 Tem culpa
 Quem evita a dúvida
 Também tem...
 Somos quem podemos ser...
 Sonhos que podemos ter...

Ouça O Que Eu Digo, Não Ouça Ninguém

Tantas pessoas
 Paradas na esquina
 Assistindo a cena:
 Pele morena,
 Vendendo jornais
 Vendendo muito mais
 Do que queria vender
 Vozes à toa
 Ecos na esquina
 Narrando a cena:
 Criança pequena
 Cheirando cola
 Beijando a sola
 Dos sapatos
 E o que nos devem
 Queremos de dobro
 Queremos em dólar
 O que nos devem
 Queremos em dobro
 Queremos agora
 Se te disseram pra não virar a mesa
 Se te disseram que o ataque é a pior defesa
 Se te imploraram pra esperar a sobremesa
 Ouça o que eu digo: não ouça ninguém
 Ouça o que eu digo: não ouça ninguém
 Ouça o que eu digo: não ouça ninguém
 Ouça o que eu digo: não ouça ninguém
 Se te disseram pra não virar a mesa
 Se te disseram que o ataque é a pior defesa
 Ouça o que eu digo: não ouça ninguém
 Ouça o que eu digo: não ouça ninguém

Longe Demais das Capitais

suave é a noite
 é a noite que eu saio
 pra conhecer a cidade
 e me perder por aí
 nossa cidade é muito grande
 e tão pequena
 tão distante do horizonte
 do país
 eu sempre quis viver no velho mundo
 na velha forma de viver
 no 3º sexo, a 3ª guerra, o 3º mundo
 são tão difíceis de entender

suave é cidade
 pra quem gosta da cidade
 pra quem tem necessidade de se
 esconder
 nossa cidade é tão pequena
 e tão ingênuas
 estamos longe demais
 das capitais
 longe demais das capitais
 longe demais das capitais
 eu sempre quis viver no Velho Mundo
 na velha forma de viver
 o 3º sexo, a 3ª guerra, o 3º mundo
 são tão difíceis de entender
 o 3º sexo, a 3ª guerra, o 3º mundo

Tribos e Tribunais

Todo dia a gente inventa uma alegria
 A gente esquentas a água fria
 E ignora a bola fora
 Toda hora a gente dá um desconto
 A gente faz de conta
 Mas chega a um ponto em que ninguém
 mais quer saber
 Crimes passionais
 Profissionais liberais demais
 Segredos de estado
 Centroavante recuado
 Isso me sugere muita sujeira
 Isso não me cheira nada bem
 Tem muita gente se queimando na
 fogueira
 E muito pouca gente se dando muito
 bem(2x)
 Agente secreto
 Agente imobiliário
 Gente como a gente
 Presidente e operário
 Empresas estatais
 Estátuas de generais
 Heróis de guerra
 Guerra pela paz
 Hindus, industriais
 Tribos e tribunais
 Pessoas que nunca aparecem
 Ou aparecem demais
 Isso me sugere muita sujeira
 Isso não me cheira nada bem
 Tem muita gente se queimando na
 fogueira
 E muito pouca gente se dando muito bem
 Críticos da arte
 Arte pela arte
 Pink Floyd sem Roger Waters (Welcome
 To The Machine)
 Formas sem função
 Fascistas de direita
 Fascistas de esquerda
 Empresas sem fins lucrativos
 Empresas que lucram demais
 E todo dia a gente inventa e fantasia
 A gente tenta todo dia
 Feitos cegos
 Egos em agonia
 Isso me sugere muita sujeira
 Isso não me cheira nada bem
 Isso me sugere muita sujeira
 Isso não me cheira nada bem
 Isso me sugere muita sujeira
 Isso não me cheira nada bem, não, não
 Todo dia, todo dia

ENGENHEIROS DO HAWAII

O Papa é pop (1990)



Exército De Um Homem Só

Não importa se só tocam
 o primeiro acorde da canção
 a gente escreve o resto
 em linhas tortas
 nas portas da percepção
 em paredes de banheiro
 nas folhas que o outono leva ao chão
 em livros de história
 seremos a memória
 dos dias que virão
 (se é que eles virão)
 Não importam se só tocam
 o primeiro verso da canção
 a gente escreve o resto
 sem muita pressa
 com muita precisão
 nos interessa o que não foi impresso
 e continua sendo escrito à mão
 escrito à luz de velas
 quase na escuridão
 longe da multidão
 Somos um exército
 (o exército de um homem só)
 no difícil exercício de viver em paz
 Somos um exército
 (o exército de um homem só)
 sem bandeira,
 sem fronteiras para defender, pra
 defender...
 Não importa se só tocam
 o primeiro acorde da canção
 a gente escreve o resto
 e o resto é resto
 é falsificação
 é sangue falso, bang-bang italiano
 swing falso, turista americano
 livres dessa estória
 a nossa trajetória não precisa explicação
 (e não tem explicação)
 Somos um exército
 (o exército de um homem só)
 no difícil exercício de viver em paz
 somos um exército
 (o exército de um homem só)
 sem bandeira,
 sem fronteiras para defender, pra
 defender...
 Não interessa o bom senso diz
 não interessa o que diz o rei
 (se no jogo não há juiz
 não há jogada fora da lei)
 não interessa o que diz o ditado
 não interessa o que o estado diz
 nós falamos outra língua
 moramos em outro país
 Somos um exército
 (o exército de um homem só)
 sem bandeira,
 sem fronteiras para defender,
 pra defender...
 Nesse exército
 (o exército de um homem só)
 todos sabem que tanto faz
 ser culpado ou ser capaz
 ... tanto faz ...

Era Um Garoto Que Como Eu Amava Os Beatles & Os Rolling Stones

Era um garoto
 Que como eu
 Amava os Beatles
 E os Rolling Stones..
 Girava o mundo
 Sempre a cantar
 As coisas lindas
 Da América...
 Não era belo
 Mas mesmo assim
 Havia mil garotas à fim
 Cantava Help
 And Ticket To Ride,
 Oh! Lady Jane and Yesterday...
 Cantava viva, à liberdade
 Mas uma carta sem esperar
 Da sua guitarra, o separou
 Fora chamado na América...
 Stop! Com Rolling Stones
 Stop! Com Beatles songs
 Mandado foi ao Vietnã
 Lutar com vietcongs...
 Ratá-tá tá tá...
 Tatá-rá tá tá...
 Ratá-tá tá tá...
 Tatá-rá tá tá...

Ratá-tá tá tá...
 Tatá-rá tá tá...
 Ratá-tá tá tá...
 Era um garoto
 Que como eu!
 Amava os Beatles
 E os Rolling Stones
 Girava o mundo
 Mas acabou!
 Fazendo a guerra
 No Vietnã...
 Cabelos longos
 Não usa mais
 Nem toca a sua
 Guitarra e sim
 Um instrumento
 Que sempre dá
 A mesma nota
 Ra-tá-tá-tá...
 Não tem amigos
 Nem vê garotas
 Só gente morta
 Caindo ao chão
 Ao seu país
 Não voltará
 Pois está morto
 No Vietnã...
 Stop! Com Rolling Stones
 Stop! Com Beatles songs
 No peito um coração não há
 Mas duas medalhas sim....

Exército De Um Homem Só

Não importa se só tocam
 o primeiro acorde da canção
 a gente escreve o resto
 em linhas tortas
 nas portas da percepção
 em paredes de banheiro
 nas folhas que o outono leva ao chão
 em livros de história
 seremos a memória
 dos dias que virão
 (se é que eles virão)
 Não importam se só tocam
 o primeiro verso da canção
 a gente escreve o resto
 sem muita pressa
 com muita precisão
 nos interessa o que não foi impresso
 e continua sendo escrito à mão
 escrito à luz de velas
 quase na escuridão
 longe da multidão
 Somos um exército
 (o exército de um homem só)
 no difícil exercício de viver em paz
 Somos um exército
 (o exército de um homem só)
 sem bandeira,
 sem fronteiras para defender, pra
 defender...
 Não importa se só tocam
 o primeiro acorde da canção
 a gente escreve o resto
 e o resto é resto
 é falsificação
 é sangue falso, bang-bang italiano
 suingue falso, turista americano
 livres dessa estória
 a nossa trajetória não precisa explicação
 (e não tem explicação)
 Somos um exército
 (o exército de um homem só)
 no difícil exercício de viver em paz
 somos um exército
 (o exército de um homem só)
 sem bandeira,
 sem fronteiras para defender, pra
 defender...
 Não interessa o bom senso diz
 não interessa o que diz o rei
 (se no jogo não há juiz
 não há jogada fora da lei)
 não interessa o que diz o ditado
 não interessa o que o estado diz
 nós falamos outra língua
 moramos em outro país
 Somos um exército
 (o exército de um homem só)
 sem bandeira,
 sem fronteiras para defender,
 pra defender...
 Nesse exército
 (o exército de um homem só)

todos sabem que tanto faz
ser culpado ou ser capaz
... tanto faz ...

Nunca Mais Poder

Todo mundo é eterno
Todo mundo é moderno
Como um relógio antigo
No underground
No mainstream
Todo mundo é moderno
Todo mundo é eterno
Ontem
Ano passado
Antigamente
Amanhã
Ano que vem
Ano dois mil
Todo mundo é moderno
Todo mundo é eterno
Da boca pra fora
Do fundo do coração
Todo mundo é moderno
Todo mundo é eterno
Como um relógio antigo
(cultura e hora certa pra você)
Todo mundo é eterno
Todo mundo é moderno
Como um relógio antigo
Atrás de brilho e de barulho
Escondido dentro de si mesmo
Todo mundo é moderno
Todo mundo é eterno
Em havana
No Havai
No Hawaii
Na highway
Malditos
Benditos
Acabados e infinitos
Todo mundo é moderno
Todo mundo é eterno
Quem cura
Quem envenena
Quem gera quem extermina
Todo mundo é moderno
Todo mundo é eterno
Como um relógio antigo
Então? porque este medo de ficar pra trás
De não ser sempre mais
De nunca mais poder?
Então? porque este medo de ficar pra trás
De não ser sempre mais
De nunca mais poder?
Todo mundo é moderno
Todo mundo é eterno
Como um relógio antigo
Todo mundo é eterno
Todo mundo é moderno
Como um calendário do ano passado
Como a Coluna Prestes
As colunas do Niemeyer
Como a Holanda de 1974
Um símbolo sexual dos anos 60
Todo mundo é moderno
Todo mundo é eterno
O papa é moderno
O pop é eterno
Então? porque este medo de ficar pra trás
De não ser sempre mais
De nunca mais poder?
Todo mundo é moderno
Todo mundo é eterno

Pra Ser Sincero

Pra ser sincero
Não espero de você
Mais do que educação
Beijo sem paixão
Crime sem castigo
Aperto de mãos
Apenas bons amigos...
Pra ser sincero
Não espero que você
Minta!
Não se sinta capaz
De enganar
Quem não engana
A si mesmo...
Nós dois temos
Os mesmos defeitos
Sabemos tudo
A nosso respeito

Somos suspeitos
De um crime perfeito
Mas crimes perfeitos
Não deixam suspeitos...
Pra ser sincero
Não espero de você
Mais do que educação
Beijo sem paixão
Crime sem castigo
Aperto de mãos
Apenas bons amigos...
Pra ser sincero
Não espero que você
Me perdoe
Por ter perdido a calma
Por ter vendido a alma
Ao diabo...
Um dia desse
Num desses
Encontros casuais
Talvez a gente
Se encontre
Talvez a gente
Encontre explicação...
Um dia desses
Num desses
Encontros casuais
Talvez eu diga:
-Minha amiga
Pra ser sincero
Prazer em vê-la!
Até mais!...
Nós dois temos
Os mesmos defeitos
Sabemos tudo
A nosso respeito
Somos suspeitos
De um crime perfeito
Mas crimes perfeitos
Nunca deixam suspeitos...

Olhos Iguais Aos Seus

Uma nuvem cobre o céu
Uma sombra envolve o seu olhar
Você olha ao seu redor
E acha melhor parar de olhar
São olhos iguais aos seus
Iguais ao céu ao seu redor
São olhos iguais aos seus
O que faz as pessoas parecerem tão iguais?
O que faz as pessoas parecerem tão iguais?
O que faz as pessoas parecerem tão iguais?
Por que razão essa igualdade se desfaz?
Qual é a razão desse disfarce no olhar?
O que faz as pessoas parecerem tão iguais?
O que faz as pessoas parecerem tão iguais?
O que fazem as pessoas para serem tão iguais?
O que fazem as pessoas para serem tão iguais?

O Papa É Pop

Todo mundo tá revendo
O que nunca foi visto
Todo mundo tá comprando
Os mais vendidos...
É qualquer nota,
Qualquer notícia
Páginas em branco,
Fotos coloridas
Qualquer nova ,
Qualquer notícia
Qualquer coisa
Que se mova
É um alvo
E ninguém tá salvo...
Todo mundo tá relendo
O que nunca foi lido
Tá na cara...
Tá na capa da revista...
É qualquer nota,
Uma nota preta
Páginas em branco,
Fotos coloridas
Qualquer rota,
A rotatividade
Qualquer coisa
Que se mova
É um alvo
E ninguém tá salvo

Um disparo
Um estouro...
O Papa é Pop,
O Papa é Pop!
O Pop não poupa ninguém
O Papa levou um tiro
À queima roupa
O Pop não poupa ninguém...
Uma palavra
Na tua camiseta
O planeta na tua cama
Uma palavra escrita a lápis
Eternidades da semana..
Qualquer coisa
Quase nova
Qualquer coisa
Que se mova
É um alvo
E ninguém tá salvo
O Papa é Pop,
O Papa é Pop!
O Pop não poupa ninguém
O Papa levou um tiro
À queima roupa, é...
O Pop não poupa ninguém...
Toda catedral é populista
É pop
É macumba prá turista
Mas afinal?
O que é Rock'n'roll?
Os óculos do John
Ou o olhar do Paul?
O Papa é Pop!
O Papa é Pop!
O Pop não poupa ninguém
O Papa levou um tiro
À queima roupa
O Pop não poupa!
O Pop não poupa!
Ninguém!...

A Violência Travestida Faz Seu Trottoir

no ar que se respira, nos gestos mais banais
em regras, mandamentos, julgamentos, tribunais
na vitória do mais forte, na derrota dos iguais
a violência travestida faz seu trottoir
Na procura doentia de qualquer prazer
Na arquitetura metafísica das catedrais
Nas arquibancadas, nas cadeiras, nas gerais
a violência travestida faz seu trottoir
na maioria silenciosa, orgulhosa de não ter
vontade de gritar, nada pra dizer
a violência travestida faz seu trottoir
nos anúncios de cigarro que avisam que fumar faz mal
| a violência travestida faz seu trottoir
| em anúncios luminosos, lâminas de barbear
| armas de brinquedo, medo de brincar
| a violência travestida faz seu trottoir
no vídeo, idiotice intergaláctica
na mídia, na moda, nas farmácias
no quarto de dormir, na sala de jantar
a morte anda tão viva, a vida anda pra trás
é a livre iniciativa, igualdade aos desiguais
na hora de dormir, na sala de estar
a violência travestida faz seu trottoir
uma bala perdida encontra alguém perdido
encontra abrigo num corpo que passa por ali
e estraga tudo, enterra tudo, pá de cal
enterra todos na vala comum de um discurso liberal
| a violência travestida faz seu trottoir
| em anúncios luminosos, lâminas de barbear
| armas de brinquedo, medo de brincar
| a violência travestida faz seu trottoir
| a violência travestida faz seu trottoir
| em anúncios luminosos, lâminas de barbear
| armas de brinquedo, medo de brincar
| a violência travestida faz seu trottoir
Tudo que ele deixou foi uma carta de amor pra uma apresentadora de programa infantil. Nela ele dizia que já não era criança, e que a esperança

também dança como monstros de um filme japonês. Tudo que ele tinha era uma foto desbotada, recortada de revista especializada em vida de artista. Tudo que ele queria era encontrá-la um dia (todo suicida acredita na vida depois da morte). Tudo que ele tinha cabia no bolso da jaqueta. A vida quando acaba, cabe em qualquer lugar. E a violência travestida faz seu trottoir... não se renda às evidências não se prenda à primeira impressão eles dizem com ternura: "o que vale é a intenção" e te dão um cheque sem fundos do fundo do coração no ar que se respira nessa total falta de ar a violência travestida faz seu trottoir em armas de brinquedo, medo de brincar em anúncios luminosos, lâminas de barbear nos anúncios de cigarro que avisam que fumar faz mal a violência travestida faz seu trottoir a violência travestida faz seu trottoir

Anoiteceu em Porto Alegre

Na escuridão
A luz vermelha do walkman
Sobre edifícios
A luz vermelha avisa aviões
Nas esquinas que passaram
Nas esquinas que virão
Verde, amarelo, vermelho
Espelho retrovisor
Anoiteceu em Porto Alegre
Anoiteceu em Porto Alegre
na escuridão
só você ouve a canção
eu vejo a luz vermelha do teu walkman
sobre edifícios
no 30º andar
uma flor vermelha nasceu
nas esquinas que passaram
nas esquinas que virão
há sempre alguém correndo
fugindo da "Hora do Brasil"
Anoiteceu em Porto Alegre
Anoiteceu em Porto Alegre
na zona sul existe um rio
nesse rio mergulha o sol
e arde fins-de-tarde
de luz vermelha
de dor vermelha
vermelho anil
atrás do muro existe um rio
que na verdade nunca existiu
mas arde fins-de-tarde
de luz vermelha
de dor vermelha
vermelho anil
Aconteceu a meia-noite
Anoiteceu em Porto Alegre
Aconteceu a noite inteira
Aconteceu em Porto Alegre
Quinze pr'as duas
Ruas escuras
Quem tem o mapa?
Qual é a direção?
Duas e meia
Castelos de areia
Cabelos castanhos
Estranhos sinais
Já passa das três
Pela última vez
De hoje em diante
Só uisque escocês
Cinco da manhã
Nada diferente
Chegamos finalmente
Ao dia de amanhã
Eu trago comigo os estragos da noite
Eu trago comigo os estragos da noite
Eu trago comigo os estragos da noite
Escondo meu rosto entre escombros da noite
Um ditador deposto
Marcas no rosto
Um gosto amargo na boca
Uma certeza, só uma certeza:
Da próxima vez, só uisque escocês!
Duas fichas telefônicas
Um telefone que não pára de tocar
Ninguém atende, eu não entendo

Tão fazendo onda, Tão fazendo charme
E um alarme de carro que não pára de tocar
Eu trago comigo os estragos da noite
Eu trago comigo os estragos da noite
Eu trago comigo os estragos da noite
Não nego, não nego, não
Uma canção no rádio
Uma versão mal traduzida
Um pastor exorciza no rádio de um táxi
uma certa impressão...uma certeza imprecisa
Quem não precisa de uma versão, uma tradução?"
um ditador deposto
marcas no rosto
um gosto amargo na boca
e a certeza
de que o último dia de dezembro
é sempre igual
ao primeiro de janeiro
Eu trago comigo os estragos da noite
Eu trago comigo os estragos da noite
Eu trago comigo os estragos da noite
Meu reino por um rosto, pelo resto da noite
noites que passaram
noites que virão
noites que passamos
lado a lado em solidão
noites de inverno
noites de verão
noites que viramos
esperando o sol nascer
esperando amanhecer
esperando o sol nascer
Amanheceu em Porto Alegre
Amanheceu em Porto Alegre
Amanheceu em Porto Alegre
Amanheceu...
(SEIS HORAS, QUINZE MINUTOS, ZERO SEGUNDO)
Recomeça tudo lá fora
Here comes the sun
The sun is the same in the relative way
but you are older
(SEIS HORAS, VINTE MINUTOS, ZERO SEGUNDO)
Recomeça tudo lá fora
Nas esquinas, nas escolas
Um litro de leite
Meio quilo de pão
(SEIS HORAS, TRINTA MINUTOS, ZERO SEGUNDO)
Recomeça tudo lá fora
Naguinho da Zero Hora
Vende manchetes
Quinze pras sete da manhã
Nada diferente
Chegamos finalmente
Ao dia de amanhã...
Em Porto Alegre

Ilusão de Ótica

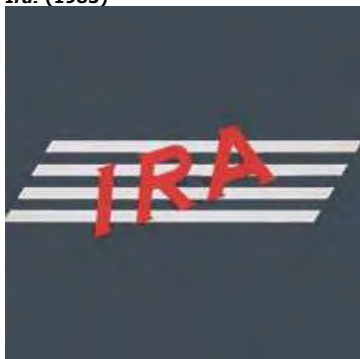
Eu entendo você que não me entende
Eu entendo você que não me entende
Eu não preendo você
Não se surpreenda
Quando eu digo sim
Quando eu digo não
Quando eu digo "talvez"
Você não entende
É natural
Naturalmente
Às vezes digo sim
Às vezes digo não
Eu entendo você que não me entende
Eu entendo você que não me entende
Eu surpreendo você
Que não me prende
"Tire as mãos de mim!"
"Me dê a sua mão!"
Cada um tem o seu ponto de vista
Encare a ilusão da sua ótica
Os olhos dizem sim
O olhar diz não
Na visão da macrostória toda guerra é igual
A visão do microscópio é o ópio do trivial
Na visão da macrostória nada gera um general
A visão do microscópio é o ópio do trivial
Sou cego
Não nego
Enxergo quando puder
Só vejo

Obscuro objeto
Desejo indireto
Será que você me entende?
*Porque é que cê tá ouvindo isto ao contrário?
*O que é que cê tá procurando?
*Hein?
Não se renda às evidências
Não se prenda à primeira impressão
O que não foi impresso
continua sendo escrito à mão
*Mal entendido/bem intencionado
*Mal informado/bem aventurado
*Jesus salva/salve as baleias/leia livros
*Safe sex/relax
*O papa é pop/o país é pobre/ o PIB é pouco
*O meu pipi no seu popô
*O seu popô no meu pipi
*Poesia é um porre
*O futebol brasileiro são várias camisetas com a mesma propaganda de refrigerantes
*A juventude brasileira... sem bandeiras sem fronteiras pra defender.

Perfeita Simetria

Toda vez que toca o telefone
Eu penso que é você
Toda noite de insônia
Eu penso em te escrever
Pra dizer
Que o teu silêncio me agride
E não me agrada ser
Um calendário do ano passado
Prá dizer que teu crime me cansa
E não compensa entrar na dança
Depois que a música parou
A música parou (Parou!)
Toda vez que toca o telefone
Eu penso que é você
Toda noite de insônia
Eu penso em te escrever
Escrever uma carta definitiva
Que não dê alternativa
Prá quem lê
Te chamar de carta fora do baralho
Descartar, embaralhar você
E fazer você voltar
Ao tempo em que nada
Nos dividia
Havia motivo pra tudo
E tudo era motivo pra mais
Era perfeita simetria
Éramos duas metades iguais
Ao tempo em que nada
Nos dividia
Havia motivo pra tudo
E tudo era motivo pra mais
Era perfeita simetria
Éramos duas metades iguais
O teu maior defeito
Talvez seja a perfeição
Tuas virtudes
Talvez não tenham solução
Então pegue o telefone
Ou um avião
Deixe de lado
Os compromissos marcados
Perdoa o que puder ser perdoado
Esquece o que não tiver perdão
E vamos voltar aquele lugar
vamos voltar
[refrão]
Vamos voltar
Vamos voltar
Vamos voltar
Vamos voltar
Ao tempo em que nada
Nos dividia
Havia motivo pra tudo
E tudo era motivo pra mais
Era perfeita simetria
Éramos duas metades iguais

IRA!
Ira! (1983)



Pobre Paulista

Todos os não se agitam
Toda adolescência acata
E a minha mente gira
E toda ilusão se acaba
Dentro de mim sai um monstro
Não é o bem, nem o mal
É apenas indiferença
É apenas ódio mortal
Não quero ver mais essa gente feia
Não quero ver mais os ignorantes
Eu quero ver gente da minha terra
Eu quero ver gente do meu sangue
Pobre São Paulo,
Pobre paulista, Oh, Oh
Pobre São Paulo,
Pobre paulista, Oh, Oh
Eu sei que vivo em louca utopia
Mas tudo vai cair na realidade
Pois sinto que as coisas vão surgindo
É só um tempo pra se rebelar
Pobre São Paulo,
Pobre paulista, Oh, Oh
Pobre São Paulo,
Pobre paulista, Oh, Oh
Parou, pensou e chegou ... a essa
conclusão
Pobre São Paulo,
Pobre paulista, Oh, Oh
Pobre São Paulo, pobre paulista...
Pobre São Paulo, pobre paulista...
Pobre São Paulo, pobre paulista...
Pobre São Paulo, pobre paulista...

Gritos Na Multidão

Sabe faz, faz tanto tempo faz
Já faz um tempo faz, estou querendo
mais
Preciso ir embora, tomei uma coca-cola
Não se preocupe mais
Eu não perturbo mais
Já disse adeus a mãe
Já disse adeus ao pai
Estou desempregado, estou
desgovernado
A fome me faz mal, estou passando mal
Mas vou entrar na luta, eu vou sair na
rua
Já vejo a poluição
Já esta ficando perto
Esse e o coração da máquina do esperto
E aqui estou então, não estou sozinho
não
É mais de um milhão, ninguém mais
pensa irmão
Existe confusão
Gritos na multidão
É o fim da convenção
Gritos da multidão
Pobre de ti irmão

IRA!
Mudança de comportamento (1985)



Longe de Tudo

Longe de tudo, longe de você
Por um momento me esqueço, mas
parece ser isso mesmo
Longe de você, longe de mim
Longe de tudo, longe de você
Por um momento me esqueço, mas
parece ser isso mesmo
Longe de você, longe de mim
Longe de tudo (longe de você)
Longe de mim (Longe de você)
Longe das luzes (longe de você)
Longe do sol (longe de você)
Sem as estrelas, sem seu amor baby...
Você não sai a noite, com as luzes da
cidade...
Eu sempre saio a noite eheh, com as
luzes da cidade
Existe algo especial
Por um momento me esqueço
Mais parece ser isso mesmo
Longe de você, Longe de mim, Longe de
mim, Longe de mim...

Núcleo Base

Meu amor eu sinto muito, muito, muito,
mas vou indo
Pois é tarde, muito tarde e eu preciso ir
embora
Sinto muito meu amor mas acho que já
vou andando
Amanhã acordo cedo e preciso ir embora
Eu queria ter você mas acho que já vou
andando
Outro dia pode ser mas não vai dar pra
ser agora...la lala lalalala
Eu tentei fugir não queria me alistar
Eu quero lutar mas não com essa farda
Eu tentei fugir não queria me alistar
Eu quero lutar mas não com essa farda
E já está ficando tarde e eu estou muito
cansado
Minha mente está tão cheia e estou me
transbordando
Você pensa que sou louco mas estou só
delirando
Você pensa que sou tolo mas estou só te
olhando la lala lalalala
Eu tentei fugir não queria me alistar
Eu quero lutar mas não com essa farda
Eu tentei fugir não queria me alistar
Eu quero lutar mas não com essa farda
Mas não com essa farda. Mas não com
essa farda
Mas não...

Mudança de Comportamento

E aqui estou eu sozinho com o tempo.
O tempo que você me pediu.
Isso é orgulho do passado,
um presente pra você
Uma delicada lembrança
Branca neve que nunca senti
Solidão me deixe forte
Talvez resolva meus problemas
Eu morreria por você
Na guerra ou na paz
Eu morreria por você
Sem saber como sou capaz
E aqui estou eu sozinho com o tempo.
O tempo que você me pediu.
Isso é orgulho do passado,
um presente pra você

Uma delicada lembrança
Branca neve que nunca senti
Solidão me deixe forte
Talvez resolva meus problemas
Eu morreria por você
Na guerra ou na paz
Eu morreria por você
Sem saber como sou capaz
Mudanças no meu comportamento
Distância louca de mim mesmo
Vontade de sentir o passado
Presente pra você
Eu morreria por você...
Eu morreria por você...
Eu morreria por você...
Eu morreria por você
Sem saber como sou capaz

Tolices

São tolices
Que penso sobre você
Você não pensa em mim
Por que andamos na mesma rua?
Vivo Sonhando
Imaginando você
Imagino pegadas
E as vou seguindo
É tolíce eu sei
Você não sente os meus passos
Mas eu imagino
Mas eu imagino
São tolices
o que penso sobre você
Você não pensa em mim
Por que andamos na mesma rua?
Vivo Sonhando
Imaginando você
Imagino pegadas
E as vou seguindo
Um olá talvez
Mas para mim de nada vale
Isso estragaria
O meu "faz de conta"
É tolíce eu sei
Você não sente os meus passos
Mas eu imagino
Mas eu imagino

Coração

Dentro de mim uma dúvida
O medo da vida que possa levar
Um tempo eu peço pra pensar
Preciso chegar ao coração
Da vida que eu possa levar
Um tempo eu peço pra pensar
Ao coração da nação...
Quero desfrutar por ser jovem
Das coisas que me são proibidas
Preciso de um tempo pra pensar
Preciso chegar ao coração
Da vida que eu possa levar
Um tempo eu peço pra pensar
Quero desfrutar por ser jovem... coração

Saída

Não vou mais gritar que te amo
nem vou mais pensar se te quero
se você pretende que eu seja
o futuro da nação, nem chegue perto
pois eu não sou isso não
não vou lhe agradar, eu não quero
nem lhe sustentar, eu espero
que você me entenda, isso eu quero
vou rasgar toda gravata
vou viver na praia
se quiser, venha, mulher
não vou mais cortar a sua grama
nem vou acatar sua trama
e os homens que se julgam espertos
vão ficar tão engraçados, atrás de suas
mesas
eu vou me sentir tão bem
que vou lhe sentir também

Ninguém Precisa da Guerra

Como se fosse fácil entender
uma pessoa tão cheia de vida
já não sei se me entende
já não sei se te entendo
não quero nada!
você espera algo?
não fuja do bom humor
de pessoas tolas
como se fosse fácil entender
que preciso de paz
não preciso da guerra

o jovem pode levantar
cedo com um sorriso toda manhã

Por Trás de Um Sorriso

promessas vagas atiradas à população,
palavras fáceis do discurso na televisão,
você se engana achando isso tudo tão
normal
por trás de um sorriso,
há quem sempre mentirá,
sinceridade é só o que espero de você
ouça todas as notícias,
olhe bem ao seu redor,
retire a venda que o envolve,
é preciso ver
o sorriso, as notícias, isso tudo ao seu
redor,
na verdade, as respostas estão em você

Como Os Ponteiros De Um Relógio

Uma solidão que corre dentro
O medo de ser o que não sou
Um grito de criança nascida
Ondas de intermináveis seqüências
Cada onda é uma fase vivida
Recordações de coisas más
Situções desagradáveis
Situções já sentidas
No começo era uma sensação
Depois o corpo se duplica
Como os ponteiros de um relógio
Um giro até encontrar o outro
Agora não existe mais corpo
Agora não existe mais nada
Somente a dor, vontade de viver
Somente a solidão
Somente a saudade

Sonhar Com Quê?

quando escurece, os jovens se
encontram,
conversam sobre o dia, tristezas,
bebidas, noites em vão,
voltam para casa e não tentam fugir,
a TV está alta, não conseguem dormir
trabalho, cansaço, o fim do mês, revistas,
modelos,
sonhar com quê?
quando amanhece, os jovens dispersam,
conversam sobre a noite, saudades,
momentos, horas sem fim,
voltam para casa e não tentam fugir,
a comida está fria, não conseguem
engolir
família, desprezo, rapaz ruim, novela,
dinheiro,
sonhar com quê?
trabalho, cansaço, o fim do mês, revistas,
modelos,
sonhar com quê?
família, desprezo, sonhar com quê?

Ninguém Entende Um Mod

podia estar contente com as pessoas ao
meu lado
podia ter certeza do que realmente sinto
mas se eu vivo na terra, ou se vivo no ar
você está em outro espaço, sempre em
outro lugar
jovem canta essa canção e dança prá
valer
mas ninguém entende, ninguém sabe o
quê sente
mas se eu vivo na terra, ou se vivo no ar,
você está em outro espaço, sempre em
outro lugar
ninguém entende um mod!

IRA!

Vivendo e não aprendendo (1986)



Envelheço Na Cidade

Mais um ano que se passa
Mais um ano sem você
Já não tenho a mesma idade
Envelheço na cidade
Essa vida é jogo rápido
Para mim ou pra você
Mais um ano que se passa
Eu não sei o que fazer
Juventude se abraça
Se une pra esquecer
Um feliz aniversário
Para mim ou pra você
Feliz aniversário
Envelheço na cidade
Feliz aniversário
Envelheço na cidade
Meus amigos, minha rua
As garotas da minha rua
Não sinto, não os tenho
Mais um ano sem você
As garotas desfilando
Os rapazes a beber
Já não tenho a mesma idade
Não pertenco a ninguém
Juventude se abraça
Se une pra esquecer
Um feliz aniversário
Para mim ou pra você
Feliz aniversário
Envelheço na cidade
Feliz aniversário
Envelheço na cidade

Casa de Papel

Na dura frieza do dia a dia
Que você aprendeu pobre Daniel
Que as respostas não caem do céu
O que vai restar a seu filho mais novo
Já que o aço foi trocado pelo plástico
E sua casa é de papel?
Será que o prazer de tocar sua guitarra
E a gratidão de chutar uma bola
Vão lhe render juro ou não
Foram bons os tempos das descobertas
da juventude
Mas hoje você gosta de pernas bem mais
grossas
Com o padrão tão baixo na sua casa de
papel
O seu filho mais novo, pobre Daniel!
E quando você está inseguro
Fazendo sempre as mesmas perguntas
Esperando respostas caírem do céu
O que vai restar ao seu filho mais novo
Já que o aço foi trocado pelo plástico
E sua casa é de papel?
Você não vai ouvir nada do céu
Será que não notou que nós vivemos
num inferno?
E o padrão caindo na sua casa de papel.

Dias de Luta

Só depois de muito tempo
Fui entender aquele homem
Eu queria ouvir muito
Mas ele me disse pouco...
Quando se sabe ouvir
Não precisam muitas palavras
Muito tempo eu levei
Prá entender que nada sei
Que nada sei!...
Só depois de muito tempo
Comecei a entender

Como será meu futuro
Como será o seu...
Se meu filho nem nasceu
Eu ainda sou o filho
Se hoje canto essa canção
O que cantarei depois?
Cantar depois!...
Se sou eu ainda jovem
Passando por cima de tudo
Se hoje canto essa canção
O que cantarei depois?
Só depois de muito tempo
Comecei a refletir
Nos meus dias de paz
Nos meus dias de luta...
Se sou eu ainda jovem
Passando por cima de tudo
Se hoje canto essa canção
O que cantarei depois?
Cantar depois!...

Tanto Quanto Eu

Nos dias da semana
Nos anos que virão
Vão correr notícias de abalar o coração
Tudo é tão calmo
Um dia de verão
Mas foi infernal tamanha informação
Eu sei do que você é capaz
Tanto quanto eu rapaz
Nos dias da semana...
Nos anos que virão
Vão correr notícias de abalar o coração
Tudo é tão calmo
Um dia de verão
Mas foi infernal tamanha informação
Eu sei do que você é capaz
Tanto quanto eu rapaz
Correu o bairro afora, não seguiu nenhum
conselho
Amigos lhe acalmavam, porém, era tudo
em vão
Deu tudo por perdido
Mas a honra fala alto
Correu o bairro afora
Não deu ouvidos a razão
Desejo de vingança, Ira irracional!
Nos dias da semana
Nos anos que virão
Vão correr notícias de abalar o coração
Eu sei do que você é capaz
Tanto quanto eu rapaz
Tanto quanto eu rapaz

Vitrine Viva

Ontem eu gostei
Ontem eu gostei - de tudo
Quando te beijei
Quando te beijei - na boca
Ontem na cidade
Ontem na cidade - sangue
Enquanto te beijava
Enquanto te beijava a boca
Ontem na cidade, ontem na cidade -
sangue
Na vitrine a modelo
Na vitrine a modelo linda
Vitrine Viva - viva!
Vitrine Viva - viva!
Vitrine Viva - viva!
Vitrine!
Eu, ontem estava lá
Ontem estava lá - ontem
Você estava lá, você estava lá e eu
também
Eu não sou uma vitrine linda
Eu não sou

Flores Em Você

De todo o meu passado
Boas e más recordações
Quero viver meu presente
E lembrar tudo depois...
Nessa vida passageira
Eu sou eu, você é você
Isso é o que mais me agrada
Isso é o que me faz dizer...
Que vejo flores em você!...
De todo o meu passado
Boas e más recordações
Quero viver meu presente
E lembrar tudo depois...
Nessa vida passageira
Eu sou eu, você é você
Isso é o que mais me agrada
Isso é o que me faz dizer...

Que vejo flores em você!
Que vejo flores em você!
Que vejo flores em você!
Que vejo flores em você!...

Quinze Anos

Quando me sinto assim
Volto a ter quinze anos
Começando tudo de novo
Vou me apanhar sorrindo
Seu amor hoje
Me alimentará amanhã
Eis o homem
Que se apanha chorando
Vivendo e não aprendendo
Eis o homem, este sou eu
Que se diz seguro
Que se diz maduro
Seu amor hoje
Me alimentará amanhã
Eis o homem
Que se apanha chorando
Vivendo e não aprendendo
Eis o homem, este sou eu
Que se diz seguro
Que se diz maduro
Seu amor hoje
Me alimentará amanhã
Eis o homem
Que se apanha chorando

Nas Ruas

Nas ruas é que me sinto bem
Nas ruas é que me sinto bem
Ponho o meu capote e está tudo bem
e está tudo bem
Vejo pessoas não tão bem vestidas
Podiam estar melhor!
Vejo pessoas desmioladas, viraram a
massa devorada por alguém
sem princípios e muito esperto
Nas ruas é que me sinto bem
Nas ruas é que me sinto bem
Ponho o meu capote e está tudo bem
e está tudo bem
Vejo pessoas não tão bem vestidas
Podiam estar melhor!
Vejo pessoas desmioladas, viraram a
massa devorada por alguém
sem princípios e muito esperto
Muitos vêem no homem um cifrão
Muitos vêem no homem um cifrão
Esqueceram o bater do coração
Muitos vêem no homem um cifrão
Nas ruas é que me sinto bem
Nas ruas é que me sinto bem
Ponho o meu capote e está tudo bem
e está tudo bem
Vejo pessoas não tão bem vestidas
Podiam estar melhor!
Vejo pessoas desmioladas, viraram a
massa devorada por alguém
sem princípios e muito esperto

Gritos Na Multidão

Sabe faz, faz tanto tempo faz
Já faz um tempo faz, estou querendo
mais
Preciso ir embora, tomei uma coca-cola
Não se preocupe mais
Eu não perturbo mais
Já disse adeus a mãe
Já disse adeus ao pai
Estou desempregado, estou
desgovernado
A fome me faz mal, estou passando mal
Mas vou entrar na luta, eu vou sair na
rua
Já vejo a poluição
Já está ficando perto
Esse é o coração da máquina do esperto
E aqui estou então, não estou sozinho
não
É mais de um milhão, ninguém mais
pensa irmão
Existe confusão
Gritos na multidão
É o fim da convenção
Gritos da multidão
Pobre de ti irmão

Pobre Paulista

Todos os não se agitam
Toda adolescência acata
E a minha mente gira
E toda ilusão se acaba

Dentro de mim sai um monstro
Não é o bem, nem o mal
É apenas indiferença
É apenas ódio mortal
Não quero ver mais essa gente feia
Não quero ver mais os ignorantes
Eu quero ver gente da minha terra
Eu quero ver gente do meu sangue
Pobre São Paulo,
Pobre paulista, Oh, Oh
Pobre São Paulo,
Pobre paulista, Oh, Oh
Eu sei que vivo em louca utopia
Mas tudo vai cair na realidade
Pois sinto que as coisas vão surgindo
É só um tempo pra se rebelar
Pobre São Paulo,
Pobre paulista, Oh, Oh
Pobre São Paulo,
Pobre paulista, Oh, Oh

Parou, pensou e chegou... a essa
conclusão
Pobre São Paulo,
Pobre paulista, Oh, Oh
Pobre São Paulo, pobre paulista...
Pobre São Paulo, pobre paulista...
Pobre São Paulo, pobre paulista...
Pobre São Paulo, pobre paulista...

IRA!

Psicoacústica (1988)



Rubro Zorro

Trata-se de um faroeste sobre o terceiro
mundo...
O caminho do crime o atrai
Como a tentação de um doce
Era tido como um bom rapaz
Foi quem foi
Ao calar da noite
Anda nessas bandas
Do paraíso é o zorro
Rubro zorro
Espertos rondam o homem
Um tipo comum
Tesouro dos jornais
Sem limite algum
Luz Vermelha foi perdido no cais
Do terror
Um inocente na cela de gás
Sem depor
Luz Vermelha foi perdido no cais
Dos sem nome
Era tido como um bom rapaz
Tal qual o "Golem"[*]
Sou o inimigo público número um
Queira isso ou não
Por ser tão personal
Personal, personal...
O caminho do crime o atrai
Como a tentação de um doce
Foi calado na cela de gás
O bom homem mau
No asfalto quente
O crime é o que arde
Bandidos estão vindo
De toda parte
O caminho do crime o atrai...
É na cabeça...
Seu poder racional...
É na cabeça...
Personal, personal...

Manhãs de Domingo

Nas manhãs de Domingo
Parece que todos olham pra você
Atravessando as ruas
Sem olhar pros faróis
Nas manhãs de Domingo
Parece que a noite valeu a pena
Nas manhãs de Domingo
Conversando com os amigos invisíveis
Seu rosto ainda reflete
A noite que passou
Você chega em casa
Com a cabeça em outro lugar
Seu rosto ainda reflete
Uma grande felicidade
Nas manhãs de Domingo
Parece que todos olham pra você
Atravessando as ruas sem olhar pros
faróis
Nas manhãs de Domingo
Parece que a noite valeu a pena
Sua família esperava
Já é hora do almoço
Todos lhe olham
Mas você não vê ninguém
Sua cabeça esta em outro lugar
Parece que realmente
A noite valeu a pena
Nas manhãs de Domingo
Parece que todos sempre
Esquecem da Segunda feira
E as horas se passam
E você não voltou
Você chega em casa
Com a cabeça em outro lugar
Seu rosto ainda reflete
Uma grande felicidade
E agora o que te espera
E agora o que te espera

Poder, Sorriso, Fama

Estou aprendendo muito
Confiando nas pessoas
Um tiro pelas costas...
Poder, sorriso, fama
Ando fugindo pelas ruas
Mas alguém me vê na televisão
Depois que deixei a minha rua
Um tiro pelas costas
Poder, sorriso, fama
Poder, sorriso, fama
estou sofrendo muito
Bebendo fico sóbrio
Ninguém sabe o que sinto
Olho para o espelho
Ando fugindo pelas ruas
Mas alguém me vê na televisão
Ninguém sabe o que sinto
Olho para o espelho, vejo...
Poder, sorriso, fama
Poder, sorriso, fama

Receita Para Se Fazer Um Herói

Toma-se um homem
Feito de nada como nós
Em tamanho natural
Toma-se um homem
Feito de nada como nós
Em tamanho natural
Embebece-lhe a carne
De um jeito irracional
Como a fome, como o ódio
Embebece-lhe a carne
De um jeito irracional
Como a fome, como o ódio
Depois, perto do fim
Levanta-se o pendão
E toca-se o clarim
E toca-se o clarim
Serve-se morto
Serve-se morto
morto, morto
Serve-se morto
Serve-se morto

Pegue Essa Arma

Eu sou um grito
Estou calado
você me complica
calando tua boca
Tanta farsa, tanto roubo
E o Boy toma coca-cola
Tiro Ianque para cima
Me acertou na testa
Tudo muda é preciso mudar
não é fácil o perigo passar

Sua cegueira mais e mais me complica
Se sua roupa vale mais que a comida
Tanta farsa, tanto roubo
E o Boy toma coca-cola
Tiro Ianque para cima
Me acertou na testa
Pegue essa arma!
Pegue essa arma!!
Pegue essa arma!!!

Farto Do Rock 'n'Roll

Eu fico tentando me satisfazer
Com outros sons, outras batidas, outras
pulsações
O planeta é grande e eu vou descobrir
Muitas respostas as minhas perguntas
agora
Sempre tem alguma coisa pra me
atrapalhar
E com a testa franzida de tanto me
preocupar
Então eu faço como os outros e vou
assistir ao show
Fim de semana sim
Fim de semana não
Às vezes tudo bem
Às vezes sem razão
Já estou farto do Rock'n'Roll
Já estou farto do Rock'n'Roll
Eu fico buscando nos quatro cantos do
mundo...
Algo que esteja na minh'alma
Que me faça enxergar além
Outros sons, outras batidas, outras
pulsações

Advogado do Diabo

Eu não sou o que dizem que sou
Nem tu és o que dizem que és
Me diga promotor
O seu tempo já passou
Quem é o vilão dessa história?
Meninos enjaulados nada disso é
conversa
São todos pecadinhos que até hoje Deus
confessa
São filhos do sinal
São filhos de Zumbi,
São filhos dos que choram
E também de quem sorri
Por isso poupe a pompa e olhe para si!
Não há quem não corrompa com tanta lei
assim
a sua mesa é fina mais a minha mesa é
forte
Brincando com o destino
Tratamento e choque!
Alheio a tudo, alheio a todos
Passando frio e pegando fogo!
Alma danada seu crime é o castigo
Eu quebro a regra do jogo
Atire a pedra no pequeno mas um
Dia você vai se queimar

Mesmo Distante

Se você não se lembra
Então feche os olhos e sinta
Onde quer que esteja
O tempo vai voltar
E as nuvens serão velhas paisagens
E eu estarei apertando a sua mão
Eu estarei a seu lado
Se você sabia das razões
Que eu tinha pra voltar
Hoje sabe por que não fiquei
Por que não fiquei
Mas eu lembro toda vez que necessito
De algo pra elevar minh'alma ao longe
E esse seu sorriso cristalino...

IRA!

Clandestino (1989)



Melissa

Um capitão Amante da disciplina soube
que os
Soldados do destacamento estavam
dançando
Com uma garota estranha... e mandou
sua ordenança
buscar o regimento"
(Melissaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa)
O cabo foi cumprir a ordem de parar. E
não parou
quem cai na roda não se lembra mais
Sargento foi cumprir a ordem de parar. E
não parou
quem cai na roda não se lembra mais
Tenente foi cumprir a ordem de parar. E
não parou
quem cai na roda não se lembra mais
E o capitão pessoalmente foi parar. E não
parou
Não se lembra mais
"No coração da mata ela se esconde
Camuflada, selvagem
Melissa adora arte, intriga, política
E com seus lindos lábios vermelhos seduz
o soldado
a dançar
(Melissaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa)
Melissa, só meu beijo cala tua boca"

Tarde Vazia

Pela janela
Vejo fumaça
Vejo pessoas...
Na rua os carros
No céu o sol e a chuva
O telefone tocou
Na mente fantasia...
Você me ligou
Naquela tarde vazia
E me valeu o dia...(2x)
Pela janela
Vejo fumaça
Vejo pessoas...
Na rua os carros
No céu o sol e a chuva
O telefone tocou
Na mente fantasia...
Você me ligou
Naquela tarde vazia
Na mente fantasia...
Você me ligou
Naquela tarde vazia
E me valeu o dia...
Valeu o dia!
Valeu o dia!
Valeu o dia!
Você me ligou
Naquela tarde vazia
Na mente fantasia
Na mente fantasia
Na mente fantasia...
Podia ter
Muitas garotas
Mas você é diferente
Você me ligou
Naquela tarde vazia
E me valeu o dia
Valeu o dia!
Valeu o dia!...
Na mente fantasia
Na mente fantasia...
Cantando a melodia
Cantando a melodia...

Efeito Bumerangue

Você me faz perder o medo de te amar
Quando me olha e consola a minha dor
E eu não consigo nem saber aonde estou
Nos seus caminhos me perdi, meu amor
Me dê a mão, vamos brincar de se amar
de novo
E se algum dia você for embora e não
mais voltar...
Volte sim!
Que o nosso amor é feito um
bumerangue

Boneca De Cera

Você não é mais a mesma
Você mudou pra valer
E um sorriso de seus lábios
Não terei
Eu sinto um frio
Que vem do seu coração
Mesmo nesse sol de verão
Apenas um suspiro
E um olhar perdido
Por que as coisas são assim?
Estamos perto um do outro
Mas você está longe de mim
É tão fácil, mas é impossível dizer.
Foi o tempo
Que tomou suas palavras
E hoje você parece
Uma boneca de cera
Com sua cara triste
Não sente os pingos da chuva
Nem minha presença sente também
Amiga eu quero lhe mostrar
Que estou ao seu lado
Amiga eu não quero te ver chorando
Foi o tempo
Que tomou suas palavras
Mas dê um tempo
Pra que seu imenso vazio
Seja tomado
Pela vontade de criar e viver

Cabeças Quentes

Ele é um homem como qualquer um
Nunca foi tão violento. Cidadão comum
Mas ele sabe que de uma hora para outra
Se preciso for lutar não tem como vacilar
Vai ser preciso! vai ser preciso sim!
Hoje tudo esta calmo (calmo até demais)
Leio ópio, fumo os jornais
Só quero ver se eles vão ter peito de
mostrar
As manchetes que vão se criar
Ele diz não é possível agüentar calado
A realidade que nos fazem engolir
O sol aqui é cada vez mais forte
Soma-se poluição... temos uma revolução
Cabeças quentes na poluição! cabeças
quentes, ai de vocês!
O rapaz desempregado sorrindo espera o
carnaval
E caiu no noticias populares
Vai ser preciso! vai ser preciso, sim!
Eu vejo nas matas
Eu vejo a fome nas ruas
E eles pensam que detêm as nossas
mentes
Frente a um aparelho de TV... prá turista
vê...
... prá manipular...

O Dia, A Semana, O Mês

O que me prende as pessoas
É a procura de um espelho
Que reflita uma imagem
Pelo menos semelhante
O que me prende as pessoas
É a procura de um espelho
Que reflita uma imagem
Pelo menos semelhante
O que me leva a duvidar
É o medo de morrer
São noites tão vazias,
É a janela, é a janela de um prédio?
É a janela de um prédio?
É a janela de um prédio?
É a janela de um prédio?
Hoje é sábado ou segunda,
Eu falava ou te ouvia?
O dia, a semana, o mês
Ano que vem talvez, talvez
Hoje é sábado ou segunda,
Eu falava ou te ouvia?

O dia, a semana, o mês
 Ano que vem talvez, talvez
 O que me faz tão confuso
 É a falta de afeto
 São amigos também tão confusos,
 Que se tornam,
 Que se tornam inimigos
 amigos que se tornam inimigos

Patroa

Você e suas conversas pra cima de mim
 E eu, tão piedoso, confio sem crer.
 Eu que tinha tanta coisa pra lhe dizer
 E você com esse papo me enrolou
 Vim te cobrar e sai devendo
 Isso não pode ficar assim
 Você de longe parece tão doce
 Mas é de perto que eu vejo
 A sua verdadeira cara:
 Minha patroa, seu empregado
 Que engraçado, minha patroa...
 Você vem com conversas pra cima de mim,
 E eu tão piedoso, confio sem crer.
 Esse seu papo de chover no molhado.
 E meu ordenado o vento levou.
 Minha patroa, eu me demito.
 Que engraçado, minha patroa...

Consciência Limpa

Se você quer cantar mais alto do que eu
 Se você quer levar minha vida pra me podar na luta
 Você grita comigo mas não é por muito tempo
 Não é não, traidor, sinta toda minha dor
 Você tem experiências mas não sabe nada
 Pense em suas palavras antes de abrir sua boca
 Existem águas passadas mas, não existe perdão
 Não existe, não, você dançou, aprenda agora a sua lição
 Eu sei por qual razão você quer me destruir
 Mas eu sou bem real, você é ilusão, você é pretensão
 Sinto mas minha consciência continua limpa
 Pois tenho a idéia firme que meu mundo não cai
 E você gritou comigo mais não foi por muito tempo
 Não foi, não, infeliz, farei com que recolham sua raiz

Clandestino

Hoje eu quero parar por que o belo não existe
 O que existe é tudo podre
 Vejo fantasmas da rotina
 E o pior esta pra acontecer
 Hoje eu quero parar por que o odor já me atingiu
 E as estradas não se cruzam pois o caminho é um só
 E o pior esta pra acontecer
 A burguesia me atinge, me atira contra a parede
 Quando o sonho é impossível não se tarda pra morrer
 E o pior esta pra acontecer

Nasci em 62

Eu não vi Kennedy morrer
 Eu não conheci Martin Luther King
 Eu não tenho muito para dizer... ?
 Nasci em 62, nasci em 62
 Eu não conheci os políticos
 Mas conheci a mentira
 Li tudo nos livros
 Aprendi na escola
 Eu não vi Kennedy morrer
 Eu não conheci Martin Luther King
 Eu não tenho muito para dizer... ?
 Nasci em 62, nasci em 62
 Eu posso morrer hoje
 Meu dinheiro nada vale
 Eu não quero segurança
 Eu não vi Kennedy morrer
 Eu não conheci Martin Luther King
 Eu não tenho muito para dizer... ?
 Nasci em 62, nasci em 62

KID ABELHA Seu espião (1984)



Seu Espião

Ver você dormir
 Me corta o coração
 Se o seu sorriso
 É sonho ou traição
 O que você sonhou
 Eu nunca vou saber
 Me dá uma pista
 Que eu possa percorrer
 Não que eu seja ciumento
 É apenas precaução
 Quando você acordar
 E não puder lembrar
 O que sentiu
 Será que não mentiu pra mim
 Quantos beijos de amor
 Você pode sonhar
 Em mil histórias
 Onde eu não posso entrar
 Deixa eu ler seu pensamento
 Deixa eu ser seu espião
 Deixa eu ser seu espião
 Alguém tem que controlar o seu coração
 Deixa eu ser seu espião
 Alguém tem que controlar o seu coração
 Deixa eu ser seu espião
 Alguém tem que controlar o seu coração
 Deixa eu ser seu espião
 Alguém tem que controlar o seu coração

Nada Tanto Assim

Só tempo pra manchetes no metrô
 E o que acontece na novela
 Alguém me conta no corredor
 Escolho os filmes que eu não vejo no elevador
 Pelas estrelas que eu encontro
 Na crítica do leitor
 Eu tenho pressa
 E tanta coisa me interessa
 Mas nada tanto assim
 Eu tenho pressa
 E tanta coisa me interessa
 Mas nada tanto assim
 Só me concentro em apostilas
 Coisa tão normal
 Leio os roteiros de viagem
 Enquanto rola o comercial
 Conheço quase o mundo inteiro por cartão postal
 Eu sei de quase tudo um pouco e quase tudo mal

Alice

Tantos sonhos morrem em poucas palavras.
 Um bilhete curto... já não há nada.
 Alice, não se esqueça do nosso amor.
 Será que eu tenho sempre que te lembrar.
 Todo dia, toda hora?
 Eu te imploro por favor
 Alice, não me escreva aquela carta... de amor, oh, oh, oh
 Alice, não me escreva aquela carta... Sempre tive medo das suas idéias.
 Por que você precisa ser tão sincera?
 Alice eu tô treinando pra te enfrentar.
 Tenho mil motivos pra você me suportar
 Fica mais uma semana
 Nesse tempo a gente engana
 Alice, não me escreva aquela carta... de amor
 Alice, não me escreva aquela carta...

Alice, não me escreva aquela carta... de amor
 Alice, não me escreva aquela carta...

Hoje Eu Não Vou

Quando eu acordo ainda está escuro
 eu digo hoje eu não vou
 Mas minha mãe já vem bater na porta
 Eu digo hoje eu não vou
 Sonambulismo no café eu não entendo
 o dia já começou
 Quando eu percebo tô na aula
 de desenho, o dia já começou
 Aquela voz nos meus ouvidos
 em geometria eu tô perdido
 no quadro negro, ouço o barulho
 da unha do professor
 me dá nos nervos eu só consigo
 fugir pro corredor
 Nunca never hoje eu não vou
 Eu não consigo concentrar por um segundo
 Só sei que aqui eu não tou
 Podia estar em qualquer lugar do mundo
 Só sei que aqui eu não tou
 Os meus colegas favoritos
 tocam fogo na cortina
 as minhas notas, todas vermelhas
 na mesa do diretor
 me dá nos nervos eu só consigo
 fugir pro corredor
 nunca, never...

Fixação

Seu rosto na TV
 Parece um milagre
 Uma perfeição
 Nos mínimos detalhes...
 Eu mudo o canal
 Eu viro a página
 Mas você me persegue
 Por todos os lugares...
 Eu vejo seu pôster
 Na folha central
 Beijo sua boca
 Te falo bobagens...
 Fixação!
 Seus olhos no retrato
 Fixação!
 Minha assombração
 Fixação!
 Fantasmas no meu quarto
 Fixação!
 I want to be alone...
 Preciso de uma chance
 De tocar em você
 Captar a vibração
 Que sinto em sua imagem...
 Fecho os olhos
 Pra te ver, você nem percebe
 Penso em provas de amor
 Ensaio um show passional...
 Eu vejo seu pôster
 Na folha central
 Beijo sua boca
 Te falo bobagens...
 Fixação!
 Seus olhos no retrato
 Fixação!
 Minha assombração
 Fixação!
 Fantasmas no meu quarto
 Fixação!
 I want to be alone...

Como eu quero

Diz prá eu ficar muda
 Faz cara de mistério
 Tira essa bermuda
 Que eu quero você sério...
 Tramas do sucesso
 Mundo particular
 Solos de guitarra
 Não vão me conquistar...
 Uh! eu quero você
 Como eu quero!
 Uh! eu quero você
 Como eu quero!...
 O que você precisa
 É de um retoque total
 Vou transformar o seu rascunho
 Em arte final...
 Agora não tem jeito
 Cê tá numa cilada
 Cada um por si
 Você por mim e mais nada...

Uh! eu quero você
 Como eu quero!
 Uh! eu quero você
 Como eu quero!...
 Longe do meu domínio
 Cê vai de mal a pior
 Vem que eu te ensino
 Como ser bem melhor...
 Longe do meu domínio
 Cê vai de mal a pior
 Vem que eu te ensino
 Como ser bem melhor...
 (Bem melhor!)...

Ele Quer me Conquistar

Todo mundo fala
 E eu quase acredito
 É muita areia pro meu caminhão
 Mas ele liga e se desmancha de paixão
 Eu não agüento tanta emoção
 E o fone cai da minha mão
 Todo mundo diz
 Que ele não existe
 Que é melhor eu não me iludir
 Mas ele pega no meu braço pra falar
 E tá tão perto que eu vou desmaiar
 E ganho eu beijo pra acordar
 Eu não sei mais o que falar
 Ele chama pra conversar
 Fico assustada
 Eu não sou nada
 Ele quer me conquistar
 Toda noite eu sonho
 Que ele é diferente
 Que ele vive em outra dimensão
 Mas nosso encontro de hoje à tarde
 É no dentista
 E ele grita antes da injeção
 Chega Dr. Furtado não
 Eu não sei mais o que falar...

Por Que Não Eu?

Quando ela cai no sofá, so far away
 Vinho à beça na cabeça, eu que sei
 Quando ela insiste em beijar seu
 travesseiro, eu me viro do avesso
 Eu vou dizer aquelas coisas, mas na hora
 esqueço
 Por que não eu?
 Por que não eu?
 Eu encomendo o jantar só pra nós dois
 Se não tem nada pra depois, então por
 que não eu?
 Você "tá" nessa rejeitada, caçando paixão
 Eu com a cara mais lavada digo, Por que
 não?

Homem Com Uma Missão

Tanto faz a cor do céu
 Ou o brilho de outro olhar
 Nada vai mudar
 Nunca tem problema
 Nunca vai parar
 Ele tem que andar
 Não tem tempo pra gastar não
 Não me vê passar não
 Nada tira a atenção
 De um homem com uma missão
 Todo dia a mesma direção
 A mesma solidão
 Ninguém vai saber
 Por que olha assim por cima
 Sem me perceber
 Não vai dizer
 Não tem tempo pra gastar não
 Não me vê passar não
 Nada tira a atenção
 De um homem com uma missão
 Todo dia a mesma direção
 A mesma solidão
 Ninguém vai saber
 Por que olha assim por cima
 Sem me perceber
 Não vai dizer
 Não tem tempo pra gastar não

Pintura Íntima

Vem amor que a hora é essa
 Vê se entende a minha pressa
 Não me diz que eu tô errado
 Eu tô seco, eu tô molhado
 Deixa as contas
 que no fim das contas
 O que interessa pra nós
 É fazer amor de madrugada
 Amor com jeito de virada

Larga logo desse espelho
 Não reparou que eu tô até vermelho
 Tá ficando tarde no meu edredom
 Logo o sono bate
 Deixa as contas
 que no fim das contas
 O que interessa pra nós
 É fazer amor de madrugada
 Amor com jeito de virada

KID ABELHA Educação sentimental (1985)



Lágrimas e chuva

Eu perco o sono e choro
 Sei que quase desespero
 Mas não sei por quê
 A noite é muito longa,
 Eu sou capaz de certas coisas
 Que eu não quis fazer.
 Será que alguma coisa,
 Nisso tudo, faz sentido?
 A vida é sempre um risco,
 Eu tenho medo do perigo.
 Lágrimas e chuva
 Molham o vidro da janela
 Mas ninguém me vê
 O mundo é muito injusto
 Eu dou plantão nos meus problemas
 Que eu quero esquecer
 Será que existe alguém
 Ou algum motivo importante
 Que justifique a vida
 Ou pelo menos este instante
 Eu vou contando as horas
 E fico ouvindo passos
 Quem sabe o fim da história
 De mil e uma noites
 De suspense no meu quarto
 Eu perco o sono e choro
 Sei que quase desespero
 Mas não sei por quê
 Não sei por quê
 A noite é muito longa
 Eu sou capaz de certas coisas
 Que eu não quis fazer
 Quis fazer
 Será que existe alguém no mundo?
 Eu vou contando as horas
 E fico ouvindo passos
 Quem sabe o fim da história
 De mil e uma noites de suspense no meu
 quarto
 No meu quarto...

Educação Sentimental II

A vida que me ensinaram como uma vida
 normal
 Tinha trabalho, dinheiro, família, filhos e
 tal
 Era tudo tão perfeito se tudo fosse só isso
 Mas isso é menos do que tudo,
 É menos do que eu preciso
 Agora você vai embora
 E eu não sei o que fazer
 Ninguém me explicou na escola
 Ninguém vai me responder
 Eu sei a hora do mundo inteiro
 Mas não sei quando parar
 É tanto medo de sofrimento
 Que eu sofro só de pensar
 A quem eu devo perguntar, aonde eu vou
 procurar
 Um livro onde aprender a você não me
 deixar
 Agora você vai embora
 E eu não sei o que fazer

Ninguém me explicou na escola
 Ninguém vai me responder
 Eu sei a hora do mundo inteiro
 Mas não sei quando parar
 É tanto medo de sofrimento
 Que eu sofro só de pensar
 A quem eu devo perguntar, aonde eu vou
 procurar
 Um livro onde aprender a você não me
 deixar
 Agora você vai embora
 E eu não sei o que fazer
 Ninguém me explicou na escola
 Ninguém vai me responder

Conspiração Internacional

Todo mundo sabe de alguma coisa
 Que eu não sei
 De um filme que eu não vi
 De uma aula que eu faltei
 Por mais que eu tente
 Eu nunca chego no horário
 Eu perco tudo o que eu ponho no armário
 Tudo atrapalha o que eu faço
 Mas pros outros parece tão fácil
 A fila que eu escolho
 Vai sempre andar mais devagar
 E o troco acaba bem na hora em que eu
 vou pagar
 Se eu me distraio um único instante
 Pode apostar que eu perco o mais
 importante
 Tudo atrapalha o que eu faço
 Mas pros outros parece tão fácil
 Os vizinhos devem rir por trás do jornal
 E eu desconfo de um complô
 O maior que já se armou
 Uma conspiração internacional
 Todo mundo acha que o Rio de Janeiro
 Não é bonito como foi no passado
 Será verdade, será que eu devo acreditar
 Quando eles dizem que eu cheguei
 atrasado
 Nunca foi nada perfeito
 Mas até que eu gosto assim desse jeito

Os Outros

Já conheci muita gente
 Gostei de alguns garotos
 Mas depois de você
 Os outros são os outros
 Ninguém pode acreditar
 Na gente separado
 Eu tenho mil amigos, mas você foi
 O meu melhor namorado
 Procuo evitar comparações
 Entre flores e declarações
 Eu tento te esquecer
 A minha vida continua
 Mas é certo que eu seria sempre sua
 Quem pode me entender
 Depois de você, os outros são os outros e
 só
 São tantas noites em restaurantes
 Amores sem ciúmes
 Eu sei bem mais do que antes
 Sobre mãos, bocas e perfumes
 Eu não consigo achar normal
 Meninas do seu lado
 Eu sei que não merecem mais que um
 cinema
 Com meu melhor namorado
 Procuo evitar comparações
 Entre flores e declarações
 Eu tento te esquecer
 A minha vida continua
 Mas é certo que eu seria sempre sua
 Quem pode me entender
 Depois de você, os outros são os outros e
 só
 Depois de você, os outros são os outros e
 só

Amor Por Retribuição

Ovos quentes e café na cama
 As suas lágrimas no meu pijama
 Você não pode me cobrar
 Pelo que deu de graça
 Sempre inventando
 Mais provas de amor
 E só me abraça pra sentir o efeito
 Acho que a sua inspiração
 Está em livros de direito
 Talvez eu tenha ganho
 Mais que eu tenha dado
 Mas contas de amor

Sempre dão errado
 Você me lembra histórias do passado
 E tudo mais pra eu me sentir culpado
 Amor por retribuição
 Você só pode estar de brincadeira
 Pinguins em cima de geladeiras
 Valem tanto quanto um beijo por
 compaixão
 Ovos quentes e café na cama
 Eu sei de tudo que você trama
 Os mesmos truques de manhã
 Você já não me engana
 Não se importa em estar apaixonado
 Só pensa em datas e compromissos
 Seus beijos uma vez por mês
 Não quero nada disso

Educação Sentimental

Eu ando tão nervoso pra te escrever
 Os versos mais profundos
 Eu roço no seu braço e passo sem mexer
 Feliz por um segundo
 É sempre a mesma cena
 Só te ver no corredor
 Esqueço do meu texto
 Eu fracasso como ator
 Só dou vexame
 Fico olhando pros seus peitos
 Escorrego na escada,
 Acho que assim não vai dar jeito
 Educação Sentimental
 Eu li um anúncio no jornal
 Ninguém vai resistir
 Se eu usar os meus poderes para o mal
 Eu treino a tarde inteira
 O que é que eu vou falar
 Quando eu estiver no telefone
 Naquela hora em que o
 assunto acabar
 Não posso entrar em pane
 Te levar pra cama e te dizer
 coisas bonitas
 Vai ser tão simples quanto eu vejo
 nas revistas
 Que falam de amor como uma coisa
 tão normal
 Como se não passasse de um
 encontro casual

Garotos

Garotos gostam de iludir
 Sorriso, planos
 Promessas demais
 Eles escondem
 O que mais querem
 Que eu seja a outra
 Entre outras iguais...
 São sempre os mesmos sonhos
 De quantidade e tamanho...
 Garotos fazem tudo igual
 E quase nunca chegam ao fim
 Talvez você seja melhor
 Que os outros
 Talvez, quem sabe
 Goste de mim...
 São sempre os mesmos sonhos
 De quantidade e tamanho...
 Garotos perdem tempo pensando
 Em brinquedos e proteção
 Romance de estação
 Desejo sem paixão
 Qualquer truque
 Contra a emoção...
 Garotos fazem tudo igual
 E quase nunca chegam ao fim
 Talvez você seja melhor
 Que os outros
 Talvez, quem sabe
 Goste de mim
 São sempre os mesmos sonhos
 De quantidade e tamanho...
 Garotos perdem tempo pensando
 Em brinquedos e proteção
 Romance de estação
 Desejo sem paixão
 Qualquer truque
 Contra a emoção...

Um Dia Em Cem

Eu me sinto tão mal
 Com essas conversas
 Nunca sei o que dizer
 Mas a gente se fala uma hora dessas
 Quando eu puder me entender
 É que assim eu me enrolo
 Eu fico sem ação
 Ah, se você soubesse ao menos
 A minha confusão
 Essas brigas me estragam o dia
 E o seu também
 Por mim eu não perdia
 Nem um dia em cem
 Nos meus sonhos você é que aparece
 Ninguém mais do que você
 Mas às vezes a gente diz coisas
 Que eu custo pra esquecer
 Acho muito difícil
 Eu não consigo entender
 A distância entre as coisas
 Que eu penso e sinto por você

Uniformes

Eu ouço sempre os mesmos discos
 Repenso as mesmas idéias
 O mundo é muito simples
 Bobagens não me afligem
 Você se cansa do meu modelo
 Mas juro, eu não tenho culpa
 Eu sou mais um no bando
 Repito o que eu escuto
 E eu não te entendo bem
 E quantos uniformes ainda vou usar
 E quantas frases feitas vão me explicar
 Será que um dia a gente vai se encontrar
 Quando os soldados tiram a farda pra
 brincar
 A minha dança, o meu estilo
 E pouco mais me importa
 Eu limpo as minhas botas
 Não sou ninguém sem elas
 Você se espanta com o meu cabelo
 É que eu saí de outra história
 Os heróis na minha blusa
 Não são os que você usa
 E eu não te entendo bem

A Fórmula do Amor

Eu tenho o gesto exato, sei como devo
 andar
 Aprendi nos filmes pra um dia usar
 Um certo ar cruel de quem sabe o que
 quer
 Tenho tudo planejado pra te impressionar
 Luz de fim de tarde, meu rosto em
 contra-luz
 Não posso compreender, não faz nenhum
 efeito
 A minha aparição será que errei na mão
 As coisas são mais fáceis na televisão
 Mantenho o passo alguém me vê
 Nada acontece, não sei porque
 Se eu não perdi nenhum detalhe
 Onde foi que eu errei
 Ainda encontro a fórmula do amor
 Ainda encontro a fórmula do amor
 Eu tenho a pose exata pra me fotografar
 Aprendi nos livros pra um dia usar
 Um certo ar cruel, de quem sabe o que
 quer
 Tenho tudo ensaiado pra te conquistar
 Eu tenho um bom papo e sei até dançar
 Não posso compreender, não faz nenhum
 efeito
 A minha aparição será que errei na mão
 As coisas são mais fáceis na televisão
 Eu jogo um charme, alguém me vê
 Nada acontece, não sei porque
 Se eu não perdi nenhum detalhe
 Onde foi que eu errei
 Ainda encontro a fórmula do amor
 Ainda encontro a fórmula do amor

KID ABELHA

Kid Abelha ao vivo (1986)



Fixação

Seu rosto na TV
 Parece um milagre
 Uma perfeição
 Nos mínimos detalhes...
 Eu mudo o canal
 Eu viro a página
 Mas você me persegue
 Por todos os lugares...
 Eu vejo seu pôster
 Na folha central
 Beijo sua boca
 Te falo bobagens...
 Fixação!
 Seus olhos no retrato
 Fixação!
 Minha assombração
 Fixação!
 Fantasmas no meu quarto
 Fixação!
 I want to be alone...
 Preciso de uma chance
 De tocar em você
 Captar a vibração
 Que sinto em sua imagem...
 Fecho os olhos
 Pra te ver, você nem percebe
 Penso em provas de amor
 Ensaio um show passional...
 Eu vejo seu pôster
 Na folha central
 Beijo sua boca
 Te falo bobagens...
 Fixação!
 Seus olhos no retrato
 Fixação!
 Minha assombração
 Fixação!
 Fantasmas no meu quarto
 Fixação!
 I want to be alone...

Lágrimas e chuva

Eu perco o sono e choro
 Sei que quase desespere
 Mas não sei por quê
 A noite é muito longa,
 Eu sou capaz de certas coisas
 Que eu não quis fazer.
 Será que alguma coisa,
 Nisso tudo, faz sentido?
 A vida é sempre um risco,
 Eu tenho medo do perigo.
 Lágrimas e chuva
 Molham o vidro da janela
 Mas ninguém me vê
 O mundo é muito injusto
 Eu dou plantão nos meus problemas
 Que eu quero esquecer
 Será que existe alguém
 Ou algum motivo importante
 Que justifique a vida
 Ou pelo menos este instante
 Eu vou contando as horas
 E fico ouvindo passos
 Quem sabe o fim da história
 De mil e uma noites
 De suspense no meu quarto
 Eu perco o sono e choro
 Sei que quase desespere
 Mas não sei por quê
 Não sei por quê
 A noite é muito longa
 Eu sou capaz de certas coisas
 Que eu não quis fazer

Quis fazer
Será que existe alguém no mundo?
Eu vou contando as horas
E fico ouvindo passos
Quem sabe o fim da história
De mil e uma noites de suspense no meu quarto
No meu quarto...

Nada Por Mim

Você me tem fácil demais
Mas não parece capaz
De cuidar do que possui
Você sorriu e me propôs
Que eu te deixasse em paz
Me disse vai, e eu não fui
Não faça assim
Não faça nada por mim
Não vá pensando que eu sou seu
Você me diz o que fazer
Mas não procura entender
Que eu faço só pra te agradecer
Me diz até o que vestir
Com quem andar e aonde ir
Mas não me pede pra voltar

Educação Sentimental II

A vida que me ensinaram como uma vida normal
Tinha trabalho, dinheiro, família, filhos e tal
Era tudo tão perfeito se tudo fosse só isso
Mas isso é menos do que tudo,
É menos do que eu preciso
Agora você vai embora
E eu não sei o que fazer
Ninguém me explicou na escola
Ninguém vai me responder
Eu sei a hora do mundo inteiro
Mas não sei quando parar
É tanto medo de sofrimento
Que eu sofro só de pensar
A quem eu devo perguntar, aonde eu vou procurar
Um livro onde aprender a você não me deixar
Agora você vai embora
E eu não sei o que fazer
Ninguém me explicou na escola
Ninguém vai me responder
Eu sei a hora do mundo inteiro
Mas não sei quando parar
É tanto medo de sofrimento
Que eu sofro só de pensar
A quem eu devo perguntar, aonde eu vou procurar
Um livro onde aprender a você não me deixar
Agora você vai embora
E eu não sei o que fazer
Ninguém me explicou na escola
Ninguém vai me responder

Pintura Íntima

Vem amor que a hora é essa
Vê se entende a minha pressa
Não me diz que eu tô errado
Eu tô seco, eu tô molhado
Deixa as contas
que no fim das contas
O que interessa pra nós
É fazer amor de madrugada
Amor com jeito de virada
Larga logo desse espelho
Não reparou que eu tô até vermelho
Tá ficando tarde no meu edredom
Logo o sono bate
Deixa as contas
que no fim das contas
O que interessa pra nós
É fazer amor de madrugada
Amor com jeito de virada

Nada Tanto Assim

Só tenho tempo pras manchetes no metrô
E o que acontece na novela
Alguém me conta no corredor
Escolho os filmes que eu não vejo no elevador
Pelos estrelas que eu encontro
Na crítica do leitor
Eu tenho pressa
E tanta coisa me interessa
Mas nada tanto assim

Eu tenho pressa
E tanta coisa me interessa
Mas nada tanto assim
Só me concentro em apostilas
Coisa tão normal
Leio os roteiros de viagem
Enquanto rola o comercial
Conheço quase o mundo inteiro por cartão postal
Eu sei de quase tudo um pouco e quase tudo mal
Eu tenho pressa
E tanta coisa me interessa
Mas nada tanto assim
Eu tenho pressa
E tanta coisa me interessa

Como eu quero

Diz pra eu ficar muda
Faz cara de mistério
Tira essa bermuda
Que eu quero você sério...
Tramas do sucesso
Mundo particular
Solos de guitarra
Não vão me conquistar...
Uh! eu quero você
Como eu quero!
Uh! eu quero você
Como eu quero!...
O que você precisa
É de um retoque total
Vou transformar o seu rascunho
Em arte final...
Agora não tem jeito
Cê tá numa cilada
Cada um por si
Você por mim e mais nada...
Uh! eu quero você
Como eu quero!
Uh! eu quero você
Como eu quero!...
Longe do meu domínio
Cê vai de mal a pior
Vem que eu te ensino
Como ser bem melhor...
Longe do meu domínio
Cê vai de mal a pior
Vem que eu te ensino
Como ser bem melhor...
(Bem melhor!)...

Os Outros

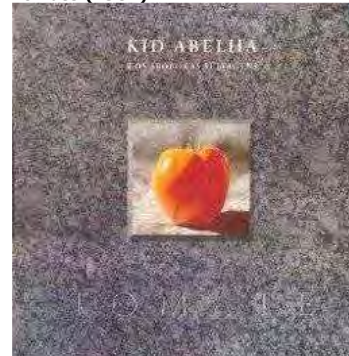
Já conheci muita gente
Gostei de alguns garotos
Mas depois de você
Os outros são os outros
Ninguém pode acreditar
Na gente separado
Eu tenho mil amigos, mas você foi
O meu melhor namorado
Procuo evitar comparações
Entre flores e declarações
Eu tento te esquecer
A minha vida continua
Mas é certo que eu seria sempre sua
Quem pode me entender
Depois de você, os outros são os outros e só
São tantas noites em restaurantes
Amores sem ciúmes
Eu sei bem mais do que antes
Sobre mãos, bocas e perfumes
Eu não consigo achar normal
Meninas do seu lado
Eu sei que não merecem mais que um cinema
Com meu melhor namorado
Procuo evitar comparações
Entre flores e declarações
Eu tento te esquecer
A minha vida continua
Mas é certo que eu seria sempre sua
Quem pode me entender
Depois de você, os outros são os outros e só
Depois de você, os outros são os outros e só

Por Que Não Eu?

Quando ela cai no sofá, so far away
Vinho à beça na cabeça, eu que sei
Quando ela insiste em beijar seu travesseiro, eu me viro do avesso
Eu vou dizer aquelas coisas, mas na hora esqueço

Por que não eu?
Por que não eu?
Eu encomendo o jantar só pra nós dois
Se não tem nada pra depois, então por que não eu?
Você "tá" nessa rejeitada, caçando paixão
Eu com a cara mais lavada digo, Por que não?

KID ABELHA Tomate (1987)



Me Deixa Falar

Onde andam meus amigos que não aparecem mais
Será que me abandonaram e eu fiquei, fiquei pra trás
Mas eu não ligo, sou eu que mando
Conto comigo numa confusão
Tudo o que eu quero eu consigo
Tenho essa sensação
O que foi que aconteceu nesse mundo masculino
Ora é moda o latin lover disfarçado de bom menino
Brasileiros, marçianos fazem tanto pra agradecer
Mas querem muito, querem tudo
Só não querem me escutar
Me deixa falar, me empresta um ouvido
Me deixa falar, me presta atenção
Se não me escutar, cuidado comigo
Eu perco a razão
Atiro tudo o que eu tenho na mão
Apresento as mesmas armas, tão antigas de tão usadas
Você diz que eu sou criança, louca, mansa...
Mas eu não corro nenhum perigo
Conto comigo numa confusão
Tudo o que eu quero eu consigo
Tenho essa sensação
Me deixa falar, me empresta um ouvido

Eu Preciso

Você me deu quase tudo o que eu quis
E olha o que eu dei, olha o que eu fiz
Mas sentimento é só um outro lado
Viver é mais que ser feliz
Fujo pra casa, fujo pra rua
Escorrem lágrimas sem razão
Tudo é real, tudo é real demais
Será que é essa a nova tentação
Não quero nada por gratidão
Também nada pelo que me aconteceu
Mesmo assim peço perdão
Mesmo com razão
Tudo isso é tão difícil
E eu me sinto tão longe de você
Eu preciso
Mais que ser feliz
Eu preciso
Mesmo com razão
Eu preciso
Mais que proteção
Eu preciso
Será que amor é perseguição
Ou maneira de viver
Eu sofro de perseguição porque gosto de sofrer
Inconsistente liberdade, sem você não há verdade
Fiel ao pecado, aboli a dor
Mas sem você não há amor
Tudo isso é tão difícil
Eu preciso, mas não só de você

No Meio da Rua

Como é que a moça passa por aqui
Fazendo cara de santa
Ela já tem a vida ganha, não pode reclamar
A solidão é meu passatempo e o sol despertador
De vez em quando ela dorme no chão
Achando a cama muito mole
Eu moro mesmo no meio da rua
Prá mim a vida é dura
Mas meu teto tem estrelas
E no alto um disco voador
Voando sobre o mar
Mudando de lugar
Querendo me levar prá outro mundo
Eu atrapalho seu caminho noturno
Notando seus defeitos um por um
Prendeu seu salto dentro de um bueiro
Perdeu todo o respeito
Vou matando assim meu tempo
Esperando um disco voador
Voando sobre o mar
Mudando de lugar
Querendo me levar prá outro mundo

Dança

Pra chamar a chuva como um ritual
Sob a lua cheia como um animal
Dentro do banheiro pra comemorar
Dança pela frente do espelho nua
Dança black music num baile de Bangu
Dança sobre as cruzeiras brancas no Caju
Passos de cinema como Cyd Charisse
Passe um reveillon no Sena numa peniche
Dance
Da menina feia querendo casar
Da mulher cansada, louça pra lavar
Todos os maridos depois do jantar
A dança das mil e uma noites Bagdá
Dança na Vista Chinesa apreciando o mar
Dança numa pista toda acesa pra dançar
Porque todo mundo gosta tanto de dançar
Seja pra esquecer o mundo seja pra lembrar
Dance
Todos os ministros a se justificar
Todos os mistérios a nos assustar
Dançam num terreiro escuro pra descarregar
Só não dança quando a polícia te pegar
Dentro do planalto dá pra se dançar
A dança da moda ou a secular
Tá chegando a hora, pode se levantar
Vem dançar comigo baby
Vem comigo dançar
Dance

Tomate

Você nunca ouviu essa combinação
Essa temática é quase matemática
Inconseqüente, imediata ligação
Entre um fruto, estética e razão
Terrivelmente rubro e inquieto
Contrariado por ser objeto
Você não percebeu nenhuma relação
É sintomática, é quase automática
Inconsciente fruto da observação
Tatibitate da crítica de arte
Examinando lentamente
O tomate quente naturalmente
Too much, um falso cometa
Too much, não consegue se livrar
Da lente de um cara careta
Da mente de um cara de pau
Você não entendeu a minha explicação
É muito prática é quase pragmática
É a dinâmica estática da cor
Vermelho vivo da vítima de arte
Se transformando em branco desbotado
Um ex-tomate um ex-comungado

Leão

Passo todo o tempo a esperar
Gente bem vestida pra dançar
Welcome ao seu distinto night club
Hoje só fecha quando o céu clarear
Faço hora extra pra ganhar
Num mês o que se gasta num jantar
Vivo de resto de conversa
Abrindo portas que eu não posso entrar
Eu sou leão mas não consigo reinar
Trabalhador da noite
Meu serviço é seu prazer

Sempre em casa depois do amanhecer
Sou trabalhador da noite
Aproveite o que eu te oferecer

Mais Louco

Tudo o que eu desejo ver você já viveu
Tudo o que eu quero ter um dia foi seu
Não te surpreende o que tira o meu sono
Não entendo o que te faz gostar do que eu sou
O sol ainda brilha forte e a morte tá tão longe
No meu livro inda é prefácio, o seu termina hoje
Vive dizendo que me adora
Mas eu não posso acreditar como alguém como você
Possa me amar
Qual miragem no deserto ou jóia de família
Num outro planeta numa ilha no meio do mar
Mais louco do que eu sempre quis ser
Sempre mais louco que você

Amanhã é 23

As entradas do meu rosto
E os meus cabelos brancos
Aparecem a cada ano
No final de um mês de Agosto...
Há vinte anos você nasceu
Ainda guardo um retrato antigo
Mas agora que você cresceu
Não se parece nada comigo...
Esse seu ar de tristeza
Alimenta a minha dor
Tua pose de princesa
De onde você tirou...
Amanhã! Amanhã!
Amanhã! Amanhã!...
Amanhã é 23
São 8 dias para o fim do mês
Faz tanto tempo
Que eu não te vejo
Querira o seu beijo
Outra vez...
Há vinte anos você nasceu
Ainda guardo um retrato antigo
Mas agora que você cresceu
Não se parece nada comigo...
Esse seu ar de tristeza
Alimenta a minha dor
Tua pose de princesa
De onde você tirou...
Amanhã! Amanhã!
Amanhã! Amanhã!...
Amanhã é 23
São 8 dias para o fim do mês
Faz tanto tempo
Que eu não te vejo
Querira o seu beijo
Outra vez...)

KID ABELHA**Kid (1989)****De Quem É O Poder**

De quem é?
De quem é?
De quem é o poder?
Quem manda na minha vida?

De quem é?
De quem é?
Uns dizem que ele é de Deus
Outros, do guarda da esquina
Uns dizem que é do presidente
E outros, quem vem mais de cima
De quem é?
De quem é?
Quem inventou essa tara?
Uns dizem que ele é do povo
E saem pra trabalhar
Outros, que é dos muito loucos,
Que não têm contas a prestar
Me dê poder e eu te mostro
O mais inteiro dos sonhos
Porque as verdades da vida
São sempre ditas na cama
É do ativo ou do passivo?
De quem é?
De quem é?
Às vezes você me domina
Dizendo que eu sou teu dono
Às vezes você me dá nojo
Seguindo feliz o rebanho
Onde vai dar tudo isso?
Prender alguém ou ser preso?
Quem é o mais infeliz?
Eu, dando ordem o dia inteiro?
E você, que nem sabe o que diz?
Me dê poder e eu te mostro
O mais inteiro dos sonhos
Porque as verdades da vida
São sempre ditas na cama

A História Única de todo amor

Enquanto você descansa
Minha cabeça sai da sua órbita
E roda solta no tempo
Tempo que já passou
Tempo que ainda está
O medo no amor
É mais perigoso que a própria dor
Ou que o seu causador
Penso que ainda está
Penso que já passou
Mas sempre é bom lembrar
Que a história única de todo amor
Pra sempre vai durar
Mesmo se já passou
Mesmo se ainda está
Mesmo se já passou

Dizer Não É Dizer Sim

Dizer não é dizer sim
Saber o que é bom pra mim
Não é só dar um palpito
Dizer não é dizer sim
Dar um não ao que é ruim
É mostrar o meu limite, é mostrar o meu limite
Pra não ter complicação
E completar a ligação
Basta sinceridade
Basta disposição
Dizer não é dizer sim
Saber o que é bom pra mim
Não é só dar um palpite
Não é preciso ficar inseguro
Não é possível concordar em tudo
Somos amigos e isso é um bom motivo
Prá gente ficar junto, pra gente ficar, gente ficar junto
Dizer não é dizer sim

Sexo E Dólares

Quem acredita nas minhas mentiras
E prefere a morte à perda do prazer?
Não vê meus olhos como armadilhas
Que um sorriso pode esconder
Meu coração é um cofre forte
Guarda um segredo multimilionário
Quem não tem medo de brincar com a sorte
É meu amor, meu adversário
Sou uma estrela do crime
Um anjo louro exterminador
Quem acredita nos pecados
Que eu cometi e nos que eu vou cometer?
Pra ter sucesso, sexo e dólares
Tem que aceitar o risco de perder
Se não existe vida decente
Nem desejo que sempre dure
Amor eterno é rima de bolero
Não há força que o segure

Paris Paris

Un calor sofocante,
por la noche refresca,
están dando una fiesta
pero no quiero ir,
voy a leer, luego a dormir.
Ando más que de prisa,
lucho contra el cansancio,
la herida de mi brazo
ya desapareció
lo último que de él quedo
De París, París,
hay algo nuevo en Tour Eiffel,
su luz, su luz,
es más brillante que la Osa mayor,
pieles de Dior,
desfilando por los Boulevards.
Tanto hombre virtual,
todos son iguales en realidad,
ninguno me llena,
no me quiero quedar,
sonríe y te espero encontrar.
De París, París,
hay algo nuevo en Tour Eiffel,
su luz, su luz,
iluminando un cuarto de alquiler,
gente de alquiler
desfilando por los Trottoirs
de Paris

Agora Sei

Acabou a puberdade
E com ela a necessidade
De pedir as chaves emprestadas
De deixar as portas trancadas
Eu já nem me lembro bem
Da primeira vez que eu dei
Eu já nem me lembro bem
Agora sei que o amor
É um sabonete dentro d'água
Quanto mais a gente agarra
Mais ele nos escapa
Agora sei que é bom
Que ele seja sempre novidade
Ainda que a gente saiba
Que é uma velha novidade
É preciso jogar os sonhos fora
E preparar o próprio funeral
Qualquer dos dois que vá embora
Pros dois o luto é igual
Agora sei que o amor
É um sabonete dentro d'água
Quanto mais a gente agarra
Mais ele cai da nossa mão
Agora sei que é bom
Que se perca a ingenuidade
Ainda que a gente queira
Acreditar em ilusão
É preciso jogar os sonhos fora
E preparar o próprio funeral
Qualquer dos dois que vá embora
Pros dois o luto é igual
Acabou a puberdade
Essa é a nossa casa
E não a dos nossos pais
Vamos deixar pra trás
Toda forma de dor
Vamos deixar pra trás

Todo Meu Ouro

De longe eu penso em você
E com meus olhos fechados
Te vejo ao lado respirando
Sinto um calor se propagando
Noto você na minha frente
Se materializar na minha frente
E volto a ver o teu tamanho
Saber o teu lugar
E desejo o desejo
Do perigo de um novo jeito
Um mar de lava incandescente
Faz de repente ver
Que eu quero esse mistério sempre
Não quero te perder
E desejo o perigo
Do desejo de um novo jeito
Arrisco todo o meu ouro
Dou meu amor como garantia
Para encontrar um tesouro
E não bijuteria

Promessas De Ganhar

Vai pro céu, quem levou um tapa e deu a
outra face?
Vai pro céu, quem abriu os olhos e não
viu a luz?

Tá no céu, quem tapou os olhos e lavou
as mãos?
Tá no céu, quem lavou a alma
carregando a sua cruz?
Quem garante que isso lhes dá o direito à
felicidade?
Quem garante que desse jeito dá
vontade?
Mal ou bem, todo mundo vive sem
nenhum critério
Final, tudo isso vem do tempo do
Império
Vale mais do que consistência e a
fotogenia
Vale mais fazer do chapéu dos outros,
cortesia
Mas ninguém reclama de levar a vida
Em banho-maria!
Mas ninguém se lembra que está levando
Um banho de água fria!
Promessas de ganhar
Perdendo sem parar
Promessas de viver
Ganhando sem pagar
Tudo bem, quem já tem a mão, não vai
pedir o braço
Final, já tá todo mundo morto de
cansaço!
Mas ninguém estranha um cego como
guia
Mas ninguém repara que ele está pelado
Na sua fantasia!

Cantar Em Inglês

Disseram que está no Norte
Toda a fortuna e sorte
Que o mundo tem a oferecer
Para acabar de uma vez
Com toda minha pobreza
Vou cantar em língua inglesa
Vou cantar em inglês
Conhecer dinheiro de verdade
Para ver se traz felicidade
Para acabar de uma vez
Com essa vida de renúncia
Vou melhorar a pronúncia
E vou cantar em inglês
You, I love you, I love
Cansei de ser famosa no Oiapoque
Quero ser alguém em Nova Iorque
Andar de 'limo' com chofer
Cantar no Madson Square
Ser 'assim' com Woody Allen
Para que todos falem
'Que beleza de mulher'
Está no hemisfério norte...
Mas se eu não agradar
E só conseguir cantar
Num bar da Rua 46
Não vai ser de todo mal
Voltar ao Brasil dizendo
Que foi um estouro tremendo
Minha 'tourné mundial'!

De Quem É O Poder

De quem é?
De quem é?
De quem é o poder?
Quem manda na minha vida?
De quem é?
De quem é?
Uns dizem que ele é de Deus
Outros, do guarda da esquina
Uns dizem que é do presidente
E outros, quem vem mais de cima
De quem é?
De quem é?
Quem inventou essa tara?
Uns dizem que ele é do povo
E saem pra trabalhar
Outros, que é dos muito loucos,
Que não têm contas a prestar
Me dê poder e eu te mostro
O mais inteiro dos sonhos
Porque as verdades da vida
São sempre ditas na cama
É do ativo ou do passivo?
De quem é?
De quem é?
Às vezes você me domina
Dizendo que eu sou teu dono
Às vezes você me dá nojo
Seguindo feliz o rebanho
Onde vai dar tudo isso?
Prender alguém ou ser preso?
Quem é o mais infeliz?

Eu, dando ordem o dia inteiro?
E você, que nem sabe o que diz?
Me dê poder e eu te mostro
O mais inteiro dos sonhos
Porque as verdades da vida
São sempre ditas na cama

**LEGIÃO URBANA
Legião Urbana (1985)****Será**

Tire suas mãos de mim
Eu não pertencço a você
Não é me dominando assim
Que você vai me entender
Eu posso estar sozinho
Mas eu sei muito bem aonde estou
Você pode até duvidar
Acho que isso não é amor.
Será só imaginação?
Será que nada vai acontecer?
Será que é tudo isso em vão?
Será que vamos conseguir vencer?
Nos perderemos entre monstros
Da nossa própria criação
Serão noites inteiras
Talvez por medo da escuridão
Ficaremos acordados
Imaginando alguma solução
Prá que esse nosso egoísmo
Não destrua nosso coração.
Será só imaginação?
Será que nada vai acontecer?
Será que é tudo isso em vão?
Será que vamos conseguir vencer?
Brigar prá quê?
Se é sem querer
Quem é que vai
Nos proteger?
Será que vamos ter
Que responder
Pelos erros a mais
Eu e você?

Adança

Não sei o que é direito
Só vejo preconceito
E a sua roupa nova
É só uma roupa nova
Você não tem idéias
Pra acompanhar a moda
Tratando as meninas
Como se fossem lixo
Ou então espécie rara
Só a você pertence
Ou então espécie rara
Que você não respeita
Ou então espécie rara
Que é só um objeto
Pra usar e jogar fora
Depois de ter prazer.
Você é tão moderno
Se acha tão moderno
Mas é igual a seus pais
É só questão de idade
Passando dessa fase
Tanto fez e tanto faz.
Você com as suas drogas
E as suas teorias
E a sua rebeldia
E a sua solidão
Vive com seus excessos
Mas não tem mais dinheiro
Pra comprar outra fuga
Sair de casa então
Então é outra festa
É outra sexta-feira

Que se dane o futuro
 Você tem a vida inteira
 Você é tão esperto
 Você está tão certo
 Mas você nunca dançou
 Com ódio de verdade.
 Você é tão esperto
 Você está tão certo
 Que você nunca vai errar
 Mas a vida deixa marcas
 Tenha cuidado
 Se um dia você dançar.
 Nós somos tão modernos
 Só não somos sinceros
 Nos escondemos mais e mais
 É só questão de idade
 Passando dessa fase
 Tanto fez e tanto faz.

Patrôso do Futuro

Ah, se eu soubesse lhe dizer o que eu
 sonhei ontem à noite
 Você ia querer me dizer tudo sobre o seu
 sonho também.
 E o que é que eu tenho a ver com isso?
 Ah, se eu soubesse lhe dizer o que eu vi
 ontem à noite
 Você ia querer ver, mas não ia acreditar.
 E o que é que eu tenho a ver com isso?
 Filósofos suicidas
 Agricultores famintos
 Desaparecendo
 Embaixo dos arquivos
 Ah, se eu soubesse lhe dizer qual é a sua
 tribo
 Também saberia qual é a minha
 Mas você também não sabe
 E o que é que eu tenho a ver com isso?
 Ah, se eu soubesse lhe dizer
 O que fazer pra todo mundo ficar junto
 Todo mundo já estava há muito tempo
 E o que é que eu tenho a ver com isso?
 Sou brasileiro errado
 Vivendo em separado
 Contando os vencidos
 De todos os lados.

Ainécató

Uma menina me ensinou
 Quase tudo que eu sei
 Era quase escravidão
 Mas ela me tratava como um rei
 Ela fazia muitos planos
 Eu só queria estar ali
 Sempre ao lado dela
 Eu não tinha aonde ir
 Mas, egoísta que eu sou,
 Me esqueci de ajudar
 A ela como ela me ajudou
 E não quis me separar
 Ela também estava perdida
 E por isso se agarrava a mim também
 E eu me agarrava a ela
 Porque eu não tinha mais ninguém
 E eu dizia: - Ainda é cedo
 cedo, cedo, cedo, cedo.
 Sei que ela terminou
 O que eu não comecei
 E o que ela descobriu
 Eu aprendi também, eu sei
 Ela falou: - Você tem medo.
 Aí eu disse: - Quem tem medo é você.
 Falamos o que não devia
 Nunca ser dito por ninguém
 Ela me disse: - Eu não sei mais o que eu
 sinto por você.
 Vamos dar um tempo, um dia a gente se
 vê.
 E eu dizia: - Ainda é cedo
 cedo, cedo, cedo, cedo.

Perdidos No Espaço

Liguei pra você e você não respondeu
 Também não respondi quando você me
 escreveu
 Anotei seu telefone num pedaço de papel
 E calculei seu ascendente no recibo do
 aluguel.
 Esqueci seu sobrenome, mas me lembro
 de você.
 E a rotina crescia como planta
 E engolia metade do caminho
 E a mudança levou tempo por ser tão
 veloz
 Enquanto estávamos a salvo
 Ficamos suspensos

Perdidos no espaço.
 E era como se jogassem Space Invaders
 Perdendo mais dinheiro de muitas
 maneiras
 Vivendo num planeta perdido como nós
 Quem sabe ainda estamos a salvo?
 Ficamos suspensos
 Perdidos no espaço.

Geração Coca-Cola

Quando nascemos fomos programados
 A receber o que vocês
 Nos empurraram com os enlatados
 Dos U.S.A., de nove as seis.
 Desde pequenos nós comemos lixo
 Comercial e industrial
 Mas agora chegou nossa vez
 Vamos cuspir de volta o lixo em cima de
 vocês
 Somos os filhos da revolução
 Somos burgueses sem religião
 Somos o futuro da nação
 Geração Coca-Cola
 Depois de 20 anos na escola
 Não é difícil aprender
 Todas as manhas do seu jogo sujo
 Não é assim que tem que ser
 Vamos fazer nosso dever de casa
 E aí então vocês vão ver
 Suas crianças derrubando reis
 Fazer comédia no cinema com as suas
 leis
 Somos os filhos da revolução
 Somos burgueses sem religião
 Somos o futuro da nação
 Geração Coca-Cola
 Geração Coca-Cola
 Geração Coca-Cola
 Geração Coca-Cola
 Depois de 20 anos na escola
 Não é difícil aprender
 Todas as manhas do seu jogo sujo
 Não é assim que tem que ser
 Vamos fazer nosso dever de casa
 E aí então vocês vão ver
 Suas crianças derrubando reis
 Fazer comédia no cinema com as suas
 leis
 Somos os filhos da revolução
 Somos burgueses sem religião
 Somos o futuro da nação
 Geração Coca-Cola
 Geração Coca-Cola
 Geração Coca-Cola
 Geração Coca-Cola

OReggae

Ainda me lembro aos três anos de idade
 O meu primeiro contato com as grades
 O meu primeiro dia na escola
 Como eu senti vontade de ir embora
 Fazia tudo que eles quisessem
 Acreditava em tudo que eles me
 dissessem
 Me pediram pra ter paciência
 Falhei
 Gritaram: - Cresça e apareça!
 Cresci e apareci e não vi nada
 Aprendi o que era certo com a pessoa
 errada
 Assista o jornal da TV
 E aprendi a roubar pra vencer
 Nada era como eu imaginava
 Nem as pessoas que eu tanto amava
 Mas e daí, se é mesmo assim
 Vou ver se tiro o melhor pra mim.
 Me ajuda se eu quiser, me faz o que eu
 pedir
 Não faz o que eu fiz
 Mas não me deixe aqui
 Ninguém me perguntou se eu estava
 pronto
 E eu fiquei completamente tonto
 Procurando descobrir a verdade
 Nos meios das mentiras da cidade
 Tentava ver o que existia de errado
 Quantas crianças Deus já tinha matado.
 Beberam o meu sangue e não me deixam
 viver
 Têm o meu destino pronto e não me
 deixam escolher
 Vêm falar de liberdade pra depois me
 prender
 Pedem identidade pra depois me bater
 Tiram todas as minhas armas
 Como posso me defender?

Vocês venceram essa batalha
 Quanto à guerra,
 vamos ver.

Bade-MeinhBlues

A violência é tão fascinante
 E nossas vidas são tão normais
 E você passa de noite e sempre vê
 Apartamentos acesos
 Tudo parece ser tão real
 Mas você viu esse filme também.
 Andando nas ruas
 Pensei que podia ouvir
 Alguém me chamando
 Dizendo meu nome.
 Já estou cheio de me sentir vazio
 Meu corpo é quente e estou sentindo frio
 Todo mundo sabe e ninguém quer mais
 saber
 Afinal, amar o próximo é tão demodé.
 Essa justiça desafinada
 É tão humana e tão errada
 Nós assistimos televisão também
 Qual é a diferença?
 Não estatize meus sentimentos
 Pra seu governo,
 O meu estado é independente.
 Já estou cheio de me sentir vazio
 Meu corpo é quente e estou sentindo frio
 Todo mundo sabe e ninguém quer mais
 saber
 Afinal, amar o próximo é tão demodé.

Sótarós

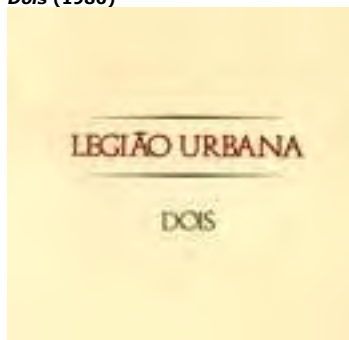
Nossas meninas estão longe daqui
 Não temos com quem chorar e nem pra
 onde ir
 Se lembra quando era só brincadeira
 Fingir ser soldado a tarde inteira?
 Mas agora a coragem que temos no
 coração
 Parece medo da morte mas não era então
 Tenho medo de lhe dizer o que eu quero
 tanto
 Tenho medo e eu sei porquê:
 Estamos esperando.
 Quem é o inimigo?
 Quem é você?
 Nos defendemos tanto tanto sem saber
 Porque lutar.
 Nossas meninas estão longe daqui
 E de repente eu vi você cair
 Não sei armar o que eu senti
 Não sei dizer que vi você ali.
 Quem vai saber o que você sentiu?
 Quem vai saber o que você pensou?
 Quem vai dizer agora o que eu não fiz?
 Como explicar pra você o que eu quis
 Somos soldados
 Pedindo esmola
 E a gente não queria lutar.

Teorema

Não vá embora
 Fique um pouco mais
 Ninguém sabe fazer
 O que você me faz
 É exagero
 E pode até não ser
 O que você consegue
 Ninguém sabe fazer.
 Parece energia mas é só distorção
 E não sabemos se isso é problema
 Ou se é a solução
 Não tenha medo
 Não preste atenção
 Não dê conselhos
 Não peça permissão
 É só você quem deve decidir o que fazer
 Pra tentar ser feliz
 Parece energia mas é só distorção
 E parece que sempre termina
 Mas não tem fim
 Não vá embora
 Fique um pouco mais
 Ninguém sabe fazer
 O que você me faz
 É exagero
 E pode até não ser
 O que você consegue
 Ninguém sabe fazer
 Parece um teorema sem ter
 demonstração
 E parece que sempre termina
 Mas não tem fim.

Por Enquanto

Mudaram as estações
E nada mudou
Mas eu sei
Que alguma coisa aconteceu
Está tudo assim tão diferente...
Se lembra quando a gente
Chegou um dia a acreditar
Que tudo era prá sempre
Sem saber
Que o pra sempre
Sempre acaba...
Mas nada vai
Conseguir mudar o que ficou
Quando penso em alguém
Só penso em você
E aí então estamos bem...

LEGIÃO URBANA**Dois (1986)****Daniel Na Cova Dos Leões**

Aquele gosto amargo do teu corpo
Ficou na minha boca por mais tempo
De amargo então salgado ficou doce,
Assim que o teu cheiro forte e lento
Fez casa nos meus braços e ainda leve
Forte, cego e tenso fez saber
Que ainda era muito e muito pouco.
Faço nosso o meu segredo mais sincero
E desafio o instinto dissonante.
A insegurança não me ataca quando erro
E o teu momento passa a ser o meu
instante.
E o teu medo de ter medo de ter medo
Não faz da minha força confusão
Teu corpo é meu espelho e em ti navego
E eu sei que a tua correnteza não tem
direção.
Mas, tão certo quanto o erro de ser barco
A motor e insistir em usar os remos,
É o mal que a água faz quando se afoga
E o salva-vidas não está lá porque
Não vemos

Quase Sem Querer

Tenho andado distraído
Impaciente e indeciso
E ainda estou confuso
Só que agora é diferente
Estou tão tranqüilo
E tão contente...
Quantas chances desperdicei
Quando o que eu mais queria
Era provar pra todo o mundo
Que eu não precisava
Provar nada pra ninguém
Me fiz em mil pedaços
Pra você juntar
E queria sempre achar
Explicação pro que eu sentia
Como um anjo caído
Fiz questão de esquecer
Que mentir pra si mesmo
É sempre a pior mentira
Mas não sou mais
Tão criança, oh! oh!
A ponto de saber tudo...
Já não me preocupo
Se eu não sei por que
Às vezes o que eu vejo
Quase ninguém vê
E eu sei que você sabe
Quase sem querer
Que eu vejo
O mesmo que você...

Tão correto e tão bonito
O infinito é realmente
Um dos deuses mais lindos
Sei que às vezes uso
Palavras repetidas
Mas quais são as palavras
Que nunca são ditas?
Me disseram que você
Estava chorando
E foi então que eu percebi
Como lhe quero tanto...
Já não me preocupo
Se eu não sei por que
Às vezes o que eu vejo
Quase ninguém vê
E eu sei que você sabe
Quase sem querer
Que eu quero
O mesmo que você...

Acrilic on Canvas

É saudade, então
E mais uma vez
De você fiz o desenho mais perfeito que
se fez
Os traços copieei do que não aconteceu
As cores que escolhi entre as tintas que
inventei
Misturei com a promessa que nós dois
nunca fizemos
De um dia sermos três
Trabalhei você em luz e sombra
E era sempre, Não foi por mal
Eu juro que nunca quis deixar você tão
triste
Sempre as mesmas desculpas
E desculpas nem sempre são sinceras
Quase nunca são
Preparei a minha tela
Com pedaços de lençóis que não
chegamos a sujar
A armação fiz com madeira
Da janela do seu quarto
Do portão da sua casa
Fiz paleta e cavalete
E com lágrimas que não brincaram com
você
Destilei óleo de linhaça
Da sua cama arranquei pedaços
Que talhei em estiletes de tamanhos
diferentes
E fiz, então, pincéis com seus cabelos
Fiz carvão do batom que roubei de você
E com ele marquei dois pontos de fuga
E rabisquei meu horizonte
E era sempre, Não foi por mal
Eu juro que não foi por mal
Eu não queria machucar você
Prometo que isso nunca vai acontecer
mais uma vez
E era sempre, sempre o mesmo
novamente
A mesma traição
Às vezes é difícil esquecer:
"Sinto muito, ela não mora mais aqui"
Mas então, por que eu finjo
Que acredito no que invento?
Nada disso aconteceu assim
Não foi desse jeito
Ninguém sofreu
É só você que me provoca essa saudade
vazia
Tentando pintar essas flores com o nome
De "amor-perfeito"
E "não-te-esqueças-de-mim"

Eduardo e Mônica

Quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão?
Eduardo abriu os olhos, mas não quis se
levantar
Ficou deitado e viu que horas eram
Enquanto Mônica tomava um conhaque
No outro canto da cidade, como eles
disseram...
Eduardo e Mônica um dia se encontraram
sem querer
E conversaram muito mesmo pra tentar
se conhecer...
Um carinha do cursinho do Eduardo que
disse:
"Tem uma festa legal, e a gente quer se
divertir"

Festa estranha, com gente esquisita
"Eu não 'to' legal, não agüento mais
birita"
E a Mônica riu, e quis saber um pouco
mais
Sobre o boyzinho que tentava
impressionar
E o Eduardo, meio tonto, só pensava em
ir pra casa
"É quase duas, eu vou me ferrar..."
Eduardo e Mônica trocaram telefone
Depois telefonaram e decidiram se
encontrar
O Eduardo sugeriu uma lanchonete,
Mas a Mônica queria ver o filme do
Godard
Se encontraram então no parque da
cidade
A Mônica de moto e o Eduardo de camelo
O Eduardo achou estranho, e melhor não
comentar
Mas a menina tinha tinta no cabelo
Eduardo e Mônica era nada parecidos
Ela era de Leão e ele tinha dezesseis
Ela fazia Medicina e falava alemão
E ele ainda nas aulinhas de inglês
Ela gostava do Bandeira e do Bauhaus
De Van Gogh e dos Mutantes, de Caetano
e de Rimbaud
E o Eduardo gostava de novela
E jogava futebol-de-botão com seu avô
Ela falava coisas sobre o Planalto Central
Também magia e meditação
E o Eduardo ainda tava no esquema
"escola, cinema
clube, televisão".
E mesmo com tudo diferente, veio
mesmo, de repente
Uma vontade de se ver
E os dois se encontravam todo dia
E a vontade crescia, como tinha de ser...
Eduardo e Mônica fizeram natação,
fotografia
Teatro, artesanato, e foram viajar
A Mônica explicava pro Eduardo
Coisas sobre o céu, a terra, a água e o
ar...
Ele aprendeu a beber, deixou o cabelo
crescer
E decidiu trabalhar
E ela se formou no mesmo mês
Que ele passou no vestibular
E os dois comemoraram juntos
E também brigaram juntos, muitas vezes
depois
E todo mundo diz que ele completa ela
E vice-versa, que nem feijão com arroz
Construíram uma casa há uns dois anos
atrás
Mais ou menos quando os gêmeos vieram
Batalharam grana, seguraram legal
A barra mais pesada que tiveram
Eduardo e Mônica voltaram pra Brasília
E a nossa amizade dá saudade no verão
Só que nessas férias, não vão viajar
Porque o filhinho do Eduardo tá de
recuperação
Ah! Ahan!
E quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão!

Central do Brasil

Instrumental

Tempo Perdido

Todos os dias quando acordou
Não tenho mais
O tempo que passou
Mas tenho muito tempo
Temos todo o tempo do mundo...
Todos os dias
Antes de dormir
Lembro e esqueço
Como foi o dia
Sempre em frente
Não temos tempo a perder...
Nosso suor sagrado
É bem mais belo
Que esse sangue amargo
E tão sério
E Selvagem! Selvagem!
Selvagem!...

LEGIÃO URBANA
Que país é este (1987)



Que País é Este

Nas favelas, no senado
Sujeira pra todo lado
Ninguém respeita a constituição
Mas todos acreditam no futuro da nação
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
No Amazonas, no Araguaia já, já,
Na Baixada Fluminense
Mato Grosso, nas Gerais e no
Nordeste tudo em paz
Na morte eu descanso, mas o
Sangue anda solto
Manchando os papéis, documentos fiéis
Ao descanso do patrão
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
Terceiro mundo, se for
Piada no exterior
Mas o Brasil vai ficar rico
Vamos faturar um milhão
Quando vendermos todas as almas
Dos nossos índios num leilão
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?

Conexão Amazônica

Estou cansado de ouvir falar
Em Freud, Jung, Engels, Marx
Intrigas intelectuais
Rodando em mesa de bar
Yeah, yeah, yeah,
O que eu quero eu não tenho
O que eu não tenho eu quero ter
Não posso ter o que eu quero
E acho que isso não tem nada a ver
Yeah, yeah, yeah,
Os tambores da selva já começaram a
rufar
A cocaína não vai chegar
Conexão amazônica está interrompida
Yeah, yeah, yeah,
E você quer ficar maluco sem dinheiro e
acha que está tudo bem
Mas alimento pra cabeça nunca vai matar
a fome de ninguém
Uma peregrinação involuntária talvez
fosse a solução
Auto-exílio nada mais é do que ter seu
coração na solidão
Yeah, yeah, yeah!

Tédio (Com Um T Bem Grande Pra Você)

Moramos na cidade, também o presidente
E todos vão fingindo viver decentemente
Só que eu não pretendo ser tão
decadente não
Tédio com um T bem grande pra você
Andar a pé na chuva, às vezes eu me
amarro
Não tenho gasolina, também não tenho
carro
Também não tenho nada de interessante
pra fazer
Tédio com um T bem grande pra você
Se eu não faço nada, não fico satisfeito
Eu durmo o dia inteiro e aí não é direito
Porque quando escurece, só estou a fim de
aprontar
Tédio com um T bem grande pra você

Depois do Começo

Vamos deixar as janelas abertas
E deixar o equilíbrio ir embora
Cair como um saxofone na calçada
Amarrar um fio de cobre no pescoço
Acender o intervalo pelo filtro
Usar um extintor como lençol
Jogar pólo-aquático na cama
Ficar deslizando pelo teto
Da nossa casa cega e medieval
Cantar canções em línguas estranhas
Retalhar as cortinas desarmadas
Com a faca surda que a fé sujou
Desarmar os brinquedos indecentes
E a indecência pura dos retratos no salão
Vamos beber livros e mastigar tapetes
Catar pontas de cigarros nas paredes
Abrir a geladeira e deixar o vento sair
Cuspir um dia qualquer no futuro
De quem já desapareceu
Deus, Deus, somos todos ateus
Vamos cortar os cabelos do príncipe
E entregá-los a um deus plebeu
E depois do começo
O que vier vai começar a ser o fim
E depois do começo
O que vier vai começar a ser

Química

Estou trancado em casa e não posso sair
Papai já disse, tenho que passar
Nem música eu não posso mais ouvir
E assim não posso nem me concentrar
Não saco nada de Física
Literatura ou Gramática
Só gosto de Educação Sexual
E eu odeio Química
Não posso nem tentar me divertir
O tempo inteiro eu tenho que estudar
Fico só pensando se vou conseguir
Passar na porra do vestibular
Chegou a nova leva de aprendizes
Chegou a vez do nosso ritual
E se você quiser entrar na tribo
Aqui no nosso Belsen tropical
Ter carro do ano, TV a cores, pagar
imposto, ter pistão
Ter filho na escola, férias na Europa,
conta bancária, comprar feijão
Ser responsável, cristão convicto, cidadão
modelo, burguês padrão
Você tem que passar no vestibular.

Eu Sei

Sexo verbal
Não faz meu estilo
Palavras são erros
E os erros são seus...
Não quero lembrar
Que eu erro também
Um dia pretendo
Tentar descobrir
Porque é mais forte
Quem sabe mentir
Não quero lembrar
Que eu minto também...
Eu sei! Eu sei!...
Feche a porta do seu quarto
Porque se toca o telefone
Pode ser alguém
Com quem você quer falar
Por horas e horas e horas...
A noite acabou
Talvez tenhamos
Que fugir sem você
Mas não, não vá agora
Quero honras e promessas
Lembranças e histórias...
Somos pássaro novo
Longe do ninho
Eu sei! Eu sei!...

Faroeste Caboclo

Não tinha medo o tal João de Santo
Cristo
Era o que todos diziam quando ele se
perdeu
Deixou pra trás todo o marasmo da
fazenda
Só pra sentir no seu sangue o ódio que
Jesus lhe deu
Quando criança só pensava em ser
bandido
Ainda mais quando com um tiro de

soldado o pai morreu
Era o terror da sertania onde morava
E na escola até o professor com ele
aprendeu
Ia pra igreja só pra roubar o dinheiro
Que as velhinhas colocavam na caixinha
do altar
Sentia mesmo que era mesmo diferente
Sentia que aquilo ali não era o seu lugar
Ele queria sair para ver o mar
E as coisas que ele via na televisão
Juntou dinheiro para poder viajar
De escolha própria, escolheu a solidão
Comia todas as menininhas da cidade
De tanto brincar de médico, aos doze era
professor.
Aos quinze, foi mandado pro o
reformatório
Onde aumentou seu ódio diante de tanto
terror.
Não entendia como a vida funcionava
Discriminação por causa da sua classe e
sua cor
Ficou cansado de tentar achar resposta
E comprou uma passagem, foi direto a
Salvador.
E lá chegando foi tomar um cafezinho
E encontrou um boiadeiro com quem foi
falar
E o boiadeiro tinha uma passagem e ia
perder a viagem
Mas João foi lhe salvar
Dizia ele: "Estou indo pra Brasília
Neste país lugar melhor não há
Tô precisando visitar a minha filha
Eu fico aqui e você vai no meu lugar"
E João aceitou sua proposta
E num ônibus entrou no Planalto Central
Ele ficou bestificado com a cidade
Saindo da rodoviária, viu as luzes de
Natal
"Meu Deus, mas que cidade linda,
No Ano-Novo eu começo a trabalhar"
Cortar madeira, aprendiz de carpinteiro
Ganhava cem mil por mês em Taguatinga
Na sexta-feira ia pra zona da cidade
Gastar todo o seu dinheiro de rapaz
trabalhador
E conhecia muita gente interessante
Até um neto bastardo do seu bisavô
Um peruano que vivia na Bolívia
E muitas coisas trazia de lá
Seu nome era Pablo e ele dizia
Que um negócio ele ia começar
E o Santo Cristo até a morte trabalhava
Mas o dinheiro não dava pra ele se
alimentar
E ouvia às sete horas o noticiário
Que sempre dizia que o seu ministro ia
ajudar
Mas ele não queria mais conversa
E decidiu que, como Pablo, ele ia se virar
Elaborou mais uma vez seu plano santo
E sem ser crucificado, a plantação foi
começar.
Logo logo os maluco da cidade souberam
da novidade:
"Tem bagulho bom ai!"
E João de Santo Cristo ficou rico
E acabou com todos os traficantes dali.
Fez amigos, frequentava a Asa Norte
E ia pra festa de rock, pra se libertar
Mas de repente
Sob uma má influência dos boyzinho da
cidade
Começou a roubar.
Já no primeiro roubo ele dançou
E pro inferno ele foi pela primeira vez
Violência e estupro do seu corpo
"Vocês vão ver, eu vou pegar vocês"
Agora o Santo Cristo era bandido
Destemido e temido no Distrito Federal
Não tinha nenhum medo de polícia
Capitão ou traficante, playboy ou general
Foi quando conheceu uma menina
E de todos os seus pecados ele se
arrependeu
Maria Lúcia era uma menina linda
E o coração dele pra ela o Santo Cristo
prometeu
Ele dizia que queria se casar
E carpinteiro ele voltou a ser
"Maria Lúcia pra sempre vou te amar
E um filho com você eu quero ter"
O tempo passa e um dia vem na porta
Um senhor de alta classe com dinheiro na

mão
 E ele faz uma proposta indecorosa
 E diz que espera uma resposta, uma
 resposta do João
 "Não boto bomba em banca de jornal
 Nem em colégio de criança isso eu não
 faço não
 E não protejo general de dez estrelas
 Que fica atrás da mesa com o cu na mão
 E é melhor senhor sair da minha casa
 Nunca brinque com um Peixes de
 ascendente Escorpião"
 Mas antes de sair, com ódio no olhar, o
 velho disse:
 "Você perdeu sua vida, meu irmão"
 "Você perdeu a sua vida meu irmão
 Você perdeu a sua vida meu irmão
 Essas palavras vão entrar no coração
 Eu vou sofrer as conseqüências como um
 cão"
 Não é que o Santo Cristo estava certo
 Seu futuro era incerto e ele não foi
 trabalhar
 Se embbedou e no meio da bebedeira
 Descobriu que tinha outro trabalhando
 em seu lugar
 Falou com Pablo que queria um parceiro
 E também tinha dinheiro e queria se
 armar
 Pablo trazia o contrabando da Bolívia
 E Santo Cristo revendia em Planaltina
 Mas acontece que um tal de Jeremias,
 Traficante de renome, apareceu por lá
 Ficou sabendo dos planos de Santo Cristo
 E decidiu que, com João ele ia acabar
 Mas Pablo trouxe uma Winchester-22
 E Santo Cristo já sabia atirar
 E decidiu usar a arma só depois
 Que Jeremias começasse a brigar
 Jeremias, maconheiro sem-vergonha
 Organizou a Rockonha e fez todo mundo
 dançar
 Desvirginava mocinhas inocentes
 Se dizia que era crente mas não sabia
 rezar
 E Santo Cristo há muito não ia pra casa
 E a saudade começou a apertar
 "Eu vou me embora, eu vou ver Maria
 Lúcia
 Já tá em tempo de a gente se casar"
 Chegando em casa então ele chorou
 E pro inferno ele foi pela segunda vez
 Com Maria Lúcia Jeremias se casou
 E um filho nela ele fez
 Santo Cristo era só ódio por dentro
 E então o Jeremias pra um duelo ele
 chamou
 Amanhã às duas horas na Ceilândia
 Em frente ao lote 14, é pra lá que eu vou
 E você pode escolher as suas armas
 Que eu acabo mesmo com você, seu
 porco traidor
 E matou também Maria Lúcia
 Aquela menina falsa pra quem jurei o
 meu amor
 E o Santo Cristo não sabia o que fazer
 Quando viu o repórter da televisão
 Que deu notícia do duelo na TV
 Dizendo a hora e o local e a razão
 No sábado então, às duas horas,
 Todo o povo sem demora foi lá só para
 assistir
 Um homem que atirava pelas costas
 E acertou o Santo Cristo, começou a
 sorrir
 Sentindo o sangue na garganta,
 João olhou pras bandeirinhas e pro povo
 a aplaudir
 E olhou pro sorveteiro e pras câmeras e
 A gente da TV que filmava tudo ali
 E se lembrou de quando era uma criança
 E de tudo o que vivera até ali
 E decidiu entrar de vez naquela dança
 "Se a via-crúcis virou circo, estou aqui"
 E nisso o sol cegou seus olhos
 E então Maria Lúcia ele reconheceu
 Ela trazia a Winchester-22
 A arma que seu primo Pablo lhe deu
 "Jeremias, eu sou homem. coisa que você
 não é
 E não atiro pelas costas não
 Olha pra cá filha-da-puta, sem-vergonha
 Dá uma olhada no meu sangue e vem
 sentir o teu perdão"
 E Santo Cristo com a Winchester-22
 Deu cinco tiros no bandido traidor

Maria Lúcia se arrependeu depois
 E morreu junto com João, seu protetor
 E o povo declarava que João de Santo
 Cristo
 Era santo porque sabia morrer
 E a alta burguesia da cidade
 Não acreditou na história que eles viram
 na TV
 E João não conseguiu o que queria
 Quando veio pra Brasília, com o diabo ter
 Ele queria era falar pro presidente
 Pra ajudar toda essa gente que só faz...
 Sofrer...

Angra dos Reis

Deixa, se fosse sempre assim
 Quente, deita aqui perto de mim
 Tem dias, que tudo está em paz
 E agora os dias são iguais..
 Se fosse só sentir saudade
 Mas tem sempre algo mais
 Seja como for
 É uma dor que dói no peito
 Pode rir agora
 Que estou sozinho
 Mas não venha me roubar...
 Vamos brincar perto da usina
 Deixa pra lá
 A Angra é dos Reis
 Por que se explicar
 Se não existe perigo...
 Senti teu coração perfeito
 Batendo à toa e isso dói
 Seja como for
 É uma dor que dói no peito
 Pode rir agora
 Que estou sozinho
 Mas não venha me roubar
 Uh! Uh! Uh! Uh!...
 Vai ver que não é nada disso
 Vai ver que já não sei quem sou
 Vai ver que nunca fui o mesmo
 A culpa é toda sua e nunca foi...
 Mesmo se as estrelas
 Começassem a cair
 A luz queimasse tudo ao redor
 E fosse o fim chegando cedo
 Você visse o nosso corpo
 Em chamas!
 Deixa, pra lá...
 Quando as estrelas
 Começarem a cair
 Me diz, me diz
 Pr'onde é
 Que a gente vai fugir?

Mais Do Mesmo

Ei menino branco o que é que você faz
 aqui
 Subindo o morro pra tentar se divertir
 Mas já disse que não tem
 E você ainda quer mais
 Por que você não me deixa em paz?
 Desses vinte anos nenhum foi feito pra
 mim
 E agora você quer que eu fique assim
 igual a você
 É mesmo, como vou crescer se nada
 cresce por aqui?
 Quem vai tomar conta dos doentes?
 E quando tem chacina de adolescentes
 Como é que você se sente?
 Em vez de luz tem tiroteio no fim do
 túnel.
 Sempre mais do mesmo
 Não era isso que você queria ouvir?
 Bondade sua me explicar com tanta
 determinação
 Exatamente o que eu sinto, como penso e
 como sou
 Eu realmente não sabia que eu pensava
 assim
 E agora você quer um retrato do país
 Mas queimaram o filme
 E enquanto isso, na enfermaria
 Todos os doentes estão cantando
 sucessos populares.
 (e todos os índios foram mortos).

LEGIÃO URBANA As quatro estações (1989)



Há Tempos

Parece cocaína
 Mas é só tristeza
 Talvez tua cidade
 Muitos temores nascem
 Do cansaço e da solidão
 Descompasso, desperdício
 Herdeiros são agora
 Da virtude que perdemos...
 Há tempos tive um sonho
 Não me lembro, não me lembro...
 Tua tristeza é tão exata
 E hoje o dia é tão bonito
 Já estamos acostumados
 A não termos mais nem isso...
 Os sonhos vêm e os sonhos vão
 E o resto é imperfeito...
 Dissistes que se tua voz
 Tivesse força igual
 À imensa dor que sentes
 Teu grito acordaria
 Não só a tua casa
 Mas a vizinhança inteira...
 E há tempos
 Nem os santos têm ao certo
 A medida da maldade
 E há tempos são os jovens
 Que adoecem
 E há tempos
 O encanto está ausente
 E há ferrugem nos sorrisos
 Só o acaso estende os braços
 A quem procura
 Abrigo e proteção...
 Meu amor!
 Disciplina é liberdade
 Compaixão é fortaleza
 Ter bondade é ter coragem (Ela disse)
 Lá em casa tem um poço
 Mas a água é muito limpa...

Pais e Filhos

Estátuas e cofres
 E paredes pintadas
 Ninguém sabe
 O que aconteceu...
 Ela se jogou da janela
 Do quinto andar
 Nada é fácil de entender...
 Dorme agora
 Uuummhum!
 É só o vento
 Lá fora...
 Quero colo!
 Vou fugir de casa
 Posso dormir aqui
 Com vocês
 Estou com medo
 Tive um pesadelo
 Só vou voltar
 Depois das três...
 Meu filho vai ter
 Nome de santo
 Uuummhum!
 Quero o nome
 Mais bonito...
 É preciso amar haahaa as pessoas
 Como se não houvesse amanhã
 Por que se você parar
 Prá pensar
 Na verdade não há...
 Me diz, por que que o céu é azul
 Explica a grande fúria do mundo
 São meus filhos
 Que tomam conta de mim...
 Eu moro com a minha mãe
 Mas meu pai vem me visitar

Eu moro na rua
 Não tenho ninguém
 Eu moro em qualquer lugar...
 Já morei em tanta casa
 Que nem me lembro mais
 Eu moro com os meus pais
 Huhuhuhu!...ouh! ouh!...
 É preciso amar as pessoas
 Como se não houvesse amanhã
 Por que se você parar
 Prá pensar
 Na verdade não há...
 Sou uma gota d'água
 Sou um grão de areia
 Você me diz que seus pais
 Não entendem
 Mas você não entende seus pais...
 Você culpa seus pais por tudo
 Isso é absurdo
 São crianças como você
 O que você vai ser
 Quando você crescer?

Feedback Song for a Dying Friend

Soothe the young man's sweating forehead
 Touch the naked stem held hidden there
 Safe in such dark hayseed wired nest
 Then his light brown eyes are quick
 Once touch is what he thought was grip
 This not his hands those there but mine
 And safe, my hands do seek to gain
 All knowledge of my master's manly rain
 The scented taste that stills my tongue
 Is wrong that is set but not undone
 His fiery eyes can slash my savage skin
 And force all seriousness away
 He wades in close waters
 Deep sleep alters his senses
 I must obey my only rival
 He will command our twin revival
 The same insane sustain again
 (The two of us so close to our own hearts)
 I silence and wrote
 This awe of coincidence

Quando O Sol Bater Na Janela Do Teu Quarto

Quando o sol bater
 Na janela do teu quarto,
 Lembra e vê
 Que o caminho é um só,
 Porque esperar
 Se podemos começar
 Tudo de novo?
 Agora mesmo,
 A humanidade é desumana
 Mas ainda temos chance,
 O sol nasce pra todos,
 Só não sabe quem não quer,
 Quando o sol bater
 Na janela do teu quarto,
 Lembra e vê
 Que o caminho é um só,
 Até bem pouco tempo atrás,
 Poderíamos mudar o mundo,
 Quem roubou nossa coragem?
 Tudo é dor,
 E toda dor vem do desejo,
 De não sentirmos dor,
 Quando o sol bater
 Na janela do teu quarto,
 Lembra e vê
 Que o caminho é um só.

Eu Era um Lobisomem Juvenil

Luz e sentido e palavra
 Palavra é!
 Que o coração não pensa
 Ontem faltou água
 Anteontem faltou luz
 Teve torcida gritando
 Quando a luz voltou
 Não falo como você fala
 Mas vejo bem
 O que você me diz...
 Se o mundo é mesmo
 Parecido com o que vejo
 Prefiro acreditar
 No mundo do meu jeito
 E você estava
 Esperando voar
 Mas como chegar
 Até as nuvens
 Com os pés no chão...

O que sinto muitas vezes
 Faz sentido e outras vezes
 Não descubro um motivo
 Que me explique porque é
 Que não consigo ver sentido
 No que sinto, que procuro
 O que desejo e o que faz parte
 Do meu mundo...
 O arco-íris tem sete cores
 E fui juiz supremo
 Vai, vem embora, volta
 Todos têm, todos têm
 Suas próprias razões...
 Qual foi a semente
 Que você plantou?
 Tudo acontece ao mesmo tempo
 Nem eu mesmo sei direito
 O que está acontecendo
 E daí, de hoje em diante
 Todo dia vai ser
 O dia mais importante...
 Se você quiser alguém
 Prá ser só seu
 É só não se esquecer
 Eu estarei aqui...
 Não digo nada
 Espero o vendaval passar
 Por enquanto eu não sei
 O que você me falou
 Me fez rir e pensar
 Porque estou tão preocupado
 Por estar
 Tão preocupado assim...
 Mesmo se eu cantasse
 Todas as canções
 Todas as canções
 Todas as canções
 Todas as canções do mundo
 Sou bicho do mato...
 Mas se você quiser alguém
 Prá ser só seu
 É só não se esquecer
 Eu estarei aqui...
 Ou então não terá jamais
 A chave do meu coração...

1965 (Duas Tribos)

Vou passar
 Quero ver
 Volta aqui
 Vem você
 Como foi
 Nem sentiu
 Se era falso
 Ou fevereiro
 Temos paz
 Temos tempo
 Chegou a hora
 E agora é aqui.
 Cortaram meus braços
 Cortaram minhas mãos
 Cortaram minhas pernas
 Num dia de verão
 Num dia de verão
 Num dia de verão
 Podia ser meu pai
 Podia ser meu irmão
 Não se esqueça
 Temos sorte
 E agora é aqui
 Quando querem transformar
 Dignidade em doença
 Quando querem transformar
 Inteligência em tração
 Quando querem transformar
 Estupidez em recompensa
 Quando querem transformar
 Esperança em maldição:
 É o bem contra o mal
 E você de que lado está?
 Estou do lado do bem
 E você de que lado está?
 Estou do lado do bem.
 Com a luz e com os anjos
 Mataram um menino
 Tinha arma de verdade
 Tinha arma nenhuma
 Tinha arma de brinquedo
 Eu tenho autorama
 Eu tenho Hanna-Barbera
 Eu tenho pêra, uva e maçã
 Eu tenho Guanabara
 E modelos revell
 O Brasil é o país do futuro
 O Brasil é o país do futuro
 O Brasil é o país do futuro

O Brasil é o país
 Em toda e qualquer situação
 Eu quero tudo pra cima
 Pra cima

Monte Castelo

Ainda que eu falasse
 A língua dos homens
 E falasse a língua dos anjos
 Sem amor, eu nada seria...
 É só o amor, é só o amor
 Que conhece o que é verdade
 O amor é bom, não quer o mal
 Não sente inveja
 Ou se envaidece...
 O amor é o fogo
 Que arde sem se ver
 É ferida que dói
 E não se sente
 É um contentamento
 Descontente
 É dor que desatina sem doer...
 Ainda que eu falasse
 A língua dos homens
 E falasse a língua dos anjos
 Sem amor, eu nada seria...
 É um não querer
 Mais que bem querer
 É solitário andar
 Por entre a gente
 É um não contentar-se
 De contente
 É cuidar que se ganha
 Em se perder...
 É um estar-se preso
 Por vontade
 É servir a quem vence
 O vencedor
 É um ter com quem nos mata
 A lealdade
 Tão contrário a si
 É o mesmo amor...
 Estou acordado
 E todos dormem, todos dormem
 Todos dormem
 Agora vejo em parte
 Mas então veremos face a face
 É só o amor, é só o amor
 Que conhece o que é verdade...
 Ainda que eu falasse
 A língua dos homens
 E falasse a língua dos anjos
 Sem amor, eu nada seria...

Maurício

Já não sei dizer se ainda sei sentir
 O meu coração já não me pertence
 Já não quer mais me obedecer
 Parece agora estar tão cansado quanto eu
 Até pensei que era mais por não saber
 Que ainda sou capaz de acreditar
 Me sinto tão só
 E dizem que a solidão até que me cai bem
 Às vezes faço planos
 Às vezes quero ir
 Pra algum país distante
 Voltar a ser feliz
 Já não sei dizer o que aconteceu
 Se tudo que sonhei foi mesmo um sonho meu
 Se meu desejo então já se realizou
 O que fazer depois
 Pra onde é que eu vou?
 Eu vi você voltar pra mim
 Eu vi você voltar pra mim...
 Eu vi você voltar pra mim...

Meninos E Meninas

Quero me encontrar, mas não sei onde estou
 Vem comigo procurar algum lugar mais calmo
 Longe dessa confusão e dessa gente que não se respeita
 Tenho quase certeza que eu não sou daqui
 Acho que gosto de São Paulo
 Gosto de São João
 Gosto de São Francisco e São Sebastião
 E eu gosto de meninos e meninas
 Vai ver que é assim mesmo e vai ser assim pra sempre
 Vai ficando complicado e ao mesmo tempo diferente

Estou cansado de bater e ninguém abrir
 Você me deixou sentindo tanto frio
 Não sei mais o que dizer
 Te fiz comida, velei teu sono
 Fui teu amigo, te levei comigo
 E me diz: pra mim o que é que ficou?
 Me deixa ver como viver é bom
 Não é a vida como está, e sim as coisas
 como são
 Você não quis tentar me ajudar
 Então, a culpa é de quem? A culpa é de
 quem?
 Eu canto em português errado
 Acho que o imperfeito não participa do
 passado
 Troco as pessoas
 Troco os pronomes
 Preciso de oxigênio, preciso ter amigos
 Preciso ter dinheiro, preciso de carinho
 Acho que te amava, agora acho que te
 odeio
 São tudo pequenas coisas e tudo deve
 passar
 Acho que gosto de São Paulo
 E gosto de São João
 Gosto de São Francisco e São Sebastião
 E eu gosto de meninos e meninas

Sete Cidades

Já me acostumei com a tua voz
 Com teu rosto e teu olhar
 Me partiram em dois
 E procuro agora o que é minha metade
 Quando não estás aqui
 Sinto falta de mim mesmo
 E sinto falta do meu corpo junto ao teu
 Meu coração é tão tosco e tão pobre
 Não sabe ainda os caminhos do mundo
 Quando não estás aqui
 Tenho medo de mim mesmo
 E sinto falta do teu corpo junto ao meu
 Vem depressa pra mim
 Que eu não sei esperar
 Já fizemos promessas demais
 E já me acostumei com a tua voz
 Quando estou contigo estou em paz
 Quando não estás aqui
 Meu espírito se perde, voa longe

Se Fiquei Esperando Meu Amor Passar

Se fiquei esperando meu amor passar
 Já me basta que então, eu não sabia
 Amar e me via perdido e vivendo em erro
 Sem querer me machucar de novo
 Por culpa do amor
 Mas você e eu podemos namorar.
 E era simples: ficamos fortes.
 Quando se aprende a amar
 O mundo passa a ser seu
 Quando se aprende a amar
 O mundo passa a ser seu
 Sei rimar romã com travesseiro
 Quero a minha nação soberana
 Com espaço, nobreza e descanso.
 Se fiquei esperando meu amor passar
 Já me basta que estava então longe de
 sereno
 E fiquei tanto tempo duvidando de mim
 Por fazer amor fazer sentido.
 Começo a ficar livre
 Espero. Acho que sim.
 De olhos fechados não me vejo e,
 Você sorriu pra mim
 "Cordeiro de Deus que tirai os pecados do
 mundo,
 Tende piedade de nós.
 Cordeiro de Deus que tirai os pecados do
 mundo,
 Tende piedade de nós.
 Cordeiro de Deus que tirai os pecados do
 mundo,
 Dai-nos a paz."

LOBÃO Cena de cinema (1982)



Cena De Cinema

Tava queimando no meu carro
 A tal da gasolina
 E, do meu lado, meu amor me avisou
 Vou sair de cena
 Me deu um beijo na corrida
 Correndo ela sumiu
 Desceu voando a escadaria do metrô
 Cena de cinema
 Lá embaixo não tem estrela
 É a maior ficção
 Fico alucinado
 E a luz no fim do túnel
 Vem me hipnotizar
 "Tava queimando na estrada
 Ao sol do meio dia
 E, da repente, o rádio tocou
 Cena de cinema
 Vi meu amor numa lambreta
 Com a sua capa pena
 Passou por mim, a menos de cem
 Passou por mim, a menos de cem
 Passou por mim, a menos de cem
 E saiu de cena

Amor De Retrovisor

Olhava de bobeira pro espelho, meu bem
 E sorria
 Jorrava tudo, tudo, tudo que eu não sei
 Pela pia, pela pia
 E logo, logo o ralo se entupiu de mistério
 E um calafrio foi subindo pelo ar
 E as luzes pulsam alegres pelo ar
 E as luzes pulsam alegres a flutuar
 E as luzes pulsam alegres pela noite
 Li fora tudo calmo
 Mas por dentro nem sei
 Fiquei vidrado na frente do espelho
 E as borboletas voam, voam, voam pela
 highway
 Nem vem ficar me olhando pelo
 retrovisor
 Que mania
 É psicológico, mas vê
 Vê se alivia
 E logo, logo o amor dos dois não
 passou de um reflexo
 E as silhuetas se curtiam na
 cortina do chuveiro
 E os absurdos passam leves pelo ar
 E os absurdos passam leves pela noite
 Lá fora tudo calmo
 Mas por dentro nem sei
 Fiquei vidrado na frente do espelho
 E as borboletas voam, voam, voam
 pela highway

Love Pras Dez

Acordei atormentado
 Eu odeio feriado
 É um caso de política
 Situação tão crítica
 Dei mais de mil telefonemas
 E não descolei.
 Love pras dez
 Parti pra uma sessão das duas
 Um filme de mulheres nuas
 "A seita é a receita"
 Disse o sheik Jurandhyr
 Que casou nove vezes
 E se prepara pra lançar
 Love pras dez
 Sheik love pras dez
 Sheik love pras dez
 "A seita é a receita"
 Disse o sheik Jurandhyr
 Eu quero love pras dez

Vi o filme duas vezes
 Achei que aprendi a lição
 Às seis eu fui à boca
 Fui fazer uma boquinha
 Às sete estava louco
 E lá pras oito descolei
 Love pras dez
 Sheik love pras dez
 Sheik love pras dez
 Achei que era uma boa
 Amar uma pessoa
 Eu quero love pras dez
 Sheik love pras dez
 Sheik love pras dez
 Achei que era uma boa
 Amar uma pessoa
 Eu tenho love pras dez

O Homem Baile

Foi no dia 1. de abril
 A primeira vez que ele surgiu
 E ninguém sabe se ele saiu
 De uma estória em quadrinhos
 Num dia quente de uma noite febril
 Chegou em casa de sapato na mão
 Fora das grades da camisa xadrez
 De terno preto e gravata
 O Homem Baile, O Homem Baile
 O Homem Baile, O Homem Baile
 Elemento eletrificado
 Sua marca registrada
 Era um som estereofônico
 Ligava o microfone e sua guitarra de
 prata
 E fazia UÔU, UÔU
 O Homem Baile, O Homem Baile
 O Homem Baile, O Homem Baile
 Nas gafieiras da Lapa
 Na rua do Ouvidor
 Era o artista convidado
 Como ele não existe nada igual
 Ele era o tal
 Ele era o tal
 O Homem Baile, UÔU, UÔU
 O Homem Baile, UÔU, UÔU

Doce Vida

Os meus olhos perambulam
 No seu rosto
 Te namoram
 Que brincadeira
 Doce brincadeira
 Os seus olhos perambulam
 No meu rosto
 Curto muito
 Que brincadeira
 De dia, de noite
 Nos sonhos da tarde
 É bom demais
 Momentos, na cama
 No carro, na praia
 Em qualquer lugar
 Em qualquer lugar
 Lá bem longe
 Brincadeira, no seu rosto
 O seu brinco, sua boca
 Eu levanto
 Seu cabelo
 Lentamente
 Pouco a pouco
 Doce da vida
 Doce brincadeira

Stopim

Sempre foi assim, desde o começo
 O amor não tem porquê, vem pelo olho
 À flor da pele é um choque
 É, é um choque
 Foi assim, eu me lembro
 Foi assim
 Num bar que eu me esqueci
 Em Copacabana, em Copacabana
 A noite chegava ao fim
 Você chegou juntinho de mim
 A noite chegava ao fim
 E eu pensei - Essa menina é
 Stopim
 O amor explodiu em meio minuto
 Ficamos até o meio-dia, rolando na cama
 Você me deu um chá, me deu um até já
 É hoje à meia-noite, é hoje às 11 e meia
 Foi assim, eu me lembro
 Foi assim
 Num bar que eu me esqueci
 Em Copacabana, em Copacabana
 Você chegou pertinho de mim

A noite chegava ao fim
Eu pensei - Essa menina é
Stopim, stopim

Squizotérica

Meu amor, estou
Tão longe de mim
A cor que colore meus dias
São as cores da TV
Seu retrato no meu quarto
Me maltrata
Tô mais enrolado
Que nó de gravata
Tem tantas horas
Que eu espero
Só, tão só
De você
Meu amor, estou
Tão longe de mim
O rádio de pilha
Irradia a alegria de viver
Abro a janela
Meu olhar voa pra fora
Meu pensamento pouco a pouco
Me devora
Tem tantas horas
Que eu espero
Só, tão só
De você

Sem Chance

Tive um insight
Às 5 da tarde
Com aquela gata
Não sem transação
Tem medo, tem pressa
Sem essa é tão cedo
Fiquei sem sossego
Sem teto e sem chão
E sem chance
Sem chance
Quem corre atrás
Não passa adiante
Sem chance
Sem chance

Scaramuça

Uma estória mal contada
Destruí em menos de um segundo
Todo o amor que nós fizemos
Ela saiu de carro
Saiu na chuva
Caiu na rua
E eu fui ver um filme
Parampampam
Tirei o time
Mas a coisa ficou ruça
Naquela scaramuça
No Alto Leblon
Brigou, xingou
Sapateou
Por causa da estória
Da bagana manchada de batom
Ela saiu do carro
Saiu na chuva
Caiu na rua
E eu fui ver um filme
Parampampam
Tirei o time
Ela: Nada acaba assim
Ele: Acaba assim

Robô, Roboa

De repente, você reapareceu
Está misto diferente de
Quando eu conheci
Seu cabelo, seu modelo
O cigarro, o automóvel
E tudo mais, e tudo mais
Já não é nem mais a sombra
Da menina embarçada
Na saia da mamãe
Você é um desafio
Mais que isso, um desatino
Sua voz me alucina
Seu olhar me contamina
Suas mãos quando me tocam
Me perturbam, me provocam
Me perturbam, me provocam
Não me esqueça amanhã
De manhã, vou te acordar
E trazer um bom café
Um bom café, um bom café
É que eu sou o seu robô
E você minha roboa

É que eu sou o seu robô
E você minha roboa

LOBÃO

Ronaldo foi pra guerra (1984)



Corações Psicodélicos

Ainda me lembro daquele beijo spank
punk violento
Iluminando o céu cinzento, eu quero você
inteira
Gosto muito do seu jeito, qualquer nota
bossa nova
Bossa nova qualquer nota, eu quero você
na veia
E a vida passa na TV
E o meu caso é com você
Fico louco sem saber
Sim pro sol, sim prá lua
Eu quero você toda nua
Sim prá tudo que você quiser
Gosto muito do seu jeito, rock'n'roll meio
non sense
Rock'n'roll meio non sense, prá acabar
com essa inocência
E o complexo de decência no meio do
salão
E a vida passa na TV
E o meu caso é com você
Fico louco sem saber
Sim pro sol, sim prá lua
Eu quero você toda nua
Sim prá tudo que você quiser
Hoje é festa na floresta, toda tribo atea
som
Toda taba atea sol só tomando água de
coco
E feliz de quem tá triste
No meio dessa confusão

Não Tô Entendendo Nada

Não sei mais o que fazer
Pra Gorette me entender
Já tentei de tudo em vão
Mas ela só queria segurar minha mão
Não tô entendendo
Outro dia fomos ao cinema
Na sessão da meia noite
Eu tentei de tudo então
Mas ela só queria segurar minha mão
Não tô entendendo
E depois de muito tempo
Paciência e sofrimento
Ela disse tudo bem
Mas só depois do casamento
Não tô entendendo
Não sei mais o que fazer.

To À Toa Tokio

Tô à toa, Tóquio
Tô à toa, Tóquio
Sobrevoa nave louca, Tóquio, Tóquio
Sol nascendo, oriente púrpura
Por pura paixão
À procura da aventura pura, pura, pura,
pura
Por pura paixão
Tô à toa,
Tô à toa,
Tô à toa,
Tô à toa,
O mistério me fascina
E escapa à razão
Fugi em vão do conhecido
Fui então, Tóquio
Navegando à deriva sem missão
Tóquio.

Quero conhecera a sua sedução, Tóquio
Tô à toa.

Abalado

Tô na rua e perco o passo
E passo a passo chego a ver
Como eu não vi... passar o seu sorriso
Fico nessa mesma, nessa, nessa
Nessa lombra
Nessa solidão
A loucura é tão clara
Como o escuro da lucidez
E ser claro a essa altura
É o mesmo que riscar um fósforo
Pela segunda vez
Não acho nada
Acho ninguém
Meu companheiro é o espelho
E eu, queria tanto ser feliz...
e sentir
Não acho nada, dão acho ninguém
Não acho nada, acho ninguém
Não acho nada, não acho ninguém
N2o, não acho nada, não acho ninguém
A loucura é tão clara
Quanto o escuro da lucidez
Meu coração dispara e seu sorriso
Ilumina alguma esquina
Como um talvez
Não acho nada... .

Os Tipos Que Eu Não Fui

Nem vem me inventar
Eu nunca fui assim
Eu já me inventei
Eu sei de mim
Oôôô até quando eu minto
Mas posso fazer
Só pra agradar você
É fácil fazer
Só pra enganar você
Oôôô, eu sou enigma
Não preciso mostrar, que eu sou
Um cara legal
Pra viver bem me basta
Um coração batendo...
Eu sou o amor,
Eu sou a guerra,
Eu sou o arco,
Eu sou a flecha
Oôôô, menino ou menina
Até quando eu minto eu sou seu enigma.

Me chama

Chove lá fora
E aqui tá tanto frio
Me dá vontade de saber...
Aonde está você?
Me telefona
Me Chama! Me Chama!
Me Chama!...
Nem sempre se vê
Lágrima no escuro
Lágrima no escuro
Lágrima!...
Tá tudo cinza sem você
Tá tão vazio
E a noite fica
Sem porque...
Aonde está você?
Me telefona
Me Chama! Me Chama!
Me Chama!...
Nem sempre se vê!
Mágica no absurdo
Mágica no absurdo
Mágica!...
Nem sempre se vê!
Lágrima no escuro
Lágrima no escuro
Lágrima!...
Nem sempre se vê!
Mágica no absurdo
Mágica no absurdo
Mágica!...
Nem sempre se vê!
Lágrima no escuro
Lágrima no escuro
Lágrima!...

Rio Do Delírio

Rio do Delírio e sol
Acontece tudo por aqui
O desejo e o pavor são tão normais
Desvairio e prazer
Se fantasiaram em todos os carnavais

Fantasia
 Todo mundo fantasia
 Sempre por aqui
 Delírio de Janeiro ou ou...
 A malemolência faz sentir
 Esse é o meu Rio de Janeiro
 Desatino kodachrome e ilusão
 E a mistura tão naïve
 De samba, manha, cama e Rock'n'Roll
 Fantasia
 Todo mundo fantasia
 Sempre por aqui.

Inteligenzia

Procurando inteligenzia
 Não encontro inteligenzia
 Quem esconde inteligenzia
 Me responde inreligenzia
 Era um homem
 Razoavelmente normal
 Tem mulher, filhos, casa e tal
 Mas de repente se sente mal
 Pegou um vento sideral
 E vai
 Procurando...
 Lia livros de agente secreto
 Seguia pistas de longe e de perto
 Tentava ser imperceptível
 Mas achava o máximo seu olhar discreto
 Procurando...
 Pode estar no Himalaia
 Ou debaixo de uma saia
 Pode estar nos canais de Marte
 Ou por trás de uma obra de arte
 Eu vou
 Procurando... .

Teoria Da Relatividade

A teoria da relatividade
 E tudo que se entende
 Por satisfação de uma mulher
 Não me deixaram compreender, bem que eu tentei
 Porque minha gata não suporta mais
 Me vendo ler
 Livros na minha cabeceira
 E ela na cama com outro rapaz
 Livros na minha prateleira
 Livros de bolso essa chinfra não adianta mais
 Apago a lâmpada e tento dormir
 E um barulho estranho vem me acordar
 É do meu lado um romance legal,
 intelectual
 Enquanto eu leio
 Os dois se beijam
 E me mandam passear
 E eu continuo lendo
 Livros...
 Não adianta vir conjecturar
 Porque dessa, dessa, dessa eu perdi minha vez
 Por mais que eu fique frio na sala de estar,
 na sala de estar
 Eu sei que a cama é pequena demais para nós três
 E eu continuo lendo
 Livros...
 Na minha cabeça
 Fiquei tranqüilo, perdi minha paranóia
 Livros me deixam tranqüilo
 Agora não sinto ciúme, nem dúvida
 Livros, livros, livros ousou.

Dr. Raymundo

Se a mamãe tá doente
 E o neném tá chorando
 Você está com dor de dente
 E desempregado
 Chame o Dr. Raymundo
 Ele tem cura pra todos os grilos
 Pro Joãozinho, pro Antônio e o Murilo
 Venham todos para ver
 A magia deste grande ser
 Depois do tratamento tudo se esclarece
 Até a próxima vez obrigado a vocês
 Sinceramente, Dr. Raymundo
 Venham todos para ver
 A magia deste grande ser.

Ronaldo Foi Pra Guerra

Andava pela rua
 Toda noite, todo dia
 Ouvindo notícias
 Dos heróis que voltaram

Da guerra do Bananal
 Daí pintou a convocação
 Da seleção
 Jair pra Tostão
 Valendo dólar
 Pelé pegou na bola
 E invadiu como quis
 Invadiram o país
 O que é que você me diz
 Ronaldo era um cara
 Que tinha a maior tara
 Por futebol
 Ronaldo não tem time
 Ele mesmo se define
 Franco-atirador
 Eu só quero ver gol
 Ronaldo é meio punk
 Já foi hippie, já foi junkie
 Pirou e foi pra aviação
 Entrou em crise
 Sai do ar
 Foi ser piloto
 Sem breví, sem radar
 Invadiram a Terra
 Ronaldo foi pra guerra
 Ronaldo é futurista
 É sensível, é artista
 É videogame
 Voava pelo mundo
 Um piloto vagabundo
 Caçando no ar disco voador
 Passaram 2 mil anos
 Pros humanos não entenderem
 Qual a razão, ainda não
 Da sua própria existência e o valor
 Do seu planeta
 Invadiram a Terra
 Ronaldo foi pra guerra
 Ronaldo foi pra...

LOBÃO

O rock erro (1986)



O Rock Erro

Dizem que o Rock andou errando
 Não valia nada, alienado
 E eu aqui na maior das inocências
 O que fazer da minha santa inteligência
 Será que esse é o meu pecado, porque
 Errou, errou, errou, errou
 Eu sei que o rock errou
 Acho que é melhor passar a borracha
 Ninguém é perfeito você não acha?
 Nem mesmo o bruxo da vassoura
 Música do Planeta Terra
 Cantiga de guerra
 Canto, espanto e fico rouco
 E ainda acham pouco porque
 Errou, errou, errou, errou
 Eu sei que o rock errou
 Vivemos num país bem revistado
 Uma nova volta ao passado
 Muito louco anda solto
 De colarinho, é claro
 Se eu respiro inspiro mais cuidado
 Desse pobre coitado, porque
 Errou, errou, errou, errou
 Eu sei que o rock errou

Voz Da Razão

Tem certas coisas
 Que a gente esconde
 E não sabe aonde estão, aonde estão?!
 Estão pra lá da consciência
 Estão além da inocência, amor
 São coisas bacanas!

Mas o que eu quero te dizer
 É que você trocou o seu amor
 Por uma vaidade
 Mas o que eu quero de você
 É tão somente o seu amor
 Amor, fiquei na saudade
 Você trocou o seu amor por uma vaidade
 Vaidade vai dar bode
 Vai deixar você só nessa imensidão
 Da sua vontade
 Perdidão no mato sem cachorro
 Fissurado, gritando socorro!!
 Ninguém me ama
 E o estandarte da loucura
 É incapaz de escrever seu nome
 No hall da fama
 E o sol que invade o meu peito
 É o mesmo que invade o seu
 Amor é felicidade
 Você trocou o seu amor por uma vaidade

Baby Lonest

Baby Lonest, ninfa do asfalto
 Todo o ocidente nos ombros
 Que a noite deflore dentes
 Depois adormecem
 A vida de alô e beijos
 Sábado na cidade
 De Telerj em Telerj
 O amor te deixa
 O amor te deixa em cacos
 Metade da mesada em fichas
 Todos os corações ocupados
 Não chore, honey, não chore não
 Porque amanhã tem, tem, tem
 Oh baby lonest
 Amanhã tem, baby lonest
 Amanhã tem, baby lonest
 Baby lonest, olhos injetados
 Nas pernas daquela avenida
 Baby lonest, sonho de um amor suicida
 Baby lonest e os olhos de sangue
 Nas pernas daquela menina
 Nas pernas daquela avenida

Spray Jet

Spray jet - let's spray boy
 Do it
 Spray jet
 Uma nova atração na tela
 Rabiscos nas paredes da cela
 Índios pintados pra guerra
 A cor do planeta é Terra
 Spray jet - let's boy
 Um rosto pintado no espelho
 Na luz de um sinal vermelho
 Vultos pichando paredes
 Peixes fugindo da rede
 Spray jet
 Call my name
 Spray jet
 Não há nenhum nome para assinar
 Não há nenhum nome para assassinar
 Não há nenhum nome

Moonlight Paranóia

Moonlight
 Só o coração, batendo
 Calado, parado, mordendo
 Corpo trancado, destrincando
 A noite passa, e a minha é
 Um tormento
 Meu Deus, onde vai o meu pensamento
 Meu Deus, onde vai o meu pensamento
 Viajo e não volto mais, nem um momento
 Brilha sozinha a gilete no espelho
 Misturo e confundo liberdade e desejo
 Meu Deus, onde vai o meu pensamento
 Meu Deus, onde vai o meu pensamento
 Na verdade não sei mais o que fazer
 Desde a sombra até o brilho da lua
 Na verdade não sei mais o que ser
 Na verdade
 Moonlight
 Paranóia
 Moonlight paranóia
 Paranóia
 Moonlight
 Para-para
 Paranóia
 Moonlight paranóia

Revanche

Eu sei que já faz muito tempo que a gente volta aos princípios
 Tentando acertar o passo usando mil

artifícios
 Mas sempre alguém tenta um salto, e a gente é que paga por isso, oh!
 Fugimos pras grandes cidades, bichos do mato em busca do mito
 De uma nova sociedade, escravos de um novo rito
 Mas se tudo deu errado, quem é que vai pagar por isso?
 Quem é que vai pagar por isso? Quem é que vai pagar por isso?
 Quem é que vai pagar por isso?
 Eu não quero mais nenhuma chance, eu não quero mais revanche
 Eu não quero mais nenhuma chance, eu não quero mais...
 A favela é a nova senzala, correntes da velha tribo
 E a sala é a nova cela, prisioneiros nas grades do vídeo
 E se o sol ainda nasce quadrado, e a gente ainda paga por isso
 E a gente ainda paga por isso, e a gente ainda paga por isso
 E a gente ainda paga por isso
 Eu não quero mais nenhuma chance, eu não quero mais revanche
 Eu não quero mais nenhuma chance, eu não quero mais...
 O café, um cigarro, um trago, tudo isso não é vício
 São companheiros da solidão, mas isso só foi no início
 Hoje em dia somos todos escravos, e quem é que vai pagar por isso
 Quem é que vai pagar por isso? Quem é que vai pagar por isso?
 Quem é que vai pagar por isso?
 Eu não quero mais nenhuma chance, eu não quero mais revanche

Noite & Dia

Nos lençóis da cama, bela manhã
 No jeito de acordar
 A pele branca, gata garota
 No peito a ronronar
 Seu fingir dormindo, lindo
 Você está me convidando
 Menina quer brincar de amar
 Você esta me convidando
 Menina quer brincar...
 No escuro do quarto, bela na noite
 Nas ondas do luar
 Seus olhos negros, pantera nua
 Vem me hipnotizar
 Eu olho sorrindo, lindo!
 Você está me convidando
 Menina quer brincar de amar
 Você está me convidando
 Menina quer brincar...
 Você está me convidando
 Menina quer brincar de amar
 Você está me convidando
 Menina quer brincar...

Click

Andando sozinho na noite do Rio
 Rodando a cidade
 Os bares vazios, eu te vejo
 E desejo captar seu sorriso
 Quero te fotografar, mas não faça muita pose
 Porque eu só quero, eu só quero um close
 Olha o click, eu, hein
 Que onda, que onda
 Dia de fotografia, uma certa magia
 Mas por favor, sorria
 Olha o click, eu, hein
 Que onda, que onda

Canos Silenciosos

Onda na madrugada, silêncio na batida
 Tá todo mundo se aplicando pra festa,
 Pra chegar na festa bem aplicadinho
 Movimento na esquina, todo mundo entra, todo mundo sai;
 sexo, drops, rock'n roll, adrenalina;
 diversões eletrônicas num poderoso hi-fi
 Oh! E a noite tá no sangue de hoje
 Deixa a noite rolar
 Oh! E a noite tá no sangue de hoje
 Deixa a noite rolar
 Canos silenciosos, nervosa calma
 Quando todo mundo pensava que ia se divertir pra cá

É bem aí, é bem aí que o pânico todo se inicia
 Correria na esquina
 Ninguém mais entra, ninguém mais sai
 Homens, fardas, cassetetes, camburões
 Abusando da lei com suas poderosas credenciais

Glória (Junkie Bacana)

Meu caro vizinho, eu sou um cara legal
 Meu telefone é 4777 etc. e tal...
 Ontem à noite exagerei no barulho
 Eu peço que me desculpe
 Eu sei que é demais mijar na janela
 Chamando por Deus e gritando o nome dela
 Todo grande amor incomoda
 E o mundo inteiro tem que saber
 Ela errou, eu errei, então eu declarei guerra
 Paz na Terra só pra quem tem coragem
 Quem perde no amor sempre faz papel de covarde
 Faz bobagem, faz bobagem
 Meu caro vizinho, não me leve a mal
 Depois que eu fiquei sozinho dei pra beber
 Bem além do normal
 E a fazer coisas meio sem sentido, meio sem sentido
 E é desse jeito que eu tenho vivido
 Não leve a mal um cara assim tão a perigo
 E no mais um abraço, meu prezado amigo

LOBÃO

Vida bandida (1987)



Vida Bandida

Chu..tou
 A cara do cara caído, traiu
 Traiu seu melhor, seu melhor amigo
 Bateu , corrente , soco inglês e canivete
 E o jornal não para de mandar
 Elogios na primeira página
 Sangue, porrada na madrugada
 Sangue, porrada na madrugada
 Vida! Vida, vida, vida
 vida bandida
 Vida! Vida, vida, vida vida bandida
 Vida! Vida, vida, vida vida bandida
 Vida!
 É preciso viver malandro assim
 Não dá pra se segurar, não a cana tá brava
 E a vida tá dura
 Mas um tiro só não vai me derrubar não
 É preciso viver malandro assim
 Não dá pra se segurar, não a cana tá brava
 E a vida tá dura
 Mas um tiro só não vai me derrubar não
 Vida! Vida, vida, vida
 vida bandida
 Vida! Vida, vida, vida vida bandida
 Vida! Vida, vida, vida vida bandida
 Vida!
 Correr, com lágrima com lágrima
 Com lágrima nos olhos
 Não é definitivamente pra qualquer um
 Mas o riso corre fácil
 Quando a grana corre solta
 Vida! Vida, vida, vida vida bandida

Vida! Vida, vida, vida vida bandida
 É preciso ver o sorriso da mina
 Pra subida da barra
 Ai é só, é só, é só, é só de brincadeira
 Ainda não inventaram Dinheiro
 Que eu não pudesse ganhar
 Vida! Vida, vida, vida vida bandida
 Que eu não pudesse ganhar
 Vida! Vida, vida, vida vida bandida
 Vida! Vida, vida, vida vida bandida
 Vida! Vida, vida, vida vida bandida

Da Natureza Dos Lobos

É só um lobo chorando prá lua
 É só um lobo chorando ao luar
 Não sente fome, não sente frio
 Só sento sede de amar
 É só um lobo vadio
 É só um lobo sem par e sem amor
 É só um lobo sozinho
 Que vai gemendo, gemendo, gemendo, gemendo...
 sem dor
 É só um lobo tão triste
 É só um lobo querendo amar
 E ninguém sabe se ele existe
 Ninguém sabe onde encontrar
 Eu sou um lobo chorando prá lua
 Eu sou um lobo chorando ao luar
 Ninguém sabe se eu existo
 E ninguém sabe onde me encontrar
 Eu sou um lobo vadio
 Eu sou um lobo sem paz e sem amor
 Eu sou um lobo sozinho
 Que vai gemendo, gemendo, gemendo, gemendo...
 sem dor.

Nem Bem Nem Mal

Você não sabe nem nasceu sabendo
 Além da intuição
 A vida corre lá fora
 Sem ter porquê nem razão
 Talvez você saiba o segredo
 Mas tem medo de sair
 Tem medo de morrer de medo
 De não ter prá onde ir
 Quem sabe sua vida é normal demais
 Um beijo sem saliva
 Mais um passo atrás
 Ai você não entende
 Se não existe nem bem nem mal
 Nem sorte ou azar
 A vida às vezes é um sonho
 Mas você sabe, um sonho pode te acordar
 Entre fantasmas e fantasias
 Alegorias sentimentais
 Eu sei que a vida pode dar medo
 Mas você tem seus ideais
 Tem medo de morrer mais cedo
 E perder outros carnavais.

Girassóis Da Noite

Beijando a noite e flutuando, ando, ando
 Gira o luar
 A cada noite que a lua brinca solta
 A rua torna seu lugar
 A cada passo
 Giram tontas as pessoas
 Feito girassóis
 Buscando passos
 Se guiando à toa
 Vence a nebulosa de faróis
 A noite gira feito uma criança
 A ronda tonta gira de lembrança
 A noite ri feito criança, gira
 A noite nunca vai mudar
 Girassóis da noite
 Giram a sós na noite
 Tentando esquecer a solidão
 Girassóis da noite
 Giram a sós na noite
 Nessa imensidão
 Girassóis da noite
 Giram a sós na noite
 Tentando beijar o luar
 Beijando a noite flutuando, ando, ando
 Giram os faróis
 E a noite gira feito uma criança
 A noite gira, gira de lembrança

A noite ri feito criança, gira
A noite nunca vai mudar.

Esse Mundo Que Eu Vivo

Pelo inverno nas cidades
Eu assisto às transformações
Pelos quartos nos hotéis
Nos anúncios, nas televisões
Vendem crimes
Vendem inveja
Vendem tudo
Até ilusões
Estão brincando
Eu não acredito
Penso em tudo
Até em revoluções
Nos verões pela cidade
Eu assisto as evoluções
Nas escolas desta vida
Nas quadras, nas concentrações
Eu sei que tudo é possível
É nesse mundo que eu vivo
No outono pelas cidades
Eu assisto as demolições
Destroem casas
Implodem edifícios
Não é difícil pra quem não tem emoções
Vendem crises
Vendem misérias
Vendem tudo até em mil prestações
Estão brincando,
Eu não acredito
Penso em tudo até em revoluções
Eu sei que tudo é possível
É nesse mundo que eu vivo.

Vida Louca Vida

Se ninguém olha
Quando você passa
Você logo acha:
A vida voltou ao normal...
Aquela vida sem sentido
Volta sem perigo
A mesma vida tudo
Tudo sempre igual...
Se alguém olha quando
Você passa, você logo diz:
"Palhaço!"
Você acha que não tá legal
Perde logo a noção do perigo
Todos os sentidos
Você passa mal...
Vida Louca
Vida!
Vida Breve!
Já que eu não posso te levar
Quero que você me leve
Vida Louca
Vida!
Vida Imensa!
Ninguém vai nos perdoar
Nosso crime não compensa...
Se ninguém olha
Quando você passa
Você logo acha:
"Tô Carente"
Eu sou manchete popular
Já me cansei
De toda essa tolice
Babaquice
Dessa eterna falta
Do que falar...

Tudo Veludo

Quando você quer ser mais do que eu
Querendo ser mais do que eu sou eu
Não tem sentido sorriso, palavra
Nada é capaz de fazer voltar a mim
E eu estou aqui
Só com o meu desejo
E você morena, morena, antena e raiz
Tem certas coisas que a gente não diz
Mas eu perdi o jeito
O jeito de ser
Tua tristeza e tua beleza
São coisas do mundo
Como tem danças da vida
Tem danças da dor
Tudo veludo
Tudo tudo tudo tudo
Tudo azul na noite.

Rádio Blá

Ela adora me fazer de otário
Para entre amigas ter o que falar
É a onda da paixão paranóica

Praticando sexo como jogo de azar
Uma noite ela me disse "quero me apaixonar"
Como quem pede desculpas a si mesmo
A paixão não tudo tem nada a ver com a vontade
Quando bate é o alarme de um louco desejo
Não dá para controlar, não dá
Não dá pra planejar
Eu ligo o rádio
E blá, blá, blá, blá, blá, blá
Eu te amo
Sua vida burguesa é um romance
Um roteiro de intrigas
Pra Fellini filmar
Cercada de drogas, de amigos inúteis
Ninguém pensaria que ela quer namorar
Reconheço que ela me deixa inseguro
Sou louco por ela e não sei o que falar
O que eu quero é que ela quebre a minha rotina
Que fique comigo e deseje me amar.

Chorando No Campo

A chuva cai chorando
E o meu amor vai e vem
No céu, no chão
A rede vai e vai levando...
A noite além da noite
Me faz lembrar o que eu não vivi
Toda essa história esse segredo
Memórias num vendaval...
Pela estrada enquanto eu passo
O cinema é só ilusão
Vou chorando pelo campo
No meio do temporal...
A chuva dá saudades
De um lugar que eu nunca fui
E o vento vai soprando
Um choro tão, distante
Pela estrada enquanto eu passo
O cinema é só ilusão
Vou chorando pelo campo
No meio do temporal.
Deste temporal...

LOBÃO

Cuidado! (1988)



Cuidado!

Um dia eu vou ser rico
Um dia eu vou me dar bem
Nas tetas da mãe pátria vai mamar feito um neném
Na zona do perigo
Algum dia eu sou alguém
Surfista Leopoldina vindo lá da Funabem
A voz da consciência inevitável da razão
Palavras não são, gestos somem na imensidão
Vergonhas tão discretas disfarçando a emoção
Propostas tão concretas abstratas de tesão
Porque sou bem pretinho
Pensam que sou marginal
No fundo bem no fundo é a vergonha nacional
Vivi muita inocência
Fui metido a bam-bam-bam
Católico apostólico soterrado no divã
Preto vota "em branco"
Contestando a razão
A gente é branco e preto
Preto e branco... É tudo irmão
No nosso abecedário não existe abolição

O branco é sempre preto
O preto é branco
É tudo igual
- Aí, Don Ivo, cumé que tá?
- Parado aqui, malvisto ali, barrado lá...
- Aí meu irmão, sai dessa nóia
Levanta poeira, nós somos Mangueira
Nós somos vitória!!
É tratando tragédia
Como se fosse um carnaval!!
Isso é Brasil!

O Eleito

Ele é esperto e persistente
Acha que nasceu pra ser respeitado
Ele é incerto e reticente
Acha que nasceu pra ser venerado
O palácio é o refúgio mais que perfeito
Para os seus desejos mais que secretos
Lá ele se imagina o eleito
Sem nenhuma eleição por perto
Ele é o esperto, ele é o perfeito
Ele é o que dá certo, ele se acha o eleito
Seus ternos são bem cortados
Seus versos são mal escritos
Seus gestos são mal estudados
A sua pose é militarista
Ele se acha o intocável
Senhor de todas as cadeiras
Derruba tudo pra ficar estável
Ele não está aí para brincadeira
E o tempo passa quase parado
E eu aqui sem a menor paciência
Contando as horas como se fossem trocados
Como se fossem contas de uma penitência
E tudo parece estar errado
Mas nesse caso o erro deu certo
Foi o que ele disse a o pé do rádio
Com a honestidade pelo avesso

É Tudo Pose

Na vida hoje
É tudo pose
Todo mundo se imagina estampado em outdoor
É tudo pose, é tudo pose, é tudo pose
Preocupados com olhares ao redor
Pra entrar no carro
Pra sair na rua
Tudo, tudo vira pose, é bem pior que na TV
Pra tirar um sarro
Cada um na sua
Inventando pose até pra morrer
É tudo pose, é tudo pose, é tudo pose
A vida, vida sempre foi assim
É tudo pose, é tudo pose, é tudo pose
Sai dessa podre ou vê se sai de mim
Pose pra quê?
Pose pra quem?
Com essa pose você não vai ser ninguém
Seja você
Sai do normal
No fim de tudo a vida vira um carnaval
É tudo pose, é tudo pose, é tudo pose
A vida sempre, sempre foi assim
É tudo pose, é tudo pose, é tudo pose
Sai dessa podre ou vê se sai de mim

Tara Tara

Um beijo a mais
Um beijo a menos
Não tem segredo, você me enganou
Eu sinto que eu
Estou me perdendo
Me entregando ao seu amor
Sozinha no espelho
Eu te vejo
Eu te desejo
Pensando em você
Sozinha no espelho
Eu te beijo
eu te desejo
Pensando em você
Tara tara
Meu coração dispara
Por você
Um dia a mais
Um dia a menos
Não tem mais jeito
Você me ganhou
Por isso estou me perdendo
Me entregando ao seu amor
Tara tara

meu coração dispara
Por você
Um beijo a mais
um beijo a menos
Não tem mais jeito
Você me ganhou
Um dia a mais
Um dia a menos
Me entregando ao seu amor

Esfinge De Estilhaços

Oh! Ironia...
Era um poeta que um dia
Assobiou ao acaso...
E por surpresa, quem diria...
Era eu sua montanha desmoronada
Sua vitória derrocada
Sua honestidade tardia
Me desmorono, pela vontade, pela
potência
E me transformo numa esfinge de
estilhaços
Dando graças a algum deus muito
distante
Ou o representante de todas as mortes
no céu...
Um céu, há muito tempo, morto de
estrelas...
Morto, morto, morto
E quem sabe?! Pela força da sua traição
Pelo sangue jorrando de uma só veia
De uma transbordada paixão!
A medida sendo a falta, seja lá qual for a
falta:
Falha, amor, infâmia, elegância
Eu amo duelar com todas as partes da
existência:
Vida, morte, vitória, fracasso, vazio...
Um derradeiro sopro de audácia
Dessa indecifrável coragem
Reerguendo com a astúcia de um gesto
lento
Uma inevitável eternidade

Por Tudo Que For

E depois,
A luz se apagou
E eu não consigo mais ficar sozinho aqui
Sem você é tão ruim, não tem sentido,
prazer
Não há nada
Por favor,
Não me interpreta mal
Eu não queria nem devia te magoar
O vento vem, o tempo vai
Passa por mim meio assim, meio assim
devagar
Vou dormir sentindo
O que a solidão pode fazer
A um ser ferido, por saber que o erro era
meu (só meu)
Já passou,
Agora já passou
Mas foi tão triste que eu não quero nem
lembrar
Ver você, ter você
E querer mais de nós dois não tem nada
demais
E pensar
Você aparecer
Pela janela tão bonita de manhã
Vem pra mim e não vai mais
Me abraça, me abraça, me abraça
Por tudo que for...
Ouh ouh ooooouhhhh

Síndrome De Brega

Não tem mais condição nem sim nem não
é guerra
A minha posição é uma só, num ferra
O nosso habitat é um só, a Terra
Eu tenho os pés no chão e você na
estratosfera
Estou na minha e tenho os meus
compromissos
E eu sou Mangueira e quem tem a ver
com isso?
Tô sem vintém mas não devo nada a
ninguém
Não devo nada e quero ver quem vai
peitar, ah ah ah!
Quem vai? Ah! Ah!
Existe sim a síndrome de brega
Essa chantagem emocional que você
prega
Você só dá valor e amor ao que te cega

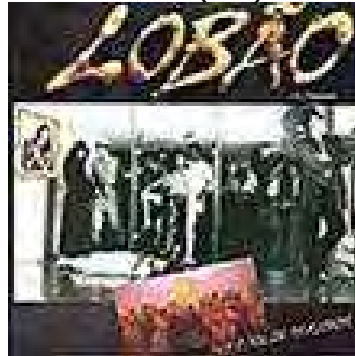
A tua moda roda, roda, mas não pega
Existe sim a síndrome de brega
Não tem mais condição nem sim nem
não, num ferra
A minha posição é uma só, é guerra
A tua moda roda, roda, mas não pega

Pobre Deus

Com seus olhos maquiados de pavor
Aterrorizado com seu próprio terror
Deus tenta rezar, tenta rezar
pra quem?
É muita mira pra pouca bala
No escuro, Deus não vê ninguém
Oh! Pobre!
Não sabe mais o que fazer...
Oh! Pobre deus!
Não sabe mais se proteger...
Dúvidas atrozes vêm lhe afligir
Com tanta onipotência para dividir
Essa realidade que é tão cruel
Invade a Deus menino a
ferro e fogo
E agora vive num inferno
no céu
Oh! Pobre!
Não sabe mais se o que fazer...
Não sabe mais, não sabe mais
Quantas noites eu ainda choro
Não sabe mais nem envelhecer
Frágil, vulnerável, tão sozinho
Deus caído...
Oh! Menino Deus!
Não chora Deus...
Isso é apenas nosso mundo
cão
Não chora Deus...
Lágrimas não curam falta de razão,
não, não
Não chora Deus...
Isso é apenas nosso mundo
cão...
Não chora Deus...
Lágrimas não curam falta de razão,
não, não
Não sabe mais, não sabe mais
Quantas noites eu ainda choro
Não mais nem envelhecer
Frágil, vulnerável, tão sozinho
Deus caído...
Oh! Menino Deus
Oh! Menino Deus
Oh! Menino Deus

LOBÃO

Sob o sol de Parador (1989)



Panamericana

Quem são os ditadores
Do Partido Colorado?
O que é a democracia ao sul
Do Equador?
Quem são os militares ao sul
Da Cordilheira?
Quem são os salvadores do povo
De El Salvador?
Em Parador
Quem são os assassinos dos
Índios brasileiros?
Quem são os estrangeiros
Que financiam o terror?
Em Parador
Hay que endurecer
Sin perder la ternura
Hay que endurecer
Sin perder la ternura

Hay que endurecer
Sin perder la ternura
Ao sol de Parador
Quem são os índios incas
Que plantam cocaína?
Quem são os traficantes
Com armas e gasolina?
Quem são os Montoneros?
Quem são los Tupamaros?
Las madres e abuelitas
Na praça de maio
Em Parador
Quem são os contra-revolucionários
De Sandino?
O que é a presidência no
Canal do Panamá?
Em Parador
Quem são os guerrilheiros de
Farrabundo Marti?
Quem são os fuzileiros
Do M - 19?
Quem são os luminosos que
Acendem o Sendero?
Quem são os para-militares
Do alti-plano?
Em Parador
Quem são os vudinizados que
Querem ton ton macutes?
Quem são os encarnados que
Inspiram as falanges?
Em Parador

Quem Quer Votar

A política faliu
Não dá pra acreditar
Até o que é civil
Parece militar
Voto de cabresto
Voto de operário
Voto de indeciso
Voto milionário
Voto de fantasma
Voto que atralalha
Voto de palpito
Voto de canalha
Quem quer votar
Quem vai votar
Quem vai ao comício
Quem vai ao trabalho
Quem ganha jeton
Quem ganha salário
Quem tem sindicato
Quem vai legislar
Quem é bóia-fria
Quem é marajá
Quem quer votar
Quem vai votar
Quem é o presidente
Quem é o delegado
Diga qual dos dois é mais abandonado
Quem que vai dar certo
Quem vai dar errado
Que país é esse rico e esfomeado
Quem quer votar
Quem vai votar.

Essa Noite Não

A cidade enlouquece sonhos tortos
Na verdade nada é o que parece ser
As pessoas enlouquecem calmamente
Viciosamente, sem prazer
A maior expressão da angústia
Pode ser a depressão
Algo que você pressente
Indefinível
Mas não tente se matar
Pelo menos essa noite não
As cortinas transparentes não revelam
O que é solidão, o que é solidão
Um desejo violento bate sem querer
Pânico, vertigem, obsessão
A maior expressão da angústia
Pode ser a depressão
Algo que você pressente
Indefinível
Mas não tente se matar
Pelo menos essa noite não
Tá sozinha, tá sem onda, tá com medo
Seus fantasmas, seu enredo, seu destino
Toda noite uma imagem diferente
Consciente, inconsciente, desatino
A maior expressão da angústia
Pode ser a depressão
Algo que você pressente
Indefinível

Mas não tente se matar
Pelo menos essa noite não

Um Bobo Para Cristo

Queriam um cara pra cristo
Pra ser herói nacional
Pra ser o bobo dessa festa
É tudo que nos resta no país do carnaval
Máscaras não movem destinos
A fantasia não tá legal
A poesia, um tiro na testa
É tudo que nos resta no país do carnaval
E não me chamem de covarde
Não me chamem de herói
Eu sei que a velha chama arde
Queima, queima até tarde
Queima, queima, dói
Perguntas morrem sem respostas
Vivendo o velho ritual
Vivendo aparando arestas
É tudo que nos resta no país do carnaval.

Azul e Amarelo

Anjo bom, anjo mau
Anjos existem
E são meus inimigos
E são amigos meus
E as fadas
Fadas também existem
São minhas namoradas
Me beijam pela manhã
Anjos existem e são minha escolta
Anjos, gnomos, amigos e amigos
Tudo é possível
Outra vida futura, passada
Viagens, viagens
Existem também drogas pra dormir
E ver perigos no meio do mar
O sono pesado
Tudo meio drogado
Existem pessoas turvas, pessoas que gostam
E eu estou de azul e amarelo
E eu estou de azul e amarelo
Senhores deuses me protejam de tanta mágoa
Estou pronto para ir ao teu encontro,
senhor
Mas não quero, não vou, eu não quero.

Uma Dose A Mais

Nenhum papel nessa tragédia
A vida é um drama, todo mundo sabe
Mas quem inventou essa comédia
Ria da vida e pedia
Sempre uma dose a mais
Assim como o frio queima
O calor às vezes mente demais
E nossos corpos ardentes teimam
E como teimam
Necessitam de uma dose a mais
Sempre uma dose a mais
A luz no teto
O som da música
Nessa dança tudo se debate
E uma alegria tão confusa
Me invadia de repente
Sempre com uma dose a mais.

Lipstick Overdose

Tem faro pra loucura
Tem prazer em dar detalhe
Lânguida sem chinfrã
Carismática sem charme
Chave de cadeia
Protegida do chefão
Speed de cigana
Linda e loura no verão
Ooo... Que armadilha
Ooo... Sol e Caviar
Ooo... Lá na ilha
Ooo... Dando o que falar
Seu cosmético cintila
Quando brilha é pó de arroz
Se fuma, muda o clima
O amor fica pra depois
Bico de sapato
De uma corte soft gay
Adora sheiks árabes
E cheques em francês
Já pensou em ser modelo
Atriz de filme pornô
Dona de uma griffe
De perfume e maiôs
Seu corpo sempre em cima
Tem o clima do frisson
Dá beijos com saliva

Esbanjando seu batom
Seu sotaque, salto alto
Irradia combustão
Ela pensa que tem charme
E provoca congestão
Todo dia é chique, chique
Exalando Azarro
Toda noite é Fuk-Fuk
Nos subúrbios do terror

Sexy Sua

Meu Deus, agora você ficou
Como um rio que de repente transbordou
Eu sei que é duro admitir
Que você está mais sexy que a Brigitte
Bardot
Mas sussurrando na sua orelha
É outra coisa então, por que não?
Sexy, sexy, sexy sua
Sexy, sexy nos ouvidos
Na rua, debaixo de uma árvore
Te beijo, beijo, beijo
Eu sei se me largares
Posso até me suicidar até o sol raiar
No passo de um poeta, atrás da estrela
Que passou no beco de esplendor
Mas se tenho você
Posso até dizer adios bruxos, adios
bruxos
Sexy, sexy, sexy sua
Sexy, sexy nos ouvidos
Cor de rock, cachoeira, praia, pôr-de-sol
Irmandade sem influência dolorosa
Mas a chance é que estejamos presos,
numa grande música
Mesmo que o show terminar, lhe digo
Sexy, sexy, sexy sua
Sexy, sexy nos ouvidos.

Toda Nossa Vontade

Eu vou embora
É chegada a hora
Não, não chora, não, não chora
Nem me faz chorar
Q que é tristeza?
Q que é saudade?
Me responde com justiça
E não com lágrimas
E se lembrar de mim
Faça com o mesmo ardor
De uma canção feliz
De uma canção de amor
Um vento frio assobia, me arrepia
E me faz lembrar da hora em que nasci
E a calmaria rígida vislumbra
A morte que eu nunca vi
E se lembrar de mim
Faça com o mesmo ardor
De uma canção feliz
De uma canção de amor
Tempos de guerra
Tempos de espera
Lutas e revoluções
Que nessa terra dure e perdure
Todo a nossa vontade
E se lembrar de mim
Faça com o mesmo ardor
De uma canção feliz
De uma canção de amor

LOBÃO Ao vivo (1990)



Vida Bandida

Chu..tou
A cara do cara caído, traiu

Traiu seu melhor, seu melhor amigo
Bateu , corrente , soco inglês e canivete
E o jornal não para de mandar
Elogios na primeira página
Sangue, porrada na madrugada
Sangue, porrada na madrugada
Vida! Vida, vida, vida
vida bandida
Vida! Vida, vida, vida vida bandida
Vida! Vida, vida, vida vida bandida
Vida!

É preciso viver malandro
assim
Não dá pra se segurar, não
a cana tá brava
E a vida tá dura
Mas um tiro só não vai me derrubar não
É preciso viver malandro
assim
Não dá pra se segurar, não
a cana tá brava
E a vida tá dura
Mas um tiro só não vai me derrubar não
Vida! Vida, vida, vida
vida bandida
Vida! Vida, vida, vida vida bandida
Vida! Vida, vida, vida vida bandida
Vida!
Correr, com lágrima
com lágrima
Com lágrima nos olhos
Não é definitivamente pra qualquer um
Mas o riso corre fácil
Quando a grana corre solta
Vida! Vida, vida, vida vida bandida
Vida! Vida, vida, vida vida bandida
É preciso ver o sorriso
da mina
Pra subida da barra
Aí é só, é só, é só
de brincadeira
Ainda não inventaram
Dinheiro
Que eu não pudesse ganhar
ainda não inventaram
Dinheiro
Que eu não pudesse ganhar
Vida! Vida, vida, vida
vida bandida
Vida! Vida, vida, vida vida bandida
Vida! Vida, vida, vida vida bandida

Canos Silenciosos

Onda na madrugada, silêncio na batida
Tá todo mundo se aplicando pra festa,
Pra chegar na festa bem aplicadinho
Movimento na esquina, todo mundo
entra, todo mundo sai;
sexo, drops, rock'n roll, adrenalina;
diversões eletrônicas num poderoso hi-fi
Oh! E a noite tá no sangue de hoje
Deixa a noite rolar
Oh! E a noite tá no sangue de hoje
Deixa a noite rolar
Canos silenciosos, nervosa calmaria
Quando todo mundo pensava que ia se
divertir pra cá
É bem aí, é bem aí que o pânico todo se
inicia
Correria na esquina
Ninguém mais entra, ninguém mais sai
Homens, fardas, cassetetes, camburões
Abusando da lei com suas poderosas
credenciais

Vida Louca Vida

Se ninguém olha
Quando você passa
Você logo acha:
A vida voltou ao normal...
Aquele vida sem sentido
Volta sem perigo
A mesma vida tudo
Tudo sempre igual...
Se alguém olha quando
Você passa, você logo diz:
"Palhaço!"
Você acha que não tá legal
Perde logo a noção do perigo
Todos os sentidos
Você passa mal...
Vida Louca
Vida!
Vida Breve!
Já que eu não posso te levar
Quero que você me leve

Vida Louca
 Vida!
 Vida Imensa!
 Ninguém vai nos perdoar
 Nosso crime não compensa...
 Se ninguém olha
 Quando você passa
 Você logo acha:
 "Tô Carente"
 Eu sou manchete popular
 Já me cansei
 De toda essa tolice
 Babaquice
 Dessa eterna falta
 Do que falar...
 Vida Louca
 Vida!
 Vida Breve!
 Já que eu não posso te levar
 Quero que você me leve
 Vida Louca
 Vida!
 Vida Imensa!
 Ninguém vai nos perdoar
 Nosso crime não compensa...

Spray Jet

Spray jet - let's spray boy
 Do it
 Spray jet
 Uma nova atração na tela
 Rabiscos nas paredes da cela
 Índios pintados pra guerra
 A cor do planeta é Terra
 Spray jet - let's boy
 Um rosto pintado no espelho
 Na luz de um sinal vermelho
 Vultos pichando paredes
 Peixes fugindo da rede
 Spray jet
 Call my name
 Spray jet
 Não há nenhum nome para assinar
 Não há nenhum nome para assassinar
 Não há nenhum nome

Por Tudo Que For

E depois,
 A luz se apagou
 E eu não consigo mais ficar sozinho aqui
 Sem você é tão ruim, não tem sentido,
 prazer
 Não há nada
 Por favor,
 Não me interpreta mal
 Eu não queria nem devia te magoar
 O vento vem, o tempo vai
 Passa por mim meio assim, meio assim
 devagar
 Vou dormir sentindo
 O que a solidão pode fazer
 A um ser ferido, por saber que o erro era
 meu (só meu)
 Já passou,
 Agora já passou
 Mas foi tão triste que eu não quero nem
 lembrar
 Ver você, ter você
 E querer mais de nós dois não tem nada
 demais
 E pensar
 Você aparecer
 Pela janela tão bonita de manhã
 Vem pra mim e não vai mais
 Me abraça, me abraça, me abraça
 Por tudo que for...
 Ouh ouh ooouuhhhh

Rádio Blá

Ela adora me fazer de otário
 Para entre amigas ter o que falar
 É a onda da paixão paranóica
 Praticando sexo como jogo de azar
 Uma noite ela me disse "quero me
 apaixonar"
 Como quem pede desculpas a si mesmo
 A paixão não tudo tem nada a ver com a
 vontade
 Quando bate é o alarme de um louco
 desejo
 Não dá para controlar, não dá
 Não dá pra planejar
 Eu ligo o rádio
 E blá, blá, blá, blá, blá, blá
 Eu te amo
 Sua vida burguesa é um romance

Um roteiro de intrigas
 Pra Fellini filmar
 Cercada de drogas, de amigos inúteis
 Ninguém pensaria que ela quer namorar
 Reconheço que ela me deixa inseguro
 Sou louco por ela e não sei o que falar
 O que eu quero é que ela quebre a minha
 rotina
 Que fique comigo e deseje me amar.

Decadence Avec Elegance

Há muito tempo que eu já dizia
 Toda essa chifra não te garante
 Você não sabe arte de saber andar
 Nem de salto alto, nem de escada rolante
 Sua vida não tem muito sentido
 Sempre em dia com o seu atraso
 Mas e daí ela se acha tão chic
 Troca seu destino por qualquer acaso
 E perdeu a pose...
 Decadence avec elegance
 Decadence avec elegance
 Ela diz pra mim: Seja um bom rapaz
 Pratique algum esporte, tenha bons
 ideais
 Afinal de contas o fim do mundo não é
 nenhum fim de mundo
 E se for ... Descanse em paz
 E no final da madrugada perambulando
 pelos bordéis
 Decadence - é melhor viver
 dez anos a mil,
 do que mil anos a dez
 Decadence avec elegance
 Decadence avec elegance

Revanche

Eu sei que já faz muito tempo que a
 gente volta aos princípios
 Tentando acertar o passo usando mil
 artifícios
 Mas sempre alguém tenta um salto, e a
 gente é que paga por isso, oh!
 Fugimos pras grandes cidades, bichos do
 mato em busca do mito
 De uma nova sociedade, escravos de um
 novo rito
 Mas se tudo deu errado, quem é que vai
 pagar por isso?
 Quem é que vai pagar por isso? Quem é
 que vai pagar por isso?
 Quem é que vai pagar por isso?
 Eu não quero mais nenhuma chance, eu
 não quero mais revanche
 Eu não quero mais nenhuma chance, eu
 não quero mais ...
 A favela é a nova senzala, correntes da
 velha tribo
 E a sala é a nova cela, prisioneiros nas
 grades do vídeo
 E se o sol ainda nasce quadrado, e a
 gente ainda paga por isso
 E a gente ainda paga por isso, e a gente
 ainda paga por isso
 E a gente ainda paga por isso
 Eu não quero mais nenhuma chance, eu
 não quero mais revanche
 Eu não quero mais nenhuma chance, eu
 não quero mais ...
 O café, um cigarro, um trago, tudo isso
 não é vício
 São companheiros da solidão, mas isso só
 foi no início
 Hoje em dia somos todos escravos, e
 quem é que vai pagar por isso
 Quem é que vai pagar por isso? Quem é
 que vai pagar por isso?
 Quem é que vai pagar por isso?
 Eu não quero mais nenhuma chance, eu
 não quero mais revanche

Baby Lonest

Baby Lonest, ninfa do asfalto
 Todo o ocidente nos ombros
 Que a noite deflore dentes
 Depois adormecem
 A vida de alô e beijos
 Sábado na cidade
 De Telerj em Telerj
 O amor te deixa
 O amor te deixa em cacos
 Metade da mesada em fichas
 Todos os corações ocupados
 Não chore, honey, não chore não
 Porque amanhã tem, tem, tem
 Oh baby lonest

Amanhã tem, baby lonest
 Amanhã tem, baby lonest
 Baby lonest, olhos injetados
 Nas pernas daquela avenida
 Baby lonest, sonho de um amor suicida
 Baby lonest e os olhos de sangue
 Nas pernas daquela menina
 Nas pernas daquela avenida

Corações Psicodélicas

Ainda me lembro daquele beijo spank
 punk violento
 Iluminando o céu cinzento, eu quero você
 inteira
 Gosto muito do seu jeito, qualquer nota
 bossa nova
 Bossa nova qualquer nota, eu quero você
 na veia
 E a vida passa na TV
 E o meu caso é com você
 Fico louco sem saber
 Sim pro sol, sim prá lua
 Eu quero você toda nua
 Sim prá tudo que você quiser
 Gosto muito do seu jeito, rock'n roll meio
 nonsense
 Rock'n roll meio nonsense, prá acabar
 com essa inocência
 E o complexo de decência no meio do
 salão
 E a vida passa na TV
 E o meu caso é com você
 Fico louco sem saber
 Sim pro sol, sim prá lua
 Eu quero você toda nua
 Sim prá tudo que você quiser
 Hoje é festa na floresta, toda tribo atea
 som
 Toda taba atea só sol tomando água de
 coco
 E feliz de quem tá triste
 No meio dessa confusão

Cuidado!

Um dia eu vou ser rico
 Um dia eu vou me dar bem
 Nas tetas da mãe pátria vai mamar feito
 um neném
 Na zona do perigo
 Algum dia eu sou alguém
 Surfista Leopoldina vindo lá da Funabem
 A voz da consciência inevitável da razão
 Palavras não são, gestos somem na
 imensidão
 Vergonhas tão discretas disfarçando a
 emoção
 Propostas tão concretas abstratas de
 tesão
 Porque sou bem pretinho
 Pensam que sou marginal
 No fundo bem no fundo é a vergonha
 nacional
 Vivi muita inocência
 Fui metido a bam-bam-bam
 Católico apostólico soterrado no divã
 Preto vota "em branco"
 Contestando a razão
 A gente é branco e preto
 Preto e branco... É tudo irmão
 No nosso abecedário não existe abolição
 O branco é sempre preto
 O preto é branco
 É tudo igual
 - Aí, Don Ivo, cumé que tá?
 - Parado aqui, malvisto ali, barrado lá...
 - Aí meu irmão, sai dessa nóia
 Levanta poeira, nós somos Mangueira
 Nós somos vitória!!
 É tratando tragédia
 Como se fosse um carnaval!!
 Isso é Brasil!

Essa Noite Não

A cidade enlouquece sonhos tortos
 Na verdade nada é o que parece ser
 As pessoas enlouquecem calmamente
 Viciosamente, sem prazer
 A maior expressão da angústia
 Pode ser a depressão
 Algo que você pressente
 Indefinível
 Mas não tente se matar
 Pelo menos essa noite não
 As cortinas transparentes não revelam
 O que é solidão, o que é solidão

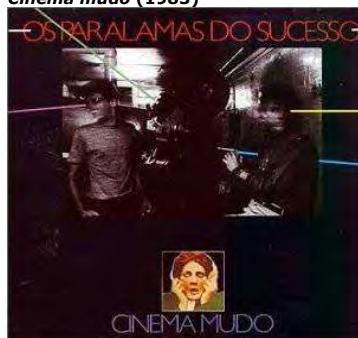
Um desejo violento bate sem querer
 Pânico, vertigem, obsessão
 A maior expressão da angústia
 Pode ser a depressão
 Algo que você presente
 Indefinível
 Mas não tente se matar
 Pelo menos essa noite não
 Tá sozinha, tá sem onda, tá com medo
 Seus fantasmas, seu enredo, seu destino
 Toda noite uma imagem diferente
 Consciente, inconsciente, desatino
 A maior expressão da angústia
 Pode ser a depressão
 Algo que você presente
 Indefinível
 Mas não tente se matar
 Pelo menos essa noite não

Me chama

Chove lá fora
 E aqui tá tanto frio
 Me dá vontade de saber...
 Aonde está você?
 Me telefona
 Me Chama! Me Chama!
 Me Chama!...
 Nem sempre se vê
 Lágrima no escuro
 Lágrima no escuro
 Lágrima!...
 Tá tudo cinza sem você
 Tá tão vazio
 E a noite fica
 Sem porque...
 Aonde está você?
 Me telefona
 Me Chama! Me Chama!
 Me Chama!...
 Nem sempre se vê!
 Mágica no absurdo
 Mágica no absurdo
 Mágica!...
 Nem sempre se vê!
 Lágrima no escuro
 Lágrima no escuro
 Lágrima!...
 Nem sempre se vê!
 Mágica no absurdo
 Mágica no absurdo
 Mágica!...
 Nem sempre se vê!
 Lágrima no escuro
 Lágrima no escuro
 Lágrima!...

OS PARALAMAS DO SUCESSO

Cinema mudo (1983)



Vital e Sua Moto

Vital andava a pé e achava que assim
 estava mal
 De um ônibus pro outro aquilo para ele
 era o fim
 Conselho de seu pai: "Motocicleta é
 perigoso, Vital.
 É duro de negar, filho, mas isto dói bem
 mais em mim."
 Mas vital comprou a moto e passou a se
 sentir total
 Vital e sua moto, mas que união feliz
 Corria e viajava era sensacional
 A vida em duas rodas era tudo que ele
 sempre quis
 Vital passou a se sentir total
 No seu sonho (de metal)

Vital passou a se sentir total
 No seu sonho de (metal)
 Os Paralamas do Sucesso iam tentar
 tocar na capital
 E a caravana do amor então pra lá
 também se encaminhou
 Ele foi com sua moto, ir de carro era
 baixo astral
 Minha prima já está lá e é por isso que eu
 também vou

Foi o Mordomo

Estou trancado no meu quarto
 Esperando que algum fato
 Emocionante venha a ocorrer
 Assisto muito sério um destes filmes
 De mistério que não fazem mal
 Em qualquer canal que eu
 Ligue o mordomo é o culpado
 E a tarde cinza vai passando e eu
 Espero o tempo todo pela hora
 De estar com você
 Eu digo o seu nome
 E olho para o telefone
 Que não dá sinal
 Mudez total
 Você não liga
 E o mordomo é o culpado
 Eu tenho andado sério, preocupado
 Você não liga e o mordomo
 É o culpado

Cinema Mudo

Uôle bolê
 ô ô ô ô ô ô ô (3X)
 Amor sem palavras
 Cinema mudo
 Não falo nada
 Você sabe tudo
 ô ô ô ô ô ô ô ô
 A noite chega
 Me dá um toque
 Melancolia não dá ibope
 ô ô ô ô ô ô ô ô
 Eu tenho que aprender a dizer tudo
 que eu sinto por você
 Eu tenho que aprender
 Num desses seriados da tevê

Patrulha Noturna

Desce daí garoto
 Senão atiro em você
 Porque cê não mostra que é homem
 Porque cê não tenta correr
 Qual é seu guarda
 Que papo careta
 Só tô tirando chinfra
 Com a minha lambreta
 Tá bem seu guarda,
 Que papo careta
 Só tô tirando chinfra
 Com a minha lambreta
 Tá bem seu guarda
 eu me rendo
 Eu reconheço que sou marginal
 Eu colo nas provas da escola
 Eu gosto de ver nu frontal
 Qual é seu guarda
 Que papo careta
 Só tô tirando chinfra
 Com a minha lambreta
 Polícia é fogo, meu chapa
 Combate o crime de verdade
 Prende os garotos de moto
 Para moralizar a cidade
 Qual é seu guarda
 Que papo careta
 Só tô tirando chinfra
 Com a minha lambreta

Vovó Ondina é Gente Fina

Silêncio meninos! Toquem mais baixo
 Que o velhinho aqui de baixo está doente
 de dar dó
 E o rock rolava na casa da vovó
 Chamaram a polícia - mas que barra!
 Desliga essa guitarra que a coisa
 Está indo de mal a pior
 São trinta soldados contra uma vovó
 É gente fina - vovó Ondina
 É gente fina - vovó Ondina
 São trinta soldados contra uma vovó
 Estamos na rua desalojados
 Pra ganhar alguns trocados
 Temos que tocar forró

Vovó Ondina é gente fina
 Valeu vovó!!!

O Que Eu Não Disse

Não importa o castigo
 Preço dessa confissão
 Se você não me esquecer
 Eu me rendo ao perigo
 De tua doce invasão
 E o que mais acontecer
 Nem mistério, nem destino
 É somente amor
 Ser feliz é estar contigo
 Eu não aprendi nos livros
 Nem nos filmes de paixão
 O que eu faço por você
 Ser feliz é estar contigo
 Mesmo que essa sensação
 Não se deixe perceber

Química

Estou trancado em casa e não posso sair
 Papai já disse que tenho que estudar
 Nem música eu posso mais ouvir
 E assim não posso nem me concentrar
 Não saco nada de física
 Literatura ou gramática
 Só gosto de educação sexual
 E odeio química
 Química
 Química
 Não posso nem tentar me divertir
 O tempo inteiro eu tenho que estudar
 Assim não sei se eu vou conseguir
 Passar nesse tal de vestibular
 Não saco nada de física
 Literatura ou gramática
 Só gosto de educação sexual
 E odeio química
 Química
 Química
 Chegou a nova leva de aprendiz
 Chegou a vez do nosso ritual
 E se você quiser entrar pra tribo
 Aqui no nosso belsin tropical
 Ter carro do ano, TV a cores
 Pagar imposto, ter pistolão
 Ter filho na escola, férias na Europa
 Ter conta bancária, comprar feijão
 Ser responsável, cristão convicto
 Cidadão modelo, burguês padrão
 Você tem que passar no vestibular...

Encruzilhada

Tava deitado e o telefone tocou
 Me levantei, liguei meu abajur
 Quem me chamava era o meu amor
 Que sussurrava numa voz febril
 Ficava presa no elevador
 Havíamos saído com uma turma legal
 Comemos feijoada, couve e pernil
 Já na saída ela passava mal,
 O elevador de serviço em manutenção
 Ela subiu pelo social
 No telefone o meu amor chorou
 Nem me contou como o porteiro abriu
 Agora veja que situação
 Não sei se falo mal da safra do feijão
 Ou da imperfeição da indústria do Brasil

Volúpia

Volúpia, volúpia, você é sensual
 Volúpia, ah! ah! ah
 Volúpia, volúpia, você é sensual
 Volúpia, ah! ah! ah!
 Eu vejo um avião no céu
 Que vai pra onde você mora
 Eu sinto a toda hora
 Essa coceira, este calor
 Eu acho que sentei
 No formigueiro do amor

OS PARALAMAS DO SUCESSO
Passo do Lui (1984)



Óculos

Se as meninas do Leblon
 Não olham mais pra mim
 (Eu uso óculos)
 E volta e meia
 Eu entro com meu carro pela contramão
 (Eu tô sem óculos)
 Se eu tô alegre
 Eu ponho os óculos e vejo tudo bem
 Mas se eu to triste eu tiro os óculos
 Eu não vejo ninguém
 Por que você não olha pra mim? Ô ô
 Me diz o que é que eu tenho de mal ô ô
 Por que você não olha pra mim?
 Por trás dessa lente tem um cara legal
 Oi Oi Oi Oi Oi
 Eu decidi dizer que eu nunca fui o tal
 Era mais fácil se eu tentasse
 fazer charme de intelectual
 Se eu te disser
 Periga você não acreditar em mim
 Eu não nasci de óculos
 Eu não era assim
 Por que você não olha pra mim? Ô ô
 Me diz o que é que eu tenho de mal ô ô
 Por que você não olha pra mim?
 Por trás dessa lente tem um cara legal
 Por que você não olha pra mim? Ô ô
 Por que você diz sempre que não? Ô ô
 Por que você não olha pra mim?
 Por trás dessa lente também bate um
 coração

Meu Erro

Eu quis dizer
 Você não quis escutar
 Agora não peça
 Não me faça promessas...
 Eu não quero te ver
 Nem quero acreditar
 Que vai ser diferente
 Que tudo mudou...
 Você diz não saber
 O que houve de errado
 E o meu erro foi crer
 Que estar ao seu lado
 Bastaria!
 Ah! Meu Deus!
 Era tudo o que eu queria
 Eu dizia o seu nome
 Não me abandone...
 Mesmo querendo
 Eu não vou me enganar
 Eu conheço os seus passos
 Eu vejo os seus erros
 Não há nada de novo
 Ainda somos iguais
 Então não me chame
 Não olhe prá trás...
 Você diz não saber
 O que houve de errado
 E o meu erro foi crer
 Que estar ao seu lado
 Bastaria!
 Ah! Meu Deus!
 Era tudo o que eu queria
 Eu dizia o seu nome
 Não me abandone jamais...
 Mesmo querendo
 Eu não vou me enganar
 Eu conheço os seus passos
 Eu vejo os seus erros
 Não há nada de novo
 Ainda somos iguais

Então não me chame
 Não olhe prá trás...
 Você diz não saber
 O que houve de errado
 E o meu erro foi crer
 Que estar ao seu lado
 Bastaria!
 Ah! Meu Deus!
 Era tudo o que eu queria
 Eu dizia o seu nome
 Não me abandone jamais...
 Não me abandone jamais...

Fui Eu

Os pés descalços
 queimam no asfalto
 Os carros passam -
 vêm e vão
 Eu dobro a esquina
 Eu vou na onda
 Pego carona na multidão
 Você olhou, fez que não me viu
 Virou de lado, acenou com a mão
 pegou um táxi, entrou, sumiu
 Deixou o resto de mim no chão
 Vai ver que a confusão
 Fui eu que fiz, fui eu
 Há algo errado no paraíso
 É muito mais que contradição
 Sou eu caindo num precipício
 Você passando num avião
 Você olhou, fez que não me viu
 Foi como se eu não estivesse ali
 Desligou a luz, deitou, dormiu
 Nem pensou em se divertir

Romance Ideal

Ela é só uma menina
 E eu pagando pelos erros que eu nem sei
 se cometi
 Ela é só uma menina
 E eu deixando que ela faça o que bem
 quiser de mim
 Se eu queria enlouquecer essa é a minha
 chance
 É tudo que eu quis
 Se eu queria enlouquecer
 Esse é o romance ideal
 Não pedi que ela ficasse
 Ela sabe que na volta
 Ainda vou estar aqui
 Ela é só uma menina
 E eu pagando pelos erros
 Que eu nem sei se cometi
 Se eu queria enlouquecer essa é a minha
 chance
 É tudo que eu quis
 Se eu queria enlouquecer
 Esse é o romance ideal

Ska

A vida não é filme, você não entendeu
 Ninguém foi ao seu quarto quando
 escureceu
 Sabendo o que passava no seu coração
 Se o que você fazia era certo ou não
 E a mocinha se perdeu olhando o Sol se
 por
 Que final romântico, morrer de amor
 Relembrando na janela tudo que viveu
 Fingindo não ver os erros que cometeu
 E assim
 Tanto faz
 Se o herói não aparecer
 E daí
 Nada mais
 A vida não é filme, você não entendeu
 De todos os seus sonhos não restou
 nenhum
 Ninguém foi ao seu quarto quando
 escureceu
 E só você não viu, não era filme algum
 E a mocinha se perdeu olhando o Sol se
 por
 Que final romântico, morrer de amor
 Relembrando na janela tudo que viveu
 Fingindo não ver os erros que cometeu
 E assim
 Tanto faz
 Se o herói não aparecer
 E daí
 Nada mais
 E assim
 Tanto faz
 Se o herói não aparecer

E daí
 Nada mais.

Mensagem de Amor

Os livros na estante
 Já não tem mais
 Tanta importância
 Do muito que eu li
 Do pouco que eu sei
 Nada me resta
 A não ser
 A vontade de te encontrar
 E o motivo eu já nem sei
 Nem que seja só para estar
 Ao teu lado só pra ler
 No teu rosto
 Uma mensagem de amor
 A noite eu me deito
 Então escuto
 A mensagem no ar
 Tambores runfando
 Eu já não tenho
 Nada pra te dar
 A não ser
 A vontade de te encontrar
 E o motivo eu já nem sei
 Nem que seja só para estar
 Ao teu lado só pra ver
 No teu rosto
 Uma mensagem de amor
 No céu estrelado
 Eu me perco
 Com os pés na terra
 Vagando entre os astros
 Nada me move
 Nem me faz parar
 A não ser
 A vontade de te encontrar
 E o motivo eu já nem sei
 Nem que seja só para estar
 Ao teu lado só pra ler
 No teu rosto
 Uma mensagem de amor

Me liga

Eu sei, jogos de amor são pra se jogar
 Ah, por favor, não vem me explicar
 O que eu já sei, e o que eu não sei
 O nosso jogo não tem regras nem juiz
 Você não sabe quantos planos eu já fiz
 Tudo que eu tinha pra perder eu já perdi
 O seu exército invadindo o meu país
 Se você lembrar, se quiser jogar
 Me liga, me liga
 Mas sei, que não se pode terminar assim
 O jogo segue e nunca chega ao fim
 E recomeça a cada instante a cada
 instante
 Eu não te peço muita coisa só uma
 chance
 Pus no meu quarto, seu retrato na
 estante
 Quem sabe um dia eu vou te ter ao meu
 alcance
 Ai como ia ser bom se você deixasse

Assaltaram A Gramática

Assaltaram a gramática
 Assassinaram a lógica
 Meteram poesia, na bagunça do dia-a-dia
 Seqüestraram a fonética
 Violentaram a métrica
 Meteram poesia onde devia e não devia
 Lá vem o poeta com sua coroa de louro
 Agrião, pimentão, boldo
 O poeta é a pimenta do planeta
 (Malagueta!)

Menino E Menina

Menino e menina
 se conheceram
 Quase sem querer
 Não foi por obra do acaso
 Tinha mesmo que acontecer
 Eles se julgavam diferentes
 Como todos os amantes
 imaginavam ser
 E faziam tantos planos
 Que seus vinte e poucos anos
 Eram poucos pra tanto querer
 Ah, se eles soubessem
 o que eles pensam saber...

Foi tirar férias forçadas numa colônia penal, oba
Oba, oba, oba Charles
Como é my friend Charles
Como vão as coisas, Charles?
Charles, anjo 45
Mas Deus é justo e verdadeiro
E antes de acabar as férias, nosso Charles vai voltar
Para alegria geral
Antecipando o carnaval
Vai ter batucada
Missa em ação de graças
Whisky com feijoada
E outras milongas mais
Oba!
Oba, oba, oba Charles
Como é my friend Charles
Como vão as coisas, Charles?
Charles, anjo 45
Charles, anjo 45
Protetor dos fracos e dos oprimidos

A Novidade

A novidade veio dar a praia
Na qualidade rara de sereia
Metade o busto de uma deusa maia
Metade um grande rabo de baleia
A novidade era o máximo
Um paradoxo estendido na areia
Alguns a desejar seus beijos de deusa
Outros a desejar seu rabo pra ceia
O mundo tão desigual
Tudo é tão desigual
O, o, o, o...
De um lado esse carnaval
De outro a fome total
O, o, o, o...
E a novidade que seria um sonho
O milagre risonho da sereia
Virava um pesadelo tão medonho
Ali naquela praia, ali na areia
A novidade era a guerra
Entre o feliz poeta e o esfomeado
Estraçalhando uma sereia bonita
Despedaçando o sonho pra cada lado
Ô Mundo tão desigual...
A Novidade era o máximo...
Ô Mundo tão desigual...

Meu Erro

Eu quis dizer
Você não quis escutar
Agora não peça
Não me faça promessas...
Eu não quero te ver
Nem quero acreditar
Que vai ser diferente
Que tudo mudou...
Você diz não saber
O que houve de errado
E o meu erro foi crer
Que estar ao seu lado
Bastaria!
Ah! Meu Deus!
Era tudo o que eu queria
Eu dizia o seu nome
Não me abandone...
Mesmo querendo
Eu não vou me enganar
Eu conheço os seus passos
Eu vejo os seus erros
Não há nada de novo
Ainda somos iguais
Então não me chame
Não olhe prá trás...
Você diz não saber
O que houve de errado
E o meu erro foi crer
Que estar ao seu lado
Bastaria!
Ah! Meu Deus!
Era tudo o que eu queria
Eu dizia o seu nome
Não me abandone jamais...
Mesmo querendo
Eu não vou me enganar
Eu conheço os seus passos
Eu vejo os seus erros
Não há nada de novo
Ainda somos iguais
Então não me chame
Não olhe prá trás...
Você diz não saber
O que houve de errado
E o meu erro foi crer

Que estar ao seu lado
Bastaria!
Ah! Meu Deus!
Era tudo o que eu queria
Eu dizia o seu nome
Não me abandone jamais...

Será Que Vai Chover?

Eu fico pedindo atenção
Cachorro fazendo graça
você não diz nem sim nem não
Faz que não entende disfarça
E me pergunta com essa cara
Será que vai chover ?
Eu não sei não não
Eu sigo chamando mas
você não me abraça
Mais um pouco eu desisto
Eu quase morro de raiva e disfarço
E me pergunto
Será que vai chover ?
Eu não sei não não
Eu ando tão perdido de desejo
Em cada esquina imagino te ver
Hoje é domingo eu tenho vinte e cinco
Eu acho que vai chover
Eu sigo chamando chamando
Mas você não me abraça
Mais um pouco eu desisto
Eu quase morro de raiva e disfarço
Será que vai chover ?
Eu não sei não não
Eu ando tão perdido de desejo
Em cada esquina imagino te ver
Hoje é domingo eu tenho vinte e cinco
Eu acho que vai chover
Eu sigo chamando chamando
Mas você não me abraça
Mais um pouco eu desisto
Eu quase morro de raiva e disfarço
Será que vai chover ?
Eu não sei não não
Eu fico pedindo atenção
Cachorro fazendo graça
você não diz nem sim nem não
Faz que não entende disfarça
E me pergunta com essa cara
Será que vai chover ?
Eu não sei não não
Eu sigo chamando mas
você não me abraça
Mais um pouco eu desisto
Eu quase morro de raiva e disfarço
E me pergunto
Será que vai chover ?
Eu não sei não não
Eu ando tão perdido de desejo
Em cada esquina imagino te ver
Hoje é domingo eu tenho vinte e cinco
Eu acho que vai chover
Eu sigo chamando chamando
Mas você não me abraça
Mais um pouco eu desisto
Eu quase morro de raiva e disfarço
Será que vai chover ?
Eu não sei não não

OS PARALAMAS DO SUCESSO

Bora bora (1988)



O Beco

No beco escuro explode a violência
Eu tava preparado
Descobri mil maneiras de dizer o seu nome
Com amor, ódio, urgência
Ou como se não fosse nada
No beco escuro explode a violência

Eu tava acordado
Ruínas de igrejas, seitas sem nome
Paixão, insônia, doença
Liberdade vigiada
No beco escuro explode a violência
No meio da madrugada
Com amor, ódio, urgência
Ou como se não fosse nada
Mas nada perturba o meu sono pesado
Nada levanta aquele corpo jogado
Nada atrapalha aquele bar ali na esquina
Aquele fila de cinema
Nada mais me deixa chocado
Nada!

Bora-Bora

Te imagino com outro cara
Numa praia em Bora-Bora
Agora!
Me imagino embriagado
Jogado no chão
De uma espelunca
Nunca! Ah! Ah! Ah! Ah!...
Já não penso em nada disso
O ciúme é um laço
Um artifício meu
Eu já não sou mais tão menino
Prá me pintar
Da cor do teu destino teu
Han!...
Te imagino com outro cara
Numa praia em Bora-Bora
Agora!
Me imagino embriagado
Jogado no chão
D'uma espelunca
Nunca! Ah! Ah! Ah! Ah!
Já não penso em nada disso
O ciúme é um laço
Um artifício meu
Só meu!...
Já não sou mais tão menino
Prá me pintar
Da cor do teu destino teu
Se vira! Ah!...

Sanfona

Teu olhar agudo me espregueira
Em algum canto do planeta
Quem sabe em Genebra
Isso tudo se conserta
Quem sabe em Singapura
Seja descoberta a cura
Quem sabe Paquistão
O antídoto do não
Quem sabe algum dia
Numa rua da Bahia
Tudo tenha solução
Tua antena é quem me chama
Em algum ponto dessa cama
Quem sabe desta vez
Eu sintonize o teu canal
Quem sabe teu veneno
Já não mais me faça mal
Quem dera eu transformasse
Solidão em carnaval
Quem sabe algum dia
Numa praça da Bahia
Nada mais esteja mal.

Um a Um

Esse jogo não é um a um
(se o meu time perder tem
zum-zum-zum)
Esse jogo não pode ser um a um
O meu clube tem time de primeira
Sua linha atacante é artilheira
A linha média é tal qual uma barreira
O center-forward corre bem na
dianteira
A defesa é segura e tem rojão
E o goleiro é igual um paredão
É encarnado e branco e preto
É encarnado e branco
É encarnado e preto e branco
É encarnado e preto
O meu time jogando, eu aposto
Quer jogar, um empate é pra você
Eu dou um zurra a quem aparecer
Um empate pra mim já é derrota
Eu confio nos craques da pelota
E o meu clube só joga pra vencer

Fingido

Não sei se eu te amo pra sempre
Ou pra nunca mais

Se o futuro é em frente
Ou já ficou pra trás
Será que o amor é o que basta
Pra nos salvar?
Ou o meu ódio pra nos separar?
Amor mais doente, ódio mais fingido
Difícil encontrar!
Por tanto tempo tem sido assim
Teu jeito de não, minha boca de sim
Será que algum dia eu ainda
Vou ter que me atirar
De uma ponte, aos teus pés, numa curva
Ou tanto faz?

Uns Dias

O expresso do oriente
Rasga a noite, passa rente
E leva tanta gente
Que eu até perdi a conta
Eu nem te contei uma novidade, quente
Eu nem te contei
Eu tive fora uns dias
Numa onda diferente
E provei tantas frutas
Que te deixariam tonta
Eu nem te falei
Da vertigem que se sente
Eu nem te falei
Que eu te procurei
Pra me confessar
Eu chorava de amor
E não porque sofria
Mas você chegou já era dia
E não estava sozinha
Eu tive fora uns dias
Eu te odiei uns dias
Eu quis te matar

Quase Um Segundo

Eu queria ver no escuro do mundo
Onde está tudo o que você quer
Pra me transformar no que te agrada
No que me faça ver
Quais são as cores e as coisas
Pra te prender?
Eu tive um sonho ruim e acordei
chorando
Por isso eu te liguei
Será que você ainda pensa em mim?
Será que você ainda pensa?
Às vezes te odeio por quase um segundo
Depois te amo mais
Teus pêlos, teu gosto, teu rosto, tudo
Que não me deixa em paz
Quais são as cores e as coisas
Pra te prender?
Eu tive um sonho ruim e acordei
chorando
Por isso eu te liguei
Será que você ainda pensa em mim?
Será que você ainda pensa?
Às vezes te odeio por quase um segundo
Depois te amo mais
Teus pêlos, teu gosto, teu rosto, tudo
Que não me deixa em paz
Quais são as cores e as coisas
Pra te prender?
Eu tive um sonho ruim e acordei
chorando
Por isso eu te liguei
Será que você ainda pensa em mim?
Será que você ainda pensa?

Dois Elefantes

Não sei se hoje é ontem ou anteontem
E do seu telefonema eu não vi nem
a cor
Existe uma coisa que me dói perder,
existe
Uma coisa que custei a ganhar
Meu rosto e teu rosto, rindo
Dois elefantes no fundo do mar
Me falaram de um trem, eu fui pra
estação
E do teu sorriso eu não vi nem a cor
Existe uma coisa que eu queria
esquecer, existe
Uma coisa que me dói lembrar
Meu rosto e teu rosto roxos
Dois elefantes sem respirar
E o tempo, e o tempo
É um trem que custa a passar
Alguém te viu rindo, eu tava longa
Um elefante pra lá, e outro pra cá.

Três

Do outro lado tem alguém
Que não consegue atravessar
Três batidas, um segredo
Tão difícil de falar
Mas é tão simples também
Eu podia ajoelhar
Te chamar com toda a força
Não ia te acordar
Não ia ter ninguém
Mas eu posso te esperar
Outra noite, outro dia
A chuva nem precisava parar
Se fosse morna já me bastaria
Três sombras, três punhais
E uma cama vazia
Tuas lembranças, teus sinais
Não vão me acordar
Não ia haver ninguém

Impressão

Hum! Até num dia calmo como hoje
Pode haver surpresa
Eu ouço os pingos na janela
Quem me dera não ter nada pra fazer
As plantas tão verdes
Nesse dia tão cinza
Passa um carro amarelo
Colorindo as poças
E me deixa tão só
Tá tudo tão calmo
Continua chovendo
Enquanto eu respiro
Eu vejo o mundo sumindo
Por trás da janela embaçada
Aonde batem os pingos

O Fundo Do Coração

Ah, se eu soubesse aonde se esconde
Quem nunca aparece
Tá sempre tão longe
Hoje eu li no céu o teu nome
Eu quero tudo dessa madrugada
Deixa a luz acesa
Pra tua chegada
Há um carrossel de todas as cores
Nada me espanta
Sou quase feliz
Eu sempre pergunto
Você nunca diz
Se é assim o amor
Sempre por um triz

OS PARALAMAS DO SUCESSO

Big bang (1989)



Perplexo

Tentei te entender
Você não soube explicar
Fiz questão de ir lá ver
Não consegui enxergar
Desempregado, despejado, sem ter onde
cair morto
Endividado sem ter mais com que pagar
Nesse país, nesse país, nesse país
Que alguém te disse que era nosso
Ah, ah, ah, ah...
Mandaram avisar
Que agora tudo mudou
Eu quis acreditar
Outra mudança chegou
Fim da censura, do dinheiro, muda nome,
corta zero
Entra na fila de outra fila pra pagar
Quero entender, quero entender, quero

entender

Tudo o que eu posso e o que não posso
Não penso mais no futuro
É tudo imprevisível
Posso morrer de vergonha
Mas eu ainda estou vivo
Segunda-feira, Terça-feira, Quarta-feira
Quinta-feira, Sexta-feira, Sábado de
aleluia
Eu vou lutar, eu vou lutar
Eu sou Maguila, não sou Tyson.

Dos Restos

Do lixo deixado
Dos restos que o mundo
Não tem como esconder
Nos cantos escuros
Nas fendas dos muros
Veja se você vê
Surgem novas criaturas
Novos pontos de interrogação
Nossa casa não é mais tão segura
E as crianças querem alguma explicação
Mas é preciso coragem pra não desistir
E não achar que tudo que vivemos foi em
vão
Pra essa nova moral oportunista
Eu me viro e digo não

Pólvora

As teorias que explicam o universo
Os versos que vasculham o coração
Os garis, estivadores e arquitetos
A fé manipulada dos cristãos
As alegrias, alergias, os afetos
Os fatos, frases, a simulação
O país ajoelhado, a morte, o sexo
A culpa e o olhar de acusação
O que é tudo isso diante da Pólvora?
(Dessa paixão que se renova)
Os dias, datas de aniversário
Os quartos de hotel, o avião
Os livros, discos, dicionários
A madrugada e o olhar sem direção
Os velhos, as crianças e os parques
Os templos, tumbas e memoriais
A nova velha forma do desastre
Bandeiras, panos, lençóis, aventais
O que é tudo isso diante da pólvora?
(Dessa paixão que se renova)

Nebulosa Do Amor

Lá fora é tudo cinza e azul
É a hora mais propícia
Vê-se a olho nu
Cruzando o céu
Pequenas astronaves do amor
Vindas de um planeta
Da nebulosa do amor
Ontem, hoje, outro dia já passou
Alguém que eu não conhecia
Hoje me mostrou
Cruzando o céu
Pequenas astronaves do amor
Vindas de um planeta
Da nebulosa do amor.

Vulcão Dub/Fui Eu

Os pés descalços queimam no asfalto
Os carros passam - vêm e vão
Eu dobro a esquina, eu vou na onda
Pego carona na multidão
Você olhou, fez que não me viu
Virou de lado, acenou com a mão
Pegou um táxi, entrou, sumiu
Deixou o resto de mim no chão
Vai ver que a confusão
Fui eu que fiz fui eu
Há algo errado no paraíso
É muito mais que contradição
Sou eu caindo num precipício
Você passando num avião
Você olhou, fez que não me viu
Foi como se eu não estivesse ali
Desligou a luz, deitou, dormiu
Nem pensou em se divertir
Vai ver que a confusão
Fui eu que fiz fui eu

Se Você Me Quer

A velha idéia me assalta,
Porque descobri em fim os tais cenários
de dor como dos livros que li.
E a sensação me toca,
Fundo em algum lugar,

Aonde é tudo familiar,
 Como os lugares que nunca vi.
 Mas se você me quer eu te quero,
 Se não eu não me desespero,
 Afinal respiro pelos meus próprios meios
 Afinal eu vivo enquanto espero.
 Se você me quer eu te quero,
 Se não eu não me desespero,
 Afinal respiro pelos meus próprios meios
 Afinal eu vivo enquanto espero.
 A velha idéia me assalta,
 Porque descobri em fim os tais cenários
 de dor como dos livros que li.
 E a sensação me toca,
 Me toca fundo em algum lugar,
 Aonde é tudo familiar,
 Como os lugares que nunca vi.
 Mas se você me quer eu te quero,
 Se não eu não me desespero,
 Afinal respiro pelos meus próprios meios
 Afinal eu vivo enquanto espero.
 Se você me quer eu te quero,
 Se não eu não me desespero,
 Afinal respiro pelos meus próprios meios
 Afinal eu vivo enquanto espero.
 Se você me quer eu te quero,
 Se não eu não me desespero,
 Afinal respiro pelos meus próprios meios
 Afinal eu vivo enquanto espero.
 Se você me quer eu te quero,
 Se não eu não me desespero,
 Afinal respiro pelos meus próprios meios
 Afinal eu vivo enquanto espero.

Rabicho Do Cachorro Rabugento

Eu vim do Norte com um cachorro
 rabugento
 Com dois sacos de cimento
 Muita fome e muito amor
 Não me interessa
 Você pegue o seu cimento
 E também leve esse cachorro
 Com cara de sofredor
 Não fale assim do meu bicho esgançado
 Ele é feio que é dando
 Mas ele é bom caçador
 Eu nunca vi um caçador como esse troço
 Só tem couro sobre os ossos
 Não consegue nem andar
 Se esse bicho vê um rato
 Sai corrido e vai pro matto
 Que é pra nunca mais voltar
 Então me diga, seu doutor
 Faça o favor, que rato é esse
 Que eu nunca vi igual
 Que assusta um elemento valente como
 esse cá
 E o senhor fique sabendo
 Que andaram me oferecendo
 Um dinheirão no animal
 E vá tirando já daqui
 Esse cachorro fedorento
 E vá tirando já daqui
 Esse seu saco de cimento
 E vá tirando já daqui
 Esse cachorro fedorento
 E vá tirando já daqui
 Esse seu saco de cimento...

Esqueça O Que Te Disseram Sobre O Amor

Desculpas é que eu não vou pedir
 Pelo que quero e o que não quero fazer
 Outro dia eu apareço
 Enquanto isso vamos nos entender
 Esqueça o que te disseram
 Sobre casa filhos e televisão
 É preciso sangue frio pra ver
 Que o sangue é quente
 E que vai ser diferente
 Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Vai ser diferente
 Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Vai ser diferente
 Pode ser o que você nunca viu
 Pode ser o que você tem na mão
 Pode ser exatamente o que eu digo
 E também pode não
 Então esqueça seus sonhos
 Esqueça as regras e a exceção
 É mais real cru e fascinante

Lanterna Dos Afogados

Quando tá escuro
 E ninguém te ouve
 Quando chega a noite
 E você pode chorar
 Há uma luz no túnel Dos desesperados
 Há um cais de porto
 Pra quem precisa chegar
 Eu estou na lanterna dos afogados
 Eu estou te esperando
 Vê se não vai demorar
 Uma noite longa
 Pra uma vida curta
 Mas já não me importa
 Basta poder te ajudar
 E são tantas marcas
 Que já fazem parte
 Do que eu sou agora
 Mas ainda sei me virar
 Eu tô na lanterna dos afogados
 Eu tô te esperando
 Vê se não vai demorar

Big Bang

Se o sol pudesse ver
 Tudo que iria acontecer
 Talvez não nascesse aquele dia
 Se as orações das mães
 Tivessem sido ouvidas
 Nada disso acontecia
 Mas naquele dia até Deus se escondeu
 Não quis ouvir pedidos de socorro
 A voz da razão sumiu
 Quando a polícia civil subiu o morro
 Fogo sobre os dois irmãos
 Nem mão nem contramão
 É só sangue, terra e cocaína
 A ferida rasga a terra e mostra um
 coração
 Que sangra e se contamina
 Mas naquele dia até Deus se escondeu
 Não quis ouvir pedidos de socorro
 A voz da razão sumiu

Lá Em Algum Lugar

Não importa se o que ficou
 Marcou, doeu, me machucou
 Nem a porta que se fechou
 Eu sei que lá em algum lugar
 Ficou uma luz acesa
 No escuro desse amor
 Que se apagou
 A luz que um dia brilhou
 Só existe num canto do coração
 Naquela carta, nessa canção de amor
 Uma luz acesa
 No escuro, meu amor

Jubiabá

É ele o estivador
 Seu swing é o suor
 Toda nega faz amor com ele
 Toda branca tem o maior tesão
 Arerê de confusão na pele
 É Jubiabá seu protetor
 Balduino guerreira
 É de canto e de samba
 É comum no coração
 Luta pela divisão
 Na beira do mangue é rei
 Despediu-se um grande amor
 Uma bala cega sem destino
 Foi no peito do trabalhador
 Esse era o sonho do menino
 Balduino sempre vencedor
 Balduino guerreira

Cachorro Na Feira

Eu vim do norte com um cachorro
 fedorento
 Com dois sacos de cimento, muita fome e
 muito amor
 Não me interessa, você pegue o seu
 cimento
 E também leve esse cachorro com cara
 de sofredor
 Não fale assim desse meu bicho
 esgançado
 Ele é feio que é danado mas ele é bom
 caçador
 Eu nunca vi um caçador como esse troço
 Só tem couro sobre os ossos
 Não consegue nem andar
 Se esse bicho vê um rato
 Sai corrido para o matto
 Que é pra nunca mais voltar

Então me diga seu senhor faça o favor
 Que rato é esse que eu nunca vi igual
 Que assusta um elemento valente como
 esse cá
 E o senhor fique sabendo que andaram
 me
 Oferecendo um dinheirão no animal
 Eu num agüento
 Eu num agüento
 Eu num agüento
 Esse cachorro fedorento
 Eu num agüento
 Eu num agüento
 Eu num agüento
 Esse cachorro fedorento
 E vá tirando já daqui
 Esse cachorro fedorento
 E vá tirando já daqui
 Esse cachorro fedorento
 Eu num agüento
 Esse cachorro fedorento
 Eu num agüento
 Esse cachorro fedorento
 Eu num agüento
 Eu num agüento
 Esse cachorro fedorento

PLEBE RUDE O concreto já rachou (1986)



Até Quando Esperar

Não é nossa culpa
 nascemos já com uma bênção
 mas isso não é desculpa
 pela má distribuição
 Com tanta riqueza por ai
 onde é que está, cadê sua fração?
 com tanta riqueza por ai
 onde é que está, cadê sua fração?
 Até quando esperar?
 E cadê a esmola
 que nós damos sem perceber
 que aquele abençoado
 poderia ter sido você
 Até quando esperar?
 a plebe ajoelhar esperando a ajuda de
 Deus
 até quando esperar?
 a plebe ajoelhar esperando a ajuda de
 Deus
 Posso, vigiar o seu carro, te pedir um
 trocado, engraxar seus sapatos?
 Até quando esperar?
 a plebe ajoelhar esperando a ajuda do
 divino Deus

Proteção

Será verdade, será que não
 nada do que posso falar
 e tudo isso pra sua proteção
 nada do que posso falar
 A PM na rua, a guarda nacional
 nosso medo suas armas, a coisa não tá
 mal
 a instituição esta aí para a nossa
 proteção
 Pra a sua proteção
 Tanques lá fora, exército de plantão
 apontados aqui pro interior
 e tudo isso para sua proteção
 pro governo poder se impor
 A PM na rua, nosso medo de viver
 um consolo é que eles vão me proteger
 a única pergunta é: me proteger do que?
 Sou uma minoria mas pelo menos falo o
 que quero apesar da repressão

Tropas de choque, PM's armados
mantêm o povo no seu lugar
Mas logo é preso, ideologias marcadas
se alguém quiser se rebelar
Oposição reprimida, radicais calados
toda a angústia do povo é silenciada
Tudo pra manter a boa imagem do
Estado!
Sou uma minoria mas pelo menos falo o
que quero apesar da repressão
Armas polidas, os canos se esquentam
esperando a sua função
exército brabo e o governo lamenta
que o povo aprendeu a dizer não
Até quando o Brasil vai poder suportar?
Código penal não deixa o povo rebelar
Autarquia baseados em armas não dá
E tudo isso é para a sua segurança
Para a sua segurança

Johnny Vai À Guerra (Outra Vez)

Go Johnny, go!
Johnny vai à guerra outra vez
diversão que ele conhece bem
Johnny vai à guerra outra vez
enquanto que a trégua não vem (não
vem...)
Ele era apenas uma pequena ilha de luz
na escuridão
sentado debaixo de um poste somente a
pensar
Quem é que está lá fora? Ele queria
saber.
O que a noite lhe espera? Ele procura
saber. Saber!
Festa cheia de soldados que insistem em
batalhar
por ausentes generais
Eles atacaram por trás com tapinhas na
costas
já se conheciam há muito tempo mas
tinham que disfarçar
Trocaram papéis, informações falsas
Se esconderam atrás de sorrisos
procurando vitórias. Vitórias!
Todos sabem a procedência, mas não seu
destino
Vão para todos os lugares
Ele não teme o interrogatório, mas as
drogas podem fazê-lo falar
revelar segredos sobre ele mesmo
que o tornaria vulnerável demais
Johnny vai à guerra outra vez
diversão que ele conhece bem
Johnny vai à guerra outra vez
enquanto que a trégua não vem (não
vem...)
Você os ouve? Estão lá fora!
Você os vê? Estão lá fora!
Seus aliados, estão lá fora!
Contra você!
E a trégua quanto tempo que eu espero
E a trégua quanto tempo que eu espero e
não vem (não vem...)
Agora a noite terminou
mais uma batalha foi ganha
Mas ainda restam outras guerras
outros fins de semana
outros fins de semana
E a trégua não vem nunca!

Minha Renda

Você me prometeu um apartamento em
Ipanema
Iate em Botafogo, se eu entrasse no
esquema
contrato milionário, grana, fama e
mulheres
a música não importa, o importante é a
renda!
Ambição - grana, fama e você
Ambição - grana, fama e você
Tenho que fazer sucesso antes que seja
tarde
Eles acham que eu vendo, eu tenho uma
boa imagem
o meu produtor, ele gosta de mim
grana vale mais que a minha dignidade
Tocar no Chacrinha ou na televisão
tudo isso ajuda pra minha divulgação
isso quer dizer mais grana pra produção e
pra mim!
Você me comprou, pôs meu talento a
venda
você me ensinou que o importante é a
renda

contrato milionário, grana, fama e
mulheres
a música não importa, o importante é a
renda!
Ambição - grana, fama e você
Ambição - grana, fama e você
Ele trocam minhas letras, mudam a
harmonia
no compacto está escrito que a música é
minha
já sei o que vou fazer pra ganhar muita
grana
vou mudar meu nome para Herbert
Vianna
Estar no Chacrinha ou na televisão
tudo isso ajuda pra minha divulgação
isso quer dizer mais grana pra produção e
pra mim!
Grana, fama e você!
Um lá menor aqui, um coralzinho de
fundo (fundo!)
minha letra é muito forte? Se quiser eu a
mudo
e tem que ter refrão (sim!) um refrão
repetido (repetido!)
pra música vender, tem que ser
acessível!
Ambição - grana, fama e você
Ambição - grana, fama e você
Não sei o que fazer, grana tá difícil
tenho que me formar e nem escolhi um
ofício
Você é músico, não é revolucionário!
Faça o que eu te digo que te faço
milionário!
Estar no Chacrinha ou na televisão (a
minha renda)
tudo isso ajuda pra minha divulgação (a
minha renda)
isso quer dizer mais grana pra produção e
pra mim!

A minha renda!

Sexo e Karatê

Sexo e karatê na minha TV
me deixa tão doente que liguei pra você
e atendeu um chinês que me falou em
inglês
"por que você não gosta mais de mim?"
Então eu volto pra TV
pra ver sexo e karatê
Lembrei de você
Liguei para um chinês que me lembrou
outra vez
por que você não gosta mais de mim?
por que você não gosta mais de mim?
Sexo e karatê, Sexo e karatê, Sexo e
karatê
Sexo e karatê, não quero mais ver
um uísque sem gelo e voltei pra TV
telefonei, falei com você
Está passando na Globo sexo e karatê
Por que você não gosta mais de mim?
pois eu também não gosto de você!
Sexo e karatê, Sexo e karatê, Sexo e
karatê

Seu Jogo

Sua moral submerge na escuridão
se mata um pouco a cada dia
Maioridade não é nada então
maturidade não é covardia
Na sua indecisão você nem viu
ninguém se importa por seu jogo
você está em cheque e nem sentiu
quem move as peças é você
Batalha aonde não me alistei
procuro orgasmo permanente
mas finalmente acho que encontrei
fugindo é que você se sente
Na sua indecisão você nem viu
ninguém se importa por seu jogo
você está em cheque-mate, viu?
E o culpado é você
Seu sangue é hiper inflamável
uma fâsca para explodir
recolha a sua insignificância
há tantos outros por aqui
Remédio que caiu do céu
para curar a sua insegurança
se entorpecendo não é vida
é a sua angústia contida
Angústia contida
angústia contida
O anjo seu mordeu, o remédio está
embutido

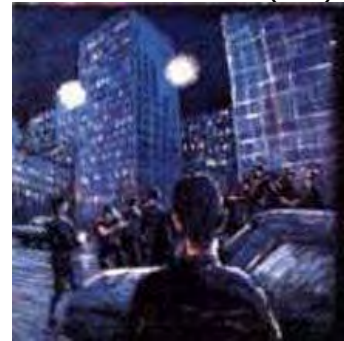
agora noite, vida, turma, sexo tem
sentido
na sua indecisão você nem viu
você não morreu mais está sem vida
você está em cheque-mate, viu?
e o culpado é você
Quem move as peças é você

Brasília

Capital da esperança (Brasília tem luz)
Asas e eixos do Brasil (Brasília tem
carros)
Longe do mar, da poluição (Brasília tem
mortes)
mas um fim que ninguém previu (tem até
baratas)
Carros pretos nos colégios (Brasília tem
prédios)
em tráfego linear (Brasília tem máquinas)
Servidores Públicos ali (árvores nos
eixos)
polindo chapas oficiais (a polícia
montada)
Brasília tem centros comerciais
Muitos porteiros e pessoas normais
As luzes iluminam
os carros só passam (Utopia na mente de
alguns)
A morte traz vida (Utopia na mente de
alguns)
e s baratas se arrastam
Rachou! O concreto já rachou!
Brasília, Brasília, Brasília
Os prédios se habitam
as maquinas param
as árvores enfeitam
e a polícia controla
Os comércios só vendem
os porteiros só olham
E essas pessoas
elas não fazem nada
mas essas pessoas elas não fazem nada
Nada! Nada!
Brasília, Brasília...

PLEBE RUDE

Nunca fomos tão brasileiros (1987)



Bravo Mundo Novo

Se eu lhe dissesse olhe além do horizonte
será que você olharia?
Bravo mundo novo está nascendo
pelo visto vai te surpreender um dia
Conselho ou sermão, não aprendemos a
lição
de que com insistência ou não
nos protegemos e lutamos contra o quê?
Bravo mundo novo
Se eu lhe dissesse
as coisas não são como parecem
será que você escutaria?
Bravo mundo novo está nascendo
pelo visto vai te surpreender um dia
Herdamos do passado velhos erros e
idéias
que só servem de exemplo para os
demais
que já há muito tempo
Bravo mundo novo
Não pergunte então
se os sinos dobrarão
se dobrarem não será por você
Bravo mundo novo, decadente nosso
cativo
mas se tão jovem mais parece que já há
muito tempo.

Nova Era Techno

Bem vindo micro, não sei pra que te apresentar
 ele fará tudo por você, no seu lugar
 Baixa, baixa, baixa o nível um pouco mais
 Nova era techno te deixou pra trás
 Eu quero ser um técnico
 apertar botões no meu robô
 informações ao meu dispor
 O seu futuro já chegou!
 Vem brincar com o novo brinquedo
 antes que ele acabe por querer brincar com você
 Baixa, baixa, baixa o nível um pouco mais
 Nova era techno te deixou pra trás
 Na primeira revolução industrial
 a máquina substituiu o trabalho braçal
 Na segunda revolução industrial
 a máquina substituiu o trabalho mental
 Se você quiser trabalhar
 você vai ter que esperar na sua casa

48

Cinco dias pra trabalhar
 só dois dias pra descansar
 48 horas não chega, chega, chega, chega
 Tantas coisas pra fazer
 tantas pessoas pra conhecer
 48 horas não chega, chega, chega, chega
 (Libera as férias aí patrão!
 Cadê minhas négas?)
 Meu patrão é um sacana
 me faz trabalhar até fim de semana
 48 horas não chega, chega, chega, chega
 Tantos lugares que eu quero ir
 só dois dias pra me divertir
 48 horas não chega, chega, chega, chega

Não Tema

Não tema! Não, não!
 Não tenha medo de se divertir
 Não tenha medo de falar e sorrir
 Não tenha medo de pular e dançar
 Não tenha medo de se apaixonar
 Não tema! Não, não!
 Não tenha medo de se divertir
 Não fique em casa vendo o Fantástico
 Saia pra rua, você tem que sair
 ou você vai virar um fanático
 Não tema! Não, não!

Censura

Unidade repressora oficial
 Unidade repressora oficial
 A censura, a censura
 única entidade que ninguém censura
 Hora pra dormir
 hora pra pensar
 Porra meu papai
 deixa me falar
 Unidade repressora oficial
 Unidade repressora oficial
 A censura, a censura
 única entidade que ninguém censura
 Contra a nossa arte está a censura
 abaixo a postura, viva a ditadura
 Jardel com travesti, censor com bisturi
 corta toda música que você não vão ouvir
 Unidade repressora oficial
 Unidade repressora oficial
 A censura, a censura
 única entidade que ninguém censura
 Nada para ouvir, nada para ler
 nada para mim, nada pra você
 nada no cinema, nada na TV
 nada para mim, nada pra você
 Unidade repressora oficial
 Unidade repressora oficial

Nada

Muitas coisas eu poderia fazer
 Muitas coisas eu poderia dizer
 Não estou tentando ser irônico
 Não estou tentando ser cínico
 Há vermelhos que viram tão pretos
 há esquerdos que viram direitos
 há pessoas tentando dizer
 o que eu devo fazer
 Muitas coisas eu poderia fazer
 Muitas coisas eu poderia dizer
 Não estou tentando ser irônico
 Não estou tentando ser cínico

Por trás desta letra não há sentido algum
 entre estas linhas não há mensagem
 alguma
 Entendeu o que quero dizer? (Não)
 Entendeu o que quero fazer? (Sim)
 Se entendeu não entendeu nada
 porque eu não estou dizendo nada

Nunca Fomos Tão Brasileiros

Sou brasileiro, vocês dizem que sim
 mas importações não deixam ser assim
 Pra que tudo isso na região tupiniquim?
 Nasci aqui, mas não só eu
 você está neste barco também (também)
 Pensam que é um paraíso
 parece que eles vivem aqui
 Nunca fomos tão brasileiros
 Do que adianta vocês viverem assim?
 Ser prisioneiros dentro do seu próprio
 jardim
 Pra que tudo isso na região tupiniquim?
 Nasci aqui, mas não só eu
 você está neste barco também (também)
 Não temos identidade própria
 copiamos tudo em nossa volta
 Nunca fomos tão brasileiros
 Pra que tudo isso na região tupiniquim?
 Eu não sei, eu não sei

A Ida

Quem tem a razão?
 um burocrata ou um padre com o
 evangelho em mãos
 Um momento instantâneo
 palavras não justificam a ida em vão
 Esclarece por favor
 o que é tão temido só acontece com os
 outros
 O que você faria?
 Justiça é tão bela
 se funcionasse só uma vez
 a lei não ressuscita
 burocratiza o que eu já sei
 Eu só sei... adeus
 Quem escutar então?
 Delegado ou jurista, relatório em mãos
 ou um padre e seu sermão
 um toque divino não é explicação
 Esclarece por favor
 o que é tão temido só acontece com os
 outros
 me mostre então, a ida sem razão
 Uma crença ajudaria
 se amenizasse só uma vez
 se ter fé for a saída
 quem sempre teve foi embora de vez
 Eu só sei... adeus
 Aceitar ou não?
 Crença nenhuma justifica a ida em vão
 sua papelada então?
 Do que adianta tantas folhas sem
 conclusão
 Esclarece por favor
 o que é tão temido só acontece com os
 outros
 me mostre então, a ida sem razão

Consumo

Tomei uma coca
 cadê o sorriso?
 Gastei dinheiro
 e fiquei liso
 Cale a boca e consuma
 Cale a boca e consuma
 você não tem o direito de duvidar
 Comprei de tudo
 a prestação
 o SPC
 é o meu caixão
 Cale a boca e consuma
 Cale a boca e consuma
 você não tem o direito de duvidar
 Consumidor
 que não reclama
 paga filé come banana
 Cale a boca e consuma
 Cale a boca e consuma
 você não tem o direito de duvidar

Códigos

Eu decido o seu futuro
 eu e os meus fuzis
 minhas normas determinam
 seus direitos civis

Estou rindo de você
 Estou rindo de você
 o seu direito me obedecer
 Artigo 93
 Regra geral e mando de autoridade
 competente
 Artigo 96
 Normas se distinguem em regras
 congêntes ou de ordem pública
 Artigo 156
 Sua classificação tendo em vista a sua
 força obrigatória
 O que você faz escondido diverte, me faz
 rir
 você pode me subestimar, mas vou te
 punir
 Estou rindo de você
 Estou rindo de você
 você não é ameaça para mim
 Faça o que você bem entender
 mas esteja a par do que vai acontecer
 depois acerto as contas com você
 Você acha que é livre para agir como
 quer?
 Mas o seu futuro foi traçado antes de
 nascer
 Estou rindo de você
 Estou rindo de você
 Aqui está escrito como pode ver
 Artigo 93
 Regra geral e mando de autoridade
 competente
 Artigo 96
 Normas se distinguem em regras
 congêntes ou de ordem pública
 Artigo 156
 Sua classificação tendo em vista a sua
 força obrigatória
 Se eu largar a tua mão você vai se perder
 eu já estou até aqui de corrigir você
 Estou rindo de você
 com pena de você
 E rindo de você
 O seu direito é me obedecer

Mentiras Por Enquanto

No olho do furacão esta calma
 olhe em volta, veja os danos feito pelo
 vento
 Não tente explicar a tempestade
 procure abrigo ou se torne vulnerável
 De cima do altar é estranho
 vejo muitos sorrisos, e um é falso (...o
 horror)
 Você sabe que não estou aqui para
 converter
 você sabe que não estou aqui pra rezar
 pra infieis
 se a situação se invertesse você iria
 entender?
 Se você falar mentiras sobre a gente
 falamos a verdade sobre você
 É! Não olhe para mim
 não quis que fosse assim
 queria que a situação se invertesse para
 você entender
 que estamos nisso até o fim
 É! Não me acuse! Não vou rezar pra
 infieis
 Tente perceber que as coisas não são
 como você vê
 Inverte a situação, será que você ia
 entender?
 Olhe em volta, veja os danos feito pelo
 vento
 Era de se esperar mais eu não estava
 pronto
 Não tente explicar a tempestade
 procure abrigo ou se torne vulnerável
 Se você quiser entender olhe em volta
 é essa troca que faz valer a pena
 Você sabe que não estou aqui para
 converter
 você sabe que não estou aqui pra rezar
 pra infieis
 se a situação se invertesse você iria
 entender?
 Se você falar mentiras sobre a gente
 falamos a verdade sobre você

PLEBE RUDE
Plebe Rude III (1989)



Plebiscito

Um pouco além de notícias de jornal
um pouco aquém da situação atual
este absurdo já é tão constante
se você parar por um instante
O que tens que evitar é se acostumar
O poder do sim ou não
as letras em negrito
quem cala consente, isso não
proponho um plebiscito
O absurdo e essa indecisão
tanto esforço para dar uma opinião
a plebe incita uma chance
se você pensar por um instante
É o caminho ao voto popular
O poder do sim ou não
as letras em negrito
quem cala consente, isso não
proponho um plebiscito

Um Outro Lugar

Ontem fez cem anos
hoje comemoramos
e está tudo igual
Tem um outro lugar
isso eu tenho certeza
lá, não tem disso não
Ninguém pode calar
o silêncio fala
bem mais alto que gritar
Tire a mordada
ergue a tua taça
Mas a dúvida ainda é
Demoraria mais de cem anos
para aprender a boa lição?
que toda raça de mãos dadas derruba
discriminação
Mas existe um outro lugar
Esse retrocesso
chamam de progresso
não, não é bem assim
Tem um outro lugar
isso eu tenho certeza
lá, não tem disso não
Um ideal que se agarra
o laço que se amarra
e isso ninguém tira não
Ontem fez cem anos
aonde chegamos?
Que isso sirva de lição
Tem um outro lugar
com um pouco de fé fará sentido
mais justo que o nosso lar
aonde esse canto será ouvido
Demoraria mais de cem anos
para aprender a boa lição?
que toda raça de mãos dadas derruba
discriminação
Mas existe um outro lugar

Valor

Há vidas que por vontade eu canto
Há vidas que por vontade eu conto
por muitos lugares andei
em muitos lugares morei
Muitas vidas vi passar
por isso lhe conto meu amigo
preste atenção, uma coisa vou cantar
A gente só dá valor à juventude
quando estamos na meia idade
a gente só dá valor à natureza
quando moramos na cidade
a gente só dá valor às amizades
quando estamos na solidão

a gente só dá valor à frieza
quando perdemos à razão
Quem não dá valor ao que tem
não merece ter nada de valor
Há vidas que por vontade eu canto
Há vidas que por vontade eu conto
por muitos lugares andei
em muitos lugares morei
Muitas vidas vi passar
por isso lhe conto meu amigo
preste atenção, uma coisa vou cantar
A gente só dá valor às alegrias
quando estamos na tristeza
Só damos valor ao dinheiro
quando estamos na dureza
A gente só dá valor às máquinas
quando não funcionam mais
só damos valor à tranquilidade
quando tanto fez, tanto faz
Quem não dá valor ao que tem
não merece ter nada de valor

Longe

Acenda as tochas
deixe iluminar
uma noite sem luar
Pra que de longe
possamos ver
onde um dia foi nosso lar
Os nativos, eles gostam de mim
É como se eu fosse
uma espécie de Deus
Mas se um dia minha magia falhar
eles voltam a ser ateus
Toque os sinos
deixe ressoar
esperança pelo ar
Pra que de longe
possamos ouvir
e saber por onde voltar
A noite chega e faz muito frio
e esperamos o inimigo chegar
Quando amanhece enterramos os mortos
e continuamos a avançar

Tempo Ao Tempo

Sei que em busca do futuro
podemos fazê-lo mudar
Mas como eu saberia?
Que decisão seria?
Qual caminho pela frente devo tomar?
Só que o tempo corre
e batidas marcadas
não sincronizam mais com o coração
Riscos são aceitos em vão
como os riscos de criança
pintando seus desenhos à mão
não há limitação
Assim a sorte emana
a coragem da natureza humana
o amor nos consome
e muitos não sabem
o que é amar

O Traço Que Separa

Sem teoria, sem razão
agindo apenas por intuição
por vontade própria sigo em frente
caminhando sem objetivo passo rente
Entre dois pontos: a linha reta
Sem ajuda, nem motivação
superando as imposições
uma voz interna persistente
me faz continuar sempre em frente
Entre dois pontos: a linha reta
O traço que separa
a menor distância
sempre foi a linha reta
Traços que se cruzam
espirais que circulam
me tiram da linha reta
Durma agora, sonhe tranqüilo
tente achar algum sentido
Vá seguir a linha reta
sem garantir que é a certa
parece tão simples...
Qual é a força e inspiração?
De onde vem tanta determinação?
Quando caio me levanto sempre
bem mais forte sigo em frente
Entre dois pontos: a linha reta
O traço que separa
a menor distância
sempre foi a linha reta

Traços que se cruzam
espirais que circulam
me tiram da linha reta
O paradoxo entre o certo e errado
escolha as armas e o seu lado
Vá seguir a linha reta
é só querer e será a certa
parece tão simples...

A Serra

Quero ver a serra
que por tempos encantou
mas o homem e sua serra
veio e desmatou
Quero verde perto
se o encanto acabou
só pedra no caminho
e olha o que sobrou
Nada mais cresce
só a lama desce
Tropical, úmida
Heterogênea
Latifoliada
Mata devastada
Higrófitas, Caduca
Perêne, Encosta
Nada mais cresce
só a lama desce
Todos reclamando
só quero conscientizar
madeira acabando
até quando esperar?
O verde da mata
a serra desmatou
o verde da bandeira
também desbotou
Tropical, úmida
Heterogênea
Latifoliada
Mata devastada

2ª Feriado

Era meio dia
eu acordei e vi o meu fusca
ele estava estacionado
parado, ali embaixo
na casa do amigo Naldo
Mesmo no Jóquei enchi o tanque
no posto de um chegado
saí rodando a lagoa
Rebouças passei voado
A Brasil passei danado
Dutra nem vi passar
Quando vi Paracambi
já era Paulo de Frodin
Eu estava no alto da serra
Mendes era o meu destino de menino
perdido
Que em menos de um minuto
estava sentado ao lado
da menina mais bonita
Quentando um solzinho gostoso
Era segunda feriado
(Sol, só amanhã...)

Repente

De repente distância
diferença regionais
de repente ignorância
o estado das capitais
No nordeste a terra descansa em paz
longe da Fortaleza não está mal
João é uma Pessoa comum e feliz
no horizonte tem as luzes de Natal
Dona Terezina vira pro lado
e pergunta se seu São Luiz está bem
Olhando na mesma direção cristã
vendo o meninozinho de Belém
Eu procuro além dos Recifes
eu só quero uma visão melhor
Se não der de ver, de Aracajú
vou ver se a vista é boa em Maceió
A negligência vem mais de cima
Estado, Deus, país, tanto faz
a esperança é o que sustenta
e o imprevisto é um dito popular
A festa da raça e da tradição
da cidade baixa subo de elevador
Senhor do Bonfim, por favor olhe por mim
vai ver me entendo em São Salvador
Em nome do pai e do Espírito Santo
de Vitória ganho Minas Gerais
terra fértil eu quero, mas um horizonte
belo
o sol nascente se põe em Goiás

De Cuiabá, Campo Grande
 posso ouvir tiros da caça animal
 mas o que vejo é a ameaça
 refletida nas águas do Pantanal
 De repente um repentista
 a rima de improvisar bem
 sem querer um repentista
 faz prosa com o pouco que tem
 Na Amazônia, Roraima, Acre, Rondônia
 índio faz canoa com poucos paus
 então alguma coisa errada, floresta
 devastada
 mas francamente que zona perto de
 Manaus
 Pra atingir em cheio nosso coração
 Eu chego no Distrito Federal
 Uma vista honrada e privilegiada
 entendo agora porque o país esta mal
 Passo por Curitiba e Floripa
 e navego o Rio Grande do Sul
 nas margens do lado, terra abençoada
 que diferença faz água e dinheiro
 De repente um repentista
 espremida em uma nação
 por mais óbvio que for a rima
 uníssonos na mesma canção
 Vasto e cinza e olhos ardendo
 por Congonhas entro em SP
 sei que há magia, mas não estou vendo
 por Guarulhos saio sem explicar porque
 Aporto no Rio, fico observando
 tã apertado entre a serra e o mar
 o que São Sebastião, não tinha noção
 já previa o Estácio de Sá
 O problema que é muito grande
 tanto contraste não tem igual não
 do alto do morro e desse tamanho
 me deixe dar a minha observação
 Meus brasileiros, minhas brasileiras
 hoje eu me dirijo a toda essa nação
 depois de toda a minha andança
 vi que o importante é manter o pé no
 chão
 O que eu quero é o porque do improviso
 fiz a promessa do que eu vou encontrar
 com esperança a gente vai levando
 e o improviso...
 É um dito popular!
 De repente um repentista
 espremida em uma nação
 por mais óbvio que for a rima
 uníssonos na mesma canção
 De repente um repentista
 a rima de improvisar bem sem querer um
 repentista
 faz prosa com o pouco que tem

Modifique O Verbo

Sei que na língua que aprendi
 há um termo para o que ainda não vivi
 Será que a ocorrência da ação é
 diretamente subordinada ao acaso ou não?
 Sim, existe mais de uma opção
 o que mudaria o verbo da oração?
 Logo se vê, advérbio indicando a situação
 define aí, a validade da ação
 Modifique o verbo
 analise orações
 Indique circunstâncias
 sem classificação
 Necessita significado
 e respectivamente
 Sujeito indeterminado
 sujeito inexistente
 A validade da ação; por acaso ou não?
 Mas oração sujeito a modificação
 só no caso de ter mais de uma opção
 Seja como for, advérbio sem classificação
 A ocorrência da ação, por acaso ou não?
 Advérbio por acaso é integrante
 ocorrência e validade ele define
 pode ser, dada a circunstância de que
 e se estamos aqui, foi por acaso sim

RPM

Revoluções por minuto (1985)



Rádio Pirata

Abordar navios mercantes
 Invadir, pilhar
 Tomar o que é nosso
 Pirataria nas ondas do rádio
 Havia alguma coisa
 Errada com o rei...
 Preparar a nossa invasão
 E fazer justiça
 Com as próprias mãos
 Dinamitar!
 Um paió! de bobagens
 E navegar o mar
 Da tranqüilidade...
 Toquem o meu coração
 Façam a revolução
 Que está no ar
 Nas ondas do rádio
 No submundo
 Repousa o repúdio
 E deve despertar...
 Oh! Oh! Oh! Oh!
 Oh! Oh! Oh! Oh!...
 Disputar
 Em cada frequência
 Espaço nosso
 Nessa decadência...
 Canções de guerra
 Quem sabe canções do mar
 Canções de amor
 Ao que vai vingar...
 Toquem o meu coração
 Façam a revolução
 Que está no ar
 Nas ondas do rádio
 No underground
 Repousa o repúdio
 E deve despertar
 Oh! Oh!...
 Oh! Oh! Oh! Oh!
 Oh! Oh! Oh! Oh!
 Oh! Oh! Oh! Oh!
 Oh! Oh! Oh! Oh!...
 Toquem o meu coração
 Façam a revolução...(2x)

Olhar 43

Seu corpo é fruto proibido
 É a chave de todo pecado
 E da libido
 E prum garoto introvertido
 Como Eu! É a pura perdição
 É um lago negro o seu olhar
 É água turva de beber
 Se envenenar
 Nas suas curvas derrapar
 Sair da estrada
 Morrer no mar (no mar!)
 É perigoso o seu sorriso
 É um sorriso assim jocoso
 Impreciso, diria misterioso
 Indecifrável, riso de mulher...
 Não sei se é caça ou caçadora
 Se é Diana ou Afrodite
 Ou se é Brigitte
 Stephanie de Mônaco
 Aqui estou!
 Inteiro ao seu dispor(Princesa!)
 Pobre de mim
 Invento rimas assim
 Pra você
 E o outro vem em cima
 E você nem pra me escutar...
 Pois acabou!
 Não vou rimar!

Coisa nenhuma agora vai
 Como sair
 Que eu já não quero nem saber
 Se vai caber
 Ou vão me censurar
 Será?...
 E prá você
 Eu deixo apenas
 Meu olhar 43
 Aquele assim
 Meio de lado
 Já saindo, indo embora
 Louco por você
 Que pena!
 Que desperdício!
 Tesão...

A Cruz e a Espada

Havia um tempo em que eu vivia
 Um sentimento quase infantil
 Havia o medo e a timidez
 Todo um lado que você nunca viu
 Agora eu vejo,
 Aquele beijo era mesmo o fim
 Era o começo e o meu desejo se perdeu
 de mim
 E agora eu ando correndo tanto
 Procurando aquele novo lugar
 Aquela festa o que me resta
 Encontrar alguém legal pra ficar
 Agora eu vejo,
 Aquele beijo era mesmo o fim
 Era o começo e o meu desejo se perdeu
 de mim {2x}
 E agora é tarde, acordo tarde
 Do meu lado alguém que eu não conhecia
 Outra criança adulterada
 Pelos anos que a pintura escondia
 E agora eu vejo,
 Que aquele beijo era mesmo o fim
 Era o começo e o meu desejo se perdeu
 de mim

Estação Do Inferno

Luz de vela nos castiçais
 iluminam tempos atrás
 no passado não há prisão
 seu retrato acusação
 outro inverno gela em meu coração 2x
 nesse inferno (é) sempre a mesma
 estação
 vento frio vem me chamar
 me arrepio só de pensar
 no futuro escuro e só
 inseguro voltando ao pó
 outro inverno gela em meu coração 2x
 nesse inferno (é) sempre a mesma
 estação
 solo
 outro inverno gela em meu coração 2x
 nesse inferno (é) sempre a mesma
 estação
 no silêncio escuto a voz
 são demônios ou somos nós
 sem juízo sem salvação
 exorcizo sua aparição
 outro inverno gela em meu coração 2x
 nesse inferno (é) sempre a mesma
 estação

A Fúria Do Sexo Frágil Contra O dragão da maldade

Ela vai à luta de corpo inteiro
 Ela faz de tudo, ela faz ligeiro
 As coisas que precisa, tudo o que quer
 Se materializa, uma mulher
 Uma menina enlouquecida
 Pela cidade, a sina e a buzina
 Vontade férrea, feminina fúria
 Determinada, perigo, prazer
 Ela nem se assusta, nem mesmo pisca
 Sabe o quanto custa servir de isca
 Anda pelas ruas de madrugada
 Tem as pernas nuas, as mãos geladas
 Rímel nos olhos, batom que mancha
 Fuma, se perfuma e o penteado não
 desmancha
 Quem sabe é mãe, mãe de família
 Quem sabe até é sua própria filha

Loiras Geladas

-"Só tem homem feio aí?"
 Disfarça e faz
 Que nem me viu
 Não me ouviu te chamar
 Desfaz assim de mim

Que nem se faz
Com qualquer um...
Agora eu sei
Passei por cada papel
E rastejei
Tentando entrar no seu céu
Agora eu sei, sei, sei, sei
Passei por cada papel
Me embriaguei
E acordei no bordel...
Já sei que um é pouco
Dois é bom e três é demais
E eu fico louco de ciúmes
De um outro rapaz...
Agora eu sei
Passei por cada papel
E rastejei
Tentando entrar no seu céu
Agora eu sei, sei, sei
Passei por cada papel
Me embriaguei
E acordei num bordel...
Na Madrugada
Na mesa do bar
Ai!
Loiras Geladas
Vem me consolar...
Qualquer mulher
É sempre assim
Vocês são todas iguais
Nos enlouquecem
Então se esquecem
Já não querem mais...
Agora eu sei
Passei por cada papel
E rastejei
Tentando entrar no teu céu
Agora eu sei, sei, sei
Passei por cada papel
Me embriaguei
E acordei num bordel...
Mais! Muito Mais!
Na Madrugada
Na mesa do bar
Loiras Geladas
Vem me consolar...
Passei por cada papel
E rastejei
Passei por cada papel
Me embriaguei
E acordei num bordel...

Liberdade / Guerra Fria

Seu olhar oriental,
Provocante butterfly
Mero flerte acidental
Que eu nem sei pra onde vai
Tudo por você, guerras pra depois,
Eu mudo por você
o mundo pra nós dois
Por qualquer ideologia
Sem qualquer convicção
Metralhou o amor que havia
Guerrilheiro coração
Tudo por você...
Eu já nem sei mais quem sou
Desse jeito não se vive
Nova Iorque ou Moscou
Palestina ou Tel-Aviv
Guerra Fria nunca mais
Nova era glacial
E de que me serve a paz
Se em meu sangue corre o mal?

Sob a Luz do Sol

Quero das horas escuras cumplicidade
em qualquer loucura
Quero as noites em claro a eletricidade,
um luar de mil watts
Já não morro mais de medo que o tempo
escorra pelos dedos
Já não sinto quase nada na madrugada
fria
Quero a sujeira das ruas nas veias do
asfalto quero me injetar
Quero o perigo correndo comigo sem
nunca poder me alcançar
Já não morro mais de medo que o tempo
escorra pelos dedos
Já não vejo quase nada sob a luz do sol
Quero a cidade vazia o clarão do dia me
ofusca a visão
Minha cabeça lateja meu corpo cansado
se espalha no chão
Já não morro mais de medo que o tempo
escorra pelos dedos

Já não sou mais quase nada sob a luz do
sol

Juvenília

Sinto um imenso vazio e o Brasil
Que herda o costume servil
Não serviu pra mim
Juventude
Aventura e medo
Desde cedo
Encerrado em grades de aço
E um pedaço do meu coração é teu
Destroçado com as mãos
Pelas mãos de Deus
E as imagens
Transmissões divinas
E o cinismo
E o protestantismo europeu
Parte o primeiro avião
E eu não vou voltar
E quem vem pra ficar
Pra cuidar de ti
Terra linda
Sofre ainda a vinda de piratas
Mercenários sem direção
E eu até sei quem são, sim eu sei
E você sempre faz confusão, diz que não
E vem, vem chorando
Vem pedir desculpas
Vem sangrando
Dividir a culpa entre nós

Pr'esse Vício

Nem mais um cigarro invade meus
pulmões
Bombas de fumaça explodem nos salões
Nem mais uma taça rasa de cristal
Querosene e álcool explodem no local
Não tem mais tempo
Não tem mais ninguém
Rezando nos templos em Jerusalém
Nem mais uma linha,
A alma sozinha
Lívida e divide-se em partes desiguais
Nem mais um remédio
Já não tem remédio
O tédio que se instala na sala de estar
Não tem mais tempo
Não tem mais ninguém
Explodem os templos
Vão dizer amém

Revoluções Por Minuto

Sinais de vida no país vizinho
Eu já não ando mais sozinho
Toca o telefone,
Chega um telegrama enfim
Ouvimos qualquer coisa de Brasília
Rumores falam em guerrilha
Foto no jornal,
Cadeia nacional
Viola o canto ingênuo do caboclo
Caiu o santo do pau oco
Foge pro riacho,
Foge que eu te acho sim
Fulano se atirou da ponte aérea
Não agüentou fila de espera
Apertar os cintos,
Preparar pra decolar
Nos chegam gritos da Ilha do Norte
Ensaio pra Dança da Morte
Tem disco pirata,
Tem vídeo cassete até
Agora a China bebe Coca-Cola
Aqui na esquina cheiram cola
Biodegradante
Aromatizante tem

RPM

Rádio pirata ao vivo (1986)



Revoluções Por Minuto

Sinais de vida no país vizinho
Eu já não ando mais sozinho
Toca o telefone,
Chega um telegrama enfim
Ouvimos qualquer coisa de Brasília
Rumores falam em guerrilha
Foto no jornal,
Cadeia nacional
Viola o canto ingênuo do caboclo
Caiu o santo do pau oco
Foge pro riacho,
Foge que eu te acho sim
Fulano se atirou da ponte aérea
Não agüentou fila de espera
Apertar os cintos,
Preparar pra decolar
Nos chegam gritos da Ilha do Norte
Ensaio pra Dança da Morte
Tem disco pirata,
Tem vídeo cassete até
Agora a China bebe Coca-Cola
Aqui na esquina cheiram cola
Biodegradante
Aromatizante tem

Alvorada Voraz

Na virada do século
Alvorada Voraz
Nos aguardam exércitos
Que nos guardam da paz
Que Paz?...
A face do mal
Um grito de horror
Um fato normal
Um êxtase de dor
E medo de tudo
Medo do nada
Medo da vida
Assim engatilhada...
Fardas e força
Forjam as armas
Farsas e jogos
Armas de fogo
Um corte exposto
Em seu rosto amor...
E Eu!
Nesse mundo assim
Vendo esse filme passar
Assistindo ao fim
Vendo o meu tempo passar
Hey!...
Apocalipticamente
Como um clip de ação
Um clic seco, um revólver
Aponta em meu coração...
O caso Morel
O crime da mala
Coroa-Brastel
O escândalo das jóias
E o contrabando
E um bando de gente
Importante envolvida...
Juram que não
Torturam ninguém
Agem assim
Pro seu próprio bem
Oh!...
São tão legais
Foras da lei
Sabem de tudo
O que eu não sei
Não!...
Nesse mundo assim
Vendo esse filme passar
Assistindo ao fim
Vendo o meu tempo passar
Hey!...

A Cruz E A Espada

Havia um tempo em que eu vivia
Um sentimento quase infantil
Havia o medo e a timidez
Todo um lado que você nunca viu
Agora eu vejo,
Aquele beijo era mesmo o fim
Era o começo e o meu desejo se perdeu
de mim
E agora eu ando correndo tanto
Procurando aquele novo lugar
Aquele festa o que me resta
Encontrar alguém legal pra ficar
Agora eu vejo,
Aquele beijo era mesmo o fim
Era o começo e o meu desejo se perdeu
de mim {2x}

E agora é tarde, acordo tarde
Do meu lado alguém que eu não conhecia
Outra criança adúltera
Pelos anos que a pintura escondia
E agora eu vejo,
Que aquele beijo era mesmo o fim
Era o começo e o meu desejo se perdeu
de mim

Olhar 43

Seu corpo é fruto proibido
É a chave de todo pecado
E da libido
E prum garoto introvertido
Como Eu! É a pura perdição
É um lago negro o seu olhar
É água turva de beber
Se envenenar
Nas suas curvas derrapar
Sair da estrada
Morrer no mar (no mar!)
É perigoso o seu sorriso
É um sorriso assim jocoso
Impreciso, diria misterioso
Indecifrável, riso de mulher...
Não sei se é caça ou caçadora
Se é Diana ou Afrodite
Ou se é Brigitte
Stephanie de Mônaco
Aqui estou!
Inteiro ao seu dispor(Princesa!)
Pobre de mim
Invento rimas assim
Pra você
E o outro vem em cima
E você nem pra me escutar...
Pois acabou!
Não vou rimar!
Coisa nenhuma agora vai
Como sair
Que eu já não quero nem saber
Se vai caber
Ou vão me censurar
Será?...
E prá você
Eu deixo apenas
Meu olhar 43
Aquele assim
Meio de lado
Já saindo, indo embora
Louco por você
Que pena!
Que desperdício!
Tessão...

Estação Do Inferno

Luz de vela nos castiçais
iluminam tempos atrás
no passado não há prisão
seu retrato acusação
outro inverno gela em meu coração 2x
nesse inferno (é) sempre a mesma
estação
vento frio vem me chamar
me arrepio só de pensar
no futuro escuro e só
inseguro voltando ao pó
outro inverno gela em meu coração 2x
nesse inferno (é) sempre a mesma
estação
solo
outro inverno gela em meu coração 2x
nesse inferno (é) sempre a mesma
estação
no silêncio escuto a voz
são demônios ou somos nós
sem juízo sem salvação
exorcizo sua aparição
outro inverno gela em meu coração 2x
nesse inferno (é) sempre a mesma
estação

London, London

I'm wandering round and round, nowhere
to go
I'm lonely in London, London, is lovely so
I cross the streets without fear,
everybody keeps the way clear
I know I know no one here to say hello
I know they keep the way clear, i am
lonely in London without fear
I'm wandering round and round here,
nowhere to go
While my eyes, go looking for flying
saucers in the sky

But my eyes, go looking for flying saucers
in the sky
Oh, Sunday, Monday, Autumn pass by
me
And people hurry on so peacefully
A group approach the policeman, he
seems so pleased to please them
It's good to live at least, and I agree
He seemed so pleased at least and it's so
good to live in peace
And Sunday, Monday, years and I agree
Refrão1
I choose no face to look at, choose no
way
I've just happen to be here and it's ok
Green grass, blue eyes, gray sky, God
bless, silent, pain and happiness
I came around to say yes, and i say (2x)
Refrão1
Oh my eyes, go looking for flying saucers
in the sky
Yes my eyes, go looking for flying saucers
in the sky

Flores Astrais

Um grito de estrelas
Vem do infinito
E um bando de luz
Repete o grito
Todas as cores e outras mais
Procriam flores astrais
Um verme passeia
Na lua cheia (4x)

Rádio Pirata

Abordar navios mercantes
Invadir, pilhar
Tomar o que é nosso
Pirataria nas ondas do rádio
Havia alguma coisa
Errada com o rei...
Preparar a nossa invasão
E fazer justiça
Com as próprias mãos
Dinamitar!
Um paió de bobagens
E navegar o mar
Da tranqüilidade...
Toquem o meu coração
Façam a revolução
Que está no ar
Nas ondas do rádio
No submundo
Repousa o repúdio
E deve despertar...
Oh! Oh! Oh! Oh!
Oh! Oh! Oh! Oh!...
Disputar
Em cada frequência
Espaço nosso
Nessa decadência...
Canções de guerra
Quem sabe canções do mar
Canções de amor
Ao que vai vingar...
Toquem o meu coração
Façam a revolução
Que está no ar
Nas ondas do rádio
No underground
Repousa o repúdio
E deve despertar
Oh! Oh!...
Oh! Oh! Oh! Oh!

RPM

Quatro coiotes (1988)



Quatro Coiotes

Quatro coiotes no quarto de dormir
vigiam sua inocência
O mar tem um cheiro forte, lá longe, ao
norte, estrelas cadentes
Frias estrelas cometem tais crimes. Sua
inocência é minha
O sono é leve para os animais do deserto
Os caminhantes noturnos
Os andarilhos nômades
O pequeno pássaro retorna ao ninho das
cobras
Serpenteiam frios suores
Provocando arrepios de medo e prazer
As dunas de um deserto de loucura e de
pavor
Andando os pés em brasa pela cauda do
dragão
As duas da manhã a lua uiva de paixão
E nuas odaliscas me declaram seu amor
A brisa... não é nada
Os gritos estão longe os garotos na praia
E a areia penetra em cada fresta nos
olhos...ouço um choro de criança
As ruas da cidade são canais de pedra e
pó
Venezas afundando em oceanos de
cerveja
Belezas fluuando ao ritmo lento das
marés
Milhares de mulheres, ócio e ópio nos
cafés...

A Dália Negra

Ela era a rainha da noite, sua corte, seus
servos eunucos
Ela era a eleita dos deuses, e das deusas
da devassidão
Enquanto espero
Enquanto ela quer
Meus olhos comem essa mulher
Sua boca vermelha escondida uma língua
com mil intenções
Num rostinho perfeito de anjo
Provocando incuráveis paixões
Enquanto eu penso em Humphrey Bogart
Enquanto eu... essa mulher
Enquanto eu espero, enquanto ela quer
Meus olhos, meus olhos essa mulher
Ela era a rainha na cama generosa
nascente do amor
Quase rouca a rainha me chama
obediente soldado, eu vou
Ela era a rainha vadia, indefesa era como
uma flor
Atendendo a um cliente outro dia
Nunca mais nossa dália voltou

Um Caso De Amor Assim

Um caso de amor assim
Uma noite
Parece chegar ao fim como amanhece
E o sol vem beijar seus lábios em silêncio
Esse mistério em você
Que me fascina e eu procuro entender
Mas quando digo seu nome ninguém
parece querer
responder
Um caso de amor assim
Uma noite parece trazer em si
Mais surpresas e revelar mais segredos
Em sutilezas... distância é essa...
Dor
Esse mistério em você
Que me fascina eu procuro entender
Mas quando digo seu nome ninguém
parece querer
responder
Um caso de amor
Uma noite
Eu sei que chegou ao fim
Adeus...
E todo amor que eu tinha e era seu
Pra sempre ele é seu...

Ponto de fuga

Beija flor em alto vôo
Um condor sugando a flor Perdido nessa
confusão
De céu e chão
Sem horizonte claro eu vou
Coração em rotação...Atenção
Na contramão
Projeto pra conciliar deserto e mar
Areia é o lugar onde estou
Perdido nessa confusão de céu e chão

Sem horizonte claro eu vou
Coração em rotação
Atenção na contramão
Projeto pra conciliar deserto e mar
Areia é o lugar onde estou

Partners

Eu pensei em tanto pra dizer
Enquanto esperei pela chegada triunfal
dessa deusa
Eu zanzei fiquei por aí sem ninguém
Morri de saudades desse momento
Eu andei tão sozinho
Por tanto tempo
Por tanto tempo só
Eu nem sei se devo confessar
Um certo segredo
Uma vontade que dá de repente e
quando se sente
Não dá pra esconder, não que é você
Morri de saudades desse momento
Eu andei tão sozinho, tão só
Por tanto tempo, tanto tempo
Morri de saudades desse momento
Eu andei tão sozinho
Por tanto tempo
Tanto tempo...

A Estratégia Do Caos

A superfície aparente do olhar
Esconde um mar de lágrimas e estórias
De onde sereias parecem chamar
Há no ar, num ato qualquer
Um certo temor
Num segundo passa por nós talvez o
amor
No pensamento em cavernas sem luz
Morcegos vêm e voam entre gritos
Antecipando a estratégia do caos
Há no ar, um ato qualquer um certo
te...mor
Num segundo passa por nós talvez, o
amor
Feito um pôr de sol em mim
Feito a vida chegando ao fim
Há um fim?

Sete Mares

Lendo nuvens
Lento Movimento e tu vens
Vens de vidas já vividas
Ouço o mar contar fábulas de marinheiros
Brigas e bebida farta
Antes que o navio parta outra vez
Olha o céu enquanto a chuva coloca seu
véu
Sobre a flor da nossa idade
Vem o Sol em arcos,
Íris de divinos olhos
Vives através do tempo
Lento movimento em torno de nós
Sim, existe um mundo
de lembranças
Onde dança louca a vida e vai
Atrás de um par
Atrás de alguém (De alguém)
Lendo mãos, linda,
tua boca me revela
Ouçua tua voz ainda
Nosso acordo não há amor
No mundo todo igual
Amor de vidas já vividas
Infinitas vezes, amor
Amor, amor

Quarto poder

O mundo em sua casa
Bombas no jardim
Carrinhos nas escadas
Encouraçados Pontenkin

O Teu Futuro Espelha Essa Grandeza

Nossas praias
Tem mais latas
Mais mulatas, matas virgens
Nossos desertos cada vez mais perto
Nosso destino menino a viver de chicletes
Mentex, quentlex
Aquarelas o tempo amarela
Fontes secam em silêncio
Emudecem todos os pandeiros num
paciente adeus
E um garoto pobre o que é que pode?
Numa banda de rock cair no pagode
Quando rola o ronca da barriga
É um 3 oitão na mão

Aids, apartheids nas cidades...putrefatas,
mal
cheirosas
Tão sestrosa outrora a vida passa
Já senhora
Decadente
Nas brásilias da miséria roda sua bolsa
Como pode
Hedonistas do país
Uni-vos
Ai meu Brasil, que se perdeu
Sem conhecer um apogeu
Esses solos tão férteis
Esses campos tão meus
Quem abençoou foi Deus, foi Deus, foi
Deus

Show it to me

In the passageways of this place
The eyes are gazed by its tortured souls
Streets full of walking bones
People's tears are like a stream
Everywhere I look I can see a falen
person
In a sordid gutter
Agora!
In a city of fear a glow
Is telling me it's me and it is time to say
Let's go in this promised land
children of the war
Come back to me
(The Children with the guns)
So let's go, while we're still surviving
While the days still shine for me
I can't tell those images of horror
I could never say that
It should be
Easier to me It should be
Show it to me!
While the two of us are still on the streets
Then, in the sun i see
I can see a miracle It's so intense
Im my dreams I've seen your face
Im my dreams I've seen your face
Im my dreams I've seen your face...
Im my dreams...

TITÁS

Titás (1984)



Sonífera Ilha

Não posso mais viver assim
Ao seu ladinho
Por isso colo o meu ouvido
No radinho de pilha
Prá te sintonizar
Sozinha, numa ilha...
Sonífera Ilha!
Descansa meus olhos
Sossega minha boca
Me enche de luz
Sonífera Ilha!
Descansa meus olhos
Sossega minha boca
Me enche de luz...
Não posso mais viver assim
Ao seu ladinho
Por isso colo o meu ouvido
No radinho de pilha
Prá te sintonizar
Sozinha, numa ilha...
Sonífera Ilha!
Descansa meus olhos
Sossega minha boca
Me enche de luz
Sonífera Ilha!

Descansa meus olhos
Sossega minha boca
Me enche de luz...
Sonífera Ilha!
Descansa meus olhos
Sossega minha boca
Me enche de luz

Marvin

Meu pai não tinha educação
Ainda me lembro
Era um grande coração
Ganhava a vida
Com muito suor
E mesmo assim
Não podia ser pior
Pouco dinheiro
Prá poder pagar
Todas as contas
E despesas do lar...
Mas Deus quis
Vê-lo no chão
Com as mãos
Levantadas pr'o céu
Implorando perdão
Chorei!
Meu pai disse:
"Boa sorte"
Com a mão no meu ombro
Em seu leito de morte
E disse:
"Marvin, agora é só você
E não vai adiantar
Chorar vai me fazer sofrer"...
E três dias depois de morrer
Meu pai, eu queria saber
Mas não botava
Nem os pés na escola
Mamãe lembrava
Disso a toda hora...
E todo dia
Antes do sol sair
Eu trabalhava
Sem me distrair
As vezes acho que
Não vai dar pé
Eu queria fugir
Mas onde eu estiver
Eu sei muito bem
O que ele quis dizer
Meu pai, eu me lembro
Não me deixa esquecer
Ele disse:
"Marvin, a vida é prá valer
Eu fiz o meu melhor
E o seu destino
Eu sei de cor"...
-"E então um dia
Uma forte chuva veio
E acabou com o trabalho
De um ano inteiro
E aos treze anos
De idade eu sentia
Todo o peso do mundo
Em minhas costas
Eu queria jogar
Mas perdi a aposta"...
Trabalhava feito
Um burro nos campos
Só via carne
Se roubasse um frango
Meu pai cuidava
De toda a família
Sem perceber
Segui a mesma trilha
E toda noite minha mãe orava
Deus!
Era em nome da fome
Que eu roubava
Dez anos passaram
Cresceram meus irmãos
E os anjos levaram
Minha mãe pelas mãos
Chorei!
Meu pai disse:
"Boa sorte"
Com a mão no meu ombro
Em seu leito de morte
E disse:
"Marvin, agora é só você
E não vai adiantar
Chorar vai me fazer sofrer"
"Marvin, a vida é prá valer
Eu fiz o meu melhor
E o seu destino eu sei de cor"

Babi Índio

Babi índio enjoy selva coca cola
 Babi índio enjoy selva coca cola
 Babi índio enjoy selva coca cola
 Babi índio enjoy selva coca cola
 Pode ser que eu vá viajar nesse navio
 Não sei, não sei, não sei
 Pode ser, pode ser, pode ser
 Não sei
 Cenas de terror e tensão
 Fuga na terra, ira no céu
 Televisão
 O futuro será
 Babi índio enjoy selva coca cola
 Babi índio enjoy selva coca cola
 Acho que eu já vou embarcar
 nesse navio
 Bagdá
 Província de Kali
 Boca do tigre
 Beira do abismo
 O futuro será
 Babi índio enjoy selva coca cola
 Babi índio enjoy selva coca cola
 Babi índio enjoy selva coca cola
 Babi índio enjoy selva coca cola
 Pode ser que eu vá viajar nesse navio
 Não sei, não sei, não sei
 Pode ser, pode ser, pode ser
 Não sei
 Cenas de terror e tensão
 Fuga na terra, ira no céu
 Televisão
 O futuro será
 Babi índio enjoy selva coca cola
 Babi índio enjoy selva coca cola
 Acho que eu já vou embarcar
 nesse navio
 Bagdá
 Província de Kali
 Boca do tigre
 Beira do abismo
 O futuro será
Go Back
 Você me chama
 Eu quero ir pr'o cinema
 Você reclama
 Meu coração não contenta
 Você me ama
 Mas de repente
 A madrugada mudou
 E certamente
 Aquele trem já passou
 Se passou, passou
 Daqui prá melhor
 Foi!...
 Só quero saber
 Do que pode dá certo
 Não tenho tempo a perder
 Só quero saber
 Do que pode dá certo
 Não tenho tempo a perder...(2x)
 Você me chama
 Eu quero ir pr'o cinema
 Você reclama
 Meu coração não contenta
 Você me ama
 Mas de repente
 A madrugada mudou
 E certamente
 Aquele trem já passou
 Se passou, passou
 Daqui prá melhor
 Foi!...
 Só quero saber
 Do que pode dá certo
 Não tenho tempo a perder
 Só quero saber
 Do que pode dá certo
 Não tenho tempo a perder...(2x)
 -"Não é o meu país
 É uma sombra que pende
 Concreta
 Do meu nariz em linha reta
 Não é minha cidade
 É um sistema que invento
 Me transforma
 E que acrescento
 À minha idade
 Nem é o nosso amor
 É a memória que suja
 A história que enferruja
 O que passou
 Não é você
 Nem sou mais eu
 Adeus meu bem

Adeus! Adeus!
 Você mudou, mudei também
 Adeus amor! Adeus!
 E vem!"
 Só quero saber
 Do que pode dá certo
 Não tenho tempo a perder
 Só quero saber
 Do que pode dá certo
 Não tenho tempo a perder...

Pule

Fique aí na sua
 Tô aqui, já tô aqui
 Tenha personalidade
 Escolhi, eu escolhi
 Legal, legal, legal, legal
 Eu quero todo mundo legal
 Adversidade
 Não é verdade
 A água do mar é boa
 A água da torneira é boa
 A água da chuva é boa
 Água de colônia
 É boa a água da lagoa, legal,
 Então pule da janela
 dies first
 Depois o au-au
 Peixinho dourado pro fim,
 Uau. Você não pode desertar
 Isso não é uma guerra
 Você só vai ao ar dizer
 O ar só te dá a queda ô nenê,
 você nasceu ontem
 Com os dias contados
 De onde, para quê, pra onde ?
 O chão só tem dois lados
 Agora quero todo mundo vivo legal,
 legal...

Querem Meu Sangue

Dizem que guardam um bom
 Lugar pra mim no céu
 Logo que eu for pro beleléu
 A minha vida só eu sei como guiar
 Pois ninguém vai me ouvir se eu chorar
 Mas enquanto o sol puder arder
 Não vou querer meus olhos escurecer
 Pois se eles querem meu sangue
 Verão o meu sangue só no fim
 E se eles querem meu corpo
 Só se eu estiver morto, só assim.
 Meus inimigos tentam sempre me ver mal
 Mas minha força é como o fogo do sol
 Pois quando pensam que já estou vencido
 É que meu ódio não conhece o perigo
 Mas enquanto o sol quiser brilhar
 Eu vou querer a minha chence de olhar
 Pois se eles querem meu sangue
 Verão o meu sangue só no fim
 E se eles querem meu corpo
 Só se eu estiver morto, só assim.
 Eu vou lutar pra ter as coisas que eu
 desejo
 Não sei do medo amor, pra mim não tem
 preço
 Serei mais livre quando não for mais que
 osso
 Do que vivendo com a corda no pescoço
 Enquanto no céu o sol ainda estiver
 Só vou fechar meus olhos quando quiser
 Pois se eles querem meu sangue
 Verão o meu sangue só no fim
 E se eles querem meu corpo
 Só se eu estiver morto, só assim.

Mulher Robot

Acho que vou falar com
 telefone
 Beijar o abajur
 Vou transar com a geladeira
 Injetar TV na veia
 Eu quero você, mulher robot
 Pra sempre você, mulher robot
 Eu quero você.
 Visto uma camisa do Corinthians
 Compro um radio a prestação
 Para sensibilizá-la, não
 Não encontro solução
 Eu quero você, mulher robot sempre
 você, mulher robot
 Eu quero você

Demais

Tudo eu já fiz pra lhe esquecer
 Mas foi em vão, e agora quero

voltar
 Todas essas noites passei sem
 Dormir
 Com os olhos a jorrar
 Quando um amor é demais
 Não se pode jogar fora
 Olho para esses casais
 Com um sonho na memória
 Mahatma Gandhi, Krishna, Deus
 Mas só você pode me salvar
 agora
 Quero ser de novo seu novo
 Rapaz
 Com os olhos a brilhar
 O meu amor é demais
 Pra guardar e ir embora
 Nem a distância é capaz
 De apagar a nossa história

Toda Cor
 O telefone tocou
 Fui atender
 Na madrugada
 Quero estar com você.
 Eu preciso de você agora
 Por favor meu bem não vá embora.
 O tempo vai passando nos relógios
 Encontro os seus beijos toda hora
 Segundo por segundo na memória.
 Toda cor me lembra os seus olhos
 Eu sei que eu vou, eu quero te encontrar.
 Eu preciso de você agora
 Por favor meu bem não vá embora ...
 Eu preciso de você agora
 Por favor meu bem não vá embora ...

Balada de John e Yoko

Barra limpa é o porto de Santos
 Os barcos vão até o Japão
 De ônibus ou trem, ninguém viaja sem
 Vê se vestiu a calça ou está de calção
 Cristo não é biscoito
 As coisas andam ruins
 Se é mau aos dezoito
 Me crucificam no fim
 De pára-quadras sobre Paris
 Difícil ver casal mais feliz
 Pular na cama do hotel
 Viver em lua de mel
 Atravessar os estreito de Gibraltar
 Cristo não é fumaça
 O sol está de rachar
 Se bebe a garrafa
 Me traz a cruz e o altar
 Fomos até Amsterdã
 No vão das sete da manhã
 Os jornais querem saber
 O que pretendemos fazer
 Eu digo: Não conseguimos resolver
 Cristo não tire a roupa
 Se você quer se queimar
 Debaixo da sombra
 Então comece a rezar
 Encha a boca e o bolso que é pra se
 chover
 Dê a roupa velha aos pobres
 Ela disse a você: É tão fácil morrer
 A velha carne vai apodrecer
 De passagem pela Espanha
 Os touros andam cheios de manhas
 Lá no jornal ninguém escreve com giz
 Nós já cansamos de tentar explicar
 Cristo chá não é sopa
 A arca vai afundar
 E de proa a popa
 Só Noé vai se salvar
 Na fazenda lá em São Carlos
 Pilatos lava a mão na colher
 Disseram cê tá pinel
 Isso é amor de aluguel
 Os dois sentaram foi no banco dos réus
 Cristo deu luz ao cegos
 Martelo é fácil de usar
 Se acharem três pregos
 vão é me crucificar.
 Se acharem três pregos

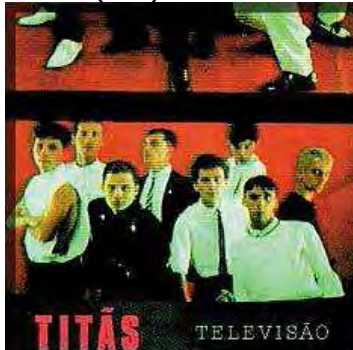
Seu Interesse

Seu interesse repentino por mim agora
 Não é tão difícil perceber.
 Agora que eu faço sucesso
 Você não me dá mais sossego
 Quer dizer que agora eu presto
 pra você brincar.
 Pra se construir alguma coisa
 É preciso respirar

Longe desse seu ar de raposa
Que não dá pra perdoar
A sinceridade de intenção
Só pra quem se pode dar.
Seu interesse repentino por mim agora
Não tão difícil perceber

TITÃS

Televisão (1985)



Televisão

A Televisão
Me deixou burro
Muito burro demais
Oi! Oi! Oi!
Agora todas as coisas
Que eu penso
Me parecem iguais
Oi! Oi! Oi!...
O sorvete me deixou gripado
Pelo resto da vida
E agora toda noite
Quando deito
É boa noite, querida...
Oh! Cride, fala pra mãe
Que eu nunca li num livro
Que o espirro
Fosse um vírus sem cura
Vê se me entende
Pelo menos uma vez
Criatura!
Oh! Cride, fala pra mãe!...
A mãe diz pra eu fazer
Alguma coisa
Mas eu não faço nada
Oi! Oi! Oi!
A luz do sol me incomoda
Então deixa
A cortina fechada
Oi! Oi! Oi!
É que a televisão
Me deixou burro
Muito burro demais
E agora eu vivo
Dentro dessa jaula
Junto dos animais...
Oh! Cride, fala pra mãe
Que tudo que a antena captar
Meu coração captura
Vê se me entende
Pelo menos uma vez
Criatura!
Oh! Cride, fala pra mãe!...
A mãe diz pra eu fazer
Alguma coisa
Mas eu não faço nada
Oi! Oi! Oi!
A luz do sol me incomoda
Então deixa
A cortina fechada
Oi! Oi! Oi!...
É que a televisão
Me deixou burro
Muito burro demais
E agora eu vivo
Dentro dessa jaula
Junto dos animais...
E eu digo:
Oh! Cride, fala pra mãe
Que tudo que a antena captar
Meu coração captura
Vê se me entende
Pelo menos uma vez
Criatura!
Oh! Cride, fala pra mãe!...

Insensível

Até parece loucura
Não sei explicar
É a verdade mais pura
Eu não consigo amar
Meu bem me desculpe
Não quis te ferir
Mas dizer a verdade
É melhor que mentir...
Insensível!
Insensível você diz
Impossível!
Fazer você feliz...
Às vezes você esquece
O que eu finjo esquecer
Mas pra mim é difícil
Eu não consigo entender
Entre outras pessoas
É tão natural
Porque será que comigo
Não pode ser igual...
Insensível!
Insensível você diz
Impossível!
Fazer você feliz...
Não fui eu, Não foi você quem escolheu
Viver neste mundo tão frio
Insensível!
Insensível você diz
Impossível!
Fazer você feliz...
Às vezes você esquece
O que eu finjo esquecer

Pavimentação

Ninguém sabe como o plástico é feito
Ninguém sabe
Como o leite é feito ninguém sabe,
Não se sabe
A formula da Coca-Cola é segredo
A da Pepsi também
Foi feita por alguém
Plástico foi feito por ninguém
Sabe como o chão é feito,
Do que é feito o chão.
Pé esquerdo, pé direito,
Pavimentação.
Mas do que é feito o chão?
É feito de pedra,
É feito de pixe.
É feito de pedra e pixe.
Pá pá pá pavimentação, pavimentação,
Menta, mentalização!
Mas ninguém sabe como a gente é feita,
Se a gente é feita ou não.
Mão esquerda, mão direita,
Bate palma então!
Pá pá pá pavimentação, pavimentação,
Menta, mentalização!
Mas do que é feita a gente?
É feita de pé,
É feita de mão.
É feita de pé e mão.
Ou não?

Dona Nenê

Dona Nenê
Madame Gaspar
Foram se encontrar no Peg-pag
ziguezague de carrinhos pelo super.
Dona Nenê
Comprava em pedra
Madame Gaspar
Comprava em Pó
Olha quem vem lá!
O Seu Ervilho!
Pilotando seu carrinho...
Audacioso!
Calma, seu Ervilho
Correr tanto assim é perigoso!
Liquidação
Seção de tecidos
Todas as senhoras em euforia
Quando de repente ouviu-se um grito...
Dona Nenê
Desapareceu
Madame Gaspar
Já tinha ido embora,
O que teria acontecido com Dona Nenê?
Onde andaria agora Dona Nenê?

Pra Dizer Adeus

Você apareceu do nada
E você mexeu demais comigo
Não quero ser só mais um amigo
Você nunca me viu sozinho

E você nunca me ouviu chorar
Não dá pra imaginar quando
É cedo ou tarde demais
Prá dizer adeus
Prá dizer jamais
Às vezes fico assim pensando
Essa distância é tão ruim
Porque você não vem pra mim?
Eu já fiquei tão mal sozinho
Eu já tentei, eu quis chamar
Não dá pra imaginar quando
É cedo ou tarde demais
Prá dizer adeus
Prá dizer jamais
Eu já fiquei tão mal sozinho
Eu já tentei, eu quis...
Não dá pra imaginar quando
É cedo ou tarde demais
Prá dizer adeus
Prá dizer jamais
É cedo ou tarde demais...

Não Vou Me Adaptar

Eu não caibo mais
Nas roupas que eu cabia
Eu não encho mais
A casa de alegria
Os anos se passaram
Enquanto eu dormia
E quem eu queria bem
Me esquecia...
Será que eu falei
O que ninguém ouvia?
Será que eu escutei
O que ninguém dizia?
Eu não vou me adaptar
Me adaptar...
Eu não tenho mais
A cara que eu tinha
No espelho essa cara
Não é minha
Mas é que quando
Eu me toquei
Achei tão estranho
A minha barba estava
Desse tamanho...
Será que eu falei
O que ninguém ouvia?
Será que eu escutei
O que ninguém dizia?
Eu não vou me adaptar
Me adaptar...
Não vou!
Me adaptar! Me adaptar!
Não vou! Me adaptar!
Não vou! Me adaptar!...

Tudo Vai Passar

Estranhei tua visita,
Você estava tão distante
Tentando me dizer
Alguma coisa qualquer
Que eu não podia entender.
Não posso imaginar
O que você está sentindo.
Você devia me contar
Pois eu preciso saber
O que vai acontecer com nós dois,
O tempo faz esquecer e depois
Tudo vai passar
Tudo vai passar
Eu não vou ficar sozinho
Se acaso você me deixar
Por causa de alguém,
Se for assim é melhor
Esquecer de uma vez.
Não posso imaginar
O que você está sentindo.
Você devia me contar
Pois eu preciso saber.
Eu preciso compreender seu olhar
Você ficou tão distante, mas eu sei
Tudo vai passar
Tudo vai passar

Sonho Com Você

O que eu sinto é tão simples,
Sonho com você.
Eu vivo
Sem conseguir esquecer.
Sinto a saudade se aproximar,
Meus olhos querem encontrar os seus.
Pois estou tão sozinho,
Por favor, diga se ainda me quer.
Porque estou tão sozinho,
Por favor, diga se ainda

Me quer.
O que eu sinto é tão simples,
Sonho com você.
As noites passam vazias, porque
Sinto a saudade se aproximar...

O Homem Cinza

Ontem quando saí de casa quase que não acreditei
Minha pele foi escurecendo até ficar completamente cinza
Agora quando ando pelas ruas eu preciso tomar cuidado
O sol não me machuca
é um instante que me basta para ficar bronzeado
Você não é mais o mesmo, eu digo "Sou!"
Você não é mais o mesmo
Tomei muito sal de prata pra curar minha bronquite
De cinza minha pele fica verde azulada
Quem quiser acreditar acredite
Agora quando ando pelas ruas eu preciso tomar cuidado
Polícia se me pede os documentos diz logo "algo está errado"
Você não é mais o mesmo, eu digo "Sou!"
Você não é mais o mesmo
Desde pequeno trabalho numa plantação de uva
Hoje veneno é para mim mais limpo que água de chuva
Você não é mais o mesmo, eu digo "Não!"
Você não é mais o mesmo
Estou me acostumando com a cor da minha pele
Eu acho verde mais bonito
Mas quando estou nervoso minha cara fica branca
E eu me sinto esquisito
Agora quando ando pelas ruas eu preciso tomar cuidado
Se vejo um cara branco ou amarelo eu acho que é ele quem está errado
Você não é mais o mesmo, eu digo "Não!"
Você não é mais o mesmo

Autonomia

O que eu queria, o que eu sempre queria
Era conquistar a minha autonomia
O que eu queria, o que eu sempre quis
Era ser dono do meu nariz
Os pais são todos iguais
Prendem seus filhos na jaula
Os professores com seus l pis cores
Te prendem na sala de aula
O que eu queria, o que eu sempre queria
Era conquistar a minha autonomia
O que eu queria, o que eu sempre quis
Era ser dono do meu nariz
Ia pra rua, mamãe atrás s
Ela não me deixava em paz
Não agüentava o grupo escolar
Nem a prisão domiciliar
O que eu queria, o que eu sempre queria
Era conquistar a minha autonomia
O que eu queria, o que eu sempre quis
Era ser dono do meu nariz
Mas o tempo foi passando
então eu cai numa outra armadilha
Me tornei prisioneiro da minha própria família
Arranji um emprego de professor
Vejo os meus filhos, Não sei mais onde estou
O que eu queria, o que eu sempre queria
Era conquistar a minha autonomia
O que eu queria, o que eu

sempre quis
Era ser dono do meu nariz
Os pais São todos iguais
Prendem seus filhos na jaula
Os professores com seus l pis cores
Te prendem na sala de aula
O que eu queria, o que eu sempre queria
Era conquistar a minha autonomia
O que eu queria, o que eu sempre quis
Era ser dono do meu nariz
Ia pra rua, Mamãe atrás s
Ela não me deixava em paz
não agüentava o grupo escolar
Nem a prisão domiciliar
O que eu queria, o que eu sempre queria
Era conquistar a minha autonomia
O que eu queria, o que eu sempre quis
Era ser dono do meu nariz
Mas o tempo foi passando
então eu cai numa outra armadilha
Me tornei prisioneiro da minha própria família
Arranji um emprego de professor
Vejo os meus filhos, não sei

Massacre

Massacre! Massacre de uomo!
Matança! Matança de dona!
Eu vi, eu vi, eu vi, eu vi, eu vi, eu vi
En jornal nacionale!
El Duce! El Duce en Itália!
El Führer! El Führer en Germânia!
Brazil, Brazil, Brazil, Brazil, Brazil, Aldeia Globale!
Massacre! Massacre de uomo!
Matança! Matança de dona!
Eu vi, eu vi, eu vi, eu vi, eu vi, eu vi
En jornal nacionale!
Massacre!
Massacre!
Massacre!

TITÁS

Cabeça dinossauro (1986)



Cabeça Dinossauro

Cabeça dinossauro
Cabeça dinossauro
Cabeça cabeça
Cabeça dinossauro
Pança de mamute
Pança de mamute
Pança pança
Pança de mamute
Espírito de porco
Espírito de porco
Espírito de porco

AA UU

AA! UU! AA! UU!
AA! UU! AA! UU!
Estou ficando louco
De tanto pensar
Estou ficando rouco
De tanto gritar...
AA! UU! AA! UU!
AA! UU! AA! UU!

Eu como, eu durmo
Eu durmo, eu como
Eu como, eu durmo
Eu durmo, eu como...
Está na hora de acordar
Está na hora de deitar
Está na hora de almoçar
Está na hora de jantar...
AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!
AA! UU! AA! UU!
AA! UU! AA! UU!
AA! UU! AA! UU!
AA! UU! AA! UU!
Estou ficando cego
De tanto enxergar
Estou ficando surdo
De tanto escutar...
AA! UU! AA! UU!
AA! UU! AA! UU!
Não como, não durmo
Não durmo, não como
Não como, não durmo
Não durmo, não como...
Está na hora de acordar
Está na hora de deitar
Está na hora de almoçar
Está na hora de jantar...
AA! UU! AA! UU!
AA! UU! AA! UU!

Igreja

Eu não gosto de padre
Eu não gosto de madre
Eu não gosto de frei.
Eu não gosto de bispo
Eu não gosto de Cristo
Eu não digo amém.
Eu não monto presépio
Eu não gosto do vigário
Nem da missa das seis.
Não! Não!
Eu não gosto do terço
Eu não gosto do berço
De Jesus de Belém.
Eu não gosto do papa
Eu não creio na graça
Do milagre de Deus.
Eu não gosto da igreja
Eu não entro na igreja
Não tenho religião.
Não!
Não! Não gosto! Eu não gosto!
Não! Não gosto! Eu não gosto!

Polícia

Dizem que ela existe
Prá ajudar!
Dizem que ela existe
Prá proteger!
Eu sei que ela pode
Te parar!
Eu sei que ela pode
Te prender!...
Polícia!
Para quem precisa
Polícia!
Para quem precisa
De polícia...
Dizem prá você
Obedecer!
Dizem prá você
Responder!
Dizem prá você
Cooperar!
Dizem prá você
Respeitar!...
Polícia!
Para quem precisa
Polícia!
Para quem precisa
De polícia...

Estado Violência

Sinto no meu corpo
A dor que angustia
A lei ao meu redor
A lei que eu não queria...
Estado Violência
Estado Hipocrisia
A lei não é minha
A lei que eu não queria...
Meu corpo não é meu
Meu coração é teu
Atrás de portas frias
O homem está só...

Homem em silêncio
Homem na prisão
Homem no escuro
Futuro da nação
Homem em silêncio
Homem na prisão
Homem no escuro
Futuro da nação...
Estado Violência
Deixem-me querer
Estado Violência
Deixem-me pensar
Estado Violência
Deixem-me sentir
Estado Violência
Deixem-me em paz...

A Face do Destruidor

O nome do destruidor é
Destruidor
É o nome do destruidor.
O nome do construtor é
O nome
Do construtor.
A face do construtor.
O que ele constrói.
A obra do construtor.
O destruidor não pode mais destruir
Porque o construtor não constrói.
O construtor não constrói porque
Não pode mais construir.
A face do destruidor.

Porrada

Titãs

Nota dez para as meninas
Da torcida adversária
Parabéns aos acadêmicos
Da associação
Saudações para os formandos
Da cadeira de direito
A todas as senhoras
Muita consideração...
Porrada!
Nos caras
Que não fazem nada...
Medalhinhas
Para o presidente
Condecorações
Aos veteranos
Bonificações
Para os bancários
Congratulações
Para os banqueiros...
Porrada!
Nos caras
Que não fazem nada...
Distribuição de panfletos
Reivindicação dos direitos
Associação de pais e mestres
Proliferação da espécie...
Porrada!
Porrada! Porrada!
Porrada!
Nos caras
Que não fazem nada...
Nota Dez!
Nota dez para as meninas
Da torcida adversária
Parabéns aos acadêmicos
Da associação
Saudações para os formandos
Da cadeira de direito
A todas as senhoras
Muita consideração...
Porrada! Porrada!
Nos caras
Que não fazem nada...
Medalhinhas
Para o presidente
Condecorações
Aos veteranos
Bonificações
Para os bancários
Congratulações
Para os banqueiros...
Porrada! Porrada!
Nos caras
Que não fazem nada...
Distribuição de panfletos
Reivindicação dos direitos
Associação de pais e mestres
Proliferação da espécie...
Porrada!
Porrada! Porrada!
Porrada!

Nos caras
Que não fazem nada...

Tô Cansado

Tô cansado do meu cabelo
Tô cansado da minha cara
Tô cansado de coisa vulgar
Tô cansado de coisa rara
Tô cansado
Tô cansado
Tô cansado de me dar mal
Tô cansado de ser igual
Tô cansado de moralismo
Tô cansado de bacanal
Tô cansado
Tô cansado
Tô cansado de trabalhar
Tô cansado de me ferrar
Tô cansado de me cansar
Tô cansado de descansar
Tô cansado
Tô cansado

Bichos Escrotos

Bichos!
Saíam dos lixos
Baratas!
Me deixem ver suas patas
Ratos!
Entrem nos sapatos
Do cidadão civilizado...
Pulgas!
Que habitam minhas rugas
Onçinha pintada
Zebrinha listrada
Coelhinho peludo
Vão se fuder!
Porque aqui
Na face da terra
Só bicho escroto
É que vai ter...
Bichos Escrotos
Saíam dos esgotos
Bichos Escrotos
Venham enfeitar
Meu lar!
Meu jantar!
Meu nobre paladar!...
Bichos!
Saíam dos lixos
Baratas!
Me deixem ver suas patas
Ratos!
Entrem nos sapatos
Do cidadão civilizado...
Pulgas!
Que habitam minhas rugas
Onçinha pintada
Zebrinha listrada
Coelhinho peludo
Vão se fuder!
Porque aqui
Na face da terra
Só bicho escroto
É que vai ter...
Bichos!
Baratas!
Ratos!
Cidadão civilizado
Pulgas!
Onçinha pintada
Zebrinha listrada
Coelhinho peludo
Vão se fuder!
Porque aqui
Na face da terra
Só bicho escroto
É que vai ter...
Bichos Escrotos
Saíam dos esgotos
Bichos Escrotos
Venham enfeitar
Meu lar!
Meu jantar!
Meu nobre paladar!...

Família

Família! Família!
Papai, mamãe, titia
Família! Família!
Almoça junto todo dia
Nunca perde essa mania...
Mas quando a filha
Quer fugir de casa
Precisa descolar um ganha-pão
Filha de família se não casa

Papai, mamãe
Não dão nem um tostão...
Família êh! Família ah!
Família! oh! êh! êh! êh!
Família êh! Família ah!
Família!...
Família! Família!
Vovô, vovó, sobrinha
Família! Família!
Janta junto todo dia
Nunca perde essa mania...
Mas quando o neném
Fica doente
Uô! Uô!
Procura uma farmácia de plantão
O choro do neném é estridente
Uô! Uô!
Assim não dá pra ver televisão...
Família êh! Família ah!
Família! oh! êh! êh! êh!
Família êh! Família ah!
Família! hiá! hiá! hiá!...
Família! Família!
Cachorro, gato, galinha
Família! Família!
Vive junto todo dia
Nunca perde essa mania...
A mãe morre de medo de barata
Uô! Uô!
O pai vive com medo de ladrão
Jogaram inseticida pela casa
Uô! Uô!
Botaram cadeado no portão...
Família êh! Família ah!
Família!
Família êh! Família ah!
Família! oh! êh! êh! êh!
Família êh! Família ah!
Família! hiá! hiá! hiá!...

Homem Primata

Desde os primórdios
Até hoje em dia
O homem ainda faz
O que o macaco fazia
Eu não trabalhava
Eu não sabia
Que o homem criava
E também destruía...
Homem Primata
Capitalismo Selvagem
Oh! Oh! Oh!...
Eu aprendi
A vida é um jogo
Cada um por si
E Deus contra todos
Você vai morrer
E não vai pr'o céu
É bom aprender
A vida é cruel...
Homem Primata
Capitalismo Selvagem
Oh! Oh! Oh!...
Eu me perdi
Na selva de pedra
Eu me perdi
Eu me perdi...
"I'm a cave man
A young man
I fight with my hands
(With my hands)
I am a jungle man
A monkey man
Concrete jungle!
Concrete jungle!"
Desde os primórdios
Até hoje em dia
O homem ainda faz
O que o macaco fazia
Eu não trabalhava
Eu não sabia
Que o homem criava
E também destruía...
Homem Primata
Capitalismo Selvagem
Oh! Oh! Oh!...
Eu aprendi
A vida é um jogo
Cada um por si
E Deus contra todos
Você vai morrer
E não vai pr'o céu
É bom aprender
A vida é cruel...

Homem Primata
Capitalismo Selvagem
Oh! Oh! Oh!...
Eu me perdi
Na selva de pedra
Eu me perdi
Eu me perdi
Eu me perdi
Eu me perdi...
Eu me perdi...

Dívidas

Meu salário
Desvalorizou
Dívidas, juros, dividendos.
Credores credores credores,
Agora é assim.
Senhores senhores senhores,
Tenham pena de mim.
Muito já gastei,
Vive como rei.
Diversões, luxo, divertimento.
Credores credores credores,
Agora é assim.
Senhores senhores senhores,
Fiquem longe de mim.

O Que

Que não é o que não pode ser que
Não é o que não pode
Ser que não é
O que não pode ser que não
É o que não
Pode ser
Que não
É
O que não pode ser que
Não é o que não pode ser
Que não é o que
O que?
O que?
O que?
O que?
Que não é o que não pode ser
Que não é o que não pode ser
Que não é o que não pode ser
Que não é o que não pode ser
Que não é
Sei que não é
O Que não é o que não pode ser que
Não é o que não pode
Ser que não é
O que não pode ser que não
É o que não
Pode ser
Que não
É
O que não pode ser que
Não é o que não pode ser
O Que não é o que
O que?
O que?
O que?
O que?
O que?
Que não é o que não pode ser
Que não é o que não pode ser
Que não é o que não pode ser
Que não é

Pode ser, é
Pode ser, pode ser, pode ser, pode ser,
é
é
Que não é o que não pode ser
Que não é o que não pode ser
Que não é o que não pode ser
Que não é

TITÁS

**Jesus não tem dentes no país dos
banguelas (1987)**



Todo Mundo Quer Amor

Todo mundo quer amor
Todo mundo quer amor de verdade
Uma pessoa boa quer amor
Uma pessoa má quer amor,
Quer amor de verdade
Quem tem medo quer amor,
Quem tem fome quer amor,
Quem tem frio quer amor,
Quem tem pinto saco boca bunda cu
buceta quer amor
Ele quer
Ela quer
Ele quer
Ela quer
Todo mundo quer amor de verdade

Comida

Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de que?
Você tem fome de que?...
A gente não quer só comida
A gente quer comida
Diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída
Para qualquer parte...
A gente não quer só comida
A gente quer bebida
Diversão, balé
A gente não quer só comida
A gente quer a vida
Como a vida quer...
Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de que?
Você tem fome de que?...
A gente não quer só comer
A gente quer comer
E quer fazer amor
A gente não quer só comer
A gente quer prazer
Prá aliviar a dor...
A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer dinheiro
E felicidade
A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer inteiro
E não pela metade...
Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de que?
Você tem fome de que?...
A gente não quer só comida
A gente quer comida
Diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída
Para qualquer parte...
A gente não quer só comida
A gente quer bebida
Diversão, balé
A gente não quer só comida
A gente quer a vida
Como a vida quer...
A gente não quer só comer
A gente quer comer
E quer fazer amor
A gente não quer só comer

A gente quer prazer
Prá aliviar a dor...
A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer dinheiro
E felicidade
A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer inteiro
E não pela metade...
Diversão e arte
Para qualquer parte
Diversão, balé
Como a vida quer
Desejo, necessidade, vontade
Necessidade, desejo, eh!
Necessidade, vontade, eh!
Necessidade...

O Inimigo

O inimigo sou eu,
O inimigo é você.
O inimigo é você,
O inimigo sou eu.
Às vezes você tem razão,
Às vezes não.

Corações e Mentes

Alguma coisa aconteceu,
Inevitável acidente,
Rancor e ódio separam
Corações e mentes.
Alguma coisa aconteceu,
Estupidez, incompreensão,
Mulher e homem desejavam
Violência e paixão.
Não existe paz, não existe perdão,
Eu não suporto mais violência e paixão,
Não agüento mais viver dentro dessa
prisão.
Meu amor, minha guerra, eu erro e você
erra.
Todos são tão diferentes, corações e
mentes.
Tantos jovens adolescentes, corações e
mentes.
Você me tortura, mas
Eu já não tenho forças pra reagir.
Eu não tenho cura e
Você já não tem forças pra fugir
Da minha loucura.
Corações e mentes, violência e paixão.
O teu beijo é tão doce,
O teu suor é tão salgado.
O teu beijo é tão molhado,
É tão salgado
O teu suor.
Às vezes acho que te amo,
Às vezes acho que é só sexo.

Diversão

A vida até parece uma festa
Em certas horas isso é o que nos resta
Não se esquece o preço que ela cobra
(é meu irmão se a gente não quer!?)
Em certas horas isso é o que nos sobra.
Ficar frágil feito uma criança
Só por medo ou por insegurança
Ficar bem ou mal acompanhado
Não importa se der tudo errado
Às vezes qualquer um
Faz qualquer coisa
Por sexo, drogas e diversão
Tudo isso (tudo isso)
Às vezes só aumenta
A angústia e a insatisfação
Às vezes qualquer um enche a cabeça de
álcool
Atrás de distração, mas eu digo:
Nada disso (nada disso)
Às vezes diminui a dor e a solidão
Tudo isso, às vezes tudo é fútil
Ficar fêbril atrás de diversão
Nada disso, às vezes nada importa
Ficar sóbrio não é solução
Tudo isso, às vezes tudo é fútil
Ficar fêbril atrás de diversão
Nada disso, às vezes nada importa
Ficar sóbrio não é solução
Diversão; solução sim
Diversão; solução prá mim
Diversão; solução sim
Diversão; solução prá mim
Diversão; solução sim
Diversão; solução prá mim

Diversão
 Diversão
 A vida até parece uma festa
 Em certas horas isso é o que nos resta
 Não se esquece o preço que ela cobra
 As vezes é muito caro...
 Em certas horas isso é o que nos sobra
 Ficar frágil feito uma criança
 Só por medo ou por insegurança
 Ficar bem ou mal acompanhado
 Não importa se der tudo errado
 Às vezes qualquer um
 Faz qualquer coisa
 Por sexo, drogas e um pouco de diversão
 Tudo isso (tudo isso)
 Às vezes só aumenta meu irmão
 A angústia e a insatisfação
 Às vezes qualquer um enche a cabeça de álcool
 Atrás de distração, mas eu digo:
 Nada disso (nada disso)
 Às vezes diminui a dor e a solidão

Infelizmente

A tua voz está cansada e rouca
 Pois não falamos pela mesma boca
 E o teu corpo então é gordo e calvo
 O teu lençol já não é limpo e alvo
 Não advinhas de quem és escravo
 Nem o que pode causar tal estrago
 Eu sei porque vives feliz e calmo
 É porque achas que estás são e salvo
 Tua mulher não quer criar teus filhos
 E tu não queres dividir teus grãos de milho
 E mesmo assim eis que aí vem de novo
 Tua parceira vai por mais um ovo
 Mas tu não sabes do que tenho fome
 Pois não nos chamam pelo mesmo nome
 E quando comes te rodeiam moscas
 É porque usas sempre as mesmas roupas
 Mas se perderes tudo até as calças
 Só vão te dar algum caixão sem alças
 E quando enfim chegar a tua hora
 Não vão pôr flor ao pé da tua corva

Jesus Não Tem Dentes No País Dos Banguelas

Jesus não tem dentes no país dos banguelas!!
 Jesus não tem dentes no país dos banguelas!!
 Jesus não tem dentes no país dos banguelas!!
 Jesus não tem dentes no país dos banguelas!!
 Jesus não tem dentes no país dos banguelas!!
 Jesus não tem dentes no país dos banguelas!!
 Jesus não tem dentes no país dos banguelas!!
 Jesus não tem dentes no país dos banguelas!!

Mentiras

Querem me ensinar, querem me julgar pelo que eu fiz.
 Querem me julgar, querem me ensinar como se diz
 Mentiras!
 Querem me salvar, querem me curar do que eu não sofro.
 Querem me curar, querem me salvar, mas eu só ouço
 Mentiras!
 Eu não posso viver comigo, eu não posso fugir de mim.
 Eu não quero que gritem comigo, eu não quero que rião de mim.
 Eu não quero que falem, eu não quero que digam
 Mentiras!
 Querem me curar do que eu não sofro,
 Querem me julgar pelo que eu fiz.
 Querem me salvar, mas eu só ouço,
 Querem me ensinar como se diz
 Mentiras!

Desordem

Os presos fogem do presídio
 Imagens na televisão
 Mais uma briga de torcidas
 Acaba tudo em confusão
 A multidão enfurecida
 Queimou os carros da polícia
 Os presos fogem do controle
 Mas que loucura esta nação
 Não é tentar o suicídio
 Querer andar na contramão?

Quem quer manter a ordem?
 Quem quer criar desordem?
 Quem quer manter a ordem?
 Quem quer criar desordem?
 Quem quer manter a ordem?
 Quem quer criar desordem?
 Quem quer manter a ordem?
 Quem quer criar desordem?
 Não sei se existe mais justiça
 Nem quando é pelas próprias mãos
 População enlouquecida
 Começa então o linchamento
 Não sei se tudo vai arder
 Como algum líquido inflamável
 O que mais pode acontecer
 Num país pobre miserável
 E ainda pode se encontrar
 Quem acredite no futuro
 Quem quer manter a ordem?
 Quem quer criar desordem?
 Quem quer manter a ordem?
 Quem quer criar desordem?
 Quem quer manter a ordem?
 Quem quer criar desordem?
 É seu dever manter a ordem
 É seu dever de cidadão
 Mas o que é criar desordem
 Quem é que diz o que é ou não?
 São sempre os mesmos governantes
 Os mesmos que lucraram antes
 Os sindicatos fazem greve
 Porque ninguém é consultado
 Pois tudo tem que virar óleo
 Pra por na máquina do estado
 Quem quer manter a ordem?
 Quem quer criar desordem?
 Quem quer manter a ordem?
 Quem quer criar desordem?
 Quem quer manter a ordem?
 Quem quer criar desordem?
 Quem quer manter a ordem?
 Quem quer criar desordem?

Lugar nenhum

Não sou brasileiro,
 Não sou estrangeiro,
 Não sou brasileiro,
 Não sou estrangeiro.
 Não sou de nenhum lugar,
 Sou de lugar nenhum.
 Não sou de São Paulo, não sou japonês.
 Não sou carioca, não sou português.
 Não sou de Brasília, não sou do Brasil.
 Nenhuma pátria me pariu.
 Eu não tô nem aí.
 Eu não tô nem aqui.

Armas Pra Lutar

Por que?
 Pra que?
 Em que
 Devo acreditar?
 Viver
 Sem armas pra lutar.
 Não crer,
 Não ser,
 Não ter
 Armas pra lutar.
 Não preciso ser alguém,
 Eu consigo viver sem
 Armas pra lutar.
 Prosseguir desarmado,
 Suportar desarmado,
 Desarmado, sem armas pra lutar.

Nome Aos Bois

Garrastazu
 Stalin
 Erasmo Dias
 Franco
 Lindomar Castilho
 Nixon
 Delfim
 Ronaldo Bôscoli
 Baby Doc
 Papa Doc
 Mengele
 Doca Street
 Rockfeller
 Afanásio
 Dulcídio Wanderley Bosquila
 Pinochet
 Gil Gomes
 Reverendo Moon

Jim Jones
 General Custer
 Flávio Cavalcante
 Adolf Hitler
 Borba Gato
 Newton Cruz
 Sérgio Dourado
 Idi Amin
 Plínio Correia de Oliveira
 Plínio Salgado
 Mussolini
 Truman
 Khomeini
 Reagan
 Chapman
 Fleury

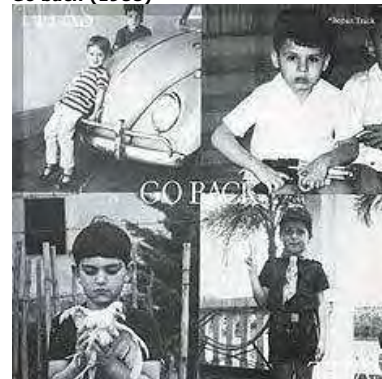
Violência

O movimento começou, o lixo fede nas calçadas.
 Todo mundo circulando, as avenidas congestionadas.
 O dia terminou, a violência continua.
 Todo mundo provocando todo mundo nas ruas.
 A violência está em todo lugar.
 Não é por causa do álcool,
 Nem é por causa das drogas.
 A violência é nossa vizinha,
 Não é só por culpa sua,
 Nem é só por culpa minha.
 Violência gera violência.
 Violência doméstica, violência cotidiana,
 São gemidos de dor, todo mundo se engana...
 Você não tem o que fazer, saia pra rua,
 Pra quebrar minha cabeça ou pra que quebrem a sua.
 Violência gera violência.
 Com os amigos que tenho não preciso inimigos.
 Aí fora ninguém fala comigo.
 Será que tudo está podre, será que todos estão vazios?
 Não existe razão, nem existem motivos.
 Não adianta suplicar porque ninguém responde,
 Não adianta implorar, todo mundo se esconde.
 É difícil acreditar que somos nós os culpados,
 É mais fácil culpar deus ou então o diabo.
 * ` ` O crime é venerado e posto em uso por toda terra,
 De um pólo a outro se imolam vidas humanas.
 No reino de Zópio os pais degolam os próprios filhos,
 Seja qual for o sexo, desde que sua cara não lhes agrade.
 Os coreanos incham o corpo da vítima a custa de vinagre
 E depois de estar assim inchado, matam-no a pauladas.
 Os irmãos Morávios mandavam matar com cócegas"

* Fragmentos de "Dissertação do Papa sobre o crime seguido de orgia" (Marquês de Sade)
 Seleção: Branco Mello

TITÁS

Go back (1988)



Jesus Não Tem Dentes No País Dos Banguelas

Jesus não tem dentes no país dos banguelas!!
 Jesus não tem dentes no país dos banguelas!!
 Jesus não tem dentes no país dos banguelas!!
 Jesus não tem dentes no país dos banguelas!!
 Jesus não tem dentes no país dos banguelas!!
 Jesus não tem dentes no país dos banguelas!!
 Jesus não tem dentes no país dos banguelas!!
 Jesus não tem dentes no país dos banguelas!!

Nome Aos Bois

Garrastazu
 Stalin
 Erasmo Dias
 Franco
 Lindomar Castilho
 Nixon
 Delfim
 Ronaldo Bôscoli
 Baby Doc
 Papa Doc
 Mengele
 Doca Street
 Rockefeller
 Afanásio
 Dulcídio Wanderley Bosquilha
 Pinochet
 Gil Gomes
 Reverendo Moon
 Jim Jones
 General Custer
 Flávio Cavalcante
 Adolf Hitler
 Borba Gato
 Newton Cruz
 Sérgio Dourado
 Idi Amin
 Plínio Correia de Oliveira
 Plínio Salgado
 Mussolini
 Truman
 Khomeini
 Reagan
 Chapman
 Fleury

Bichos Escrotos

Bichos!
 Saíam dos lixos
 Baratas!
 Me deixem ver suas patas
 Ratos!
 Entrem nos sapatos
 Do cidadão civilizado...
 Pulgas!
 Que habitam minhas rugas
 Onçinha pintada
 Zebrinha listrada
 Coelhoinho peludo
 Vão se fuder!
 Porque aqui
 Na face da terra
 Só bicho escroto
 É que vai ter...
 Bichos Escrotos
 Saíam dos esgotos
 Bichos Escrotos
 Venham enfeitar
 Meu lar!
 Meu jantar!
 Meu nobre paladar!...
 Bichos!
 Saíam dos lixos
 Baratas!
 Me deixem ver suas patas
 Ratos!
 Entrem nos sapatos
 Do cidadão civilizado...
 Pulgas!
 Que habitam minhas rugas
 Onçinha pintada
 Zebrinha listrada
 Coelhoinho peludo
 Vão se fuder!
 Porque aqui
 Na face da terra
 Só bicho escroto
 É que vai ter...
 Bichos!
 Baratas!
 Ratos!

Cidadão civilizado
 Pulgas!
 Onçinha pintada
 Zebrinha listrada
 Coelhoinho peludo
 Vão se fuder!
 Porque aqui
 Na face da terra
 Só bicho escroto
 É que vai ter...
 Bichos Escrotos
 Saíam dos esgotos
 Bichos Escrotos
 Venham enfeitar
 Meu lar!
 Meu jantar!
 Meu nobre paladar!...

Pavimentação

Ninguém sabe como o plástico é feito
 Ninguém sabe
 Como o leite é feito ninguém sabe,
 Não se sabe
 A formula da Coca-Cola é segredo
 A da Pepsi também
 Foi feita por alguém
 Plástico foi feito por ninguém
 Sabe como o chão é feito,
 Do que é feito o chão.
 Pé esquerdo, pé direito,
 Pavimentação.
 Mas do que é feito o chão?
 É feito de pedra,
 É feito de pixe.
 É feito de pedra e pixe.
 Pá pá pá pavimentação, pavimentação,
 Menta, mentalização!
 Mas ninguém sabe como a gente é feita,
 Se a gente é feita ou não.
 Mão esquerda, mão direita,
 Bate palma então!
 Pá pá pá pavimentação, pavimentação,
 Menta, mentalização!
 Mas do que é feita a gente?
 É feita de pé,
 É feita de mão.
 É feita de pé e mão.
 Ou não?

Diversão

A vida até parece uma festa
 Em certas horas isso é o que nos resta
 Não se esquece o preço que ela cobra
 (é meu irmão se a gente não quer!?)
 Em certas horas isso é o que nos sobra.
 Ficar frágil feito uma criança
 Só por medo ou por insegurança
 Ficar bem ou mal acompanhado
 Não importa se der tudo errado
 Às vezes qualquer um
 Faz qualquer coisa
 Por sexo, drogas e diversão
 Tudo isso (tudo isso)
 Às vezes só aumenta
 A angústia e a insatisfação
 Às vezes qualquer um enche a cabeça de álcool
 Atrás de distração, mas eu digo:
 Nada disso (nada disso)
 Às vezes diminui a dor e a solidão
 Tudo isso, às vezes tudo é fútil
 Ficar fébrio atrás de diversão
 Nada disso, às vezes nada importa
 Ficar sóbrio não é solução
 Tudo isso, às vezes tudo é fútil
 Ficar fébrio atrás de diversão
 Nada disso, às vezes nada importa
 Ficar sóbrio não é solução
 Diversão; solução sim
 Diversão; solução prá mim
 Diversão; solução sim
 Diversão; solução prá mim
 Diversão; solução sim
 Diversão; solução prá mim
 Diversão
 Diversão
 A vida até parece uma festa
 Em certas horas isso é o que nos resta
 Não se esquece o preço que ela cobra
 Às vezes é muito caro...
 Em certas horas isso é o que nos sobra
 Ficar frágil feito uma criança
 Só por medo ou por insegurança
 Ficar bem ou mal acompanhado
 Não importa se der tudo errado

Às vezes qualquer um
 Faz qualquer coisa
 Por sexo, drogas e um pouco de diversão
 Tudo isso (tudo isso)
 Às vezes só aumenta meu irmão
 A angústia e a insatisfação
 Às vezes qualquer um enche a cabeça de álcool
 Atrás de distração, mas eu digo:
 Nada disso (nada disso)
 Às vezes diminui a dor e a solidão

Marvin

Meu pai não tinha educação
 Ainda me lembro
 Era um grande coração
 Ganhava a vida
 Com muito suor
 E mesmo assim
 Não podia ser pior
 Pouco dinheiro
 Prá poder pagar
 Todas as contas
 E despesas do lar...
 Mas Deus quis
 Vê-lo no chão
 Com as mãos
 Levantadas pr'o céu
 Implorando perdão
 Chore!
 Meu pai disse:
 "Boa sorte"
 Com a mão no meu ombro
 Em seu leito de morte
 E disse:
 "Marvin, agora é só você
 E não vai adiantar
 Chorar vai me fazer sofrer"...
 E três dias depois de morrer
 Meu pai, eu queria saber
 Mas não botava
 Nem os pés na escola
 Mamãe lembrava
 Disso a toda hora...
 E todo dia
 Antes do sol sair
 Eu trabalhava
 Sem me distrair
 Às vezes acho que
 Não vai dar pé
 Eu queria fugir
 Mas onde eu estiver
 Eu sei muito bem
 O que ele quis dizer
 Meu pai, eu me lembro
 Não me deixa esquecer
 Ele disse:
 "Marvin, a vida é prá valer
 Eu fiz o meu melhor
 E o meu destino
 Eu sei de cor"...
 -"E então um dia
 Uma forte chuva veio
 E acabou com o trabalho
 De um ano inteiro
 E aos treze anos
 De idade eu sentia
 Todo o peso do mundo
 Em minhas costas
 Eu queria jogar
 Mas perdi a aposta"...
 Trabalhava feito
 Um burro nos campos
 Só via carne
 Se roubasse um frango
 Meu pai cuidava
 De toda a família
 Sem perceber
 Segui a mesma trilha
 E toda noite minha mãe orava
 Deus!
 Era em nome da fome
 Que eu roubava
 Dez anos passaram
 Cresceram meus irmãos
 E os anjos levaram
 Minha mãe pelas mãos
 Chore!
 Meu pai disse:
 "Boa sorte"
 Com a mão no meu ombro
 Em seu leito de morte
 E disse:
 "Marvin, agora é só você
 E não vai adiantar
 Chorar vai me fazer sofrer"

"Marvin, a vida é prá valer
Eu fiz o meu melhor
E o seu destino eu sei de cor"...

AA UU

AA! UU! AA! UU!
AA! UU! AA! UU!
Estou ficando louco
De tanto pensar
Estou ficando rouco
De tanto gritar...(2x)
AA! UU! AA! UU!
AA! UU! AA! UU!
Eu como, eu durmo
Eu durmo, eu como
Eu como, eu durmo
Eu durmo, eu como...
Está na hora de acordar
Está na hora de deitar
Está na hora de almoçar
Está na hora de jantar...(2x)
AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!
AA! UU! AA! UU!
AA! UU! AA! UU!
AA! UU! AA! UU!
AA! UU! AA! UU!
Estou ficando cego
De tanto enxergar
Estou ficando surdo
De tanto escutar...(2x)
AA! UU! AA! UU!
AA! UU! AA! UU!
Não como, não durmo
Não durmo, não como
Não como, não durmo
Não durmo, não como...
Está na hora de acordar
Está na hora de deitar
Está na hora de almoçar
Está na hora de jantar...(2x)
AA! UU! AA! UU!
AA! UU! AA! UU!

Go Back

Você me chama
Eu quero ir pr'o cinema
Você reclama
Meu coração não contenta
Você me ama
Mas de repente
A madrugada mudou
E certamente
Aquele trem já passou
Se passou, passou
Daqui prá melhor
Foi!...
Só quero saber
Do que pode dá certo
Não tenho tempo a perder
Só quero saber
Do que pode dá certo
Não tenho tempo a perder...(2x)
Você me chama
Eu quero ir pr'o cinema
Você reclama
Meu coração não contenta
Você me ama
Mas de repente
A madrugada mudou
E certamente
Aquele trem já passou
Se passou, passou
Daqui prá melhor
Foi!...
Só quero saber
Do que pode dá certo
Não tenho tempo a perder
Só quero saber
Do que pode dá certo
Não tenho tempo a perder...(2x)
-"Não é o meu país
É uma sombra que pende
Concreta
Do meu nariz em linha reta
Não é minha cidade
É um sistema que invento
Me transforma
E que acrescento
À minha idade
Nem é o nosso amor
É a memória que suja
A história que enferruja
O que passou
Não é você
Nem sou mais eu
Adeus meu bem

Adeus! Adeus!
Você mudou, mudei também
Adeus amor! Adeus!
E vem!"
Só quero saber
Do que pode dá certo
Não tenho tempo a perder
Só quero saber
Do que pode dá certo
Não tenho tempo a perder...(2x)

Polícia

Dizem que ela existe
Prá ajudar!
Dizem que ela existe
Prá proteger!
Eu sei que ela pode
Te parar!
Eu sei que ela pode
Te prender!...
Polícia!
Para quem precisa
Polícia!
Para quem precisa
De polícia...(2x)
Dizem prá você
Obedece!
Dizem prá você
Responder!
Dizem prá você
Cooperar!
Dizem prá você
Respeitar!...
Polícia!
Para quem precisa
Polícia!
Para quem precisa
De polícia...(2x)

Cabeça Dinossauro

Cabeça dinossauro
Cabeça dinossauro
Cabeça cabeça
Cabeça dinossauro
Pança de mamute
Pança de mamute
Pança pança
Pança de mamute
Espírito de porco
Espírito de porco
Espírito de porco
Massacre
Massacre! Massacre de uomo!
Matança! Matança de dona!
Eu vi, eu vi, eu vi, eu vi, eu vi, eu vi
En jornal nacional!
El Duce! El Duce en Itália!
El Führer! El Führer en Germânia!
Brazil, Brazil, Brazil, Brazil, Brazil, Aldeia
Globale!
Massacre! Massacre de uomo!
Matança! Matança de dona!
Eu vi, eu vi, eu vi, eu vi, eu vi, eu vi
En jornal nacional!
Massacre!
Massacre!
Massacre!

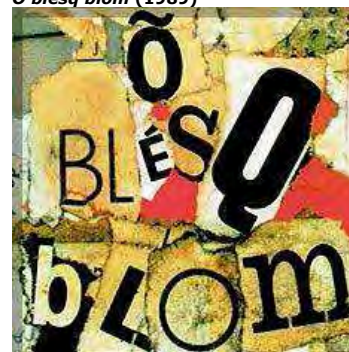
Não Vou Me Adaptar

Eu não caibo mais
Nas roupas que eu cabia
Eu não encho mais
A casa de alegria
Os anos se passaram
Enquanto eu dormia
E quem eu queria bem
Me esquecia...
Será que eu falei
O que ninguém ouvia?
Será que eu escutei
O que ninguém dizia?
Eu não vou me adaptar
Me adaptar...
Eu não tenho mais
A cara que eu tinha
No espelho essa cara
Não é minha
Mas é que quando
Eu me toquei
Achei tão estranho
A minha barba estava
Desse tamanho...
Será que eu falei
O que ninguém ouvia?
Será que eu escutei

O que ninguém dizia?
Eu não vou me adaptar
Me adaptar...
Não vou!
Me adaptar! Me adaptar!
Não vou! Me adaptar!
Não vou! Me adaptar!...

Lugar nenhum

Não sou brasileiro,
Não sou estrangeiro,
Não sou brasileiro,
Não sou estrangeiro.
Não sou de nenhum lugar,
Sou de lugar nenhum.
Não sou de São Paulo, não sou japonês.
Não sou carioca, não sou português.
Não sou de Brasília, não sou do Brasil.
Nenhuma pátria me pariu.
Eu não tô nem aí.
Eu não tô nem aqui.

TITÁS**Ô blesq blom (1989)****Introdução Por Mauro E Quitéria**
Instrumental**Miséria**

Miséria é miséria em qualquer canto
Riquezas são diferentes
Índio, mulato, preto, branco
Miséria é miséria em qualquer canto
Riquezas são diferentes
Miséria é miséria em qualquer canto
Filhos, amigos, amantes, parentes
Riquezas são diferentes
Ninguém sabe falar esperanto
Miséria é miséria em qualquer canto
Todos sabem usar os dentes
Riquezas são diferentes
Miséria é miséria em qualquer canto
Riquezas são diferentes
Miséria é miséria em qualquer canto
Fracos, doentes, aflitos, carentes
Riquezas são diferentes
O Sol não causa mais espanto
Miséria é miséria em qualquer canto
Cores, raças, castas, crenças
Riquezas são diferenças
A morte não causa mais espanto
O Sol não causa mais espanto
A morte não causa mais espanto
O Sol não causa mais espanto
Miséria é miséria em qualquer canto
Riquezas são diferentes
Cores, raças, castas, crenças
Riquezas são diferenças
Índio, mulato, preto, branco
Filhos, amigos, amantes, parentes
Fracos, doentes, aflitos, carentes
Cores, raças, castas, crenças
Em qualquer canto miséria
Riquezas são miséria
Em qualquer canto miséria

Racio Símio

O anão tem um carro com rodas gigantes
Dois elefantes incomodam muito mais
Só os mortos não reclamam
Os brutos também mamam
Mamãe eu quero mamar
Eu não tenho onde morar
Eu moro aonde não mora ninguém
Quem tem grana que dê a quem não tem
Racio símio, racio símio, racio símio, racio símio

Quem esporra sempre alcança
Com Maná adubando dá
Ninguém joga dominó sozinho
É dos carecas que elas gostam mais
A soma do quadrado dos catetos é o
quadrado da hipotenusa
Nem tudo que se tem se usa
Racio símio, racio símio, racio símio, racio
símio
Racio símio, racio símio, racio símio, racio
símio
Os cavalheiros sabem jogar damas
Os prisioneiros podem jogar xadrez
Só os chatos não disfarçam
Os sonhos despedaçam
A razão é sempre do freguês
Eu não tenho onde morar
Moro aonde não mora ninguém
Quem come prego sabe o cu que tem
Racio símio, racio símio, racio símio, racio
símio

O Camelo e o Dromedário

Há uma questão que há muito tempo me
incomoda
Qual será a vantagem de se ter uma ou
duas corcovas?
O que iremos formular é somente um
questionário
Qual diferença haverá entre o
Dromedário e o Camelo?
E entre o Camelo e o Dromedário?
Postos frente a frente causam a mesma
impressão
Mas quando postos de lado faz-se logo a
correção
O Camelo difere do Dromedário que só
tem uma corcova
O Dromedário já difere do Camelo por ter
lá suas duas corcovas
Há muitas coincidências entre os nossos
dois ruminantes
Mas quando chamamos em ordem
alfabética
é o Camelo que vem sempre antes
O Camelo está na letra C de quase todo
abecedário
A letra D por sua vez traz sempre a figura
do Dromedário
Haverá mesmo uma rusga entre os dois
mamíferos quadrúpedes?
Ou desavenças são propriedades apenas
de nós humanos bípedes?
Só se anda de Dromedário no deserto do
Saara
Mas quem já viu aonde dorme o Camelo
lá na Guanabara?
O Camelo é o Pão de Açúcar com a Urca
vistos em relevo
Mas o Dromedário e o Corcovado só o
Cristo é que não pode vê-lo
Será que por ter duas corcovas o Camelo
passa mais tempo
sem beber água?
Ou pelo contrário com um peso maior
beba
mais água que o Dromedário?
Será que o bom Dromedário com sua
única
corcova tem por cima mais espaço?
E ficaria assim nosso amigo Camelo
exposto a um maior cansaço?
Aquele que acertar a primeira resposta
Receberá duas corcovas em suas costas
Aquele que só acertar a segunda
Não tardará a ficar com uma enorme
corcunda

Palavras

Palavras não são más
Palavras não são quentes
Palavras são iguais
Sendo diferentes
Palavras não são frias
Palavras não são boas
Os números pra os dias
E os nomes pra as pessoas
Palavra eu preciso
Preciso com urgência
Palavras que se usem
em caso de emergência
Dizer o que se sente
Cumprir uma sentença
Palavras que se diz
Se diz e não se pensa
Palavras não têm cor

Palavras não têm culpa
Palavras de amor
Pra pedir desculpas
Palavras doentias
Páginas rasgadas
Palavras não se curam
Certas ou erradas
Palavras são sombras
As sombras viram jogos
Palavras pra brincar
Brinquedos quebram logo
Palavras pra esquecer
Versos que repito
Palavras pra dizer
De novo o que foi dito
Todas as folhas em branco
Todos os livros fechados
Tudo com todas as letras
Nada de novo debaixo do sol

Medo

Precisa perder o medo do sexo
Precisa perder o medo da morte
Precisa perder o medo da música
Precisa perder o medo da música
O que se vê não se via
O que se crê não se cria
Precisa perder o medo da musa
Precisa perder o medo da ciência
Precisa perder o medo da perda
Da consciência
O que se vê não se via
O que se crê não se cria
Precisa perder o medo de mim
Precisa perder o medo de mim
Precisa perder o medo da música
Precisa perder o medo da música
O que se vê não se via
O que se crê não se cria
Medo medo medo medo
O que se crê não se cria
Precisa perder o medo da musa
Precisa perder o medo da musa
Precisa perder o medo da música
Precisa perder o medo da música
Medo medo medo medo
O que se crê não se cria

Natureza Morta

As flores estão murchas
As flores estão secas
As frutas estão podres
As frutas estão podres
As frutas estão podres
As frutas estão podres

Flores

Olhei até ficar cansado
De ver os meus olhos no espelho
Chorei por ter despedaçado
As flores que estão no canteiro
Os punhos e os pulsos cortados
E o resto do meu corpo inteiro
Há flores cobrindo o telhado
E embaixo do meu travesseiro
Há flores por todos os lados
Há flores em tudo que eu vejo
A dor vai curar essas lástimas
O soro tem gosto de lágrimas
As flores têm cheiro de morte
A dor vai fechar esses cortes
Flores
Flores
As flores de plástico não morrem
Olhei até ficar cansado
De ver os meus olhos no espelho
Chorei por ter despedaçado
As flores que estão no canteiro
Os punhos e os pulsos cortados
E o resto do meu corpo inteiro
Há flores cobrindo o telhado
E embaixo do meu travesseiro
Há flores por todos os lados
Há flores em tudo que eu vejo
A dor vai curar essas lástimas
O soro tem gosto de lágrimas
As flores têm cheiro de morte
A dor vai fechar esses cortes
Flores
Flores
As flores de plástico não morrem
Flores
Flores
As flores de plástico não morrem

O Pulso

O pulso ainda pulsa
O pulso ainda pulsa...
Peste bubônica
Câncer, pneumonia
Raiva, rubéola
Tuberculose e anemia
Rancor, cisticercose
Caxumba, difteria
Encefalite, faringite
Gripe e leucemia...
E o pulso ainda pulsa
E o pulso ainda pulsa
Hepatite, escarlatina
Estupidez, paralisia
Toxoplasmose, sarampo
Esquizofrenia
Úlcera, trombose
Coqueluche, hipocondria
Sífilis, ciúmes
Asma, cleptomania...
E o corpo ainda é pouco
E o corpo ainda é pouco
Assim...
Reumatismo, raquitismo
Cistite, disritmia
Hérnia, pediculose
Tétano, hipocrisia
Brucelose, febre tifóide
Arteriosclerose, miopia
Catapora, culpa, cárie
Câimbra, lepra, afasia...
O pulso ainda pulsa
E o corpo ainda é pouco
Ainda pulsa
Ainda é pouco
Pulso (4x)
Assim...

32 Dentes

Eu nunca mais vou dizer o que realmente
penso
Eu nunca mais vou dizer o que realmente
sinto
Eu juro Eu juro (por Deus)
Não confio em ninguém
Não confio em ninguém
Não confio em ninguém com mais de 30
Não confio em ninguém com 32 Dentes
Meu pai um dia me falou pra que eu
nunca mentisse
Mas ele se esqueceu de dizer a verdade
Eu não sei fazer música mas eu faço
Eu não sei cantar as músicas que faço
mas eu canto
Ninguém sabe nada (4x)

Faculdade

Fa-cul-da-de
Faculdade mental
Faculdade medicinal
Faculdade
Eu nunca fiz faculdade
Pro-pri-e-da-de
Propriedade associativa
Propriedade particular
Propriedade
Não tenho nenhuma propriedade
Fe-li-ci-da-de
Felicidade natal
Felicidade satélite
Felicidade industrial
Felicidade maravilhosa
Hoje não tem felicidade
U-ti-li-da-de
Utilidade doméstica
Utilidade pública
Utilidade
Não tem nenhuma utilidade
So-ci-e-da-de
Sociedade primitiva
Sociedade anônima
Sociedade
Não vivo em sociedade
Carteira de identidade
Perda de identidade
Identidade dupla
Identidade xerox
Não tenho mais identidade

Deus e o Diabo

Deus está debaixo da mesa
O diabo está atrás do armário
Deus está atrás da porta
O diabo está no meio da sala

Eu que queria tanto ter alguém
Agora eu sei sem mim eu não sou
ninguém
Longe de mim nada mais faz sentido
Pra toda vida eu quero estar comigo
Foi tão difícil pra eu me encontrar
É muito fácil um grande amor acabar,
mas
Eu vou lutar por esse amor até o fim
Não vou mais deixar eu fugir de mim
Agora eu tenho uma razão pra viver
Agora eu posso até gostar de você
Completamente eu vou poder me
entregar
É bem melhor você sabendo se amar

Se você sabia

Se você sabia
Que não podia naquele dia
Por que é que não me contou
Por que é que não me avisou
Por que é que não me falou
Você me sacaneou
Se você sabia
Que não podia naquele dia
O que seu pai vai dizer
Quando ele perceber sobre você
Vai se aborrecer
Vai querer me bater
Vai querer me prender
Vai querer me morder
O que seu pai vai dizer
Quando ele perceber sobre você
Quase que a gente dança
Seu pai não é mais criança
E você com essa pança
Ah, se ele me alcança
Se ele não se cansa
Se ele não se amansa
Acorda a vizinhança
Quase que a gente dança
Seu pai não é mais criança

Independente Futebol Clube

Eu não sou seu
Eu não sou de ninguém
Você não é minha
Eu não tenho ninguém
Nós somos livre
Independente futebol clube
Você não manda em mim
Eu não mando em você
Eu só faço o que eu quero
Você só faz o que quer
Nós somos livres
Independente futebol clube
Se a gente tá assim
Comendo capim
É porque a gente quer
E se não quisermos
Nós somos livres
Independente futebol clube

ULTRAJE A RIGOR Liberdade para Marylou (1986)



Marylou

Eu tinha uma galinha
Que se chamava Marylou
Um dia fiquei com fome
E papei a Marylou
Marylou! (Marylou!)
Marylou! (Marylou!)
Tinha cara de babaca

Marylou! (Marylou!)
Marylou! (Marylou!)
Botava ovo pela cloaca...
Eu tinha uma vaquinha
Que se chamava Sara Lee
Um dia fiquei com fome
E papei a Sara Lee
Sara Lee! (Sara Lee!)
Sara Lee! (Sara Lee!)
Tinha cara de careta
Sara Lee! (Sara Lee!)
Sara Lee! (Sara Lee!)
Botava leite pela teta...
Eu tinha uma galinha
Que se chamava Marylou
Um dia fiquei com fome
E papei a Marylou
Marylou! (Marylou!)
Marylou! (Marylou!)
Tinha cara de babaca
Marylou! (Marylou!)
Marylou! (Marylou!)
Botava ovo pela cloaca...
Marylou! Marylou!
Transava até com urubu
Marylou! Marylou!
Botava ovo pelo cu...

Hino Dos Cafajestes

Nós, os cafajestes do Brasil
temos como missão cafajestar
queremos nossas esposas prá chifrar
e o povo prá enganar
Filhos nos quatro cantos do Brasil
pensões que nós deixamos de pagar
contamos com o respaldo popular
em qualquer lugar
Canalhas!
em qualquer posto dessa nossa sociedade
os cafajestes do Brasil
podem viver com toda liberdade

Nós Vamos Invadir Sua Praia

Daqui do morro dá pra ver tão legal
O que acontece aí no seu litoral
Nós gostamos de tudo, nós queremos é
mais
Do alto da cidade até a beira do cais
Mais do que um bom bronzeado
Nós queremos estar do seu lado
Nós 'tamo' entrando sem óleo nem creme
Precisando a gente se espreme
Trazendo a farofa e a galinha
Levando também a vitrolinha
Separa um lugar nessa areia
Nós vamos chacoalhar a sua aldeia
Mistura sua laia
Ou foge da raia
Sai da tocaia
Pula na baia
Agora nós vamos invadir sua praia
Daqui do morro dá pra ver tão legal
O que acontece aí no seu litoral
Nós gostamos de tudo, nós queremos é
mais
Do alto da cidade até a beira do cais
Mais do que um bom bronzeado
Nós queremos estar do seu lado
Agora se você vai se incomodar
Então é melhor se mudar
Não adianta nem nos desprezar
Se a gente acostumar a gente vai ficar
A gente tá querendo variar
E a sua praia vem bem a calhar
Não precisa ficar nervoso
Pode ser que você ache gostoso
Ficar em companhia tão saudável
Pode até lhe ser bastante recomendável
A gente pode te cutucar
Não tenha medo, não vai machucar

ULTRAJE A RIGOR Sexo (1987)



Eu Gosto De Mulher

Vou te contar o que me faz andar
Se não é por mulher não saio nem do
lugar
Eu já não tento nem disfarçar
Que tudo que eu me meto é só pra
impressionar
Mulher de corpo inteiro
Não fosse por mulher eu nem era
roqueiro
Mulher que se atrasa, mulher que vai na
frente
Mulher dona-de-casa, mulher pra
presidente
Mulher de qualquer jeito
Você sabe que eu adoro um peito
Peito pra dar de mamar
E peito só pra enfeitar
Mulher faz bem pra vista
Tanto faz se ela é machista ou se é
feminista
'Cê pode achar que é um pouco de
exagero
Mas eu sei lá, nem quero saber,
eu gosto de mulher, eu gosto de mulher
eu gosto de mulher
Ooo ooo ooo oo
Eu gosto é de mulher!
Ooo ooo ooo oo
Eu gosto é de mulher!
Ooo ooo ooo oo
Eu gosto é de mulher!
Ooo ooo ooo oo
Eu gosto é de mulher!
Ooo ooo ooo oo
Eu gosto é de mulher!
Nem quero que você me leve a mal
Eu sei que hoje em dia isso nem é normal
Eu sou assim meio atrasadão
Conservador, reacionário e caretão
Pra quê ser diferente
Se eu fico sem mulher eu fico até doente
Mulher que lava roupa, mulher que guia
carro
Mulher que tira a roupa, mulher pra tirar
sarro
Mulher eu já provei
Eu sei que é bom demais, agora o resto
eu não sei
Sei que eu não vou mudar
Sei que eu não vou nem tentar
Desculpe esse meu defeito
Eu juro que não é bem preconceito
Eu tenho amigo homem, eu tenho amigo
gay
Olha eu sei lá, eu sei que eu não sei,
Eu gosto é de mulher Eu gosto é de
mulher
Eu adoro mulher!
Eu não durmo sem mulher!

Dênis, O Que Você Quer Ser Quando Crescer?

'Cê não responde quando eu quero saber
Fica me olhando com essa cara de pau
Mas não parece preocupar você
'Cê dá a impressão que nunca vai se dar
mal
Eu me interesse pelo seu futuro
'Cê não parece nem ligar pra dinheiro
Será que sempre você vai ficar duro
Será que um dia você vai se casar
ou será que vai ficar solteiro?
O quê você quer ser quando crescer?

Só quer saber de farrá todos os dias
É até bom 'cê ser assim sociável
Mas fique atento com as más companhias
Você precisa ser mais responsável
Você não pode ser tão relaxado
Que a vida às vezes é uma competição
Eu sempre te tratei com todo cuidado
Eu confio em você, não vá me deixar na mão
O quê você quer ser quando crescer?
Eu nunca soube o que você queria ser
Mas eu sabia que não tinha o que temer
Você me dá tanta alegria, eu tenho muito orgulho de você

Terceiro

Todo equipado, preparado na linha de partida
Daqui a pouco vai ser dada a saída
Todo mundo nervoso e eu não to nem aí
(O importante é competir!)
Então tá, vamo lá, nem vou me preocupar
Já tá tudo armado pra eu me conformar
Eu vou tentar só pra não falar que eu nem sou atleta
Ia ser legal chegar junto na frente
Mas iam falar que quero ser diferente
Tá bom demais, pelo menos eu não saio da reta
Por isso eu sempre sou
Terceiro! Ôba-Ôba!
Terceiro! Ôba-Ôba!
Terceiro! Ôba-Ôba!
Terceiro! Ôba-Ôba!
Terceiro!
Pra mim tá louco de bom!
Marcando passo vou seguindo sem ser muito ligeiro
Com cuidado pra não ser o primeiro
É bonito, eu imito mas o pódium não é pra mim (Eu não sou a fim!)
Se eu me esforço demais vou ficar cansado
Já dá pra enganar eu ficando suado
Se reclamarem eu boto a culpa no patrocinador
Não botaram fé porque não ia dar pé
Não ia dar pé porque não botaram fé
De qualquer forma eu pego um bronze porque eu gosto da cor
Por isso eu sempre sou
Terceiro! Ôba-Ôba!
Terceiro! Ôba-Ôba!
Terceiro! Ôba-Ôba!
Terceiro!
Pra mim tá louco de bom!

A Festa

Eu esperei o mês inteiro
O dia da festa chegar
Ensaia no banheiro
Muxoxos só pra te agradar
Em frente ao espelho eu decorei
Mil trejeitos prá te excitar
Fiz roupinhas, me embonequei
Só pra te conquistar
Eu sabia tudo tudo que eu tinha a dizer
Que língua falar, aonde alisar, como me comportar
Eu preparei tudo tudo que eu tinha a fazer
Eu só podia abafar
Ela gostou do meu jeito de falar
Dando um gemidinho
Se amarrou no meu olhar
E no meu beicinho
Eu fiz tudo direitinho
Deu tudo certo
Mas quem que eu vou ser, e o que eu vou fazer
Quando a festa acabar
UAUAUA UAUAUA UAUAUA
A É I O U

Prisioneiro

Nunca soube o que era constituição
Cresci sem mãe, sem pai e sem patrão
Comecei desde cedo a roubar o meu pão
E o café e o licor pra ajudar a digestão
Prisioneiro, prisioneiro, prisioneiro não
Se você me pegar eu vou chamar meu irmão
Com tanta gente roubando ninguém vai me pegar

Sigo tranqüilo no meio ninguém vai me dedar
Vivo bem com o tráfico e com a corrupção
Se o negócio sujar é só tomar um avião
Duvido que um dia isso possa mudar
Tem prá todos ninguém irá tentar
Me tirar o apoio e a posição
Me colocar enfim numa prisão

Sexo

Sexo!
Sexo!
Como é que eu fico sem Sexo?
Eu quero Sexo! Me dá Sexo!
Hoje vai passar um filme na TV
Que eu já vi no cinema
Épa! Mutilaram o filme
Cortaram uma cena...
E só porque
Aparecia uma coisa
Que todo mundo conhece
Se não conhece
Ainda vai conhecer
E não tem nada de mais
Se a gente nasceu
Com uma vontade
Que nunca se satisfaz
Verdadeiro perigo
Na mente dos boçais...
Corri prá quarto
Acendi a luz
Olhei no espelho
O meu tava lá
Ainda bem
Que eu não tô na TV
Senão ia ter que cortar...
Ui!
Sexo!
Como é que eu fico sem Sexo?
Eu quero Sexo! Me dá Sexo!
Sexo!
Como é que eu fico sem Sexo?
Eu quero Sexo! Vem cá Sexo!
Bom! Vá lá, vai ver
Que é pelas crianças
Mas quem essa besta pensa
Que é prá decidir?
Depois aprende por aí
Que nem eu aprendi...
Tão distorcido
Que é uma sorte eu não
Ser perverso
Voltei prá sala
Vou ver o jornal
Quem sabe me deixam
Ver a situação geral
E é eleição, é inflação
Corrupção e como tem ladrão
E assassino e terrorista
E a guerra espacial
Socorro!...
Eu quero Sexo! Me dá Sexo!
Como é que eu fico sem Sexo?
Sexo!
Me dá Sexo! Me dá Sexo!
Eu quero Sexo!
Sexo! Eu quero Sexo!
Como é que eu fico sem Sexo?
Me dá Sexo! Me dá Sexo!
Eu quero Sexo!
Como é que eu fico sem Sexo?
Sexo!
Sexo! Eu quero Sexo!
Como é que eu fico sem Sexo?
Vem cá Sexo! Senta Sexo!
Vem cá Sexo! Me dá Sexo!
Solta Sexo!

Pelado

Que legal nós dois
Pelados aqui
Que nem me conheceram
O dia que eu nasci
Que nem no banho
Por baixo da etiqueta
É sempre tudo igual
O curioso e a xereta
Que gostoso, sem frescura
Sem disfarce, sem fantasia
Que nem seu pai, sua mãe
Seu avô, sua tia...
Proibido pela censura
O decoro e a moral
Liberado e praticado
Pelo gosto geral

Pelado todo mundo gosta
Todo mundo quer
Ah é? É!
Pelado todo mundo fica
Todo mundo é...
Pelado, pelado
Nu com a mão no bolso
Pelado, pelado
Nu com a mão no bolso
Pelado, pelado
Nu com a mão no bolso
Nu com a mão no bolso
Nu com a mão no bolso
Nu com a mão no bolso
Nu com a mão no bolso
Nu com a mão no bolso
Nu com a mão no bolso
Nu com a mão no bolso...
Indecente
É você ter que ficar
Despido de cultura
Daí não tem jeito
Quando a coisa fica dura
Sem roupa, sem saúde
Sem casa, tudo é tão imoral
A barriga pelada
É que é a vergonha nacional
Vai!
Pelado, pelado
Nu com a mão no bolso
Pelado, pelado
Nu com a mão no bolso
Pelado, pelado
Nu com a mão no bolso
Nu com a mão no bolso
Nu com a mão no bolso
Nu com a mão no bolso
Nu com a mão no bolso
Nuzinho pelado
Nu com a mão no bolso!

Ponto De Ônibus

Ônibus - não!
Ônibus - não!
Quê que eu 'tô fazendo aqui,
Nesse ponto de ônibus;
Essas pessoas paradas aqui,
Nesse ponto de ônibus;
Quando eu tiver dinheiro,
Quando eu tiver dinheiro,
Eu prometo a mim mesmo que
Eu só vou andar de táxi
Ainda se o tempo não tivesse mudado,
Ainda se o ônibus tivesse parado
E esse cara, aqui do meu lado,
Fica me olhando com cara de tarado
Quando eu tiver dinheiro,
Quando eu tiver dinheiro,
Eu prometo a mim mesmo que
Eu só vou andar de táxi
O motorista não foi nada educado,
Passou na poça e me deixou encharcado
Parou à frente, super-lotado
E o cobrador que nunca tem trocado
Quando eu tiver dinheiro,
Quando eu tiver dinheiro,
Eu prometo a mim mesmo que
Eu só vou andar de táxi

Maximillian Sheldon

Maximillian Sheldon era um detetive
Patrulhando casos que eu nunca tive
Maximillian Sheldon me fazia andar na linha
Maximillian Sheldon me investigava
Maximillian Sheldon me incomodava
Maximillian Sheldon era um problemão
que eu tinha
Maximillian Sheldon
Maximillian Sheldon era tão consciente
Maximillian Sheldon era muito exigente
Maximillian Sheldon nunca tinha se divertido
Maximillian Sheldon se achava perfeito
Maximillian Sheldon era muito suspeito
Maximillian Sheldon era um pouco perverso
Eu vou matar Maximillian Sheldon

Will Robinson E Seus Robots

Perigo, Perigo!
Perigo, Perigo!
Perigo, Perigo!
Perigo, Perigo!

Cuidado Will!
Cuidado Will!
Cuidado Will!
Cuidado Will!

ULTRAJE A RIGOR
Crescendo (1989)



Crescendo
Instrumental

Filha da Puta

Morar nesse país
É como ter a mãe na zona
Você sabe que ela não presta
E ainda assim adora essa gatona
Não que eu tenha nada contra
Profissionais da cama
Mas são os filhos dessa dama
Que você sabe como é que chama
Filha da puta
É tudo filho da puta
É uma coisa muito feia
E é o que mais tem por aqui
E sendo nós da Pátria filhos
Não tem nem como fugir
E eu não vi nenhum tostão
Da grana toda que ela arrecadou
Na certa foi parar na mão
De algum maldito gigolô
Filha da puta
É tudo filho da puta
'Cês me desculpem o palavão
Eu bem que tentei evitar
Mas não achei outra definição
Que pudesse explicar
Com tanta clareza
Aquilo tudo que agente sente
A terra é uma beleza
O que estraga é essa gente
Filha da puta

Volta Comigo

Eu bem que pedi pra você me esperar
Mas mesmo assim você resolveu casar
Preferiu a segurança de uma vida "certa"
Ponderou que bom marido não estava em oferta
Hoje você está casada e cheia de filho
Mas não quero acreditar que isso seja empecilho
De qualquer forma eu vou te fazer uma proposta
E vou esperar ansiosamente a sua resposta
Será que você não quer dar uma voltinha comigo?
Pra gente se lembrar daquele nosso amor antigo
Se você quiser que eu use camisinha eu não ligo
Tirando seu marido 'cê não corre perigo!
Eu realmente espero que você seja muito feliz
Mas você pensa bem e vê o que é que você me diz
Você bem que podia liberar esse galho
Garanto pra você que ia ser legal pricar...
Faço esse pedido por que eu gosto de você
Naquele tempo a gente nem sabia o que fazer
Pode ser que eu ainda tenha alguma chance
Talvez você sinta falta de um pouco de romance

Laços de Família

Em um apartamento
Com estranhos labirintos
E confusões
Contusões machucam cada músculo
De cada coração
Cada gesto disfarça uma emboscada
Paira no ar a triste piada
Mas se alguém riu, também não viu
Que toda comédia tem no fundo uma tragédia
Em cada canto de cada boca
Escorre um pouco de veneno
As expressões nada tem de sereno
Pais e filhos encurralados
Sufocados em laços de família
Quase toda família
É uma orquestra desafinada
Num álbum velho
Estão eternizadas
Numa fotografia desfocada
As convergências, as divergências
A emergência de cada um
Em procurar uma saída
Que não leve de volta
Ao ponto de partida
Qualquer deslize pode ser crucial
E transformar cada membro
Em um feroz animal

Secretários Eletrônicos

Isto é uma gravação
Deixe seu recado...
Isto é uma gravação
Deixe seu recado...

Maquininha

Instrumental

Ricota

Sanduíche de ricota
Panetone de ricota
Esfiha de ricota
Canelone de ricota (Hmmm...!)
Sorvete de ricota
Feijoada de ricota
Strogonoff de ricota
Limonada de ricota (Hmmm...!)

A Constituinte

Instrumental

Crescendo II - A Missão

Não se preocupe em crescer
De qualquer jeito você vai crescer
E não se preocupe em permanecer jovem, você vai crescer
Sem perceber, mas não vá se esquecer
De tudo aquilo que você queria ser
(Santa Inocência!)
Jovem, não vá se esquecer dos seus ideais
E não vá ser tudo aquilo que você criticava
E tudo aquilo que você odiava
(Santa inocência!)
Todo jovem quer mudar o mundo
Vai fundo e se acha tão profundo
E num segundo cresce e envelhece
E se esquece...
E não consegue nem mudar esse país
E não consegue ser o que ele sempre quis
E se troca por dinheiro feito uma meretriz
E não consegue nem ser feliz
(Santa inocência!)
Enquanto você é criança
Ainda é uma esperança
Em que os românticos como eu podem acreditar
(Santa inocência, santa inocência!)
Só você pode nos tirar desse círculo viciado
Quando você crescer (Se você não tiver mudado...)
(Santa inocência!)
Você vai acabar crescendo e amadurecendo
E é bom amadurecer, mas tome muito cuidado
Pra não se misturar com aqueles que já estão Apodrecendo
Uma criança é o que você é

Que pode vir a ser o que você quiser
Dependemos de você
E quando você crescer
Nunca perca a sua essência de criança
Nunca esqueça a inocência de criança
(Santa inocência!)
Mesmo quando os inocentes
Justamente por serem diferentes
Estão sujeitos a todo tipo de injustiça
Como eu que fui acusado, por uma vigarista,
De ser corruptor de menores em Chapecó
E a mãe dessa menor, vejamos só
Me pediu um automóvel pra retirar a acusação
E como sou inocente eu disse não
Porque também não sou corruptor de maiores
Aliás como corruptor seria dos piores
(Santa inocência!)
Uma coisa tão corriqueira como um suborno
Transformou-se há pouco tempo num transtorno
Por eu não querer fazer a coisa errada
E não saber ficar de boca calada
Vendo meus direitos serem usurpados
Agora vivo entre advogados
(Santa inocência!)
E como dói perder a inocência
E o pouco que me sobrava da adolescência
Eu sim fui estuprado sem vaselina
Pela mãe de uma menina em Sta. Catarina
(Santa inocência!)
Você também vai crescer mas não fique preocupado
Eu estou crescendo mas estou sempre ligado
(Santa inocência, santa inocência...!)

Ice Bucket

- Esta música chama-se Ice Bucket.
- Por quê?
- Porque... sim.
- Hi, hi, hi...
- Hi, hi...

Coragem

Só porque você não tem futuro
Não é motivo pra ficar inseguro
Já que a gente tá todo mundo nessa barca furada
Melhor aproveitar pra dar uma nadada
Só porque agora 'cê tá duro
Não é motivo pra ficar inseguro
Já que a gente tá todo mundo na beira do abismo
Boa hora pra aprender pára-quedismo
Você precisa ter coragem, coragem, coragem
Coragem
Coragem pra reagir
Coragem pra crescer
Coragem pra decidir
Coragem pra viver
Não adianta ir pro analista
Nem adianta ir pro aeroporto
Não tem como fugir, a vida é dura
Ansiedade, depressão, insegurança, isso tudo é frescura
Chega de culpar alguém por tudo
Enfrente o medo e abaixe o seu escudo
'Cê já chorou bastante, agora pára
Vê se cria vergonha nessa cara
Você precisa ter coragem, coragem, coragem
Coragem
Coragem pra cair
Coragem pra levantar
Coragem pra discutir
Coragem pra ganhar

Os cães ladram (mas não mordem) e a caravana passa

Instrumental

Querida Mamãe

Sempre achei que você
Me tratava de uma forma diferente
Desde pequeno até hoje
Como se eu fosse uma pessoa deficiente
Se eu caía de cama doente
Você dormia do meu lado
E eu me sentia menos mal
Quando seus cuidados iam além do normal

Mas por favor, eu te peço
 Não esquece que sou seu filho
 Eu também quero ser seu amigo
 Mas mãe não posso ser seu marido
 Não posso ser o seu marido
 Pare de me proteger assim
 Não posso ser o seu marido
 Larga do meu pé, sai de cima de mim
 Não posso ser o seu marido
 Não posso não
 Não posso ser o seu marido...
 Mãe eu gosto muito de carinho
 Fico contente por ser o preferido
 Mas quando a gente fica sozinho
 Teu jeito estranho me deixa inibido
 Não eu não tô mais engatinhando
 Não se preocupe eu já posso ir andando
 Você tem que tentar entender
 Que eu preciso me afastar, eu preciso crescer

O Chiclete

O chiclete que você mastiga não é igual ao meu
 O chiclete que você mastiga não é igual ao meu
 O chiclete que você mastiga não é igual ao meu
 O chiclete que você mastiga não é igual ao meu
 Enche a boca de ar
 Depois dá um assoprão
 Faz bem pro "seu" mané do bar
 Mas pra sua dentadura não
 O chiclete que você mastiga não é igual ao meu
 O chiclete que você mastiga não é igual ao meu
 O chiclete que você mastiga não é igual ao meu
 O chiclete que você mastiga não é igual ao meu
 O meu chiclete faz ploc
 O seu chiclete faz bum
 O meu chiclete faz ploc
 O seu chiclete faz bum
 Bum bum bundão
 Bum bum bundão
 Bum bum bundão
 Bum bum bundão
 O chiclete que você mastiga não é igual ao meu
 O chiclete que você mastiga não é igual ao meu
 O chiclete que você mastiga não é igual ao meu
 O chiclete que você mastiga não é igual ao meu
 Enche a boca de ar
 Depois dá um assoprão
 Faz bem pro "seu" mané do bar
 Mas pra sua dentadura não
 O chiclete que você mastiga não é igual ao meu
 O chiclete que você mastiga não é igual ao meu
 O chiclete que você mastiga não é igual ao meu
 O chiclete que você mastiga não é igual ao meu
 O meu chiclete faz ploc
 O seu chiclete faz bum
 O meu chiclete faz ploc
 O seu chiclete faz bum
 Bum bum bundão
 Bum bum bundão
 Bum bum bundão
 Bum bum bundão
 Na bateria: Leôspa
 Bum bum bundão
 Bum bum bundão
 Bum bum bundão
 Bum bum bundão
 No baixo: Maurício
 Bum bum bundão
 Bum bum bundão
 Bum bum bundão
 Bum bum bundão
 Na guitarra: Roger
 Bum bum bundão
 Bum bum bundão

Bum bum bundão
 Bum bum bundão
 Esse é o Ultraje a Rigor
 Bum bum bundão
 Bum bum bundão
 Bum bum bundão
 Bum bum bundão

ZERO

Passos no escuro (1985)



Cada fio um sonho

Eu sempre quis experimentar do gosto estranho da paixão
 Se eu pudesse imaginar as teias desta sedução
 Você me fez entrar e disse adeus à solidão
 Mais algum tempo prá brincar, mais uma mosca em suas mãos
 Os seus cabelos podem ser portas para me controlar
 Como um inseto em sua teia
 Tantos fios prá cortar
 Eu sei que eu vou morrer e que ninguém vai se importar
 E o risco é todo meu se o seu amor me devorar
 Em cada fio um sonho e nada mais
 Eu tentei fugir
 Alguém queria me dizer
 Mas preferi ficar nos seus cabelos esquecer
 Em cada fio um sonho tão difícil de contar
 Eu tentei correr, tentei fugir,
 Mas preferi ficar

Agora eu Sei

Há muito tempo eu ouvi dizer
 Que um homem vinha pra nos mostrar
 Que todo o mundo é bom
 E que ninguém é tão ruim
 O tempo voa e agora eu sei
 Que só quiseram me enganar
 Tem gente boa que me fez sofrer
 Tem gente boa que me faz chorar, me faz chorar
 Agora eu sei e posso te contar, posso te contar
 Não acredite se ouvir também
 Que alguém te ama e sem você
 Não consegue viver, não consegue viver
 Quem vive, mente
 Mesmo sem querer, mesmo sem querer
 E fere o outro, não pelo prazer
 Mas pela evidente razão, sobreviver
 Não é possível mais ignorar
 Que quem me ama me faz mal demais
 Mas ainda é cedo pra saber
 Se isso é ruim ou se é muito bom
 O tempo voa e agora eu sei
 Que só quiseram me enganar
 Tem gente boa que me fez sofrer
 Tem gente boa que me faz chorar, me faz chorar
 Quem vê o seu rosto
 Só pensa no bem, só pensa no bem
 Que você pode fazer a quem
 Tiver a chance de te possuir, de te possuir
 Mal sabe ele como é triste ter, como é triste ter
 Amor demais e nada receber
 Que possa compensar o que isso traz de dor
 O que isso traz de dor

O que isso traz de dor
 O que isso traz de dor
 Por tudo o que isso traz de dor
 Por tudo o que isso traz de dor

Formosa

Toda a noite eu deito e não consigo adormecer
 A luz se apaga e em um quarto escuro eu continuo a te ver
 Eu continuo a te ver...
 Teu cheiro está tão perto que eu não pude resolver
 Se insisto em te procurar ou se tento te esquecer
 Mais uma noite sem você, que parece nem ligar
 E eu vou dormir prá quê ?
 Se eu estou a fim de me entregar...
 Já que eu não posso ter você fecho os olhos
 E qualquer corpo passa a ser o seu
 Qualquer corpo passa a ser o seu
 Não sei por que você prefere duvidar de quem te diz que sente a tua falta
 E não consegue ser feliz
 Eu não consigo ser feliz...
 Rolo em minha cama a noite inteira sem saber se insisto em te procurar
 Ou se tento te esquecer

Os Olhos Falam

Não se esconda atrás de máscaras prá tentar se proteger
 As verdadeiras intenções
 Todos sempre vão saber
 Eu posso ler seus pensamentos no brilho do seu olhar
 Os olhos falam e eu escuto
 Nem tente me enganar
 As histórias que eles contam
 Eu nem podia imaginar
 Todo o fogo e a luxúria que você tenta disfarçar
 E não consegue mais esconder
 Mas é fácil compreender que motivos você tem
 É melhor não se arriscar
 Que se iludir com alguém
 Mas você não se basta e o que eu posso aconselhar é:
 Finja enquanto conseguir,
 Pois seu dia vai chegar

Passos No Escuro

Passos no escuro, eles podem me levar
 A lugares em que eu não sei se eu posso te encontrar
 Passos no escuro meu amigo ou solidão
 Tantas pedras no caminho que me leva ao coração
 Eu ouço passos que nem podem ser os meus
 Ou dos tolos que caminham procurando outro deus
 Passos no escuro levam a nenhum lugar
 Vou trocar a minha noite pela luz do teu olhar
 Passos cegos em direção
 Muitas voltas num lugar
 O destino diz qual rumo a tomar
 Prá chegar até você
 Passos no escuro
 Prá chegar até você
 Passos no escuro
 Eu ouço passos no escuro

Quero Te Contar

Parece bobo, eu sei
 Mas é difícil confessar
 Eu nunca imaginei que um dia eu ia te explicar
 Eu preciso te contar tantas coisas que passei
 Enganos, surpresas e alguns amigos bem fiéis
 Eu tinha medo de me expor, mas você deve compreender
 Que é bem melhor falar de amor do que dos vícios do poder
 Por isso eu quero te contar tantas coisas que passei
 Amores, tristezas e alguns amigos bem fiéis

Tantos motivos pra compor uma canção
Quase todos tão banais que as vezes eu
me esqueço da paixão
Como se a nova bossa nova não tivesse
nada a ver
E os corações se arrependessem dos
momentos de prazer
E não lembrassem mais como era bom
Cantar sem se comprometer
Qualquer tolice com ou sem final feliz
Tente esquecer o seu rancor
Por que hoje vamos aprender
Que é bem melhor falar de amor
Do que dos vícios do poder
Agora eu posso te contar tantas coisas
que passei
Vertigens, princesas, e alguns amigos
bem fiéis
É bem melhor falar de amor

ZERO
Zero compacto (1985)



Heróis

Se você está em crise
Não se deixe abater
Olhe em volta, estamos juntos
Como tudo deve ser
Somos ratos perseguidos
Pelos becos da cidade
Sem nenhuma solução
Negados pela sociedade
O que falta são heróis
Que assumam a direção
Que nos guiem pelas trevas
Como os ratos e a canção
Eles tocam, nós seguimos
Sem saber onde vamos dar
O que importa é ir pra longe
E esquecer este lugar
Mas os heróis têm duas caras
E é difícil de acreditar
Que a canção está no fim
Antes mesmo de começar
Se você está em crise
Não se deixe abater
Afinal estamos juntos
Como tudo deve ser

100% paixão

Não quero mais ouvir falar
Que eu não sou um bom rapaz
Faço o favor de me contar
O que eu tenho de mal
São meus brinços que te incomodam
Nada de novo afinal
Minha moral não bateu com a sua
Era de se esperar
Fazer dez vezes antes de pensar
Sempre guiado pela intuição
É a melhor maneira de realizar
Os meus impulsos animais
Pode ser que eu venha mudar
Mas por enquanto eu sou assim
100% paixão
E nenhuma razão
Melhor maneira de se viver
Eu ainda não te encontrei
Nem tenho tempo pra me arriscar
Com seu jeito de ser

ZERO
Carne humana (1986)



Algun Vício

Já é quase de manhã
Meus olhos não querem fechar
Mas meu corpo está dormindo
Quem me vê pode até pensar
Que alguma droga
Me deixou assim
Não sei porque você jogou em mim
Esse feitiço de anjo mau
Me alucinou com o brilho de cetim
De seus cabelos cor do sol
Todo esse amor
Só pra me dar prazer me iluminar
Nem mesmo assim estou sorrindo
Quem me vê deve imaginar
Que algum vício
Me faz sofrer assim
Não sei porque...
Quem me vê
Não pode adivinhar
Que eu me entreguei
Pra uma paixão sem fim
Não sei porque você jogou em mim
Esse feitiço de anjo mau
Me aprisionou nessa paixão sem fim
De seus cabelos cor do sol

Quimeras

Sem caminhos pra seguir
Na incerteza de chegar
Quem decide por partir
Só pensa em procurar
Um futuro com alguém
Não importa o que passou
Já nem se lembra mais
Quer é recomeçar
Tantas vidas pra viver
Tentando se encontrar
Tantas coisas por fazer
Pra se purificar
Não consigo mais sonhar
Já me basta o que vivi
Sofrendo ao desejar
Quimeras que não consegui
Deuses do além
Duendes do ar
Anjos do bem
Vão te mostrar uma luz maior
Capaz de convencer
Que um mundo bem melhor
Existe em você
Só pro seu prazer
Tantas vidas pra viver...
Deuses do além...
Uma luz maior
A força e o poder
Sangue e suor
De quem te fez viver
Hoje eu sei porque
Eu não vou mais fugir de mim
Eu não vou mais fugir de mim

Linha da Vida

Sem sentir tanto fiz
Que te afastei de mim
Contra tudo o que sonhei
Errei ao pretender me descobrir capaz
De seduzir pela razão
Impondo ao coração
Caminhos a seguir em vão
Me perdi em te querer assim
Confesso que falhei
Eu não sei como te amar
E só por não saber

Tentei sem conseguir
Ler em sua mão
As respostas pro meu eu em vão
Tentando me enganar não engano a
solidão
Por isso é que eu não quero mais
Por isso eu não consigo mais
Viver assim
Por onde for
Vou ter de te encontrar
Por isso que eu não quero mais
Por isso eu não consigo mais
Viver assim
Seja como for
Vou ter de te encontrar

Abuso de Poder

Governos vem e vão
E nesse vai e vem promessas mil
Farsantes de plantão
Brincam de arruinar o meu país
E fazem tanto mal
Tem ordem superior
Não quero acreditar
Que essa gente é feita
De cinismo e podridão
Oh-oh! As lendas sobre o bem
Oh-oh! Que nunca vão se confirmar
Oh-oh! São lendas sobre o bem
Oh-oh! Oh-oh!
Abuso de poder
Quem mais tem mais quer e é sempre
assim
Ladrões de ocasião
Fazem da ambição o meio e o fim
E causam tanto mal
Tem ordem superior
Não quero acreditar
Que essa gente é feita
De cinismo e podridão
Oh-oh! As lendas sobre o bem
Oh-oh! Que nunca vão se confirmar
Oh-oh! São lendas sobre o bem
Oh-oh! Oh-oh!
Mil maneiras de enganar a consciência
E todas elas são abuso de poder
Oh-oh! As lendas sobre o bem
Oh-oh! Que nunca vão se confirmar
Oh-oh! São lendas sobre o bem
Enquanto o mal nos dominar

Medo de Voar

Vem embora agora pra onde
O teu desejo pode criar
Outra porta em teu pensamento
Outras águas pra mergulhar
Vem embora agora e não olha pra trás
Ontem foi um mundo
Que você nunca mais vai encontrar
O teu futuro está nas estrelas
Qualquer mago vai te dizer
Que uma alma não sente saudade
Do que não ousou viver
Vem sem medo
Vem brincar
Vem sorrir
Vem correr
Vem cantar
Vem fugir
Vem viver
Vem voar

Carne Humana

A melodia ecoa e vem contar
O que de outro jeito o tempo ia perder
Sobre os mistérios de além mar
Tantas cidades ela viu nascer
E outras tantas desaparecer
Que nem castelos pelo ar
Uma cidade é pedra e cal
Não é carne como o homem é
Um homem pode ser um nobre animal
Os muros não tem fé
Perceba o som que lembra o vento
assobiar
Por entre as ruínas que agora dão lugar
Ao que sonhou poder se eternizar
Velha canção que só faz repetir
Pra paredes surdas que não vão sentir
Que existem poucas chances pra arriscar
Uma parede é pedra e cal...
Uma cidade é pedra e cal
Não é carne como o homem é
A babilônia enfrenta o vendaval
Mas se afoga na maré
A melodia insiste pra te convencer

Que uma parede surda também deve ter
 Uma janela aberta em algum lugar
 A voz de sempre então vai repetir
 E alguns muros hoje vão ouvir
 Que está na hora de acordar

Seu Planeta

Ei você aí
 Quando é que vai se resolver?
 Tá pensando o quê?
 Não tem mais tempo de esperar
 Ei você aí!
 Arregaça a manga e vem lutar
 Que o seu planeta
 Conta com você
 O seu planeta conta com você
 Tem gente a fim de se mexer
 Talvez até mais de um milhão
 Não sabem como começar
 Que tal cuidar do próprio chão
 Do próprio chão!
 Um mais um e outro mais
 E todos têm de acreditar
 Que a força dessa multidão
 Vai pôr tudo em seu lugar
 A briga é sua e a hora é já
 Vem que eu quero ver
 Ei você aí!
 Quando é que vai se resolver?
 Tá pensando o quê?
 Não dá mais tempo pra esperar
 Ei você aí!
 Agora vem que eu quero ver
 O seu planeta conta com você
 O seu planeta conta com você

Game Over

You always knew
 That I would do anything
 You count on me
 You always knew
 That you can whip me like a dog
 I get your paper at the door
 And give to you down on my knees
 But, there's something you should know
 You will never make me cry
 I would prefer to die
 You always knew
 That I would do
 Anything to excite you
 You always knew
 That you can walk on me
 "tu peut marcher sur moi
 Avec tes escarpins noir"
 But, there's something you should know
 You will never make me cry
 Not a tear drop, I'm not that kind of guy
 I would prefer to die
 But, there's something you should know
 You will never make me cry
 Not a tear drop, I'm not that kind of guy
 You can be sure about it
 I would prefer to die

Sem Pudor

Houve um tempo em que foi bom
 Mas depois veio o pior
 Um mar de sombras e o temor
 De viver um mal maior
 Cerquei o meu coração
 Dos espinhos que encontrei
 Sublimei as emoções
 Fiz trincheiras ao redor
 Já nem me lembro mais
 Do que eu quis me defender
 Você veio em paz
 Me invadiu, e sem pudor
 Fez-se dona do meu ser, dona do meu
 ser
 Pensei ser incapaz
 De viver a ilusão
 De acreditar mais uma vez
 Nas mentiras que eu já sei de cor
 Já nem me lembro mais...
 Não existe uma razão
 Que explique o que eu passei
 As razões de um coração
 Não se explicam a ninguém
 Só ele sabe bem
 Como é amar
 Já nem me lembro mais...

A Luta e o Prazer

Não há mais lugar
 Pra quem quer viver um grande amor
 Ninguém quer saber de parar pra pensar

um pouco mais
 Com o coração
 É um mundo estranho e mau
 Bombas que derretem o sal
 E fazem chorar
 Dias sem razão
 Mas se o amor quiser chegar
 Sem pedir licença
 Nos brindar com sua presença
 Você vai lembrar de alguém
 Que cantava há muito tempo essa canção
 A luta e o prazer
 A pura emoção da aventura
 Ninguém quer saber de quem quer viver
 um grande amor
 Sua classe e o poder de tanto flertar
 Já andam sempre juntos
 Sim esse é um mundo estranho e mau
 Guerra nas estrelas do caos
 Tempos sem razão
 Mas se o amor vier trazer
 A recompensa
 Se chegar sem pedir licença
 Você vai lembrar de alguém
 Que cantou há muito tempo essa canção
 A luta e o prazer
 A vida não tem segredo...
 A vida não tem segredo...
 A vida não tem segredo...

ANEXOS II